

Verdade Triunfante

A igreja no deserto



Por Benjamin George Wilkinson, Ph.D.

VERDADE TRIUNFANTE

A IGREJA NO DESERTO

Por Benjamin George Wilkinson, Ph.D.

Traduzido de

Livros para as Eras

AGES Software • Albany, OR USA

Hartland Publications • Rapidan, VA USA

Versão 1.0 © 1997

VERDADE TRIUNFANTE
A IGREJA NO DESERTO

POR

BENJAMIN GEORGE WILKINSON, Ph. D.

Our Authorized Bible Vindicated
Hartland Publications
P. O. Box 1
Rapidan, Virginia, U.S.A. 22733

Traduzido por: Sérgio Paulo Amaral Osório

Revisão Ortográfica por: Roberto Matheus da Costa

Capa por: Roberto Matheus da Costa

Primeira Edição em PDF: Fevereiro de 2019

Visite nosso Site:

www.adventistas-historicos.com

PREFÁCIO

O autor envia esse livro com a esperança de que ele possa abrir um novo mundo para seus leitores. A proeminência dada à Igreja no Deserto nas Escrituras estabelece, sem controvérsia, a existência de tal organização, e enfatiza sua importância.

Chamando a atenção para este tema emocionante, o escritor procurou reunir em uma visão abrangente a contundente, mesmo que às vezes aparentemente desarticulada, uma narrativa da Igreja no deserto em diferentes países. O caráter cumulativo da prova histórica será claro para aquele que busca a verdade. Apoiado pelas muitas linhas convergentes de evidência, o autor acredita que abriu novas portas para o reino da história em que a providência de Deus tem um lugar muito proeminente.

O autor apresenta este livro confiante de que o mesmo revele uma nova história e lance forte luz sobre a história do povo de Deus. Ele fervorosamente ora para que a última chuva prometida do Espírito Santo use essas páginas para esclarecer os outros para que eles possam compartilhar a bênção prometida para aqueles que vivem vitoriosamente nas cenas de encerramento da história da Terra.

O AUTOR

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	4
INTRODUÇÃO	6
1. O QUE É A IGREJA NO DESERTO?	7
2. A IGREJA NO DESERTO NA PROFECIA.....	11
3. AS ORÍGENS APOSTÓLICAS DA IGREJA NO DESERTO	17
4. AS SILENCIOSAS CIDADES DA SÍRIA	27
5. LUCIANO E A IGREJA NA SÍRIA.....	36
6. VIGILÂNCIO, LÍDER DOS VALDENSES	52
7. PATRICK, ORGANIZADOR DA IGREJA NO DESERTO NA IRLANDA.....	63
8. COLUMBA E A IGREJA NA ESCÓCIA	83
9. PAPAS, O PRIMEIRO CHEFE DA IGREJA NA ÁSIA	97
10. COMO A IGREJA FOI CONDUZIDA AO DESERTO.....	116
11. DINOTO E A IGREJA NO PAÍS DE GALES.....	129
12. AIDAN E A IGREJA NA INGLATERRA.....	140
13. COLUMBANO E A IGREJA NA EUROPA	155
14. A IGREJA NA EUROPA APÓS O TEMPO DE COLUMBANO.....	167
15. OS PRIMEIROS HERÓIS VALDENSES	182
16. A IGREJA DOS VALDENSES.....	209
17. ABA E A IGREJA NA PÉRSIA	228
18. TIMÓTEO DE BAGDÁ; A IGREJA SOB O DOMÍNIO MAOMETANO	242
19. A IGREJA DE SÃO TOMÉ DA ÍNDIA.....	257
20. A GRANDE LUTA NA ÍNDIA	268
21. ADÃO E A IGREJA NA CHINA.....	283
22. MARCOS DE PEQUIM	296
23. A IGREJA NO JAPÃO E FILIPINAS.....	312
24. A IGREJA REMANESCENTE SUCEDE A IGREJA DO DESERTO.....	325
BIBLIOGRAFIA.....	344

INTRODUÇÃO

Um campo de estudo muito negligenciado na história da igreja Cristã tem sido aberto pela pesquisa do autor, desde as origens apostólicas até a perto do século XVIII. Tomando como tese a proeminência dada a Igreja no Deserto na profecia Bíblica e o fato de que “ ‘a Igreja no Deserto’, e não a orgulhosa hierarquia entronizada na grande capital do mundo, foi a verdadeira igreja de Cristo”, o autor passou anos desenvolvendo esse assunto. Na sua forma atual, *A Verdade Triunfante* representa árdua pesquisa nas bibliotecas da Europa, bem como na América. Excelentes fontes antigas são mais difíceis de obter, mas o autor foi bem sucedido em obter acesso a muitas delas. Para cristalizar o assunto e tornar os fatos históricos vivos nos tempos modernos, o autor também fez extensas viagens pela Europa e Ásia.

As doutrinas da igreja cristã primitiva se espalharam para a Irlanda, Escócia, e País de Gales. Como grãos de mostarda, alojaram-se nos corações de muitas almas piedosas no sul da França e no norte da Itália - pessoas conhecidas como Albigenses e Valdenses. A fé de Jesus foi valentemente confirmada pela Igreja do Oriente. Este termo, usado pelo autor, não inclui apenas as Igrejas Sírias e Assírias, mas também é o termo aplicado ao desenvolvimento do cristianismo apostólico em todas as terras do Oriente.

O espírito de Cristo, ardendo nos corações de homens leais que não iriam transigir com o paganismo, enviou-os como missionários para terras distantes. Patrick, Columbano, Marcos e muitos outros foram missionários em terras distantes. Eles enfrentaram a ignorância do bárbaro, a intolerância dos líderes da igreja apóstata e a perseguição do estado a fim de que pudessem ganhar almas para Deus.

Para revelar os perigos que já estavam presentes no conflito da igreja verdadeira contra o erro, para revelar o trabalho sinistro do mal e a força divina pela qual homens de Deus tornaram a verdade triunfante, desafiar a Igreja Remanescente de hoje em sua controvérsia final contra os poderes do mal e para mostrar a sagrada e imutável mensagem da Bíblia, como tem sido preservada por aqueles que irão “temer a Deus e guardar Seus mandamentos” – estes são os sinceros objetivos do autor ao apresentar esse livro para aqueles que conhecem a verdade.

MERLIN L. NEFF.

CAPÍTULO 1

O QUE É A IGREJA NO DESERTO?

E foram dadas à mulher duas asas de grande águia, para que voasse para o deserto, ao seu lugar, onde é sustentada por um tempo, e tempos, e metade de um tempo, fora da vista da serpente. E a mulher fugiu para o deserto, onde já tinha lugar preparado por Deus, para que ali fosse alimentada durante mil duzentos e sessenta dias. (Apocalipse 12:14, 6)

A Igreja no Deserto é o elo de ligação entre o cristianismo apostólico e o povo de Deus hoje. O objetivo deste livro é mostrar que havia pessoas cristãs em todos os países, durante esse longo período de história, que possuíam igrejas, colégios, estações missionárias e escolas teológicas; que seguiram de perto e aderiram firmemente às crenças e práticas entregues pelos apóstolos aos santos; e que possuíam e preservavam as Escrituras originais dadas à igreja no primeiro século. Essas pessoas constituem a Igreja no Deserto. Esta é uma concepção que geralmente não é percebida. O título, Igreja no Deserto, é tirado da profecia Bíblica de Apocalipse 12 descrevendo a mulher que fugiu para o deserto. A mulher é a igreja¹. O título mostra claramente que não era a igreja popular ou predominante. Esses crentes fiéis mantinham no alto a bandeira da verdade e resistiram a incursões de apostasia. Sua sorte variava, pois às vezes eles possuíam muitas igrejas, escolas famosas e estações de missão distantes, enquanto em outras épocas sofriam pobreza e terrível perseguição.

O grande trabalho missionário desta igreja é pouco conhecido, seus sofrimentos têm sido ignorados, e seus heróis não foram celebrados. Nas páginas seguintes é apresentada a herança preciosa que isto tem legado aos tempos modernos. Ao restaurar a igreja verdadeira em seu lugar legítimo, é recuperada a chave que revela o significado de grandes problemas que esta presente geração enfrenta.

Alguns perguntarão: não devemos olhar para a igreja que há séculos tem sido a preferida dos reis e das nações para encontrar a igreja verdadeira em vez de olhar para um povo que durante séculos nunca foi a igreja dominante e que muitas vezes eram obscuras? Deixe o profeta João responder a esta pergunta: “A mulher [igreja] fugiu para o deserto” (Apocalipse 12: 6). A fim de reconhecer a verdadeira igreja, é imperativo que fixemos nossos olhos sobre aqueles grupos Cristãos que foram amplamente esquecidos nas obras de história.

A revelação divina ensina que a luz que brilharia na última geração de homens seria uma continuação e uma ampliação da luz que brilhou sobre a Igreja no Deserto ao longo de quase treze séculos; ou seja, o período de 1260 anos. Embora seja geralmente reconhecido que o período de 1260 anos da Igreja no Deserto não começou nos tempos apostólicos, é necessário, no entanto, apresentar este período profético com devidos antecedentes. O início e o fim do período de 1260 anos é estabelecido em capítulos posteriores. Nenhum esforço especial é feito, contudo, para diferenciar em nomenclatura entre a Igreja no Deserto e suas origens apostólicas.

Deve entender-se desde já que, ao dar o surpreendente registro desta igreja notável, os velhos caminhos batidos usados por quase todos os escritores da história da igreja não pode ser seguido. A luz da profecia Bíblica tem apontado o caminho para essa investigação e o método em que esse tema deveria ser tratado. Este assunto raramente, se alguma vez, foi apresentado de tal maneira a revelar as inter-relações incrivelmente interessantes que existiam entre os vários grupos de crentes fiéis em áreas amplamente separadas.

Certos autores modernos têm assiduamente trabalhado para depreciar os fundadores Americanos da liberdade religiosa e da democracia, como Washington, Jefferson e outros. Essa mesma classe de escritores invadiu o reino de história da igreja, e o que era obscuro antes, está ficando mais escuro. Esses homens procuram dar a glória da Igreja no Deserto para outro. Triste relatar, muitas pessoas sinceras estão sendo enganadas pela propaganda surpreendente em livros e artigos fundados em base histórica enganosa. É hora de trazer à luz as muitas lutas heróicas de homens que Deus usou para preservar as doutrinas divinas e as Santas Escrituras. As declarações aqui feitas sobre a Igreja no Deserto e a sua história serão esclarecidas, ampliadas e mais explicadas, apoiadas por evidências de fontes confiáveis.

A Igreja no Deserto não chegou à verdade por oposição a dogmas e heresias predominantes. Sua fé não foi uma fé recém-recebida. As crenças religiosas de seus membros eram uma herança dos dias dos apóstolos. A eles os homens devem a preservação da Bíblia. Contrário à crença quase universal, a Igreja no Deserto abrangeu as verdadeiras igrejas missionárias durante a longa noite da Idade das Trevas. Ela manteve bem alta a tocha da educação, enquanto o resto do mundo estava caindo na escuridão da ignorância e da superstição. O seu território não era circunscrito. Pelo contrário, sua influência penetrou em todas as partes do mundo conhecido.

DESDE OS DIAS DOS APÓSTOLOS

A história do cristianismo nominal é o registro de amargas controvérsias teológicas e, às vezes, até confrontos sangrentos para alcançar seus objetivos; é um registro de incrível atividade para garantir o poder político. A história da Igreja no Deserto é uma viva revelação de consagrado trabalho evangélico na liderança em todo o continente para a salvação dos sem esperança e ignorantes. Não reivindicava, como fizeram os rivais, lógica intelectual na doutrina; não tentou impor seus pontos de vista por crueldade política. Ela cortou todos os laços territoriais e familiares que poderiam tê-la mantido no mundo e nas gananciosas igrejas dos impérios, preservando com êxito a suas doutrinas escriturísticas e sua organização apostólica.

O presente nunca pode ser compreendido corretamente sem informações corretas sobre o passado. Aqueles a quem foram ensinados uma história falsificada ou que tiveram suas mentes preenchidas com as interpretações torcidas de eventos passados, cambaleiam como cegos com uma visão escurecida. Todos hoje querem ser modernos. Mas aqueles que negligenciam as lições do passado não alcançam modernidade. Eles alcançam apenas a contemporaneidade. Mentis doutrinadas por histórias e enciclopédias que glorificam uma união de igreja e estado ficarão descontentes numa democracia que separe completamente o estado e a igreja, pois anseiam e trabalham para fazer uma ordem diferente de coisas. As ideias que se tem sobre gerações que desapareceram têm muito a ver com a relação que se tem com o presente.

É igualmente verdade que uma pessoa que tem uma visão distorcida do presente não pode construir um futuro melhor. Aqueles que vêem os anos medievais da história Européia com sua servidão e teocracia como o ideal, estarão em conflito contra a sociedade moderna e buscarão formas de restabelecer aqueles sistemas. Aqueles que não crêem em Jesus Cristo, o Criador divino, quem morreu altruisticamente numa cruz, não encontrarão alegria no auto-sacrifício e serviço amoroso, mas farão tudo para assegurar todo o possível para si mesmos. Aqueles que estão convencidos de que houve uma rebelião no céu e que a humanidade hoje está cercada por principados e poderes das trevas estarão mais dispostos a buscar a ajuda do Espírito Santo do que se rejeitarem o ensino da Escritura sobre Satanás e anjos maus. Em outras palavras, o homem visualiza um futuro que deve seguir logicamente sua estimativa das potencialidades presentes, seja sua estimativa correta ou errada.

Nem todos têm sido conscientizados das lutas decisivas que ocorreram nos bastidores contra a Igreja no Deserto. Muitos não conseguiram notar os verdadeiros centros de atividade Cristã no passado. Percebem muito pouco o significado dos acontecimentos importantes que ocorrem hoje porque ignoram esse antecedente histórico. A correta perspectiva da história passada é tão necessária para uma liderança efetiva quanto a apreciação dos valores

presentes. Muitos têm pouco conhecimento sobre as mensagens de Deus para esta geração, porque foram ensinados a olhar não para o fundamental, mas para as superficiais origens do passado. O passado que nos deu democracia e liberdade religiosa é a história que deve ser conhecida e estudada. Precisamos do Livro Sagrado para apontar o caminho para a história verdadeira.

A Igreja no Deserto, cercada por tribos selvagens e lutando contra a escuridão bárbara, tem sido retratada por seus inimigos sem suas vitórias. Conduzida frequentemente pela oposição aos retiros da montanha, foi salva das influências corruptoras do poder eclesiástico e político. Em muitas partes do mundo, desde a Irlanda no oeste até a China ao leste, havia centros de verdade. Os líderes nesses centros foram unidos em seu desejo de permanecer na fé e perpetuar de geração a geração, as verdades puras do evangelho transmitidas desde os dias dos apóstolos. Seus registros tem sido sistematicamente destruídos.² Distanciamento e obscuridade, no entanto, não podiam esconder totalmente esses heróis, porque os fogos de sua perseguição continuaram para iluminar as cenas de seus trabalhos feitos com sacrifício.

A história não deturpada da igreja verdadeira levará à percepção de que a igreja de Deus hoje é a sucessora da Igreja no Deserto. A verdadeira igreja hoje une o presente à eternidade, assim como a Igreja no Deserto uniu o passado apostólico ao presente. À medida que se segue a história da Igreja no Deserto, as marcas de identificação serão dadas pelas quais a igreja remanescente final pode ser reconhecida. Além disso, tal apresentação irá desmascarar a falsa, absurda e enganosa história usada amplamente hoje para desacreditar a história verdadeira.

CAPÍTULO 2

A IGREJA NO DESERTO NA PROFECIA

E temos também a mais segura palavra da profecia, à qual bem fazeis em estar atentos, como a uma luz que ilumina em lugar escuro. (2Ped. 1:19)

Ora, todas estas coisas lhes sobrevieram como figuras, e estão escritas para aviso nosso, para quem já são chegados os fins dos séculos (1 Coríntios 10:11.)

A imagem Bíblica da Igreja no Deserto e a ênfase de inspiração em sua importância, especialmente como se encontra nos escritos do profeta Daniel e do apóstolo João, são agora considerados. Estes dois estudos proféticos brilham com brilho incomum entre os sessenta e seis livros que compõem as Sagradas Escrituras. Isaías, Jeremias, Ezequiel e os outros profetas falaram particularmente das coisas já estabelecidas em Israel; Daniel e o revelador, por outro lado, apresentaram o plano profético da história mundial. Daniel falou de sua alta posição como primeiro ministro da Babilônia, a primeira das quatro monarquias universais do mundo. João, a última estrela viva na coroa dos doze apóstolos, foi banido pelo imperador de Roma, um governante da última das quatro monarquias universais.

O Salvador em seus ensinamentos referiu-se a muitas passagens nos livros do Antigo Testamento; mas nenhum deles Ele destacou e mandou estudar com mais franqueza do que o livro do profeta Daniel. (Mateus 24:15.) Ao apóstolo amado, no exílio na Ilha de Patmos, Cristo apresentou glórias para as quais o imperador romano teria trocado tudo que possuía. Estes dois livros não são a ocultação, mas a revelação da vontade de Deus. Em ambos escritos, Deus desdobrou a supremamente emocionante história do começo, do crescimento, das lutas e do triunfo final de Sua igreja. Ele também expôs a ousada impiedade, as alianças com os reis da terra, a longa crueldade e o derrube final do “mistério da iniquidade”, o rival religioso de sua igreja.

Com uma visão de longo alcance, esses dois profetas, Daniel e João, previram a conflitos da Era Cristã e da crise final. Usando a bem conhecida figura Bíblica de uma mulher para simbolizar uma igreja, disse João o revelador:

E a mulher fugiu para o deserto, onde ela tem um lugar preparado por Deus, para que ali fosse alimentada durante mil duzentos e sessenta dias.

Apocalipse 12:6.

No mesmo capítulo, a fim de tornar proeminente a profecia, o apóstolo João novamente disse:

E foram dadas à mulher duas asas de grande águia, para que voasse para o deserto, ao seu lugar, onde é sustentada por um tempo, e tempos, e metade de um tempo, fora da vista da serpente. (Apocalipse 12:14)

Quando se aceita a regra da Bíblia que um dia na profecia representa um ano literal de 360 dias, podem-se explicar os períodos de tempo proféticos das escrituras. É a regra estabelecida pelo próprio Deus. (Números 14:34; Ezequiel 4:6). Além disso, um "tempo" é um ano profético, ou 360 anos literais. Por estas duas declarações diretas do período profético, sabemos que a igreja deveria estar no deserto por 1260 anos.

A visão continua ainda para mostrar que o remanescente, ou a última igreja, seria um sucessor para a igreja do deserto. O uso profético da palavra "remanescente" é significativo. Assim como uma sobra de tecido irá identificar a largura do rolo de onde é tomado, assim também a última igreja é uma continuação da Igreja no Deserto, e identifica-a. Em sua visão, João volve-se imediatamente das cenas da Igreja no Deserto até o notável trabalho da igreja remanescente nas seguintes palavras:

E o dragão irou-se contra a mulher, e foi fazer guerra ao remanescente da sua semente, os que guardam os mandamentos de Deus, e têm o testemunho de Jesus Cristo. (Apocalipse 12:17)

Essas escrituras apresentam claramente o insistente chamado da inspiração aos filhos dos homens para conhecer e reconhecer a verdadeira igreja de Deus em todas as eras. A humanidade deve ponderar o fato de que a história da Igreja no Deserto está ligado a um período definido de 1260 anos. Não só são estes 1260 anos especificamente apresentados sete vezes na Bíblia, mas esse período é tratado muitas outras vezes nas Escrituras Sagradas sem usar o definido número de anos. (Veja Daniel 11: 32-35; Mateus 24: 21-29; 2 Tessalonicenses 2: 1-7.) Foi a história desta igreja durante estes longos séculos um espaço em branco, como os historiadores da igreja costumam tratá-la? Por que têm ignorado suas vastas realizações? Tem as Escrituras Sagradas profetizado em vão em relação a ela? É a atribuição, pela revelação divina, de 1260 anos de história para esta organização nada no julgamento de pesquisadores da história?

Qualquer organização entre os homens, ou movimento relacionado, que possa conter o centro do palco para os 1260 anos deve ser um assunto de grande importância. Que outro reino político ou império de proeminência tem uma história tão longa? Mais extenso do que os dias da Grã-Bretanha, continuando por mais anos do que Roma imperial, até rivalizando-se com os séculos em que os judeus foram o povo escolhido, é o registro da Igreja no

Deserto. Nenhum estudo dos dezenove séculos da Era Cristã pode se harmonizar com o propósito revelado de Deus, a menos que reconheça o lugar dominante da Igreja no Deserto.

COMO SEUS RIVAIS NA RELIGIÃO FALSIFICARAM AS PROFECIAS?

O cristianismo Apostólico, como uma religião supremamente superior ao paganismo, causou grandes distúrbios no mundo. Tão fortes eram suas expectativas de sucesso que Jesus e seus apóstolos temiam os grandes enganos que viriam por imitações e contrafações. Para fazer uma clara distinção entre essas falsificações e o cristianismo genuíno, uma nova luz do céu era necessária. Tais revelações foram fornecidas nos últimos livros do Novo Testamento. Toda verdade necessária para traçar o futuro curso dos crentes no evangelho deve ser encontrada nas mensagens dos apóstolos.

Não faz muito sentido afirmar que certa igreja ou doutrina proveio dos dias dos apóstolos. O pecado proveio dos dias dos apóstolos, e o diabo também estava ativo naquele momento e antes. Não é tanto o que proveio dos dias dos apóstolos, como o que proveio dos próprios apóstolos. Mesmo em seus dias, o apóstolo Paulo escreveu: “O mistério da iniquidade já opera”. O crescimento e a forma final do mistério da iniquidade que já estava operando antes da morte de Paulo são vistos com mais clareza nas condições da Igreja no Deserto.

Decorreram-se aproximadamente trinta e seis anos entre a escrita dos três primeiros Evangelhos – Mateus, Marcos e Lucas – e a escrita do último – João. Isso deu muitos anos ao mistério da iniquidade, já em operação nos dias de Paulo, para se desenvolver com mais força. A notável diferença entre a característica do Evangelho de João e dos três primeiros Evangelhos há muito foi reconhecido.¹ Era tarefa do apóstolo amado enfatizar os eventos e ensinamentos na vida do divino Filho de Deus que capacitaria a seus seguidores enfrentar o crescimento devastador do “mistério da iniquidade” organizado. Este poder foi apontado nos símbolos do livro de Apocalipse, e já havia avançado de um modo ameaçador nos dias do último escritor do Evangelho.² A fim de entender adequadamente este fundo significativo, é necessário fazer uma breve retrospectiva dos movimentos que varreram as nações nos séculos imediatamente anteriores ao nascimento de Cristo. Isso explicará por que sociedades poderosas, Cristãs de nome, mas antagônicas em espírito aos crentes na Bíblia, surgiram logo após a aparição do evangelho.

Quando o cristianismo se apresentou corajosamente, enfrentou uma onda crescente de religiões que falsificaram a Bíblia. Para lidar com tudo isso, Deus imbuíu os Escritos Sagrados com poder. O Espírito Santo e a Bíblia concordam. Sem o Espírito, a Bíblia está morta; e sem a Bíblia, o Espírito Santo e sua mensagem ficariam restritos. O Espírito Santo ocupou o terreno da verdade com antecedência, contudo, as revelações do Antigo Testamento, designadas pelo Autor divino para alertar contra essas forças do mal, foi empregado pelos inimigos da verdade como armas para seu próprio uso. Nas visões dos profetas, advertências bem como descrições tinham sido dadas previamente – especialmente por Daniel – referente às religiões apóstatas que surgiriam, falsificando a verdade e buscando a supremacia sobre as nações. É um fato surpreendente e significativo que dentro de cem anos após a morte do profeta Daniel, o Zoroastrismo floresceu na Pérsia, o Budismo surgiu na Índia, o Confucionismo surgiu na China, e um pouco mais tarde, Sócrates, famoso filósofo grego, tornou-se um pensador de renome.

Isso foi no momento em que as visões de Daniel estavam semeando o mundo com concepções eletrizantes. Há evidências que levam a se concluir que as visões de Daniel influenciaram a religião do estado na Pérsia.³

OS GRANDES PERÍODOS PROFÉTICOS

O cumprimento de previsões como a condenação de Tiro e a derrubada dos judeus tem atraído atenção universal. Em eventos ainda mais emocionantes, as profecias da Igreja no Deserto, tal como consta nos livros de Daniel e o Apocalipse, encontraram seu cumprimento.

Qual o valor que a Bíblia dá a períodos de tempo proféticos em geral, e na era de 1260 anos em particular? Para o homem prever em termos gerais com uma precisão notável alguma situação futura, é uma ocorrência rara. Para fazer isso não é profecia, mas cálculos humanos. Previsões da Bíblia de situações futuras, no entanto, são dadas milênios antecipadamente; elas contam a respeito de povos que ainda não surgiram e de eventos vindouros dos quais no momento da profecia não havia nada em eventos contemporâneos para inspirar a predição. Somente a presciência divina poderia fazer isso.

As profecias de tempo são encontradas nos livros de Daniel e Apocalipse. As mais importantes destas em Daniel são as seguintes: a profecia dos 1260 anos de Daniel 7; a profecia de 2300 anos de Daniel 8; o período de 490 anos, abrangendo a subdivisão de 483 anos e de 486 anos, de Daniel 9; os muitos períodos menores de Daniel 11; e os 1290 anos e

períodos de 1335 anos de Daniel 12. Há muitas profecias de tempo semelhantes no livro de Apocalipse. A mente devota que já descobriu o valor eterno da verdade Bíblica acredita com confiança que estas divinas predições escriturísticas terão seu cumprimento.

O próprio Jesus construiu seu ensino em harmonia com as predições de tempo do Antigo Testamento, principalmente aquelas no livro de Daniel. Quando o Redentor estava cobrindo em linguagem profética toda a Era Cristã, três vezes se referiu a “aqueles dias” de Daniel (Mateus 24:22 e 29), que foram os 1260 anos – uma grande parte do tempo intervindo entre os Seus dias e agora. Pedro também, falando sobre os profetas do Antigo Testamento, disse que pesquisaram “que tipo de tempo o espírito de Cristo que estava neles queria dizer, quando testemunhou de antemão os sofrimentos de Cristo” (isto é, a Sua primeira vinda) “e a glória que deveria seguir” (isto é, Sua segunda vinda) (1 Pedro 1:11) Paulo advertiu o igreja de Tessalônica contra a procura da segunda vinda de Cristo até que a profecia de Daniel do longo reinado do “homem do pecado” tivesse se cumprido. (2 Tessalonicenses 2:3). Na verdade, os períodos proféticos constituem o quadro em torno do qual os escritores do Novo Testamento construíram.

Cristo veio para o cumprimento de quatro mil anos de profecia. A profecia do Velho Testamento foi comprovada pelo seu cumprimento no Novo Testamento. Com tão grande certeza e com não diminuído volume, os primeiros movimentos e eventos que afetariam a igreja de Cristo até o fim do tempo também foram divinamente preditos. Providências foram tomadas para prevenir Seu povo, para desvendar para eles, de antemão, o verdadeiro significado dos movimentos – político, econômico e religioso – a fim de inspirar sua confiança e para enviá-los decididos a enfrentar qualquer coisa, até a morte, para que essa grande salvação pudesse ser proclamada até os confins da terra.

O PERÍODO DOS 1260 ANOS

Entre essas correntes de profecia estava o inigualável período de 1260 anos relativo à Igreja no Deserto. Sete vezes ela foi dada (Daniel 7:25; 12: 7; Apocalipse 11: 2, 3; 12: 6, 14; 13: 5). Deus não a anunciou uma vez e deixou assim. Ele não pronunciou duas vezes e deixou morrer o assunto. Sete vezes ele a enfatizou para a atenção dos homens. Que desculpa pode ser feita pelo homem mortal por não ter lido atentamente a mensagem de seu Pai celestial sobre esse assunto?

A importância deste assunto será vista mencionando brevemente o trabalho da igreja durante este período de 1260 anos na Grã-Bretanha,

França, Itália, Síria, Assíria, Pérsia, Índia, Turquestão, China, Filipinas e Japão. Muitos livros poderiam ser escritos sobre isso. No entanto, em todos os milhares de volumes publicados que tratam a história durante esse período, quão pouco é dito sobre este tópico tão proeminente no livro de Deus!

Resta, no entanto, uma fase ainda mais importante deste assunto. Para que propósito Jesus permitiu que a Igreja no Deserto sofresse durante os 1260 anos? Certamente há um motivo. Não era para selar com o testemunho do sangue dos mártires os valores permanentes da religião Cristã? Esses séculos de testes severos não ajudaram a comprovar quais livros constituíram a coleção genuína da Bíblia e a revelar os escritos falsificados? Ao cumprir seu destino notável como guardiães dos tesouros da verdade, os nobres filhos desta igreja lutaram e sangraram e marcharam, e voltaram e lutaram e sangraram novamente durante os 1260 anos.⁴

É em um cenário muito significativo que este assunto é apresentado. O décimo segundo capítulo de Apocalipse revela a história completa da igreja verdadeira sob três fases. Empregando a conhecida figura de uma mulher para representar Sua igreja, Deus apresenta três fases distintas de sua experiência para indicar os três períodos de Sua igreja sobre a terra da primeira para a segunda vinda de Cristo. Descrevendo a igreja apostólica, a mulher coloca sobre a cabeça uma coroa de doze estrelas. No tempo de tribulação ela fugiu para o deserto. A revelação final em Apocalipse 12 revela a igreja remanescente. Como uma mulher não é nem imaginária nem abstrata, pode ser dito que esta mulher representa, não uma igreja invisível, mas uma devidamente organizada, visível e tangível. Tem uma organização; é visível e tangível. Pela condição do deserto, Deus indicou que a verdadeira igreja, embora sob um longo período de forte oposição e perseguição, continue a levar o evangelho ao mundo.

A Igreja no Deserto devia fazer sua grande obra em silêncio. Entregando aos seus opositores hierárquicos o show pomposo e demonstrando produtividade em uma condição comparativamente diminuída, ela deveria moldar a raça humana. Contrariamente, seu rival, vestido de escarlate e vivendo pomposamente com príncipes e reis (Apocalipse 17:2-4), iria, durante os mesmos 1260 anos, alimentar seus membros com aqueles fracos e pobres elementos do mundo dos quais o evangelho deveria libertá-los.

Onde se pode melhor encontrar esse senso de perspectiva do passado, tão necessário ao senso do correto valor do presente e à definição de ação, exceto nos divinos períodos proféticos das Escrituras?

CAPÍTULO 3

AS ORÍGENS APOSTÓLICAS DA IGREJA NO DESERTO

A ascensão do cristianismo e o crescimento da Igreja na Síria foi surpreendente em sua rapidez.¹

Em contraste com os quatrocentos anos de silêncio entre Malaquias e Mateus, a vinda do grande Redentor trouxe ao mundo uma poderosa e estimulante mensagem e introduziu uma nova era maravilhosa. Nenhum dos profetas antes dEle tinha permissão para mudar as bases da dispensação introduzida por Moisés. Jesus Cristo, no entanto, era aquele Profeta predito por Moisés, que deveria introduzir uma nova dispensação. Ele deu ao homem uma nova revelação de Jeová. Os doze apóstolos, indo a promulgar os ensinamentos de Jesus, formaram a carta de membros da igreja apostólica que floresceu por cerca de quinhentos anos. Então, gradualmente, as seitas heréticas tomaram o poder das nações e levou a verdadeira igreja ao deserto. Estas origens apostólicas serão o tema deste capítulo.

Antes da destruição de Jerusalém em 70 d.C. pelo exército Romano, no tempo em que os apóstolos foram dispersos, o evangelho foi para Samaria, Etiópia, Síria, Ásia Menor, Grécia, Itália e Índia. A religião de Cristo foi enriquecida em toda expressão. Como uma luz brilhante, ela evangelizou os Zoroastrianos, Budistas, filósofos Gregos e Confucionistas, estabelecendo fortes bases para o futuro.

À medida que a igreja apostólica avançava, o evangelho foi plantado não só em diversas nações, mas em diferentes idiomas. Muitas vezes, a mesma linguagem era usada por várias nações. Portanto, neste volume, cristianismo Sírio ou Siríaco se referirá a todas as igrejas que devem sua origem à Síria; isto é, aos missionários e autores Sírios a quem mais tarde as igrejas pareciam como pioneiras da linguagem Siríaca em seus cultos; como, por exemplo, na Síria, Assíria, Pérsia, Índia e China. Da mesma forma, o termo cristianismo Céltico se aplicará a todas as igrejas e nações que usaram a linguagem Céltica em seu culto divino, como a Galácia e a França, bem como Irlanda, Escócia e Inglaterra antes da Inglaterra ser invadida pelos pagãos Anglo-Saxões. O cristianismo Grego se referirá às igrejas ao redor do mundo onde a língua Grega era usada em sua literatura e adoração. O cristianismo Latino se refere particularmente à pátria dos romanos, na Itália, e a certas outras nações. Nenhuma regra rígida e rápida pode ser estabelecida

para a sobreposição dessas diferentes designações e termos. Tudo que pode ser dado é um guia geral de descrição.

O CRISTIANISMO ENTRE OS JUDEUS

O evangelho foi primeiro o para os judeus. É fácil esquecer que quase todos os heróis da Bíblia eram Judeus e que todo livro das Sagradas Escrituras foi escrito por um Hebreu. O próprio Jesus Cristo era um Israelita.

Foi para aqueles que tinham o sangue de Abraão em suas veias que o Redentor primeiro dirigiu Sua mensagem. Seus apóstolos foram enviados “para as ovelhas perdidas da casa de Israel.” Dezenas de milhares receberam a palavra com prazer, e entre eles havia muitos sacerdotes. Mesmo para as partes mais longínquas da terra, onde os judeus haviam sido espalhados e seus descendentes eram contados aos milhões, a mensagem penetrou. Durante muito tempo, como será mostrado em capítulos posteriores, a maior parte dos primeiros membros da igreja tinha sido ganho dentre os descendentes de Israel.

As primeiras pessoas que não os judeus a aceitar o evangelho foram as Samaritanos. Cristo havia predito que Seus discípulos deveriam testemunhar para Ele na Judéia, Samaria e nas partes mais distantes da Terra. Filipe, o diácono recém eleito, foi aquele que decidiu contar as boas novas para os Samaritanos (Atos 8:5).

Samaria era o único lugar onde os homens eram presunçosos o suficiente para construir um templo para rivalizar com o de Jerusalém. Foi alegado que era o sucessor do templo de Salomão. Somente aqui poderia ser encontrado outro Pentateuco.² O pequeno grupo de Samaritanos ainda existente observa estes primeiros cinco livros de Moisés, escritos nas antigas letras hebraicas, como seu maior tesouro.³

A Etiópia é o segundo país estrangeiro evangelizado pela igreja em Jerusalém. A história, contada no livro de Atos, representa Filipe o evangelista como sendo conduzido para o sul pelo Espírito Santo após suas vitórias em Samaria. Lá, ele encontrou o tesoureiro real da rainha de Etiópia retornando para o seu país a partir de Jerusalém, onde ele havia adorado. O tesoureiro estava lendo a profecia de Isaías, que escreveu cerca de oitocentos anos antes de Cristo. Filipe explicou a este pesquisador da verdade o cumprimento da profecia. Esta profecia e seu cumprimento preciso deram a Filipe uma mensagem poderosa fazendo com que o eunuco aceitasse a Cristo e fosse batizado. Assim, começou a evangelização da Etiópia.⁴

O COMEÇO DO CRISTIANISMO NA SÍRIA

O cristianismo deveria entrar em um novo campo através da liderança de Paulo, forte arauto da cruz. Em Antioquia, a capital da província romana da Síria, deveria ser fundado um novo centro para o evangelho. Quando Jerusalém, a sede original, foi destruída, a liderança passou para Antioquia, onde permaneceu por algum tempo.

Quando o evangelho entrou na Síria, toda a igreja ficou agitada. Cornelius, um centurião romano em Cesaréia, experimentou uma conversão notável. Os membros da Igreja foram imbuídos com novo zelo, e eles entraram em Antioquia “pregando a palavra a ninguém senão apenas aos judeus”. A Síria naquele tempo incluía a Palestina, partes da Arábia, e se estendia até ao rio Eufrates. Em seguida, começou o que pode ser, com justiça, descrito como “a era de ouro da Síria”.⁵ Em Antioquia, sua capital, um centro opulento, estava localizado o prédio da administração dos oficiais Romanos do Oriente. Muitos judeus estavam lá, e tão numerosos e influentes foram eles que seus direitos e privilégios eram gravados em mesas de bronze.⁶

Como resultado do ministério de Barnabé e Paulo em Antioquia, o nome “Cristão” foi dado primeiro aos seguidores de Jesus. A providência de Deus estava olhando para o futuro do evangelho. Logo, Jerusalém seria destruído, e dezenas de milhares de judeus cristãos seriam conduzidos para o norte, rejeitados pelos Judeus rabínicos. Agora seria muito para sua vantagem como seguidores de Jesus ser chamados de Cristãos. Eles não iriam mais ser classificados com os judeus, e o novo nome os ajudaria a escapar da ira do mundo Gentio contra a raça Hebraica. Como será mostrado mais tarde, esses exilados deveriam povoar cidades bonitas e com instituições de insuperável cultura, um seção ao norte do país além das fronteiras de Canaã.⁷ Eles forneceria uma compreensão evangélica das maiores doutrinas do cristianismo os quais seus conhecimentos da história judaica permitiram que avaliassem mais profundamente do que os conversos Gentios.

Foi de Antioquia que Paulo e Barnabé, separados pelo Espírito Santo, saíram como os primeiros missionários estrangeiros. Os resultados foram uma revelação. Pouco os apóstolos previam a maneira pela qual os gentios iriam desistir dos templos pagãos e passar para as igrejas, como tinham visto os judeus das sinagogas entrarem na igreja. Saindo da ilha de Chipre, onde os gentios ouviram com admiração as doutrinas do Senhor, Paulo e Barnabé entraram na Ásia Menor. Aqui, como na Síria, as cidades estavam cheias de Judeus. Paulo estava orgulhoso de ser um filho de Israel, porque sabia que mil e quinhentos anos de ensino sagrado a cada sábado tinham enriquecido

os hebreus com um modo de pensar nas coisas divinas que lhes permitiam compreender facilmente as verdades como Deus, o pecado, a moralidade e a necessidade de um Redentor. Ele entrou, portanto, nas sinagogas no dia do sábado. As sinagogas tinham há muito tempo sido estabelecidas em regiões que eram novas para Paulo e seus ajudantes, e através dos Judeus eles conseguiram obter uma introdução aos gentios. Uma nova visão veio às igrejas na Síria e Judéia quando os dois homens que lançaram o programa da missão estrangeira do cristianismo retornaram com as notícias de seu sucesso. Mesmo antes de Paulo ter terminado seu trabalho, ou antes que Jerusalém estivesse em ruínas, o apóstolo Tomé tinha ido para a Pérsia e a Índia.

Para o leste nas terras férteis entre o rio Tigre e o Eufrates foram postos o começo do cristianismo no segundo centro Sírio, Edessa. Edessa, agora Urfu, na Ásia Menor, era na época a capital do pequeno reino de Osroena. Esta cidade estava a cerca de duzentas milhas a nordeste de Antioquia. Daí, o cristianismo espalhou-se para a Pérsia, Índia, Pártia e China, e dela e de outras cidades próximas, vieram o contínuo apoio ao trabalho nos países distantes do Leste. No que diz respeito a Edessa, um conhecido orientalista escreve o seguinte: “Edessa também tinha uma célebre Escola de Pesquisa Médica que foi removida para Nisibis. Muitos médicos famosos foram contados nas classes Nestorianas que se formou lá.”⁸ Em Edessa, o mais puro Siríaco (Aramaico) era falado.

Tertuliano, que escreveu cerca de setenta e cinco anos após a morte do apóstolo João, fala da propagação do cristianismo nesta linguagem:

Pois em quem mais as nações universais creram, senão no Cristo que já veio? Em quem as nações acreditaram – Partianos, Medos, Elamitas e aqueles que habitam a Mesopotâmia, Armênia, Frígia, Capadócia e os que habitam no Ponto, na Ásia e na Panfília, domadores do Egito e habitantes da região da África que está além de Cirene, Romanos e peregrinos, sim, e em Jerusalém, Judeus e todas as outras nações; como, por exemplo, ... várias raças dos Getulianos, e múltiplas fronteiras dos Mouros, todos os limites da Espanha e as diversas nações dos Gauleses e os territórios dos Britânicos (inacessíveis aos Romanos, mas ganhos para Cristo). Em todos os lugares em que predomina o nome do Cristo que já veio.⁹

Por quem o conhecimento de Cristo foi trazido a todos esses lugares? Por aqueles cristãos que tinham o espírito da verdadeira teologia Síria. No entanto, havia outros que ensinavam falsas doutrinas. Gnosticismo, um produto de Alexandria, Egito, rival de Antioquia, era uma união de filosofia pagã e verdades do evangelho. Enquanto esta filosofia fundava igrejas e construía faculdades, ela rejeitava o Antigo Testamento, negava a criação e mantinham o desprezo a todos os Judeus, até mesmo Judeus Cristãos. Nessas palavras, o historiador Newman descreve apropriadamente a diferença entre a teologia de Antioquia e a de Alexandria: “Nas grandes controvérsias

crisológicas do quarto século e séculos subsequentes, Alexandria e Antioquia foram sempre antagonistas, Alexandria representando um transcendentalismo místico e promovendo a interpretação alegórica das Escrituras; Antioquia insistindo na interpretação gramatical-histórica das Escrituras, e não tendo simpatia com modos místicos de pensamento”.¹⁰

De onde veio essa maravilhosa atividade missionária da igreja do Oriente por mil anos? Originou-se nas regiões de Antioquia e Edessa. Quão grande foi a diferença entre o cristianismo apostólico e sua perversão em Alexandria na história inicial da igreja é relatada na seguinte citação de Bigg: “A Igreja do segundo século soou com alarme, e a consequência foi que todos os escritores Cristãos daquele período, exceto Justino Mártir e Clemente de Alexandria, recuaram com horror do nome da filosofia”.¹¹

Pouco depois da morte dos apóstolos, o Novo Testamento foi traduzido para o siríaco. Esta versão nobre, chamada Peshitta, que significa “simples”, teve durante séculos uma ampla circulação no Oriente.¹² Ainda é a autoritária Bíblia nas grandes comunidades orientais.

OS PRIMÓRDIOS DO CRISTIANISMO CELTA

O apóstolo dos gentios, depois de fundar o cristianismo sírio, foi chamado para plantar o evangelho entre os gálatas, no coração do grande ramo celta da família humana. Os celtas da Galácia eram da mesma família, e falavam o mesmo idioma que os irlandês, escocês, britânico, galês e francês.¹³

Assim, o Espírito Santo estabeleceu outra corrente fluindo ligeiramente que deveria irrigar as terras do Oeste. Como a Índia e a China deveriam estar ligadas ao Oeste pelo cristianismo sírio, assim a Irlanda e a fronteira ocidental da Europa deveriam tocar o Oriente através do cristianismo celta. Por um daqueles estranhos fenômenos da história – não deveria bem ser chamado de providencial? – os Gálatas, um grupo numeroso dos gauleses da França, abriu seu caminho para a Ásia Menor. Com toda a natureza impetuosa da raça celta, eles tinham invadido e subjugado a Itália e saqueado Roma no quarto século antes de Cristo.¹⁴ Não satisfeito com este sucesso, eles entraram na Ásia Menor e, estabelecendo-se lá, se tornaram os fundadores da província da Galácia.

Paulo planejou desviar-se deles ao viajar para o oeste, mas o Espírito Santo dispôs de outra forma. Uma aflição severa o obrigou a demorar-se em seu meio. Conquistou o amor e a devoção dessas pessoas, e logo havia se levantado o que ele alegrou-se em chamar “as igrejas da Galácia” (Gálatas 1:2). Patrick entrou na Irlanda na segunda metade do século IV. Ele

encontrou um cristianismo celta bem organizado e saudável lá. As evidências têm mostrado que a Irlanda celta aprendeu o evangelho dos crentes na Galácia. Um escritor, que fez pesquisas especiais na história oriental, diz: “O cristianismo que primeiro alcançou a França e a Inglaterra (ou seja, a Gália e a Grã-Bretanha) foi da escola do apóstolo João, que governou as igrejas na Ásia Menor e, portanto, do tipo grego, e não latino.”¹⁶

Existe abundante evidência de intercomunicação entre a Irlanda, França e Galácia nos trezentos anos entre Paulo e Patrick.¹⁷ Que os celtas na França foram evangelizados pelos celtas na Ásia Menor é mostrado por um evento bem conhecido na história da igreja francesa.¹⁸ Cerca de setenta anos após a morte do apóstolo João, as igrejas do sul da França sofreram uma perseguição terrível nas mãos dos pagãos. Os angustiados crentes em 177 enviaram um relato patético de suas aflições, não para a Itália ou para a África, mas para os irmãos na Ásia Menor.

Para entender a situação política e eclesiástica no sul da França, devemos ter em mente que os gauleses do Oeste e os Gálatas do Oriente eram do mesmo tronco, e que cada ramo, embora interviessem várias nações, mantinha intacta suas características raciais.¹⁹

Assim, a Irlanda recebeu o evangelho da Ásia Menor, através do mar e por meio dos crentes celtas no sul da França; e eles, por sua vez, obtiveram a luz dos gálatas a quem Paulo havia ministrado.

Os fatos dados por Douglas Hyde mostram o quão poderosa e amplamente espalhada pela Europa eram a raça celta alguns séculos antes de Cristo. Alexander o Grande não iniciaria suas campanhas na Ásia sem ter primeiro se assegurado da amizade dos celtas.²⁰

Dentro da geração que se seguiu aos apóstolos, se não antes da morte de João, o Novo Testamento foi traduzido para o mais belo de todos os textos latinos, a versão itálica, muitas vezes chamada Ítala. Durante séculos, estudiosos da igreja celta citaram a Ítala.²¹

OS PRIMÓRDIOS DO CRISTIANISMO GREGO

Depois de Paulo ter trabalhado na Galácia, ele foi instruído pelo Senhor numa visão, à noite, para entrar na Grécia. Ele poderia ter passado proveitosamente o resto de seus dias na Ásia Menor, mas o Espírito Santo planejou o contrário. Por seu notório trabalho nos centros gregos de Filipos, Tessalônica, Beréia, Atenas, Corinto e mais tarde em Éfeso, o apóstolo fundou o cristianismo grego. Em Atenas, ele entrou no centro intelectual mundial do paganismo. A Grécia ainda estava palpitante com as gloriosas lembranças de suas vitórias sobre os milhões da Pérsia, e a nação se deleitava

nas ricas provisões de sua literatura dourada. Paulo plantou o evangelho no meio do povo que falava a língua grega, o meio pelo do qual Deus se agradou em transmitir ao mundo a mais exaltada de toda a literatura, o Novo Testamento grego. As primeiras revelações do evangelho dadas à igreja foram escritas em grego.²²

Posteriormente, um ódio profundo surgiu entre as igrejas gregas e latinas, e os clérigos gregos e latinos lançaram palavras amargas entre si. Estas controvérsias teológicas surgiram porque ambas as igrejas ficaram ambiciosas e se aliaram com reis e imperadores. Finalmente, em 1054, as igrejas gregas e latinas separaram-se. Muito antes disso, a igreja latina do estado temia o efeito do acumulado fornecimento da literatura grega. O latim tornou-se a língua eclesiástica da Europa Ocidental.²³ O idioma grego, com a sua literatura, foi condenado pelo eclesiasticismo romano, seu estudo proibido, e seus escritos anatematizados. A igreja celta da Irlanda em eras medievais continuou sendo um centro de instrução em grego muito tempo depois de praticamente desaparecer em algum outro lugar da cristandade ocidental.²⁴ O conhecimento do grego foi declarado nas universidades da hierarquia latina estar cheio de adagas e venenos.²⁵ Por mais de mil anos, deixou de existir nos reinos teutônicos da Europa, exceto no seio da cristandade grega e celta, e com as corporações evangélicas que olhavam para as Escrituras como sua única autoridade.²⁶

A repulsa da igreja grega pela hierarquia latina deixou a primeira como um amortecedor entre as surpreendentes atividades do cristianismo no oriente e a espada vitoriosa dos reinos papais da Europa ocidental.

OS PRIMÓRDIOS DO CRISTIANISMO LATINO

Às vezes, o Senhor chama, às vezes ele impele os homens a grandes tarefas, não porque sejam desobedientes, mas porque seu interesse em trabalhos próximos torna-os desatentos a oportunidades distantes. Paulo foi ordenado numa visão a ir para a Grécia, mas ele foi como um prisioneiro para Roma. Com a intenção de fixar seu grande trabalho entre os gentios para o cristianismo judaico, ele atendeu um pedido perigoso dos líderes em Jerusalém. Os outros apóstolos queriam desarmar os preconceitos das autoridades judaicas contra Paulo ao fazê-lo aparecer imprudentemente no templo de Jerusalém em cumprimento de um voto. Paulo estava disposto a arriscar sua vida ao realizar as cerimônias necessárias no santuário central de Israel se apenas ele pudesse evitar uma ruptura entre gentios e o cristianismo judaico. Ele sabia que os crentes gentios tinham recebido apenas um pobre treinamento nas verdades profundas do evangelho. Seria por esta razão que praticamente todas as suas epístolas são escritas para as jovens e

inexperientes igrejas gentias? Além disso, em visão ele previu a esmagadora oposição que cresceria em uma igreja apóstata e que perseguiria a verdadeira igreja por 1260 anos, e, portanto, desejava ligar as novas igrejas gentias a um Judaísmo experiente que se voltou para Cristo.

Em Seu ministério aos judeus, Jesus foi sacrificado em Jerusalém; em seu ministério aos gentios, Paulo foi sacrificado em Jerusalém. Somente um sacrifício pode abrir os olhos de crentes tardios a entender, para maiores avanços espirituais. Nada menos do que o sacrifício de Jesus poderia quebrar corações duros e inspirar consagração. Embora Paulo conhecesse muito bem o ódio ardente dos rabinos contra ele, ele seguiu o plano dos outros apóstolos e entrou no templo. As multidões do templo se precipitaram com raiva contra ele. Se o tumulto não tivesse chegado aos ouvidos da guarda romana, que mal conseguira arrebatá-lo das mãos de seus inimigos, ele teria sido rasgado membro a membro. Quando ele apareceu perante o tribunal romano, Paulo sentiu que não poderia obter justiça local, portanto, disse: “Apelo a César”. O magistrado romano respondeu: “Apelastes a César? Para César irás”.

Como prisioneiro, Paulo foi levado para Roma, a capital das nações de língua latina, a amante do mundo. O cristianismo não veio primeiro para Roma através de Paulo; ele já o encontrou lá quando chegou. Se isso precedeu Paulo por meio de comerciantes, soldados convertidos ou humildes missionários, não se sabe.²⁷ No entanto, o magro começo logo cresceu em força através do ministério do grande apóstolo. Ele de uma só vez desafiou os círculos superiores do judaísmo e do paganismo. Tendo sido reconhecido como um prisioneiro não de classe comum, lhe foi concedida a liberdade de sua própria casa, e permitido ir e vir e trabalhar publicamente durante os dois anos anteriores ao julgamento de seu caso.²⁸ A epístola conhecida como Segundo Timóteo foi escrita entre a absolvição do apóstolo em sua primeira audiência e sentença de morte em sua segunda audiência.

A Grécia era intelectual, mas Roma era a fortaleza militar do paganismo. Ninguém pode ler autores acadêmicos como Auguste Arthur Beugnot, que escreveu a história da destruição do paganismo no Oeste, sem perceber como foi quase invencível a resistência do paganismo italiano. O cristianismo latino não mostrou tão cedo os ganhos que logo adornou os trabalhos do cristianismo celta e sírio. Dos trezentos e dezoito bispos que assinaram os decretos do grande Concílio de Nicéia em 325 – o primeiro concílio geral da igreja - apenas sete eram do oeste latino.²⁹

Para entender as origens apostólicas da igreja verdadeira, é necessário estudar os triunfos dos outros apóstolos. Nos primeiros sete ou oito anos da história do evangelho, o apóstolo Pedro era uma figura dominante. Paulo manteve o centro do palco para os próximos trinta anos. Os últimos anos de Peter foram cenas de trabalhos amplos e significativos. Eles se estenderam de Babilônia³⁰ no oriente a Roma no oeste. Durante anos ele acariciou o

trabalho em Jerusalém. Há razões para acreditar que em Roma ele seguiu Paulo no martírio.³¹ Os efeitos determinantes que vieram de seus trabalhos em vastas áreas podem ser vistos observando cuidadosamente a primeira epístola de Pedro.

A EPÍSTOLA DE PEDRO PARA AS IGREJAS

Esta epístola começa com saudações do apóstolo aos crentes “dispersos no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia”, e termina com uma saudação da Babilônia. Todas estas cinco primeiras províncias são encontrados na Ásia Menor. Os resultados significativos dos trabalhos de Pedro em Bitínia levam o estudante a colher um pouco nesse campo. Paulo deveria evangelizar a Galácia, mas foi proibido pelo Espírito Santo a entrar em Bitínia. Na Galácia, Paulo plantou, mas Pedro regou. (1 Pedro 1:1; Gálatas 1:2 e 21.) Em Bitínia, Pedro plantou e regou. Muitos escritores eruditos gastaram um bom tempo analisando o trabalho na Bitínia. Em 109, cerca de nove anos após a morte do apóstolo João, o imperador romano solicitou ao ilustre Plínio, governador da Bitínia, que fizesse investigações sobre o cristianismo por causa das histórias que chegaram aos seus ouvidos.

O governador da Bitínia, ao prestar seu relatório ao imperador, revelou os avanços irresistíveis do evangelho. Plínio reclama que as pessoas, em multidão, estão deixando os deuses antigos e o culto pagão para irem adorar a Cristo. Ele lamenta que a venda de sacrifícios pagãos tenha caído. Pagando um esplêndido tributo às virtudes dos cristãos, ele descreve como se reúnem regularmente uma vez por semana em ‘um dia declarado’ para adoração, que foi, sem dúvida, o sábado do sétimo dia.

Enquanto Pedro vivia, surgiram igrejas na Caldéia, na Assíria, na Síria e na Ásia Menor. Como os dois capítulos seguintes mostrarão, cresceu nesse território nobres e heróicos líderes que se sacrificavam pelo cristianismo que por muitos séculos formou a força mais erudita e estabilizadora do mundo para fortalecer e ajudar a verdadeira igreja no Extremo Oriente e no Ocidente.

De acordo com os escritos de Orígenes (185-254 d.C.), ao apóstolo André foi dado a Cítia como seu campo de trabalho, enquanto a Tomé foi designada a Pérsia.³² De acordo com evidências plenamente discutidas num capítulo adiante, Tomé foi além da Pérsia. A verdadeira história da Síria indica que o evangelho foi semeado em Mosul, na Mesopotâmia, em 170.³³ Cerca de 150, ou cinquenta anos após a morte do apóstolo João, o evangelho tinha sido pregado e Igrejas levantadas na Pérsia, Media, Pártia e Bácia.³⁴ Rawlinson fala sobre a propagação do cristianismo no império da Pártia em

150.³⁵ Evidentemente, antes de morrer na Índia em 72, o apóstolo Tomé tinha levantado muitas igrejas.³⁶

O EVANGELHO À ÍNDIA

Panteno, um dos fundadores da escola teológica de Alexandria, setenta anos após a morte do apóstolo João, foi para um país que ele chamou a Índia, e está relacionado, e relatado evidências de que o apóstolo Bartolomeu havia trabalhado lá.³⁷ O evangelho deve ter feito um grande progresso entre os povos de língua siríaca e latina na metade do século após a morte do apóstolo João, porque naquela época o famoso Testamento Siríaco, chamado Peshitta, apareceu.³⁸ O cristianismo é visto espalhando-se entre todas as classes em toda a Pérsia, Pártia, Media e Bactria durante o reinado do imperador Marco Aurélio (161-180 d.C.) .³⁹

Que poder levou esses primeiros crentes a entrar nas fortalezas intelectuais do paganismo europeu, aventurar-se nos panteões fanáticos da Ásia Menor, enfrentar o calor ardente da Arábia, gastar suas vidas vagando na Tartária e, como estranhos, lutar sob o sol intenso da Índia? Esse poder era a palavra de Deus, que queimava como fogo em seus corações. Eles clamaram com o apóstolo Paulo: “Ai de mim, se não pregar o evangelho!”

Esses primeiros missionários se apegavam à Bíblia como o guia que os guardaria de serem enganados por apostasias, contrafações e por lobos em roupa de ovelha. A obediência a este livro os apontou para a fúria de imperadores pagãos. Defenderam a verdade contra as ciladas dos falsos cristos do ocidente e das falsas doutrinas das grandes religiões orientais. No entanto, como Paulo escreveu,

A palavra de Deus é viva, poderosa e mais afiada do que qualquer espada de dois gumes (Hebreus 4:12)

e por essa palavra, eles conquistaram.

Este capítulo traçou as origens do cristianismo em seus vários ramos (sírio, celta, grego, latim) e revelou como os apóstolos e seus sucessores imediatos entregaram suas verdades a esses diferentes povos. Os capítulos subsequentes acompanharão o histórico dessas origens em diferentes terras e mostrarão como e onde a primitiva fé do Novo Testamento com suas origens apostólicas sobreviveu. Então o leitor estará mais apto para ver como o cristianismo atual se compara com o cristianismo primitivo.

CAPÍTULO 4

AS SILENCIOSAS CIDADES DA SÍRIA

A ascendência dos Reformadores deve ser encontrada nos homens e mulheres piedosos que, mesmo nos dias mais sombrios, por sua simples piedade evangélica, impediram que o fogo do altar se apagasse completamente.¹

Nos primórdios da era cristã, as cidades florescentes da Síria foram as primeiras a ocuparem uma posição dominante no desenvolvimento das doutrinas e missões da igreja verdadeira. É um fato impressionante que muitas dessas quietas e desérticas cidades ainda permaneçam num estado notável de preservação. Durante muitos séculos depois que os cristãos judeus migraram para o norte, quando foram expulsos de Jerusalém, continuaram aumentando a adesão desta já viril região cristã, cuja cidade principal era Antioquia.² A Síria é uma nação pouco conhecida, mas cheia de significado com relação à história da verdadeira igreja.

Por causa do ódio aos judeus que se rebelaram contra Roma e foram devidamente reprimidos, o imperador proibiu-os, em 135, de entrar na cidade de Jerusalém. Isso, naturalmente, excluía os cristãos de descendência judaica. Este ato também contribuiu para a construção de novos centros de cristandade síria. Hoje encontramos esplêndidas ruínas de moradias, igrejas, inscrições e edifícios públicos na Síria que foram estabelecidos nos primeiros séculos cristãos.³ Ali, organizações da igreja e empreendimentos de missões assumiram forma permanente sob as mãos dos apóstolos e de seus sucessores imediatos. A partir desta nova base, caudais de luz saíram até os confins da terra.

No entanto, antes de descrever o que a pesquisa pode encontrar em muitas dessas cidades, a atenção é direcionada aos antecedentes históricos e arqueológicos desta antiga civilização síria que formou a primeira base para o trabalho missionário, tanto no ocidente como no oriente.

ANTECEDENTES HISTÓRICOS E ARQUEOLÓGICOS

A queda de Jerusalém produziu seu maior efeito moral sobre os milhões de Judeus que não residiam na Palestina. Surpreendidos por este evento, ouviram o evangelho, e incalculáveis números se voltaram para Cristo. Estes fizeram um ótimo trabalho ao estabelecer a igreja em todas as

partes do mundo.⁴ Como não haviam estado sob o legalismo fanático dos rabinos de Jerusalém, milhares deles estavam abertos aos convincentes cumprimentos da profecia pregada pelos líderes da igreja.

As vitórias dos exércitos romanos despertaram os judeus cristãos na Palestina para obedecer ao comando de Jesus para fugir da Judéia quando a queda de Jerusalém estivesse iminente. A primeira região a receber uma influência benéfica dessa transferência de população, foi a porção da Palestina situada a leste do Jordão, referida na Bíblia como Decápolis,⁵ uma palavra que significa “dez cidades”. Para estas cidades, o Império Romano havia concedido direitos especiais aos cidadãos e haviam prodigado enormes somas de dinheiro para embelezá-las. Era o propósito de Roma exaltar a sedutora filosofia e cultura grega na esperança de levar os judeus ao pensamento e arte pagã.⁶

Nos dias dos apóstolos, esta região trans-Jordânia era uma terra fértil, enriquecendo seus habitantes por colheitas variadas e abundantes. Os cristãos judeus fugiram para cá a fim de escapar dos terrores da guerra romana (66 d.C.). O livro de Atos leva a crer que havia muitos milhares deles por este tempo (Atos 21:20.) Possivelmente de setenta a noventa mil Judeus cristãos fugiram da Palestina para o leste. Muitos cristãos gentios também escaparam. De acordo com Eusébio, esses refugiados fugiram para a cidade de Pella.⁷ O mesmo historiador menciona novamente Pella em conexão com a generalizada rebelião dos judeus em 135, após o que o imperador Adriano esmagou Jerusalém, mudou seu nome para Élia, e proibiu os gentios Cristãos daquela região de ter um líder de descendência judaica.⁸ Pella, neste momento, era uma das dez famosas cidades. Chegando a uma região de cultura, riqueza, e liberdade de pensamento, os cristãos judeus fugitivos, agitados por terem recentemente visto o cumprimento de uma das principais profecias de Cristo, dificilmente poderiam deixar de exercer uma influência irresistível sobre seus novos vizinhos.

Os exilados que se estabeleceram aqui se multiplicaram ao longo dos anos seguintes. Seus conversos e seus descendentes formaram grandes e eruditas comunidades cristãs. A terra dessas dez cidades pagãs, ou Decápolis, de repente encontrou-se produzindo um forte efeito sobre o cristianismo.

Outra migração notável começou desde Decápolis até a região perto de Antioquia. Decorreram-se décadas desde que Paulo e Barnabé levantaram igrejas naquela parte da Síria que se encontrava diretamente ao norte de Decápolis. Lá existiam numerosos conversos para Cristo entre os gentios e os judeus. A maioria dos novos crentes, no entanto, na região do norte da Síria era dos filhos de Israel. Esta última comunidade chamou os moradores em Decápolis. Consequentemente, descendentes daqueles que originalmente

fugiram de Jerusalém deixaram Pella e suas regiões para enriquecer e multiplicar centros cristãos ao norte até o rio Eufrates.⁹

A Síria tinha atraído a atenção dos ilustres como uma região onde se erguer magnífica arquitetura. Era a mais rica e mais próspera província do Império Romano.¹⁰ Também era famosa pela cultura e conhecimento. Nesta parte são encontrados os templos mais grandiosos erguidos pelos Imperadores romanos para o culto ao deus sol. No meio desta terra situava-se Antioquia, a capital. Mais tarde, por volta de 530, quando o imperador Justiniano quis construir em Constantinopla a melhor igreja do mundo, ele procurou diligentemente em civilizações gregas e latinas obter um talentoso construtor, mas foi obrigado finalmente a recorrer à Síria. Aqui, ele encontrou a habilidade que procurava.

A escola de Antioquia naquela época ultrapassou quase todas as outras em reputação científica e literária, e seus métodos dominaram todo o Leste. Justiniano, em meados do século VI, desejava reconstruir a catedral de Constantinopla, e da escola de Antioquia ele obteve seus dois arquitetos, Antêmio de Tralles e Isidoro de Mileto.¹¹

Quanto à habilidade e à erudição incomparáveis da Síria, um historiador diz:

Agora, a principal característica da arquitetura bizantina é seu desenvolvimento do método de fazer telhados com cúpulas. O mais perfeito espécime desta obra é a grande igreja de Santa Sofia em Constantinopla, que foi o orgulho de Justiniano ter construído. Duas igrejas anteriores tinham sido queimadas – a igreja de Constantino em 404 d.C., no tempo de Crisóstomo, e sua sucessora em 532 d.C. Estritamente falando, a Santa Sophia de Justiniano – ainda em pé e agora servindo como mesquita - não é típica arquitetura bizantina. Ela é bem original. Nada desse tipo a tinha precedido; nunca foi imitada com sucesso. Seu famoso arquiteto, Antêmio, tem a orgulhosa distinção de ter produzido um trabalho sem igual ou paralelo em todas as eras de construção. “St. Sophia”, diz M. Bayer, “tem a dupla vantagem de marcar o advento de um novo estilo e alcançar ao mesmo tempo proporções que nunca foram ultrapassadas no Oriente.”¹²

Ao descobrir a Igreja Celta na Irlanda, os estudiosos ficaram muito impressionados com a influência que estes novos estilos, introduzidos pelos arquitetos sírios, tinham na arquitetura ocidental. A conexão desse estilo com o ocidente é bem estabelecida. Os novos princípios da arquitetura síria foram adotados na Irlanda.

De Constantinopla, a arquitetura bizantina passou rapidamente para o oeste. A arte grega estava morta. A arte romana estava morta. No sexto século, a única arte existente, poderosa e vivificante era a arte e a arquitetura de Bizâncio. Agora tenho que mostrar-lhe duas coisas: primeiro, como a arte e a arquitetura bizantinas passaram para a Gália; e então, como da Gália passaram para a Irlanda. No primeiro caso, quanto a transição da arquitetura bizantina de

Constantinopla para a Gália, o tempo e o local de trânsito são facilmente determinados.¹³

O esplendor da civilização construída na Síria ainda pode ser visto. O A glória que permanece é descrita no artigo de Howard Crosby Butler, “A Terra das cidades desertas”:

Poucas pessoas apreciam o fato de que hoje, no início do século XX, ainda existem partes do antigo Império Romano onde nenhum viajante dos tempos modernos tem estado; que existem antigas cidades que nenhum turista viu, templos e torres que nenhum amante da arquitetura clássica ainda tenha se deleitado, inscrições em Grego antigo que nenhum sábio ainda decifrou, regiões inteiras, de fato, cheias de antiguidades para as quais nenhum Baedeker [guia de viagem] foi escrito, e que não são mostrados nos mapas mais recentes.

Que o leitor por um momento imagine-se retirado das luxuriantes paisagens de colinas cobertas de floresta e pastagens verdes com as quais ele é familiar, e coloque-se nesta terra devastada, de colinas cinzentas estéril, sob um céu sem nuvens, e veja diante de si à distância um montão de paredes quebradas e fileiras de colunas quebradas, os fortes remanescentes de uma cidade há muito abandonada por homens civilizados, silencioso, sepulcral, com portões abertos e toda casa de dentro desocupada, mesmo por animais selvagens. Relembre-se que essa agora solitária cidade existia antes dos dias de Constantino o Grande, enquanto Roma ainda era a senhora do mundo e os imperadores Antonino ainda assentavam-se no trono, que suas magníficas igrejas foram erguidas enquanto nossos antepassados estavam se curvando para as divindades Odin e Thor, que suas espaçosas moradias e suas menos pretensiosas, embora luxuosas residências, foram construídas enquanto os Anglo-Saxões estavam contentes com uma cabana de ramos e peles, e então imagine que essa cidade, uma vez rica e próspera, permaneceu desabitada por treze séculos, que nenhuma mão foi erguida para adicionar uma única pedra ou para escorar uma cambaleante parede em todo esse tempo, e irá entender algo da antiguidade e algo da desolação dessas cidades mortas.¹⁴

Estas cidades silenciosas da Síria diferem em muitos aspectos das ruínas e restos do passado arqueológico encontrados em outras partes do mundo. Os monumentos não são obras de algum invasor estrangeiro, mas são o trabalho dos próprios habitantes indígenas. Além disso, as pedras foram habilmente assentadas sem cimento nem argamassa. A construção e os arranjos para o saneamento eram da mais alta ordem e indicavam o grau avançado de civilização. Alguns autores afirmam que os arranjos para saúde e saneamento seriam superiores aos encontrados em muitos lugares no mundo ocidental de hoje, mesmo na Europa e na América.

Os restos tangíveis de sua civilização indicam que as pessoas que habitavam a maioria dessas cidades menores no norte e no sul da Síria compunha uma classe média grande e bem-sucedida. Parece que não havia superiores que viviam perto deles, pois existe apenas uma residência de magnificência especial no norte da Síria e uma no sul, e estas podem ter sido as casas dos governadores locais.¹⁵

Os apóstolos previam que a prosperidade futura do evangelho veria muitos membros desinteressados chegando ao aprisco. Paulo declarou que mesmo em seus dias, falsos irmãos haviam entrado inesperadamente.

Em sua posição pelas sãs doutrinas do cristianismo, as igrejas da Síria ficaram horrorizadas com a liberdade que muitos professos professores cristãos tomaram com as Escrituras, e eles se rebelaram contra as doutrinas do gnosticismo que surgira no cristianismo corrompido da igreja em Alexandria. “A escola de Antioquia conduziu uma revolta contra a exegese de Alexandria das Sagradas Escrituras, e fundou um método mais crítico”.¹⁶ Luciano, o famoso erudito e líder evangélico, foi obrigado a contender contra ambos gnosticismo e maniqueísmo, mas mais especialmente contra o primeiro, que foi o mais antigo dos dois movimentos.

A teologia da escola de Luciano que se opunha à tendência alegorizante da época, mais tarde fundou um lar na Igreja da Leste.¹⁷ Deve ser dada ênfase ao fato de que o tipo de teologia síria teve grande influência, durou até a Reforma, e manteve seu selo apostólico. As inscrições encontradas em muitos dos edifícios indicam que o cristianismo sírio abrangeu uma boa parte do território em que as silenciosas cidades são encontradas hoje.

Talvez seja interessante notar que as inscrições desta região (tratada por William Kelley Prentice), cobrindo mais de três séculos, mostram, em sua fraseologia, um cristianismo primitivo em que são dedicados a “Deus e Seu Cristo”, às vezes com menção do Espírito Santo ou da Trindade, mas sem invocação dos santos ou mesmo da Virgem Maria. Nesta região, como na Hauran, quase não há ruínas maometanas, e a prosperidade de ambas as regiões, evidentemente, terminou com a conquista maometana.¹⁸

EL-BARA E OUTRAS CIDADES

El-Bara, uma das cidades silenciosas na estrada entre Alepo e Lataquia, perto de Antioquia, ainda contém moradias, igrejas, pirâmides funerárias e outros edifícios que demonstram a cultura e a educação do passado. Corte de monogramas em pedra, divulga a fé do construtor em Cristo como o Alfa e o Omega.¹⁹

Na Djebel Barisha podem ser vistas muitas inscrições e monumentos do segundo século depois de Cristo. Algumas inscrições proeminentes sobre estes edifícios estão em grego, outras em latim e outras em sírio. Em algumas delas, como registrado por uma expedição arqueológica americana, lê-se o seguinte:

Se Deus é por nós, quem pode estar contra nós?

Nosso Senhor Jesus Cristo, o Filho, a Palavra de Deus, habita aqui; que nenhum mal entre.

O Senhor preservará a sua saída e a sua chegada.

Sobre esta rocha, edificarei Minha igreja, e os portas do inferno não prevalecerão contra ela.²⁰

Baouda contém as ruínas de uma grande cidade mercante. Para alcançá-la, o visitante passa por uma antiga estrada romana construída evidentemente antes dos dias de Cristo. Baouda revela marcas de ter sido um centro estritamente comercial, financeiro, e de transporte. Os edifícios de pedra proporcionavam uma loja abaixo com um apartamento habitacional acima para o proprietário. A uma curta distância de Baouda está Babiska. Aqui estão duas igrejas, grandes e pequenos banhos públicos, com pousadas espaçosas perto deles. Os edifícios mostram um grande cuidado e habilidade arquitetônica em sua construção. O fragmento de outro grande edifício, provavelmente um templo, data de 225.²¹

PORQUÊ CIDADES SILENCIOSAS E DESERTAS

Para entender por que essas cidades são silenciosas e desertas, é preciso notar a política do cristianismo imperial durante os séculos anteriores à época em que o flagelo do maometanismo caiu sobre o Império Romano na Ásia. Imediatamente após o Concílio de Nicéia, em 325, as incursões dos Godos vindos do norte tornaram-se séria e exigiu a atenção dos imperadores romanos. As vitórias desses invasores cortaram grande parte do império no Ocidente e reduziu-o na Europa para apenas cerca de um terço do seu território original. A fim de sobreviver, era necessário unir de perto o que restava. Além disso, o cristianismo imperial fez da punição de heresia parte séria de seu programa. Então uma terrível perseguição caiu sobre aqueles que rejeitaram a Igreja de Roma.

Isso iniciou um movimento entre os crentes na Síria, uma longa parte do Império Romano, o que os levou a fugir para as regiões orientais já alienadas em espírito por exigências imperiais. O flagelo da caça à heresia havia caído sobre as províncias orientais. Populações inteiras de Cristãos migraram das áreas das cidades silenciosas e daquela parte da Assíria, perto das cabeceiras dos rios Eufrates e Tigre, que foi incluída ao Império Romano. Quando o imperador Justiniano em 532 começou sua política de sujeitar tudo ao cristianismo imperial, a parcela devota, erudita e trabalhadora da população já tinha deixado essas áreas para encontrar um refúgio dentro dos limites do Império Persa restaurado.²²

O cristianismo imperial, por outro lado, estava totalmente despreparado para as hordas maometanas que surgiram inesperadamente da Arábia cerca de cem anos depois de Justiniano. O maometanismo saiu da Arábia após 622 com a rapidez e a força de um tornado. Quando o Islã tinha terminado sua investida contra a Ásia Menor e as províncias orientais, tinha arruinado as possessões do Império Romano na Ásia, África do Norte, e na Espanha. Na primeira investida desta nova religião fanática, a Palestina foi capturada. Em seguida, seguiu a derrota do imperador romano e seu exército em um campo de batalha na Síria. Seguidores de Maomé continuaram sua obra de matança, devastação, pilhagem e expulsão. A população cristã que permaneceu na terra da Síria evidentemente fez seu caminho mais ao leste, deixando para trás suas cidades, silenciosas e desertas.

Outras narrativas históricas envolvendo a Igreja do Oriente revelam que aqueles primeiros seis séculos e meio do cristianismo sírio foram maravilhosos em estabelecer a igreja do Novo Testamento, não só no oriente, mas também no ocidente. A mistura das grandes comunidades do evangelho gentia e judaica nesta região, juntamente com a esplêndida formação espiritual que os judeus sob o Antigo Testamento tinham em coisas divinas, amplamente dotaram esse frutífero solo para a propagação do cristianismo. Finalmente, as perseguições perpetradas pela igreja imperial, seguidas pelas devastações dos maometanos, deixaram a área despovoada e roubada da igreja evangélica da Síria. A mão protetora de Deus estava sobre Sua verdade e as igrejas mais a oeste na Europa, e também ao leste na Ásia, eram fortes o suficiente para levar a luz avante.

UMA IGREJA EVANGÉLICA, NÃO PAPAL

O fato de que o Oriente estava cheio de judeus, e que a predominância de conversos nas primeiras comunidades do evangelho foi por muito tempo dentre eles ²³ indicariam que o caráter das crenças e observâncias mantidas pela Igreja do Oriente seguia o modelo das igrejas da Judéia, e não o de Roma. Os primeiros crentes se chamaram por muito tempo Nazarenos, um título encontrado nas palavras de Lucas, que relatou que os acusadores do apóstolo Paulo disseram:

Pois achamos que esse homem é uma peste, e promotor de sedição entre todos os judeus em todo o mundo, e o líder principal da seita dos nazarenos (At 24:5).

Eles também se chamavam Beni-Israel, ou Filhos de Israel. Eles normalmente falavam de nosso Senhor como o Messias, e, portanto, foram chamados de messiânicos. Muitos dos seus ritos e cerimônias foram realizados de forma a revelar sua conexão com os judeus de tempos anteriores.

A maioria dos escritos preservados pela Igreja de Roma apoia a argumentação desse sistema eclesiástico. Luz é obtida sobre as verdadeiras crenças dos primeiros cristãos, ao estudar as instruções fundamentais referentes à organização das igrejas individuais, dadas pelo apóstolo Paulo. O grande apóstolo dos gentios tornou claro que as igrejas que ele fundou em seus trabalhos missionários foram moldadas conforme as igrejas cristãs na Judéia. Assim, ele diz:

Porque vós, irmãos, tornastes seguidores das igrejas de Deus que na Judéia estão em Cristo Jesus; porque também sofrestes de vossos próprios compatriotas, o mesmo que os judeus lhes fizeram a eles (1 Tessalonicenses 2:14)

Paulo não padronizou a igreja local conforme o templo pagão ou conforme os modelos gentios que ele poderia encontrar em suas viagens. O padrão que lhe foi dado era de Deus. Qual era esse padrão? Era a primeira igreja cristã em Jerusalém e suas duplicatas na Judéia.

Seria difícil imaginar que o apóstolo Paulo, trabalhando em todas as regiões entre Babilônia e as fronteiras ocidentais da Ásia Menor organizasse as igrejas baseando-se em qualquer outro modelo. Suas congregações também foram apenas repetições das comunidades cristãs originais na província de Judéia, particularmente das igrejas em Jerusalém. Por algum tempo, grupos de crentes cristãos continuaram a se reunir nas sinagogas no dia de sábado com os judeus.²⁴ Este fato indica que a igreja apostólica, na sua organização primitiva, não descartou tudo o que estava relacionado com a sinagoga. Uma indicação confirmativa disso é encontrada na decisão do Conselho Apostólico registrado no livro de Atos, onde os delegados reunidos votaram que não passariam quaisquer ordenanças além das quatro que já haviam sancionado, porque,

Moisés desde os tempos antigos, tem em cada cidade os que o pregam, sendo lido nas sinagogas cada Sábado. (Atos 15:21)

A teologia gnóstica de Alexandria que foi seguida pela Igreja de Roma, era hostil a qualquer coisa judia, mesmo ao cristianismo judaico. Assim sendo é seguro concluir a partir desses desenvolvimentos históricos que o cristianismo primitivo sírio não foi organizado segundo o padrão da Igreja de Roma, mas seguiu um tipo de organização de igreja evangélica judaica e Bíblica.

O estudante sério não pode deixar de ficar impressionado com as façanhas heróicas alcançadas pelas igrejas missionárias, descendentes das comunidades das igrejas sírias, em vastos domínios. Aqui se encontra a liderança espiritual de Luciano de Antioquia, de Vigilância [em latim: *Vigilantius*], reputado como sendo o primeiro chefe supremo dos Valdenses, e indiretamente de Patrick, organizador de cristianismo Celta na

Irlanda. Esses líderes são totalmente apresentados em capítulos subsequentes.

CAPÍTULO 5

LUCIANO E A IGREJA NA SÍRIA

Luciano era realmente um homem instruído; seu trabalho no texto do Antigo Testamento, que ele traduziu do hebraico original, em breve ficou famoso; ele era um estudioso do hebraico, e sua versão era adotada pela maioria das igrejas da Síria e da Ásia Menor. Ele também se ocupou do Novo Testamento. Sua exegese difere amplamente da de Orígenes. Em Antioquia a interpretação alegórica não estava na moda.¹

Consideração tendo sido dada à importância da Síria na conservação das bases originais da igreja verdadeira, a atenção agora é dirigida a Luciano (250-312 d.C.). Nascido entre as colinas da Síria, este devoto estudioso foi destinado a exercer uma influência dominante sobre o pensamento dos homens através das eras. Ele foi dotado de um espírito de discernimento incomum, que o Espírito Santo usou para ampliar e fortalecer as bases estabelecidas pelos apóstolos. Durante muitos anos, ensinamentos destrutivos mais mortais para o início do cristianismo do que o veneno de serpentes estava ganhando terreno. Luciano foi chamado a enfrentar estes ensinamentos, e embora ele não tenha tido sucesso em removê-los completamente, no entanto, ele construiu para todos um abrigo seguro.

Luciano pode ser comparado aos fundadores da república americana. Como autores da Declaração Americana de Independência e da parte da Constituição conhecida como Carta de Direitos, eles deram à nação documentos escritos sobre os quais construir o estado. Assim, Luciano, numa hora em que a confusão documental era um caos ameaçador, defendeu, preservou e passou para outras gerações o verdadeiro texto das Sagradas Escrituras. Ele também deixou uma obra-prima da teologia para os crentes evangélicos. Estimulou e vivificou a correta organização da igreja e o método de evangelização. Embora seus oponentes tenham providenciado para que não fosse preservada muita história sobre ele, contudo, não podem roubá-lo de suas ótimas obras.

Luciano nasceu em Antioquia, um centro da vida e da cultura gregas. Em seus dias, Roma governava supremamente. Não havia metrópole mais poderosa do que Antioquia. Nos arredores, situava-se o maravilhoso bosque de Dafne, celebrado acima de todos os outros bosques. Nela, os que buscavam prazer poderiam encontrar muitas delícias, variando do mais luxuoso e sensual ao mais alto desempenho da arte clássica. Muitas vezes,

na sua juventude, Luciano olhou para essas cenas de insensatez mundana; mas seu coração piedoso se afastou deles em completa devoção a seu Senhor. Ele poderia vagar algumas milhas para o leste para aquelas belas aldeias e cidades, cujas ruínas foram descritas em capítulo anterior. Naquela época, elas eram o florescente lar de um instruído e devotado cristianismo, apegando-se firmemente à primitiva simplicidade do evangelho, e se recusando a adotar os ensinamentos e costumes não-bíblicos do paganismo que estava ganhando terreno em algumas professas comunidades cristãs. Os primeiros anos de Luciano foram anos de grande contraste. Ele rapidamente discerniu que havia dois movimentos tomando forma na cristandade: um frouxo em doutrina e afiliando-se ao paganismo, e o outro baseado nos profundos fundamentos da fé cristã.

SUA INFÂNCIA E JUVENTUDE

Logo na infância ocorreu um evento que abriu seus olhos para a fragilidade dos impérios. Os persas, conduzidos pelo fanatismo do Mitraísmo, fizeram-se mestres do Oriente Próximo, trazendo à existência um império que seria o temido antagonista de Roma por cinco séculos. Quando Luciano tinha cerca de dez anos de idade, Shapur (Sapor) I, o monarca persa, travou uma guerra bem sucedida no oeste, capturando a cidade de Antioquia e levando cativo o imperador romano.² Naturalmente, ele levou da região muitos cativos, dentre eles os cristãos sírios que trabalhariam para evangelizar a Pérsia. Antioquia na fronteira entre Roma e Pérsia, o cobiçado prêmio de ambos os impérios, ofereceu uma posição dominante a partir da qual o trabalho de Luciano poderia exercer sua influência para o leste e para o oeste nos próximos séculos.

Logo o governo do mundo romano passou às mãos de um soldado enérgico, o imperador Aureliano, que começou vigorosamente a reparar o dano ao sistema imperial feito por antecessores fracos. Neste tempo, um certo Paulo, nascido em Samósata, era bispo de Antioquia e tinha trazido sobre si mesmo a ira das igrejas romanas e alexandrinas por causa de seus ensinamentos. Paulo foi acusado de acreditar em uma doutrina sobre a divindade de Cristo que, aos olhos dos bispos de Roma e Alexandria foi considerada heresia. Agora, pela primeira vez Luciano ouviu os trovões dessa luta em relação à Filiação de nosso Senhor que continuaria até e depois do primeiro e mais famoso concílio geral da igreja que foi realizado em Nicéia em 325.

Quão difícil e perigosa a situação de Luciano foi, pode ser rapidamente visto. As igrejas de Roma e Alexandria entraram em uma aliança. Alexandria tinha, há mais de dois séculos antes de Cristo, sido a verdadeira capital dos

judeus que se comprometeram com o paganismo. A igreja em Alexandria estava nesta atmosfera. A cidade de Roma tinha sido por setecentos anos, e deveria ainda ser por algum tempo, a capital mundial do paganismo. Este ambiente influenciou muito a igreja em Roma. Luciano cresceu nas igrejas da Judéia. Aqui estava o padrão divino para novos crentes. Luciano fundou uma faculdade em Antioquia que se esforçou para neutralizar a perigosa aliança eclesiástica entre Roma e Alexandria. Quão amarga a situação se tornou e como ela finalmente dividiu o Ocidente e o Oriente será esclarecido pelos seguintes quatro fatos:

Primeiro, os fundadores da faculdade eclesiástica em Alexandria se esforçaram para exaltar a tradição. Justino Mártir, já em 150, havia defendido isso.³ Ele era o pai espiritual de Taciano, que, por sua vez, era, com toda probabilidade, um professor de Clemente. Segundo, Clemente, o mais famoso da faculdade alexandrina e professor de Orígenes, se vangloriou de que não ensinaria o cristianismo a menos que fosse misturado com a filosofia pagã.⁴ Terceiro, Victor I, bispo de Roma, entrou num pacto com Clemente, cerca de 190, para dar prosseguimento à investigação em torno da bacia do Mediterrâneo para garantir um apoio para ajudar a fazer do domingo o dia proeminente de adoração na igreja.⁵ O domingo já era um dia exaltado entre os pagãos, sendo um dia em que adoravam o sol; contudo, Roma e Alexandria bem sabiam que a maioria das Igrejas em todo o mundo santificavam o sábado como o dia de descanso do quarto mandamento.⁶ Em quarto lugar, quando Victor I, em tons de senhorio, pronunciou excomunhão de todas as igrejas do Oriente que juntamente com ele não fizessem com que a Páscoa caísse sempre aos domingos, Alexandria apoiou essa primeira exibição de tirania espiritual pelo bispo de Roma. Luciano se opôs à política de Alexandria e por causa disso tem sido amargamente odiado e seu nome mantido para trás.

Na luta da igreja sobre Paulo de Samosam, Luciano manteve-se distante de ambas as partes. Quando parecia que nenhum dos lados ganharia, um apelo foi feito ao imperador pagão Aureliano. O partido liderado pelos bispos de Roma e Alexandria poderia muito bem inclinar a cabeça com vergonha que a ajuda de um imperador pagão foi invocada para resolver uma controvérsia sobre o divino Filho de Deus. Mais surpreendente de se relatar, o imperador recusou julgar o caso e ordenou (270 d.C.) que isto devesse ser submetido ao julgamento dos bispos da Itália e Roma.⁷ Ao remeter esta questão ao bispo da cidade capital e seus associados, assumia-se que eles eram responsáveis por toda a igreja Cristã. Isto veio como um reconhecimento do estado pagão para o Papa Felix. Poderia ser facilmente usado para apoiar o suposto primado de Pedro.

O que deve ter despertado a mente de Luciano, no entanto, quem nesse tempo tinha cerca de vinte e cinco anos de idade, foram as especulações

filosóficas oferecidas para sustentar o ponto de vista teológico do bispo de Roma sobre a divindade. Com relação aos cristãos após o Concílio de Nicéia, onde a influência de Roma era dominante, o historiador Edward Gibbon escreveu: “Eles eram mais solícitos para explorar a natureza, do que para praticar as leis, do seu Criador.”⁸

Como nenhum registro foi encontrado de que Luciano foi um participante nessa controvérsia, os historiadores subsequentes reconhecem sua incapacidade de acusá-lo de faccionalismo ou instabilidade. É preciso ler a minuciosa defesa deste santo homem pelo bispo George Bull para conhecer os erros a que Luciano se opôs e as excelentes doutrinas que ele ensinou.⁹ Não há registro de nenhuma acusação de heresia, oficialmente ou eclesiasticamente, apresentada contra ele por seus contemporâneos.

Em sua juventude, Luciano foi chamado para resistir à ascensão e propagação de dois tipos pervertidos de cristianismo: o Maniqueísmo e o Gnosticismo.

INSIDIOSOS ENSINAMENTOS ENFRENTADOS POR LUCIANO

O maniqueísmo removeu o primeiro capítulo de Gênesis, rejeitando a criação e um Deus operador de milagres, exigindo o celibato de seus líderes e adorando o sol como a morada suprema da Deidade.¹⁰ Imbuído com o antigo ódio persa ao Antigo Testamento, ridicularizou o sábado do quarto mandamento e exaltou o domingo.¹¹ Esta escuridão fanática, com suas próprias escrituras fabricadas, desceu sobre a Síria como um nevoeiro. Luciano enfraqueceu seus ataques por sua irresistível defesa das Escrituras e seus ensinamentos.

Ele, em seguida, foi despertado para enfrentar na igreja primitiva uma invasão de uma sutil adoração ao herói. O gnosticismo estava abrindo caminho para aquelas seções da igreja que se comprometia com o paganismo. A ira do partido papal foi trazida sobre ele porque se recusou a participar de um movimento questionável para exaltar por motivos fraudulentos o primado do bispo de Roma. Há mais de um século havia aparecido considerável Literatura enganosa, dando um lugar exaltado a Pedro. Nessas astutas histórias, o impetuoso apóstolo foi trazido a Roma e com ele veio Simão o mago, a quem ele havia repreendido. Poderes sobrenaturais foram atribuídos a Simão. Pedro, nessas fábulas desonestas, dizia-se seguir a Simão, rapidamente refutando suas heresias e seus feitos sobre-humanos e, finalmente, destruindo esse pretenso seguidor da fé por um poderoso milagre. Essas fabulosas façanhas de Pedro foram enaltecidas no exterior.

Os relatos apócrifos... dos feitos de Pedro em Roma passaram todos os limites da sóbria credibilidade. Eles podem ter ocultado um pouco do fato sob a ficção, mas a ficção tanto excedeu e distorceu o fato, que é impossível agora tentar desenredar um do outro... Não obstante, essa literatura não pode ser negligenciada por alguém que pretenda compreender o crescimento do prestígio papal. Conceitos baseados nesses relatos e incidentes emprestados deles foram aceitos pela maioria dos influentes escritores da cristandade romana, mesmo por aqueles que como Eusébio ou Jerônimo perceberam plenamente que a literatura como um todo era uma rede de falsidade. Em particular, a figura de Simão, o Mago, uma vez instalada em Roma, nunca poderia ser totalmente exorcizada, nem Pedro poderia ser privado do renome de ser o primeiro poderoso vencedor sobre a heresia como que encarnada na pessoa de Simão. Na verdade, é difícil nomear um dos Pais da igreja depois do terceiro século que não faz alguma alusão a essa famosa história. Ambrósio, Jerônimo, Agostinho e outros ... nenhum deles poderia se livrar completamente da impressão que isto fez sobre eles.¹²

Luciano nunca aceitou tais contos duvidosos. Ele protestou contra aqueles que defendiam reivindicações fraudulentas; mas ao se tornarem mais determinados em aprovar essas histórias falsas, e assim ajudarem a fazer do bispo de Roma “o vigário do Filho de Deus”, mais hostis se fizeram contra Luciano.

O LEGADO DE LUCIANO: O GENUÍNO NOVO TESTAMENTO

As denominações protestantes baseiam-se nesse manuscrito do Novo Testamento grego, às vezes chamado de Textus Receptus ou Texto Recebido. É desse Novo Testamento grego que os escritos dos apóstolos em grego têm sido traduzidos para o inglês, alemão, holandês e outras línguas. Durante a Idade Escura, o Texto Recebido foi praticamente desconhecido fora da Igreja grega. Foi restaurado à cristandade pelos trabalhos desse grande erudito, Erasmus. É muito pouco conhecido que o verdadeiro editor do texto recebido seja Luciano. Nenhum dos inimigos de Luciano deixou de atribuir a ele o crédito deste trabalho. Nem Luciano nem Erasmus, mas sim os apóstolos, escreveram o Novo Testamento grego. Contudo, os dias de Luciano eram dias de apostasia, quando um dilúvio de depravações estava tentando sistematicamente devastar os manuscritos bíblicos e a teologia da Bíblia. Orígenes, da faculdade de Alexandria, fez de suas edições e comentários da Bíblia um retiro seguro para todos os erros, e deformou-os com especulações filosóficas introduzindo casuística e mentira.¹³ O sucesso incomparável de Luciano em verificar, proteger e transmitir aqueles escritos divinos deixou uma herança para a qual todas as gerações deveriam ser agradecidas.

Era em grande número as mutilações das Sagradas Escrituras.¹⁴ Havia pelo menos oitenta seitas heréticas, todas esforçando-se pela supremacia.¹⁵ Cada uma tomou injustificada liberdade para remover ou adicionar páginas aos manuscritos da Bíblia.¹⁶

Considere quão magistral deve ter sido a coleção de evidências de Luciano que identificaram e protegiam os escritos deixados para a igreja pelos apóstolos. Daquele dia até hoje, o Texto Recebido e o Novo Testamento traduzidos dele estão longe na liderança de qualquer outra Bíblia em uso.

REJEIÇÃO DOS LIVROS ESPÚRIOS DO VELHO TESTAMENTO

Luciano não só certificou o genuíno Novo Testamento, mas gastou anos de trabalho árduo sobre o Antigo Testamento.¹⁷ Como a língua grega era a língua predominante em que os principais trabalhos eram publicados em todo o mundo civilizado, ele traduziu as Escrituras hebraicas para o grego. Ele fez esse trabalho tão bem que mesmo Jerônimo, seu amargo adversário, admitiu que sua tradução grega do Antigo Testamento exercesse influência na cidade de Constantinopla e na maior parte do Oriente Próximo.¹⁸

Jerônimo também entrou no mesmo campo e traduziu a Bíblia hebraica, não somente em grego, mas em latim. Quando as duas traduções da Bíblia hebraica apareceram, havia uma marcante diferença entre a edição de Luciano e a de Jerônimo. Na edição latina de Jerônimo foram adicionados os sete livros falsos chamados Apócrifos, que o mundo protestante tem continuamente rejeitado. A responsabilidade não pode ser totalmente colocada sobre Jerônimo, pois ele não acreditava nesses sete livros espúrios. Agostinho, cuja fama como pai da igreja papal supera a de Jerônimo, favoreceu-os.¹⁹ Como, no entanto, Jerônimo havia sido empregado pelo bispo de Roma para publicar esta tradução e recebeu abundante dinheiro de seu empregador para sua realização, o papa tomou a liberdade de adicionar o sete falsos livros em questão para a edição latina do Velho Testamento de Jerônimo. Mais tarde, o Papado declarou esta tradução como sendo a Bíblia autorizada da Igreja Católica Romana.

Assim, em muitos aspectos, Luciano tornou-se uma bênção para as igrejas que em anos posteriores designaram a Igreja de Roma "um intruso" e sentiram-se compelidos a discordar disto, enquanto perseveravam nos costumes apostólicos.

A EXPOSIÇÃO DOS TEÓLOGOS ALEGORIZANTES

Clemente (194 d.C.) e Orígenes (230 d.C.) da escola metafísica de Alexandria, nos dias imediatamente anteriores a Luciano, juntaram num sistema sedutor e desorientador, o método de alegorizar a Bíblia. Eles ensinaram a supremacia do bispo de Roma e declararam que não havia salvação fora da igreja. Clemente agia para o aplauso da multidão defendendo a afinidade do cristianismo com o paganismo e de adoração do sol com o Sol da Justiça. John Mosheim testemunha isto como segue:

Ele [Clemente] próprio nos diz expressamente em seu *Stromata*, que ele não transmitiria a verdade cristã pura e sem mistura, mas “associada, ou melhor, velada por, e envolta sob os preceitos da filosofia”... a filosofia dos gregos.²⁰

Enquanto Clemente, com Panteno, misturaram o cristianismo com o paganismo em Alexandria, Luciano fundou em Antioquia uma escola de teologia síria. A profunda diferença entre seu ensino e aquele dos teólogos alegorizantes do norte da África, o Dr. Williston Walker assim descreve:

Com a Antioquia deste período deve associar-se a fundação de uma escola de teologia por Luciano, de quem pouco se conhece os detalhes biográficos, salvo que ele era um presbítero, mantido distante do partido em Antioquia que se opôs e superou Paulo de Samosata, ensinou lá de 275 a 303 d.C., e morreu como mártir em 312.... Como Orígenes, ele se ocupou com o trabalho textual e exegético sobre as Escrituras, mas tinha pouca inclinação pelos métodos alegorizantes do grande alexandrino. Um método mais simples, mais gramático e histórico de tratamento tanto do texto como da doutrina caracterizou seu ensino.²¹

Foi uma hora crítica na história da igreja os dias que se seguiram aos empenhos de Clemente, Orígenes e Tertuliano – os mestres místicos do norte África – para substituir novos fundamentos para o cristianismo. Naquele tempo Deus levantou um incansável defensor da verdade, Luciano. Especulação dentro da igreja estava despedaçando a fé que uma vez foi entregue aos santos. O próprio fundamento do evangelho estava em jogo. Por causa das imensas contribuições feitas pelo cristianismo sírio nos séculos seguintes, as gerações posteriores estão em dívida com Luciano. Neste tempo as palavras do salmista eram apropriadas: “Se os fundamentos forem destruídos, o que os justos podem fazer?” (Salmo 11: 3). Foi nessa época, de acordo com um historiador aceitável para a Igreja Romana, que viveu no mesmo século com Luciano, que o mártir elaborou uma profissão de fé.²²

PROCLAMANDO A TRADIÇÃO ACIMA DA BÍBLIA

O apóstolo Paulo havia profetizado que após a sua partida, surgiriam homens do ministério falando coisas perversas e entrando como lobos cruéis

entre o rebanho. (Atos 20:29 e 30.) Paulo disse que isto viria; Luciano em seus dias poderia dizer, de fato, que isto havia chegado. Dentro de cem anos após a morte de Paulo pode ser encontrada nos escritos de autores hoje altamente considerados pela Igreja Católica Romana a exaltação da tradição acima do nível das Sagradas Escrituras. Tertuliano (150 - 235 d.C.), que viveu no mesmo século que Luciano, depois de explicar as oblações para os mortos, o sinal da cruz sobre a testa, e o mergulhar três vezes na água os candidatos para o batismo, escreve:

Se, por essas e outras regras, você insistir em ter uma prescrição das Escrituras, você não encontrará nenhuma. Será pregado para você que a origem destas prescrições é a tradição, o costume seu fortalecedor, e a fé sua guardadora.²³

A Igreja do Deserto acreditava que a Bíblia era suprema. Seus membros acreditavam que o Espírito Santo e a palavra concordavam, e eles se lembravam que Jesus enfrentou cada teste que Satanás colocou para Ele na hora de tentação com as palavras: “Está escrito.” Defender as Sagradas Escrituras como um guia infalível para a salvação exclui a admissão de qualquer outra autoridade a nível tão alto. Exaltar a tradição e colocá-la ao nível da Bíblia abre a porta para admitir todos os tipos de escritos como portando o selo da autoridade divina. Além disso, coloca um fardo impossível sobre os crentes verificar uma vasta gama de literatura.

Os mundos protestante e católico ensinam que as Escrituras Sagradas são de Deus. Há uma diferença, no entanto, pois os protestantes admitem a Bíblia e a Bíblia somente, enquanto o papado coloca as tradições da igreja em igualdade com as Escrituras. O Concílio de Trento, 1545, cujas decisões são autoridade suprema sobre doutrina na Igreja Católica Romana, fala o seguinte sobre a tradição escrita e não escrita:

O sagrado, santo e ecumênico Sínodo geral de Trento, seguindo o exemplo dos pais ortodoxos, recebe e venera com igual afeto de piedade e reverência, todos os livros tanto do Antigo como do Novo Testamento, – visto que um Deus é o autor de ambos, e também das ditas tradições, bem como daquilo que pertence fé e à moral, como tendo sido ditado, seja pela própria palavra de boca de Cristo, ou pelo Espírito Santo, e preservada por uma sucessão contínua na Igreja Católica.²⁴

Que este princípio ainda prevalece na Igreja Católica Romana é mostrado pelas palavras do célebre cardeal Gibbons de Baltimore, que foi por muito tempo o principal expoente de sua igreja nos Estados Unidos. Assim ele escreve:

Uma regra de fé, ou um guia competente para o céu, deve ser capaz de instruir em todas as verdades necessárias para a salvação. Mas, as Escrituras por si só não contêm todas as verdades que um cristão é obrigado a acreditar, nem explicitamente ordenam todos os deveres que ele é obrigado a praticar. Sem mencionar outros exemplos, não é todo cristão obrigado a santificar o domingo e abster-se naquele dia de trabalho servil desnecessário? Não está a observância

desta lei entre os mais proeminentes de nossos deveres sagrados? Mas você pode ler a Bíblia do Gênesis ao Apocalipse, e você não encontrará uma única linha autorizando a santificação do domingo. As Escrituras impõem a observância religiosa do sábado, um dia que nunca santificamos.²⁵

Luciano foi obrigado a tomar sua posição contra a maré de erro que estava subindo em seus dias. Ele era diametralmente oposto à escola de teologia em Alexandria, cujos ensinamentos exaltavam a tradição. Tertuliano tomou a mesma posição como fizeram outros autores do norte de África, direta ou indiretamente favorecidos pelo Papado.

Luciano enfrentou os ensinamentos contraditórios sobre a obrigatoriedade dos dez mandamentos. A mesma inconsistência é manifesta na doutrina papal de hoje, pois *A Enciclopédia Católica* diz: “A Igreja, por outro lado, depois de mudar o dia de descanso do Sábado judaico, ou sétimo dia da semana, para o primeiro, fez o terceiro mandamento se referir ao domingo para ser santificado como o Dia do Senhor. O Concílio de Trento (Sessão 6, cân. 14) condena aqueles que negam que os Dez Mandamentos sejam obrigatórios para os cristãos”. Isto contradiz diretamente os ensinamentos de Tomás de Aquino sobre o quarto mandamento.²⁸ E deve ser lembrado que a Igreja Romana lhe dá a primazia como expositor da doutrina papal.

POSICIONANDO-SE CONTRA A TEORIA DE “NENHUMA LEI”

Se qualquer parte dos Dez Mandamentos é cerimonial, como Thomas de Aquino ensina, então, a alegação de que todos eles são perfeitos, imutáveis e eternos em sua vigência sobre todos os homens cai por terra. O célebre Reformador, Calvino, refutou indignado a análise de Thomas de Aquino.²⁹ A acusação feita por Tomás de Aquino de que o mandamento do sábado foi cerimonial não é sustentada pela mudança do sábado para o domingo, pois, se designar um dia específico da semana é cerimonial, então o domingo seria tão cerimonial como o sábado. Nem a escolha de qualquer outra sucessão de dias, como um dia em dez, ou um dia em vinte, escaparia dessa condenação. Uma vez que o Novo Testamento ensina que a lei cerimonial foi pregada na cruz, essa tentativa de fazer o quarto mandamento parcialmente cerimonial, colocando-o como um brinquedo nas mãos da igreja, claramente ensinou a abolição da lei moral. Aqui pode ser visto quão diametralmente a citação acima da *Enciclopédia Católica* discorda de Tomás de Aquino. O primeiro diz que o Decálogo é moral; o segundo afirma que é parcialmente cerimonial. O cardeal Newman elogiou Alexandria, a sede do gnosticismo, movimento poderoso que rejeitou o Antigo Testamento e com ele os Dez Mandamentos. Luciano tomou posição contra os defensores da

teoria de “nenhuma-lei” e ensinou a obrigatoriedade dos Dez Mandamentos. Por isso ele foi chamado um “judaizante” pelo cardeal John Henry Newman.³⁰

Excessivo em suas denúncias contra Luciano, e mestre no uso do inglês, Newman, ao fundar o Movimento Oxford, tentou desprotestantizar o mundo ocidental. Todos devem admitir a grande capacidade de debate do professor de Oxford que deixou a Igreja da Inglaterra para entrar no sacerdócio católico romano. Ele partiu para defender os teólogos Alexandrinos.³¹ Ele procurou diligentemente encontrar outra maneira de contornar a verdade. Newman e o Movimento Oxford como antagonistas trabalharam para estigmatizar a Versão Autorizada da Bíblia como desonesta na doutrina.³² A fim de garantir uma razão para escrever o seu livro intitulado *Os Arianos do Quarto Século*, livro que praticamente é ateísmo usando uma máscara evangélica, ele foi obrigado a reconhecer a notável liderança de Luciano. Então ele disse: “Agora vamos avançar para a história deste Luciano, um homem de erudição, e, por fim, um mártir.” Ele negligenciou, no entanto, afirmar que por séculos a ortodoxia de Luciano tem sido defendida por grandes estudiosos como o cardeal César Barônio, o bispo George Bull e Henry Melville Gwatkin. Assim Newman ressuscitou contra Luciano o velho slogan de judaizante. Quando um modernista é pressionado por uma arma para atacar os defensores dos dez Mandamentos, ele traz de novo o velho espectro de judaizante. Quais são os fatos históricos? Newman reconheceu que os judeus “se tornaram um corpo político influente nas vizinhanças de seu antigo lar, especialmente nas províncias sírias que eram naquela época a residência principal da corte.”³³

No entanto, Newman não conseguiu adicionar os fatos admitidos pela *Enciclopédia Católica*, que “por muito tempo os judeus devem ter formado a vasta maioria dos membros da Igreja nascente.”³⁴ Como a maioria dos crentes no Oriente foram por muito tempo judeus conversos, pode ser facilmente visto que o costume geral na igreja oriental era observar o sábado como o dia de descanso.³⁵ Dificilmente poderia ter sido de outra forma. O nobre cristianismo dos judeus convertidos foi inigualável. Séculos de treinamento pelos profetas tinha dotado os judeus crentes em Cristo com capacidade para compreender e propagar as verdades das Escrituras. Eles sentiam, como o mundo pagão não sentia, a força de termos como Deus, pecado, justiça e expiação.

Luciano, embora fosse gentio, é menosprezado pelo cardeal Newman como um Judaizante. Por quê? Aqueles que santificaram o sábado por se absterem do trabalho foram estigmatizados como judaizantes. Por que Luciano deveria observar o sábado como dia sagrado? Era o costume geral. O historiador da igreja, Sócrates, escreveu um século após Luciano: “Pois embora quase todas as igrejas em todo o mundo celebravam os mistérios

sagrados no sábado de cada semana, no entanto, os cristãos de Alexandria e em Roma, por conta de alguma tradição antiga, deixaram de fazer isso.”³⁶ Aqui nós notamos a união entre a igreja em Roma e em Alexandria, e seu antagonismo comum ao sábado do sétimo dia.

Sozomeno, um contemporâneo deste Sócrates, e também um historiador da igreja, escreve da mesma forma: “O povo de Constantinopla, e quase em toda parte, reúnem-se aos sábados, bem como no primeiro dia da semana, costume que nunca é observado em Roma ou em Alexandria.”³⁷

No Sínodo de Laodicéia (365 d.C.), os católicos romanos promulgaram um decreto de que “os cristãos não devem judaizar, descansando no sábado, mas devem trabalhar naquele dia.... Mas se alguém for verificado ser judaizante, sejam eles anátema de Cristo.”³⁸ Assim, esta lei da igreja não apenas proibiu seus seguidores de santificar o sábado, mas também estigmatizou como judaizantes aqueles que santificaram.

Uma longa lista de escritores da igreja primitiva poderia ser dada para mostrar que por séculos as igrejas cristãs geralmente observavam o sábado como o dia de descanso e descansavam do trabalho naquele dia. Muitas igrejas também comemoraram o dia da ressurreição de Cristo, tendo uma reunião religiosa no domingo, mas não reconheciam esse dia como o dia sagrado do quarto mandamento.³⁹

As igrejas em todo o mundo foram quase universalmente padronizadas segundo a igreja de Jerusalém em crença e prática. “É verdade que a liturgia antioquina descreve Jerusalém “como a mãe de todas as igrejas”.⁴⁰ Paulo escreveu:

Porque vós, irmãos, tornastes seguidores das igrejas de Deus que na Judeia estão em Cristo Jesus. (1 Tessalonicenses 2:14)

O apóstolo Paulo, portanto, é o autor do modelo judaico. Por quanto tempo esse padrão continuou? A citação dada acima, da *Enciclopédia Católica*, artigo “Calendário”, revela que grande número de cristãos, não alguns poucos, foi convertido dentre os judeus, de modo que o tipo judaico de cristianismo era quase universal, e assim continuou por muito tempo.

A Síria, terra de Luciano, possuía o tipo de cristianismo da Judeia. “Eles [os livros que DeLacy O'Leary estava descrevendo] certamente provam a existência continuada e vigorosa de um cristianismo judaico dentro do província da Síria.”⁴¹

O cristianismo judaico prevaleceu tão amplamente que alcançou a África, até na Abissínia. A igreja na Abissínia foi uma grande Igreja missionária. Também não devemos esquecer que a Igreja da Abissínia [que é distintamente do tipo judaico-cristão] tornou-se popular no quarto século. Na última metade desse século, Santo Ambrósio de Milão declarou

oficialmente que o bispo da Abissínia, Museus, “viajou quase em todo o país dos Seres”[China].⁴² Por mais de dezessete séculos, a Igreja da Abissínia continuou a santificar o sábado como o dia sagrado do quarto mandamento.

Já no segundo século, o cristianismo da Judéia na Síria produziu famosos eruditos em manuscritos da Bíblia. “O trabalho de Malquion é geralmente considerado como o início da “Escola Primária” de Antioquia... O verdadeiro líder no trabalho crítico foi Luciano que veio de Edessa e foi aluno de Malquion. O resultado foi um texto grego revisado em Antioqueno de ambos Testamentos.”⁴³ Luciano e sua escola, como Orígenes, trabalhavam no campo da crítica textual, mas ele usou manuscritos diferentes dos usados por Orígenes. Erasmo rejeitou os manuscritos de Orígenes, assim como Lucian.⁴⁴

Luciano prevaleceu sobre Orígenes, especialmente no Oriente. “As Bíblias produzidas pelos escribas sírios apresentaram o texto sírio da escola de Antioquia, e este texto tornou-se a forma que substituiu todos os outros nas igrejas do Oriente e é, de fato, o Textus Receptus (Texto Recebido) do qual nossa Versão Autorizada [King James de 1611] está traduzida.”⁴⁵

Antes de sua morte Luciano foi reconhecido em toda a cristandade como ortodoxo do ponto de vista da Bíblia e um fundamentalista. Restou para o cardeal Newman ressuscitar a calúnia de judaizante contra ele mil e quinhentos anos depois.

Um breve resumo das condições teológicas que prevaleceram nos dias de Luciano, e uma revisão de seu trabalho e influência, é agora apresentado.

1 TEOLOGIA

A escola de Antioquia, fundada por Luciano, desenvolveu um sistema de teologia tão real que, embora todo o poder do papado tivesse sido jogado contra este sistema, ele finalmente prevaleceu. O papado também desenvolveu um grande sistema de teologia que foi desafiado tanto pela Igreja no Deserto quanto pela Reforma.

2 QUALIDADE E NÃO QUANTIDADE

O sistema de teologia de Antioquia que estamos estudando foi proeminente; estendeu-se da Inglaterra para a China e do Turquestão para a Etiópia.

A teologia papal também era proeminente. Não é necessário indicar o curso dominante que ela tem tido em toda a terra. No entanto, os números não constituem a prova final da verdade. Por exemplo, mais milhões de pessoas no mundo seguem Buda do que seguem qualquer outra religião.

3

A BÍBLIA GENUÍNA

Luciano e sua escola reuniram e editaram uma Bíblia completa e definitiva. Era uma coleção dos livros do Gênesis ao Apocalipse. Escritores bem conhecidos como Jerônimo, Erasmo e Lutero, e, no século dezanove, John William Burgon e Fenton John Anthony Hort, sejam amigos ou adversários, concordam que Luciano foi o editor que passou para o mundo o Texto Recebido - o texto do Novo Testamento que foi adotado no nascimento de todas as grandes igrejas da Reforma. Nenhuma igreja nascida da Reforma, como Luterana, Calvinista, Anglicana, Batista, Presbiteriana, Metodista, Congregacional ou Adventista, adotou qualquer outra Bíblia que aquela cujo texto do Novo Testamento veio de Luciano.

O papado transmitiu ao mundo uma Bíblia indefinida e incompleta. Embora reconhecesse até certo ponto os livros do Gênesis ao Apocalipse, acrescentou-lhes sete outros livros não considerados canônicos pelas autoridades citadas acima. A Vulgata latina do papado adotou um texto do Novo Testamento com passagens radicalmente diferentes das correspondentes no Texto Recebido. O papado também fez os decretos dos conselhos e Bulas papais serem iguais aos livros da Bíblia. Em outras palavras, para a Igreja Católica Romana, as Escrituras ainda estão em elaboração. O papado exalta a igreja acima da Bíblia. O Cardeal Gibbons diz: “As Escrituras sozinha não contém todas as verdades que um cristão é obrigado a acreditar”.⁴⁶

4

MANUSCRITOS VERDADEIROS E FALSOS

O texto que Luciano deu ao mundo era, para todos os efeitos, puro e correto.⁴⁷ Mesmo os seus adversários declaram que não existem Testamentos

mais antigos que o de Luciano, e que com ele concordam o grande conjunto dos manuscritos gregos.

O texto católico romano dos livros de Gênesis ao Apocalipse e os sete livros apócrifos baseados nos manuscritos de Orígenes – mais tarde editado por Jerônimo - abundou em erros. Milhares desses erros foram notados e apresentados ao mundo por eminentes escritores católicos e não-católicos. Católicos admitem que Jerônimo era um teólogo polêmico e que permitiu que seus preconceitos distorcessem sua tradução.⁴⁹

5

RELAÇÃO COM A LEI DE DEUS

A teologia de Antioquia apoiava a obrigatoriedade dos Dez Mandamentos.

A teologia do papado reivindica autoridade para mudar os Dez Mandamentos.

6

CRISTO NOSSO SUBSTITUTO E PENHOR

A teologia de Antioquia ensina a salvação para o homem pecador através da morte substitutiva de Cristo na cruz. O Papado não ensina e nunca ensinou salvação para o homem pecador através da morte substitutiva de Cristo na cruz. A *Enciclopédia Católica* afirma: “Satisfação vicário”, um termo agora em voga, não é encontrado expressamente nos formulários da igreja, e não é uma expressão da mediação de Cristo”.⁵⁰

7

O SÁBADO

A maioria das igrejas da Síria e do Oriente continuaram a observar o sábado, o dia de repouso do quarto mandamento desde os dias dos apóstolos e através dos séculos. Daí a tentativa de estigmatizá-los como judaizantes.

O papado sempre procurou substituir a observância do domingo para a santificação do sábado, o dia de repouso do quarto mandamento. O papa Gregório I, em 603, declarou que quando o anticristo viesse, guardaria o sábado como o dia de repouso.⁵¹

8

NENHUMA UNIÃO DA IGREJA E DO ESTADO

A organização da igreja desenvolvida pelos apóstolos e continuada em grande parte pela teologia síria era simples e evangélica. Fundamentalmente, rejeitava a união da igreja e do estado.

A organização da igreja desenvolvida pelo papado é hierárquica. Ao longo de sua história, tem acreditado na união entre igreja e estado.

Luciano morreu antes de Constantino ter consumado a união da igreja com o estado. Os ensinamentos de Luciano, no entanto, continuaram a atormentar a cristandade imperial. A herança que ele deixou foi abraçada pela Igreja no Deserto. No final do século XV, o clero católico mostrou um amargo ódio ao aprendizado grego.⁵² O conhecimento do grego, no entanto, permaneceu no seio da Igreja no Deserto, tanto na Síria, norte da Itália, entre os celtas, ou em terras orientais. E onde quer que a verdadeira fé fosse realizada, o Novo Testamento, verificado e transmitido por Luciano, foi venerado e seguido.

As condições continuaram assim até o alvorecer da Reforma sob Lutero. O Papado tornou-se mais poderoso e mais autocrático. As igrejas permanecendo fiéis ao Novo Testamento, o cristianismo tornava-se mais e mais convicto de sua base, seguindo a liderança de Luciano. Finalmente, quando a grande Reforma começou, quase a primeira coisa que fizeram foi pegar e colocar no fundamento da Igreja Reformada o Novo Testamento grego de Luciano. Por outro lado, as quatro primeiras decisões do Concílio de Trento – o primeiro concílio mundial católico após o vigoroso começo da Reforma – condenaram o texto de Luciano e insistiram na Vulgata de Jerônimo. É verdade que os líderes da Reforma não se separaram de todos os ensinamentos do papado, posteriormente considerados pelos grupos protestantes como antibíblicos, a saber: a união da igreja com o estado, cerimonialismo, organização hierárquica, etc. O protestantismo deveria ter ido avante em suas reformas até que tivesse retornado à pureza da Igreja no Deserto.

Luciano por sua vida e por sua oposição aos erros alexandrinos mostrou que nunca aceitaria quaisquer doutrinas da Trindade que destruíssem a obrigação moral dos dez mandamentos; que ele recusava qualquer ensinamento que exaltasse a inspiração da igreja acima da inspiração do Bíblia, e que não aprovava qualquer autoridade que dividia o Decálogo em moral e cerimonial, é comprovado por seus escritos.

Luciano é um daqueles personagens do mundo que não precisa de um escultor para erigir um monumento à sua fama. A transmissão do Texto Recebido com seus efeitos incomparáveis ao longo dos séculos já é um monumento suficiente. Outro monumento é a influência de Luciano na grande Igreja do Oriente, reproduzido em sua vida e pensamento evangélico. Em sua história será visto a mão de Deus, construindo um fundamento seguro para a divina fé que viverá no longo período de deserto da igreja.

CAPÍTULO 6

VIGILÂNCIO, LÍDER DOS VALDENSES

O paganismo que tão cedo começou a se vingar introduzindo-se sorrateiramente nas doutrinas e práticas da igreja primitiva nunca tem sido completamente erradicado, e sempre esteve pronto para se tornar o núcleo de heresia ou corrupção quando a fé declinou ou o ardor esfriou.¹

O mais antigo líder de destaque entre os nobres Valdenses no norte da Itália e no sul da França é Vigilâncio (364-408 d.C.). Por alguns ele tem sido considerado o primeiro diretor supremo da igreja dos Valdenses.² Em seu tempo, os protestos contra a introdução de práticas pagãs no cristianismo primitivo intensificaram-se, resultando numa revolução. Foi então que as multidões que desejavam manter a fé uma vez entregue aos santos no norte da Itália e sudoeste da França consolidaram-se num sistema organizado. Desejando a verdade baseada apenas na Bíblia, aqueles que se recusaram seguir as inovações supersticiosas sendo trazidas para a igreja foram muito influenciados pelos claros ensinamentos das escrituras de Vigilâncio. Sem dúvida, Patrick da Irlanda, que estava ao mesmo tempo ampliando a igreja Irlandesa, foi estimulado pelas reformas ocorrendo no centro-sul da Europa.

Vigilâncio nasceu no sul da França, perto das montanhas dos Pireneus.³ Seu pai era o proprietário de um posto de revezamento, um “mansio”, uma daqueles muitas estações de viagem em todo o Império Romano. O primeiro lar do reformador era um centro de revezamento onde a troca de cavalos podia ser obtida para viajantes que, provavelmente, eram mercadores, embaixadores, ilustres personagens, bispos, turistas comuns ou mensageiros imperiais. O negócio oferecia ao jovem em crescimento abundante oportunidade de obter informações em todos os tópicos daqueles que se hospedavam na pousada da montanha de seu pai.

Enquanto Vigilâncio percorria os lugares solitários, cuidando dos rebanhos, caçando, ou guiando os viajantes pelos desfiladeiros da montanha, ele cresceu em estatura e sabedoria. Em algum momento em contato com viajantes cristãos ele aceitou a Cristo como seu Salvador. Perto estavam as propriedades do famoso historiador Sulpício Severo. Este renomado escritor foi o ídolo da classe mais instruída. Em sua mansão ele foi, em algum momento, anfitrião de praticamente todos os homens importantes de seus dias. Ele convidou Vigilâncio para entrar em seu negócio, primeiro

provavelmente no serviço ordinário, mas depois como cobrador de aluguéis e gerente de suas propriedades.

Enquanto Vigilância estava empregado nos serviços deste historiador, uma grande mudança veio sobre Sulpício Severo. Ele foi levado pela onda de ascetismo e monasticismo que estava propagando-se para o oeste. Vigilância cedo aprendeu a amar seu empregador. Ele admirou muito o intelecto brilhante deste homem que poderia alimentar os famintos, vestir os pobres, e visitar os doentes, enquanto engajado em muitos trabalhos literários.

A LUTA CONTRA O MONASTICISMO

Não muito longe ao norte, morava Martinho, bispo de Tours. Perto das margens do rio Loire, este prelado fundou o primeiro mosteiro na França. As extremas austeridades do ascetismo a que ele havia se submetido, juntamente com os relatos inflamados de seus chamados milagres, permitiu-lhe afrouxar no Ocidente a paixão pela vida monástica. Sulpício Severo acompanhado por Vigilância, seu financista celta, partiu para visitar Martinho. Essa entrevista produziu uma mudança profunda na vida de ambos Sulpício e Vigilância, mas em direções opostas. O fanatismo de Martinho, bispo de Tours, atraiu Sulpício e seus talentos brilhantes para a vida monástica.

Tais foram as cenas narradas a Vigilância por Sulpício, se não realmente testemunhado por ele; e ele não poderia permanecer cego para o fato de que seu patrão não foi nem mais feliz nem melhor por sua visita ao bispo de Tours. Depois de seu retorno para casa, a imagem de Martinho assombrou o sensível historiador: ele foi perseguido pela lembrança do prelado ascético dormindo na terra fria, com nada além de cinzas espalhadas debaixo dele e coberto apenas com pano de saco; recusando uma cama mais macia, ou roupas mais quentes, mesmo em doença grave; declarando que um cristão deveria morrer em cinzas; alimentando-se dos mais nocivos alimentos, e negando a si mesmo toda satisfação; orando na postura mais penosa, tirando o sono de seus olhos, e expondo-se aos extremos de calor e frio, fome e sede. A imaginação de Sulpício refletia sobre o que havia visto e ouvido em Marmoutier, até que acreditou que o céu estaria fechado sobre ele, a menos que praticasse as mesmas austeridades.⁴

O amor do maravilhoso, o hábito de insistir em histórias de maravilhas e de praticar austeridades ascéticas, apoderou-se do empregador de Vigilância. Por outro lado, Vigilância viu no sistema uma forma de religião sem a simplicidade do evangelho de Cristo.

Assim, Vigilância via de um lado a exaltação presunçosa, orgulho espiritual e pretensão ao poder miraculoso; e do outro lado, uma falsa humildade e debilidade do entendimento, ambos crescendo do mesmo sistema equivocado do ascetismo: um sistema que minava a doutrina do sacrifício completo e suficiente de Cristo, e atribuía um valor indevido aos sofrimentos e performances de

homens como Martinho de Tours – as quais ele provavelmente antevia que no fim iria elevá-los nas mentes de irmãos fracos, para uma posição de mediador, e torná-los pouco menos do que objetos de adoração divina. Consequentemente, devemos atribuir às impressões recebidas pela primeira vez na casa de Sulpício, os esforços que Vigilância depois fez para expor os erros do ascetismo, e para reprimir o progresso da hagiolatria.⁵

O abismo entre Vigilância e Sulpício, que foi formado por sua visita a Martinho foi ampliada quando Sulpício o empregou como mensageiro para Paulino de Nola, Itália. Este excelente homem também tinha ido a um retiro onde ele poderia dar o seu tempo “para aquelas práticas sedutoras, que depois se tornaram características da Igreja Latina; e, no fim, provou-se tão fatal à simplicidade do evangelho.... Observâncias religiosas, transferidas de altares pagãos a santuários cristãos, foram dignificadas com título de honras devido à memória de um santo falecido; e como os heróis da antiguidade foram invocados pelos ancestrais de Paulino, assim ele próprio substituiu o nome de Felix para o de Hércules ou Quirino, e implorou a ajuda de um mártir morto, quando nenhum outro nome em oração deveria estar em seu lábios, senão aquele do único Mediador entre Deus e o homem”.⁶ Além disso, nos é dito que o papa Gelásio, no quinto século, introduziu no Oriente o festival de purificação, juntamente com uma procissão de luzes, para completar a festa pagã Lupercália.⁷

Qual deve ter sido o efeito sobre o nosso simples montanhista quando contemplou na Itália belos santuários erguidos para celebrar um eremita? Através da graça divina, Vigilância escapou da paixão que desce quase irresistivelmente sobre aqueles que se entregam a práticas projetadas para suplantar a simplicidade do evangelho.

A era dos apóstolos desapareceu na era dos pais da igreja. Aprendizado e argumento foram usados para provar as verdades do evangelho em vez das palavras “que o Espírito Santo ensina” (1 Coríntios 2:13). Isto foi especialmente verdadeiro na Europa e na África.

REVOLTA CONTRA O ASCETISMO E O MONASTICISMO

Como se o resgate do Redentor não fosse suficiente sem seus próprios sofrimentos, aqueles que praticavam o ascetismo impunham terríveis tormentos sobre si mesmos. Eles minaram a doutrina da completa e suficiente expiação de Cristo pelo pecado. Procissões foram formadas, relíquias exibidas, e incenso era queimado diante do túmulo de algum exaltado asceta.

O monasticismo seguiu os passos do ascetismo. Justino Mártir (150 d.C.) foi proeminente entre os primeiros apóstatas por causa de seus pervertidos ensinamentos.⁸ Ele foi seguido por seu aluno Tatiano, que por sua vez ensinou Clemente (190 d.C.), fundador da escola eclesiástica de Alexandria. Clemente declarou que ele entregaria o evangelho misturado com filosofias pagãs. Mas ficou para Orígenes, aluno de Clemente, que se mutilava a si mesmo, iniciar a glorificação do celibato.

O monasticismo não é um produto do cristianismo. Foi importado de Religiões não-cristãs. O cristianismo viu-o introduzido pela primeira vez do Egito, evidentemente vindo do budismo. Havia duas classes de monges. A primeira, os anacoretas, procuravam viver sozinhos nos lugares mais sombrios e selvagens no deserto. A segunda classe, os monges, evitando a vida solitária, reuniram-se em comunidades chamadas mosteiros. Recusando a obediência a qualquer superior espiritual, exceto a cabeça suprema da igreja, colocaram no comando do Papado um vasto exército móvel de homens não responsáveis por qualquer congregação. Que seja lembrado que as escolas de treinamento bíblico do cristianismo celta e sírio não eram mosteiros desse tipo, embora haja escritores que digam isso. Os internos dos mosteiros tinham um programa diferente das escolas de treinamento bíblico, cujos alunos estavam lá, não para a vida toda, mas para um período de treinamento, como a juventude de hoje sai de casa por quatro anos na faculdade.

Os monges em certos momentos ostentavam-se, ou prostravam-se e ajoelhavam-se. Todas essas exhibições eram sintomas de um sistema eclesiástico em crescimento, e eles ajudaram a preparar o caminho para a união da igreja papal com o Estado. No entanto, estes e outros afastamentos do cristianismo do Novo Testamento agitaram profundamente em todos os países aqueles que se tornariam líderes contra as novas perversões, e quem exigiria um retorno “à lei e ao testemunho.” (Isaías 8:20).

OS PRECURSORES DE VIGILÂNCIO

A esplêndida cidade de Milão, no norte da Itália, foi o elo de ligação entre o cristianismo celta no Ocidente e o cristianismo sírio no Oriente.⁹ Os missionários das primeiras igrejas da Judéia e da Síria estamparam firmemente na região em torno de Milão a simples e apostólica religião. Milão foi o ponto de encontro de inúmeros concílios do clero do Oriente, de modo que as primeiras liturgias de Antioquia, Milão e Gália eram praticamente idênticas.¹⁰ É impossível encontrar um tempo através dos séculos quando não houve oposição no norte da Itália à hierarquia romana,

às vezes grande, às vezes pequena, mas sempre evangélica. Dr. Allix afirma esse fato assim:

Para este propósito, será útil estabelecer também a constituição da igreja, como a maneira pela qual a diocese de Milão continuou independente até o meio do décimo primeiro século, época em que os Valdenses foram obrigados a testificar mais abertamente sua aversão pela Igreja de Roma como uma Igreja anti-cristã. Será fácil para eu executar o que tenho proposto por mim mesmo, seguindo a história da igreja. Antes do Concílio de Nicéia, encontramos a diocese da Itália muito distinta da de Roma.¹¹

O Dr. Faber apresenta, nas palavras seguintes, uma maneira pela qual esse abismo entre as igrejas do distrito de Milão e Roma se originou:

Agora este distrito, no lado oriental dos Alpes Cócios, é o exato país dos Vallenses [Valdenses]. Aqui seus antepassados se retiraram, durante as perseguições do segundo e terceiro e quarto séculos: aqui, providencialmente isolado do mundo, eles retiveram as doutrinas e práticas precisas da primitiva igreja a eles encarecidas pelo sofrimento e pelo exílio; enquanto os ricos habitantes das cidades e férteis planícies, corrompidas por um agora opulento, suntuoso e poderoso clero, foram diariamente afundando mais e mais nessa apostasia que foi tão graficamente predita pelo grande apóstolo.¹²

OS OPOSITORES DE PRÁTICAS PAGÃS

O primeiro dentre aqueles que protestaram contra as práticas pagãs na igreja foi Helvídio I (250-420 d.C.). É interessante notar que três dos destacados oponentes das inovações papais no cristianismo latino eram do norte da Itália. Estes eram Helvídio, Joviniano e Vigilância. Quanto a Helvídio, tudo o que foi escrito por ele e para ele tem sido destruído. Embora ele vivesse um século e meio depois de Justino Mártir e mais de um século depois de Tertuliano, Cipriano, Orígenes e Clemente, os escritos destes foram preservados, enquanto os dele foram destruídos. Helvídio pertenceu à igreja que se esforçou por entregar as doutrinas da Bíblia na forma pura. Ele é famoso por revelar que Jerônimo usava manuscritos gregos corrompidos na publicação da Vulgata, a Bíblia latina do papado. Se os trovões de Jerônimo não tivessem se voltado contra Helvídio, saberíamos menos sobre ele.

“Helvídio, um dos chamados heresiarcas do quarto século, um leigo que se opôs às crescentes superstições da igreja... Ele era um aluno de Auxêncio, bispo de Milão e precursor de Joviniano.”¹³ Duchesne salienta que Auxêncio, durante vinte anos à frente da diocese de Milão, era da Ásia Menor e impressionou as regiões de liderança síria no cristianismo. Ousado em seu conhecimento, Helvídio acusou Jerônimo, como o próprio Jerônimo admite, de usar manuscritos gregos corruptos.¹⁴

Essa parte do sistema eclesiástico do século IV, que era peculiarmente ascética e rígida, encontrou uma personificação em Jerônimo, quem exibiu seus piores e mais repulsivos traços em todo curso de sua vida e em sua conversação. Amargura, inveja, intolerância e insatisfação em cada manifestação de santidade que não atingia seu padrão pessoal, tornaram-se habitual para ele, e foram denunciados em quase tudo que ele escreveu, disse ou fez. Censura, e espírito injurioso, estavam entre os seus mais marcantes defeitos, e os melhores homens da época não escaparam de sua censura”.¹⁵

O segundo renomado reformador do norte da Itália e precursor de Vigilância era Joviniano (330-390 d.C.). Ele era tão superior em conhecimento que as tentativas unidas de eruditos defensores do papado como Jerônimo, Agostinho, e Ambrósio não conseguiram derrubar seus argumentos bíblicos e históricos.¹⁶ Dele Albert H. Newman diz:

Que o protesto de Joviniano despertou grande interesse e recebeu influente apoio é evidente da animada polêmica de Jerônimo, e dos procedimentos públicos que foram instituídos contra ele em Roma e Milão... A persistência da influência de Joviniano é vista no movimento liderado por Vigilância. *Não é improvável que seguidores de Joviniano se refugiaram nos vales alpinos, e lá mantiveram vivo o ensinamento evangélico que deveria reaparecer com vigor no século XII.*¹⁷

Beuzart relata como um erudito historiador francês fala da implacável perseguição realizada até 1215 por monges contra os chamados hereges chamados Jovinianistas, Patarinos e Albigenses.¹⁸

Joviniano atraiu a ira de Jerônimo porque ensinou que a vida de pessoas casadas, todas as outras coisas sendo iguais, é totalmente aceitável à vista de Deus como aqueles que não são casados; que comer com ação de graças é tão louvável a Deus como a abstinência; e que todos os que são fiéis aos seus votos batismais serão igualmente recompensados no dia do julgamento. Por causa disso, Jerônimo disse que Joviniano tinha “o assobio da velha serpente”, “lixo nauseante” e “a mistura venenosa do diabo”.¹⁹

Vigilância estava convencido de que o novo sistema de austeridades, procissões, e sacramentos não resultaram em tornar os homens preeminentemente felizes e piedosos. Vigilância testemunhou muito dos tumultos eclesiásticos da época.

Quando Dâmaso foi eleito papa, em 366 d.C., as dissensões em Roma estavam tão violentas que os portões da basílica, onde seu rival foi consagrado, foram abertos, o telhado foi arrancado, o edifício foi incendiado, e cento e trinta e sete pessoas foram mortas.²⁰

Distúrbios eclesiásticos semelhantes foram vistos nessa época na Palestina. Jerônimo, em uma de suas epístolas, declara que suas brigas privadas eram tão furiosas quanto eram as dos bárbaros.

O QUE CAUSOU A RUPTURA ENTRE VIGILÂNCIA E ROMA?

Quando Vigilâncio retornou a Sulpício, seu empregador, ele ficou no ponto de separação dos caminhos. De um lado havia Martinho, bispo de Tours, correndo da cova para a cela no entusiasmo de supostos milagres; havia Sulpício, voltando-se de sólidos conhecimentos para fábulas e visões; e o gentil Paulino de Nola estava rastejando diante da imagem de um santo favorito – uma vítima de delírios. Por outro lado, havia Helvídio desafiando os manuscritos corruptos nas mãos de Jerônimo, o bispo de Roma e seus seguidores; havia o grande líder Joviniano defendendo simplicidade do evangelho e um clero casado. O evento que fez com que Vigilâncio se decidisse foi sua visita a Jerônimo.

Por esta altura os godos, celtas e francos tinham esquecido seus dias de invasão e suas diferenças religiosas, e estavam sendo unidos pelos laços invisíveis da vida comunitária. Eles valorizavam sua Bíblia em latim (não a Bíblia latina de Jerônimo), geralmente chamada de *Ítala*, “porque foi lida publicamente em todas as igrejas da Itália, França, Espanha, África e Alemanha, onde o latim era compreendido; e *Vetus*, por ser mais antiga do que qualquer uma das outras.”²¹ Para suplantar esta nobre versão, Jerônimo, a pedido do papa e com dinheiro fornecido por ele, trouxe uma nova Bíblia em latim. Ele foi admirado pela igreja imperial como o oráculo de sua época. Vigilâncio tendo herdado a riqueza de seu pai e desejando consultar Jerônimo, determinou-se a visitá-lo em sua cela em Belém.

Ele seguiu pela Itália, fazendo uma segunda visita a Paulino. Enquanto estava lá, procissões para o túmulo do santo foram feitas, acompanhadas pelo balanço de incenso e transporte de velas acesas; mas Vigilâncio não disse nada. As maneiras gentis de Sulpício e Paulino juntamente com suas submissas devoções suavizaram sua decepção. Quando, no entanto, ele encontrou as ferozes polêmicas de Jerônimo, os olhos do reformador gaulês foram abertos.

Vigilâncio, 396 d.C., foi portador de uma carta de Paulino para Jerônimo, e esta foi a introdução que o fez pessoalmente familiarizado com o homem mais extraordinário daquela época. Jerônimo foi o terror de seus contemporâneos; o homem acima de todos os outros que, em uma tentativa equivocada de cumprir seu dever para com Deus, falhou em seu dever para com os homens, desatento às palavras do apóstolo, “Se alguém disser: eu amo a Deus e odeia a seu irmão, é um mentiroso”, etc. A mortificação da carne tendeu a inchar seu espírito, e de todos os escritores polêmicos do quarto século, ele era o mais amargo e severo.²²

O primeiro encontro de Vigilâncio com Jerônimo em Belém é descrito nessa linguagem:

Um caminho estreito saindo da rua, no local onde anteriormente ficava o túmulo do rei Arquelau, conduziu o viajante para a cela de Jerônimo; aqui ele encontrou o asceta vestido de uma vestimenta tão grosseira e sórdida, que sua própria vileza

tinha a marca do orgulho espiritual, e parecia dizer: “Fique de fora, meu portador é mais santo do que tu.” O rosto do monge estava pálido e abatido. Ele vinha se recuperando lentamente de uma doença grave, e estava desgastado na sombra. Lágrimas frequentes tinham arado suas bochechas com sulcos profundos; seus olhos estavam afundados em suas órbitas; todos os ossos de seu rosto estavam esboçados e salientes. Jejum prolongado, mortificação habitual e o desgosto com ocasiões de disputa sem fim, tinham dado ao semblante um ar de tristeza que mal concordavam com sua vangloria de que sua cela era para ele como um caramanchão no Jardim de Éden.²³

Vigilância foi a princípio recebido calorosamente por Jerônimo. As cenas em Belém eram as mesmas que ele havia testemunhado nas propriedades de seus amigos que haviam sido arrastados pela maré do ascetismo. A amargura de temperamento e as ferozes expressões injuriosas do editor da Vulgata começaram a levantar dúvidas na mente de Vigilância, no entanto, quanto ao valor de todo o sistema. O presbítero gaulês ficou especialmente indignado com as críticas de Jerônimo a Paulino; mas foi quando Jerônimo se voltou ferozmente contra Rufino, seu ex-amigo, que a ruptura entre Vigilância e Jerônimo ocorreu.

Vigilância saiu de Belém para visitar Rufino em Jerusalém. Não havia nada na vida e atmosfera daquela cidade antiga para encorajar o visitante do sul da França. Ele aprendeu o suficiente de sua entrevista com Rufino para recuar da liderança de Jerônimo e descobrir o primeiro protesto surgindo em seu coração contra o novo sistema de ascetismo e monasticismo. Retornou de Jerusalém para Belém totalmente determinado a protestar contra os caprichos anticristãos do monge a quem poucos se atreviam a opor. Como resultado desse encontro, Vigilância resolveu afastar-se para sempre dos sucessores contenciosos da escola alexandrina, por causa de sua vaga teologia e porque se associaram com a multidão de monges egípcios. Determinou-se a levantar sua voz em defesa da primitiva simplicidade do evangelho.

Ocorreu outro incidente para fortalecer sua resolução. Ele revisitou Nola, na Itália, retornando pelo Egito. Pode-se imaginar sua indignação quando ficou sabendo que Jerônimo não estava satisfeito com todas as humilhações e sofrimentos que Paulino tinha sofrido para se conformar ao ascetismo, mas escreveu uma exigência insultuosa de que seu amigo entregasse toda a sua riqueza imediatamente.

Então Vigilância decidiu quebrar o silêncio. Como e onde e contra o que, aprendemos com a resposta de Jerônimo a Reparius, um padre do sul da França, a quem, por volta de 404 d.C., Jerônimo escreveu o seguinte sobre Vigilância:

Eu mesmo já tenho visto o monstro e fiz o meu melhor para ligar o maníaco com textos das Escrituras, como Hipócrates liga seus pacientes com cadeias; mas “ele

foi embora, ele partiu, ele escapou, ele irrompeu”, e se refugiando entre o Adriático e os Alpes do rei Cotius, pronunciados contra mim.²⁴

Nos Alpes Cócios, região situada entre os Alpes e o mar Adriático, Vigilância iniciou seus esforços públicos para parar as cerimônias pagãs que estavam sendo batizadas na igreja. Por que ele escolheu essa região? Porque lá se encontrou com pessoas que aderiram aos ensinamentos das Escrituras. Eles haviam se retirado para aqueles vales a fim de escapar dos exércitos de Roma. “Ele talvez estivesse ciente de que encontraria nos Alpes Cócios uma raça de pessoas, que se opunham a essas noções de celibato e votos de continência, as quais formavam o dogma favorito de Jerônimo, e estavam no fundamento de todas as suas austeridades ascéticas”.²⁵

Quão proveitosos foram os esforços de Vigilância, podem ser vistos na seguinte citação, tirada de outra carta de Jerônimo a Reparius: “Vergonhoso é relatar, há bispos que dizem estar associados a ele em sua maldade – se é que devam ser chamados bispos – que não ordenam diáconos, mas que foram previamente casados.”²⁶ Não se sabe se os bispos que estavam concordando com Vigilância em sua cruzada contra o cristianismo semipagão de seus dias estavam no lado italiano ou francês dos Alpes. Isto pouco importava no que dizia respeito a Jerônimo, já que a pregação de Vigilância em ambos os lados dessas montanhas causou as denúncias estrondosas de Jerônimo, o grande campeão da igreja do estado, que foi ouvida por todo o Mediterrâneo a partir de Belém. Assim, a nova missão de Vigilância criou uma ruptura entre aqueles que optaram por andar no caminho apostólico e aqueles que deram “desenvolvimento” à igreja como razão para adicionar cerimônias pagãs para a fascinação da suntuosidade do estado.

A NOVA ORGANIZAÇÃO DAS IGREJAS LIVRES

As igrejas alpinas da França e da Itália não foram arrastadas para a nova histeria. De braços abertos deram as boas-vindas a Vigilância, e sua pregação era poderosa. “Ele faz seus ataques de surpresa às igrejas da Gália”, gritou Jerônimo. Aqueles no sul da França que desejavam os novos ensinamentos apelaram a Jerônimo para defender as inovações contra os ataques de Vigilância. A resposta de Jerônimo, endereçada a Reparius, revela quais doutrinas e práticas o reformador gaulês estava denunciando – o celibato da igreja, adoração de relíquias, velas acesas, vigílias durante toda a noite e orações aos mortos.

Por várias vezes Jerome implorou para enviarem a ele o livro que Vigilância escrevera. O historiador Milner exclamou: “Para uma única página de Joviniano ou Vigilância eu de bom grado desistiria de todas as injúrias de Jerônimo.”²⁷ O novo líder das igrejas que não se uniram ao estado

gastou sua fortuna na coleta de manuscritos, circulando as Escrituras, e empregando copistas para escrever panfletos, folhetos e livros. Jerônimo exigiu que ele fosse entregue ao estado para banimento ou morte; e como historiadores e os decretos dos papas apontam, a igreja estatal, ao buscar a vida dos oponentes, entregou-os ao tribunal secular para punição.²⁸ Isso foi feito para disfarçar o crime.²⁹ “A língua do miserável deve ser cortada, ou ele deve ser colocado sob tratamento para insanidade”, escreveu Jerônimo. Assim os líderes eclesiásticos, apoiados pelo poder policial estadual, estavam abandonando a persuasão do amor pelo brutal argumento da força.

Apesar de tudo isto, aqueles nas regiões em consideração, estavam determinados a seguir somente a Bíblia. Eles estavam crescendo em força e estavam se aproximando. Sob o impulso das campanhas de Vigilância, uma nova organização estava sendo criada, destinada a persistir através dos próximos séculos. Vigilância tinha-se preparado para isso ao longo dos anos, gastando dias e noites para estudar e pesquisar. É um fato lamentável que nenhum de seus escritos foram preservados.

Quão desmoralizante foi a influência da histeria monástica pode ser vista na transformação operada em Agostinho (354-430 d.C.). Este renomado escritor da igreja (provavelmente de todos os padres católicos, o mais adorado pelo papado) foi forçado pela pressão popular a adotar as opiniões de Jerônimo, e estava em correspondência com ele. Sua entrega completa à política de perseguição é dada por Limborch.³⁰ Agostinho, de seu trono episcopal no norte da África, deu ao papado uma arma mortal; ele inventou a monstruosa doutrina de “força-os a entrar”. Assim, lançou as bases para a Inquisição. Intoxicado com a filosofia grega, clamou que seu espírito enchia sua alma com um fogo incrível.³¹ Ele tinha vagueado nove longos anos no maniqueísmo, que ensinava a união de igreja e estado e exaltou a observância do primeiro dia da semana.³² Agostinho encontrou muitas razões pelas quais as doutrinas e práticas da igreja deveriam fazer-se cumprir pela espada.³³ A doutrina “força-os a entrar”, enviou milhões à morte por crime não maior do que se recusar a acreditar nas formas de culto eclesiástico impostas pelo estado. Tal era a atmosfera da época em que Vigilância ministrava.

Em seus dias, existia outra controvérsia que era para abalar o mundo cristão. Milão, centro do norte da Itália, assim como todas as igrejas orientais, estava santificando o sábado do sétimo dia, enquanto Roma estava exigindo que seus seguidores jejuassem neste dia em um esforço para desacreditá-lo. Exemplos interessantes do conflito são dadas por um eminente estudioso e escritor, Dr. Peter Heylyn.³⁴ Ambrósio, o célebre bispo de Milão, e Agostinho, o mais célebre bispo da África, ambos contemporâneos de Vigilância, descreveram a interessante situação. Ambrósio disse que quando ele estava em Milão guardava o sábado, mas

quando em Roma, jejuava no sábado e observava o domingo. Isso deu origem ao provérbio: “Quando você está em Roma, faça como Roma faz”. Agostinho lamentou o fato de que em duas igrejas vizinhas na África, uma observava o sábado do sétimo dia, e outra jejuava neste dia.³⁵

Vigilância foi chamado de “o precursor da reforma”, “um dos mais antigos de nossos antepassados protestantes.”³⁶ Embora as práticas contra as quais ele protestou continuaram por centenas de anos, assim a influência de sua pregação e liderança entre os valdenses³⁷ abriu com fogo seu caminho através dos séculos até se unirem às reformas heróicas de Lutero. Enquanto o papado promovia perseguições de tempos em tempos contra os valdenses, proclamava a “heresia” dessas regiões como sendo da mesma marca que a de Vigilância. Dois séculos depois escritores medievais nivelaram seus ataques contra Claude, bispo de Milão, e contra seus seguidores alegando que ele estava infectado com o “veneno” de Vigilância.³⁸ Desde os dias do reformador gaulês, numerosas igrejas do norte da Itália e do sul da França tinham uma cor completamente diferente daquela do eclesiasticismo legal. Assim, Vigilância, no sul da Europa, como o seu contemporâneo, Patrick, da Irlanda, pode ser contado como sendo uma das primeiras brilhantes estrelas da Igreja no Deserto.

CAPÍTULO 7

PATRICK, ORGANIZADOR DA IGREJA NO DESERTO NA IRLANDA

De tudo o que se pode aprender dele (Patrick), nunca houve missionário cristão mais nobre... Ele foi para a Irlanda por amor a Cristo e por amor às almas dos homens... Estranho que um povo que não devia nada a Roma em conexão com a sua conversão a Cristo, e que lutou muito contra suas pretensões, deva agora ser classificado entre seus mais devotos adeptos.¹

A figura heróica de Patrick, levado cativo ainda menino à escravidão, destaca-se como um criador da civilização. Ele não era apenas um arquiteto da sociedade européia e o pai do cristianismo irlandês, mas levantou um padrão contra lobos espirituais entrando no aprisco em roupas de ovelha. Muita lenda e ficção têm sido escritas sobre ele que quase se é levado a acreditar que havia dois indivíduos - o verdadeiro Patrick e o Patrick fictício. Esta declaração pode ser uma surpresa para muitos, mas é um fato que o Patrick real pertencia à Igreja no Deserto. Ele não deveria ser colocado onde certos historiadores parecem determinados a colocá-lo. Os fatos apresentados nas próximas páginas serão, sem dúvida, uma revelação para muitos que, enganados por descrições erradas, não perceberam de que igreja Patrick era filho e apóstolo. Como será mostrado mais tarde, ele era daquela igreja primitiva que foi trazida para a Irlanda da Síria.² De maneira nenhuma estava ligado ao tipo de cristianismo que se desenvolveu na Itália e que estava sempre em guerra com a igreja organizada por Patrick.

Patrick pertence à raça celta, da qual os bretões da Inglaterra como também o escocês e o irlandês, fazem parte. A vivacidade do temperamento celta é caracterizada pela nobre coragem sob perigo e por um profundo amor pela aprendizagem. Os celtas, como os alemães, possuem um profundo fervor religioso que os torna dedicados à fé de sua escolha. Esta raça outrora se estendera desde a Cítia até a Irlanda.³ Os Celtas são descendentes de Gomer, o neto de Noé, de quem obtiveram através dos séculos a nome dos cimérios. De fato, os galeses hoje se chamam Cymry.

Três países, Grã-Bretanha, Irlanda e França, são considerados por diferentes escritores como a pátria de Patrick. O peso da evidência claramente indica que sua terra natal foi naquele reino de Strathclyde,

habitado e controlado pelos antigos britânicos, que ficava imediatamente a noroeste de Inglaterra.⁴ Roma havia dividido a ilha em cinco províncias e, além disso, reconhecera o reino de Strathclyde. Era então habitual falar dessas divisões como “a Bretanha”. Para as dez superiores cidades dessa Bretanha, o senado romano havia ampliado a luta pela cidadania.⁵ Como seus pais residiam em uma dessas dez cidades, Patrick, com toda a probabilidade, assim como Paulo, nasceu como cidadão romano. Ele nasceu em 360 d.C.⁶

Felizmente, dois dos escritos de Patrick, sua *Confissão* e a *Carta* contra Coroticus, um rei britânico próximo, sobrevive e podem ser encontrados prontamente. Na *Carta*, Patrick conta como ele renunciou seus altos privilégios para tornar-se um escravo para Cristo. De sua fé e sua dedicação a Deus, ele diz:

“Eu era um homem livre de acordo com a carne. Nasci de um pai que foi um decurião. Pois eu vendi minha nobreza pelo bem dos outros, e não me envergonho ou lamento sobre isso. Finalmente, sou um servo em Cristo entregue a uma nação estrangeira por conta da indescritível glória de uma vida eterna que está em Cristo Jesus nosso Senhor.”

Dos dois escritos, a saber, a *Confissão* e a *Carta*, Sir William Betham escreve:

Neles nenhuma arrogante presunção será encontrada, nem orgulho espiritual, nem pretensão a uma superior santidade, nem maldição de magos, ou rios, porque seus seguidores foram afogados neles, nenhuma veneração, ou adoração de relíquias, nenhuma equipe consagrada ou doações de seus dentes para relíquias, que ocorrem com tanta frequência nas vidas e também nas coleções de Tirechan, referindo-se a Palladius, não a Patrick.⁷

Na idade de dezesseis anos, Patrick foi levado cativo para a Irlanda por piratas que evidentemente tinham subido o rio Clyde ou desembarcado no rio costa. Sobre isso ele escreve nesta *Confissão*:

“Eu, Patrick, um pecador, o mais rude e o menor de todos os fiéis, e mais desprezível para muitos, tinha Calpúrnio por meu pai, um diácono, filho do falecido Potitus, o presbítero, que morava na aldeia de Banavan, Tiberniae, pois dispunha de uma pequena fazenda no lugar onde fui capturado. Eu tinha então quase dezesseis anos de idade. Eu não conhecia o verdadeiro Deus; e fui levado para a Irlanda em cativo com muitos milhares de homens de acordo com nossos merecimentos, porque andamos distantes de Deus e não observamos os Seus mandamentos.”

Pode-se notar nesta afirmação que o avô de Patrick era um presbítero, o que indicava que ele ocupava um cargo na igreja igual àquele de bispo no significado papal do termo. Esta é uma das muitas provas que o celibato não era uma obrigação entre os primeiros clérigos britânicos. O pai de Patrick era um diácono na igreja, um conselheiro da cidade, um agricultor, e um marido. Para a glória de Deus, aconteceu que, durante seus sete anos de escravidão na Irlanda, Patrick adquiriu a forma irlandesa da língua céltica.

Isto foi de grande valor, porque a disposição de luta feroz do irlandês pagão, naquela época, era uma barreira em grande escala para a tentativa de trabalho missionário dos romanos ou britânicos em todo o canal. Contudo, muitos daqueles anteriormente levados em cativo devem ter sido cristãos que se empenharam tão fervorosamente em converter seus captores que considerável cristianismo foi encontrado na Irlanda quando, após sua fuga, Patrick ousou voltar para evangelizar a ilha.

Será ainda notado na citação acima que ele foi levado em “cativo com muitos milhares de homens.” As embarcações usadas naqueles dias ao longo das costas da Irlanda, chamados de “coracles”, eram pequenos navios que eram feitos cobrindo uma moldura de vime com peles ou couro. O problema envolvido ao transportar muitos milhares de cativos por meio de pequenos barcos indica que o ataque deve ter sido feito em uma costa próxima, o que é mais um testemunho de que sua pátria era “os britânicos”.

Patrick, como seu Mestre da Galileia, devia aprender a obediência através de sofrimento. Uma grande tarefa o esperava. A igreja apostólica ganhou uma vitória comparativamente fácil em sua luta com um mundo pagão por três séculos. Mas uma tarefa quase impossível a esperava quando um cristianismo conciliatório, impondo suas doutrinas na base da espada, tornou-se a religião do estado do Império Romano. Foi uma hora em que uma nova linha de líderes era necessária. Visto que a luta das igrejas livres para viver suas vidas sem o domínio de um clero estatal tinha iniciado, Deus estava treinando Patrick.

Considerando a vida inicial deste líder cristão, o mais interessante é notar o que estava acontecendo na história contemporânea. Vigilância⁸ estava fazendo seu trabalho no sul da França e no norte da Itália, ou entre os povos latinos. Pouco antes do tempo de Patrick, o império de Constantinopla tinha estado sob o domínio de Constantino II, que recusou aceitar as visões extremas sobre a Divindade, as quais tinham ganhado o voto de seu pai, Constantino, o Grande, no primeiro Concílio de Nicéia. Como será relatado mais tarde, oposição semelhante a essas visões extremas prevaleceu sobre toda a Europa. A crença de Patrick era a da oposição. Dr. Stokes escreve: “As igrejas britânicas do quarto século tiveram o mais vivo interesse em controvérsias da igreja. Elas se opuseram ao arianismo, mas hesitaram, como muitas outras, sobre o uso da palavra “homoousion”.⁹ (Esta palavra significa “identidade de substância”.) Assim, o cristianismo celta nos anos de Patrick se recusou a aceitar este termo de teste e as conclusões a que as especulações radicais estavam levando.

É notável que no tempo de Patrick, como testemunhos posteriores de Alphonse Mingana apontarão, houve grandes grupos de cristãos estendendo-se desde o rio Eufrates até o noroeste da Índia. Além disso, em 411, quando Patrick estava no auge de seu trabalho, o reconhecido chefe da Igreja do

Oriente em Selêucia, na Pérsia, consagrou um administrador metropolitano para a China que deve ter tido muitos diretores provinciais sob sua supervisão. Isso indica que havia muitas igrejas cristãs na China nessa época. Ambrósio relatou em 396 que Musaeus, um líder da igreja abissínia, tinha “viajado em quase todo o país de Seres.” Seres era o nome para os chineses.¹⁰ Verdadeiramente, a era em que Patrick trabalhou viu cenas agitadas em todo o mundo.

Ambos Isaque, diretor supremo, e Teodoro de Mopsuéstia, autor e teólogo, foram poderosos líderes na grande Igreja do Oriente durante o período do ministério de Patrick. A influência dos escritos de Teodoro na moldagem do cristianismo oriental durante séculos e seu importante trabalho em refutar as doutrinas do Mitraísmo no Oriente, enquanto Patrick estava ganhando suas vitórias no Ocidente, é de importância.¹¹

O CRISTIANISMO NA IRLANDA ANTES DE PATRICK

O cristianismo celta abrangeu mais do que o cristianismo irlandês e britânico. Houve um cristianismo celta gaulês (francês) e um cristianismo celta galaciano, bem como um cristianismo celta britânico. Tão grandes foram as migrações de povos nos tempos antigos que não só os gregos, mas também os assírios se estabeleceram em grande número na terra agora chamada França. Portanto, por quase mil anos depois de Cristo havia no sul da França uma forte população grega e oriental. Até o ano 600, havia pessoas na França que falavam a língua da Assíria.¹²

Certamente ninguém poderia alegar que aquele ramo do cristianismo celta na Ásia Menor, cujas igrejas surgiram como resultado dos trabalhos do apóstolo Paulo recebeu seu evangelho do bispo de Roma. Por outro lado, é evidente que a Gália recebeu seu conhecimento do evangelho de missionários que viajaram da Ásia Menor. Era o tipo celta ou gálata da igreja do Novo Testamento que evangelizou a Grã-Bretanha.¹³ Assim, Thomas Yeates escreve:

Um grande número desta comunidade celta (Lyon, 177 d.C.) – colonos da Ásia Menor – que escaparam, migraram para a Irlanda (Erin) e lançaram os alicerces da igreja pré-Patrick.¹⁴

A Igreja Católica Romana ao longo dos séculos conseguiu assegurar um grande número de seguidores na França; mas até depois da Revolução Francesa ela nunca conseguiu eliminar o espírito de independência na hierarquia francesa. Isso se deve em grande parte à experiência da raça celta. Como H. J. Warner escreve:

Tal independência a França mostrou constantemente, e pode ser traçada não só pela antipatia racial entre Gália e Pelagia, mas para o fato de que a Gália Ocidental nunca tinha perdido o contato com seus parentes orientais.¹⁵

O TRABALHO DE PATRICK NA IRLANDA

Dois séculos se passaram após a morte de Patrick antes que qualquer escritor tentasse conectar o trabalho de Patrick com uma comissão papal. Nenhum papa jamais o mencionou, nem há nada nos registros eclesiásticos de Roma sobre ele. No entanto, examinando os dois escritos que ele deixou, são encontradas declarações históricas que localizam definitivamente o período em que ele trabalhou.

Quando Patrick fala da ilha da qual foi levado cativo, chama-a de “a Bretanha”. Esse foi o título dado à ilha pelos romanos muitos anos antes de saírem dela. Depois que os Godos saquearam a cidade de Roma em 410, as legiões imperiais foram recolhidas da Inglaterra, a fim de proteger um território mais próximo de casa. Após a sua partida, invasores selvagens do norte e do continente, invadindo a ilha, devastou-o e apagou suas diversificadas características, de modo que não podia mais ser chamada de “a Bretanha.” Após a retirada das legiões romanas em 410, o título “a Bretanha” deixou de ser usado. Portanto, a partir desta evidência parece lógico chegar à conclusão de que Patrick escreveu suas cartas e documentos antes dessa data.

Esta data coincide com o tempo em que Columba, o renomado graduado da escola de Patrick, que trouxe o cristianismo para a Escócia, começou seu ministério. Columba se formou quando as escolas fundadas por Patrick haviam crescido a proporções consideráveis. O tempo que decorreu entre a fundação das escolas de Patrick e seu crescimento nos dias de Columba indicaria que Patrick começou seu ministério na Irlanda por volta de 390.

O que Patrick fez entre o tempo de sua fuga da escravidão na Irlanda e seu retorno como missionário àquela terra não é conhecido. Todo esforço tem sido feito por escritores pró-papais para colocá-lo neste intervalo, em Roma. Em uma tal visita fictícia diz-se que Patrick com a ajuda de um anjo realizou a façanha questionável de roubar muitas relíquias do papa entre as quais teria sido a toalha manchada de sangue do nosso Salvador e alguns cabelos da Virgem Maria. Um escritor exclama: “Ó ação maravilhosa! O raro roubo de um vasto tesouro de coisas sagradas, cometidos sem sacrilégio, a pilhagem do lugar mais sagrado do mundo!”¹⁶

As palavras do próprio Patrick revelam sua inquietação de alma após sua fuga da escravidão até que se submeteu ao chamado de Deus para proclamar a notícia de salvação para os irlandeses. Ele ouvia continuamente vozes das florestas de Hibérnia, implorando-lhe, como fez o homem na visão noturna de Paulo, “Venha para cá... e ajude-nos.” Nem as lágrimas de seus pais nem os argumentos de seus amigos podiam contê-lo. Ele determinou-se, independentemente do custo, dar as costas para as atrações de casa e amigos e dar a sua vida pela Ilha Esmeralda.

SUA AUTORIDADE – A BÍBLIA

Patrick pregou a Bíblia. Ele apelou para ela como a única autoridade para fundar a igreja irlandesa. A nenhuma outra autoridade mundana ele deu crédito; nenhum credo ele recitou. Vários credos oficiais da igreja em Roma tinham por esse tempo sido ratificados e ordenados, mas Patrick não menciona nenhum. Em sua *Confissão* ele faz uma breve declaração de suas crenças, mas não se refere a qualquer conselho ou credo da igreja como autoridade. Os centros de treinamento que ele fundara, e que mais tarde se transformaram em faculdades e grandes universidades, foram todas escolas da Bíblia. Estudantes famosos dessas escolas – Columba, que trouxe a Escócia a Cristo, Aidan, que levou a Inglaterra pagã ao evangelho, e Columbanus com seus sucessores, que trouxeram o cristianismo para a Alemanha, França, Suíça e Itália – tomaram a Bíblia como sua única autoridade, e fundaram renomados centros de treinamento bíblico para os crentes cristãos. Uma autoridade, descrevendo as Bíblias manuscritas produzidas nessas escolas, diz: “Na delicadeza de manuseio e execução minuciosa e sem defeito, toda a gama de paleografia não oferece nada comparável a esses primeiros manuscritos irlandeses”.¹⁷

Nas palavras finais de sua *Carta*, Patrick escreve: “Testifico diante de Deus e Seus anjos que será assim como Ele deu a entender à minha ignorância. Estas não são minhas palavras, mas (as palavras) de Deus, e dos apóstolos e profetas, que escrevi em latim, que nunca mentiram”.

Patrick, como seu exemplo, Jesus, pôs as palavras da Escritura acima dos ensinamentos dos homens. Ele diferia do papado, que coloca a tradição da igreja acima da Bíblia. Em nenhum lugar de seus escritos ele apela para a igreja em Roma para a autorização de sua missão. Sempre que fala em defesa de sua missão, ele se refere somente a Deus, e declara que recebeu seu chamado direto do céu. Sir William Betham afirma que a mais recente versão latina de Jerônimo não foi lida publicamente nos dias de Patrick. Evidentemente, a antiga versão latina da Bíblia, conhecida como Itala, era publicamente usada. É interessante notar que foram aproximadamente

novecentos anos antes que a Vulgata de Jerônimo pudesse avançar no Ocidente contra a Itala.¹⁸

Onde quer que este líder cristão semeasse, também colhia. Irlanda foi incendiada para Deus pelo fervor do espírito missionário de Patrick. Deixando a Inglaterra novamente, com alguns companheiros, de acordo com o registro no *Livro de Armagh*, ele desembarcou em Wicklow Head, na costa sudeste da Irlanda. Lendária e fabulosa é *A Vida Tríplice de Patrick*. Não pode ser acreditada, mas sem dúvida foi construída em torno de certos fatos de sua vida. Finalmente a partir desses registros podem ser rastreados seus passos por um quarto de século através da ilha.

Patrick acreditava que o cristianismo deveria ser fundado com o lar e a família como sua força. Muito frequentemente as organizações cristãs dessa era estavam centradas no celibato. Não era assim com a Igreja irlandesa e suas filhas celtas na Grã-Bretanha, na Escócia e no continente. A Igreja Celta, organizada e desenvolvida por Patrick, permitia que seu clero se casasse.¹⁹

A ausência do celibato na Igreja Celta dá uma prova adicional ao fato que os crentes não tinham ligação com a igreja em Roma. Assim, o Dr. J. H. Todd escreve: “Ele [Patrick] não fala de Roma, ou de ter sido comissionado pelo Papa Celestino. Ele atribuiu seu apostolado irlandês completamente a um chamado interior, que ele considerava uma ordem divina.”²⁰

Uma das provas mais fortes de que Patrick não pertencia ao cristianismo papal é encontrada no fato histórico de que durante séculos Roma fez todo esforço para destruir a igreja que Patrick havia fundado. Jules Michelet escreve a respeito de Bonifácio, que foi o apóstolo do papa para os alemães cerca de duzentos anos depois de Patrick: “Seu principal ódio é aos escoceses [nome igualmente dado aos escoceses e irlandeses], e ele condena especialmente sua permissão ao casamento de padres.”²¹

Patrick buscou dois objetivos em seu esforço para tornar a verdade triunfante. Primeiro procurou a conversão daqueles entre os quais ele tinha sido um escravo, e, em segundo lugar, ele desejava capturar Tara, a capital central da Irlanda, para Cristo. Portanto, prosseguiu imediatamente para o Condado de Antrim no noroeste, onde havia sofrido a escravidão. Embora não conseguisse ganhar o seu ex-mestre de escravos, foi bem sucedido em converter a casa do mestre. Esta abriu uma porta para novos trabalhos missionários não só para esta região, mas também através das águas adjacentes para perto da Escócia.

A história gosta de se demorar na lenda do ataque de Patrick a Tara, a capital central. Os irlandeses, como outras ramificações da raça celta, tinham chefes que eram praticamente independentes. Eles também tinham, por sua própria eleição, um patrão, que pode ser referido como um rei e que poderia

convocar todas as pessoas quando necessário para a defesa da nação. Por muitos anos Tara tinha sido a famosa capital da Irlanda para a qual foram chamados os chefes irlandeses para conduzir os assuntos gerais do reino. Estas convenções foram dadas não apenas aos negócios, mas também aos festivais exaltados com cenas brilhantes e eventos agitados. Como Thomas Moore escreveu:

**A harpa que uma vez passou pelos salões de Tara
A alma da música derramada,
Agora paira como mudo nas paredes de Tara,
Como se aquela alma tivesse fugido. –
Assim dorme o orgulho dos dias passados,
Assim a emoção da glória terminou
E corações, que uma vez batiam forte de louvor,
Agora não sentem mais esse pulsar.²²**

Foi na época de uma dessas assembleias, assim diz a história, que Patrick apareceu pessoalmente para proclamar a mensagem de Cristo. O evento é tão cercado por lendas, muitas delas muito fabulosas para serem consideradas, que muitos detalhes não podem ser apresentados como fatos. Seu êxito não correspondeu às suas expectativas, no entanto; mas por fiéis esforços ele colocou a bandeira do cristianismo no centro político da vida nacional.

Ele não entrou na capital porque sentiu que o trabalho de Deus precisava da ajuda do estado. Patrick rejeitou a união da igreja e do estado. Mais que cem anos tinham passado desde que o primeiro concílio mundial em Nicéia tinha unido a igreja com o império. Patrick rejeitou esse modelo. Ele seguiu a lição ensinada no evangelho de João, quando Cristo se recusou a ser feito rei. Jesus disse: “o Meu reino não é deste mundo” (João 18:36). Não somente o apóstolo irlandês, mas seus famosos sucessores, Columba na Escócia, e Columbano, no continente, ignoraram a supremacia do pontífice papal. Eles nunca teriam concordado em fazer do papa um rei. Apesar do Império Romano após o quarto século ter favorecido essa supremacia, havia ainda grande descontentamento em toda a Europa contra esta invasão de poder civil na igreja.

Enquanto Patrick estava trabalhando na Irlanda, o bispo do norte da África em 418 excomungou Apiarius, um clérigo, por graves ofensas. O ofensor apelou ao papa, que o absolveu passando por cima da autoridade de seus superiores. Os bispos retaliaram reunindo-se em conselho e passando um protesto proibindo um apelo de um clero menor contra os seus bispos para uma autoridade além-mar. O papa respondeu com resoluções que

alegou terem sido sancionadas pelo Concílio de Nicéia. Sua ilegalidade foi exposta pelos prelados africanos.²³

Entretanto não se deve pensar, como alguns escritores antagônicos à igreja celta afirmam, que Patrick e seus sucessores não tinham organização da igreja. O Dr. Benedict Fitzpatrick, um estudioso católico, se ressentiu de tal posição. Ele apresenta prova satisfatória para mostrar que os fundadores irlandeses do cristianismo celta criaram uma esplêndida organização.²⁴

O PATRICK FICTÍCIO

Muitos milagres foram atribuídos a Patrick pelas histórias tradicionais que se produziram. Duas ou três serão suficientes para mostrar a diferença entre o herói miraculoso da ficção fanática e o verdadeiro Patrick. O celta Patrick chegou à Irlanda de maneira comum. O fictício Patrick, a fim de dar passagem a um leproso quando não havia lugar no barco, jogou seu altar de pedra portátil no mar. A pedra não foi para o fundo nem foi ultrapassado pelo barco, mas flutuou em torno do barco com o leproso nele até chegar à Irlanda.²⁵

A fim de conectar esse grande homem com a sé papal, foi relatado: “Um sono veio sobre os habitantes de Roma, de modo que Patrick levou tanto quanto queria das relíquias. Depois essas relíquias foram levadas para Armagh pelo conselho de Deus e o conselho dos homens da Irlanda. O que então foi levado foram trezentas e sessenta e cinco relíquias, junto com as relíquias de Paulo e Pedro e Lawrence e Stephen, e muitas outras. E havia um lençol com o sangue de Cristo [nele] e com o cabelo da virgem Maria.²⁶ Mas o Dr. Killen refuta esta história declarando:

Ele (Patrick) nunca menciona Roma ou o papa ou insinua que ele estava de alguma forma ligado à capital eclesiástica da Itália. Ele não reconhece outra autoridade senão a da palavra de Deus... Quando Palladius chegou ao país, não era de se esperar que ele recebesse uma calorosa saudação do apóstolo irlandês. Se ele foi enviado pelo papa Celestino para os cristãos nativos para ser seu primaz ou arcebispo, não é de se admirar que o intrépido Patrick recusou-se a abaixar o pescoço para tal jugo de servidão.²⁷

Cerca de duzentos anos depois de Patrick, os autores papais começaram a falar de um certo Palladius, que foi enviado em 430 por este mesmo Papa Celestino como um bispo para os irlandeses. Todos eles admitem, no entanto, que ele ficou apenas um curto tempo na Irlanda e foi obrigado a retirar-se por causa do desrespeito que foi mostrado a ele.

Mais um dos muitos milagres lendários que surgiram da credulidade e da tradição de Roma é aqui repetido. “Ele foi para Roma para receber ordens [eclesiásticas] dadas a ele; e Caelestino, abade de Roma, é quem leu suas

ordens, Gemanus e Amatho, rei dos romanos, estando presente com eles... E quando as ordens foram lidas, os três coros responderam mutuamente, ou seja, o coro do lar do céu, o coro dos romanos, e o coro das crianças da floresta de Fochlad. Isto é o que todos cantaram: “Tudo o que nós irlandeses te pedimos, santo Patrick, é que venhas e ande entre nós e nos liberte.”²⁸ É duvidoso se os coros no céu aceitariam essa representação de que eram irlandeses.

GUERRA NA IGREJA CELTA

A crescente frieza entre as igrejas celta e romana como observado nos parágrafos anteriores não se originou de uma atitude de mente hostil no clero celta. Surgiu porque consideraram que o papado estava se distanciando cada vez mais do sistema apostólico do Novo Testamento. Nenhum papa jamais passou para os principais bispos da igreja a notícia da grande transformação do paganismo para o cristianismo feito por Patrick. Isso eles certamente teriam feito, como foi feito em outros casos, se ele tivesse sido um agente do pontífice romano.

Fica-se chocado pela ausência de qualquer referência a Patrick na *História Eclesiástica da Inglaterra* escrita por aquele fervoroso seguidor do Vaticano, o inglês Bede, que viveu cerca de duzentos anos depois da morte do apóstolo na Irlanda. Essa história permanece hoje o poço de onde muitos que escrevem sobre a Inglaterra anglo-saxônica tiram. Bede teve acesso aos arquivos de Roma. Ele estava bem familiarizado com os renomados missionários celtas que eram os produtos da escola de Patrick. Ele também enfatiza as profundas diferenças entre as igrejas celta e romana que provocaram amargas controvérsias entre reis e bispos. Embora seja um grande colecionador de fatos, Bede não diz nada que se refira a Patrick. A razão aparentemente é que, quando esse historiador escreveu, o Papado ainda não havia decidido considerar Patrick.

Quando o papa enviou Agostinho com seus quarenta monges para converter os anglo-saxões pagãos, Agostinho, com a ajuda de Bertha, a esposa católica do rei Ethelbert de Kent, imediatamente começou a guerra na igreja celta do País de Gales. Ele exigiu a submissão da sociedade cristã de quase três mil membros em Bangor, no norte do País de Gales.²⁹ Agostinho dirigiu-se ao presidente desta sociedade com estas palavras: “Reconheça o autoridade de Roma”. Ele prontamente recebeu a resposta de que o papa não tem o direito de ser chamado de “Pai dos pais” e a única submissão que renderiam a ele, seria aquela que deviam a cada cristão. Agostinho ameaçou-os com a espada e, como se notará mais tarde, mil e duzentos desses cristãos britânicos foram abatidos por um exército pagão.³⁰

Como mais uma prova do abismo entre a igreja romana e a igreja celta, outro episódio ocorreu na Inglaterra em 664, quando o papado pela força do estado infligiu uma ferida grave no bem conhecido Sínodo de Whitby no norte da Inglaterra. O rei daquela região havia se casado com uma princesa católica romana, a qual, com a ajuda de seu confessor sacerdotal, lançaram uma armadilha para os pastores que foram graduados nas escolas de Patrick. O rei, cansado com o conflito entre as duas comunhões, tornou-se uma ferramenta para o plano. Aquela consulta com suas decisões injustas expulsou os líderes da igreja celta do norte da Inglaterra.³¹ Cerca de cinquenta anos depois disso, em 715, a crescente influência da igreja católica romana apoiada pelos monarcas papais da Europa, provocou um ataque ao centro do cristianismo celta da Escócia em Iona. Fundada por Columba e celebrada em música e história, este foi atacado, e o clero da igreja irlandesa foi expulso de seu lugar.

O CARÁTER DE PATRICK

Patrick, embora manifestando todas as graças de um caráter apostólico, também possuía as virtudes mais severas. Como Moisés, ele era um dos mais humildes homens. Ele revelou que a firmeza de propósito é necessária para realizar uma grande tarefa. Sua esplêndida capacidade de organizar e executar seus empreendimentos cristãos revelou sua bem sucedida capacidade para liderar. Ele era franco e honesto. Atraía homens para si, e era cercado por uma equipe de homens cujos corações Deus havia tocado. Tal líder era necessário para reviver as tremulantes chamas da fé do Novo Testamento no Ocidente, para levantar velhos fundamentos e estabelecer as bases para um poderoso futuro cristão.

Para guiar os novos conversos, Patrick ordenou supervisores ou bispos encarregados das igrejas locais. Onde quer que fosse novas igrejas surgiam, e para fortalecê-las ele também fundou escolas. Essas duas organizações eram tão intimamente unidas que alguns escritores as chamaram erroneamente de mosteiros. Os grupos acadêmicos e missionários criados por Patrick eram muito diferentes daqueles centros ascéticos e celibatários que o papado esforçou-se para multiplicar.³² De acordo com Sir William Betham, a vida monástica era considerada escandalosa pelos escoceses e os godos durante os primeiros quatro séculos da era cristã.³³

Entre as faculdades de formação mais famosa que Patrick estabeleceu foram Bangor, Clonmacnoise, Clonard e Armagh. Em Armagh, o mais renomado centro da Irlanda, estão localizados hoje os palácios do primata da Igreja da Inglaterra e do arcebispo católico romano. Existem duas catedrais magníficas que chamam a atenção.³⁴ Uma é a catedral para as relíquias da

Igreja de Roma, a outra para a Igreja da Inglaterra. Armagh cresceu de uma pequena escola para uma faculdade, depois para uma universidade. É dito que teve até sete mil estudantes assistindo de uma só vez. Ao tornar-se famosa por seus centros de treinamento, a Irlanda adquiriu o nome de “Terra de santos e eruditos”.³⁵ Nestas escolas as Escrituras eram lidas com diligência e os livros antigos foram cuidadosamente colecionados e estudados.

Há historiadores que vêem claramente que a ordem beneditina de monges foi construída sobre as fundações tão maravilhosamente estabelecidas pelo sistema irlandês de Educação. C. W. Bispham levanta a questão de por que a Regulamento Beneditino, um presente de um dos filhos do papado, foi protegido por ela, e, além disso, ela estava com ciúmes da igreja celta e pôs de lado a Regulamento de Bangor.³⁶ Benedito, o fundador da ordem, desprezou a aprendizagem e não se importou com isso em sua ordem, e suas escolas nunca aceitaram isso até serem forçadas a fazê-lo por volta de 900, depois que Carlos, o Grande, definiu o andamento.³⁷

O maravilhoso sistema educacional da igreja celta, revisado e melhor organizado por Patrick, espalhou-se com sucesso pela Europa até que o sistema Beneditino, favorecido pelo papado e reforçado pelo estado, roubou a reputação da igreja celta e procurou destruir todos os registros de seu sistema educacional.³⁸

AS CRENÇAS E ENSINAMENTOS DE PATRICK

Nos anos que antecederam o nascimento de Patrick, novas e estranhas doutrinas inundaram a Europa como as ondas do oceano. Verdades do Evangelho, estimulando as mentes dos homens, abriram tantas áreas de influência que doutrinas de contrafação foram trazidas por um clero astuto que lutava pela coroa, enquanto evitava a cruz. Patrick foi obrigado a tomar sua posição contra esses ensinamentos.

No Concílio de Nicéia, convocado em 325 pelo imperador Constantino, começou a controvérsia religiosa que nunca cessou. Reunindo-se sob a sanção de uma igreja e estado unidos, a famosa assembleia ordenou a submissão dos crentes a novas doutrinas. Durante a juventude de Patrick e por meio século antes, quarenta e cinco concílios da igreja e sínodos tinham se reunido em várias partes da Europa. Destes, Samuel Edgar diz:

A orgulhosa unidade do romanismo foi gloriosamente exibida, pelos diversificados concílios e confissões do quarto século. Nisso o papado, como em todas as outras ocasiões, eclipsou o protestantismo inventando credos. Quarenta e cinco concílios, diz Jortin, foram realizados no quarto século. Destes, treze foram contra o arianismo, quinze a favor dessa heresia e dezessete a favor do

semi-arianismo. As estradas estavam cheias de bispos indo para os sínodos, e as despesas de viagens, que foram custeadas pelo imperador, esgotaram os fundos públicos. Essas exposições se tornaram o escárnio dos pagãos, que se divertiam ao ver homens que, desde a infância, tinham sido educados no cristianismo, e nomeados para instruir a outros nesta religião, apressando-se, desta maneira, para lugares distantes e para assembleias com o propósito de averiguar sua crença.³⁹

A ardente questão durante as décadas que sucederam ao Concílio de Nicéia foi como declarar as relações das Três Pessoas da Divindade: Pai, Filho e Espírito Santo. O concílio decidiu, e o papado apropriou-se da decisão como sua. As personalidades da Trindade não foram confundidas, e a substância não foi dividida. O clero romano alegou que o cristianismo tinha encontrado na palavra grega *homoousios* (em português, “consustancialidade”) um termo apropriado para expressar relacionamento.⁴⁰

Então o partido papal começou a chamar aqueles que não concordariam com este ensino, de arianos, enquanto eles tomaram para si o título de trinitarianos. Uma acusação errônea foi circulada de que todos os que foram chamados arianos acreditavam que Cristo era um ser criado.⁴¹ Isso incitou a indignação daqueles que não eram culpados da acusação.

Patrick foi um espectador de muitas dessas conflitantes assembleias. Será interessante, a fim de compreender adequadamente sua situação, examinar por um momento esta palavra, este termo, que dividiu muitas igrejas e fez com que muitos cristãos sinceros fossem queimados na fogueira. Em português a palavra é “consustancial”, conotando que mais de uma pessoa possui a mesma substância sem divisão ou separação. O termo original em grego é *homoousios*, de *homos*, que significa “idêntico”, e *ousia*, a palavra para “ser”.

No entanto, surgiu um grande problema, pois há dois termos em grego de fama histórica. O primeiro, *homos*, que significa “idêntico”, e o segundo, *homoios*, que significa “similar” ou “semelhante a”, teve ambos uma tempestuosa história. A ortografia dessas palavras é muito parecida. A diferença em significado, quando aplicado à Divindade, é desconcertante para crentes sinceros ou simples de coração. No entanto, aqueles que pensariam em termos de *homoiousian*, ou “similar”, em vez de *homoousian*, ou “idêntico”, foram prontamente rotulados como hereges e arianos pelo clero. No entanto, quando o imperador, Constantino, em plena assembleia do Concílio de Nicéia, perguntou a Hosius, o bispo que presidia a assembleia, qual a diferença entre os dois termos, Hosius respondeu que ambos eram parecidos. Nisso todos, exceto alguns bispos, deram risadas e provocaram o presidente dizendo que ele estava cometendo uma heresia.⁴²

Como os livros foram escritos em séculos passados sobre este problema, estaria fora de lugar discutir isso aqui. Isto tinha, no entanto, um

efeito tão profundo sobre outras doutrinas relativas ao plano de salvação e sobre atos exteriores de adoração que um abismo foi criado entre o papado e as instituições da igreja que Patrick fundou na Irlanda.

Embora Patrick fosse tudo menos ariano, no entanto, ele se recusou a concordar com a ideia de “mesmice” encontrada nessa atraente palavra “consustancial” ou *homoousian*. Normalmente, quando uma violenta controvérsia exacerba-se, formam-se três partidos. Neste caso, houve os dois extremos, um dos quais foi liderado pelo papado, o segundo pelos arianos, e o terceiro foram os crentes do meio-do-caminho cujo ponto de vista era o mesmo de Patrick.⁴³ Como diz o Dr. J. H. Todd sobre *homoousian*, a palavra de teste da hierarquia papal, ao comentar as crenças de Patrick: “Esta confissão de fé certamente não é *homoousian*.”⁴⁴ Outro fato que confirma essa oposição das igrejas britânicas às especulações extremas do Concílio de Nicéia a respeito da Trindade é a história do Concílio de Rimini em 359, realizada aproximadamente no tempo do nascimento de Patrick. Ao que parece, este foi o último concílio da igreja assistido por delegados celtas da Igreja Britânica antes da retirada das legiões de Roma em 410, e foi seguido pela invasão da Inglaterra pelos pagãos anglo-saxões. Este Concílio de Rimini aprovou decretos denunciando e rejeitando as conclusões de Nicéia a respeito da Trindade. O papa de Roma tinha recentemente assinado decretos semelhantes no Concílio de Sirmio. Ninguém irá culpar os evangélicos por recuarem da visão papal da Trindade, quando a história mostra que seus pontos de vista eram fortes o suficiente para fazer com que dois papas assinassem decretos contrários à política do papado com relação à Nicéia.

Uma das razões, sem dúvida, que o papado por muitos anos não mencionou o nome de Patrick ou seu êxito foi a posição da Igreja irlandesa com relação aos decretos de Nicéia. Séculos deveriam passar antes que o papado descobrisse que seus méritos estavam muito firmemente estabelecidos para serem negligenciados. Ele se empenhou para trazer Patrick para o seu aprisco, inventando todos os tipos de história e fábulas para torná-lo um herói papal. Ele cercou de um halo de glória a um certo Palladius, aparentemente enviado por Roma para a Irlanda no auge do sucesso de Patrick. Ele também foi chamado Patrick.⁴⁵

Patrick contemplou Jesus como seu substituto na cruz. Ele tomou sua posição a favor dos Dez Mandamentos. Ele diz em sua *Confissão*: “fui levado para Irlanda em cativo com muitos milhares de homens, de acordo com nossos merecimentos porque andamos distantes de Deus, e não observamos os Seus mandamentos”. Aqueles que se recuaram das extremas especulações e conclusões dos chamados trinitarianos creram em Deuteronômio 29:29: “As coisas secretas pertencem ao Senhor nosso Deus, mas as que são revelados pertencem a nós e aos nossos filhos para sempre”.

O compromisso com o Decálogo era um problema importante em Patrick era. Em teoria, todos os partidos em desacordo sobre a Trindade reconheciam os Dez Mandamentos como a lei moral de Deus, perfeita, eterna, e imutável. Poderia ser facilmente visto que no julgamento, o Senhor não poderia ter um padrão para os anjos e outro para os homens. Não havia uma lei para os judeus e outra diferente para os gentios. A rebelião de Satanás no céu havia iniciado a grande revolta contra a eterna lei moral. Todos que contendiam sobre a Trindade reconheciam que quando Deus fez o homem em sua imagem era o equivalente a escrever os dez mandamentos em seu coração, ao criar o homem com uma natureza moral impecável. Todos os partidos deram um passo adiante. Eles confessaram e não negaram que em todo o universo não se encontrava ninguém, nem anjo, querubim, serafim, homem, nem qualquer outra criatura, exceto Cristo, cuja morte poderia expiar a lei que foi quebrada. Então o cisma veio. Aqueles que rejeitaram a definição forte e exigente de três Pessoas Divinas em um corpo, conforme estabelecido pelo Concílio de Nicéia, acreditavam que o Calvário havia feito de Cristo um sacrifício divino, o substituto do pecador. O papado repudiou o ensinamento de que Jesus morreu na cruz como o substituto do homem. Consequentemente, ele ignorou o exaltado lugar dado ao Decálogo pela crucificação de Cristo. Aqueles que viram a eterna necessidade de exaltar a lei e torná-la honrosa, sustentaram que a morte tocou o Filho de Deus, mas deixou intocado o Pai e o Santo Espírito. Este foi o ensinamento de Patrick e seu sucessor.

Assim, a Igreja Celta manteve a santidade dos Dez Mandamentos. Eles aceitaram a profecia de Isaías que Cristo veio para enaltecer a lei e torná-la honrosa. Eles pregaram, como Jeremias e Paulo fizeram, que o propósito da nova aliança era escrever a lei de Deus no coração. Deus poderia ser justo e justificar o pecador que se entregasse a Cristo. Não é de admirar que o celta, o gótico, o valdense, as igrejas armênias e a grande Igreja do Oriente, bem como outros grupos, diferiam profundamente do papado em suas concepções metafísicas da Trindade e consequentemente, na importância dos Dez Mandamentos.

Sem negligenciar a adoção de imagens pela Igreja Católica Romana – contrário ao segundo mandamento – e outras violações da lei moral que outras organizações se recusaram a tolerar, uma das principais causas de separação foi a observância do sábado. Como será apresentado em outros capítulos, as igrejas gótica, valdense, armênia e síria, e a Igreja do Oriente, bem como a organização da igreja que Patrick fundou, amplamente santificavam o sábado, o sétimo dia da semana, como o período sagrado de vinte e quatro horas em que Deus descansou após a criação. Muitos também tiveram assembleias solenes no domingo assim como fazem, muitas igrejas hoje, reuniões de oração na quarta-feira.

Considerando a igreja celta, o historiador A. C. Flick escreve: “Os Celtas usavam uma Bíblia em latim diferente da Vulgata e guardavam o sábado como um dia de descanso, com serviços religiosos especiais no domingo.”⁴⁶

T. Ratcliffe Barnett, em seu livro sobre a fervorosa rainha católica da Escócia, que em 1060 foi a primeira a tentar a ruína dos irmãos de Columba, escreve: “Neste assunto, os escoceses talvez tenham mantido o uso tradicional da antiga igreja irlandesa, que observou o sábado em vez do domingo como o dia de descanso”.⁴⁷ Também pode ser dito que Columba, quem converteu a Escócia ao cristianismo, ensinou aos seus seguidores que deveriam praticar tais obras de piedade e castidade, como também poderiam aprender dos escritos proféticos, evangélicos e apostólicos.⁴⁸ Isso revela como Patrick e suas faculdades fizeram da Bíblia a origem e o centro de toda a educação.

INIMIGOS DA IGREJA CELTA NA IRLANDA

Uma obscuridade pairou na história da igreja celta na Irlanda, começando antes da vinda dos dinamarqueses no século IX e continuando por dois séculos e meio durante a sua supremacia na ilha Esmeralda. Isto continuou a aprofundar-se até o rei Henrique II travar uma guerra contra aquela igreja em 1171 em resposta a uma bula papal. A razão para essa confusão da história é que, quando Henrique II arruinou tanto a independência política como a eclesiástica da Irlanda ele também destruiu os valiosos registros que esclareceriam o que a vida espiritual interna e a configuração evangélica da igreja celta foram nos dias de Patrick. Até mesmo isso, no entanto, não teve força suficiente para ofuscar ou obscurecer a gloriosa explosão do renascimento evangélico e do aprendizado que seguiram ao trabalho de Patrick.

Por que os dinamarqueses invadiram a Inglaterra e a Irlanda? A resposta é encontrada nas terríveis guerras, provocadas pelo papado e travadas por Carlos Magno, cujas campanhas fizeram grandes danos aos dinamarqueses no continente. Todo estudante sabe daquele dia de Natal, no ano 800, quando o papa, na grande catedral em Roma, colocou sobre a cabeça de Carlos Magno a coroa para indicar que ele era o imperador do recém-criado Sacro Império Romano. Com machado de batalha na mão, Carlos Magno continuamente travou guerra para trazer os escandinavos para a igreja. Isso amargou os dinamarqueses. Como fugiram diante dele, juraram que se vingariam destruindo igrejas cristãs sempre que possível, matando o clero. Esta é a razão para a invasão fanática da Inglaterra e da Irlanda por estes guerreiros escandinavos.⁴⁹

Expedições devastadoras tornaram-se em dominações organizadas por famosos líderes dinamarqueses. Turgesius desembarcou com sua frota de navios de guerra na costa da Irlanda por volta do ano 832. Navegou para o interior dominando, assim, o leste, oeste e norte do país. Suas frotas saquearam seus centros de aprendizagem e destruíram as igrejas.

Como os dinamarqueses conseguiram derrubar a igreja celta? Foi porque primeiro resistiram e depois abraçaram o papado. Não se deve pensar que esses invasores, por serem pagãos, também eram ignorantes e analfabetos. Isso está longe da verdade. Eles se destacaram em muitas linhas de aprendizado e cultura.

Com o passar dos anos e com a diminuição da amargura em relação ao cristianismo por parte dos dinamarqueses, muitos se tornaram cristãos nominais. Estando em constante conflito com os centros da igreja celta, hostilidade a ela era inata nos invasores. Por outro lado, o cristianismo semipagão dos dinamarqueses era mais poderosamente estampado nas magníficas catedrais, colorida hierarquia e sedutores ritos e cerimônias do papado. É bem natural, portanto, que devessem buscar a ordenação de seu clero nas mãos de bispos latinos. À medida que o tema prossegue, a força das seguintes citações do Dr. George T. Stokes será vista: “Os dinamarqueses formaram um canal fundamental através do qual a sé papal renovou e realizou seus desígnios acerca da independência da igreja irlandesa no curso do décimo primeiro e décimo segundo séculos.”⁵⁰ Quando os bispos dinamarqueses de Waterford foram consagrados pela sé de Canterbury, eles ignoraram a igreja irlandesa e os sucessores de Patrick, de modo que a partir desse momento havia duas igrejas na Irlanda.⁵¹

Turgesius foi o primeiro a reconhecer as vantagens militares e o desejável contorno da terra em que se encontra a cidade de Dublin. Com ele começou a fundação da cidade que se expandiu para o reino de Dublin. Mais tarde, um bispado foi estabelecido nesta nova capital, modelado segundo o ideal papal. Quando chegou o dia em que os irlandeses quiseram expulsar seus conquistadores estrangeiros, eles foram incapazes de libertar-se da rede de religião papal que os invasores começaram a tecer. Isto leva à história de Brian Boru.

BRIAN BORU DERRUBA A SUPREMACIA DINAMARQUESA

As lutas de guerrilha, travadas por décadas entre os irlandeses nativos e seus senhores estrangeiros, assumiram a forma de uma guerra nacional quando Brian Boru emergiu como um dos maiores heróis de Hibernia. Primeiro, ele lutou valentemente junto com seu irmão Mahon, rei de

Munster, e depois da morte de seu irmão, lutou sozinho como sucessor do reino. Passo a passo subjugou um após outro dos reinos dinamarqueses. As duas grandes batalhas que marcaram o clímax de sua carreira foram as de Glen Mama e Clontarf, ambas próximas a Dublin. Na primeira ele se fez mestre de toda a Irlanda, até os portões de Dublin. Na segunda, Dublin foi trazida sob o domínio de um rei irlandês nativo, embora ele, seu filho e seu neto tenham perdido a vida no conflito.

Não se deve pensar que, com as vitórias de Brian, os dinamarqueses foram totalmente expulsos do solo irlandês. Eles continuaram por alguns anos com destinos variados, ora fracos, ora fortes, mas nunca mais na ascendência. O poder dos dinamarqueses tornou-se cada vez mais fraco, mas o papado, cuja entrada entre os irlandeses que os dinamarqueses haviam facilitado, ficou cada vez mais forte. A grande vitória de Brian, em 1014, na batalha de Clontarf, foi apenas cerca de cinquenta anos antes do tempo em que William o Conquistador, sob a orientação do papa, levou seus normandos à conquista da Inglaterra. O clero latino na Irlanda, buscando a ruína da igreja celta, ganhou um formidável aliado nos reis normandos papais da Inglaterra. Foi uma tarefa fácil, após a morte de um líder da igreja celta na Irlanda, substituir um bispo romano de tempos em tempos como seu sucessor. Finalmente, um traidor da igreja celta foi encontrado em Celso, o celta arcebispo de Armagh, que planejou fazer Malachy, um jovem instruído na escola continental de Bernard de Clairvaux profundamente permeado pelo ensinamento papal, seu sucessor. Este Malachy “finalmente reduziu a Irlanda sob a supremacia de Roma e introduziu a disciplina romana”. Portanto, quando, um pouco mais tarde, Henrique II, sob autorização do papado, trouxe a Irlanda sob domínio Inglês, a sujeição da igreja celta estava completa.

A RUÍNA DA IGREJA DE PATRICK

Mostrando que a introdução do papado na Inglaterra sob o monge Agostinho foi religiosa e que o poder total não estava assegurado por Roma até William, o Conquistador (1066 d.C.), Blackstone diz:

Isso naturalmente introduziu algumas das corrupções papais em ponto de fé e doutrinas; mas não lemos de nenhuma autoridade civil reivindicada pelo papa nestes reinos até a era das conquistas normandas, quando o então pontífice reinante, tendo favorecido o Duque William em sua planejada invasão, abençoando seu anfitrião e consagrando suas bandeiras, aproveitou a oportunidade também de estabelecer suas invasões espirituais, e foi até permitido assim

fazer pela política do conquistador, a fim de mais eficazmente humilhar o clero saxão e engrandecer seus prelados normandos; prelados que, sendo educados no exterior na doutrina e prática da escravidão, haviam contraído uma reverência e respeito por ela, e tiveram prazer em fixar as correntes de um povo livre.⁵²

A bula do papa Adriano IV emitida para o rei Henrique II da Inglaterra, em 1156, autorizou-o a invadir a Irlanda. Uma parte da bula diz assim: “O desejo de sua alteza de estimar a glória do seu nome na terra, e obter o registro de eterna felicidade no céu é louvável e benéfico; visto que sua intenção é, como um príncipe católico, ampliar os limites da igreja, para decretar a verdade da fé cristã a nações ignorantes e selvagens, e erradicar o vício do campo do Senhor.”

Desta bula, várias coisas estão claras. Em primeiro lugar, ao especificar a Irlanda como uma nação ignorante e selvagem, é evidente que as doutrinas papais, os ritos e o clero não tinham sido dominantes lá. Em segundo lugar, ao exortar o rei a “ampliar os limites da igreja”, o papa confessa que a Irlanda e seus habitantes cristãos não estavam sob a supremacia dominante do papado. Terceiro, ao elogiar a intenção de Henrique de decretar a fé cristã para a nação irlandesa, o papa Adriano admite que os missionários papais não tinham levado a fé romana para a Irlanda antes disso. Ao colocar sobre Henry II o comando de que ele deveria anexar a coroa da Irlanda sob condição de que assegurasse um centavo de cada casa na Irlanda como renda do papa,⁵³ é claro que o papado não era a antiga religião da Irlanda e que nenhum laço romano tinha ligado aquela terra a Roma antes da metade do século XII.

W. C. Taylor, em sua *Historia da Irlanda*, falando do sínodo dos príncipes e prelados irlandeses que Henrique II convocou para Cashel, diz: “A bula do papa Adriano, e sua confirmação pelo [papa] Alexandre, foi lida na assembleia; a soberania da Irlanda foi concedida a Henrique por aclamação; e vários regulamentos foram feitos para aumentar o poder e os privilégios do clero, incorporando a disciplina da Igreja irlandesa àquilo que a sé Romana tinha estabelecido na Europa Ocidental.”⁵⁴

Daquele tempo até a Reforma, a igreja celta na Irlanda estava na experiência do deserto juntamente com todos os outros crentes evangélicos na Europa. Ao longo dos anos terríveis da Idade das Trevas muitos indivíduos, em igrejas ou grupos de igrejas, se esforçaram para restabelecer e manter a pureza original dos ensinamentos apostólicos. Sem dúvida, sob a fúria do domínio exercido pelo poder político e religioso combinados, a maior parte se rendeu total ou parcialmente. Assim como, durante os 1260 anos, a Igreja no Deserto em Mohanunedan e terras pagãs distantes caíram em ritos e cerimônias bárbaras, assim a igreja celta na Irlanda sucumbiu em maior ou menor grau às práticas papais. No entanto, o glorioso substrato permaneceu, e quando Deus em Sua misericórdia derramou sobre o mundo

o esplendor espiritual da Reforma, muitos desses oprimidos cristãos ressuscitaram e substituíram a supremacia da Bíblia pela dominação da hierarquia.

CAPÍTULO 8

COLUMBA E A IGREJA NA ESCÓCIA

Columba possuía uma educação superior. Ele estava familiarizado com o latim e o grego, com a história secular e eclesiástica, com os princípios da jurisprudência, com a lei das nações, a ciência da medicina e as leis da mente. Ele foi o maior irlandês da raça celta em habilidades da mente; e fundou em Iona, a escola mais erudita das Ilhas Inglesas e, provavelmente, na Europa Ocidental por um longo período.¹

Enquanto a longa noite da Idade das Trevas cobria a Europa e a escuridão pairava sobre as pessoas, a lâmpada da verdade estava brilhando na Escócia e Irlanda. Ali surgiu a figura dominante de Columba. Ali, as vigorosas igrejas, na mesma fé, mas cobrindo duas ilhas separadas, proclamaram a verdade. A Irlanda no oeste, e a Escócia, no noroeste, na borda do mundo conhecido, permaneceram como uma parede para resistir à ameaça crescente da tirania religiosa. A Escócia, em particular, como os valdenses no norte da Itália, encontrou em suas escarpadas montanhas, fortalezas para auxiliá-la.

Columba, um irlandês, nasceu em Donegal, em 521, e seus pais eram de linhagem real. Ele fundou uma faculdade memorável na pequena ilha de Iona, que foi um farol da verdade na Europa durante séculos. Que a raça celta, não a latina, povoava as Ilhas Britânicas, foi um fator determinante, pois as igrejas cristãs em que Patrick tinha sido criado receberam sua doutrina, não de Roma, mas de seus irmãos da mesma fé na Ásia menor. Aqui estava o elo que conectava a fé de Patrick e Columba com o cristianismo primitivo.² As terras mais distantes beirando o Atlântico viram a ascensão de um vigoroso cristianismo apostólico não conectado com a Igreja de Roma, mas independente dela.

A resistência escocesa à crescente hierarquia européia teve suas origens no trabalho de Columba. Por volta do tempo em que ele deixou as escolas estabelecidas por Patrick na Irlanda para ir para a Escócia, o reacionário Concílio de Constantinopla (553 d.C.) estava sendo realizado. Naquele concílio, as igrejas do Império Romano entregaram sua liberdade ao papado. Ofendidas pelas inovações antibíblicas das transigências européias medievais, quatro grandes comunidades no oriente – o Armênio, o Copta, o Jacobita, e a Igreja do Oriente (muitas vezes falsamente chamada de Igreja Nestoriana) – separaram-se da hierarquia ocidental.³ As notícias desses

revolucionários acontecimentos vieram aos ouvidos dos crentes celtas em todas as Ilhas Britânicas. Escócia e Irlanda a oeste, com o mesmo espírito de independência que se manifestara por estas comunidades religiosas orientais para com o cristianismo imperial, prepararam-se para enfrentar a crise.

Ao dedicar sua vida à difusão da religião bíblica, de Columba, que era de descendência real, é dito ter renunciado sua perspectiva ao trono irlandês.⁴ Ele era um descendente de Niall dos Nove Reféns, um rei irlandês tão poderoso que dele é dito que mantinha reféns para os nove reinos que tinha subjugado.⁵ Columba também foi aparentado com a renomada família de Riada que conquistaram para si um principado no nordeste da Escócia (o antigo nome para a Irlanda). O novo estado era Dalriada, de Dal, que significa ‘Herança’, ou o reino dos riadianos. Esse relacionamento Columba manteve bem à mão quando decidiu fazer sua sede em Iona, porque *meio século antes disso*, os membros do clã Dalradiano tinham vindo da Irlanda e tinham garantido para si uma boa parte do centro-oeste da Caledônia (o antigo nome da Escócia), e chamaram este novo reino também de Dalriada.⁶ Este ato trouxe os escoceses da Irlanda, ou Scotia. Como, no decorrer do tempo, os escoceses do segundo reino de Dalriada deveriam conquistar o grande reino na Caledônia dos Pictos ao norte e oeste e, em seguida, o reino dos bretões, ou Strathclyde, ao sul, naturalmente o nome Escócia veio para a antiga Caledônia.⁷ Por vários séculos os dois reinos Dalriada, um na Irlanda e outro na Escócia, existiram contemporaneamente. Assim, este clã através de Columba não só deu a liderança espiritual para Escócia, mas depois através de seus guerreiros também ganhou sua soberania política.

Na providência de Deus, Columba apareceu neste momento para moldar estas significativas revoluções. Iona, o cemitério de reis e nobres, uma sagrada sede do conhecimento e da religião pagã dos Druídas, tornou-se o centro da Igreja Culdee e da faculdade de Columba. Aqui este grande apóstolo desenvolveu um novo capítulo do cristianismo bíblico entre guerreiros e pessoas cultas pagãs.

A EDUCAÇÃO DE COLUMBA

No seu nascimento, Columba, dizem, recebeu dois nomes – Crimthann, “Lobo”, e Colum, “pomba”.⁸ No entanto, em seus últimos dias de suprema devoção a Cristo e à verdade bíblica, era geralmente conhecido pelo segundo, Colum. Em sua juventude, a fama das faculdades da Irlanda, produto da organização e dos trabalhos iniciais de Patrick, era amplamente conhecida. Columba, como geralmente é relatado, foi ensinado pela primeira vez pelo irlandês de Moville. Depois disso, ele foi para Leinster, onde se colocou sob a instrução do bardo, Gemman.⁹

Provavelmente, o mais notável de todos os professores de Columba foi o renomado finlandês de Clonard, amplamente conhecido por sua instrução. Ele era popular, e colocou a Bíblia na base de todos os estudos. De acordo com o arcebispo Ussher, seu instituto teve uma inscrição de três mil alunos e foi comparado a uma universidade.¹⁰ Muitos que foram para ali receber sua educação deram-se ao ministério do evangelho. Foi em Clonard que Columba tornou-se especialmente habilidoso na arte de copiar e esclarecer manuscritos. Lá permaneceu vários anos até que a urgência de seu espírito para ajudar a humanidade, para levantar igrejas, e estabelecer postos missionárias enviaram-no a extensos trabalhos.

TRABALHANDO NA IRLANDA

Columba tinha apenas vinte e cinco anos quando construiu a igreja em Derry, no norte da Irlanda, onde mais tarde ele fundou uma escola. Este lugar é agora o conhecido Londonderry. O zelo juvenil e as realizações deste missionário impressionaram muito o historiador Bede quem faz menção especial de Derry.¹²

Durante os sete anos seguintes ao estabelecimento de Derry, Columba fundou muitas igrejas e institutos bíblicos. A ele deve-se o surgimento de mais de trezentas igrejas durante este período. Cerca de um terço destas eram as chamadas “mosteiros”, ou escolas da igreja. Feliz em sua atividade para Deus, ele estava constantemente viajando. Os doentes e enfermos abençoavam seu nome, enquanto os pobres sempre sentiam que nele tinham um amigo. De alta estatura, ele tinha uma voz poderosa que podia ser ouvida a grande distância. Nenhuma jornada era grande demais, nenhum trabalho árduo demais para empreender ao servir às necessidades do povo. Na Irlanda, onde os chefes estavam constantemente em guerra uns contra os outros, Columba mereceu o suficiente respeito para viajar em segurança. Ele foi dedicado ao estudo das Escrituras. Seu biógrafo menciona que ele passava muito tempo escrevendo, isto é, transcrevendo porções da Bíblia. Acredita-se que ele copiou trezentos Novos Testamentos com suas próprias mãos. Ele era o autor, não só de hinos latinos, mas também de poemas em sua língua natal irlandesa. Um exame cuidadoso de seus escritos mostra que em muitos lugares ele usa a versão Itala da Bíblia. Dele Adamnan diz: “Ele não podia passar nem mesmo uma hora sem aplicar-se à oração, leitura, escrita ou outro trabalho manual.”¹³

VIAGENS NA ESCÓCIA

Há provavelmente três razões pelas quais Columba escolheu a Escócia como seu campo missionário. Em primeiro lugar, uma grande parte da ilha, especialmente o país dos pictos, ainda era pagão. Columba ansiava por um campo missionário e uma vida de serviço. Em segundo lugar, cerca de cinquenta anos antes disso, seus próprios compatriotas, os dalradianos, haviam conquistado um reino na parte centro-oeste do que agora é chamada Escócia. Aqui estava uma porta aberta numa terra escura. Em terceiro lugar, Columba viu que poderia estabelecer um centro que seria poderoso em sua influência não só na Escócia, mas também na Inglaterra, País de Gales e Irlanda.

Depois que ele partiu de sua amada Derry, com cerca de duzentos de seus companheiros, foi tentado a instalar-se numa ilha próxima, quando descobriu que de suas terras altas podia distinguir as costas da Irlanda. Ele então deu ordem para explorar. Finalmente escolheu a pequena ilha de Iona, cujo nome nativo era Hy, tendo a grande ilha de Mull situada entre ele e o continente.¹⁴ Aqui ele e sua comitiva desembarcaram em 563. Com toda a probabilidade, o senhor da ilha de Mull, sendo um parente dele, lhe concedeu a posse de Iona. Seus seguidores mantiveram a ilha por seiscentos e quarenta e um anos, até que foram expulsos em 1204 pelo monges beneditinos.¹⁵

Pioneirismo em todos os seus aspectos foi a história de Iona. Habitações tinham que ser construídas; campos tinham que ser semeados. No assentamento de Iona e de outros centros fundados por Columba e seus discípulos, aparentemente nenhum esforço foi feito para pompa e ostentação. Esses simples missionários não permitiram envolvimento, tanto na política como em assuntos mundanos para impedi-los de obedecer a visão celestial. Embora Columba fosse necessário para dirigir e supervisionar o estabelecimento desses novos empreendimentos para Cristo, ele encontrou tempo, no entanto, para converter muitas pessoas na grande ilha vizinha de Mull.

Ele fundou uma escola cristã e instituto de formação que mais tarde atingiu a mais alta reputação para a busca do estudo bíblico e da ciência. Seu trabalho fez este centro tão venerado que seus abades tinham o controle das tribos e igrejas fronteiriças, e até mesmo seus pastores (então chamados bispos), reconheceram a autoridade desses abades. Ele construiu em Iona um glorioso centro de evangelização que tornou a ilha famosa por todos os tempos. Aqui estão enterrados não só reis da Escócia, mas também reis da Irlanda, França, Dinamarca e Noruega. Até hoje milhares de visitantes vêm anualmente para este solo sagrado.¹⁷

O CENTRO DE MISSÃO EM IONA

O espírito de Deus operou poderosamente em Columba, e em humildade ele escolheu habitar num rude abrigo de construção pioneira. A humilde morada de seus ativos e instruídos cooperadores em Iona prova que em seus corações haviam trazido em sujeição o espírito inquieto da idade. Até uma geração mais tarde, quando um dos renomados apóstolos de Iona erigiu outro posto da missão no noroeste da Inglaterra, é dito que “ele construiu uma igreja segundo a maneira dos escoceses, não de pedra, mas de carvalho cortado, e cobriu com junco.”¹⁸ Ao contrário dos embaixadores do cristianismo imperial, que amavam as riquezas e a côrte, esses missionários escolheram o deserto se sua feliz sorte pudesse ser servir a Deus.

Foi necessário muito terreno para sustentar a missão de Iona. Muitos hectares de terra, pomares e prados foram cultivados pelos alunos e professores que combinaram trabalho manual com estudo. Uma parte considerável do dia era gasta em reunir e joeirar o grão, alimentar os cordeiros e os bezerros, trabalhar nos jardins, na padaria e atividades mecânicas. Estes deveres foram alternados com classes de instrução por professores instruídos e também gastando horas em oração e em cantar salmos. O cuidado com que esses estudantes de teologia foram treinados para serem os guardiões da aprendizagem, bem como os professores do evangelho pode ser observado pelo fato de que frequentemente dezoito anos de estudo eram exigidos deles antes de serem ordenados.¹⁹ Em outras palavras, Iona não era um mosteiro, mas um grande instituto missionário. Pode ser comparado às escolas dos profetas do Antigo Testamento, ou os maravilhosos centros de treinamento da Igreja do Oriente.

DOUTRINAS DA IGREJA NA ESCÓCIA

O fato de que a Irlanda estava fora dos limites do Império Romano preservou-a da adoração de santo, adoração de imagem, e adoração de relíquia que inundou a igreja do estado naquele tempo. E em Iona não há registro de estudantes de teologia procurando por relíquias, ou enviando para Roma relíquias que supostamente pertencessem a algum cristão martirizado. Não havia procissões nas quais relíquias eram exibidas, nenhuma queima de incenso ou velas diante de um túmulo. De fato, na época em que o apóstolo para os pictos tinha erigido seu farol espiritual na Dalriada escocesa, a Inglaterra ainda tinha sido intocada pelos mosteiros papais típicos do continente.

Felizmente, Columba teve mais que uma geração para trabalhar antes que a influência dos governantes no continente trouxesse outro tipo de cristianismo ao litoral da Inglaterra. Ele fundamentou sua igreja sobre a Bíblia e na Bíblia só. Ele poderia olhar para a cópia autêntica da Confissão

de Patrick, seu grande antecessor, que neste curto documento tinha usado vinte e cinco citações das Sagradas Escrituras.²⁰ Columba ensinou seus seguidores a nunca receber como verdade religiosa qualquer doutrina não sustentada por provas tiradas das Sagradas Escrituras. Bede declara expressamente que Columba navegou da Irlanda para a Escócia com o definido objetivo de converter pagãos à palavra de Deus.²¹ Diz-se de Baithen, o sucessor de Columba em Iona, que não havia igual a ele deste lado dos Alpes em conhecimento das Sagradas Escrituras e na compreensão da ciência.²²

O sistema columbano de instituições era uma confederação de centros espirituais mantidos juntos por laços invisíveis de graça e verdade, cada localidade considerando a fraternidade como a fonte final de autoridade. Não tinha papa e não tinha degraus descendentes de clérigos como o arcebispo, bispo, padre, e diácono. O chefe de cada localidade era geralmente o abade dos institutos de missão.²³ Esses centros de treinamento e vida espiritual se desenvolveram em instituições bem organizadas e esplendidamente adaptadas à difusão das verdades bíblicas.

Por muitos séculos, Iona foi reconhecida como o principal centro, cujo chefe oficial além de ser chamado de abade, também era conhecido como o ‘coarb’, ou sucessor espiritual de Columba.²⁴ Embora houvesse um termo que se assemelhasse com a palavra “bispo” às vezes usada para designar o clero, não significava bispo na compreensão do termo no século vinte. “Culdee”, que significa “homem de Deus”, foi mais tarde usado para designar a igreja columbana.

Maclauchlan afirma que, em geral, a maioria das características que pode ser mostrado que caracterizou a Igreja Escocesa, mesmo no período posterior, eram tais que nenhum protestante poderia censurá-los.²⁶ O sucesso acompanhou estes homens consagrados ao atuarem como pioneiros na conversão das partes norte e oeste da Escócia, e cristianizou o centro da Escócia e a porção oriental da Inglaterra pelas colônias de Iona. O restante dos locais de culto, que ainda estão no norte e que se estendem bem distantes das Hébridais, testificam a extensa influência da Igreja de Culdee.²⁷

Havia um fluxo contínuo de missionários das igrejas da Irlanda e Escócia fluindo em direção à igreja continental, que temos ampla evidência nos numerosos manuscritos gaélicos pertencentes a essas igrejas encontradas em mosteiros continentais.²⁸

MANUSCRITOS BÍBLICOS E ESTUDOS BÍBLICOS

Se for verdade que Columba com sua própria mão copiou trezentos Novos Testamentos, bem como porções do Antigo Testamento, qual deve ter

sido a produção de Iona quando todos os trabalhadores designados à produção de manuscritos deram sua contribuição? Não deve ser esquecido que Columba, enquanto supervisionava as instituições na Escócia, nunca abandonou o cuidado de muitos centros de treinamento que ele havia estabelecido na Irlanda durante os primeiros quarenta anos de sua vida. Não é de admirar que as igrejas irlandesas e escocesas cobrissem as ilhas britânicas e o continente da Europa com seus milhares de centros missionários em um curto período.

Lucy Menzies, em sua *Vida de Columba*, dá a seguinte excelente apresentação da cópia feita pela igreja escocesa:

Nisto como em tudo relacionado com a propagação do cristianismo na Escócia, temos que olhar para a Irlanda para a história e desenvolvimento da arte. As cartas eram conhecidas na Irlanda antes do dia de São Patrick; ele costumava instruir seus discípulos na arte de escrever. Os personagens e desenhos usados por esses primeiros escribas eram provavelmente de origem bizantina e viria para a Irlanda de Ravenna através da Gália. O irlandês adaptou-os à sua própria ideia de beleza, mas embora os primeiros manuscritos irlandeses tenham características peculiares para a Irlanda, entrelaçamentos semelhantes são encontrados nas primeiras igrejas italianas, especialmente naqueles de Ravenna. Esses entrelaçamentos simbolizavam a vida e imortalidade, não tendo começo nem fim. Desenhos de fita entrelaçada, juncos faixas, cordas e nós entrançados são comuns à mais antiga arte de vários povos, e quando os primeiros missionários vieram para a Irlanda trazendo cópias dos Evangelhos, naturalmente trouxeram esta arte com eles. O objetivo da escrita foi, é claro, multiplicar cópias das Escrituras... Devia haver em Iona uma sala separada ou cabana onde os materiais de escrita eram guardados, uma biblioteca onde os envolvidos na transcrição das Escrituras pudessem trabalhar, onde as *polaires* contendo cópias acabadas penduradas nas paredes e onde os valiosos manuscritos eram mantido.²⁹

Os jovens nas escolas de Culdee mantinham-se fiéis às doutrinas cristãs fundamentais, como a divindade de Cristo, o batismo, a expiação, inspiração das Escrituras, e as profecias relacionadas com os últimos dias. Eles não aceitaram as doutrinas da infalibilidade, celibato, transubstanciação, o confessionário, a missa, adoração de relíquia, adoração de imagem e a primazia de Pedro. Como Killen diz:

O mosteiro era, de fato, uma faculdade onde todos os ramos de aprendizagem então conhecidos foram diligentemente cultivados; onde astronomia era estudada; onde a literatura grega e latina entrou no currículo; onde os filhos dos reis e nobres receberam instrução; e onde jovens piedosos e promissores estavam treinando para o ofício sagrado... Mas teologia foi o assunto com que a atenção dos mestres do mosteiro estava principalmente ocupada; a Bíblia era seu livro diário; era requerido de seus alunos guardar muito na memória.³⁰

As últimas horas de Columba são registradas da seguinte forma:

Tendo continuado seus trabalhos na Escócia por trinta e quatro anos, ele claramente e abertamente predisse sua morte, e no sábado, dia 9 de Junho, disse

ao seu discípulo Diermit: “Este dia é chamado Sábado, isto é, o dia de descanso, e tal será verdadeiramente para mim; porque vai pôr um fim ao meu trabalho”.³¹

O SÉCULO APÓS A MORTE DE COLUMBA

Está escrito de Saul na palavra divina que “então foram com ele um bando de homens, cujos corações Deus tinha tocado”. De maneira semelhante, alguns membros da nobre galáxia em torno de Columba estavam tão repletos da chama de vivo fogo que subjugarão guerreiros invencíveis daquela terra do norte para Cristo. Permanecendo o primeiro entre estes contemporâneos de Columba estava Baithen. Recusando-se sempre a ser abrigado sob as asas de Iona, a instituição-mãe, obteve licença para navegar para oeste para a ilha de Tiree onde ele construiu um centro de treinamento secundário. Então, depois de ter espalhado o influência de Iona sobre o noroeste da Escócia, retornou ao original centro para se tornar a sua cabeça depois da morte de Columba. Embora privilegiado para ocupar o assento do abade por apenas quatro anos antes de sua morte, obteve fama generalizada por notável instrução e trabalhos corajosos.

Seria emocionante ler como Kenneth, Ciaran, Colmonnel, Donnan, Molaise e outros abriram caminho rumo ao sul para os promontórios de Kintyre; para as Ilhas Ocidentais, ou Hébridas; para os belos condados de Fife, Forfarshire, Aberdeen, que olha em direção às águas da Noruega; e acima de tudo, para o norte da Escócia, especialmente os condados de Caithness, Sutherland e Ross. Aqui os membros da igreja celta converteram os pagãos e construíram igrejas; fundaram instituições copiadas conforme o modelo de Iona; distribuíram Bíblias, ensinaram as pessoas a ler e inflamaram seus conversos com seu próprio zelo missionário. Se Iona era o centro dos pictos do norte, então Abemethy tornou-se o mesmo para os pictos do sul. Moveram-se mais ao sul para o reino anglo-saxão da Northumbria.

Já em meados do século VII, ou cerca de cem anos depois da fundação de Iona, várias grandes e influentes escolas missionárias surgiram nas Ilhas Britânicas.³² Provavelmente, depois de Iona em fama é Lindisfarne, na costa nordeste da Inglaterra. Este centro espiritual está proeminentemente ligado a Aidan cujo trabalho é considerado no Capítulo 12.

BATALHANDO CONTRA OS NÓRDICOS E O PAPADO

Os quatrocentos anos após o estabelecimento de Iona são conhecidos por três eventos na Inglaterra e na Escócia. Primeiro, houve intensa

rivalidade e guerras entre os sete reinos da Inglaterra, conhecido como o Heptarchy, e os três reinos da Escócia. Em segundo lugar, todos os três países – Inglaterra, Irlanda, e Escócia, molestadas, invadidas e, no caso da Inglaterra e Irlanda, conquistadas pelos nórdicos, especialmente os dinamarqueses. Terceiro e provavelmente o evento de maior alcance, foi a intensa luta travada entre o papado e a igreja celta. Na Escócia, os reinos dos pictos e os bretões foram finalmente absorvidos pelos Escoceses que cresciam em número. Se a Inglaterra sofreu consequências tão graves nas mãos dos normandos, e a Irlanda nas mãos dos dinamarqueses, pode ser facilmente visto quão difícil deve ter sido a luta da igreja celta para manter-se a si própria contra o poder do papado quando apoiado pelos estados todopoderosos do continente.

Durante os cento e vinte e cinco anos após a morte de Columba, os pictos tinham sido suficientemente induzidos pela poderosa influência de Roma para adotar a Páscoa romana. No entanto, a mudança na Páscoa não representou completa rendição ao papado. Na mesma época, Nechtan, rei dos pictos, expulsou o clero columbano. Quando, no entanto, o conquistador Kenneth MacAlpine, rei dos escoceses, em 846, uniu sob uma coroa os escoceses e os pictos, ele trouxe o clero columbano de volta em honra. Ele foi o rei que mudou a sede do governo de Iona para Forteviot, a antiga capital do reino dos pictos. Nos seus dias os dinamarqueses estavam atacando furiosamente as costas, fazendo incursões entre as Ilhas Ocidentais, quando praticamente conquistaram o poder supremo na Irlanda e Inglaterra. Guerreiros ferozes como eram, logo aprenderam que não eram páreo para os escoceses. A Escócia deve ter sido um país rico neste tempo porque naquelas latitudes do norte, atraiu a invasão dos nórdicos por um século. É interessante acrescentar que no meio destas comoções, Andrew se tornou o santo padroeiro da Escócia, quando o cardo foi escolhido como seu emblema nacional. Este último foi selecionado por causa de um incidente histórico: quando os dinamarqueses estavam prestes a fazer um ataque surpresa, um guerreiro pisando num cardo deu um grito de dor alto o suficiente para ser ouvido pelos escoceses em combate.

Embora os dinamarqueses frequentemente queimassem e saqueassem Iona, a veneração por ela era tão grande e as peregrinações feitas a ela eram tantas que não pôde por muito tempo permanecer em condição devastada. Foi um clero erudito e honesto que dirigiu a Igreja Culdee, e eles eram tão amados pelo povo que esta comunhão estava profundamente enraizada nas afeições de todos. Deve-se ter em mente que através dos dois séculos que os nórdicos lutaram para estabelecerem-se na Escócia, os dinamarqueses ainda eram pagãos. É repetidamente relatado como reis devotos, guerreiros e pessoas teriam capturado os restos mortais de Columba e os transportado para um lugar seguro, às vezes na Irlanda, e às vezes mais a leste na Escócia.

Por algum tempo o bispo de Armagh na Irlanda se destacou como o sucessor de Columba e de Patrick, as duas funções muitas vezes estando unidas na mesma pessoa. Através destes anos quando um reino tentava conquistar outro, as potências em guerra naturalmente buscavam aliados. Aqui estava a chance do papado. Com o passar dos séculos, a igreja celta e os governantes civis que eram pró-céltico buscariam através do continente, mas não poderiam discernir nenhuma grande nação que não tivesse feito uma aliança com Roma.

As datas, 1058 e 1066, representam mudanças surpreendentes. Havia só oito anos entre a época em que Malcolm III se tornou rei da Escócia, e o ano em que William, o normando, (*geralmente chamado Guilherme*) conquistou a Inglaterra. Na época em que Malcolm III havia chegado ao trono, os agressivos escoceses haviam conseguido assimilar Strathclyde, o reino dos bretões a noroeste. Energicamente estenderam seu território para o sul até o rio Tweed. Enquanto os homens do norte ainda estavam em posse das Ilhas Ocidentais, eles colocaram barreiras entre a Irlanda e a Escócia. Visto que foi o papado que instigou a invasão normanda da Inglaterra por William, a igreja de Columba na Escócia se viu sozinha sem nenhum forte apoio político na Irlanda, Inglaterra ou no continente.

Além disso, Malcolm III, ou Malcolm Canmore (isto é, “grande chefe”), foi educado na Inglaterra em companhia do rei católico romano, Edward o confessor. Quando chegou ao trono da Escócia, era o menos imbuído com a atmosfera celta e ideias celtas de qualquer de seus predecessores. No entanto, até 1058, a Igreja Escocesa permaneceu em grande parte como tinha sido modelada por seus primeiros professores. Mas a coroação de Malcolm pôs esses crentes no cristianismo primitivo em uma luta feroz. Malcolm III tomou Margaret como sua segunda esposa, uma menina que estava determinada a entrar num convento. Ela era um membro de uma das antigas casas reais de Inglaterra. No exílio na Hungria, ela e seus irmãos foram criados numa forte atmosfera católica. Malcolm III foi apaixonadamente dedicado a ela porque ela havia renunciado ao plano de se tornar freira para se casar com ele. No entanto, em troca, ela assumiu os assuntos religiosos e, instruída por alguns dos homens mais capazes da igreja papal da Inglaterra e do Continente, colocou em movimento a força que durante três séculos colocou a Igreja de Columba nas sombras.

A RAINHA MARGARET E A IGREJA ESCOCESA

Margaret constatou que a igreja escocesa era uma igreja do povo; ela determinou-se a torná-la a igreja do monarca. A paixão de sua vida pode ser resumida em uma palavra – Roma. Como o Dr. Barnett escreve: “A Hungria

era um país fortemente católico romano... Aqui tocamos na primeira fonte vital da qual a rainha Margaret extraiu seu apaixonante apego à igreja romana.”³³ E novamente ele escreve: “O zelo pela igreja literalmente a consumiu”.³⁴ Quais eram seus propósitos ao se casar com Malcolm III, rei da Escócia, este mesmo escritor afirma ainda: “Margaret logo após o seu casamento está iniciando um movimento para romanizar e anglicanizar a antiga igreja celta na Escócia.”³⁵ Ainda outra citação do mesmo autor ajuda a esclarecer o vasto e determinado propósito desta rainha:

Será prontamente entendido, portanto, que esta santa rainha que tinha sido criada entre a relativa magnificência da religião monástica, primeiro na Hungria, e depois na Inglaterra, onde edifícios como a Abadia de Westminster estavam sendo planejados, estivesse ansiosa para trazer a igreja da terra de sua adoção em conformidade com a todo-poderosa Roma.³⁶

A controvérsia que agora começara foi uma contenda entre o trono e o povo. Em si mesma a rainha possuía a arma de um intelecto aguçado, uma memória forte, uma prontidão na expressão sutil e um treinamento polêmico na defesa das doutrinas papais. Ela também trouxe para a batalha um grupo de eruditos monásticos que poderiam tanto alertá-la quanto protegê-la em seus ataques à igreja celta. Quando Margaret desembarcou nas margens do Fife com sua comitiva, as pessoas viram os maiores navios já vistos nas margens da Caledônia. Os habitantes dessas clareiras rurais observavam a beleza da princesa saxão. No entanto, eles colocaram um valor maior na graça de Deus do que nos rubis e diamantes da rainha. Tanto as Escrituras como a vida e os feitos de Columba ensinaram-lhes o amor do espiritual.

Destruir a glória de Columba era impossível. Margaret também poderia tentar degradar o apóstolo Paulo. Em quinhentos anos o amor da Escócia por Columba não havia se apagado. Um caminho mais viável para o sucesso seria legislar contra os costumes religiosos da igreja celta. Margaret nunca hesitou em unir igreja e estado. Como Constantino, ela uniu o que Cristo havia separado. Começando com uma Lei do Domingo, ela procedeu à demolição da igreja celta. Quão pouco o público suspeita que a legislação religiosa para impor a Páscoa e o Domingo tem sido frequentemente o método para sufocar a vida de uma igreja que ama a liberdade.

Este procedimento foi usado por Margaret. A rainha convocou um congresso eclesiástico, e por três dias ela sentou na cadeira da presidência. Ela argumentou, persuadiu com lisonjas, comandou, e dentro de uma luva macia manipulou uma mão de ferro. O rei, cego, impaciente e guerreiro, estava ao seu lado com a mão no punho da espada. O imperador Constantino não apoiou a cadeira da presidência episcopal no grande Concílio de Nicéia, em 325, quando uma igreja pomposa se tornou a esposa do Império Romano? O rei Oswy não presidiu no norte da Inglaterra no Concílio de Whitby (664 d.C.), quando um terrível golpe atingiu a igreja celta em meio aos anglo-

saxões? E assim, o fervente amor de Malcolm por sua consorte levou-o a colocar todo o poder do estado atrás da rainha.

PROBLEMAS DO CONCÍLIO

Embora os detalhes estejam faltando, não é difícil imaginar os líderes da igreja de Columba na Escócia enquanto, por três dias, foram obrigados a ouvir os procedimentos do concílio de Margaret. Houve pontos de divergência como é registrado em sua *Vida*, escrito por seu padre confessor, Turgot.³⁷ Os dois primeiros pontos foram relativos à longa controvérsia sobre a Páscoa. Era tudo uma questão de opinião religiosa, com a qual o governo não tinha o direito de se preocupar. Quanto ao terceiro ponto, na celebração da missa, algumas autoridades pensam que isso foi uma indignante ameaça, porque os Culdees realizavam os serviços da Ceia do Senhor não em latim, como Roma, mas na língua nativa.

A questão do sábado e do domingo foi particularmente contestada. Como mostrado anteriormente nas citações dos Drs. Flick e Barnett,³⁸ a prática tradicional da igreja celta era observar o sábado em vez do domingo como o dia de descanso. Esta posição é apoiada por uma série de autores. O historiador católico romano Bellesheim diz a reivindicação da rainha e descreve a prática dos escoceses da seguinte forma:

A rainha protestou ainda contra o abuso prevalecente da profanação do domingo. “Vamos”, disse ela, “venerar o dia do Senhor, visto que nele nosso Salvador ressuscitou dos mortos: não façamos trabalho servil neste dia.”... Os escoceses neste assunto sem dúvida mantiveram a prática tradicional da antiga igreja monástica da Irlanda, que observava o sábado em vez do domingo como dia de descanso.³⁹

Andrew Lang escrevendo sobre a prática geral da igreja celta diz: “Eles trabalhavam no domingo, mas guardavam o sábado de maneira sabática”.⁴⁰ Outro autor afirma:

Parece ter sido habitual nas igrejas celtas dos tempos primitivos, na Irlanda, bem como na Escócia, guardar o sábado como sábado judaico, como um dia de descanso do trabalho. Eles obedeceram ao quarto mandamento literalmente no sétimo dia da semana.⁴¹

A historiadora Skene comentando o trabalho da rainha Margaret também revela a proeminência da questão do sábado como segue:

Seu próximo ponto foi que não reverenciavam devidamente o dia do Senhor, mas neste último caso pareciam ter seguido um costume do qual encontramos vestígios no início da Igreja monástica da Irlanda, pelo qual consideravam o sábado como o sábado dos judeus em que descansavam de todos os seus trabalhos, e no domingo no dia do Senhor, eles celebravam a ressurreição.⁴²

Como apontado na história de Patrick, a oposição aos Dez Mandamentos falharam em reconhecer que a razão culminante para o morte de Cristo na cruz foi que, ao se tornar o substituto do homem Ele deveria defender a lei moral. A igreja papal nega que fosse como substituto e penhor do homem que Cristo morreu na cruz.⁴³ Columba, no entanto, reconheceu essa verdade. Um verso do poema por ele dirigido ao seu Redentor, diz o seguinte:

*Como Tu sofreste na cruz
Para salvar uma raça culpada
Mostre-me o Teu poder com o Teu amor
E conceda a glória, pela graça.⁴⁴*

Nada leva tão rapidamente à perseguição como leis dominicais. Em uma terra como a Escócia poderia haver a seita anglo-saxônica observando o domingo, a igreja celta consagrando o sábado desde os dias dos apóstolos, os muçulmanos observando a sexta-feira, e incrédulos não celebrando dia nenhum. Uma lei que destacasse certo dia da semana e o exaltasse ao sagrado seria legislação sectária. Logo a seita favorecida se entregaria a sentimentos de superioridade e apontaria o dedo do desprezo aos que conscienciosamente observassem outro dia. A amargura se instalaria rapidamente, seguida por perseguição.

Desta forma, os Culdees foram obrigados a conformar-se ou a partir. Quando o rei David, o filho de Margaret, confiscou suas terras do Loch Leven, ordenou-lhes que se conformassem aos ritos dos monges guardadores do domingo, a quem ele havia conferido a propriedade confiscada, ou ser expulsos.⁴⁵ Desnecessário dizer, eles foram expulsos. Isso foi no ano 1130.

A ESCÓCIA SUBSEQUENTE À PENETRAÇÃO PAPAL

A falta de escrúpulos dos vencedores em destruir ou em deturpar os registros do passado colocaram uma cara falsa sobre a verdadeira história da igreja celta.⁴⁶ O abismo entre esta igreja e o papado foi grande até o ano 1120. Uma diferença severa surgiu entre o rei Alexandre, outro filho de Margaret, e Eadmer, um recém-nomeado chefe para o bispado de Saint Andrews. Quando ele pediu conselho de dois monges de Cantuária, eles fizeram uma declaração notável: “Pois eles dizem que Eadmer não pode acomodar-se aos costumes da Igreja escocesa sem desonrar seu caráter e arriscar sua salvação”.⁴⁷ Embora Roma admita que até 1120 os costumes dos Culdees estivessem tão longe daqueles de Roma que um bispo colocaria em risco sua salvação eterna por segui-los, no entanto, ao mesmo tempo ela fez

ao herói da Escócia como tinha feito a Patrick – registrou Columba como um santo romano.

É um fato notável que aquelas mesmas regiões nas quais o trabalho missionário iro-escocês (*irlandes-escosês*) foi mais bem sucedido durante o sexto e sétimo séculos foram precisamente as regiões em que as seitas evangélicas dos últimos tempos floresceram mais.⁴⁸

As transformações em caráter e práticas moldadas por Columba e seus sucessores elevaram a condição das mulheres, atraíram atenção amorosa para as crianças, produziram crentes que amam a Bíblia, trouxeram relações apropriadas entre igreja e estado, e insuflaram uma vida missionária duradoura em um vigoroso povo ocidental. Na Escócia, as sementes foram semeadas profunda e abundantemente. Havia um rico subsolo evangélico. Este enriquecimento durou muito embora o crescimento tenha sido posteriormente coberto por uma camada de práticas papais e tradições. Quando a Reforma chegou a este reino, foi em grande medida uma reversão do estabelecimento real do papado na Escócia. O papado tinha sido incapaz de exterminar totalmente a fé e o sistema mais simples dos antigos Culdees, especialmente nos distritos que foram as primeiras moradas e últimos retiros do cristianismo primitivo. Como havia reformadores em quase todos os países da Europa antes da Reforma, não poderia estar muito errado concluir que eles também continuaram a existir nesse país que foi o último a registrar seu protesto público contra a usurpação da Igreja de Roma.

“Nenhuma religião jamais tem sido destruída pela perseguição se as pessoas que a professam não foram destruídas.” A antiga fé de Columba foi transmitida de pai para filho, envolta em amor e afeto duradouros. Os sofrimentos que os escoceses sofreram nas mãos da religião usurpadora também aprofundaram sua fé, assim como a expressão aprofunda a impressão. As invasões dos romanistas foram firmemente resistidas. Como aparece mais tarde, indivíduos da comunhão valdense, bem como seguidores de Wycliffe foram encontrados na Escócia durante os dias da supremacia papal. A revolta final e permanente contra a tirania religiosa veio quando a Reforma assegurou esta terra como um de seus maiores aliados. Não é uma injustiça para a história dizer que a Escócia duas vezes guardou o mundo para a Reforma. Por fim, a Igreja no Deserto triunfou devido, não em pequeno grau, ao impulso dado pela maravilhosa organização e vida piedosa de Columba.

CAPÍTULO 9

PAPAS, O PRIMEIRO CHEFE DA IGREJA NA ÁSIA

Os cristãos nestorianos são o pequeno, mas respeitável remanescente de uma outrora grande e influente igreja cristã. Eles são a mais antiga das seitas cristãs; e, em seus melhores dias, foram numerosos através de todas as vastas regiões da Palestina à China; e levaram o evangelho para a própria China.¹

Nas histórias de Vigilância e Patrick, foi feita uma pesquisa sobre a verdadeira igreja na Europa central e na Irlanda. A história de Papas (Papas soletrado por Smith e Wace, Papa por Wigram, Phapas por outros) nos leva para o leste a uma região vasta e densamente povoada que já era o lar de inúmeras igrejas cristãs. Quando Papas foi escolhido chefe supremo da Igreja do Oriente em 285, nenhum diretor geral de uma extensa organização cristã já tinha sido cogitado até onde a história mostra. Papas era contemporâneo de Luciano e, como ele, um precursor de Patrick e Vigilância. Dos fatos relatados neste capítulo, pode-se ver que estes dois últimos devem ter sido fortemente influenciados em seu trabalho pela experiência de Papas e da Igreja do Oriente.

Na história de Papas, é feita uma tentativa de dizer quando e onde a Igreja do Oriente foi organizada. Quando esta igreja surgiu, deparou-se com fortes contrafações religiosas. A Igreja do Oriente é frequentemente chamada de Igreja Assíria porque se encontra no território outrora chamado Assíria. Esta região se estende ao longo dos rios Tigre e Eufrates, onde outrora foram os reinos antigos da Assíria e da Babilônia. Esta igreja é muitas vezes erroneamente chamada de Igreja Nestoriana. E porque Selêucia, sua sede, fica a apenas 64 quilômetros da antiga cidade de Babilônia, foi denominada a Igreja da Babilônia, e também a Igreja Caldéia.

Papas foi escolhido para ser o chefe da nova organização quando todo mundo estava agitado. A grandeza de sua visão significou muito para a Igreja no Deserto. Na época de sua eleição, ele havia sido diretor da igreja na região situada em torno de Selêucia. A criação do novo ofício elevou-o de diretor provincial para a posição de chefe sobre toda a Igreja do leste. A unidade que permaneceu naquele grupo era tão forte que os diretores das províncias da igreja desde a Assíria até a China confirmaram esta escolha, reconhecendo e submetendo-se à autoridade suprema de Papas. Ele veio para influenciar o cristianismo sírio, ou assírio, quando era necessário um líder que não apenas

direcionasse o trabalho crescente no Oriente, mas também mostrasse como a Igreja do Oriente deveria relacionar-se com o cristianismo na Europa. Papas é reconhecido como um homem instruído, versado em literatura persa e síria.²

TRANSFORMANDO O PAGANISMO SEM SER TRANSFORMADO

Apenas cem anos após a morte do apóstolo João, os cristãos assírios tinham fundado suas igrejas entre os partos (*ou partas*), persas, medos, bactrianos, citas, turcos e hunos.³ Uma circunstância que tornou isto possível foi a conversão de milhares de ouvintes no Dia de Pentecostes, que retornou com o evangelho aos partos, medos, elamitas, árabes e moradores da Mesopotâmia. (Atos 2:9-11) A verdade do cristianismo quebrou a poligamia arraigada entre os partos. As portas de sua igreja foram abertas somente para os partos que tinham apenas uma esposa. Os “impulsos do pecado na carne” desapareceram nos conversos que não mais andavam após a carne, mas após o espírito. Entre os persas convertidos descobriram que o incesto era universalmente praticado. Pais casavam-se com suas filhas e os filhos tomavam suas mães como esposa. Esta prática fazia parte do zoroastrismo, a religião do estado.⁴ A ira do estado, assim como a ira das multidões, dos sacerdotes magos, incidiu sobre todos que falaram contra isso. Tudo isso foi mudado entre os cristãos.

Pregar os altos padrões do Novo Testamento também elevou a vida industrial dos medos, bactrianos, hunos e citas. Os poderes das trevas caíram diante dos filhos da luz! Bardesanes, escrevendo por volta do ano 180, coloca desta forma:

Somos chamados cristãos pelo único nome do Messias. Quanto aos nossos costumes nossos irmãos abstém-se de tudo o que é contrário à sua profissão, por exemplo, cristãos partas não tomam duas esposas. Cristãos judeus não são circuncidados. Nossas irmãs bactrianas não praticam promiscuidade com estranhos. Persas não tomam suas filhas por esposa. Medos não abandonam suas esposas que estão morrendo ou as sepultam vivas. Cristãos em Edessa não matam suas esposas ou irmãs que cometem fornicação, mas mantém-nas separadas e as entregam ao julgamento de Deus. Cristãos em Hatra não apedrejam ladrões.⁵

Particular atenção é chamada para a afirmação na citação anterior, “Os cristãos judeus não são circuncidados”. Isso refuta a acusação de que cristãos que santificaram o sábado também praticavam a circuncisão.

O sucesso dos cristãos assírios entre os citas constituíram uma revolução moral. Essa vasta e indefinida região, situada ao norte e ao leste

dos mares Negro e Cáspio, geralmente conhecido como Cítia, era um berço de nações. Uma e outra vez, ondas sucessivas de guerreiros ferozes dirigiam-se para o oeste através das partes civilizadas da Ásia. Muitas vezes se instalaram no território em que conquistavam e fundaram novos reinos.

Uma tribo cita pode ser notada em particular. Ela apoderou-se do território a noroeste da Índia, o qual foi então governado pelos sucessores de Alexandre o Grande e fundou a dinastia Kushan (45-225 d.C.). Teve em sua lista vários reis notáveis, um dos quais, fervorosamente dedicado ao budismo, convocou um famoso concílio de sacerdotes budistas com a intenção de promover a unidade entre os monges e de converter o mundo inteiro para a nova religião de Índia. Um dos principais objetivos procurados nesta conferência foi trazer uniformidade entre os monges budistas sobre a observância do seu sábado semanal. Uma convenção mundial realizada em Vaisali revela como o Antigo Testamento tinha impressionado em Buda e seus seguidores a observância semanal de um dia sagrado. Deste concílio Arthur Lloyd escreve:

Era permissível para os irmãos pertencentes à mesma comunidade guardar os sábados separadamente?... Podemos ver quão forte era a corrente de sentimento partidário na pergunta sobre o sábado. As partes opostas, evidentemente, já não se podiam reunir para o celebração conjunta das observâncias costumeiras, e a tensão entre os monges do leste e do oeste era muito grande.⁶

Assim, é claramente visto como o campo havia sido preparado para a chegada do cristianismo. Os missionários da Assíria não recuaram de entrar nos reinos fundados pelos citas na Índia e na Cítia, nem falharam em perseverar em suas tentativas de evangelizar as numerosas tribos ao norte. Eles armaram suas tendas ao lado desses povos nômades nas planícies da Tartária. Ali fundaram milhares de centros cristãos e alcançaram maravilhosos êxitos nos esforços missionários.⁷

SELEUCIA, SEDE DA IGREJA

Para entender o poder da Igreja do Oriente sobre a qual Papas foi eleito o primeiro chefe supremo, deve-se considerar as cidades gêmeas de Selêucia e Ctesifonte, o primeiro centro desta forte organização. Deve ser lembrado que nos dias dos apóstolos era o Império Parta que ficava a leste da Síria e da Ásia Menor. Este império foi destinado a durar quase quinhentos anos (250 a.C. a 226 d.C.). Ele continuou o tempo suficiente para ver os romanos subirem e subjugarem os fracos sucessores de Alexandre. Os romanos, no entanto, temiam um choque com os Partos por causa de sua aniquiladora cavalaria. Se os partos tivessem desistido do zoroastrismo, uma religião que tinha sido forte, astuta e determinada a governar o estado desde os dias do

Império Persa, e tivessem os Partos sido mais ávidos de poder, poderiam ter continuado a ser conquistadores temidos.⁸ Mas não conseguiram fazer isso. Os persas os derrubaram em 226, e o novo império também montou sua capital em Selêucia. Quando Papas foi eleito líder supremo da igreja, mudou sua sede para lá. Assim, durante os séculos em que Selêucia e Ctesifonte compuseram a sede do governo, primeiro dos partos e depois do Império Persa, os crentes do Novo Testamento olhavam para este lugar como seu centro espiritual terrestre.⁹

Era uma região para mexer com a imaginação. Não muito longe das igrejas ao longo do Rio Eufrates, a arca havia descansado após o Dilúvio, e nesta terra os filhos de Noé lançaram as fundações do Império Babilônico. Perto dali, Abraão e seus companheiros peregrinos pararam enquanto viajavam de Ur dos Caldeus para a terra de Canaã. Tivesse o apóstolo João em sua velhice visitado Edessa, teria visto uma das mais belas e progressistas cidades do seu dia.¹⁰

LÍDERES DA IGREJA ASSIRIANA ANTES DE PAPAS

O século e meio entre a morte do apóstolo João e a época de Papas era cheio de interesse para os crentes do oriente. Não somente lá, mas também no oeste, movimentos de grande importância estavam ocorrendo no mundo cristão. Por causa do espírito tolerante de Pártia, nenhuma monarquia de ferro possuiu as nações do Oriente Médio de forma tão dura como o Império Romano possuiu a Europa. As estradas estavam abertas para os jovens que se despediam do pai e da mãe ao responderem ao convite macedônio. Viajantes paravam nas famosas cidades de Edessa ou Arbela ao passarem em seu trajeto dos Celtas da Irlanda para os Celtas do Turquestão ou Mongólia. Nem as geadas no planalto nem as monções da Índia poderiam deter os zelosos evangelistas das missões sírias. Em suas mãos seguravam aquela fonte de inspiração, a Peshitta, a tradução siríaca do Bíblia. Burkitt diz: “O posto que é ocupado pela Versão Autorizada entre cristãos anglófonos é ocupado pela Peshitta nas igrejas siríacas.”¹¹ Essa versão deveria ter uma circulação quase tão grande quanto a Versão Autorizada no oeste. Os cristãos memorizavam-na, recitavam-na, e cantavam-na. Mongol, manchu, tártaro, hindu, malaio e filipino ouviam com espanto a mensagem que caía de seus lábios.

A atitude tolerante do Império Parto, até sua queda em 226, facilitou a liberdade de ação. Nenhuma religião favorecida levou o Estado a pôr em vigor uma perseguição. É verdade que o zoroastrismo na Pérsia, sua terra natal, era arrogante. No entanto, embora fosse poderoso, não era considerado

neste momento como a religião imperial, ou religião licenciada (*religio licita*), desta região.

O sub-reino de Adiabene, estando sob o império parto, tinha permissão para viver sua própria vida. No entanto, as cinco principais províncias sucessivas neste reino antes de Papas sofreram por sua fé.¹² Sansão foi morto por causa da oposição dos zoroastristas. Seu sucessor Isaque, foi preso por algum tempo em um poço porque tinha abrigado um homem proeminente que era um convertido do magianismo. Na época de Noé (163-179), os zoroastristas inventaram um novo e desprezível tipo de perseguição. Sequestrando as filhas dos cristãos, procuravam ganhar das donzelas alguma expressão favorável à sua religião de adoração ao sol. Uma vez feito isso, alegavam que essas meninas estavam convertidas e levavam-nas a uma vida de cativo.

Um decreto real de tolerância estava prestes a ser emitido quando a morte do monarca parto frustrou sua publicação. O último pastor diretor em Adiabene atuou nos anos finais do Império Parto. Então veio o amplo movimento para eleger o chefe de toda a Igreja do Oriente. Deve ter havido considerável agitação quando Papas foi escolhido.¹³ Esta ação unida reuniu líderes espirituais de muitas grandes províncias da igreja e assim, nova vida e esperança foram trazidas aos crentes da Síria para a China.

No final do segundo século, enquanto os cristãos do Oriente estavam ocupados levando avante o trabalho de evangelização da Ásia Menor para Cítia, de repente foram surpreendidos pela ordem de Victor I, bispo de Roma, excomungando-os. Ao se apegarem a certas práticas, seguiram as Escrituras; tinham sido adversos às teorias e práticas estranhas que seus irmãos no Império Romano estavam introduzindo. Os sutis perigos espirituais para a verdadeira igreja no Ocidente eram mais ameaçadores do que os perigos físicos que assaltavam a Igreja do Oriente. Para entender esta primeira usurpação pela qual o poder eclesiástico em Roma alienara cristãos orientais, uma breve explicação é necessária.

SEPARAÇÃO DAS IGREJAS

Uma divisão entre os membros da igreja que buscavam a liderança mundial e aqueles que seguiam humildemente a Jesus estava crescendo na Europa. A maioria dos escritos de autores cristãos aceitáveis para o ocidente, que vieram até nós dos séculos imediatamente seguintes aos apóstolos, reflete a mistura do cristianismo e da filosofia pagã. Isto é especialmente verdade dos professores que interpretavam simbolicamente (alegorizavam) e graduados da faculdade da igreja em Alexandria.

Muitos eminentes teólogos, particularmente protestantes, falam contra aceitar os escritos dos chamados pais apostólicos com muita autoridade. Augustus Neander diz que eles “chegaram até nós numa condição muito pouco digna de confiança.”¹⁴ John L. Mosheim testifica que todos eles acreditavam que a linguagem das Escrituras continha dois significados: um evidente, e outro oculto; que eles atribuíram mais valor para o significado oculto, lançando assim obscuridade sobre as Sagradas Escrituras.¹⁵ O arcebispo Frederic W. Farrar escreve: “Há poucos deles cujas páginas não estão cheias de erros.” “A familiaridade deles com o Velho Testamento é incorreta, popular e cheia de erros.”¹⁶ E Martinho Lutero, que estudou profundamente os escritos daqueles alegorizantes e místicos pais da igreja, declarou que a palavra de Deus quando é exposta por eles é como espremer leite através de um saco de carvão.¹⁷ Adam Clarke testifica que “não há uma verdade no credo mais ortodoxo, que não possa ser provada por sua autoridade, nem uma heresia que desgraçou a Igreja Romana, que não possa contestá-los como seus cúmplices”.¹⁸

No segundo século, os objetivos dos imperadores adoradores do sol e dos teólogos alexandrinos correram paralelamente. Houve um esquema ambicioso em curso para misturar todas as religiões em uma, em que “o sol deveria ser o objeto central de adoração”.¹⁹ Falando da influência da filosofia pagã nos escritores da igreja primitiva, Schaff diz: “Podemos rastreá-la... mesmo em Santo Agostinho, que confessou que acendeu nele um fogo incrível”.²⁰

Aprovando em seus corações a atitude conciliadora dos imperadores pagãos e os métodos de evangelismo em massa de Alexandria, os bispos de Roma decidiram eclipsar qualquer atração pública que festivais pagãos pudessem oferecer. Assentados na capital do império, do alto de seu pedestal de influência, decidiram unir a Páscoa, um festival anual, e o Domingo, um feriado semanal sagrado para o culto do sol, para fazer a maior festa da igreja do ano.

A controvérsia sobre a Páscoa, que deveria durar por séculos, agora começara. Deus havia ordenado que a Páscoa do Antigo Testamento devesse ser celebrada na primavera do ano no décimo quarto dia do primeiro mês bíblico. O paganismo nos séculos antes de Cristo tinha uma contrafação, um feriado anual comemorando o equinócio solar da primavera. Foi chamado “Eostre” da palavra escandinava para a deusa da primavera, da qual obtemos a palavra “Páscoa” (*‘Easter’ em inglês*). Desde a ressurreição de Cristo havia ocorrido na época da Páscoa do Antigo Testamento, um crescente costume de celebrá-la anualmente, embora nem Cristo nem o Novo Testamento a tenham fornecido.²¹ Isso se rivalizava com o festival pagão da primavera. No entanto, o décimo quarto dia do mês da Páscoa poderia cair, como agora, em qualquer dia da semana. As igrejas orientais celebravam a ressurreição de

Cristo anualmente dois dias depois da festa da Páscoa. Eles comemoravam a ressurreição em qualquer dia da semana em que caísse o décimo sexto dia do mês. Isso estava em harmonia com a maneira como a Bíblia regulamentava a festa da Páscoa do Antigo Testamento.

Além de seu festival anual de primavera na Páscoa, os adoradores do sol também tinham um feriado festivo semanal. Como foi anteriormente mencionado, o primeiro dia da semana tinha amplo reconhecimento como sendo consagrado ao sol. O bispo de Roma, buscando superar a pompa pagã, atacou aquelas igrejas que celebravam a Páscoa como uma festa móvel. Ele decidiu fazer com que a Páscoa caísse no mesmo dia da semana a cada ano, ou seja, Domingo.²²

Com isso, ele criaria um precedente que apenas uma oposição religiosa e muito instruída poderia se opor. Assim, apelaria para os preconceitos populares de sua época, tão incorretos como sempre. Desta maneira, afirmaria ser o senhor do calendário, esse instrumento tão indispensável para as nações civilizadas. Assim, iria declarar a luta para nomear festivais da igreja e feriados. Assim, confundiria e deixaria perplexo outras comunidades religiosas, mais simples e mais escriturísticas do que ele. Somente aqueles que têm lido atentamente a história do crescimento do poder papal saberão quão poderosamente a controvérsia sobre a Páscoa serviu nas mãos dos bispos de Roma.

Victor I, o bispo de Roma, reuniu os sínodos provinciais de cima a baixo da costa do Mediterrâneo para chegar a um acordo sobre a data da Páscoa. Clemente, representando a escola de Alexandria, trouxe a decisão a favor da atitude de Roma, publicando um resumo das tradições que havia coletado em favor da observância do domingo.²³ Clemente foi mais longe. Não há registro de um escritor que ousou chamar o domingo o dia do Senhor antes dele. Isto, Clemente fez. Ao mesmo tempo Victor proclamou isto para todas as nações ao redor do Mediterrâneo. Ele sabia que os pagãos concordariam com um festival anual fixo de primavera e que os cristãos que estavam se tornando mundanos fariam o mesmo. Portanto, emitiu seu decreto ordenando ao clero em todos os lugares para observar a Páscoa no domingo seguinte à primeira Lua cheia após o equinócio da primavera. Um comando arrogantemente emitido por um bispo sobre os outros era algo novo no mundo. O clero cristão, até aquele tempo, tinha tido seus sínodos provinciais. Geralmente, tinham seguido os decretos obtidos por maioria de votos nesses encontros regionais. Nunca antes de Victor I, algum bispo ousou passar sobre a cabeça dos sínodos provinciais para ordenar outros clérigos a obedecer a seus decretos. O choque foi tão surpreendente e a resistência a ele tão pronunciada que o historiador Archibald Bower descreve essa pretensão de poder como “o primeiro ensaio de usurpação papal”.²⁴

A Igreja do Oriente respondeu à arrogante requisição, declarando com grande espírito e resolução que de modo algum se afastariam do costume que lhes foi passado. Então os trovões da excomunhão começaram a rugir. Victor, exasperado, rompeu a comunicação com eles, pronunciou o clero do Oriente como indigno do nome de irmãos, e excluiu-os de toda a comunhão com a igreja em Roma.²⁵ Aqui estava um abismo criado entre as igrejas orientais e ocidentais, um abismo que alargou à medida em que o bispo de Roma cresceu em poder. Quando Papas foi eleito como cabeça suprema sobre a comunidade religiosa assíria, encontrou a si mesmo e sua igreja anatematizada, ou seja, excomungada.

O ZOROASTRISMO ATACA A IGREJA

A Igreja do Oriente, excomungada pelo Ocidente, foi deixada só para operar seu próprio destino. Além de estar sob a excomunhão de Roma, constantemente encontrou a persistente oposição do zoroastrismo, a religião do estado da Pérsia, a casa de sua origem. Zoroastro foi o fundador do zoroastrismo, que em seu desenvolvimento posterior foi chamado mitraísmo. Quando a atenção de um viajante na Pérsia hoje é dirigida para os templos do fogo que pontilham a terra, ele fica imediatamente convencido do antigo poder de Zoroastrismo. Muitas ruínas destes famosos templos do fogo podem ser encontradas em planícies iranianas.²⁶ O viajante também pode visitar Malabar Hill, Bombaim, Índia, o conhecido local onde os parses (ou pársis), descendentes da antiga fé da Pérsia, colocam seus mortos. Seu principal interesse não será naquelas silenciosas torres de cimento sobre as quais os abutres se empoleiram, prontos para banquetear-se dos corpos humanos sem vida. Em vez disso, pode olhar em extasiada meditação sobre o templo onde o sacerdote vestido com seu manto senta-se perto da chama sagrada, alimentando-a com sândalo. Os parses fugiram para a Índia após o rápido avanço do exército do recém-criado maometanismo ter derrubado o grande império persa. Levaram consigo, dizem, a chama sagrada. Até o seu êxodo, a Pérsia tinha sido unida pela religião quase invencível de Mitra, o deus-sol do zoroastrismo.

Com sua filosofia sedutora, suas divindades ligadas por interessantes fantasias com movimentos de estrelas e planetas, seus livros sagrados, suas músicas cantadas, seus intrigantes mistérios, seus dias sagrados, e sua hierarquia vestida de branco, o mitraísmo dominou os Impérios Parta e Persa por muitos séculos até a sua conquista pelo maometismo em 636. Apoderou-se de tudo menos do Império Romano com sua garra permanente.

A IMITAÇÃO DE ZOROASTRO DAS DOCTRINAS BÍBLICAS

Os historiadores têm ficado impressionados com a notável semelhança entre a religião da Bíblia e os fascinantes mistérios do planalto iraniano. Embora esses escritores estejam divididos sobre os fatos concernentes a Zoroastro, apresentaremos fortes evidências para mostrar que ele, assim como outros impostores religiosos em todo o mundo, aparece nas páginas do passado como um falsificador do Antigo Testamento em geral e em particular das férteis visões concedidas ao profeta Daniel. O leitor estará interessado nas declarações agora oferecidas.

O erudito Prideaux fala claramente das atividades de Zoroastro, como subordinado do profeta Daniel, que era um primeiro-ministro de ambos os Impérios Babilônico e Persa. Depois de discutir as diferentes teorias de escritores superficiais sobre este místico religioso persa, ele escreve:

Mas os escritores orientais, os quais devem conhecer melhor, todos por unanimidade concordam que havia apenas um Zerdusht ou Zoroastro; e que o tempo em que ele floresceu, foi enquanto Dario Histaspes era o rei da Pérsia... portanto, deve ser Daniel, abaixo de quem esse impostor servia.... E, sem dúvida, vendo ele aquele grande, bom e sábio homem chegar a tal altura e dignidade no império, por ser um verdadeiro profeta de Deus, foi o que incitou este miserável astuto a planejar ser um enganador.... Tudo o que claramente mostra o autor desta doutrina [Zoroastrismo] é ter sido bem versado nos escritos sagrados da religião judaica da qual manifestamente parece ter sido tudo tomado; apenas o esperto impostor cuidou em vesti-la de tal forma e estilo, que melhor concordasse com aquela velha religião dos medos e persas, a qual enxertou sobre ela.²⁷

A hipótese acima é apoiada pelas seguintes declarações de E. A. Gordon, um orientalista de grande renome. Ao ler esses testemunhos, devemos lembrar que Daniel, Ezequiel e Jeremias foram educados juntos quando eram meninos e quando profetas estavam profetizando ao mesmo tempo. Assim, podemos ver mais claramente os possíveis contatos de Zoroastro com Daniel:

Note que é dito do sábio persa, Zoroastro, ter consultado com Jeremias, outro profeta do exílio hebreu.

No quinto século a.C. Ezequiel faz um relato maravilhoso do comércio de caravana com Tiro em seus dias, que também foi o de Confúcio, Lao-tzi, Gautama Buda e Pitágoras.²⁸

Em resposta àqueles historiadores que defendem a hipótese de que o impostor persa era um personagem lendário, *A Enciclopédia Católica* diz o seguinte sobre Zoroastro: “Não se pode mais duvidar que Zoroastro era uma personagem da história real. As tentativas de alguns estudiosos de representá-lo como um ser mítico falharam, embora muito do que é relacionado sobre sua vida é lendária, como no caso de Buda.”²⁹

Tão marcante é a semelhança entre as visões de Daniel e os sonhos de Zoroastro que alguns comentaristas bíblicos que se inclinam para o modernismo sugeriram que Daniel copiou suas visões do profeta persa. Outros o confundiram com o profeta Daniel. Outros escritores têm pensado que ambos tinham uma origem comum, e que as verdades do Velho Testamento, particularmente as profecias de Daniel, ou vieram de zoroastristas ou foram adotados do Antigo Testamento por Zoroastro.³⁰

As seguintes doutrinas do profeta Daniel reaparecem nos ensinamentos de Zoroastro: um Deus supremo, a vinda do Messias, a existência de anjos e suas revelações para o homem,³¹ a ressurreição dos mortos, o julgamento de toda a humanidade, e Adão e Eva – os primeiros pais. Existe uma coleção de livros “sagrados” – escritos compostos por Zoroastro – que foi chamado o *Livro de Abraão*. As mesmas observâncias sobre carnes limpas e impuras são encontradas como foram dadas a Moisés. Tem mandamentos para o pagamento do dízimo, a ordenação de um sumo sacerdote sobre todos, e referências a José, Moisés e Salomão, da mesma forma que eles são apresentados no Antigo Testamento. Zoroastro também odiava a idolatria.

Assim como os judeus tinham um Shekinah visível de glória, indicando a presença de Deus no templo, assim também Zoroastro ensinou seus sacerdotes a contemplar o sol e o fogo sagrado nos templos do fogo, a morada de seu deus supremo. Zoroastro também instituiu um sacerdócio semelhante ao sacerdócio judaico.

Nos templos de fogo maiores, os sacerdotes velavam em turnos e alimentavam a sagrada chama durante as vinte e quatro horas do dia. As druidisas da Irlanda pagã e as virgens vestais de Roma pagã, ambas com juramento de virgindade perpétua, mantinham as chamas do templo sagrado continuamente queimando por séculos.³²

Zoroastro arranjou o desempenho de sua religião para que fosse acompanhado de pompa e cor. Os sacerdotes estavam vestidos em longas e brancas túnicas e tinham gorros altos e pontudos sobre suas cabeças. Eles marchavam em procissão nos dias indicados de assembleias solenes. Tudo foi feito para tornar seus serviços impressionantes. Nessas ocasiões, as libações eram derramadas no chão, hinos sagrados eram cantados, e trechos dos escritos sagrados de Zoroastro eram lidos. Por apoio financeiro recebiam ofertas e também possuíam dotes consideráveis.³³

As revelações do Antigo Testamento tinham descoberto a Trindade. “Em um desfigurado e rude semblante” Zoroastro proclamou sua espécie de trindade.³⁴ Ele colocou como chefe de sua hierarquia celestial Ormazd (ou Ahura-Mazda), o grande espírito sábio, e Ahriman, o supremo espírito maligno, que era o deus rival contemporâneo das trevas que morava no

abismo sem fim da noite. Com eles ele associou de maneira marcante a Mitra, o deus de luz, que era o sol e uma encarnação da adoração do sol. Como o sol não estava nem nos céus nem na terra, mas movendo-se em uma posição intermediária entre o céu e a terra, Mitra era o grande mediador. Quando o mitraísmo se difundiu no Império Romano, é dito que Mitra era o herói dos pecadores, o companheiro após a morte e o guia da alma para o céu dos céus.

Esdras, Neemias e Ester tinham testemunhado a dominação do culto de Zoroastro no Império Persa. A mesma religião cativou província após província do Império Romano até que, através da popularização de seu deus do sol, Mitra, ameaçou sufocar o cristianismo.

A devoção a Mitra era surpreendentemente abrangente. Uma longa linha de Mitreu, ou templos do deus, se estendia do sul da França ao longo do rio Reno, estendendo-se ao território das tribos germânicas. Talvez nenhuma divisão política do estado tenha feito mais para glorificar a divindade oriental do que as províncias germânicas do império. A própria cidade de Roma está cheia dos monumentos de Mitra.³⁵ É uma evidência da grande força do mitraísmo que Roma pagã, e depois a Roma papal, renderam-se à religião dos persas, seus inimigos.

Foi difícil para o cristianismo, em seus dias pioneiros, enfrentar uma religião que por seiscentos anos tinha sido o culto dominante dos impérios persa e parto. Uma oposição espiritual, no entanto, mais séria do que perseguição recaiu sobre os primeiros evangelistas do cristianismo, porque muitas características externas e crenças do zoroastrismo pareciam idênticas às da igreja apostólica. Esta religião anti-cristã começou a falar de Mitra o mediador, de sua missão terrestre para defender os fiéis, de sua ascensão ao céu, do batismo que ele instituiu, de sua segunda vinda seguido pela restauração de todas as coisas e o reinado final infundável do justo. As semelhanças entre o cristianismo e o zoroastrismo eram tão grandes que quando os primeiros cristãos se multiplicaram o suficiente para enfrentar o seu oponente, cada comunidade religiosa estava em posição de olhar para a outra como uma contrafação.

O CREDO DE ADORAÇÃO AO SOL DE ZOROASTRO

Ao vincular as observâncias sazonais de seu culto aos planetas e às estrelas, o zoroastrismo abriu um campo mais seguro para especulação do que as lendas de mitologias mais antigas. O pior obstáculo, no entanto, que a igreja primitiva tinha que enfrentar era o exaltado caráter dado ao domingo pelos persas devotos. O grande defeito em muitas das antigas religiões era que negligenciaram reunir seus seguidores em um a cada sete dias para ouvir

a exposição das leis de seus fundadores. Isto Moisés havia ordenado seu povo a fazer.³⁶ O zoroastrismo não negligenciou esse princípio. Ele enfatizou a sacralidade de um dia em sete. Visto que foi eminentemente uma religião de adoração ao sol, o que era mais apropriado do que escolher o domingo, o dia do sol, como o dia santo?³⁷

Para realçar a observância do domingo, os magos, ou sábios persas, ensinavam que os cinco planetas, todos conhecidos no seu dia, com o sol e a lua, eram divindades. Um dia da semana foi dedicado a cada um destes sete corpos celestes. Assim, o domingo foi dedicado a Mitra, ou ao sol, o maior de todos os deuses do zoroastrismo.

Seu serviço batismal, chamado de “taurobólio”, era um exemplo dos ritos mitraístas tão abomináveis para os seguidores de Jesus. O noviço ficava nu no chão de uma câmara inferior cujo teto era de treliça. Na câmara superior, um touro era morto e o sangue gotejava através da treliça para o candidato abaixo. Nós já temos mencionado a prática do incesto. Visto que era dito que Mitra tinha nascido desta maneira, a prática revoltante persistiu através dos séculos. Além dos sacrifícios persas, foram usadas oblações, como derramar óleo ou mel ou leite no chão. Na medida em que os seguidores subiam através dos sete estágios ou graus no culto do mitraísmo, muitas purificações e flagelações eram exigidas.

Notamos a incomparável rapidez e força com as quais o mitraísmo capturou as províncias do Império Romano. Foi na terra da Pérsia, o centro e fonte da falsificação, onde os primeiros missionários da fé cristã invadiram sua fortaleza. Assim, na oposição do poder eclesiástico ocidental na Europa e no poderoso antagonismo do zoroastrismo no oriente havia quase um intransponível obstáculo a ser superado pela Igreja do Oriente. Foi providencial que neste momento crítico, enquanto a igreja estava estendendo seu vasto programa em direção ao Oriente, unificassem suas forças e encontrassem em Papas um líder forte.

A IGREJA ENFRENTA A CONTRAFAÇÃO DE BUDA

Nos séculos antes de Cristo e imediatamente depois, as nações civilizadas se familiarizaram umas com as outras através da navegação, dos tratados, do comércio, e viagens.³⁸ Roma, Grécia, Pérsia e China estavam todas interessadas em construir e manter boas estradas, e determinadas a chegar ao território do outro. Na época de Pompeu, cerca de 50 a.C., o domínio romano tinha se estendido para as costas ocidentais do mar Cáspio, onde a fronteira da China devia ser encontrada.³⁹ Desde a época da conquista

do norte da Índia por Alexandre (325 a.C.) houve considerável comércio entre o Egito e a Índia.⁴⁰ O transporte para o cativo dos Judeus – o das duas tribos do sul, a partir de 606 a.C., e o das dez tribos do norte, começando por volta de 800 a.C. – e sendo espalhados por todas as nações, foram outros meios de intercomunicação entre as nações orientais nos tempos do Antigo Testamento. O erudito jesuíta, M. L. Huc assinalou que os judeus prosseguiram em numerosas caravanas para Pérsia, Índia, Tibete e até China; que isso teve o efeito de disseminar seus livros, suas doutrinas e suas profecias entre todos os habitantes da Ásia; que os judeus foram espalhados por todas as cidades; e que não foi fácil encontrar uma local da terra que não os havia recebido e onde não haviam se estabelecido.⁴¹

Esse comércio das nações orientais é expresso por outro escritor:

Ao longo da Dinastia Han, as relações comerciais existiam entre Roma e China, os dois maiores e mais poderosos impérios da antiguidade. No primeiro século, Estrabo viu 120 navios em um porto do Mar Vermelho, pronto para navegar para a Índia; e, até o começo do terceiro século, expedições marítimas deixavam portos egípcios e persas através do Mar Vermelho e do Oceano Índico para Canton e outros portos do sul da China.⁴²

Khotan (ou Hotan), uma grande cidade do Turquestão, a oeste da China, foi fundada pelo imperador chinês que construiu a Grande Muralha da China, cerca de 214 a.C. Era a capital do Turquestão, um país tão grande quanto a França e muito rico em recursos. Era a cidade central onde chineses e arianos se encontravam. O Turquestão tinha rodovias, pousadas e facilidades de transporte que tornaram o comércio e a comunicação possíveis entre a China, Pérsia e Índia.

O seguinte elo significativo na história é mais interessante. Historiadores assinalam que Dario, o Grande, filho de Histaspes, conquistou o noroeste da Índia por volta do tempo em que Buda fez sua famosa visita ao rei Ajatasatru, cuja dinastia reinou sobre amplos domínios no nordeste da Índia.⁴³ Aqui estava um caminho para os ensinamentos de Zoroastro se misturarem com aqueles de Buda. A parte da Índia conquistada pela Pérsia foi governada como sendo a vigésima satrapia, ou província, e foi considerado o distrito mais rico no Império Persa. Ela fornecia a maior receita em ouro das províncias asiáticas do império. Um contingente de arqueiros da Índia lutou no exército persa que marchou contra a Grécia.⁴⁴ Esta sobreposição da Pérsia e Índia tornou o zoroastrismo disponível para o povo hindu.

O nome dado a Buda era Gautama. A palavra Buda significa “o iluminado”. Ernest de Bunsen diz: “As doutrinas de Zoroastro eram tão bem conhecidas por Gautama como pelos hindus iniciados, embora ocultassem mais ou menos este conhecimento das pessoas.”⁴⁵ Bunsen ainda diz: “A reforma budista foi baseada nas doutrinas zoroastrianas”.⁴⁶ Pitágoras da

Grécia seguiu Zoroastro. Visto que o confucionismo na China, em sua estreita semelhança com o budismo, aparentemente seguiu os ensinamentos do Antigo Testamento e era semelhante à filosofia pitagórica, concordâncias podem ser encontradas nessas três religiões.⁴⁷ Suas diferenças estão principalmente na diferença de ênfase. O Buda da Índia colocou sua ênfase no mundo vindouro; Confúcio da China deu ênfase numa religião de lar e estado; e Pitágoras da Grécia na mente e alma. O primeiro foi panteísta, o segundo foi nacionalista, e o terceiro era espírita. Desta maneira estes líderes religiosos influenciaram as nações e cativaram-nas em seus encantos, e falsas aplicações de revelações divinas.

Até a época de Buda, por volta de 400 a.C, a Índia estava nas garras do Bramanismo, carregada com o sistema de castas e entregue à idolatria. A nova religião de Buda difundiu-se com sucesso neste subcontinente. O budismo mudou a idolatria da adoração de milhões de deuses para a adoração do próprio Buda.⁴⁸ Seu ensino é permeado de doutrinas e cerimônias falsificando a religião revelada do Antigo Testamento. No Budismo pode-se encontrar visões, milagres, um sacerdócio, um dez mandamentos carnal (não espiritual), procissões, templos, imagens e dias festivos.⁴⁹ O grande festival de Buda do décimo quinto dia do sétimo mês deve ser notado como sendo o dia preciso da Festa Bíblica dos Tabernáculos.⁵⁰ Nisto, Buda provavelmente seguiu Zoroastro.⁵¹ Mais tarde, evidências impressionantes serão dadas de como o budismo posteriormente salvou-se da rejeição do mundo por falsificar a história e doutrinas de Cristo.⁵²

A relação de Buda com o sábado do sétimo dia é expressa por Arthur Lloyd nestas palavras:

Para nós, parece fácil conjecturar a parte de onde ele tirou sua ideia de um sábado semanal, e o fato de que a Ordem dos Monges guardou seus dias de sábado por muitos séculos após o nirvana tornará mais fácil para nós reconhecer e admitir a doutrina mantida por uma grande parte dos budistas do norte que Buda também ensinou, pessoalmente e durante a sua vida terrena, de que a salvação para muitos operava por outro Buda, que é ilimitado em vida, luz e compaixão a quem o Japão conhece como Amitabha.⁵³

A IGREJA DO ORIENTE COMBATE O HINDUÍSMO

O hinduísmo, que já havia tentado enfrentar o desafio dos ensinamentos do Velho Testamento e a reforma budista, começou novamente a se opor à Igreja do Oriente. Nos dias do profeta Daniel, a plena luz da verdade de Deus incidiu sobre o povo do Ganges. Eles estavam engajados na adoração sensual de seus ídolos. Imoralidade e degeneração tinha se apoderado deles com uma força terrível. Estavam destinados a perecer em sua própria corrupção se a salvação não os tivesse alcançado de

alguma outra parte. Os judeus das dez tribos, mais de um século antes de Daniel, tinham sido levados em cativeiro. Na providência de Deus foram espalhados por muitas terras; contudo, ainda eram o povo escolhido de Deus. Inflamados pelas maravilhosas revelações concedidas ao profeta Daniel, pregaram com um sonoro desafio para os deuses animistas da Índia. A literatura hebraica espalhada através do Himalaia dizendo de Deus, o Pai, o Santo Espírito, e uma terceira Pessoa de quem o salmista declarou: “O Senhor disse ao meu Senhor, assenta-te à minha direita” (Salmo 110:1) estabeleceu-se na Índia.⁵⁴ Um orientalista encontra evidências convincentes de que os afegãos eram descendentes das tribos perdidas. No país dos afegãos entre os inúmeros descendentes dos cativos judeus a geração de Buda governou. Lá, interessantes eventos do ministério de Buda tiveram lugar.⁵⁵

Os brâmanes se apressaram em desenvolver uma nova filosofia da divindade. Os historiadores mostram que neste tempo (cerca de 500 a.C.) os sacerdotes hindus mudaram seus ensinamentos e adotaram a doce concepção de um amoroso Pai celestial.⁵⁶ Surgiu uma nova literatura e inumeráveis tratados foram escritos para colocar Brahma (o criador), Vishnu (o preservador), e Shiva (o destruidor), a trindade hindu, no mesmo nível que Jeová. Estes conceitos mais abstratos e menos materialistas de religião eram as crenças dos brâmanes e das classes educadas, mas deixaram as massas à sua grosseira idolatria. Os brâmanes pretendiam controlar a idolatria da população ignorante usando poderosas doutrinas de medo e favor.

Nada havia despertado os judeus em cativeiro a tal ponto de entusiasmo como as visões de Daniel revelando a vinda do seu Messias. O profeta hebreu deixou claro que este Ungido deveria ser um mediador sofredor, um substituto em Sua morte pelos pecadores (Daniel 9:24; 7:27). Embora os brâmanes não entendessem essa fase da missão do Messias mais do que os fariseus, perceberam o apelo significativo que um mediador divino teria sobre as massas. Portanto, inventaram novos ensinamentos sem reconhecer a fonte de sua inspiração. Eles começaram a ensinar uma trindade hindu, um rival à divindade do Antigo Testamento. Uma ilustração disso pode ser vista fora de Bombaim (ou Mumbai), nas grutas ou templos das cavernas rochosas na ilha de Elefanta, visitada anualmente por milhares de peregrinos e viajantes.⁵⁷

Além de dar aos seus devotos o tipo de trindade três-cabeças-em-um-corpo, os sacerdotes empregaram as doutrinas pagãs do panteísmo, nirvana, e transmigração. No panteísmo eles ensinaram que a Divindade era o soma total do universo. Coisas materiais, como se as via, não existiam. Todo objeto visível era uma ilusão, todas as coisas eram apenas passageiras manifestações da divindade. Eles estavam sem realidade essencial. Apenas uma coisa era real – Brahma, o Absoluto, o Infinito, o Indescritível, o Todo.

A doutrina da transmigração aterrorizou os corações das pessoas na Índia. Esta doutrina contemplava uma sucessão interminável de funerais e subsequente renascimentos em formas inferiores de vida animal ou vegetal. A existência nesta vida presente para as massas hindus significava, na melhor das hipóteses, apenas uma miséria após a outra. A morte, no entanto, não continha nenhum alívio para eles. Em vez de trazer alívio para os sofrimentos da vida, a alma devia descer à terra novamente para se tornar um cobra, um cachorro ou um imundo suíno. Se existisse alguma possibilidade de escolher o menor de dois males no mundo por vir, eles deveriam obedecer aos sacerdotes nessa vida. Daí o poder dos brâmanes.

A terceira doutrina, nirvana, era a crença na total absorção da existência na morte. Significava a aniquilação do homem, do eu, pela completa união com Brahma. Contemplava o derretimento de todas as entidades conscientes para dentro da paz sem sofrimento e calma meditação da divindade. A existência mais abençoada era a completa dissolução de toda a existência. A trindade reuniria em si mesma por anos sem fim todas as incontáveis personalidades do universo. O céu não era um lugar, era um estado da mente. Era heresia para o hindu dizer que a eternidade seria vivida com seres sagrados e felizes, como o Antigo Testamento descrevia. De acordo com o Hinduísmo, tronos, principados, anjos, demônios e mediadores iriam todos perecer. Todas eram fantasias do espírito; eles realmente não existiam.

A NOVA REVOLUÇÃO DO HINDUÍSMO

Tal era a Índia quinhentos anos depois de Daniel, quando a Igreja do Oriente entrou naquela terra infeliz. De todas as situações difíceis que o cristianismo enfrentara no Oriente, a da Índia era sem rival. Destemido na força do Espírito Santo, o fervor apostólico desafiou diretamente o paganismo conservador. Agora unificado sob a organização completada por Papas, a igreja saiu a conquistar para Cristo. Deus concedeu um sucesso maravilhoso. Com a foice da verdade, as testemunhas de Jesus colheram o dourado grão para o celeiro celestial. Ano após ano, década após década, o cristianismo se revelava como uma força conquistadora na Índia.

Então uma incrível revolução ocorreu. Os brâmanes acordaram com um sobressalto. Eles perceberam que novas verdades estavam tirando seu poder. Sem dúvida raciocinaram assim: “Por que nos sentamos como tolos? Não temos visto a igreja em Roma no oeste construir um rival de sucesso para a igreja do Novo Testamento? Vamos superar tanto Roma quanto as comunidades mais simples do cristianismo. Vamos fabricar um esquema de imitação tão deslumbrante que todas as outras religiões, até mesmo o nosso

próprio ensino anterior, será completamente eclipsado”. Então, por volta do ano 600, inventaram a lenda de Krishna, e em apoio a isto falsificaram sua cronologia.

O poder do evangelho para contestar o erro é revelado na agitação entre os líderes hindus. Os sacerdotes pagãos sabiam que isso significava o fim do seu poder, a menos que fabricassem novas armas. O sucesso dependia de sua capacidade de imitar. Deveriam fazer os mesmos poderosos apelos às emoções humanas que pela primeira vez foram trazidas ao mundo através de Jesus Cristo. Deveriam renovar seus serviços religiosos e copiar ou falsificar os serviços da verdadeira igreja.

Para construir uma defesa contra o evangelho, foram obrigados a fazer três coisas. Primeiro, deveriam inventar um deus que entrou num corpo humano. Isso poderia competir com a história do nascimento de Jesus na carne, que estava conquistando corações em todos os lugares. Em segundo lugar, deveriam dar a essa contrafação do Messias um nome semelhante a Cristo, com eventos semelhantes de Sua vida e ensinamentos que se comparassem. Em terceiro lugar, deveriam harmonizar sua cronologia com a astronomia hindu para lançar a data desta encarnação fabricada séculos antes do nascimento de Jesus, a fim de fazer com que o cristianismo parecesse ter sido copiado do hinduísmo. Nova literatura foi fornecida para dar sucesso ao empreendimento.

A divindade que eles escolheram para encarnar era Krishna, um nome muito parecido com o de Cristo. Livros escritos por pagãos, anteriores à vinda do cristianismo, tinham contado sobre as descidas dos deuses entre os homens. Estes, no entanto, tinham sido simplesmente a manifestação de alguma parte de algum atributo da divindade. A nova doutrina da encarnação que agora surgia produziu um rodada completa de literatura e teologia sobre o nascimento maravilhoso de Vishnu, a divindade suprema, que veio em carne humana sob o nome “Krishna.”⁵⁸ “Ele desceu em toda a plenitude da divindade, tanto que Vishnu é às vezes confundido com Brahma, o último se tornando encarnado em Krishna como ‘o supremo Brahma’”⁵⁹. Muitos poemas épicos foram escritos para glorificar as façanhas deste deus que desceu para compartilhar as alegrias e tristezas da humanidade. Nos corações de milhões, Krishna chegou a ocupar o lugar do próprio Vishnu. Assim como os cristãos dirigem suas orações a Cristo ao invés de Deus, assim os hindus podem direcionar suas orações para Krishna, em vez de Vishnu, a suprema divindade.

Grande crédito é devido a John Bentley que, em 1825, detectou essa fraude dos brâmanes depois de ter sido aceita por mil e duzentos anos. A similaridade entre os nomes de Cristo e Krishna havia sido notada há muito tempo. Escritores tinham listado as muitas concordâncias entre os eventos do nascimento e vida de Cristo e os de Krishna.⁶⁰ Quando as traduções

posteriores da literatura hindu foram publicadas, os pensadores ficaram intrigados com as muitas surpreendentes semelhanças entre os ensinamentos das duas religiões. Os sacerdotes da Índia que alegavam que a encarnação de Krishna tinha sido há seiscentos anos antes de Cristo, adoravam gabar-se de que o Novo Testamento foi construído a partir dos épicos hindus. Bentley resolveu o mistério. Ele obteve dos brâmanes o horóscopo de Krishna, quem, disseram, nasceu à meia-noite de 25 de março, e também as posições do sol, da lua e dos cinco planetas entre as constelações celestes. Este inglês perspicaz, proficiente na matemática da astronomia, provou conclusivamente que a data mais antiga que poderia ser reivindicada para o nascimento de Krishna foi em 7 de agosto do ano 600 d.C.⁶¹ Escritores subsequentes do hinduísmo acharam as descobertas de Bentley dignas de consideração.

Os seguintes detalhes interessantes sobre Krishna são dados por M'Clintock e Strong:

O krishnaísmo, com todas as suas imperfeições, pode ser considerado como uma extrema e necessária revolta do coração humano contra as fantasias insatisfatórias da filosofia pagã em que o bramanismo e o budismo degeneraram de modo idêntico. As especulações das seis escolas de filosofia, enumeradas por escritores nativos, servira apenas para confundir a mente até que a palavra *maya*, “ilusão”, evoluiu como o expoente de tudo o que pertence à vida por vir. A natureza do homem pede luz sobre intrincadas questões da existência mortal, mas ao mesmo tempo exige aquilo que é mais importante, um ancoradouro para a alma no próximo e tangível....

Por outro lado, os Puranas revelam a respeito de Krishna uma vida humana tal, que quando considerada do ponto de vista mais favorável, é desonrosa para o nome e natureza do homem. É uma série de infantilidades e licenciosidade. Os feitos miraculosos de Krishna eram raramente de um objeto compatível com a ideia de uma divina intervenção. Suas associações como um vaqueiro (*gopala*) com a *gopis* [fêmeas] – na qualidade em que ele é mais popular como objeto de adoração – não são melhores que as aventuras amorosas da mitologia clássica”.⁶²

Na época em que os brâmanes inventaram a história de Krishna, não havia um poder de oposição na Índia forte o suficiente para impedi-los de criar a fraude. A Idade Escura estava se estabelecendo na Europa. No oeste não havia nem interesse suficiente nem capacidade de desmascarar o engano. É um grande tributo à esplêndida atividade missionária exibida pela Igreja do Leste que o hinduísmo, com medo de perder seu poder, foi levado a criar uma falsificação de Cristo e Seu evangelho. Isso prova que a igreja evangélica sobre o qual Papas tinha sido eleito em 285 se tornou uma força a ser reconhecida por volta do ano 600.

Falando de Cosmas, o célebre viajante e pregador nestoriano, um conhecido escritor oriental, usando a palavra “monge” em seu significado original de pastor, indica a vasta extensão da Igreja do Oriente em 538:

Vamos fazer novamente uma pausa para considerar a descrição dada por Cosmas (que antes de se tornar um monge era um comerciante alexandrino e navegou o Mediterrâneo, Mar Vermelho, Golfo Pérsico, e também visitou a Índia e Ceilão) da vasta extensão de um cristianismo oriental na mesma data, 535 d.C., da chegada do Mahayana no Japão. Ele declara que igrejas com sua completa liturgia foram então encontradas no Ceilão, no Malabar, Socotra, e noroeste da Índia (aparentemente idênticos aos cristãos de São Tomé) ministrados por bispos e sacerdotes enviados do Patriarca da Selêucia; também em Bácia e entre os hunos; na Mesopotâmia, Cítia, etc.⁶³

Na história de Papas, vimos as forças com as quais a Igreja de o Oriente contendeu. No entanto, contra todos esses poderosos inimigos, a igreja sob a organização iniciada nos dias de Papas foi triunfante. Cada uma dessas religiões falsificadas foi obrigada a adotar medidas drásticas para combater as incursões feitas por esta igreja, uma guardiã do cristianismo apostólico. Deus grandemente abençoou a Igreja do Oriente e a preservou por séculos até que cumprisse sua missão.

CAPÍTULO 10

COMO A IGREJA FOI CONDUZIDA AO DESERTO

Os godos levaram de volta esses cristãos cativos (da Ásia Menor) para a Dácia, onde foram estabelecidos e onde números consideráveis abraçaram o cristianismo através de seu intermédio. Ulfilas era filho de um desses cativos cristãos e foi instruído nos princípios cristãos.¹

A história dos godos entra fortemente na interpretação do período profético dos 1260 anos. Quando consideramos os godos e seu aparecimento entre as nações, isto nos leva ao nome de Ulfilas.

A caneta não pode descrever como a face da Europa Ocidental foi completamente mudada pelas invasões teutônicas que varreram do leste ao sul e oeste. Estas continuaram por pelo menos dois séculos, terminando em 508 quando o papado completou seu triunfo sobre os recém-chegados. Os habitantes da Europa foram levados a um segundo plano, como também o uso geral da língua latina, enquanto estrangeiros e línguas estrangeiras reinavam do Danúbio ao Tâmisia. A soma do território do antigo Império Romano foi praticamente reduzida pela metade. Mudanças profundas ocorreram no que restava desse império, agora limitado ao extremo leste do Mediterrâneo. Enquanto isso, na Europa Oriental houve um renascimento dos tipos mais simples de cristianismo. Os povos celta e gótico no ocidente também contribuíram para esta nova era evangélica.

Grandes vitórias para Cristo foram ganhas por Ulfilas (311-383 d.C.). Os triunfos deste missionário foram realizados entre as nações lotadas ao longo das fronteiras do norte do Império Romano. Como Patrick da Irlanda, ele passou seus primeiros anos em uma terra de cativo. Ulfilas terminou seu trabalho por volta do tempo em que Patrick estava começando o dele. Há muita semelhança nas crenças e realizações dos dois heróis.

Luciano de Antioquia estava no auge de sua carreira quando Ulfilas era um rapaz. A Ásia Menor, a pátria dos seus antepassados, foi, nos primeiros anos da igreja, o cenário de forte oposição àqueles eclesiásticos que interpretavam as escrituras simbolicamente ou por alegorias, os quais tinham sido cumulados de favores imperiais por Constantino, e que eram antagônicos à tradução de Luciano da Bíblia e de seu sistema de ensino. Ulfilas foi convidado a fazer sua escolha. Ele decidiu não andar com os alegorizadores. A Bíblia gótica que deu às nações que converteu segue principalmente o Texto Recebido que nos foi transmitido por Luciano.² Tais

contatos e associações iniciais moldaram a crença e os planos de Ulfilas. Os godos ao longo da costa norte do Mar Negro haviam conduzido seus barcos para os portos do sul e haviam mandado para o cativo os antepassados de Ulfilas que residiam na Ásia Menor.

Constantino II, filho e sucessor de Constantino, não participou, como previamente observado, das opiniões de seu pai, e tinha direcionado o escudo de proteção imperial em torno da outra parte que foi estigmatizada como arianos pela igreja em Roma. Para estes, ele havia concedido plena liberdade religiosa. Qual foi a atitude de Ulfilas para com as controvérsias sobre a Divindade que convulsionou o Concílio de Nicéia? O historiador W. F. Adeney diz:

Não há razão para duvidar que Ulfilas foi perfeitamente honesto na posição teológica que ocupava. Como missionário sincero, mais preocupado com o trabalho evangelístico prático do que com a controvérsia teológica, pode ter ficado satisfeito com uma forma simples de cristianismo que poderia tornar mais inteligível para seus rudes companheiros compatriotas do que aquela que estava envolvida em sutil metafísica grega.³

Embora os godos tenham se recusado a acreditar da forma como a igreja em Roma acreditou, e como consequência foram estigmatizados como arianos, o romanismo na verdade significava pouco para eles. De fato, pouco significava para Ulfilas, seu grande líder.⁴ Os godos recusaram-se a concordar com as forjadas inovações sendo introduzidas na igreja dos césares, que faziam com que a igreja de imediato estigmatizasse qualquer rival como Arianos. Eles eram, acima de tudo, um povo guerreiro antes da chegada de Ulfilas. A maior luta que este apóstolo teve com os godos, como ele nos informa, não foi tanto a destruição de sua idolatria como foi o banimento de seu temperamento bélico. No entanto, fizeram grandes progressos em substituir sua paixão por campanhas marciais por um governo organizado e estabelecido e a edificação de sua civilização.

Do ano 250 até cerca do ano 500, os povos germânicos (ou teutônicos) se espalharam pelas províncias da Europa ocidental e formaram dez novas nações. Entre estas dez estavam os dois ramos dos godos – os visigodos, ou godos ocidentais, e os ostrogodos, ou godos orientais. Outras tribos invasoras eram os francos, os burgúndios, os vândalos, os anglo-saxões, os alamanos, os hérulos e os suevos. Estas estavam destinadas a se tornarem nações poderosas do ocidente europeu. Os invasores se instalaram no Império Romano, formando tais reinos como Inglaterra, França, Alemanha, Suíça, Espanha, Itália e Portugal. Três outros reinos surgiram das migrações, e se não tivessem sido conquistados, os hérulos poderiam agora estar governando

a região central e sul da Itália, os vândalos sobre o norte da África e os ostrogodos no sul da Europa.

Durante dois séculos, essas questões pesavam na balança: Apegar-se-ão, estas novas nações, ao antigo paganismo germânico? Converter-se-ão ao cristianismo celta? Cairão sob o domínio da igreja em Roma? É uma história emocionante que revela como eles foram convertidos, alguns no início para o cristianismo gótico, mas depois todos para o cristianismo celta, antes que fossem subjugados por nações hostis cujos exércitos foram instigados pelo papado.

Visto que Ulfilas pertencia à igreja que se recusava a aceitar as extremas especulações sobre a Trindade, havia um abismo entre seus conversos e aqueles que seguiam Roma. Criado em cativo, ele não tinha presenciado as agitadas cenas do Concílio de Nicéia (325 d.C.). Naquela famosa assembleia histórica a igreja em Roma e o imperador rejeitaram as opiniões de Ário, e uma condenação foi pronunciada sobre aqueles que se recusassem a aceitar a decisão do conselho. Se os ensinamentos de Ário eram tais como são geralmente apresentados a nós ou não, quem pode dizer? Philippus Limborch duvida que o próprio Ário tenha afirmado que Cristo foi criado em vez de ser gerado.⁵

Por causa do favor de Constantino, o partido da igreja em Roma foi dominante. Após a morte de Constantino, no entanto, os imperadores por quase meio século lidaram brandamente com os adversários da Igreja Romana e muitas vezes tiraram a proibição sobre grupos opostos. Na verdade, houve momentos em que parecia que os pontos de vista daqueles que rejeitavam as extremas especulações trinitarianas se tornariam permanentemente dominantes no império. Consequentemente, quando milhares de igrejas e líderes de igrejas da oposição foram estigmatizados como arianos, não é surpreendente encontrar Ulfilas representando essas crenças.

Visto que os godos não tinham linguagem escrita, Ulfilas foi obrigado a inventar um alfabeto. Ele associou os sons góticos à escrita. A primeira grande peça de literatura que as pessoas dessas vastas nações situadas ao norte das fronteiras do império consideraram foi a Bíblia. Tornou-se o elo de união entre os povos góticos. Foi o pai da literatura teutônica. Foi o precursor de um Lutero, um Shakespeare e um Goethe. Mas como Massmann observa, não há nenhum traço do que foi chamado de arianismo nas traduções góticas remanescentes do Novo Testamento.⁶

Como seus ancestrais eram da Ásia Menor (as províncias onde a o apóstolo Pedro tinha sido especialmente instruído por Deus para implantar o evangelho), Ulfilas foi indubitavelmente influenciado pelas doutrinas do apóstolo aos Judeus; e rejeitou os ensinamentos liberais e antibíblicos que tinham inundado muitas igrejas ocidentais. Ele era um crente na revelação divina do Velho Testamento, bem como do Novo Testamento. Ele imprimiu na mente do povo gótico, um cristianismo simples e democrático. Como Patrick e Columba, ele aparentemente guardava o sétimo dia como o sábado. Isto pode ser visto na seguinte citação a respeito do grande Teodorico, um subsequente rei dos godos (454-526 d.C.), retirado do historiador Sidônio Apolinário. Sidônio não era apenas um bispo da igreja na França, mas também era genro do imperador romano. Ele estava na França quando as grandes invasões dos godos ocorreram. Portanto, estava bem informado sobre as práticas dos godos. Ele escreve:

É um fato que antigamente aqueles que moravam no oriente estavam acostumados como igreja a santificar o sábado como o dia do Senhor, e realizar assembleias sagradas; por isso Astério, bispo de Amasia em Pontus, em uma homilia sobre incompatibilidade chamou o sábado e o domingo de um belo período, e Gregório de Nissa em um sermão chama estes dias de irmãos e, portanto, censura o luxo e os prazeres sabatistas; enquanto por outro lado, as pessoas do ocidente, contendendo pelo dia do Senhor, negligenciaram a celebração do sábado, como sendo peculiar aos judeus. Por isso Tertuliano em sua Apologia diz: ‘Estamos somente ao lado daqueles que vêm no sábado um dia apenas para descanso e relaxamento.’ É, portanto, possível que os godos tenham pensado, como alunos da educação dos gregos, que deveriam santificar o sábado à maneira dos gregos.⁷

De um erudito e viajante descrevendo a igreja russa moscovita (cristãos ainda morando na região onde anteriormente tribos haviam sido influenciadas pelos ensinamentos de Ulfilas) aprendemos que, depois de sua conversão eles “continuaram desde então na comunhão e religião Gregas; ...julgando ilícito jejuar aos sábados.”⁸

Este mesmo autor, descrevendo a doutrina da Igreja Ortodoxa Grega, diz:

Eles admitem casamentos de padres... Que eles rejeitam o uso religioso de imagens ou estátuas, admitindo, porém, figuras ou imagens planas em suas igrejas. Que eles solenizam o sábado (o sábado dos judeus) festivamente, e nele comem carne, proibindo como ilegal jejuar em qualquer sábado do ano, exceto na véspera da Páscoa.⁹

O papado durante muitos séculos ordenou o jejum no sábado e isto criou uma antipatia entre os precipitados membros da igreja pela sacralidade do dia.¹⁰

CONVERSÃO DOS GODOS POR ULFILAS

Seria impossível obter uma compreensão correta dos eventos que levaram a igreja para o deserto sem perceber a grande parte no drama vivenciado pelos godos. Tribo após tribo dos Teutões – povos praticamente desconhecidos que viveram ao norte do Danúbio – possuíam o poder de dar golpes esmagadores contra estados estabelecidos. Massas de gente, capazes de mobilizarem-se em exércitos invasores destrutivos, estabeleceram-se nos confins do Império Romano. A revolução produzida por suas migrações e vitórias decisivas em batalha aparecerá ao avaliarmos o seu lugar na história. Para surpresa de todos, os godos foram ganhos para o evangelho em um tempo incrivelmente curto, não pela persuasão de Roma, mas por Ulfilas. Enquanto a igreja em Roma estava querendo agarrar o poder secular, essas igrejas estavam ativas com zelo missionário.

A seguir, vieram aqueles poderosos exércitos das hostes invasoras. Homens gigantes sentados em cavalos de guerra precederam os carroções cobertos nos quais estavam mulheres, crianças e posses terrenas. Província após província caiu diante de seus poderosos machados de guerra. A população romana pereceu ou fugiu para montanhas e cavernas. Finalmente, em 409, os invasores chegaram diante de Roma. Depois de conquistar a cidade que durante séculos aterrorizou o mundo, eles se retiraram. Mas voltaram depois de várias décadas para a conquista final de Itália.

Os godos e os vândalos não lutaram por que tinham um temperamento sanguinário, mas porque foram bloqueados pelos romanos quando se dirigiam em direção oeste pelos povos selvagens da Cítia e da Sibéria. O historiador Walter F. Adeney retratou o espírito e os métodos dos godos quando saquearam Roma em 410:

Em primeiro lugar, foi uma grande coisa para a Europa que, quando os godos se espalharam pela Itália e até capturaram Roma vieram como um povo cristão, reverenciando e poupando as igrejas, e abstando-se daquelas barbaridades que acompanharam a invasão da Grã-Bretanha pelos saxões pagãos. Porém, em segundo lugar, muitos destes simples cristãos góticos ficaram sabendo para sua surpresa que eram hereges, e isso somente quando seus esforços para confraternizarem-se com seus companheiros cristãos da igreja ortodoxa causaram ressentimento e raiva.¹¹

As seguintes palavras de Thomas Hodgkin mostram quão superiores estas tropas invasoras eram em relação à condição corrupta da igreja do estado no norte da África, quando os vândalos que também recusaram as

doutrinas prescritas pelo estado de Roma tomaram a terra natal de Tertuliano e Cipriano:

Augusto tinha dito: ‘Eu vim da minha cidade natal para Cartago, e em todos os lugares ao meu redor rugia a fornalha do amor profano. ... Casas de má-fama em cada rua e praça, visitadas por homens do mais alto posto, que deveriam ter tido idade digna de respeito; castidade fora das fileiras do clero uma coisa desconhecida e desacreditada, e de modo algum universal dentro daquela região; os vícios mais sombrios, os pecados de Sodoma e Gomorra praticados, declarados, nos quais se regozijavam – tal é a imagem que o presbítero gaulês desenha da capital da África.

Nessa cidade de pecado marchou o exército vândalo, e quase se poderia dizer, quando se lê a história de seus feitos, o exército dos Puritanos. Com toda a sua crueldade e toda a sua ganância eles mantiveram-se incontaminados da licenciosidade da esplêndida cidade. Eles baniram os homens que estavam ganhando a vida ministrando aos mais torpes desejos. Erradicaram a prostituição com uma sábia, porém não cruel mão. Em suma, Cartago, sob o domínio dos Vândalos, foi uma cidade transformada, bárbara, mas que possuía moral.¹²

Neste ponto, deve ser claramente declarado que os godos não estão sendo apresentados como constituindo a Igreja no Deserto. No entanto, eles certamente não estavam em simpatia com a igreja em Roma. Eles eram um povo em que a verdade estava lutando para chegar à tona. Mas, por outro lado, o poder religioso previsto em Daniel 8:12 estava para derrubar a verdade ao chão, e assim praticar e prosperar. (Daniel 8:12).

A PROFECIA DOS 1260 ANOS DO CHIFRE PEQUENO

“Assim ele disse: O quarto animal será o quarto reino na terra, o qual deve ser diferente de todos os reinos, e devorará toda a terra, e a pisará, e a fará em pedaços. E os dez chifres deste reino são dez reis que se levantarão; outro se levantará depois deles, e será diferente do primeiro, e subjugará três reis. E proferirá grandes palavras contra o Altíssimo, e desgastará os santos do Altíssimo, e pensará em mudar os tempos e as leis; e eles serão dados em sua mão até um tempo e tempos e a metade de tempo. Mas o juízo se assentará, e tirarão seu domínio, para consumi-lo e destruí-lo até o fim.” (Daniel 7: 23-26).

A cadeia de profecias em Daniel 7 revela por meio de símbolos de animais, a sucessão de eventos mundiais desde o tempo do escritor profético até a segunda vinda de Cristo. Na cabeça do quarto animal da profecia de Daniel, besta a qual é frequentemente interpretada como a quarta monarquia

universal, o Império Romano, são vistos dez chifres. Comentaristas corretamente concluem que estes são os dez reinos germânicos que invadiram, fragmentaram, e tomaram posse da parte ocidental do Império Romano, ou o território original da quarta besta. A ascensão do “pequeno chifre”, seu crescimento em poder, seu ato de arrancar três dos dez chifres, e suas fortes palavras contra Deus, acompanhados pelos 1260 anos de perseguição dos santos, devem agora chamar atenção.

Clóvis era o rei dos francos, uma das tribos pagãs que tinham anteriormente cruzado as fronteiras do império na província da Gália. Seu pai havia antes trabalhado devotadamente com os bispos de Roma. Clóvis enfrentou e derrubou com sucesso a fraca resistência do exército do império. Seu próximo e formidável inimigo eram os pagãos Alamanos, mais tarde chamados de Alemães.¹³ Ele teve uma longa e sangrenta batalha com eles na qual resistiu com sucesso sua invasão. Antes disso, ele havia se casado com Clotilde, filha do rei dos burgúndios e católica devota.

Observando o poder e influência do papado, e ansioso para valer-se do apoio papal, ele professou a conversão em 496, e todos os seus seguidores uniram-se a ele na adesão ao catolicismo, três mil dos quais foram batizados junto com ele logo depois de sua conversão. Como esperava, os católicos juntaram-se a ele como o único príncipe católico no Ocidente.¹⁴

Os reinos teutônicos que ocuparam outras províncias romanas, bem como a França, ou continuavam em sua idolatria ou eram convertidos ao cristianismo como ensinado por Ulfilas. Eles geralmente são catalogados como arianos. Depois de sua conversão política ao cristianismo como defendido pela igreja em Roma, Clóvis derrotou os burgúndios, povo que nessa época estava dividido entre paganismo e cristianismo. O desejo de espalhar sua nova religião e arruinar os reinos cristãos que recusavam as novas doutrinas parecia ser o objetivo de seu temperamento bélico. A barbaridade e crueldade de seus atos subsequentes provaram o quanto sua conversão era política e não uma rendição à verdade no coração. Não há dúvida de que sua nova profissão serviu ao propósito de estabelecer e ampliar seu reino, e por isso ele renunciou a idolatria ao cristianismo da igreja em Roma.¹⁵

O clímax de sua ascensão à fama e poder foi alcançado quando ele estendeu a mão para tomar as ricas e belas terras do sul da França do reino dos visigodos. Passo a passo, apoiado por Roma e pela influência do imperador de Constantinopla, Clóvis fê-los recuar até que a grande e decisiva batalha de 507-508 foi travada. Isto foi decisivo porque reinos pagãos vizinhos que o odiavam estavam prontos para atacá-lo se ele perdesse. Roma assistiu com o coração ansioso o resultado desta batalha decisiva, porque ela

bem sabia que suas esperanças de expansão neste mundo seriam em vão se seu único príncipe no ocidente falhasse.

O imperador em Constantinopla também seguiu com muita atenção as notícias desta guerra. O imperador, confrontado por inimigos poderosos do leste e do norte, via pouco futuro para o tipo de cristianismo que estava defendendo se Clóvis não conseguisse dar aos francos um lugar ao sol permanente por meio desta vitória final.

O exército dos visigodos foi derrotado pelos francos na batalha de 507. Era necessário que Clóvis destruísse as fontes de fornecimento adicional. Ele combateu enquanto o ferro estava quente, e em 508 perseguiu os visigodos até suas fortalezas do sul e os venceu. Clóvis foi nomeado cônsul pelo imperador,¹⁶ ao passo que pela igreja em Roma, ele foi chamado de primeira Majestade Católica e seu sucessor “o Filho Mais Velho da Igreja”. O “chifre pequeno” estava agora em processo de arrancar outros chifres. Quão grande foi o significado no curso da história do mundo do ponto culminante em 508 do estabelecimento do primeiro reino católico no Ocidente, deixemos as testemunhas dizerem. Diz R. W. Church:

O rei Franco apostou sua espada contra a causa ariana, e tornou-se o defensor e a esperança da população católica em toda a Gália.

Os *invasores* haviam finalmente chegado, *quem deveriam permanecer*. Foi decidido que *os francos, e não os godos*, deveriam dirigir os destinos futuros da Gália e da Alemanha, e que a fé católica, e não o arianismo, deveria ser a religião desses grandes reinos.¹⁷

Novamente, do Dr. David J. Hill, ex-embaixador dos Estados Unidos para Alemanha:

Até o tempo de Clóvis as hordas invasoras do oriente tinham se movido constantemente para o oeste... Daí em diante, aquela maré retrocederia, e a conquista deveria proceder na direção oposta. Os francos sozinhos, de todas as *raças bárbaras* que invadiram o império, não foram totalmente absorvidos por ele; mas mantiveram, por assim dizer, um canal aberto de comunicação com a grande experiência germânica. Foram os francos que, voltando-se para o leste, não só reprimiram avanços adicionais dos bárbaros, mas... deveriam tornar-se os defensores da cristandade.¹⁸

Conforme o prof. George Adams escreve:

Esta questão Clóvis resolveu, não muito tempo depois do início de sua carreira, pela sua conversão ao cristianismo católico... Destas três maneiras, portanto, o trabalho de Clóvis foi de influência criadora sobre o futuro. Ele trouxe o romano e o alemão nas mesmas condições, cada um preservando as fontes de sua força para formar uma nova civilização. Ele fundou um poder político que deveria unir quase todo o continente entre si, e *trazer o período das invasões ao fim*.¹⁹

Assim foi Clóvis, rei dos francos, que em 508 pôs fim à perspectiva de que o paganismo pudesse eventualmente ser superior.

Ele (Clóvis) tinha em todas as ocasiões mostrado a si mesmo uma pessoa enganosa e sem coração, o ganancioso conquistador, o tirano sanguinário; mas pela sua conversão tinha liderado o caminho para o triunfo do catolicismo; tinha salvo a Igreja Romana da “Cila e Caribdis” da heresia e paganismo.²⁰

Através de Clóvis uma nova era começou. A citação agora de Lewis Sergeant:

Mas depois de todas as mudanças, foram os francos que se fortaleceram constantemente, que construíram uma lei, uma igreja e um império.... O batismo de Clóvis, o que implicou a conversão geral dos francos para o cristianismo, estabeleceu a coroa num século de marcantes sucessos para a igreja ocidental.²¹

A SUJEIÇÃO DOS GODOS PELO IMPERADOR JUSTINIANO

Trinta anos após a vitória em 508, o papado foi elevado à supremacia universal por Justiniano. O palco já estava pronto. A vitória de Clóvis sobre os visigodos em 508, que quebrou o domínio pagão por séculos não necessariamente erradicou o paganismo espalhado em outras partes. Trinta anos depois (538 d.C.) o domínio passou para o papado, uma teocracia que perseguia mais severamente do que o paganismo. É geralmente reconhecido que uma união de igreja e estado é mais intolerante do que um estado político.

Estimulado pela vitória de Clóvis, o poder eclesiástico de Roma foi mexendo em todos os lugares. No norte da África estavam perturbando a paz do reino cristão dos vândalos, e na Espanha estavam se levantando contra os visigodos. Em toda parte, diz Milman, os eclesiásticos estavam aumentando seu poder como mediadores, negociadores de tratados ou como agentes na submissão ou revolta das cidades.²²

A IGREJA FORÇADA A IR PARA O DESERTO

Justiniano determinou tornar o governo do papado universal dentro de seu domínio. Em 529 ele emitiu seu famoso decreto que estabelecia as bases para as perseguições da igreja que manteve a fé apostólica durante os 1260

anos. A distinção entre as importantes datas de 532, 533, e 538 deve agora ser considerada.

Archibald Bower diz sobre o edito de Justiniano:

Por um decreto que emitiu para unir todos os homens em uma fé, seja judeus, gentios ou cristãos, no prazo de três meses, para abraçarem e professarem a fé católica, e os que não o fizeram, foram declarados infames, e, como tal, excluídos de todos os empregos tanto civis como militares, incapazes de deixar qualquer coisa por testamento, e suas propriedades confiscadas, seja real ou pessoal. Estes foram argumentos convincentes da verdade da fé católica; mas muitos, no entanto, resistiram a eles; e contra quem o fez, o decreto imperial foi executado com o máximo rigor. Grande número de pessoas foi expulso de suas habitações com suas esposas e filhos, despojados e nus. Outros se arriscaram a fugir, carregando consigo o que pudessem esconder, para seu sustento e manutenção; mas foram saqueados do pouco que tinham, e muitos deles massacrados desumanamente pelos camponeses católicos, ou pela tropa que guardava lugares de passagem.²³

O imperador prescrevia a fé de todo homem, e essa fé consistia das doutrinas de Roma. Não houve protestos do papa. O domínio mundial do paganismo chegara ao fim; mas um domínio mais prejudicial ao cristianismo primitivo, mais destrutivo para o intelecto, tinha tomado seu lugar. O decreto de Justiniano em 532 se estendeu por todo o império até onde dominava. Quando, no entanto, o norte da África e a Itália foram conquistados, este edito seguiu os braços imperiais. A severa e ruínosa aplicação do decreto não cessou quando os três meses especificados nele cessaram. Isto definiu o ritmo para o período de 1260 anos mencionado pelo profeta Daniel.

Pelo decreto de 532 Justiniano reduziu todos os crentes sinceros e verdadeiros à mais lúgubre condição. Mas pelo decreto de 533 ele exaltou o papado à maior posição terrestre possível. Essa exaltação, no entanto, estava somente em decreto, até que o êxito na guerra o colocasse em prática. Portanto, a princípio, poderiam aplicar-se apenas ao seu próprio território. Por outro lado, ambos os decretos aplicaram-se na Europa, quando em 538 os ostrogodos na Itália foram esmagados e mais poder foi dado ao papado.

Justiniano escreveu ao papa em 533: “Nós não demoramos em sujeitar e unir a Vossa Santidade todos os sacerdotes de todo o oriente”. Nesta mesma carta ele também disse: “Nós não podemos tolerar que qualquer coisa que se relacione com o estado da igreja, por mais manifesto e inquestionável que seja, deva ser mudado, sem o conhecimento de Sua Santidade, que é a cabeça de TODAS AS SANTAS IGREJAS”.²⁴

Quando chegou a notícia do sucesso de seu general em esmagar os vândalos na África, em 534, Justiniano ficou exultante. Então, como diz o historiador Gibbon: “Impaciente para abolir a tirania temporal e espiritual dos vândalos, ele prosseguiu sem demora para o completo estabelecimento da igreja católica”.²⁵

Tendo apresentado uma abertura para declarar guerra aos ostrogodos, Justiniano despachou seu general Belisário contra eles. Depois de uma série de vitórias, o general entrou em Roma com seu exército. Os ostrogodos vieram em número de 150.000, decididos a sitiar o exército de Justiniano, mas eles estavam sem estratégia de ataque. Não podiam avançar contra a cidade; enquanto isso, atrás deles a hostilidade do povo os deprimia. “A nação inteira dos ostrogodos tinha se reunido para o ataque”, diz Thomas Hodgkin, “E foi quase consumida no cerco.” “Um ano e nove dias depois do início do cerco”, ele continua, “um exército que recentemente se tornara tão forte e triunfante, queimou suas tendas e recolocou a ponte Mílvia.” “Com corações pesados os bárbaros devem ter pensado, ao voltar-se para o norte, nos muitos túmulos de homens valentes que estavam deixando nessa planície fatal. Alguns deles devem ter suspeitado da melancólica verdade de que tinham cavado um túmulo, mais profundo e mais largo que todos, o túmulo da monarquia gótica na Itália.”²⁶

Por causa dos eventos deste ano, 538, o papado ganhou um firme ponto de apoio. Ele poderia reivindicar cada vez mais uma soberania independente e assim foi mais capaz de realizar sua agenda para garantir o domínio supremo. Instituído uma hierarquia papal suprema iria finalmente criar uma dupla soberania na Itália, e estabelecer um precedente para os mesmos métodos entre outras nações. A ruína do poder ostrogodo bloqueou o caminho para que uma Itália unida colocasse seu próprio rei no trono.

O historiador Milman, comentando sobre a destruição dos ostrogodos, escreve:

A conquista da Itália pelos gregos foi, em grande parte pelo menos, o trabalho do clero católico... A queda do reino gótico era para a Itália um mal incurável... Em sua queda começou a política fatal da sé romana, fatal pelo menos para Itália, ...que nunca permitiria que um poderoso reino nativo unisse a Itália, ou uma grande parte dela, sob um domínio. Seja o que for que tenha sido para a cristandade, o papado tem sido o eterno e implacável inimigo da independência italiana e da unidade italiana.²⁷

Faz pouca diferença se o automeado sucessor de Pedro governa sobre dez quilômetros quadrados ou dez milhões de quilômetros quadrados. Se ele governa, ele é tão verdadeiramente um rei como qualquer outro

soberano. Hoje, ele é o imperador do Império do Vaticano. Nomeia seus embaixadores, imprime seu dinheiro, tem seu próprio serviço postal. Mas por que ele deveria ser feito um rei mais elevado do que um chefe de qualquer uma das igrejas protestantes? Tal reinado requer uma união de igreja e estado. Tal reino foi especialmente condenado por Jesus.

Justiniano declarou o papa como “O CHEFE DE TODAS AS SANTAS IGREJAS”. Embora os papas tenham esquecido que esse título foi dado por um homem falível, não por Deus, eles nunca se esqueceram de reivindicar esse poder. A amarga injustiça para o povo italiano que foi a entronização do papado em seu meio feita por Justiniano, o qual criou uma soberania dentro de uma soberania, pode ser vista no caráter do imperador. Que tipo de homem era Justiniano? Gibbon declara:

O reinado de Justiniano foi uma constante cena de várias perseguições; e parece ter superado seus indolentes predecessores, tanto na capacidade inventiva de suas leis quanto no rigor de sua execução. O prazo insuficiente de três meses foi designado para a conversão ou exílio de todos os hereges; e se ele ainda tolerou sua precária permanência, eles foram privados, sob seu jugo de ferro, não apenas dos benefícios da sociedade, mas do direito inato comum de homens e cristãos.²⁸

O papado sempre sustentou que sua tradição tem a mesma autoridade que as Escrituras. Tendo “olhos como os olhos do homem” (Daniel 7: 8). O papado gritou: Mais poder, mais poder. Imediatamente voltou sua ira sobre os refugiados na Itália que haviam fugido do oriente, do decreto de Justiniano, a fim de encontrar segurança sob o governo tolerante do rei ostrogodo Teodorico.

Estes se juntaram aos valdenses que estavam convencidos de que o papado era o “Chifre pequeno” de Daniel, e o “homem do pecado” dos escritos de Paulo.²⁹ A igreja de Roma aceitou a política de perseguição de Justiniano, mesmo quando ela tinha aceitado o exaltado título que ele lhe concedeu. Então para a verdadeira igreja foram dadas duas asas de uma grande águia para que ela pudesse voar da

“grande tribulação, tal como nunca houve desde o começo do mundo até este tempo, nem jamais haverá” (Mateus 24:21).

A Idade das Trevas começara. Perseguição implacável e impiedosa foi o expediente da igreja e sistema de estado. Manejando um poder maior que mesmo aquele exercido pelos céсарes, o romanismo perseguiu a igreja cada vez mais para o deserto. Não obstante, as aflições e provações fizeram com que a igreja perseguida continuasse viva, brilhando cada vez mais até que, à mão da providência de Deus, seu perseguidor recebeu uma “ferida mortal”

quando os 1260 anos terminaram.³⁰ Ulfilas seguiu o seu caminho. A igreja dos imperadores, que ele havia ignorado e cujos ensinamentos se recusara a transmitir às hordas do norte, mais tarde destruiu a soberania das nações que professavam sua fé. Elas não foram conquistadas nem pelo ensino do Novo Testamento nem pelo esforço missionário, mas pela espada. Embora a posição de independência tenha sido tirada dos godos, o povo gótico sobreviveu. Eles estavam em sujeição, mas não demonstraram grande amor pelos misteriosos artigos de fé ensinados pelos açoites do chicote. Sem armas marciais, se tornaram presas fáceis dos francos que avançavam rapidamente. Contudo, podem-se seguir os agitados movimentos entre seus descendentes ao ouvirem a homens poderosos nas profecias e fé de Jesus. Os dias amanheceram quando outros vieram no espírito e poder de Ulfilas. Isto contribuiu com sua parte quando veio a hora para manter a Bíblia mais uma vez exaltada como o centro de toda a vida cristã e crença.³¹

CAPÍTULO 11

DINOTO E A IGREJA NO PAÍS DE GALES

“O abade do mais ilustre mosteiro britânico, em Bangor, de nome Neynoch¹, cuja opinião em assuntos eclesiásticos teve o maior peso entre seus compatriotas, quando instado por Agostinho a se submeter em todas as coisas às ordenanças da Igreja Romana, deu a seguinte notável resposta:¹ ‘Estamos todos prontos para ouvir a igreja de Deus, o papa em Roma, e todo piedoso cristão, para que possamos mostrar a cada um, de acordo com sua posição, perfeito amor, e encorajá-lo por palavras e ações. Não sabemos, que qualquer outra obediência possa ser exigida de nós para com ele a quem você chama o papa ou o pai dos pais’.”²

A figura heróica de Dinoto (*em inglês, ‘Dinooth’*) (530-610 d.C.) engrandece a história do cristianismo no País de Gales. Ele carimbou sua personalidade na vida da nação galesa, e deu direção ao primeiro encontro precipitado entre um competente líder da Igreja Celta e os agentes do papado. Ele se tornou diretor do cristianismo celta na Inglaterra e no País de Gales por volta do tempo em que o período dos 1260 anos estava começando em 538. Ele liderou a Igreja Celta em seu encontro crítico com Agostinho, o fundador da igreja papal na Inglaterra.

Os galeses ainda consideram o sexto século como o período mais brilhante de sua história.³ Columba estava terminando seu trabalho na Escócia quando Dinoto estava no auge de sua carreira. Como esses dois eram líderes da mesma fé durante os anos vitoriosos do avanço da Igreja Celta nas Ilhas Britânicas, Dinoto aprendeu com Columba, e seguiu seu programa de evangelização.

Adicione aos nomes desses pioneiros o de Aidan, um famoso líder do cristianismo celta na Inglaterra na geração seguinte a Dunod, e pode-se ver a unidade, bem como o abundante evangelismo, que esta igreja exibiu. Para obter uma visão de perto do ambiente em que Dinoto continuou seu grande trabalho, é necessário examinar a história das Ilhas Britânicas visto que experimentaram três grandes ondas de penetração.

O País de Gales foi a primeira das nações da Grã-Bretanha a sentir as armas de agressão dirigida contra a Igreja Celta após a chegada do papado. Os crentes galeses exemplificaram a bravura de outros que deram suas vidas por sua fé. O povo celta era conhecido por sua coragem, e quase esgotaram

as forças conquistadoras do Império Romano quando exército após exército se dissolveu diante das tribos nativas das montanhas galesas.⁴

Os galeses, uma parte do grande ramo celta da família humana,⁵ eram originalmente pagãos em sua religião. Alguns praticavam o politeísmo, enquanto outros seguiam o druidismo. As escolas dos druidas são famosas na história por sua cultura e treinamento literário.

A CHEGADA DO CRISTIANISMO

O cristianismo sem demora entrou nas Ilhas Britânicas. Mesmo nos dias dos apóstolos a mensagem pode ter chegado a eles, pois Mosheim escreve: “Se algum apóstolo, ou qualquer companheiro de um apóstolo, alguma vez visitou a Grã-Bretanha, não se pode determinar; contudo, a balança de probabilidade pende preferencialmente para o afirmativo”.⁶

Orígenes, por volta de 225 d.C., falou o seguinte concernente à Grã-Bretanha: “Quando a Grã-Bretanha antes da vinda do Cristo concordou com a adoração de um Deus? Quando os mouros? quando o mundo inteiro? Agora, no entanto, através da igreja todos os homens invocam o Deus de Israel ”.⁷

Durante os quatrocentos anos em que a Grã-Bretanha esteve sob o Império Romano, os seguidores do evangelho não sabiam nada da dominação eclesiástica e do pomposo ritual de Roma. A verdade foi praticada em simplicidade apostólica. Os ingleses foram primeiro evangelizados, não por Roma, mas por seus irmãos na Ásia Menor, que continuaram no primitivo cristianismo.⁸ Columbano, que era da mesma fé que Dunod, declarou que sua igreja não havia recebido nada além das doutrinas do Senhor e dos apóstolos.⁹ Portanto, como mais tarde será visto em seu conflito com líderes papais, devemos concluir que o cristianismo britânico primitivo era apostólica e não papal.

As invasões dos godos e o saque de Roma trouxeram uma crise para a igreja celta na Inglaterra e no País de Gales. A política de defesa do império foi forçada a uma mudança radical. A ordem foi dada imediatamente para que as legiões imperiais abandonassem a Grã-Bretanha, visto que eram necessárias no continente próximo da pátria. A fronteira do império se contraiu, deixando os ingleses ao seu destino. Imediatamente os ferozes pictos da Escócia e os saxões da Escandinávia invadiram a ilha. E, quando por volta de 449 as ondas de invasão dos anglo-saxões começaram, o ódio

dos estrangeiros contra os bretões foi descarregado com fúria na igreja britânica. No final das contas, o paganismo foi dominante desde o Canal da Mancha até a fronteira da Escócia, sendo que somente o País de Gales foi capaz de se manter firme.

Passo a passo, os anglo-saxões conquistaram e colonizaram a Inglaterra. Levaram quase duzentos anos para fazer o que os romanos fizeram em poucos anos. Nunca houve resistência mais nobre, sacrificante e persistente aos espoliadores. A invasão da Itália e da Espanha foi um movimento migratório, mas a Inglaterra foi vencida metro por metro, polegada por polegada. Os defensores eram agricultores e pastores, bem como combatentes, mas os invasores pagãos tomaram suas terras. Igrejas cristãs foram demolidas ou substituídas por templos pagãos. Durante esses conflitos na Inglaterra, no entanto, o cristianismo celta estava se expandindo e se fortalecendo na Irlanda, na Escócia e no País de Gales.

Enquanto os pagãos anglo-saxões estavam pressionando a igreja celta de volta para o País de Gales, uma revolução teve lugar na França, que acabaria afetando o cristianismo em toda a Grã-Bretanha. Os francos pagãos, cobiçando as ricas terras no sul da França possuídas pelos cristãos visigodos, sofreram uma conversão política a Roma, fortemente apoiada pelo bispo de Roma e do imperador romano. Os francos conquistaram os visigodos em 508. Isso fez com que sua nova fé dominasse na França, e prenunciou um avanço semelhante na Inglaterra. Antes que a revolução na Gália fosse totalmente consumada, os conquistadores anglo-saxões na Inglaterra tinham se juntado em várias confederações fortes. Finalmente, surgiram vários reinos, geralmente em número de sete, conhecidos como Heptarquia. Destes, o reino de Kent foi o primeiro a atrair atenção por causa de sua forte liderança inicial e de sua relação com a igreja em Roma.

O rei de Kent neste tempo (560-616 d.C.) era Etelberto, que tinha se casado com Berta, filha do rei católico romano dos francos. Imediatamente, uma poderosa vantagem foi dada ao papado, já que esta princesa teve o apoio não só das nações fortes da Gália e Itália, mas também do Império do Oriente, cujo imperador estava em aliança com o papado. Berta consentiu neste casamento apenas com a condição de que ela deveria ser acompanhada à Inglaterra por seu capelão.

AGOSTINHO NA GRÃ-BRETANHA

Quando Agostinho e seus monges desembarcaram na ilha (597 d.C.), condições política favoreceram sua vinda. O papado havia procurado por mais de duzentos anos matar o cristianismo apostólico que prevalecia em toda a Grã-Bretanha. Por deturpação e pela espada tinha perseguido os dissidentes evangélicos no norte da Itália. Ele também odiava a organização similar na Grã-Bretanha. Agora, finalmente, encontrara um aliado. A inflexível resistência anterior dos bretões celtas aos invasores anglo-saxões germânicos tinha imbuído o último com raiva para com suas vítimas. O ódio religioso entranhado no papado estava agora unido ao ódio racial dos anglo-saxões.

Ao desembarcar, Agostinho foi para Canterbury, a metrópole de Kent. Ele e seus companheiros se aproximaram, “mobiados com virtude divina, sem mágica, levando uma cruz de prata por sua bandeira, e a imagem de nosso Senhor e Salvador pintado em uma placa; e cantando a ladainha.”¹⁰ Foi uma severa aflição para o cristianismo apresentado para os anglo-saxões fazê-los acreditar que o inefável Eterno poderia ser representado por uma imagem em uma placa, e ensiná-los a dar permissão ao mandamento de Deus contra imagens, enquanto proclamando obediência a Cristo, pois não tinha o profeta de Deus declarado: “A quem então Me assemelhareis?” (Isaías 40:25.)

Esses recém-chegados receberam permissão para ensinar abertamente, para reparar e reabrir as igrejas que os pagãos anglo-saxões haviam destruído. Quão político e, portanto, quão superficial foi o batismo indiscriminado de Agostinho, muitas vezes a milhares de cidadãos de Kent, tornou-se aparente logo após a morte do rei quando o reino caiu no paganismo.¹¹ Devido provavelmente à influência de Agostinho, uma revisão das antigas leis tinha sido feita na qual uma penalidade ordinária fora prescrita para ofensas contra cidadãos, uma penalidade nove vezes maior para uma ofensa contra o rei, mas um penalidade onze vezes maior para uma ofensa contra o bispo e uma penalidade doze vezes maior para uma ofensa contra um prédio da igreja.

Depois seguiram-se casamentos mais estratégicos. Provavelmente o maior sucesso alcançado por Agostinho foi o casamento da princesa católica romana Eteburga, filha de Eteberto, com o rei pagão, Edwin, governante de Nortúmbria, e depois o casamento da princesa católica romana Eanfleda, neta do rei Eteberto, com o rei da Nortúmbria, Osvio, neto de Edwin, que tinha abraçado a fé britânica sob a influência de seu virtuoso pai, o rei

Oswald, um estudante da celebrada escola de treinamento de Columba em Iona. Essas três, Berta, Etelburga e Eanfleda, representaram a política de Roma de se casar com princesas católicas o governante do país cuja fé seria derrubada. Destas três, Eanfleda tinha a maior influência, como é relatado mais tarde, quando ela afastou o coração de seu marido, o rei Osvio da Nortúmbria, de seguir a igreja celta depois que ele, por dez anos como rei, tinha andado nos passos de seu nobre pai.

O REI ARTUR E OS PRIMEIROS HERÓIS GALÊSES

Um nome em torno do qual o romance construiu uma literatura volumosa é o do rei Artur, o herói galês. Este George Washington de seu país deve ter lutado muitas ferozes batalhas para expulsar os anglo-saxões. Evidentemente, Artur era a espada do Senhor em defesa da igreja britânica. A ele se deve a construção ou reparação de muitas igrejas, bem como uma batalha bem sucedida. O historiador Gibbon diz:

Mas todo nome britânico é eclipsado pelo nome ilustre de ARTHUR, o príncipe herdeiro dos Siluros (*em latim: Silures*), no sul de Gales, e o rei eletivo ou geral da nação. De acordo com a narrativa mais racional, ele derrotou, em doze batalhas sucessivas, os anglos do norte e dos saxões do oeste; mas a idade avançada do herói foi amargurada por ingratidão popular e infortúnios domésticos.¹²

O esplêndido crescimento da igreja celta durante o período decorrido entre o tempo do rei Artur e o desembarque de Agostinho, trouxe sérios receios para a igreja papal. Dr. A. Ebrard diz do papa Gregory I: “Uma igreja irlandesa britânica e missão nas ilhas britânicas, livre de Roma, já existiam. Ele investiu Agostinho com jurisdição sobre todos os bispos da igreja britânica.”¹³ O fato de que o papa Gregório comissionou Agostinho para ser arcebispo sobre os bispos britânicos, bem como sobre os católicos romanos prova que o pontífice planejou a extinção da igreja celta.

Agostinho influenciou o rei Etelberto de Kent a convocar os professores celtas das províncias mais próximas dos bretões ao Carvalho de Agostinho, um lugar provavelmente localizado nas margens do rio Severn. A convocação foi enviada para a famosa escola de treinamento celta em Bangor, no País de Gales. Bede relata que a grande inscrição de estudantes para o ministério nesta faculdade exigiu a sua separação em sete divisões com um reitor sobre cada uma. Nenhuma das diferentes partes continha menos de trezentos homens, todos os quais viviam do trabalho de suas mãos.¹⁴

Dunod, como presidente de sua faculdade, seria, de acordo com a organização da igreja celta nesse período, diretor supremo também das igrejas no País de Gales. Se Dinoto participasse da conferência proposta, Agostinho teria a oportunidade de encontrar um ilustre representante do início do cristianismo britânico.

Vieram, portanto, para o Carvalho de Agostinho as delegações dos doutores ou professores de Bangor, no País de Gales, cuja faculdade poderia ser vista como centro eclesiástico dos bretões.¹⁵ Os católicos romanos começaram acusando os pastores celtas de fazerem muitas coisas contra a unidade do Igreja. Agostinho pediu que abandonassem seu método de guardar a Páscoa, para preservar a unidade católica, e empreender em comum a pregação do evangelho aos pagãos. Seguiu-se uma longa disputa. Ficou claramente evidente para aqueles pastores, cuja igreja tinha uma origem independente do papado e nunca tinham tido qualquer ligação com Roma, que a unidade exigida deles significava a perda de sua identidade. Eles se recusaram a ser seduzidos pelas exortações e repreensões de Agostinho e seus companheiros. Eles responderam que era sua preferência seguir suas próprias práticas cristãs. Os bretões prontamente declararam “que não poderiam separar-se de seus costumes antigos sem o consentimento e licença de seu povo.”¹⁶ Portanto, uma segunda conferência foi organizada.

A SEGUNDA CONFERÊNCIA SOBRE DOCTRINAS DA IGREJA

A esta segunda reunião vieram sete bispos, como Bede os chama, e muitos homens eruditos dos bretões. Antes de saírem para esta conferência, esses delegados visitaram um dos seus anciãos conhecidos por sua santidade e sabedoria para pedir seu conselho. Este aconselhou-os a deixar Agostinho e seu grupo chegarem ao lugar do primeiro encontro. Se, quando os bretões chegassem, Agostinho se levantasse e os recebesse com a mansidão e humildade de Cristo, então deveriam olhar para ele como o mensageiro do céu. Se, no entanto, ele exibisse altivez e arrogância, era um sinal de que deveriam se recusar associar-se com ele ou aceitar sua autoridade.

Quando chegaram ao local da reunião, Agostinho já estava lá e, mantendo seu assento, não se dignou levantar-se. Então, os bretões o acusaram de orgulho, respondendo a todos os seus argumentos. Agostinho ordenou-lhes a manter a Páscoa de acordo com a Igreja de Roma, desistir de sua unidade evangélica e se tornarem romanistas. Os bretões total e decididamente rejeitaram as reivindicações de Agostinho à autoridade superior de sua igreja e a supremacia do papa que o enviou. Eles declararam

que “não fariam nenhuma dessas coisas, nem o receberiam como arcebispo”.¹⁷ Por conseguinte, Agostinho predisse sua ruína, dizendo que “se vocês não se juntarem a nós em unidade, sofrerão dos seus inimigos a vingança da morte”.¹⁸

James Ussher escreve sobre esta entrevista: “Os cronistas galeses ainda relatam que Dunod, o abade de Bangor, elaborou vários argumentos naquela ocasião para mostrar que eles não lhe deviam sujeição.” Da mesma fonte autorizada aprendemos ainda que os galeses responderam aos monges de Roma que eles aderiram ao que seus santos pais mantinham antes deles, que eram os amigos de Deus e os seguidores dos apóstolos, e, portanto, eles não deviam substituí-los por quaisquer novos dogmáticos.¹⁹

Logo após esta controvérsia entre Dinoto e Agostinho, o clero galês viveu para ver o terrível massacre de seus jovens candidatos ao ministério na guerra travada contra os bretões e a igreja britânica no País de Gales. Etelfrido, rei da Nortúmbria, formou um grande exército para guerrear contra eles. Enquanto se preparava para atacar, notou uma companhia especial de cerca de mil e duzentos jovens ocupados em oração. Estes eram do famoso colégio de formação de Bangor, País de Gales. Embora esses jovens se opusessem a carregar armas, estavam acostumados a orar pelos soldados de sua própria nação que estavam lutando pela existência nacional. Ao saber quem esses mil e duzentos eram, Etelfrido gritou para que suas orações mostrassem de que lado eles estavam, e mesmo que não carregassem armas, ele iria matá-los primeiro. Por seu cruel comando praticamente todos eles foram exterminados. Tão grande foi o massacre que o historiador papal Beda acha que vê nisso o cumprimento da maldição de Agostinho.

James Ussher registrou alguns dos poemas do principal bardo galês, Taliessin, que podemos considerar um poeta laureado, o qual escreveu:

***Ai daquele que não guarda
De lobos romanos suas ovelhas sagradas.***

Todos devem admirar o espírito dos líderes da igreja galesa. Sua sorte foi bastante difícil com os exércitos ferozes dos anglo-saxões constantemente assediando-os. Somado a isso estavam as demandas dos emissários papais e da organização apoiada pelo rei da França e do imperador romano. O abismo entre os dois tipos de crentes era profundo e amplo. Esse mesmo papa Gregório, que enviou Agostinho para a Grã-Bretanha emitiu uma bula declarando que os decretos dos quatro primeiros conselhos gerais da igreja eram de inspiração igual aos evangelhos. Isto era uma inaceitável

ampliação de feitura humana das Escrituras. A igreja celta rejeitou-a e se apegou à Bíblia e a Bíblia somente.

Em segundo lugar, os galeses não aceitariam o que Agostinho fez em Kent. Seguindo o conselho de Gregório, ele continuou a santificar, não abolir, os festivais idólatras que encontrou lá. Era prática dos apóstolos e seus sucessores imediatos, sempre que possível abolir sacrifícios pagãos que, como declaravam, foram sacrificados aos demônios.²⁰ Nenhum tipo de imagens era permitido nas igrejas do cristianismo primitivo durante os primeiros trezentos anos.

Então, a pressão para aceitar a supremacia de um bispo estrangeiro, italiano, como ordenado por Deus para ser a cabeça universal da igreja em virtude de apostólica sucessão, era ofensivo à igreja de Gales que havia recebido sua fé em linhagem direta dos apóstolos.

Um quarto ponto foi a nova concepção do ofício do bispo. A igreja celta mantinha o entendimento original do Novo Testamento de que um bispo era um pastor sobre uma igreja, um presbítero, e não um suserano espiritual que detinha sua autoridade como um superior na hierarquia católica romana.

Uma quinta razão para a diferença entre a igreja galesa e o papado era a crescente demanda de Roma pelo celibato do clero. A igreja no deserto sempre manteve a liberdade original, dada por Deus, de seus oficiais se casarem. Às vezes, quando exposição ao perigo e viagens era o destino dos missionários, eles frequentemente escolhiam a vida de solteiro. Estes casos eram exceções e certamente nunca foram feitos o *sine qua non* de entrada no ministério. O papado, mesmo nos dias de seu maior poder, nunca foi capaz de forçar o celibato para o clero galês, embora ele tenha feito muitas tentativas para realizá-lo.²¹

Então veio a controvérsia sobre o sábado. O historiador A. C. Flick diz que a igreja celta observava o sétimo dia como o sábado dos judeus.²² Os crentes ressentiam-se do esforço para estigmatizá-los como judaizantes porque acreditavam conscientemente que o sétimo dia do quarto mandamento estava ainda em vigência. Além disso, este mesmo papa tinha emitido um pronunciamento oficial contra uma seção da própria cidade de Roma porque lá os crentes cristãos descansavam e adoravam no sábado.²³ Quando os fatos revelam que nesta época, o sétimo século, havia ainda mais igrejas cristãs em todo o mundo santificando o sétimo dia, o dia que Deus santificou no quarto mandamento do Decálogo ao invés do domingo,

podemos compreender plenamente que a igreja apostólica recusara-se a adorar em outro dia.

Há muitas evidências de que o sábado prevaleceu universalmente no País de Gales até 1115 d.C., quando o primeiro bispo romano estabeleceu-se em São Davids.

As antigas igrejas galesas que guardavam o sábado, mesmo então, de modo geral, não dobraram o joelho para Roma, mas fugiram para seus lugares de retiro onde as ordenanças do evangelho até hoje tem sido administradas em seu modo primitivo sem serem adulteradas pela corrupta igreja de Roma.²⁴

Os galeses e os papistas liderados por Agostinho discordaram. A igreja galesa continuou independente. Nada agora jamais satisfaria Roma, senão a obliteração da igreja celta.

A mudança veio quando William, o Conquistador, desembarcou na Inglaterra com seus guerreiros normandos e derrubou o poder anglo-saxão. Aqui está um paralelo verdadeiramente interessante. Quando os francos, ainda pagãos, atravessaram o Reno, para derrubar a Gália, o papado cooperou com as novas tribos pagãs, confiando em sua grande aliança com o imperador do Oriente para influenciar os invasores que, arruinando a Gália, também arruinariam a igreja celta. E tal aconteceu como apresentamos mais tarde ao estudar o amplo trabalho na Europa dos missionários celtas da Irlanda e da Escócia. Da mesma forma, William, o Conquistador, tinha plena certeza e a ajuda do papa e o entendimento de que ele teria esse apoio continuado, na condição de que a igreja celta devesse ir.²⁵

É triste seguir passo a passo a política seguida para afastar a igreja celta no país de Gales. Fica-se emocionado com o espírito de independência e fidelidade às verdades apostólicas que foram mostradas pelos seus membros nos séculos subsequentes. Dinoto é um tipo de esplêndida liderança, dada à igreja nativa. Se todo o conflito viesse imediatamente depois que William o Conquistador tinha desembarcado, em vez do desgaste prolongado, sem dúvida a igreja celta primitiva ainda estaria lá. Pouco a pouco, no entanto, por intriga, por lisonjas, por ameaças, apoiado em cada turno pelo poder armado da Inglaterra e apoiado pelas fortes influências papais na Itália e França, o clero papal teve sucesso em obter o domínio após sete séculos.

OS PASSOS PARA A SUJEIÇÃO

Ao analisar os diferentes passos para garantir essa sujeição, poderíamos apresentá-los da seguinte forma: Primeiro, alguns membros do clero celta foram persuadidos a buscar a ordenação do primaz papal da Inglaterra, o arcebispo de Canterbury. Em segundo lugar, o bispo da Inglaterra assumiu o poder de nomear o clero do País de Gales. Em terceiro lugar, a Inglaterra, por direito de conquista sucedendo certas guerras, reivindicou partes definidas do território dentro do reino galês em que ela iria construir um mosteiro católico e estabelecer sobre a comunidade um bispo católico. Em quarto lugar, sempre que um bispo normando era colocado no País de Gales, ele astutamente seguia a política de reivindicar as terras pertencentes a qualquer nobre estabelecido nas vizinhanças que devia impostos não pagos. Em quinto lugar, esforços contínuos foram feitos pelo clero papal na Inglaterra para estragar o relacionamento entre o clero celta no País de Gales e os príncipes galeses. Em sexto lugar, enquanto isso acontecia, eles tinham persuadido os príncipes galeses de que era para sua vantagem divorciar seus interesses dos da igreja nativa. Em sétimo lugar, quando um número suficiente de clérigos papais se estabelecia no País de Gales, eles começavam a realizar sínodos ou convenções regionais. Em oitavo lugar, um passo antecipado era tomado quando o clero nativo se submetia a um giro de visita por um bispo católico.

Uma nova reviravolta veio com as vitórias do rei Edward I. Este guerreiro agressivo que derrubou Sir William Wallace da Escócia, bem como o príncipe Llewellyn do País de Gales, afirmou sua pretensão de ser o chefe da igreja galesa, e também de ser o senhor soberano sobre o País de Gales. Por legislação estatutária ele decretou que a lei inglesa deveria ser o código de procedimento sempre que a coroa visitasse os estados do País de Gales. Em outros territórios ele estava disposto a que as velhas medidas eclesiásticas celtas prevalecessem na igreja enquanto a lei civil inglesa governasse em assuntos seculares. Assim a partir de 1272 até o rei Henrique VIII, o País de Gales não estava mais sob a lei galesa, tanto civil como religiosamente, mas estava sob três códigos diferentes.

Sob o reinado de Henrique VIII, tudo isso foi deixado de lado. Este monarca, que trouxe à existência a igreja da Inglaterra, ordenou que as leis civis e religiosas da Inglaterra devessem ser supremas em todo o País de Gales. Isso teve um imenso efeito em demolir os costumes galeses e em remover a influência da igreja celta. Colocou o clero galês na difícil posição de renunciar às suas convicções e práticas de séculos, ou ser achado em rebelião contra a lei suprema da pátria. Esta situação tem continuado desde então até agora. Teve a tendência de amargar um povo que nunca foi muito

afeiçoado ao reino vizinho anglo-saxão. Essas mudanças foram forçadas sobre eles e nunca foram sinceramente aceitas, de modo que quando o renascimento metodista no século XVIII varreu o País de Gales, encontrou uma nação sempre ressentida do ritualismo, pronto para retornar ao evangelismo.

A igreja celta do País de Gales, não a papal, é o elo de ligação naquela terra entre o cristianismo apostólico e o protestantismo dos últimos dias. Embora séculos tenham passado, as antigas características religiosas das pessoas ainda permanecem. O eclesiasticismo que foi forçado sobre eles não é mais profundo que um fino verniz. A luta mortal entre estas igrejas celta e romana pode ser resumida nas palavras de J. W. Willis Bund:

A questão foi imediatamente transferida de uma luta entre o cristianismo e o paganismo para uma luta, uma luta mortal, entre as igrejas latina e celta. No norte da Inglaterra, a igreja latina foi vitoriosa. Ela forçou os missionários celtas a se retirarem para a Escócia ou a Irlanda e, nominalmente, colocou a Inglaterra sob o domínio de Roma. Mas no País de Gales, o resultado foi diferente. Aqui a igreja latina foi repelida, se não derrotada; aqui o cristianismo celta manteve sua posição com suas ideias peculiares e crenças excepcionais.²⁶

CAPÍTULO 12

AIDAN E A IGREJA NA INGLATERRA

Não foi Agostinho em Canterbury, mas devotos irlandeses gaélicos em todo o vale da Heptarquia – Aidan, Finan, Colman, Maeldubh, Diuma e outros – quem levaram primeiro o evangelho da cultura cristã para as tribos inglesas selvagens.¹

Patrick na Irlanda, Columba na Escócia e Dinoto no País de Gales foram apóstolos para um povo que fala a língua celta. Aidan, por outro lado, discípulo da escola celta de Columba, foi chamado para ser apóstolo de uma raça diferente - os anglo-saxões pagãos da Inglaterra. Durante seus sessenta anos de período anglo-saxão, a conversão da Inglaterra se manteve como monumento ao zelo missionário de Aidan.

Os pagãos ao conquistarem a Grã-Bretanha pela espada destruíram tudo menos a igreja britânica primitiva. Quase duzentos anos depois, esta mesma igreja evangélica não conectada com Roma, através de Aidan e seus sucessores, subjugará praticamente dois terços de seus conquistadores pagãos pelo poder do evangelho.²

Os sete reinos, a Heptarquia, no qual a Inglaterra foi dividida nos dias de Aidan, eram tão ciumentos uns dos outros quanto os estados dos Balcãs hoje. Mércia no centro era a maior. O segundo maior, ocupando a parte nordeste do reino, era a Nortúmbria, onde Aidan começou seu grande trabalho. O sul da Nortúmbria ao longo da costa era (em sucessão) a Ânglia Oriental; Essex, o reino dos saxões do leste; Kent; e Sussex, o reino dos saxões do sul. A sudoeste desses ficava o sétimo membro da Heptarquia, Wessex, o reino dos saxões ocidentais.

O CARÁTER E A EDUCAÇÃO DA AIDAN

Para o oeste e norte destes sete reinos anglo-saxões pagãos estende-se as terras cristãs celtas do País de Gales, Irlanda e Escócia; e para o sudeste através do Canal da Mancha estava o reino dos francos que era governado por soberanos papais.

Aidan veio de Iona, que se transformou em uma universidade bem equipada.³ Estudiosos de renome preenchiam suas cadeiras de ensino. Este fato impressionou tanto Dr. Samuel Johnson, um expoente na literatura inglesa, que ele escreveu: “Nós estávamos agora pisando naquela célebre ilha, que já foi a luminária das regiões da Caledônia, de onde clãs selvagens e errantes bárbaros obtiveram os benefícios do conhecimento, e as bênçãos de religião.”⁴ Muitos viajantes do alto mar ocuparam a casa de hóspedes em Iona durante a vida estudantil de Aidan, de modo que ele devorou avidamente o conhecimento transmitido pelos navegadores da Islândia, no norte, da Terra Santa no sul, e de outras partes distantes do mundo.⁵ Ele também deve ter considerável conhecimento sobre os sete reinos da Inglaterra pagã, visto que muitos anglos entraram na Caledônia, seja como fugitivos ou como cativos tomados pelos escoceses em guerra.

Ocorreram dois eventos que destacaram o chamado de Aidan como um de uma natureza incomum. A assembleia de Iona selecionou um de seus alunos para ir como evangelista em resposta ao pedido do rei Oswald da Nortúmbria. Embora distinguido pela austeridade de sua vida e por seu conhecimento, o que foi selecionado rapidamente voltou para casa, reclamando, como os dez espias da antigamente, do povo feroz e dos grandes obstáculos a superar. Ele necessitava da fé para servir, por mais que gostasse de brilhar. Outro estudante na assembleia, que recomendava o amor, gentileza e paciência para ganhar os anglo-saxões, foi escolhido. Este foi o jovem Aidan.

O segundo fator incomum no caso foi a notável carreira de Oswald, governante da terra a que Aidan foi chamado. Nos primeiros anos da juventude Oswald sabia do ódio nacional de seu povo pagão pelos bretões que levou ao massacre dos mil e duzentos estudantes.⁶ Ele também testemunhou a conversão de seu pai pagão ao cristianismo superficial defendido por Paulino, um padre enviado de Kent. Mais tarde, o padre fugiu por ocasião da morte do pai de Oswald, quando os nortumbrianos caíram na idolatria. Oswald foi obrigado a fugir de sua própria terra e encontrar um asilo em Iona. Em seguida, o amor de seus compatriotas pela sua família reviveu, e Oswald foi convocado para o trono. Paulino, o bispo romano, ainda estava vivo e disponível, mas Oswald queria que seu povo na Nortúmbria andasse nos caminhos de Columba, assim ele não quis este padre e mandou trazer um líder de Iona.

A MISSÃO DE ROMA AO REINO DE KENT

A Nortúmbria não era o único reino anglo-saxão que, depois de ter passado do romanismo para a idolatria, foi ganho para Cristo pela igreja celta. De fato, a história de todo o período dos 1260 anos revela que foi a Igreja no Deserto em terras papais que ajudou, em virtude de sua competição, a manter o catolicismo romano vivo. Quando foi removida ou destruída em certas áreas, os padrões do cristianismo começaram rapidamente a cair. Tal foi o caso em Essex, Mércia, Anglia oriental e Kent. Para entender isso e seguir o grande trabalho de Aidan e seus sucessores, deve-se levar em consideração os trabalhos de Agostinho e seus quarenta monges que vieram de Roma para Canterbury em 597.

A seguinte instrução do papa Gregório a Agostinho depois que este último através dos esforços de Berta, a esposa católica do rei pagão, Etelberto, tinha garantido para ele e seus monges uma base em Kent, é digno de nota:

A princípio, era intenção de Gregório, que ele deu a entender, de fato, ao rei Etelberto, que todos os templos de idolatria fossem destruídos; mas numa reflexão mais cuidadosa, ele alterou sua intenção e enviou uma carta segundo o abade Mellitus, na qual declarou, que os templos idólatras, se bem construídos, não deveriam ser destruídos, mas, espargidos com água benta e santificados pelas relíquias sagradas, deveriam ser convertidos em templos do Deus vivo; para que as pessoas pudessem ser mais facilmente induzidas a se reunirem em seus lugares habituais. Além disso, os festivais em honra aos ídolos, dos quais as pessoas rudes tinham sido privadas, deveriam ser substituídos por outros, seja nos aniversários da consagração de igrejas, ou em dias dedicados à memória dos santos cujas relíquias foram depositadas nelas. Nesses dias, as pessoas deveriam ser ensinadas a erguerem pergolados ao redor das igrejas, nos quais realizarem suas festivas refeições, e assim sentirem o dever de agradecer ao doador de todo o bem desses dons temporais. Sendo assim permitido entrar em alguns prazeres sensuais, poderiam ser mais facilmente levados àqueles que são íntimos e espirituais.⁷

Quanto aos métodos empregados por Agostinho, é do historiador Albert Henry Newman o seguinte:

Ao fazer um desfile de vida ascética, por pretensos milagres e por promessas de vantagens terrenas, eles conseguiram converter Etelberto, rei dos saxões, que com cerca de dez mil seguidores receberam batismo num rio nas mãos dos missionários. Depois de ter sido formada uma firme aliança entre o rei e a Sé Romana, os missionários se dirigiram à tarefa muito mais difícil de submeter os cristãos britânicos a Roma. Quando todos os outros meios se revelaram inúteis, eles persuadiram o rei saxão a empreender uma expedição

contra eles. Três mil dos cristãos britânicos foram massacrados em uma ocasião. Durante séculos os cristãos do velho padrão britânico, no País de Gales, na Escócia, e Irlanda, assim como em várias partes da Alemanha, resistiram com todo o seu poder a invasão de Roma, e é provável que o cristianismo desse tipo nunca tenha sido totalmente exterminado.⁸

OS TRABALHOS MISSIONÁRIOS DA AIDAN

Em contraste direto com o método empregado por Agostinho em Kent fica a maneira como Aidan trabalhou para a Nortúmbria. John Lingard, um defensor do papado, escreve:

Assim que recebeu a ordenação episcopal, ele se dirigiu para a corte de Oswald. Sua chegada foi objeto de exultação geral; e o rei condescendeu em explicar em saxão as instruções que o missionário transmitiu em sua língua nativa. Mas o sucesso de Aidan não era menos devido às suas virtudes do que à sua pregação. A severa austeridade de sua vida, seu profundo menosprezo às riquezas, e sua incansável dedicação aos deveres de sua profissão, conquistaram estima, ao passo que seus argumentos convenceram e deram compreensão a seus ouvintes. Cada dia o número de prosélitos aumentava; e, dentro de alguns anos, a igreja da Nortúmbria foi fixada em uma fundação sólida e permanente.⁹

O caráter de Aidan era bem equilibrado. Em fervor religioso não ficava atrás de nenhum dos grandes líderes da igreja. Sua atividade era extraordinária. Ele nunca estava ocioso. Nele estava aquela chama de vivo fogo que brilhou tão gloriosamente em muitos dos jovens missionários enviados das escolas de Patrick e Columba. Dele Bede diz:

A mais alta recomendação de sua doutrina, para todos os homens, foi que ele não ensinou senão aquilo que ele e seus seguidores haviam vivido; pois ele não buscou nem amou nada deste mundo, mas se deleitou em distribuir imediatamente entre os pobres tudo o que lhe foi dado pelos reis ou homens ricos do mundo. Ele estava acostumado a atravessar a cidade e o país a pé, nunca a cavalo, a menos que compelido por alguma necessidade urgente; e onde quer que no seu caminho visse qualquer um, seja rico ou pobre, convidava-os, se fossem infiéis, para abraçar o mistério da fé; ou se eram crentes, para fortalecê-los na fé, e animá-los por palavras e ações a dar esmolas e fazer boas obras.¹⁰

O benéfico trabalho se espalhou para os outros reinos anglo-saxões. Que emocionante encorajamento este movimento evangélico entre esses vizinhos pagãos devem ter dado aos de semelhante fé os que na Pérsia e no Extremo Oriente estavam trabalhando para a conversão dos pagãos! Um historiador medieval irrompe em admiração quando tenta dizer o que Deus fez pelo rei Oswald. Ele enumera todas as nações – os britânicos, os

escoceses, os pictos, e os ingleses – e as províncias da Grã-Bretanha que foram trazidas sob o domínio de Oswald.¹¹

Aidan era um homem de oração. Retirou-se em seu quarto e fechou a porta. De joelhos derramou suas fervorosas súplicas a Deus. Ele tinha uma percepção clara da verdade e do dever, e exerceu uma influência transformadora e salvadora sobre todos que estavam ao seu redor.

Ele exibiu grande ternura em seus esforços pelo pecador e para aliviar os pobres e aflitos. “Dele é dito ter estado profundamente preocupado com o bem-estar dos pobres e ter dedicado muita atenção ao resgate de escravos.”¹² Bede, embora expressasse sua desaprovação à recusa de Aidan em aceitar doutrinas papais, tem muito prazer em dizer que este missionário teve o cuidado de não omitir nenhuma das coisas que encontrou nos escritos apostólicos e proféticos, mas que se esforçou ao máximo que pôde para apresentá-las todas.¹³

Aidan também foi fundador de escolas eclesiásticas e faculdades de treinamento. No início do seu ministério, o rei Oswald designou-lhe a ilha de Lindisfarne. Esta estava situada na costa oriental da Nortúmbria perto da capital do reino, mas suficientemente fora da via principal para dar o ambiente adequado a um centro educacional. Tomando Iona como modelo, Aidan fez para a Inglaterra através desta faculdade mãe o que Columba tinha feito para a Escócia. Os campos foram usados para dar trabalho para o sustento dos estudantes, bem como fornecer alimento para professores e alunos. Era o propósito da igreja celta instalar muitos centros ao invés de concentrar somas e riquezas em alguma capital eclesiástica. Aidan e Seus seguidores limitaram os edifícios às necessidades da escola.

Da localização de Lindisfarne e sua influência na criação de instituições semelhantes, John Lingard diz que em toda a sua labuta, Aidan manteve os olhos fixos em seu patrono, Columba.¹⁴ Da primeira instituição de Aidan, centros de treinamento semelhantes foram estabelecidos nos reinos de Bernícia, Deira, Mércia, e Ânglia Oriental. O trabalho de Aidan foi um triunfo da verdade. Primeiramente, o paganismo foi varrido e substituído por religião fundada nas doutrinas do Novo Testamento.

Apenas trinta anos foram abrangidos por Aidan e seus sucessores imediatos, Finan e Colman. Na repartição destes anos, Bede dá dezessete para Aidan, dez para Finan, e três para Colman.¹⁵ E ainda nesse breve período a igreja celta cresceu e prosperou de modo que John Meissner diz: “O cristianismo celta original tinha, portanto, uma influência muito poderosa

sobre o país na época em que o primeiro emissário romano desembarcou em Kent.”¹⁶ Edward Hulme escreve que “Aidan era o apóstolo da Inglaterra”.¹⁷

CENTROS DE FORMAÇÃO DA IGREJA CELTA

O principal instrumento do sucesso de Aidan foi a escola de treinamento. Ao nomear esses colégios evangélicos, muitos escritores os chamam de “mosteiros”, usando o termo em seu sentido antigo. W. M. Hetherington apresenta como prova adicional que o Oriente era a pátria do cristianismo britânico primitivo, que os termos “monge” e “mosteiro” como usados pelos escritores eclesiásticos daquela época não significavam congregações segregadas de homens solteiros como agora os escritores geralmente usam essas expressões. Estas palavras significavam, sim, que os alunos dos seminários teológicos britânicos eram homens casados e eram frequentemente sucedidos em seus ofícios e deveres por seus próprios filhos. Este autor afirma ainda que, onde quer que os culdees ou cristãos celtas fundassem novos assentamentos, o presidente do conselho de administração era escolhido por eleição, não nomeado por algum superior estrangeiro. “Ele era, na verdade, nada mais do que ‘o primeiro entre iguais’.”¹⁸

O arcebispo James Ussher escreve que “nossos mosteiros nos tempos antigos eram os seminários do ministério: sendo, por assim dizer, muitas faculdades de teólogos eruditos, onde o povo costumava recorrer à instrução, e de onde a igreja estava acostumada a ser suprida continuamente com ministros competentes.”¹⁹ Além disso, o erudito Joseph Bingham gastou muito tempo e esforço para provar por fontes autorizadas passadas que “monge” e “Mosteiro” originalmente tinham significados diferentes daqueles geralmente dados às palavras agora.²⁰

Logo após o estabelecimento de Lindisfarne, Aidan fundou a Melrose no rio Tweed como um segundo campus de treinamento. Embora durante séculos desde então as sombras passassem diariamente pelos campos vazios onde antes ficava este colégio columbano, contudo esplêndidos memoriais ainda permanecem para mostrar a sua contribuição nobre à civilização.²¹

WHITBY COMO CENTRO DE TREINAMENTO

Outro instituto desse tipo, provavelmente a mais famosa de todas as sedes espirituais columbanas na Inglaterra, foi Whitby no reino da

Nortúmbria. Dois nomes célebres – Hilda e Caedmon – estão conectados com este histórico centro. Whitby é lembrado particularmente por causa da célebre abadessa Hilda. Ela era de descendência real, e a partir dos treze anos de idade era bem conhecida por sua piedade e consagração à fé cristã. Quando o paganismo novamente surgiu na Nortúmbria após o trabalho superficial feito por Agostinho, Hilda deixou o país e foi para o sul, provavelmente para Ânglia Oriental. Então veio a grande notícia de que o rei Oswald estava no trono de sua terra natal. Tendo se distinguido por um trabalho nobre em dois centros de treinamento, ela retornou para Nortúmbria e comprometeu-se a construir ou organizar um seminário bíblico em Whitby. Bede relata que Aidan e outros religiosos a conheciam e honraram seu trabalho. Por causa de sua sabedoria inata e inclinação para o serviço de Deus, eles frequentemente a visitavam e diligentemente instruíram-na nas doutrinas. Até os reis e príncipes pediram e receberam seu conselho.²² Ela colocou o seminário em Whitby sob uma educação eficiente e acadêmica. Este estabelecimento era muito grande, tendo duas divisões separadas, uma para cada sexo.

Este último arranjo era incomum. Ela constrangeu a todos aqueles que estavam sob sua direção a assistir muito à leitura da Bíblia e aprender como ensinar as verdades escriturísticas.

Há ampla evidência de que este era o tipo de centro de treinamento estabelecido em todo o mundo pela Igreja no Deserto. Uma especialização foi feita do estudo e cópia das Sagradas Escrituras. Agricultura e outros ofícios foram ensinados. Para as meninas a instrução dada era adequada para sua vida posterior. Whitby tornou-se o berçário de homens eminentes, graduando cinco que se tornaram diretores provinciais, e dando ao mundo Caedmon, o primeiro dos poetas religiosos ingleses. Dugdale diz que Hilda “era uma professa inimiga da extensão da jurisdição papal neste país, e opôs-se com todo o poder à tonsura de sacerdotes e a celebração da Páscoa de acordo com o ritual romano.”²³ Na crise precipitada na convocação nacional, quando o contendente papa e os delegados britânicos reuniram-se em Whitby em 664, Hilda foi encontrada do lado do sucessor de Aidan. Muitos outros centros de treinamento além de Whitby foram estabelecidos pelos escoceses na Grã-Bretanha e na Irlanda.

CAEDMON

O Senhor usou, por Sua graça, um costume simples num desses centros de treinamentos para produzir um líder. Parece que em certos

entretenimentos uma harpa seria passada de um indivíduo para outro e de cada um se esperava que compusesse um poema de improviso e tocasse a harpa em acompanhamento. Caedmon, sendo um simples vaqueiro, sentiu tão profundamente sua inferioridade que uma noite, quando a harpa lhe foi passada, recusou-se a fazer uma tentativa, e se retirou para o estábulo onde se encarregava do gado. Então, parecia que um homem apareceu-lhe em sonho e cumprimentou-o, dizendo: “Cante, Caedmon, alguma música para mim.” Ele respondeu que não podia, e foi por causa disso que deixou a festa. O visitante respondeu-lhe, “No entanto, você vai cantar para mim.” “O que eu vou cantar?” perguntou o humilde jovem. “O começo das coisas criadas”, ordenou a voz. Imediatamente ele começou a cantar e compor para o louvor de Deus. Quando isso foi relatado, Hilda, sempre buscando talentos entre seus alunos, pediu-lhe para relatar o sonho e repetir as palavras que ouvira. Bede diz: “Todos concluíram que a graça celestial lhe tinha sido conferida por nosso Senhor.”

Os estudantes da abadia se deleitaram em exercitar o talento que tinham descoberto em Caedmon. Eles lhe davam passagens das Sagradas Escrituras que, quando traduzidas para o inglês, ele imediatamente convertia em verso harmonioso e docemente repetido aos seus mestres. Bede escreve:

Ele cantou a criação do mundo, a origem do homem e toda a história do Gênesis, e fez muitos versos sobre a saída dos filhos de Israel do Egito, e sua entrada na Terra Prometida, e muitas outras histórias das Escrituras Sagradas; a encarnação, a paixão, a ressurreição de nosso Senhor e Sua ascensão ao céu; a vinda do Espírito Santo e a pregação dos apóstolos; também o terror do julgamento futuro, o horror das dores do inferno e as delícias do céu; além de muito mais sobre os benefícios e juízos divinos, pelos quais Ele se esforçou para afastar todos os homens do amor ao vício, e despertar neles o amor e aplicação a boas ações.²⁴

Os sermões feitos em versos por Caedmon capturaram os corações de Inglaterra. Caedmon amava assuntos sagrados. Composto na linguagem do povo, esses elevados temas poderiam ser cantados por todos os círculos. Pela primeira vez as pessoas comuns apreciaram as maravilhosas palavras da vida em hinos que podiam entender. Naqueles dias, quando não havia imprensa, Caedmon, através do canto, deu a mensagem que Aidan e seus discípulos anunciaram pela pregação.

FINAN

Na morte de Aidan, Finan foi escolhido em seu lugar. Ele levou adiante o trabalho habilmente iniciado por seu antecessor.

Quando Finan evangelizou o reino da Mércia, ocupou uma posição dominante na Heptarquia, pois estava localizado no centro da Inglaterra e era habitado por um povo corajoso e guerreiro. Através da influência do governante guerreiro, Penda, o reino estava voltado à idolatria. Ora, o filho de Penda, Peada, – um jovem exemplar, de mente aberta e engenhoso, – estava apaixonado por Elfleda, filha do rei Osvio da Nortúmbria, que era irmão de Oswald. Quando ele pediu a mão da jovem em casamento, o pai recusou com base em que ele não era cristão; mas pediu a Peada para receber instruções nos ensinamentos de Cristo e trabalhar para a conversão da parte sul da Mércia sobre a qual seu pai o colocara como governante. Quando ele aprendeu do evangelho e foi ensinado sobre a ressurreição e a vida futura imortal, ele se alegrou em sua luz recém-descoberta e informou o pai de Elfleda que era seu grande desejo tornar-se um cristão obtendo a moça ou não. Então Finan foi enviado a Peada com uma grande comitiva de condes, soldados e servos. Depois de Finan ter batizado o jovem príncipe, ele deixou para continuarem a instruí-lo e a seu povo, quatro pastores da igreja celta - Cedd, Adda, Betti e Diuma. O último ministro nomeado era de sangue escocês enquanto os outros eram ingleses. Quando esses pastores chegaram à província do príncipe, pregaram a palavra de Deus, que foi alegremente recebida por muitos da nobreza, bem como pelas pessoas comuns. Muitos renunciaram à sua idolatria e foram batizados.

OS SAXÕES DO LESTE

Do reino da Mércia nos voltamos para Essex. Um estudo da religião dos saxões do leste revela novamente o trabalho superficial dos missionários papais. Após seu primeiro sucesso em Kent, Agostinho ordenou Mellitus como bispo para Sabert, rei dos saxões do leste. Muitos foram batizados, e parecia que Mellitus tinha feito um bom trabalho. Após a morte de Sabert, no entanto, seus três filhos pagãos imediatamente fizeram uma profissão aberta de idolatria que anteriormente eles haviam renunciado. Eles concederam liberdade ao povo para servir ídolos. E quando viram o bispo romano celebrando a missa e dando a bolacha (*hóstia*) ao povo, discutiram com o padre. Finalmente, obrigaram o bispo e seus seguidores a partir do reino de Kent. Todos os três concordaram que seria melhor para eles deixar a Inglaterra, então eles retiraram-se para a França.

Com Finan a fé cristã foi novamente estabelecida entre os saxões do leste, e desta vez a igreja celta trouxe a mensagem. O rei de Essex, Sigeberto e seus amigos foram batizados. Depois do seu batismo, o rei chamou os missionários celtas para o seu reino. Assim, a igreja celta foi o instrumento

na mão de Deus para fazer com que o cristianismo prevalecesse sobre a idolatria no reino de Essex.

Finan reconheceu como Deus estava trabalhando com os missionários da igreja em Essex. Seguindo o exemplo que Columba e Aidan deixaram, ele estabeleceu um centro de treinamento teológico em Tillbery.

Foi mostrado como os três reinos de Nortúmbria, Mércia e Essex foram trazidos de volta de sua idolatria para a fé da igreja celta através dos dedicados trabalhos dos escoceses. Falando do magnífico trabalho feito pela igreja celta nestes reinos, o historiador Rapin de Thoyras escreve:

Austin [Agostinho] teve a honra de converter o inglês, quando, em geral, o progresso que ele fez não foi muito considerável. “É verdade que ele pregou para os saxões de Kent, como Mellitus fez para aqueles de Essex, e isso com bom sucesso...

Agostinho no auge de seu sucesso, pelo qual ele é tão grandemente honrado, estabeleceu apenas dois bispos, Justus em Rochester (em Kent), e Mellitus em Londres, embora o papa tivesse expressamente ordenado que ele estabelecesse bispos onde quer que houvesse ocasião... Esta é uma evidência clara de que o progresso que lhe foi atribuído não foi tão considerável como Gregório imagina... É, portanto, surpreendentemente estranho que a conversão do Inglês deva ser atribuída a Agostinho, em vez de Aidan, a Finan, a Colman, a Cedd, a Diuma, e aos outros monges escoceses, que, sem dúvida, trabalharam muito mais abundantemente do que ele. Mas aqui está o caso. Estes últimos não tiveram suas ordens de Roma e, portanto, não devem ter permissão a qualquer participação na glória do trabalho.²⁵

O historiador Henry Soames escreve sobre o mesmo tema:

Apenas dois condados, portanto, ao norte do Tâmsa... estiveram sempre sob a superintendência romana durante sua transição do paganismo ao cristianismo, e estes dois foram em grande parte devido ao zelo doméstico [escocês] por sua conversão. Todos os outros condados, de Londres a Edimburgo, tem a satisfação de apontar para a antiga igreja da Grã-Bretanha como sua mãe na sagrada fé de Cristo.²⁶

A IGREJA EM KENT, WESSEX, ÂGLIA ORIENTAL E SUSSEX

O que agora deve ser dito dos outros quatro reinos – Kent, Âglia Oriental, Sussex e Wessex? Kent, sendo o reino na parte sudeste da ilha e mais afastado do avanço missionário dos escoceses, tinha antes sido influenciado por Agostinho. O cristianismo que prevaleceu nesta província,

portanto, era do tipo papal. Wessex, reino dos saxões ocidentais, estava mais distante do avanço escocês ou papal; portanto resistiu por muito tempo a qualquer profissão do cristianismo.

Quanto ao país dos anglos orientais, aqui novamente foi a influência de missionários escoceses que reivindicaram o cristianismo quando, após a partida dos monges romanos, caíra na idolatria. Alguns anos após este deslize para o paganismo, um pastor escocês trabalhou tão diligentemente entre eles que um grande número de apóstatas foi levado a renunciar a seus erros e retornar à fé.²⁷ Quanto a Sussex, reino dos saxões do sul, foi muito graças à igreja celta pelo conhecimento de Cristo. Seu rei havia sido batizado na província dos mercianos pelos escoceses evangélicos. Mesmo na província católica romana dos saxões ocidentais foi o trabalho dos missionários escoceses que ajudou eficientemente os anglo-saxões lá a saírem de seu paganismo e abraçarem o evangelho.

Não é exagero dizer que, com exceção de Kent e Sussex, toda a raça inglesa recebeu a base de sua fé dos missionários celtas, e até em Sussex sabe-se que os missionários irlandeses estavam trabalhando antes da chegada de Wilfrid.²⁸ Como o célebre Conde de Montalembert, ilustre católico francês escreveu: “O cristianismo da Nortúmbria se espalhou pelos reinos do sul.”²⁹

COLMAN

Com a morte de Finan, Colman foi escolhido como seu sucessor para liderar a igreja celta. Bede diz que ele foi enviado da Escócia.³⁰ Colman veio pregar a palavra de Deus à nação inglesa.³¹ Os escoceses enviaram-no a Lindisfarne, portanto, sua dedicação e seu campo de trabalho eram idênticos aos de Aidan e Finan – o reino da Nortúmbria. Visto que, no entanto, naquela época Osvio, rei da Nortúmbria, era um líder entre outros reinos da Inglaterra, Colman seria naturalmente um líder de líderes. Ele possuía a mansidão de Cristo. Passo a passo o cristianismo britânico enfrentou com sucesso o paganismo entrincheirado e o romanismo decadente e avançou de província em província.

De repente o vento mudou; as intrigas da rainha católica romana, de Osvio, prosperaram. Quando Colman tinha estado no cargo há apenas três anos, as ações da rainha precipitaram o Concílio de Whitby. Três coisas foram contra Colman: primeiro, o curto período em que ele esteve no cargo; em segundo lugar, o fato de seu antagonista, Wilfrid, ter sido treinado nos caminhos do papado; e por último, a intriga da rainha católica romana.

A principal questão em disputa era a mesma que aquela entre Agostinho e Dunod, o mesmo que levou Victor I, o bispo romano, a excomungar o clero do Oriente – a data da observância do Páscoa. Em outros países, a espada foi usada contra aqueles que se recusaram a aceitar as práticas de Roma.³² Eanfleda, a rainha católica romana de Osvio estava determinada a desviar o rei para as práticas de Roma.

O capelão da rainha, Wilfrid, era um dos oponentes mais determinados da igreja celta. Ele tinha sido enviado a Roma, onde por quatro anos tinha olhado para os magníficos ritos e templos do papado. Durante este tempo ele tinha sido ensinado nos argumentos e tradições destinados a difundir a autoridade de Roma, e retornou à Nortúmbria com o propósito de forçar a igreja celta a se alinhar com as práticas papais.³³ Um debate público era exatamente o que Wilfrid buscava, para que uma decisão pudesse ser proclamada em favor do papado. A fraqueza do rei assegurou essa vitória antecipadamente. Osvio decretou que ambas as partes deveriam se reunir em fórum. O lugar escolhido foi Whitby. Osvio presidiu o concílio. Colman, seus escriturários escoceses, a abadessa Hilda e seus seguidores, e o bispo Cedd estavam do lado dos escoceses. O rei, seu filho, o príncipe Alchfrid, a rainha e dois hábeis padres romanos de Wilfrid estavam ao lado de Roma.³⁴

Não se pode ler o relatório da discussão como transmitido pelo historiador papal Bede sem perceber quão habilmente Colman respondeu aos argumentos no caso. No entanto, Wilfrid astuciosamente trouxe o debate em torno da supremacia de Pedro. É informativo saber que, embora essa questão de modo algum fosse o verdadeiro ponto em questão, os teólogos romanos encheram de escárnio o grande Columba quando Wilfrid gritou:

Quanto a ti e teus companheiros, certamente pecaste, pois tendo ouvido os decretos da sé apostólica e da igreja universal, recusaste a segui-los; pois, embora vossos pais fossem santos, pensas que seu pequeno número, em um canto da ilha mais remota, deva ser preferido antes que a igreja universal de Cristo? E se esse vosso Columba era um homem santo e poderoso em milagres, contudo, poderia ele ser preferido ao mais abençoado príncipe dos apóstolos, a quem nosso Senhor disse: “Tu és Pedro, e sobre essa rocha Eu edificarei a Minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela; e a ti darei as chaves do reino do céu?”³⁵

Imediatamente o rei interrompeu: “É verdade, Colman, que essas palavras foram faladas a Pedro por nosso Senhor?” Quando Colman respondeu afirmativamente, esforçando-se ao mesmo tempo para mostrar a falácia e a fragilidade em usar o incidente das chaves como base para a supremacia da igreja, suas observações foram consideradas fora do ponto. O

rei levou o público a crescente indecisão, até que eles finalmente renunciaram ao seu antigo costume e decidiram conformar-se à pretensa superioridade da Páscoa papal.³⁶

Não é difícil entender por que o rei Osvio se rendeu à pressão da rainha e seu capelão. Através da aliança com os reis da Europa, Roma estava lançando largo e profundo o alicerce de sua teocracia. A nova linhagem de reis, descendentes de Carlos Magno, estava subindo ao poder no continente e levando o papado junto com eles. Os decretos dos concílios gerais do papado eram supremos. Mesmo reis de maior firmeza que Osvio teriam cedido diante da pressão.

OS QUATRO SÉCULOS APÓS O WHITBY

Alguns perguntaram por que Colman e seus obreiros acompanhantes partiram imediatamente para a ilha de Iona. Como poderia ter feito o contrário? Se tivesse reunido suas forças para lutar contra o rei e os padres estrangeiros, tal plano poderia ter derrubado a organização da igreja que tinha sido tão habilmente construída por Aidan e Finan. Ele lembrou que quando as primeiras ferozes perseguições caíram sobre a infante igreja em Jerusalém, os apóstolos deixaram a cidade, de modo que a assaltante oposição foi desviada da igreja. Assim, podemos ver a sabedoria de Colman em partir imediatamente com seus colegas de trabalho.

Durante os quatro séculos sombrios que se seguiram ao Concílio de Whitby, a extensão norte da igreja romana foi restringida pela guerra racial e invasões pagãs que acumularam barreiras adicionais entre o norte e o sul.³⁷

Na providência de Deus, a saída de Colman não poderia ter sido melhor cronometrada. Não foi permitido ao papado uma ampla satisfação de sua questionável vitória no Concílio de Whitby, como muitos historiadores têm afirmado. Antes que Wilfrid e seus sucessores pudessem realizar a destruição da igreja celta, o propósito para o qual ele tinha sido treinado em Roma, os dinamarqueses atacaram a Inglaterra trazendo consigo uma nova inundação de paganismo.

No entanto, quando os líderes da igreja britânica tinham partido, representantes do romanismo seguraram imediatamente a soberania espiritual do reino. No ano seguinte a Whitby, o papa Vitaliano escreveu uma carta para o rei Osvio sobre a nomeação de um arcebispo para Canterbury, em que ele disse: “Pela protetora mão de Deus você foi convertido para a fé verdadeira e apostólica.” O papa Vitaliano disse ao rei que ele iria erradicar

o joio inimigo.³⁸ Ele prometeu ainda enviar os restos mortais dos apóstolos Pedro e Paulo junto com a carta. Não muito tempo depois, o filho do rei, Alchfrid, descobriu e baniu a seita escocesa.³⁹ Esta injustiça foi infligida pelo rei Alchfrid sobre os crentes escoceses com a aprovação de seu pai, Osvio, porque os escoceses se recusaram a se conformar a uma igreja que sancionava a adoração de restos mortais.

Embora o papado tivesse garantido a supremacia na Inglaterra, Deus não permitiu que a verdade morresse. A semente semeada por Aidan, Finan e Colman, embora dormente, não estava sem vida. A fé representada pelos líderes celtas permaneceu poderosa na Escócia, Irlanda, País de Gales e parte sudoeste da Inglaterra. Seguidores da verdade persistiram através dos séculos, de modo que quando Wycliffe começou seu maravilhoso reavivamento séculos depois, seus seguidores são considerados por alguns como aqueles que mantiveram de geração em geração as doutrinas de Aidan.

Durante quatrocentos anos, de Whitby à conquista normanda, o papado na própria Inglaterra nunca foi capaz de superar totalmente o paganismo dos dinamarqueses ou a inspiradora coragem dos crentes celtas. Portanto, a igreja de Roma viu que, se devesse ganhar, um novo plano de batalha deveria ser traçado. Tempo e circunstâncias colocaram em suas mãos um líder destinado a provocar uma mudança nas ilhas britânicas. Este defensor foi Guilherme (*em inglês, Willian*) da Normandia.

O PAPADO E GUILHERME, O CONQUISTADOR

O papado favoreceu a conquista da Inglaterra por Guilherme da Normandia.⁴⁰ Houve três razões para isso. Os dinamarqueses ao conquistarem a Inglaterra anglo-saxônica (820 d.C.) estavam imbuídos de tal experiência pagã que Roma nunca poderia esperar um forte domínio através deles, embora em anos mais tarde tivessem inclinação para essa fé. Isso pode até ter significado uma vitória para a antiga igreja celta que já havia se mostrado espiritualmente capaz de conquistar anglo-saxões e dinamarqueses. Portanto, o papado acolheu com prazer a hora em que um forte líder normando na França aparentemente reivindicou o trono da Inglaterra. Em segundo lugar, algo tinha que ser feito para quebrar o poder da igreja celta, particularmente na Escócia e Irlanda. Finalmente, foi necessário ter uma nova competição sobre qual construir. Os normandos, cuja pátria era a França, viviam sob a liderança das pessoas que o papa tinha intitulado “A filha mais velha da igreja.” Eles tinham entusiasmo pela combinação política da colorida superstição, um sistema de castas tirânico e de pompa real. Se os normandos pudessem colocar uma mão de ferro sobre

a Inglaterra saxã e dinamarquesa, toda a ilha britânica poderia ser trazida sob a bandeira papal.

Quando Guilherme da Normandia desembarcou na Inglaterra em 1066 com seus guerreiros, o rei dinamarquês, Harold, acabara de ser chamado para lutar no norte uma terrível batalha com um adversário rebelde. Obrigado a mover-se para o sul com marchas forçadas para encontrar os invasores normandos, seu exército cansado arrastou-se para os lugares altos de Hastings. Mas não conseguiu resistir aos invasores, e a batalha foi vencida pelos normandos.

A vitória em Hastings trouxe nova liderança para a igreja romana na Inglaterra. Seguiu-se uma poderosa reorganização da vida inglesa, dos costumes e instituições. No entanto, trezentos anos se passaram antes que as forças unidas do catolicismo romano continental e da coragem normanda pudessem trazer a Irlanda e a Escócia sob o domínio do papado. O País de Gales não foi subjugado. Mesmo então, a conquista espiritual era uma de poder e não de direito. Sacudidas pelo medo e intimidadas pela autoridade, as pessoas aceitaram os costumes dos normandos e fizeram uma profissão superficial de aceitar as doutrinas papais. As mais profundas convicções da verdade e liberdade que prevalecera nos dias da igreja celta foram sufocadas sob o peso dos invasores. O grande trabalho de Aidan foi aparentemente enterrado em escuridão total. No entanto, séculos depois, quando a Reforma desafiou a supremacia de Roma, a semente semeada por Aidan, Finan e Colman brotou para uma novidade de vida. A Igreja do Deserto se movimentou e um novo dia amanheceu não só para a Inglaterra, mas para o mundo.

CAPÍTULO 13

COLUMBANO E A IGREJA NA EUROPA

Columbano provou ser o grande precursor do renascimento da civilização na Europa. Durante os quinhentos anos que se seguiram mal havia uma geração que não visse as vinhas lotadas com trabalhadores irlandeses, e que não ouvisse a voz de alguma autoridade competente da sociedade gaélica ecoando aos ouvidos dos príncipes e do povo.¹

À medida que a maré do trabalho missionário celta avançava, ela trouxe um líder que fez mais pela reconversão da Europa do que qualquer um que o seguiu. Columbano foi o apóstolo da Europa submersa pela influência de Clóvis e dos pagãos do norte. Patrick tomou a antiga civilização pagã da Irlanda e forjou-a em um cristianismo de soldados; Columba através de sua faculdade em Iona levantou a Escócia das trevas para a liderança da luz; mas Columbano deveria gravar os ensinamentos de Cristo na França, Alemanha, Suíça e Itália.

O Espírito Santo concedeu a Columbano muitos dons espirituais ao entregar seu coração ao Salvador. Com seu treinamento veio o inevitável encargo de levar o evangelho que aprendeu ao Continente em sua então condição caótica.

O ambiente em que Columbano nasceu (543-615 d.C.) foi o melhor de todos que havia no Ocidente. As inundantes invasões Teutônicas que derrubaram a estrutura das civilizações romanas na Europa deixaram a Irlanda e a Escócia intocadas. Lá o melhor da cultura celta, romana e cristã tinha sido preservada, organizada e nutrida por Patrick, Columba e uma geração de entusiastas eruditos. Columbano respirou essa atmosfera e, por perfeita autodisciplina foi, como Moisés na corte de Faraó ou Paulo nos seminários dos Fariseus “instruído em toda a sabedoria” (Atos 7:22) de seus dias. Ele era alto, vigoroso e bonito. “Sua bela figura e sua esplêndida cor”, diz seu biógrafo Jonas, “levantou contra ele a cobiça de lascivas donzelas”.²

Columbano passou vários anos estudando nas salas de ensino em Bangor. Aí ele estudou as Escrituras com devoção. A música sagrada encantava sua alma e ele aperfeiçoou seu dom de escrever poesia. De Bangor ele poderia olhar através das águas do Canal da Irlanda para a Inglaterra, que ainda estava no controle dos anglo-saxões pagãos. Para o norte ele podia

contemplar as maravilhosas transformações feitas na Escócia por Columba. Mais distante ao leste situava a França em péssima condição moral. O espírito apostólico ardeu dentro de Columbano ao ouvir as histórias do estado miserável da Gália, e ele decidiu sair para evangelizar a França no espírito missionário do cristianismo celta.

ESFORÇOS MISSIONÁRIOS NA FRANÇA

A chegada de Columbano na Gália trouxe a aurora de um novo dia para Europa. Nos muitos centros de civilização que ele e seus seguidores criaram, ele implantou o espírito do cristianismo nos corações das pessoas.³ O poder do evangelho continuou por séculos apesar da supremacia do papado.⁴ De fato, a Igreja de Roma, para salvar seu prestígio, foi compelida a atacar a ordem e preceitos columbanos, e a favorecer os beneditinos. O melhor da civilização européia ainda deve sua reconstrução a Columbano, seus companheiros e seus seguidores; outros europeus evangélicos cooperaram.⁵

Durante anos, antes da chegada de Columbano, tinha havido guerras selvagens e fratricidas entre os descendentes de Clóvis. Quanto à população, eles tinham uma forma de religião, mas nenhuma concepção de verdadeira piedade; e sem princípios orientadores sólidos, eram como os pagãos. Imoralidade e degradação abundavam. Columbano e seus associados não contaram com o poder político, mas no poder do amor de Deus em seus corações para convencer a população. Eles confiaram no Espírito Santo em vidas nobres para fazer com que as massas tivessem fome e sede de justiça.

O conhecimento de Columbano tinha lhe conquistado grande favor entre os descendentes reinantes de Clóvis. O rei Guntram saudou sua chegada com alegria. Clarence W. Bispham diz: “Aqui estão os missionários irlandeses em novos ambientes. Antes disso estavam em conflito com os pagãos. Agora começam a batalha contra um cristianismo corrupto e degradado.”⁶ Ou, como Jonas, o biógrafo de Columbano que aprendeu com seus companheiros os fatos de sua vida, escreveu: “Somente a crença permanecia. Mas o remédio do arrependimento e amor para mortificar as concupiscências da carne só seriam encontradas em uns poucos”.⁷ Assim, o rei Guntram pediu que ele se estabelecesse em seu reino, dizendo: “Se você quiser levar a cruz de Cristo e segui-Lo, busque a quietude de um retiro. Somente tenha cuidado, para aumentar sua própria recompensa e nosso bem espiritual, de permanecer em nosso reino e não ir para os povos vizinhos”. Os missionários aceitaram a oferta de um antigo forte meio em ruínas em

Anagrates (hoje, Annegray), que datam dos dias romanos, como o local de sua primeira missão.

OS PRIMEIROS TRÊS CENTROS NA FRANÇA

O começo em Anagrates no deserto de Vosges foi difícil. Enquanto os edifícios estavam sendo erguidos e antes que os primeiros frutos do solo pudessem aparecer, os missionários irlandeses souberam o que significava o sofrimento. A comida às vezes era tão escassa que eles viviam de frutos silvestres, de casca de árvores, e do que pudessem encontrar no chão. Em uma ocasião, o rei Guntram, sabendo de sua aflição, ordenou que comida fosse levada a eles. No entanto, eles permaneceram fielmente em seu posto do dever. Tudo o que pediram foi uma oportunidade de trabalho manual e de um lugar retirado para estudar as Escrituras. Esses homens altos e vigorosos, vestidos com seus longos e grosseiros vestidos, seus livros pendurados em seus ombros em sacolas de couro, e carregando bastões em suas mãos, deve ter causado uma profunda impressão na população. De sua vida exemplar e de salvamento, Jonas escreve novamente:

Modéstia e sobriedade, gentileza e brandura brilhavam em todos eles. Os males da indolência e do temperamento indisciplinado foram expulsos. Orgulho e arrogância foram expiados por severas punições. O desprezo e a inveja foram expulsos pela diligência fiel. Tão grande foi a força de sua paciência, amor e benignidade que ninguém poderia duvidar de que o Deus de misericórdia habitava entre eles.⁸

Às vezes Columbano se afastava e vivia por dias sozinho. Ele não tinha companheiro, mas a Bíblia que, sem dúvida, havia transcrito por sua própria mão em Bangor. Ele confiou em Deus pela provisão de comida e pelo cuidado contra as intempéries. Ele foi visto como um príncipe sobre as feras selvagens. Destes retiros ele saía como os antigos profetas, fortalecido e renovado para o seu trabalho.

Logo veio grande prestígio à nova missão. A juventude da terra, muitos dos quais eram de famílias nobres, reuniram-se ao centro de treinamento de jovens. Agora não era necessário viajar para o exterior para frequentar as faculdades da ilha Esmeralda. Aqui estava uma faculdade de treze professores irlandeses em sua própria terra, trazendo a vida santa, a instrução e a habilidade manual de seus famosos seminários celta. Cem anos antes, Clovis fizera uma união política com o papado, a fim de obter o apoio do imperador do oriente; mas isso acabou sendo um prejuízo, não um estímulo. E não é de se admirar, pois nos dias de Columbano o papa de Roma

era Gregório I, chamado Gregório o Grande, conhecido como inimigo da aprendizagem clássica.⁹ Muitas autoridades repreendem este pontífice porque ele mandou embora os matemáticos de Roma, proibiu o grego e condenou o aprendizado.¹⁰

Anagrates logo se tornou muito pequena. O número de candidatos para admissão ao novo estabelecimento aumentou muito. A influência de Columbano muito se espalhou. A sinceridade e consagração do acampamento irlandês foi tão superior a qualquer coisa dessa natureza no continente que era como introduzir uma nova religião. Os habitantes de uma Europa varrida pela tempestade voltaram seus olhos para o lugar de onde vinham relatórios inspiradores, e portas de oportunidade foram abertas aos evangelistas. Isto fez com que Columbano decidisse abrir outro centro para a propagação do evangelho.

Ele recebeu sincera cooperação do rei Guntram. O governante de Borgonha de bom grado concedeu-lhes um lugar em Luxeuil, situado ao sopé das Montanhas de Vosges, onde as florestas das montanhas tinham invadido a planície. Aqui estavam as ruínas das antigas vilas romanas, cobertas pela emaranhada vegetação rasteira. Neste lugar selvagem havia muitos ursos, lobos, raposas e outros animais selvagens. Mas sob os fortes golpes desses missionários da Igreja no Deserto tudo isso mudou. A floresta foi derrubada e abriram-se clareiras. Os arados abriram o terreno não cultivado e logo campos de ondulantes grãos foram vistos. Ao serem fornecidas acomodações, os nobres jovens da terra afluíram a Columbano como postulantes da nova fraternidade. Luxeuil estava destinada a se tornar a mãe de numerosos centros de civilização na Europa.¹¹ Conforme esses missionários trabalhavam, responderiam às perguntas: “Somos irlandeses, morando nos confins da terra. Somos homens, que nada recebem senão a doutrina dos apóstolos e evangelistas”.

Mais uma vez houve um rápido crescimento e Luxeuil ficou lotado como tinha sido em Anagrates. Columbano fundou um terceiro centro de treinamento em Fontaines, nome que deu por causa das mornas nascentes medicinais brotando do solo. Localizados num raio de cerca de trinta quilômetros, estes três assentamentos formavam o centro evangélico da obra da Igreja do Deserto na França. Em toda parte as pessoas se reuniam em torno deles. Novas ideias da triunfante verdade espalhavam-se como se nas asas do vento. Lá se desenvolveram outros líderes que treinaram recrutas que repetiriam suas bravuras. Da Irlanda também vinha um fluxo contínuo de líderes e professores treinados para aumentar os primeiros evangelistas.¹² Assim a palavra de Deus cresceu poderosamente. Logo, porém, o perigo de natureza mortal levantou a cabeça para ameaçar o crescimento da igreja.

A LUTA COM OS BISPOS DE ROMA

Na Escócia e na Inglaterra, os missionários irlandeses estavam lutando com o forte paganismo. No continente, eles estavam enfrentando uma situação mais difícil. O abismo entre a igreja celta e a igreja de Roma era maior do que entre o cristianismo irlandês e o paganismo. Na verdade, esse abismo era muito maior do que entre protestantismo e romanismo nos dias de Lutero. O paganismo não tinha acesso à cultura e à verdade que o papado defendia. Não foi apoiado, como foi o papado, pelo aparato militar do Império Romano do Oriente, criado por Belisário, o maior gênio de batalha da época. A união de uma igreja cristã com o Estado é sempre mais perigosa para a liberdade do que a união do paganismo com o Estado. A oposição dos bispos de Roma ao trabalho de Columbano, portanto, significava uma luta entre a liberdade e o despotismo.

A condição do papado nesta região foi assim descrita por um historiador atual:

A igreja entre os francos e alemães estava numa condição miserável. Muitas das terras da igreja estavam nas mãos de leigos. Havia pouca ou nenhuma disciplina, e nenhum controle exercido sobre o clero. Cada clérigo fazia o que estava certo aos seus próprios olhos. Havia, neste tempo, muitos padres vagabundos e monges vagando em todo o país, obtendo uma vida incerta aproveitando-se das pessoas.¹³

Com relação à igreja na época de Justiniano, historiadores do período medieval declaram: “O cristianismo daqueles dias estava totalmente degradado, e os cristãos diferiam muito pouco dos outros povos ao seu redor. O maometismo foi em parte uma revolta contra esta degradação”.¹⁴

Os padres estavam invejosos da influência e crescimento das missões célticas. No fundo de tudo isso, no entanto, estava seu ressentimento com a repreensão dada por Columbano a suas vidas questionáveis. Portanto, eles convocaram o líder irlandês em 602 para responder diante de um sínodo de bispos gauleses. Ele recusou-se a comparecer, mas para sua defesa, enviou uma carta implorando-lhes para absterem-se de interferir. O historiador católico romano John Healy, assim escreve sobre o caso:

O protesto era inútil; eles aderiram tenazmente aos costumes de seu país. Nada poderia convencê-los de que aquilo que São Patrick e os santos da Irlanda lhes tinham passado poderia de qualquer modo estar errado. Eles só queriam ser deixados em paz. Eles não desejavam impor seus costumes aos outros. Porque

deveriam outros impor seus costumes a eles? Eles tinham o direito de ter permissão de viver em paz em sua região selvagem, pois não prejudicaram a ninguém e oraram por todos. Assim foi que Columbano raciocinou, ou antes, protestou com um sínodo de bispos franceses que se opuseram às suas práticas. Suas cartas a eles e ao papa Gregório Magno sobre o assunto desta questão pascal ainda existem, mas ele não pode ser justificado em algumas das expressões que usa. Ele diz aos bispos de um lugar que seriam mais bem empregados em aplicar a disciplina canônica entre seu próprio clero, do que em discutir a questão pascal com ele e seus monges. No entanto, aqui e ali ele fala não só com força e liberdade, mas também com verdadeira humildade e genuína eloquência. Ele implora aos prelados na linguagem mais solene para deixar a ele e seus irmãos viverem em paz e caridade no meio de sua silenciosa mata, ao lado dos ossos de seus dezessete irmãos que haviam morrido.¹⁵

Aqui está um incidente pelo qual se pode contrastar o espírito das duas igrejas. Basta apenas comparar a carta de Columbano com o tratamento arrogante de Agostinho a Dinoto do País de Gales celta. Neste ponto Clarence W. Bispham escreve:

A resposta de Columbano está em grandioso contraste com a fala infeliz de Agostinho, através da qual ele foi profeticamente responsável por certos atos de sangue. Em conclusão, devemos reconhecer que a estilo de vida de Bangor, embora mais severo, produziu uma mansidão de caráter na impetuosa natureza celta que é surpreendente, e está em admirável contraste com o estilo beneditino mais moderado o qual produziu a arrogância de Santo Agostinho.¹⁶

COLUMBANO E RAINHA BRUNILDA

Se alguma vez houve outra Jezabel, esta foi Brunilda, esposa do rei Sigeberto da Austrásia, irmão de Guntram e perseguidor de Columbano. Depois de assassinar seu marido em 575, ela seduziu o filho de seu irmão, Quilperico, rei da Nêustria. Pela paixão, o rapaz se casou com ela. Mais tarde ela levou seu neto, Teodorico II, rei da Borgonha, à vida perdulária. Teodorico tinha grande respeito por Columbano, e por alguns anos protegeu e defendeu-o mesmo enquanto o missionário irlandês estava admoestando-o e sua avó dissoluta por seus maus caminhos. Por medo de que Teodorico se casasse com uma rainha que a afastasse, Brunilda planejou mantê-lo em uma vida de vício.

Quando o apóstolo celta a repreendeu pela iníqua vida da corte, ela virou-se contra ele com fúria; e a partir desse momento começou a contínua perseguição às faculdades evangélicas fundadas por Columbano. Cerca de dez anos antes disso, Agostinho, o monge enviado para converter a Inglaterra, trouxe uma carta de apresentação do papa a Brunilda.¹⁷ Das associações de Brunilda com os inimigos religiosos da igreja celta, os

historiadores escrevem: “Brunilda parece ter sido, de acordo com as ideias de seu tempo, uma mulher religiosa. Ela construiu igrejas, mosteiros e hospitais, e era amiga de alguns dos principais clérigos da sua época.”¹⁸ Visto que a rainha viúva e os bispos católicos romanos eram hostis a Columbano, ela exortou-os a atacar a fé celta e abolir seu sistema de educação.

COLUMBANO NO EXÍLIO

Por esta altura a fama de Columbano tinha aumentado muito em todas as cidades e províncias da França e da Alemanha, tanto que ele era altamente venerado e celebrado. Até mesmo os soldados do rei em várias ocasiões ou hesitaram em executar a ordem real para o seu banimento, ou executaram-na tão frouxamente que Columbano poderia escapar e voltar para Luxeuil. Porque ele temia vingança em seus associados, o velho erudito decidiu partir. Ele primeiro foi com certos companheiros para o rio Loire, que parece ter seguido com a intenção de zarpar do porto de Nantes para a Irlanda.

A história de seus deslocamentos não é como uma partida para o exílio, mas como uma marcha de conquista. Ele não navegou de Nantes, mas foi para Soissons, a capital de Clotaire II, rei da Nêustria. Lá a sua posição foi semelhante à de primeiro-ministro, se não uma das autoridades reais. Clotaire consultou-o em todas as questões importantes do estado e seguiu seu conselho, mas Columbano tinha um trabalho ainda maior a fazer. Ele esperava estabelecer novos centros na Alemanha, Suíça e Itália.

Visto que Columbano tinha sido honrado por Clotaire II, rei de Neustria, país que mais tarde se expandiu e se tornou a França, ele assim foi tratado por Teodeberto, rei daquela Austrásia, cujo país mais tarde assimilaria porções do território que agora é a Alemanha. Enquanto ia a Teodeberto, ele parou em Meaux, onde foi entretido por um cidadão proeminente, um amigo de Teodeberto. Sua vida piedosa influenciou a filha de seu anfitrião a dedicar sua vida às missões columbanas. Estes primórdios do cristianismo celta se multiplicaram quando os instruídos companheiros de Columbano recusaram-se a avançar mais a leste para a selva, e começaram imediatamente a fundar novos assentamentos começando com Metz como o centro.

O rei Teodeberto ficou feliz com a chegada de Columbano em sua corte. Suplicou-lhe que permanecesse em seu reino permanentemente e que continuasse sua obra. O erudito, no entanto, queria fazer mais pela Europa, que estava num estado de barbárie.¹⁹ Como diz Benedict Fitzpatrick, “Os irlandeses foram os primeiros missionários na Alemanha, e a Alemanha tinha

sido por eles feita, no geral, uma terra cristã quando Bonifácio, que tem sido chamado o apóstolo da Alemanha chegou lá inicialmente.”²⁰

Pode ser bom neste momento protestar contra atribuir aos monges beneditinos o trabalho feito pelos missionários irlandeses. Fitzpatrick diz: “A crença geral de que os beneditinos, que eram os únicos 'rivais' dos monges irlandeses no período em análise, fossem homens instruídos é totalmente errônea. Nenhum ramo dos beneditinos tendo como objetivo o conhecimento existiu até o estabelecimento dos mauristas no século dezessete”.²¹

Durante vários anos Columbano trabalhou na Alemanha e na Suíça, deixando uma série de missões para continuar o trabalho que ele havia iniciado. Contudo, uma conspiração pagã contra ele forçou-o a mover-se novamente para outras terras. Deixando o centro de Bregenz, no que é hoje a Áustria, ao cargo de um dos seus históricos companheiros, Gallus (geralmente conhecido como São Galo),²² Columbano, embora tenha passado dos setenta anos de idade, caminhou sobre os imponentes Alpes para a corte de Agilulfo, rei dos lombardos. Nessa região os ensinamentos dos cristãos primitivos de Joviniano do século IV, e de Claude do século IX, ainda persistiam.²³ Aqui Columbano foi recebido com alegria. Agora, podemos dizer, os celtas e os valdenses estavam dando as mãos para espalhar o evangelho. Os lombardos e os descendentes dos godos tinham seguido o mais simples e mais bíblico cristianismo da igreja do oriente e nunca andaram nos caminhos do papado.²⁴ O poderoso rei lombardo estava contente de ter esse poderoso líder espiritual da Irlanda em seu reino. Nos séculos medievais estes vales eram extremamente populosos.

Recusando-se a ficar na corte, no entanto, Columbano rogou ao rei por um lugar onde estabelecer um novo centro. Agilulfo lembrou-se da localidade de Bobbio onde havia uma igreja destruída. Neste tempo os lombardos não estavam associados com o papado, e por isso foram estigmatizados como arianos. Visto que o papado, apoiado pelas forças armadas do império romano oriental, tinha assumido uma atitude ameaçadora tanto para o cristianismo celta como para aqueles grupos religiosos que escolheu chamar arianos, havia naturalmente a mesma desdita entre Columbano e o rei Agilulfo.

John Healy escreve que Bobbio “estava perto da Trebbia, quase no local onde Hannibal sentiu pela primeira vez os rigores daquele inverno feroz nas neves dos Apeninos.”²⁵ Fica-se espantado com o maravilhoso trabalho de desmatar as florestas, de preparar os edifícios, cultivar as terras e produzir a lavoura, realizada novamente em Bobbio. Columbano parece ter tido incomum capacidade de dirigir as operações agrícolas, de atuar como médico para os seus companheiros, e em usar os couros de ursos para fazer sandálias.

Ele era especialmente habilidoso em domesticar animais selvagens. Embora se destacasse em dirigir trabalhos tais como construir estradas, cavar poços, construir igrejas e escolas de treinamento, ele não negligenciou a instrução. Um erudito escreve: “As fundações irlandesas da Alemanha e norte da Itália se tornaram principal centro produtor de livros no continente.”²⁶ Quando posteriormente estudiosos começaram sua busca por manuscritos irlandeses, verificou-se que São Gallo e Bobbio eram valiosos armazéns.

De Bobbio está escrito: “Aqui o núcleo do que deveria ser a biblioteca mais célebre na Itália foi formada pelos manuscritos que Columbano tinha trazido da Irlanda e os tratados que ele mesmo era o autor.” “A fama de Bobbio chegou às praias da Irlanda, e as memórias de Columbano era estimada aos corações dos seus compatriotas.” Um catálogo do século X, publicado por Muratori, mostra que nesse período cada ramo do conhecimento, divino e humano, estava representado nesta biblioteca²⁷. Bobbio tornou-se um tal centro de treinamento evangélico que mais tarde a igreja católica romana seguiu o mesmo procedimento com Columbano como ela fez com Patrick e Columba; ela finalmente reivindicou-o como um de seus próprios.

A MORTE DE COLUMBANO

Columbano não viveu muito mais do que um ano depois de ter terminado seu trabalho em Bobbio. Embora houvesse grande tristeza em sua iminente morte, não havia remorso em seu próprio coração. Ele poderia olhar para trás em seus mais de trinta anos de trabalho árduo e reconhecer que tinha deixado uma indelével impressão aos francos, alemães, suevos, suábios, suíços e Lombardos. Voluntariamente estabeleceu a obra para a qual Deus o havia designado. Ele terminou seu trabalho em 615, tendo naquela época cerca de setenta e dois anos de idade. Seu corpo foi enterrado sob o altar da igreja e até hoje, seus restos mortais são mantidos na cripta da igreja em Bobbio. Cerca de vinte e cinco manuscritos existentes são supostamente seus escritos.

RAZÕES PARA A OPOSIÇÃO DOS BISPOS PAPAIS

Existem certos escritores que procuram minimizar as diferenças entre a igreja celta e a igreja católica romana. Provavelmente esse é um raciocínio desejado da parte deles, porque gostam de acreditar que as divinas mensagens da igreja celta passaram para a igreja rival, para nunca mais reaparecer. Este ponto de vista é contrário não só ao exame aprofundado feito

por uma série de autoridades, mas também a conclusões obtidas por uma simples consideração das diferenças de vida e doutrina dos dois sistemas. George T. Stokes, falando da disposição final dos líderes celtas em concordar na questão da Páscoa, diz:

Mas embora a igreja celta no começo do oitavo século tivesse assim consentido com a prática universal da igreja tanto a leste como a oeste, este consentimento não envolveu submissão em outros assuntos à supremacia de Roma. Não, antes, veremos daqui em diante que até o século XII a igreja celta diferia de Roma em muitas questões importantes, que de fato formaram um pretexto para a conquista deste país pelos normandos.²⁸

Quais foram estas importantes questões sobre as quais a igreja celta por séculos diferiria da romana? Foram tais questões vitais como a suprema autoridade das Escrituras, a supremacia do papa, o celibato do clero, confissão auricular, transubstanciação, a Trindade, e as reivindicações obrigatórias da lei moral. Muitas outras diferenças podem ser mencionadas. Considerando a implacável hostilidade do papado à igreja celta, é claro que uma ou outra das duas igrejas deve morrer ou se render.

A ausência de instrução na igreja papal e sua abundante presença na igreja celta no período pós-queda de Roma imperial, é mostrada nas seguintes palavras de Benedict Fitzpatrick: “Nas terras, a princípio incluídas no império romano do ocidente, onde o latim era o meio de comunicação da cristandade e da educação, dificilmente existia uma escola no pleno significado do termo, salvo as que já haviam sido estabelecidas, diretamente ou indiretamente, por mãos irlandesas.”²⁹ Este autor católico romano diz ainda: “O papa Eugênio II, pela primeira vez na história, emitiu em 826 d.C. bulas ordenando por toda a Gália e o restante da cristandade escolas do tipo que existia na Irlanda há séculos ”.³⁰

Columbano e Dinoto no País de Gales expressaram cortesia cristã para os líderes católicos, mas se recusaram a ser trazidos em sujeição. Eles procuraram, sem qualquer renúncia de seu próprio passado histórico o qual vinha desde os apóstolos, cultivar uma atmosfera fraterna até onde possível.

Como foi observado na controvérsia entre a rainha católica romana Margaret da Escócia e os sucessores do grande Columba, uma séria diferença entre a igreja celta e a igreja católica romana era a observância do sábado como o dia sagrado de descanso. O papa Gregório I, que nos dias de Columbano se opunha à aprendizagem clássica, estava tão enfurecido porque muitos cristãos na cidade de Roma observavam o sábado como o sábado judaico que em 602 emitiu uma bula declarando que quando o anticristo viesse, ele guardaria o sábado como o sábado judaico. Este ato é um fato de

registro comum.³² Foi a forte oposição de muitos papas ao maravilhoso trabalho das missões irlandesas na Europa, devido em grande parte ao fato de que era a prática da igreja celta observar o sábado como o dia de descanso e adoração?

Denunciando a igreja celta no continente como herética em muitos aspectos, particularmente por causa da observância do sétimo dia, Roma acusou-a de judaizar. Assim, a epístola 45 do papa Gregório III aos bispos da Baviera alemã exorta-os a se apegarem às doutrinas de Roma e a terem cuidado com os bretões que vinham a eles com falsos e heréticos padres.³³ Aqueles missionários que trabalhavam sem autoridade papal eram denunciados por Bonifácio, o núncio do papa, como sedutores do povo, idólatras, e (porque eram casados) adúlteros. Em tudo isso, a igreja católica romana cuidou bem para que apenas vagas e indefinidas explicações de todos os pontos em questão permanecessem até os dias de hoje.

Quanto à acusação de que certas igrejas eram judaizantes, as atas do sínodo em Liftinae (atual Estinnes), Bélgica, 743, dão informações mais detalhadas. O Dr. Karl J. von Hefele escreve: “A terceira alocução deste concílio adverte contra a observância do sábado, referindo-se ao decreto do Concílio de Laodicéia.”³⁴ Já anteriormente no concílio de Laodicéia, no final do quarto século, foi decretado que todos os que descansassem de seus trabalhos no sábado eram judaizantes, e deveriam ser excomungados.

LUXEUIL, SÃO GALO E BOBBIO

Entre os múltiplos centros que foram criados por Columbano e seus companheiros, observou-se que Luxeuil foi o principal centro na França, São Galo o principal centro na Alemanha e Suíça, enquanto que Bobbio ocupou esta posição na Itália. Havia, no entanto, uma multidão de outros centros. De Luxeuil, Benedict Fitzpatrick escreve: “Luxeuil provou ser o maior e mais influente dos mosteiros e escolas estabelecidos por Columbano. Tornou-se a reconhecida capital espiritual de todos os países sob o governo franco... No século VII Luxeuil foi a escola mais célebre da cristandade fora de Irlanda.”³⁵ De São Galo e Bobbio, ele escreve: “O próprio São Galo tornou-se conhecido como ‘o centro intelectual do mundo alemão’, como Bobbio, fundada por Columbano, foi longa ‘a luz do norte da Itália’”³⁶

Qualquer tentativa em avaliar o trabalho de Columbano é de fato fraca. Não está no poder do homem dar um louvor adequado àquilo que Deus tem forjado para fazer com que sua verdade seja triunfante. Este pioneiro construiu suas fundações espirituais sobre as ruínas do império romano. Seus

centros missionários tornaram-se o berçário da civilização, o campus e púlpito de evangelismo. O caráter nobre deste homem, seus múltiplos talentos, sua alta capacidade executiva e, acima de tudo, sua total entrega a Deus fez dele um tipo do extraordinário trabalho feito pela igreja celta.

CAPÍTULO 14

A IGREJA NA EUROPA APÓS O TEMPO DE COLUMBANO

O verdadeiro trabalho dos primeiros missionários irlandeses na conversão dos pagãos da Grã-Bretanha e da Europa Central, semeando lá as sementes da cultura, tem sido negligenciado quando não intencionalmente deturpado. Assim, enquanto a autêntica obra de conversão dos alemães pagãos foi o trabalho de irlandeses, Winfried ou, como ele é mais conhecido, São Bonifácio, um homem de grande capacidade política, ceifou o campo que eles haviam semeado, e é chamado o apóstolo da Alemanha, embora seja muito duvidoso que ele tenha pregado aos pagãos¹.

O sol de Columbano tinha brilhado fulgurante sobre os corações frios da Europa. Ele e seus seguidores trouxeram luz para as terras cobertas pela escuridão desde o advento dos francos.² Três revoluções imediatamente sucederam-se uma após a outra, que contam a história da Europa após a sua morte durante o período medieval da Igreja no Deserto. Estas foram: primeiro, o desenvolvimento da civilização no continente através dos esforços dos líderes da igreja celta que sucederam Columbano e através dos primeiros heróis valdenses; segundo, a oposição organizada do papado para este trabalho; e finalmente, os desastrosos séculos que se seguiram à coroação de Carlos Magno pelo papa como o fundador da linha de reis carolíngia e o primeiro imperador do Sacro Império Romano.

Os missionários celtas que vieram da Irlanda no sétimo e oitavo séculos encontraram a Europa na ignorância e na desorganização. Seus centros de treinamento elevaram o nível intelectual dos territórios em que trabalharam. Ao evangelizar e manifestar o espírito de sacrifício, eles ergueram a coragem e esperança da população com respeito à verdade triunfante. Gravaram nas pessoas o amor e reverência por temas sagrados e nobres. A dignidade do trabalho não foi negligenciada. Fazendas surgiram em territórios que uma vez pareciam mal-arranjados. Foram providos com gado e outros animais domésticos necessários. Flores resplendentes floresceram onde antes era um deserto. Mais uma vez os olhos olhavam para os campos de grãos ondulantes e um sorriso de prosperidade irradiava sobre a terra.

O que aconteceu com os diversos centros de civilização na Europa estabelecidos por Columbano e seus seguidores? Clarence W. Bispham diz: “Columbano introduziu na Gália um monumento tão duradouro do espírito religioso da Irlanda, que durante a sua vida não menos que mil abades reconheceram as leis de um único superior.”³ Columbano chegou ao continente menos de meio século após o início do período dos 1260 anos, que começou em 538. Os reis merovíngios, descendentes de Clóvis, foram os fundadores do reino franco. A história é bem conhecida de como a descendência enfraquecida de Clovis, conhecidos como os “Reis-que-não-fizeram-nada”, introduzidos na administração do Domus Principal (o chefe do palácio), uma espécie de primeiro ministro. Estes se tornaram poderosos, e com o tempo tiraram o rei fraco para fundar a dinastia carolíngia, nome proveniente de Carlos o Grande (Carlos Magno). Os antecessores de Carlos Magno ganharam poder com o auxílio do clero de Roma, e, então incomodaram os sucessores de Columbano.⁴

Chama-se atenção para os companheiros de Columbano, que parecem ter saído da Irlanda com ele, e, como ele, se tornaram os fundadores não apenas de centros de treinamento, mas de escolas, vilas e cidades. Esses homens eram diligentes no evangelismo e no estudo da literatura.

Os primeiros manuscritos irlandeses ainda existentes em bibliotecas continentais testemunham tanto da cultura como da ampla atividade missionária desses monges irlandeses. Os escritos que chegaram até nós no irlandês antigo são exclusivamente religiosos. Esses monges irlandeses também superaram o resto da Europa ocidental deste tempo em manuscritos atraentes; isto é, por decorá-los com iniciais coloridas, desenhos de bordas e ilustrações.⁵

Já se mencionou Gallus, também chamado São Galo. Benedict Fitzpatrick dá atenção a Eurcinus, que depois de criar uma pequena cristandade às margens do lago de Bienna, Suíça, fundou a cidade de Saint Ursanne; Sigsbert que, despedindo-se de Columbano no pé dos Alpes que separam a Itália da Suíça, cruzou as perigosas geleiras e no alto, na região de neve perpétua estabeleceu a valiosa comunidade de Dissentis; e Dicuil, aparentemente irmão de São Galo, o qual projetou as fundações da cidade e do centro missionário de Lure.⁶ Estes e muitos outros centros de treinamento da cultura celta permaneceram através dos séculos de crise. De sua posição elevada, continuaram a educar a rude população da Europa e a produzir novas gerações de estudiosos e professores.

As Sagradas Escrituras devem ter sido grandemente multiplicadas quando se considera a vasta extensão territorial na qual estavam localizados os focos da igreja celta no continente. Alguns desses seminários estavam

lotados de alunos. Considerando apenas uma cópia da Bíblia para cada três ou quatro estudantes, isso seria pouco; deve ter havido uma ampla disseminação do Antigo e do Novo Testamento em todos os países que hoje chamamos de França, Bélgica, Alemanha, Suíça, Áustria, e Itália. Mudanças políticas significativas, provocadas pela aliança do papado com os governantes dessas diferentes partes para promover sua igreja, empurraram os estabelecimentos escocês-irlandeses para o segundo plano.

Há escritores que tentaram acusar a igreja celta baseados no falso fundamento de que era mal organizada e sem controle central. As probabilidades e os fatos do caso são contra essa conclusão. Os colonizadores irlandeses estudaram e obedeceram à admoestação bíblica,

“Todas as coisas sejam feitas com decência e ordem” (1 Coríntios 14:40).

É verdade que eles não foram conduzidos sob o chicote de uma igreja unida com o estado nem forçados a obedecer sob ameaça da espada. Pelo contrário, mantiveram-se juntos pelos laços invencíveis da verdade, abençoados pela inspiração do Espírito Santo. Eles procuraram evitar a gradação hierárquica, e assim empregaram outros nomes que não aqueles usados por Roma. Por outro lado, a igreja do oriente, desde a Assíria até a China, que foi a contraparte da igreja celta no ocidente, reconhecia como supremo pastor, os católicos (*patriarcas*) no cargo em Selêucia no sul da Mesopotâmia, a sede dessa igreja.⁷ Certamente isso era organização. Depois da conquista da Pérsia pelos muçulmanos, a organização continuou; mas o assento patriarcal foi transferido para Bagdad, e quinhentos anos depois para Mosul (perto de Nínive) no rio Tigre, no noroeste da Mesopotâmia.⁸

HOSTILIDADE PAPAL PARA A IGREJA CELTA DO CONTINENTE

Um poder, no entanto, viu com medo e alarme o escopo do trabalho sendo desenvolvido pela igreja celta. O papa Zacarias em uma carta ao seu principal agente nesta parte da Europa reconheceu que os pastores desta igreja eram mais numerosos que os de sua própria igreja.⁹ Neander cita a Epístola 45 do papa Gregório III aos bispos da Alemanha, admoestando-os a serem firmes nas doutrinas e práticas da igreja católica romana, e a terem cuidado com as doutrinas dos bretões e dos falsos e heréticos sacerdotes que vinham a eles.¹⁰ Esse mesmo historiador cita outras epístolas do mesmo papa dirigidas a bispos e duques, informando-os que uma das razões pelas quais ele havia enviado Bonifácio a eles era para ganhar de volta aqueles que tinham se tornado vítimas de “heresia através de diabólica astúcia.”

Isto leva à consideração de Bonifácio (originalmente Winfried), tão frequentemente apresentado a nós como o apóstolo e fundador do cristianismo na Alemanha. A citação no início deste capítulo indica que qualquer leitor de bom senso da história descobriria que a Columbano e seus sucessores deveria ser dado o crédito pela fundação do cristianismo nos países nos quais o crédito geralmente é dado a Bonifácio. A menos que se observe com atenção, deixar-se-á de notar que Bonifácio era um inglês que nutriu ódio e desprezo à igreja celta. Wilfrid, outro Inglês, não deve ser confundido com Winfried. O primeiro conduziu amarga oposição ao cristianismo celta na Inglaterra; o segundo, sob o nome de Bonifácio fez o mesmo na Alemanha.

Quanto aos objetivos de Bonifácio, o Dr. A. Ebrard escreve:

O objetivo de sua vida e o trabalho de sua vida foi a sujeição das igrejas cristãs da Austrásia e da Nêustria aos decretos papais do direito canônico, especialmente a escravização e destruição daquela denominação cristã, que se recusou a reconhecer a primazia da sede romana, mas manteve-se firmemente às suas próprias constituições e às suas próprias ordenanças.¹¹

Benedito Fitzpatrick, um erudito católico romano com ampla pesquisa, retrata quanto Bonifácio foi incitado contra os missionários irlandeses por causa de seus ensinamentos.¹² O agente papal os trouxe perante os concílios e assegurou sua condenação como se fossem hereges.

O papa temia muito que o próprio Bonifácio pudesse cair sob a esplêndida influência dos missionários cujo trabalho ele foi incumbido de destruir. Portanto, ele sujeitou Bonifácio, no início de seus trabalhos, ao papado por um juramento solene. No suposto túmulo do apóstolo Pedro em Roma, ele fez este juramento:

Eu te prometo, o primeiro dos apóstolos, e teu representante papa Gregório, e seus sucessores, que, com a ajuda de Deus, eu vou permanecer na unidade da fé católica, que eu não vou de forma alguma concordar com qualquer coisa contrária à unidade da igreja católica, mas em todos os sentidos mantereí minha fé pura e minha cooperação constantemente para ti, e para o benefício da tua igreja, à qual foi concedido, por Deus, o poder de ligar e desligar, e por seu representante supracitado e seus sucessores. E sempre que eu achar que a conduta dos oficiais dirigentes das igrejas contradiz os antigos decretos e ordenanças dos pais, não terei companheirismo ou conexão com eles, mas, pelo contrário, se eu puder impedi-los, impedirei; e se não, informarei fielmente ao papa.¹³

Neander continua dizendo que, embora os missionários a quem Bonifácio jurou opor-se eram superiores a ele em instrução e em ganhar almas, seu juramento ao papa significava que o cristianismo alemão deveria ser incorporado ao antigo sistema da hierarquia romana, criando uma reação contra o livre desenvolvimento cristão, ao subjugar os missionários britânicos e irlandeses.¹⁴ Esse chocante juramento não só exigia que Bonifácio criasse dificuldades a todos os que não concordassem com o papado, mas também o obrigou a sufocar suas próprias convicções e a concordar em todas as coisas com Roma. É o primeiro juramento de seu tipo; mas tem desde então sido exigido de todo bispo católico romano. Dele o historiador Archibald Bower escreve:

Quando Bonifácio fez este juramento (e é a primeira vez que ocorre na história, de um juramento de obediência, ou, como podemos chamá-lo, de fidelidade, prestado ao papa), ele o colocou por escrito, no pretense corpo de São Pedro, dizendo: Este é o juramento, que eu tomei e que eu prometo manter. E de fato quão estritamente ele o manteve, que sofrimentos teve para estabelecer, não apenas na Alemanha, mas na França, o poder soberano de seu senhor o papa, e trazer todos os outros bispos para o estado abjeto de dependência e escravidão, a que ele próprio tão torpemente tinha se submetido, aparecerá na sequência.¹⁵

Heinrich Zimmer escreve que quando o Bonifácio anglo-saxão (Winfried) apareceu no reino da França como núncio papal em 723 para romanizar as igrejas que lá já estavam, nenhuma das tribos germânicas, ou seja, francos, turíngios, alamanos, ou os bávaros, poderiam ser considerados pagãos. O que os missionários irlandeses e seus alunos estrangeiros haviam implantado, independente de Roma, por mais de um século, Bonifácio organizou e estabeleceu sob a autoridade romana, em parte pela força das armas.¹⁶

Destes fatos aprendemos que quando Bonifácio começou a sujeitar e romanizar as missões de Columbano, as províncias da Baviera praticamente pertenciam ao sistema de igreja de Columbano.¹⁷ Quando Bonifácio chegou lá, ele imediatamente condenou Ehrenwolf, que era um excelente clérigo columbano.¹⁸ Depois que Charles Martel obteve a vitória sobre os muçulmanos na conhecida Batalha de Tours (732 d.C.), o duque da Turíngia que já havia sido pressionado a expulsar de seu território o clero escocês-irlandês, não se atreveu a ignorar esta ordem do vitorioso Charles. Assim, em 733-34, o clero celta foi exilado.¹⁹ No entanto, a falta de pastores era tão grande que Bonifácio, aterrorizado ao reconhecer o perigo de que toda a extensão de terra voltasse ao paganismo, obteve uma licença para restabelecer um certo número do clero columbano.²⁰ Em 743 Bonifácio jogou dois clérigos escocês-irlandeses na prisão, alegando que eles proibiram qualquer igreja de consagrar apóstolos ou santos para serem venerados; que

declararam que as peregrinações a Roma eram inúteis; e que rejeitaram tanto a lei canônica quanto os escritos de Jerônimo, Agostinho e Gregório.²¹ No entanto, houve tal alvoroço entre as pessoas que até o prefeito do palácio, Pepino, achou prudente libertar os dois homens.

CHARLES MARTEL

Como Bonifácio, Charles Martel foi superestimado. Existem escritores que reconhecem que sua vitória sobre os maometanos foi exagerada. Walter F. Adeney nos diz que tudo o que Charles Martel fez foi reprimir um ataque mouro no oeste que quase tinha gasto a sua força – um ataque que nunca poderia ter resultado na sujeição permanente da Europa.²² Muitos não sabem quão fraca foi esta invasão muçulmana que Martel obstruiu, por causa da dimensão com que a história foi escrita para glorificar heróis papais.

Alban Butler revela outra influência do juramento de Bonifácio com relação a Charles Martel. “O papa Gregório deu a ele (Bonifácio) um livro de cânones seletos da igreja, para servi-lo de regra em sua conduta, e por cartas, recomendou-o a Charles Martel”.²³

Charles Martel continuou, após sua superestimada vitória, a estabelecer o papado. A Itália ainda estava sob o governo do imperador romano oriental em Constantinopla. O dia do Sacro Império Romano no Ocidente estava prestes a amanhecer. John Dowling apresenta uma imagem precisa das condições daquela época, ao escrever:

No ano 740, em consequência do papa se recusar a entregar dois duques rebeldes, os súditos de Luitprando, rei dos lombardos, este monarca guerreiro invadiu e devastou os territórios de Roma. Em sua angústia, seu medo da má vontade do imperador prestar-lhes a assistência da qual precisavam urgentemente, resolveram solicitar ao célebre Charles Martel...

É certo que ele não deu ouvido a esses patéticos apelos do papa; até que o último, desesperado em ganhar sua ajuda, apelando à sua piedade ou superstição, atacou-o numa parte mais vulnerável, apelando para a sua ambição. Gregório fez isto, propondo a Charles que ele e os romanos renunciariam toda lealdade ao imperador, como um herege declarado, e o reconheceriam como seu protetor, conferindo-lhe a dignidade consular de Roma, mediante a condição de que devesse proteger o papa, a igreja, e o povo romano contra os lombardos; e, se a necessidade surgisse, contra a vingança de seu antigo superior, o imperador. Estas propostas eram mais adequadas à disposição guerreira e ambiciosa de Martel, e ele imediatamente enviou seus embaixadores a Roma para ter o papa sob sua proteção, pretendendo, sem dúvida, em um breve período, consumir o acordo.²⁴

Enquanto isso, Charles Martel morreu e foi sucedido por seu filho Pepino. O novo mordomo (ou prefeito) do palácio concebeu um projeto para destronar seu frágil monarca, o descendente de Clovis. Ele resolveu obter o apoio moral das pessoas para o seu projeto, argumentando que visto que ele possuía o poder sem o título, ele tinha o direito de obter o título. O papa Zacarias, que na época tinha tensas relações com o governante imperial em Constantinopla por um lado, e estava exposto aos guerreiros lombardos no norte da Itália, por outro, sentiu-se obrigado a garantir o favor e proteção do poderoso Pepino e seus francos. Um acordo foi consumado. O fraco rei foi deposto. Pepino foi coroado e investido como cavaleiro logo depois disso por Bonifácio, que atuou como núncio do papa. Essa conspiração é um exemplo de como o papado se estabeleceu por alianças com os reis da terra.

O papado ajudou Pepino a se tornar rei. Agora era a vez de Pepino ajudar o papado. O rei dos lombardos havia sitiado a cidade de Ravena e ameaçou marchar sobre Roma, a menos que sua legítima autoridade foi reconhecida. O papa imediatamente apelou por salvamento ao imperador em Constantinopla, que era nominalmente o soberano de Roma. Quando, no entanto, ele foi incapaz de garantir esse socorro, o papa considerou que o poder do imperador oriental na Itália estava no fim; e ele apareceu em pessoa perante o rei Pepino da França para solicitar libertação. Depois de um pequeno atraso, Pepino e o papa à frente de um vitorioso exército reatravessou os Alpes e derrotou os lombardos. O rei então cumpriu uma promessa feita ao pontífice, entregando-lhe todas as cidades, castelos e territórios anteriormente pertencentes ao imperador no oeste para ser mantido e possuído para sempre pelo papa e seus sucessores.²⁵

CARLOS MAGNO E O SACRO IMPÉRIO ROMANO

A cena colorida do dia de Natal em Roma (800 d.C.) quando o papa colocou uma coroa imperial na cabeça de Carlos Magno, o filho de Pepino, e nomeou-o chefe de todo o Império Romano, mostrava uma vasta revolução. Isto significava o afastamento do imperador em Constantinopla de mais autoridade nos assuntos europeus. Significava a passagem de muitos príncipes, duques e ducados, e a subjugação da Aquitânia, Alamannia, Saxônia, e Baviera, pois Carlos Magno agora era muito forte com a espada para permitir rivais no poder. Significava a união da igreja e do estado; a união do papado com o império por mais de mil anos. Isso significava que Carlos Magno como um guerreiro esmagador manejaria seu poderoso machado de batalha para espalhar por toda a Europa o governo da igreja papal. Henry Hart Milman escreve:

As guerras saxônicas de Carlos Magno, que acrescentaram quase toda a Alemanha a seus domínios, foram declaradamente guerras religiosas. E se Bonifácio era o cristão, Carlos Magno era o maometano, apóstolo do evangelho. O objetivo declarado de suas invasões, segundo seu biógrafo, era a extinção do paganismo; sujeição à fé cristã ou extermínio.²⁶

Ao longo da guerra, Carlos Magno se esforçou para subjugar as tribos enquanto prosseguia por meio do terror de seus braços; e de fato terríveis eram aqueles braços! Em uma ocasião em Verdun-on-the-Aller, ele massacrrou, a sangue frio, quatro mil bravos guerreiros que se renderam.²⁷

Tais ações de Carlos Magno foram eloquentemente elogiados pelos principais papistas como atos piedosos de um membro ortodoxo da igreja. Entre os bárbaros que deveriam ser recém-convertidos, a igreja inculcou aos poucos sua superstição e seu ódio aos hereges e incrédulos. A poligamia de Carlos Magno era mais como a de um sultão oriental. A notória licenciosidade de sua corte não foi controlada, e de fato não foi reprovada pela religião da qual ele era pelo menos a cabeça civil. O soberano espiritual desta mesma religião tinha colocado em sua testa a coroa do Sacro Império Romano. Os maometanos, em sua fúria contra ídolos e imagens, alegaram que Deus os tinha levantado para destruir a idolatria; mas o papado permitiu seus líderes erguerem imagens nas igrejas.

É um fato bem conhecido que foi por causa da ferocidade com que Carlos Magno levou os habitantes da Europa para a fé papal que os dinamarqueses deixaram sua terra natal em grandes grupos e partiram, jurando que destruiriam cristãos e igrejas cristãs onde quer que pudessem encontrá-los. Logo conquistaram a Inglaterra e a Irlanda, tendo invadido esses países com grandes forças. Eles saciaram sua vingança contra o cristianismo em ambos os reinos. Dois séculos se passaram antes que a Irlanda, sob o famoso Brian Boru,²⁸ derrubasse o reino dinamarquês e restabelecesse um domínio irlandês. E tanto quanto diz respeito à Inglaterra, não foi até a conquista normanda que a atual linhagem de reis tomou o lugar dos dinamarqueses e ganhou o trono da Grã-Bretanha.

A partir da data da fundação do Sacro Império Romano dificilmente poderíamos dizer que a liderança da Igreja no Deserto da Europa foi limitada aos sucessores espirituais de Columbano. Ocorreram eventos que trouxeram vigor a todas as comunidades evangélicas. Uma unidade visível de fé evangélica por toda parte dos diferentes reinos perseguidores do império era impossível. Mas surgiram líderes em diferentes partes do continente, e os grupos da Igreja no Deserto estavam unidos nas doutrinas essenciais embora visivelmente separados.

O decreto do Papa Gregório IX (1236 d.C.), mencionando estas diferentes comunidades pelos nomes que haviam adquirido, reconheceu a unidade de seus ensinamentos evangélicos. Ele diz assim: “Nós excomungamos e anatematizamos todos os hereges, os puritanos, os patefinos, os pobres de Lyon, os pasaginos, josefinos, amoldistas, seperonistas, e todos os outros de qualquer nome: seus rostos podem ser diferentes, mas suas caudas estão enredadas em um nó.”²⁹ Pela expressão, “suas caudas estão enredadas em um nó”, o papado reconheceu quão profunda era a unidade entre as comunidades evangélicas. Anteriormente (1183 d.C.) o papa Lúcio tinha publicado uma bula contra heresias e hereges a serem encontrados em diferentes estados da Europa e que tinham nomes diferentes, declarando: “todos os cathad, os paterini e aqueles que se chamam homens humildes ou pobres de Lyon, e os passagini... para estarem sob um perpétuo anátema”.³⁰

A Idade Escura, como muitas autoridades afirmam, estabeleceu-se profundamente nas multidões do continente. John Dowling diz:

O período em que estamos entrando agora, compreendendo o nono e décimos séculos, e grande parte do décimo primeiro, é o mais escuro nos anais do cristianismo. Foi uma longa noite de quase universal escuridão, ignorância e superstição, com pouco raio de luz para iluminar as trevas. Este período foi apropriadamente designado por vários historiadores como a “idade das trevas”, a “idade de ferro”, a “idade de chumbo” e a “meia-noite do mundo.” ...Durante estes séculos, era raro um leigo de qualquer categoria saber como assinar seu nome.³¹

Ainda, J. L. Mosheim escreve: “É universalmente aceito que a ignorância deste século era extrema, e que o aprendizado foi inteiramente negligenciado.... As nações latinas nunca viram uma época mais sombria e triste”.³²

Ignorância e pobreza fizeram do povo uma presa fácil para a superstição. A quantidade e ordem de monges e freiras, os soldados religiosos do Vaticano, aumentaram consideravelmente. O papado em várias ocasiões tinha obrigado os imperadores, príncipes e governantes locais, a jurar caçar aqueles que se recusassem seguir a igreja imperial e condená-los como hereges. As massas tinham sido tão intimidadas pela espada política e por terrores supersticiosos que, com o passar do tempo, se até mesmo o imperador se recusasse a atender às exigências do papado, a igreja declarava seus súditos absolvidos de seu juramento de fidelidade a ele. Assim o poder do papa aumentou muito. Povos de simples fé evangélica que verdadeiramente amavam as Escrituras e estavam dispostos a morrer por elas foram submetidos à prisão, confisco de propriedade, e à matança.

OS ALBIGENSES E OS PAULICIANOS

Perto do tempo do estabelecimento do Sacro Império Romano, se não consideravelmente antes, uma grande comunidade de cristãos evangélicos entrou na Europa da Ásia Menor. Estes foram os paulicianos, durante séculos apresentados erroneamente e falsamente acusados, mas ultimamente absolvidos dessas acusações. Foi por causa de seu sincero desejo de viver de acordo com as epístolas de Paulo que eles foram chamados paulicianos. Eles logo se espalharam pela Europa, e embora não haja registros de sua dispersão, este fato é atestado pelo aparecimento de seus ensinamentos em muitos países do ocidente. Eles se juntaram a grupos migratórios, e como J. A. Wylie diz: “A partir deste momento uma nova vida é vista animar os esforços dos valdenses do Piemonte, dos albigenses do sul da França, e de outros que, em outras partes da Europa, revoltados pelas crescentes superstições, começaram a refazer seus passos em direção às fontes primitivas da verdade”.³³

O nobre trabalho que havia sido feito anteriormente por Vigilância no norte da Itália deveria ser aumentado com a vinda dos paulicianos, e as doutrinas do Novo Testamento que haviam sido estampadas na Europa Ocidental por Columbano, e na cristandade amante da liberdade que caracterizou os cristãos visigodos, deveriam ser re-enfatizados. Os historiadores sustentam que embora os paulicianos tenham sido os mais deliberadamente desonrados de todas as seitas do evangelho, tem sido claramente provado que eles representam a sobrevivência de um tipo primitivo de cristianismo. No entanto, homens que deveriam saber melhor se esforçaram para estigmatizá-los como maniqueístas. W. F. Adeney deles escreve:

A mariolatria e a intercessão dos santos são rejeitadas; adoração de imagem, o uso de cruzes, relíquias, incenso, velas, e recorrer a fontes sagradas são todas repudiadas como práticas idólatras. A ideia do purgatório é rejeitada. O ano sagrado começa com a festa de João Batista. O dia 6 de janeiro é observado como o festival de batismo e renascimento espiritual de Jesus. *Zatic* (*em armênio*), ou Páscoa, é mantido no décimo quarto dia de *nisã*. Não encontramos observâncias especiais de domingo e, possivelmente, o sábado judaico foi mantido. Não há festa de Natal ou da Anunciação. Quando consideramos a questão de doutrina, notamos que a palavra “Trindade” nunca aparece no livro.³⁴

Edward Gibbon, que escreve um capítulo inteiro sobre os paulicianos, vindicou-os da acusação de maniqueísmo.³⁵ Da mesma forma, o erudito George Faber, em seu volume dedicado à reivindicação dos albigenses e Waldenses, por escrito de Constantino, o fundador dos paulicianos, diz: “É

verdade, de fato, que Constantino, profundamente imbuído dos discursos de Cristo e com os escritos de Paulo, abertamente rejeitou o livros dos antigos maniqueístas.” Faber fala ainda da pureza de suas Escrituras, “Agora este único fato, independentemente de todas as outras provas, é amplamente suficiente para demonstrar a impossibilidade de seu pretenso maniqueísmo”.³⁶

Assim, a supremacia grandemente aumentada do papado enfrentou o crescente triunfo da pura verdade bíblica nos corações das comunidades evangélicas. Começou uma luta que nunca cessaria até que a Reforma tivesse quebrado o poder das trevas. Embora muita pesquisa tenha sido feita para saber a relação entre os paulicianos e os albigenses, só uma coisa está claro – suas crenças e história são semelhantes, se não idênticas. Os albigenses eram numerosos no sul da França, onde ganharam milhares de conversos. Alí eles mantiveram uma independência do papado e rejeitaram a transubstanciação.³⁷

O Papado ficou alarmado com o crescimento da dissidência e entrou em ação. Primeiro, houve perseguições em menor escala. Em 1198 Roma enviou representantes para o sul da França, e um grande número de albigenses foi mandado para as chamas. Quando essas medidas não conseguiam garantir os resultados desejados, Raymond, o conde de Toulouse, foi ordenado a entrar numa guerra de extermínio contra seus inocentes súditos. Raymond hesitou. Eventos posteriores aumentaram o amargor, e o papa proclamou uma cruzada contra o sul da França. Amplo perdão dos pecados cometidos através de uma vida foi prometido a todos que se juntassem. Sem entrar em detalhes sobre os numerosos aventureiros, soldados e aspirantes a combatentes que compuseram o exército invasor, podemos dizer que massacres hediondos e matança generalizada desses numerosos crentes leais ao Novo Testamento se seguiram.

O exército reunido dos invasores estava acampado ao redor da cidade de Beziers, em julho de 1209. Quando os cidadãos do lugar sitiado, a maioria dos quais eram bons católicos, se recusaram a se render, os cruzados perguntaram ao núncio papal como eles deveriam distinguir os católicos dos hereges. Ele respondeu: “Matem todos; Deus conhecerá os seus.”³⁸ Um terrível massacre se seguiu. Por vários anos a revoltante matança continuou de cidade em cidade até que um grito de horror surgiu, não só em nações católicas romanas, mas em toda a Europa. O prestígio moral do papado diminuiu.

OS FRANCISCANOS E OS DOMINICANOS

Há outro pedaço da história relacionado com esta cruzada exterminadora que será uma surpresa para muitos. No rastro desses históricos religionistas que tinham armas de matança em suas mãos, seguiram os monges franciscanos e dominicanos inflamando os fanáticos com sua mística fúria.³⁹ Foi em grande parte para acabar com a dissensão generalizada em todo o continente, e particularmente no sul da França, contra as doutrinas inaceitáveis de Roma que essas duas ordens de monges vieram a existir. Os franciscanos foram formalmente aprovados em 1223 pelo papa; os dominicanos pouco antes. Por volta do ano 1200, o papa Inocêncio III estabeleceu a Inquisição. Bispos e seus vigários não sendo, na opinião do papa, nem aptos nem suficientemente diligentes para a extirpação de hereges, duas novas ordens, as de São Domingos e São Francisco foram devidamente instituídas.⁴⁰

É surpreendente ler a vasta quantidade de literatura apresentada ultimamente por autores modernos que glorificam São Francisco, o fundador dos franciscanos, por aquilo que chamam de sua vida santa e gentil e pregação poderosa. Ele tem sido cercado com um halo de supostos milagres e experiências, bem como sido feito participante de eventos que nunca aconteceram. Os fatos reais do caso indicam que seu único direito a um lugar nas páginas da história é que ele levou os inocentes crentes no Novo Testamento para a prisão, para a estaca, e para o exílio por nenhum outro crime senão o de recusarem a acreditar nas doutrinas do papado. No entanto, há mais a ser dito sobre o ativo trabalho dos dominicanos em conexão com a Inquisição do que os franciscanos. Também há bons autores que, escrevendo sem qualquer referência à política de caça às heresias dos franciscanos e dominicanos, afirmam que seus ensinamentos místicos e crenças eram similares ao maniqueísmo e outros ensinamentos orientais panteístas.⁴¹

O PODER DA REFORMA

Rapidamente os anos se passaram. Os ensinamentos fundamentais da Igreja no Deserto, que de acordo com Apocalipse 12 foi a sucessora da igreja apostólica, ganhou um número crescente de adeptos ao longo da Grã-Bretanha e no continente. Por volta do tempo em que esforços foram feitos

para transformar a terra natal dos albigenses em um Aceldama (*isto é, em um ‘campo de sangue’*), o papado, através dos sucessores de Guilherme (*William, em inglês*), o Conquistador, enviou exércitos que marcharam para a Irlanda para completar a sujeição do cristianismo celta primitivo.

Não obstante, surgiram novos e vigorosos líderes espirituais que, embora de diferentes denominações e sociedades, portaram a bandeira da verdade ao ser tirada das mãos dos celtas e dos albigenses. Wycliffe, “a Estrela da Manhã da Reforma”, durante o século XIV varreu a Inglaterra com sua oposição a Roma e com sua defesa da Bíblia. Na Boêmia, ele foi seguido por Huss e Jerônimo, os quais foram queimados na fogueira. Antes que a histórica Reforma liderada por Lutero tivesse surgido na Alemanha, o papado tinha massacrado os valdenses do norte da Itália como havia perseguido os albigenses. João Calvino, o líder bem sucedido contra o papado na França e na Escócia, é reconhecido como descendente direto dos valdenses.⁴² Os lolardos, como os seguidores de Wycliffe são frequentemente chamados, foram doutrinados pelos albigenses e valdenses.⁴³

Nos capítulos anteriores, notamos a fúria de Roma contra aqueles que continuavam a acreditar que o sábado, o sétimo dia da semana, era o Sábado do quarto mandamento. Recorde-se que o historiador A. C. Flick e outras autoridades afirmam que a igreja celta observou o sábado como seu sagrado dia de descanso, e que a bem conceituada cultura afirmava que os galeses o santificaram como tal até o século XII. O mesmo dia foi observado pelos petrobrussianos e henricianos, e Adeney, e outros, atribuem aos paulicianos a observância do sábado. Há confiáveis historiadores que dizem que os valdenses e os albigenses eram fundamentalmente guardadores do sábado.

A Reforma veio, e dentro de um terço de século desde o seu início nações poderosas da Europa haviam sido arrancadas do papado. Seria alguém, agora, tentado a dizer que esta era a hora em que a igreja saiu do deserto? Dificilmente. A Reforma faz parte da história abrangida pela Igreja no Deserto. Situa-se dentro do período dos 1260 anos. O décimo segundo capítulo de Apocalipse, no entanto, não apresenta a igreja da Reforma como sucessora da Igreja no Deserto. A igreja remanescente, ou a última igreja, deve proclamar o breve advento de Jesus Cristo e a observância dos

“mandamentos de Deus, e a fé de Jesus.” Apocalipse 14:12.

A igreja remanescente é a verdadeira e final sucessora da Igreja no Deserto.

O FIM DO SACRO IMPÉRIO ROMANO

O que a Reforma fez ao restaurar a Bíblia nas terras ocidentais, os exércitos da Revolução Francesa deveriam fazer para libertar as nações do Continente das garras do antigo regime. A raça humana deveria ter mais uma oportunidade em aperfeiçoar a liberdade e com vantagens sem precedentes no conhecimento e na ciência demonstrar ao universo se iria crer e viver de acordo com a vontade revelada de Deus na luz das profecias em cumprimento. Os Estados Unidos da América foi o primeiro país a redigir completa liberdade religiosa em sua constituição. O Império Britânico e alguns outros governos manifestam uma tolerância que, na prática, equivale à liberdade religiosa, mas eles ainda mantêm uma igreja estatal e não concedem, como direito legal, plena liberdade de consciência aos seus cidadãos.

O efeito da Revolução Americana foi eletrizante na França. Surgiram pessoas comuns e quebraram o domínio tirânico dos nobres e do clero; e, copiando a Declaração Americana de Direitos, não apenas proclamaram liberdade religiosa para a França, mas também para todos os povos para onde quer que fossem os exércitos da Revolução Francesa. O ato culminante ocorreu em maio de 1798, quando os exércitos da França entraram em Roma, levaram o papa como prisioneiro, dispersaram o colégio dos cardeais e proclamaram a liberdade religiosa no Capitolineo, o mais famoso dos sete montes de Roma. Com justiça pode-se dizer que a profecia dos 1260 anos termina neste momento da história.

O esmagamento do antigo regime continuou. Esse gênio militar, Napoleão, colocou-se à frente dos exércitos revolucionários da França e descartou o que restou da ordem estabelecida pela união ilegítima entre Carlos Magno e o papa em todo o continente. O Sacro Império Romano é geralmente considerado pelos historiadores como tendo seu último suspiro com os golpes fatais de Napoleão em 1804. É verdade que Napoleão fez uma concordata para França com o papa em 1801, mas nesta o vitorioso general se recusou conceder ao papado sua antiga posição sob os antigos reis; ele iria reconhecer a fé católica apenas como sendo a religião da maioria dos franceses. Embora Napoleão concedesse outros reconhecimentos ao papado, eles não eram nada mais do que os benefícios habituais buscados por meio da diplomacia.

A quem será dado louvor por ter libertado o oprimido mundo ocidental desta terrível tirania? – não para a espada de qualquer grande conquistador, mas para a Igreja no Deserto, que sofreu, sangrou e morreu durante séculos pela liberdade, verdade, e pelas Sagradas Escrituras. Os exemplos destes mártires colocaram nos corações das pessoas a coragem para resistir à tirania até que a liberdade se tornasse a lei da terra.

Assim, o espírito e poder de Columbano e seus sucessores, misturado com o espírito de liberdade, habitou nos descendentes dos celtas, dos godos e dos lombardos, e cresceram cada vez mais nos corações dos reis que se determinaram a fazer a vontade de Deus. A história da Europa não está completa, no entanto, sem saber quão ricamente os valdenses contribuíram para dissipar a sombra infernal da Idade das Trevas e restaurar o cristianismo bíblico; e há muito a ser dito sobre a Igreja no Deserto no Oriente Próximo, na Índia, na Ásia central e na China.

CAPÍTULO 15

OS PRIMEIROS HERÓIS VALDENSES

Sempre que, portanto, nas descrições a seguir, ocorrer os termos berengários, petrobrussianos, henricianos, arnoldistas, valdenses, albigenses, leonistas, ou os pobres homens de Lyon, lolardos, cathari, etc, deve ser entendido que significam um povo, que concordavam em certos princípios de liderança, no entanto, podiam diferir em alguns assuntos menores, e que todos eram abrangidos pelos católicos sob o nome geral de valdenses.¹

Para o nordeste da Itália, sudeste da França e norte da Espanha deve-se procurar essa fortaleza espiritual que por séculos foi invencível às violentas investidas da hierarquia medieval. Lá os gigantes Alpes têm se elevado como um poderoso muro entre a França e a Itália. Nos pacíficos vales e depressões dos Alpes viviam os nobres e heróicos Valdenses. O encanto desses campos verdejantes tornou-se mais fascinante pela presença de um povo que sempre foi fiel ao evangelho.

Os valdenses, embora cobrindo muitos países com seus ensinamentos bíblicos, não se espalharam em todos os países em que são encontrados outros ramos da Igreja no Deserto. Os seus membros podem não ser contados aos milhões como foram outras igrejas durante a Idade das Trevas. Sua primeira menção é devido ao fato de que permaneceu como o maior de qualquer grupo cristão na luta para preservar a Bíblia e o cristianismo primitivo. Quando a Reforma chegou, eles ainda estavam protestando contra tirania eclesiástica. Entre eles, a verdade triunfou.

Não é difícil discernir nas linhas de influência que emanam dos valdenses uma força que contribuiu para as agitações espirituais lideradas por Martinho Lutero e João Calvino. O estandarte do evangelho foi passado de suas mãos marcadas por cicatrizes de batalha para aquelas dos reformadores, e foi carregado com aclamação de vitória para as nações teutônicas do norte da Europa e para a jovem república na América do Norte.

Aos valdenses foi dada a tarefa de passar a luz para os protestantes dos tempos modernos e de penetrar na escuridão do mundo com a glória da verdadeira doutrina da Bíblia. Através da Idade das Trevas os heróis

valdenses mantiveram a fé que haviam recebido de seus pais, exatamente desde os dias dos apóstolos.

Deles, Sir James Mackintosh escreve:

Com o alvorecer da história, descobrimos alguns cristãos simples nos vales dos Alpes, onde eles ainda existem com o antigo nome de vaudois (*lê-se 'vuduá'*), os quais pela luz do Novo Testamento viram o contraste extraordinário entre a pureza dos tempos primitivos e os vícios da imperial e suntuosa hierarquia que os cercavam.²

Encerrados nos vales das montanhas, eles se apegaram às doutrinas e práticas da igreja primitiva, enquanto os habitantes das planícies da Itália foram diariamente deixando de lado a verdade.³ Quando se olha para suas magníficas montanhas baluartes, não se pode deixar de admitir que aí Deus tinha providenciado para Seu povo um seguro e protegido retiro conforme predito por João no Apocalipse.

Depois que o imperador Constantino declarou (325 d.C.) quais igrejas cristãs ele reconhecia, e decretou que o mundo romano deveria se conformar com a sua decisão, veio uma luta entre os cristãos que se recusaram a comprometer os ensinamentos do Novo Testamento e aqueles que estavam prontos para aceitar as tradições dos homens. Mosheim declara:

Os antigos britânicos e escoceses não puderam ser persuadidos, por um longo tempo, seja pelas ameaças ou pelas promessas dos núncios papais, para sujeitarem-se aos decretos e leis romanas; como é abundantemente testemunhado por Beda. Os gauleses e os espanhóis, como ninguém pode negar, atribuíram tanta autoridade ao pontífice quanto supunham que seria para sua própria vantagem. Nem na própria Itália, ele poderia fazer com que o bispo de Ravena e outros se curvassem obsequiosamente à sua vontade. E de indivíduos particulares, havia muitos que expressaram abertamente sua repulsa a seus vícios e sua avidez de poder. Também não são destituídos de argumentos aqueles que afirmam que os valdenses, mesmo nesta era [sétimo século], fixaram sua residência nos vales do Piemonte e livremente falaram contra a dominação romana.⁴

Robert Oliveton, nativo dos vales valdenses, que traduziu a Bíblia valdense em francês em 1535 escreveu no Prefácio o seguinte das Escrituras:

É só tu [a Igreja da Reforma Francesa] a quem eu apresento este precioso tesouro... em nome de um povo pobre, teus amigos e irmãos em Jesus Cristo, que desde então foram abençoados e enriquecidos com isso pelos apóstolos e embaixadores de Cristo, ainda têm desfrutado e possuído o mesmo.⁵

OS VALDENSES REMONTAM AOS APÓSTOLOS

A conexão entre os valdenses, os albigenses e outros crentes no Novo Testamento e os primitivos cristãos da Europa Ocidental é assim explicada por Voltaire:

A confissão auricular só foi recebida tão tarde quanto o oitavo e nono séculos nos países além do Loire, em Languedoc e os Alpes – Alcuíno lamenta isso em suas cartas. Os habitantes desses países parecem ter tido sempre uma inclinação para respeitar os costumes da igreja primitiva, e rejeitar os princípios e costumes que a igreja em seu estado mais florescente julgou conveniente adotar. Aqueles que foram chamados maniqueístas, e aqueles que depois foram chamados albigenses, vaudois, lolardos, e quem apareceu tantas vezes sob diferentes nomes, eram remanescentes do primeiro gaulês cristão, que estavam ligados a vários costumes antigos, que a Igreja de Roma achou apropriado alterar mais tarde.⁶

Por quase duzentos anos após a morte dos apóstolos, o processo de separação continuou entre essas duas classes de membros da igreja até que veio a ruptura declarada. No ano 325 o primeiro concílio mundial da igreja foi realizado em Nicéia, e naquela época Silvéster recebeu grande reconhecimento como bispo de Roma. É a partir do tempo deste bispo romano que os valdenses datam a exclusão do partido papal de sua comunhão. Como o historiador da igreja Neander diz:

Mas não foi sem alguma base de verdade que os valdenses deste período declararam a antiguidade de sua seita, e asseveraram que a partir do tempo da secularização da igreja – isto é, como pensavam, a partir do tempo da concessão de Constantino para o bispo romano Silvéster [314 - 336 d.C.] – tal oposição como finalmente irrompeu entre eles vinha existindo durante todo este tempo.⁷

Estes cristãos dos Alpes e dos Pirineus foram chamados de valdenses, que provém da palavra italiana para “vales”, e por onde se espalharam na França, têm sido chamados de vaudois (*lê-se ‘vuduá’*), uma palavra francesa que significa “habitantes dos vales” em uma determinada província (*a região de Vaudoise*). Muitos escritores frequentemente os chamam de vaudois. Os inimigos deste ramo da Igreja no Deserto tem se esforçado para confundir sua história buscando a origem do nome ‘valdenses’ de uma fonte errada. Eles procuram conectar seu começo com Pedro Waldo, um rico comerciante de Lyon, França, o qual se tomou conhecido por volta de 1175. A história deste notável homem exige um espaço digno no templo dos acontecimentos. No entanto, não há nada nos originais ou nos primeiros documentos dos

valdenses – suas histórias, poemas e confissões de fé – que possam ser traçadas até ele ou que faça qualquer menção dele.

Valdo, convertendo-se na meia-idade a verdades semelhantes àquelas mantidas pelos vaudois, distribuiu sua fortuna para os pobres e trabalhou extensivamente para espalhar os ensinamentos evangélicos. Ele e seus seguidores logo se defrontaram com cruel oposição. Finalmente, em desespero, fugiram para refugiarem-se com aqueles valdenses que haviam atravessado os Alpes e formado uma comunidade considerável no leste da França.

A antiguidade do vernáculo valdense preservado através dos séculos dá testemunho de sua linhagem sem ligação com Roma, e da pureza do seu latim original. Alexis Muston diz:

A linguagem falada nos vales dos valdenses tem uma base estrutural muito mais regular do que o idioma piemontês. A origem desta linguagem foi antes do crescimento do italiano e do francês – antecede até a linguagem de romance, cujos documentos mais antigos exibem ainda maior analogia com a linguagem atual dos vaudois montanhese, do que com os trovadores do décimo terceiro e décimo quarto séculos. A existência desta fala é por si só uma prova da antiguidade destes montanhese, e de sua constante preservação de mudanças e de misturas. Seu idioma popular é um monumento precioso.⁸

Voltando as páginas da história seiscentos anos antes de Pedro Valdo, existe até um nome mais famoso relacionado com os valdenses. Este líder era Vigilância (ou Vigilantius Leo). Ele poderia ser visto como um espanhol, uma vez que as pessoas de sua região eram as mesmas em praticamente todos os pontos com as do norte da Espanha. Vigilância tomou uma posição contra a nova recaída ao paganismo. Dessas tendências à apostasia, os cristãos do norte da Itália, norte da Espanha e sul da França mantiveram-se distantes. O história de Vigilância e como ele chegou a identificar-se com esta região é contada em outro capítulo.⁹ Devido às ligações com ele, essas pessoas foram por séculos chamadas leonistas, bem como valdenses e vaudois.

Reinerius Saccho, um oficial da Inquisição (1250 d.C.), escreveu um tratado contra os valdenses, o que explica sua origem precoce. Ele tinha a princípio sido pastor entre eles, mas apostatou e depois se tornou um perseguidor papal. Ele deve ter sabido tanto sobre eles quanto qualquer inimigo poderia saber. Depois de declarar em seu próprio depoimento pessoal que todas as antigas seitas heréticas, das quais havia mais de setenta, tinham sido destruídas, exceto quatro – os arianos, maniqueístas, runearianos e leonistas – escreveu: “Entre todas essas seitas, que ainda são ou têm sido, não há nenhuma mais perniciosa para a igreja do que a dos leonistas ”.

Ele deu três razões porque eram perigosas para o papado:

Primeiro, porque é de extensa duração; pois alguns dizem que tem durado desde o tempo do papa Silvéster; outros do tempo dos apóstolos; segundo, porque é mais geral. Pois dificilmente há um país onde esta seita não esteja. Em terceiro lugar, porque quando todas as outras seitas geram horror nos ouvintes pela enormidade de suas blasfêmias contra Deus, esta dos leonistas tem uma grande aparência de piedade: porque vivem de maneira justa diante dos homens e crêem corretamente todas as coisas sobre Deus e todos os artigos que estão contidos no credo; eles somente blasfemam da Igreja de Roma e o clero.¹⁰

Assim Saccho mostrou que os leonistas, ou valdenses, eram mais antigos do que os arianos; sim, até mais antigos que os maniqueístas.

SEU TERRITÓRIO NÃO ERA ROMANO

Há muito que se reconhece uma distinção entre o norte da península italiana e a parte central, de modo que por mais de mil anos os bispados no norte da Itália eram chamados de itálicos, enquanto os da região central da Itália eram chamados de romanos. Ou, como diz Frederick Nolan, ao falar de uma antiga Bíblia latina neste território: “O autor percebeu, sem qualquer trabalho de investigação, que ela [a Bíblia itálica] derivou seu nome daquela diocese que tem sido chamada a itálica, em distinção ao da romana.”¹¹

A cidade de Milão, na parte norte da península italiana, sempre foi uma das cidades mais famosas da história. Às vezes tem sido um rival para Roma. Vários imperadores romanos, abandonando a cidade nas margens do Tibre, fixaram sua capital lá. Foi um famoso ponto de encontro para o Oriente e Ocidente. Um autor afirma que a influência religiosa de Milão foi considerada com respeito, e que sua autoridade foi especialmente sentida na Gália e na Espanha.¹² Era o principal centro dos celtas que viviam no lado italiano dos Alpes.¹³ Antes que viessem a estar sob a dominante influência do bispo romano, os exércitos góticos haviam completado sua conquista da Itália e da França. Esses recém-chegados, que tinham sido convertidos a Cristo há mais de cem anos, apegaram-se aos usos e costumes da igreja primitiva e não fizeram mal a Milão.¹⁴

Visto que os godos concederam liberdade religiosa aos seus súditos, Milão se beneficiou com isso. Quando de todas as partes da Europa os recém-escolhidos bispos vieram para Roma para serem consagrados, nenhum apareceu das dioceses itálicas de Milão e Turim. Eles não se juntaram à procissão. De fato, por muitos anos depois de 553 houve um cisma

generalizado no norte da Itália e terras adjacentes entre Roma e os bispos de nove províncias sob a liderança do bispo de Milão, que recusaram associar-se com Roma e se tornaram autônomos. Eles haviam sido alienados pelo famoso decreto dos “Três Capítulos”, aprovada em 553 pelo Concílio de Constantinopla, condenando três grandes líderes da Igreja do Oriente.¹⁵ As pessoas desta região sabiam a reta verdade. Eles não acreditavam na infalibilidade do papa e não consideravam que estar fora da comunhão com ele era estar fora de comunhão com a igreja.¹⁶ Eles sustentavam que sua própria ordenação era tão eficaz quanto a pretensa sucessão apostólica do bispo de Roma.

Enquanto o papado estava trazendo grande parte da Europa sob seu controle, as duas dioceses de Milão e Turim continuaram independentes. Era insuportável para o papado que, na mesma terra em que era seu trono, devesse haver um Mardoqueu no portão. Duas forças poderosas anularam todos os seus esforços para anexar o território de Milão. Primeiro, a presença dos reis lombardos, invicto até cerca de 800, assegurou a tolerância religiosa ali. Além disso, os lombardos, como os godos antes deles, rejeitaram tantas inovações trazidas por Roma que eles nunca admitiram os bispos papais da Itália terem um assento em seus concílios legislativos.¹⁷ Portanto, eles foram prontamente chamados Arianos, o nome dado por Roma aos seus oponentes.

OS PRIMEIROS HERÓIS VALDENSES

Por causa da tentativa desesperada de escritores papais em datar a ascensão dos valdenses a partir de Pedro Valdo, todos os heróis valdenses antes da época das cruzadas as quais destruíram em grande parte os albigenses, serão chamados de “antecipados”. Este termo refere-se àqueles líderes evangélicos que mantiveram a Europa continental fiel ao cristianismo primitivo entre os dias dos apóstolos e das cruzadas albigenses. Tais crentes não se separaram do papado, pois eles nunca haviam pertencido a ele. Na verdade, muitas vezes eles chamavam a Igreja Católica Romana de “o recém-chegado”.

Relatar as proezas pela religião feitas pelos primeiros heróis alpinos dos dias de Vigilância até Valdo é responder à tese dos papistas de que os valdenses não surgiram antes de 1160. O mais notado antagonista papal dos valdenses que se esforçou para estampá-los como um povo que surgiu nessa data é o bispo Jacques Benigne Bossuet. Bossuet, o brilhante papista francês, é considerado por alguns como um dos sete maiores oradores da história. Com astúcia quase indetectável, analisou cada item da história que julgou que pudesse dar aos valdenses uma origem antecipada e, em seguida, tirou

suas falsas conclusões. Dele Mosheim diz: “Esse escritor certamente não foi às fontes, e sendo influenciado por zelo partidário, estava disposto a cometer erros.”¹⁸ Um leitor casual, ou um parcialmente informado, poderia facilmente ser enganado por Bossuet. Ampla familiaridade com os registros, no entanto, expõe este bispo à acusação de um vergonhoso e indevido uso de informação.

Para aqueles que salientam muito a Pedro Valdo como sendo o fundador dos valdenses, pode-se dizer que havia muitos com o nome de Valdo. Um escritor papal dá particular atenção a um Pedro Valdo, um adversário do papado, que surgiu no século VII.¹⁹

Certos escritores papais agruparam todas as comunidades religiosas na Europa que eram hostis a Roma desde o ano 1000 ou antes, sob o título de valdenses.²⁰ Sua razão para isso pode ser vista quando se pondera o registro do crescimento das igrejas que se recusaram a acompanhar as inovações de Roma. Considere até que ponto os valdenses eram líderes nessa política. Os ensinamentos e a capacidade de organização de Vigilância deram uma direção aos descendentes evangélicos dos apóstolos no norte da Itália, sul da França, e no norte da Espanha.²¹ Naqueles dias as igrejas evangélicas eram incapazes de conseguir uma unidade visível nestas partes da Europa. Conforme aqueles que preservaram o cristianismo primitivo se multiplicavam no continente e ao entrarem em contato com os celtas das ilhas britânicas e da Igreja do Oriente, eles descobriram que eram unânimes em suas crenças essenciais. Então perceberam mais completamente o cumprimento da predição de nosso Salvador de que Sua igreja seria de todas as nações. Embora grandes esforços tenham sido feitos para dar vários nomes a esses diferentes grupos evangélicos, até mesmo seus inimigos, às vezes, eram obrigados a reconhecer que eles eram “homens dos vales” ou valdenses.

As multidões de pagãos naturalmente se tornaram um campo missionário para os esforços das duas comunidades religiosas rivais - Roma e a Igreja no Deserto. Externamente, o papado parecia dominante por causa de suas aparentes vitórias pela lei, pela espada e por alianças políticas. As igrejas evangélicas, no entanto, aumentaram em poder.

O oitavo século abre com uma forte liderança aparecendo em ambas as comunidades religiosas. Os sucessores de Columbano, bem como os evangelistas poderosos do norte da Itália e dos celtas, estavam fazendo apelos irresistíveis às massas. O Concílio de Frankfort (794 d.C.) frequentado por bispos da França, Alemanha e Lombardia atesta a independência mostrada pelo clero nacional à vontade de Roma. Na presença

de nuncios papais eles rejeitaram o segundo Concílio de Nicéia (787 d.C.) que havia decretado o culto às imagens.²² No Oriente, neste mesmo século, a independente Igreja do Oriente acabara de erigir na capital da China aquele famoso monumento, ainda de pé, que fala das amplas conquistas ganhas por missionários consagrados na Ásia central e regiões mais distantes.²³

CLAUDE DE TURIM

Não se pode estar bem familiarizado com o nono século sem reconhecer um famoso apóstolo da época – Claude, a luz do norte da Itália. Embora sendo um espanhol por nascimento, seus respeitáveis talentos e conhecimento atraíram a atenção do imperador ocidental reinante. Claude foi primeiramente chamado por este príncipe para a sua capital no norte da Europa, e depois foi promovido por ele para ser bispo de Turim, Itália, uma cidade influente no meio das regiões valdenses. Quando ele chegou a seu novo posto, encontrou a igreja do estado em uma condição deplorável. Vício, superstição, simonia, adoração de imagens e outras práticas desmoralizantes eram excessivas. Há um testemunho quase unânime dos historiadores sobre este ponto. O papado estava voltando ao paganismo. Claude imediatamente assumiu a tarefa quase impossível de conter a maré. Ele descobriu que até as igrejas evangélicas tinham sido obrigadas a lutar arduamente contra a influência prevalecente. Claude ousadamente lançou um desafio ao papado e chamou as pessoas de volta à fé e prática do Novo Testamento.

Evidentemente, Claude, embora afirmando que Cristo era divino por natureza, não aceitou as especulações extremas sobre a divindade votada pelo primeiro Concílio de Nicéia. Isto era verdade para a maioria das comunidades evangélicas que diferia da Igreja de Roma.²⁴ Nada nos escritos do famoso reformador alguma vez foi revelado para incriminá-lo de qualquer heresia, apesar de um adversário bem conhecido acusá-lo de heresia após sua morte.²⁵ Pelo contrário, seus comentários bíblicos e suas outras obras claramente revelam-no como um cristão do Novo Testamento. Em uma de suas epístolas Claude nega veementemente que ele tenha levantado alguma nova seita, e aponta para Jesus que também foi denunciado como sectário e demoníaco. Ele afirma que encontrou todas as igrejas de Turim repletas de imagens vis e detestáveis, e ele imediatamente começou a destruir o que estava sendo adorado.²⁶

De outro adversário deste reformador pode ser aprendido o interessante fato de que a diocese de Claude foi dividida em duas partes: por um lado, aqueles que seguiam as superstições da época e que cruelmente se opuseram a ele; por outro lado, aqueles que concordavam com ele na

doutrina e prática. Estes evidentemente eram os valenses dos Alpes Cócios. Este oponente, chamado Dungal, exaltado por escritores papais modernos como um brilhante eclesiástico, constantemente acusava Claude de perpetuar as heresias de Vigilância. O fato de que tais oponentes nunca deixaram de lançar a acusação contra Claude e seus valenses de que acreditavam e ensinavam a mesma doutrina de Vigilância, o eminente reformador que viveu quatrocentos anos antes, comprova a contínua cadeia da verdade entre os habitantes do norte da Itália durante o período desses quatro séculos.²⁷

Claude assim clamava contra o culto às imagens: “Se um homem não deve adorar as obras de Deus, muito menos deve adorar e reverenciar as obras de homens. Qualquer pessoa que espera que a salvação venha de imagens, em vez de vir somente de Deus, deve ser classificada com as mencionadas em Romanos 1, as quais servem a criatura mais do que o Criador”. Contra a adoração da cruz, ele ensinou: “Deus nos ordenou que carregássemos a cruz; mas não que rezássemos para ela. Aqueles que estão dispostos a rezar para ela, não estão dispostos a suportá-la, seja no sentido espiritual ou no literal. Adorar a Deus dessa maneira, é de fato afastar-se dEle.” Quando acusado de não se submeter à autoridade do papa, ele escreveu: “Não deve ser chamado de apostólico, ...quem se assenta na cadeira do apóstolo; mas aquele que executa os deveres de um apóstolo. Para aqueles que ocupam esse lugar, mas não cumprem seus deveres, o Senhor diz: “Eles se assentam na cadeira de Moisés.”²⁸ Claude queria saber por que deveriam adorar a cruz e não também adorar muitas outras coisas – como manjedouras, barcos de pesca, árvores, espinhos e lanças – com as quais Jesus entrou em contato. Ele também defendeu-se contra aqueles que o insultaram porque condenava as peregrinações.

O SURGIMENTO DE UMA NOVA CONTROVÉRSIA

Assim, o abismo estava aumentando entre as congregações descendentes dos apóstolos e aqueles apegados ao papado. Por esta altura (831 d.C.) um livro foi escrito, o que ampliou a brecha.²⁹ Este tratava de um modo revolucionário o tema do pão e do vinho da Ceia do Senhor. Talvez este ousado empreendimento tenha sido feito porque o escritor sabia que seria apoiado em sua nova doutrina pelo papado. O bispo de Roma tinha há pouco sido bem sucedido com a ajuda de Carlos Magno na organização do Sacro Império Romano, e assim ele ganhou poderosa influência. O autor, portanto, apoiado pela teocracia, ousadamente colocou no papel uma doutrina que tem sido considerada há algum tempo. Já haviam surgido

defensores da tese papal de que o padre tinha poder para mudar o pão e o vinho no corpo e sangue reais de Jesus Cristo, mas agora esta surpreendente teoria foi apresentada ao público.

Crentes sinceros das Escrituras concluíram que este ensinamento depreciava o sacrifício de Cristo na cruz. Cristãos que estavam sob a influência apostólica tomaram a posição de que a salvação foi obtida por uma e única morte do Redentor. Se essa nova doutrina prevalecesse, viam que logicamente se seguiria que o Decálogo, o qual o Redentor tinha morrido na cruz para defender, ocuparia um status inferior. A partir desse momento, fortes líderes evangélicos nunca deixaram de se opor a essas inovações. Este livro revolucionário sobre transubstanciação foi escrito cerca de seis anos antes da morte do nobre Claude em 839. Não há registro de que este reformador estava suficientemente familiarizado com este último deslize para o paganismo para criticá-lo.

Sempre que do meio da Igreja no Deserto um novo porta-estandarte aparecia, o papado prontamente estigmatizava-o e aos seus seguidores como “uma nova seita”. Isso produziu um duplo resultado. Primeiro, fez com que estas pessoas parecessem como se nunca tivessem existido antes, enquanto que realmente pertenciam aos muitos seguidores da Bíblia que desde os dias da igreja primitiva existiam na Europa e na Ásia. Em segundo lugar, aparentemente destacou as comunidades evangélicas uma das outras, ao passo que eram uma nas doutrinas essenciais. Os diferentes grupos tomados em conjunto constituíram a Igreja no Deserto. É como se alguém escrevesse sobre os Washingtonianos, os Jeffersonitas, os Lincolnitas e os americanos; ou, como se alguém descrevesse os Mateusitas, os Tomesitas, os Pedroititas, os Paulistas e os cristãos. O agrupamento não era de sua própria origem; em vez disso, foi um estratagema do seu adversário.

Como Philipp Limborch escreve: “E porque moravam em diferentes cidades, e tiveram seus instrutores particulares, os papistas, para torná-los mais odiosos, os representaram como seitas diferentes, e atribuíram a eles opiniões diferentes, embora outros afirmassem que todos eles mantinham as mesmas opiniões, e eram inteiramente da mesma seita.”³⁰

Nessa época, John Scot, um famoso estudioso irlandês, foi chamado à corte de Carlos, o Calvo, neto de Carlos Magno. Ele é geralmente chamado Joannes Scotus Erigena. Naqueles dias, a palavra “Scotus” sem dúvida designava um Irlandês. “Erigena” é o equivalente grego de Scotus. Este homem, o diretor da escola real em Paris, foi o autor de muitas obras célebres, e é considerado um dos principais eruditos de seu tempo. Ele ficou chocado com a terrível importância do tratado defendendo que o pão e o

vinho da Ceia do Senhor são transformados no corpo real de Cristo pelo ritual da missa. Ele pegou sua pena e produziu um livro o qual enfrentou com sucesso o novo inimigo do evangelismo e agitou profundamente os crentes no cristianismo primitivo. Dois séculos mais tarde, um concílio papal condenou este trabalho porque os participantes reconheceram a poderosa influência que por muito tempo teve sobre as pessoas.

FLAGRANTES FALSIFICAÇÕES PAPAIS

Este século também testemunhou algumas outras novas e desastrosas afirmações provenientes das fileiras do papado. As sombras da Idade Escura já começavam a pairar sobre as multidões da Europa. O pensamento religioso foi envenenado pelo trabalho de quem compilou e emitiu uma série de documentos falsificados.³¹ A coleção, geralmente chamada de Decretais Pseudo-Isidorianas, fingia expor antigos registros autênticos, comprovando as reivindicações dos papas ao poder mundial espiritual e temporal. Estes documentos foram usados com poderoso efeito ao longo dos oito séculos subsequentes (800-1520 d.C.) para enganar os governantes e os governados. Embora cerca de setecentos anos depois, sua perfídia tenha sido exposta, a tirania e o domínio obtidos pelo papado através desses séculos não foram renunciados. Em uma era enfadonha e em declínio, tais decretos fabricados, revestidos com uma antiguidade autoritária, foram usados contra a Igreja no Deserto. Se não fosse por sua inata virilidade, nascida do Espírito de Deus, a religião apostólica certamente teria caído antes da influência perniciosa de tais falsificações. A própria Roma séculos mais tarde foi obrigada a abandonar esta falsificação.

HERÓIS VALDENSES DO SÉCULO XVI

Falando sobre as igrejas do centro-sul da Europa que preservaram o cristianismo primitivo, o maior crédito é geralmente dado para aqueles povos que viveram perto dos dois lados dos Alpes e nos Pirineus. Nestes vales profundos, bonitos e isolados eles eram frequentemente chamados por nomes que indicavam sua localização. Assim Ebrard de Bethune, um autor papal (1200 d.C.) na tentativa de explicar o nome “Valenses”, escreveu: “Eles são alguns dos que são chamados de Valenses, porque moram no Vale das Lágrimas.”³² Pilchdorffius, escritor reconhecido por Roma, escreveu por volta de 1250: “Os valdenses... são aqueles que afirmam ter existido desde a época do papa Silvestre.”³³ Visto que Silvestre era bispo de Roma no início

do século IV, aqui está outro declarante da afirmação de que os homens dos vales existiam já em 325.

O Cardeal Pedro Damião, um dos hábeis construtores do edifício papal, em sua campanha (1059 d.C.) contra esses cristãos primitivos no norte da Itália, chamou-lhes Subalpinos.³⁴ A palavra em linguagem comum para designar os fronteiriços dos Alpes era “Valenses”, da qual o ‘V’ foi mudado para ‘W’, e um dos ‘l’ foi mudado para ‘d’, e desde o décimo segundo século eles têm sido geralmente chamados Waldenses (*em português, conserva-se o ‘V’ em Valdenses*).

O cristianismo primitivo, ampliando suas influências, tornou-se tal ameaça para a hierarquia papal que muitos sínodos e concílios foram convocados para combatê-lo. A divergência evangélica do crescente paganismo do papado era tão forte que até os defensores de Roma foram forçados a chamar isto de “incorrigível”.³⁵ O papado decidiu desafiar esse novo poder com medidas implacáveis. Em um sínodo ou concílio após o outro, ou os evangélicos eram trazidos a julgamento ou ações eram infligidas contra eles. Um exemplo de injustiça promulgada em tais tribunais ocorreu no caso dos Cânones de Orleans, na França, em 1017.

A assim-chamada heresia deve ter afetado numerosas províncias, porque os juízes alegaram que foi trazida para a Gália a partir da Itália através de um missionário “por quem muitos em muitas partes foram corrompidos”. As autoridades papais ficaram horrorizadas ao saber que Stefano, ex-capelão da rainha; Heribert, que havia sido um dos embaixadores do reino; e Lisoye – todos famosos por erudição e vida piedosa – eram membros da odiada Igreja. Como prisioneiros, acusados de heresia, foram processados diante dos prelados.

Quatro relatos conflitantes chegam até nós do Concílio de Orleans. Os escritores papais, como Bossuet, tiram desses relatos o material que eles desejam, pensando assim justificar sua acusação infundada de maniqueísmo contra os evangélicos. Escritores que estudam esses relatórios não podem deixar de perceber que a acusação não foi provada, e que os fatos foram deturpados de maneira ridícula.³⁷

Três coisas aconteceram em conexão com o Concílio de Orleans, que revelaram o espírito dos juízes papais os quais condenaram treze cristãos primitivos a serem queimados na estaca. Primeiro, a rainha Constância estava parada na porta, e enquanto os mártires condenados saíam, ela enfiou um pedaço de pau no olho de Stefano, que anteriormente tinha sido seu capelão particular, e a tinha evidentemente repreendido por sua conduta

relaxada. Por este ato, louvores a ela têm sido abundantemente entoados pelos ultramontanos. Em segundo lugar, sabe-se que um da nobreza dos Francos, a fim de obter provas, fingiu-se juntar aos cristãos primitivos como membro de sua igreja. Por meio deste duplo comportamento, ele apanhou frases que poderiam ser falsamente usadas em julgamento contra o acusado. Em terceiro lugar, depois que esses mártires foram queimados na estaca, descobriu-se que certo nobre tinha sido um membro da odiada igreja por três anos e morreu antes do julgamento. Com ódio, seu corpo foi desenterrado e publicamente desonrado.

A fé dos condenados neste tribunal de injustiça pode ser entendida pelas palavras que eles dirigiram aos juízes no final de oito horas de tormentos. Eles disseram:

Você pode contar essas doutrinas para os outros, que são sábios na sabedoria do mundo, e que acreditam nas imaginações de homens carnis escritas sobre pergaminho animal. Mas para nós que temos a lei escrita no homem interior pelo Espírito Santo, e que não sabemos nada a não ser o que temos aprendido com Deus o Criador de todas as coisas, em vão apresentais assuntos que são supérfluos e totalmente estranhos à sã teologia. Acabe, portanto, com as palavras, e faça conosco o que você deseja. Nós claramente vemos nosso Rei reinando em lugares celestiais, o qual com a sua mão direita está nos erguendo a um triunfo imortal; e Ele está nos elevando à plenitude da alegria celestial.³⁸

Pode ser este o testemunho de libertinos ou religiosos excêntricos?

Oito anos mais tarde (1025 d.C.) em Arras, no norte da França, outro julgamento ridículo foi realizado. Os réus foram acusados de maniqueísmo, a habitual falsa acusação do papado contra os evangélicos. Se o julgamento resultou em alguma coisa, ele revelou que esses dedicados missionários não eram culpados de tal comportamento.³⁹ Deixou claro que a doutrina inaceitável àquele injusto tribunal veio do norte da Itália. Os mártires não foram chamados valdenses no relatório. Suas crenças, no entanto, foram as dos mártires de Orleans e eram semelhantes aos ensinamentos dos valdenses. Do depoimento obtido nestas provações dos cristãos primitivos, estamos habilitados a concluir que suas igrejas eram numerosas, com alguns eruditos e pessoas eminentes.

A renomada cidade de Toulouse, no sul da França, é um exemplo de como certas comunidades se apegaram às doutrinas dos apóstolos desde os primeiros dias do cristianismo até que despertou a fúria de uma cruzada exterminadora. Toulouse é acusada não só como o local da criação da chamada heresia, mas também se diz ter abrigado com sucesso os rejeitadores de Roma através dos séculos, primeiro nos dias do cristianismo

gótico, e mais tarde nas cantigas dos albigenses e valdenses.⁴⁰ Nenhum desses dissidentes pode ser chamado de “reformado”, porque eles nunca divergiram tão longe da igreja primitiva, quer em crenças ou práticas para necessitar de um movimento de reforma.

Quanto à origem antiga dos odiados evangélicos da cidade e reino de Toulouse, há uma declaração notável do capelão que acompanhou a sangrenta cruzada de 1208-1218, que destruiu a bela civilização albigense. “Esta Toulouse”, disse ele, “a totalmente lamentável, tem, afirma-se, desde a sua fundação, raramente ou nunca sido livre do miasma ou detestável pestilência da condenada heresia, entregando, e sucessivamente difundindo através das gerações de pai para filho, seu veneno de infidelidade supersticiosa”.⁴¹

BERENGÁRIO

O uso cruel de fraude e força contra os inofensivos e perseguidos seguidores de Jesus Cristo somente confirmou-os na convicção de que a sua causa era de Deus. As pessoas comuns simpatizaram com os oprimidos crentes da Bíblia e oraram por libertadores. Líderes nobres e eruditos surgiram para se opor aos opressores. No entanto, foram reduzidos antes que pudessem ir longe o suficiente em seus sacrificados esforços para virar a maré de perseguição e intolerância. Entre aqueles cujos protestos foram acolhidos com vigor foi Berengário, da França, o qual requer especial atenção. Seus seguidores eram chamados berengários ou primeiros valdenses.⁴²

Mais concílios da igreja provavelmente foram presididos contra Berengário do que contra outra pessoa. Os papistas o odiavam vivo ou morto. Ele foi a segunda testemunha proeminente em cuja boca a verdade foi estabelecida. Joannes Scotus Erigena, uma figura mundial duzentos anos antes, tinha sido o primeiro. Existe uma tradição no sentido de que Scotus veio de uma das escolas estabelecidas por Columba. Ambos analisaram verdadeiramente a doutrina da transubstanciação. Para Berengário não foi simplesmente um erro da Igreja; era o cúmulo dos delírios sedutores. Outros erros eram a tradição, a alegorização, a abolição do Decálogo, a desconsideração do sábado e o obscurecimento do sacrifício único e suficiente de Jesus Cristo. A apostasia tinha se fortalecido desde os dias de Vigilância e Claude, e Berengário foi obrigado a se opor a tudo o que denunciaram e ainda mais. Ele era, portanto, marcado como o “fornecedor de muitas heresias”. Ele reuniu discípulos em torno de si e comissionou muitos grupos de jovens treinados a tarefa de espalhar a luz por toda parte.

Milhares em cujos corações ainda havia o amor do cristianismo primitivo receberam seus discípulos com prazer.

Matthew de Westminster (1087 d.C.) critica que os berengários e valdenses tinham corrompido toda a França, Inglaterra e Itália.⁴³ Isto foi um século antes de Pedro Valdo. Muitos autores reconhecem que a resistência dos berengários ao papado era a mesma que a resistência mostrada pelos valdenses. Outros, como Ussher e Benedict, vêem Berengário como um líder dos valdenses.

O arcebispo Lanfranco foi conselheiro e eclesiástico de Guilherme (*William*, em inglês) de Normandia quando ele partiu para conquistar a Inglaterra. Depois que Guilherme tinha anexado o reino inglês a suas possessões francesas, ele ofereceu a Lanfranco a primazia das terras recém conquistadas. Lanfranco estava ansioso para derrotar Berengário, a quem ele considerava um inimigo na doutrina. Ele dispôs-se a destruí-lo pelo uso de sua pena, porque Berengário era muito proeminente e muito amado para ser queimado na fogueira, embora nos cinquenta anos anteriores muitos crentes nas doutrinas que provinham do norte da Itália tinham expirado nas chamas. Repetidamente condenado por muitos concílios, Berengário foi levado ao exílio. Embora nominalmente um prelado católico romano, doutrinariamente passou para os valdenses. De Lanfranco aprendemos que os berengários chamavam a Igreja de Roma de “a congregação dos ímpios e a sede de Satanás”, coisa que também os valdenses fizeram. O papado prontamente estigmatizou os milhares que se alegraram em sua brilhante luz como berengarianos. Na verdade, eles faziam parte do crescente número que se recusara a seguir Roma em afastar-se dos ensinamentos dos apóstolos.

SEPARAÇÃO ENTRE AS IGREJAS GREGA E LATINA

No meio da tentativa de derrubar a liderança espiritual de Berengário e de sua vitória militar na conquista da Inglaterra, o papado alcançou sua ruptura final com a Igreja Grega. Durante esses anos agitados o pontífice romano possuía três marechais de campo eclesiásticos de excelente perspicácia. Eles eram Lanfranco, Damião e Humberto. O papado usou Lanfranco contra Berengário. O cardeal Humberto foi enviado a Constantinopla (1054 d.C.) para exigir que a Igreja Grega reconhecesse completamente a liderança mundial do pontífice no Vaticano. O cardeal Damião foi enviado para o norte da Itália (1059 d.C.), a região dos valdenses, para colocar em sujeição a diocese de Milão que sempre havia permanecido independente da sé romana. Visto que a rejeição acadêmica que este

sacerdote arrogante encontrou em Constantinopla ocorreu antes da missão a Milão, isto fortaleceu grandemente os valdenses em sua resistência.

As igrejas grega e latina perderam muito do poder espiritual mantido pelos valdenses. Dean Stanley revela quão mais profunda foi a apostasia latina do que a grega até o décimo segundo século: “Em certos períodos de seu curso, não pode haver dúvida de que a civilização da Igreja Oriental foi muito maior do que a da Ocidental.”⁴⁴ O descontentamento de Roma no atraso da Igreja Oriental foi primeiro manifestado quando o rei da Bulgária e sua nação foram convertidos para o cristianismo pelos missionários gregos em 864. O papa observou que estes missionários seguiram o exemplo do evangelismo oriental, traduzindo a Bíblia não da Vulgata latina, mas do grego original. Eles também tinham dado aos búlgaros uma liturgia, ou ordem de serviços religiosos, que não se inclinava à liturgia romana antibíblica. O papado foi tão determinado a alcançar a supremacia espiritual sobre a Bulgária como sobre a Lombardia e Inglaterra.

Novamente a questão do sábado se tornou proeminente. As igrejas do oriente desde os primeiros dias tinham santificado o sábado como o sábado judeu [*do pôr-do-sol da sexta ao pôr-do-sol do sábado*], e onde quer que o domingo tivesse se infiltrado, os serviços religiosos eram observados em ambos dias.⁴⁵ A Bulgária na época inicial de sua evangelização tinha sido ensinada que nenhum trabalho deveria ser realizado no sábado.⁴⁶ Muito antes deste tempo, migrações da igreja pauliciana haviam chegado à Bulgária. Estes paulicianos observavam o sábado do sétimo dia do quarto mandamento. Consequentemente, foram um forte reforço à postura grega nessa questão.

O papa Nicolau I, no século IX, enviou ao príncipe governante da Bulgária um longo documento elucidando questões políticas, territoriais e eclesiásticas, e dizendo que se deve deixar de trabalhar no domingo, mas não no sábado. O chefe da Igreja grega, ofendido com a interferência do papado, declarou o papa excomungado. O patriarca grego também enviou uma carta circulatória para alguns bispos líderes do oriente, censurando a igreja católica romana por várias doutrinas errôneas, especialmente enfatizando a sua rebelião contra os antigos concílios da igreja em obrigar os seus membros a jejuarem no sábado do sétimo dia. Este jejum foi ordenado a fim de que pudessem comparar desfavoravelmente a austeridade do sétimo dia com os prazeres do primeiro dia. A carta repreendeu o papado por procurar impor este jugo aos búlgaros. Uma ruptura completa entre as igrejas, no entanto, não ocorreu neste momento. O calor da controvérsia continuou, apenas para irromper mais tarde.

Os eventos conspiraram para afastar cada vez mais os ramos grego e latino da igreja. Duzentos anos depois (1054 d.C.) a controvérsia novamente surgiu. O patriarca grego, Miguel Cerulário, e um ilustre monge grego, ambos atacaram a igreja católica romana em vários pontos, incluindo o jejum no sábado. Agora o arrogante cardeal Humberto entra no cenário. Enquanto Lanfranco estava atacando Berengário, e o cardeal Damião estava se preparando para juntar o território valdense ao aprisco, o papa enviou três núncios apostólicos para Constantinopla com contra-acusações. Entre outras, a seguinte acusação foi feita pelo papa contra a igreja grega: “Visto que observais o sábado com os judeus e o Dia do Senhor conosco, pareceis imitar com tais observâncias a seita dos nazarenos que desta forma aceitam o cristianismo para que não sejam obrigados a deixar o Judaísmo.”⁴⁷ Enfurecido com o fracasso em trazer a igreja grega em sujeição, Humberto declarou-a excomungada. Ele descobriu que os bispos líderes do oriente tomaram o partido do patriarca grego. O abismo entre estas duas comunidades religiosas estava feito.

A seguinte citação de John Mason Neale revelará a diferença em atitude para com o sábado entre a igreja grega e a latina: “A observância do sábado é, como todos sabem, o assunto de uma amarga disputa entre os gregos e os latinos”.⁴⁸

A REVOLUÇÃO NO NORTE DA ITÁLIA

O papa imediatamente voltou sua atenção para os valdenses. Tendo se libertado da igreja grega, tornou-se o cabeça espiritual titular da Europa. Ele resolveu não tolerar mais a independência da diocese de Milão. Ele viu, como um novo inimigo, a maré alta de igrejas evangélicas em todo o continente, cujo centro nervoso era o norte da Itália. Ressentia-se de sua reivindicação de ser a única igreja verdadeira que descendia diretamente dos apóstolos, e detestava a sua pregação de que o papado fosse a Babilônia mística predita no Apocalipse.

Nunca ocorreu ao papa que, em vez de esmagar a diocese do norte da Itália, ele poderia criar uma pequena, mas bem organizada minoria com possibilidades perigosas. Ele contou com o apoio da infiltração naquela diocese daqueles que ficaram do lado de Roma. Estes últimos estavam determinados a eliminar os opositores das políticas do Vaticano. Portanto, o astuto cardeal Damião foi enviado para Milão em 1059 para trabalhar com os descontentes e trazer em sujeição aquela diocese.

O clero e o povo ficaram muito agitados. Eles exigiram saber por qual autoridade uma diocese poderia invadir os direitos e prerrogativas da outra.⁴⁹ Ficaram profundamente indignados quando Damião organizou um sínodo do clero de Milão e sentou-se acima de seu arcebispo, Guido. Usando documentos enganosos, ele bajulou, ameaçou e prometeu. Ele seguiu o lema dos jesuítas: “Onde não podemos convencer, vamos confundir”. Ele propôs, entre outras coisas, que adotassem vários artigos doutrinários rejeitados pelos gregos, incluindo o celibato do sacerdócio. O resultado foi que assim que sua delegação deixou a cidade, o clero leal e a nobreza convocaram um concílio que afirmou o direito do clero de se casar. Por outro lado, o partido papal havia sido tão bem sucedido em seus esforços que haviam induzido o prefeito da cidade a usar ameaças públicas contra a Milanese. Com a cidade dilacerada por conflitos e disputas, aqueles a favor de um clero casado concluíram que a única coisa a fazer era se retirarem para suas devoções a um lugar separado chamado Patara, onde foram, de maneira reprovadora, chamados de patarinos.⁵⁰ “Eles deram esse apelido de patarinos para os valdenses, porque os valdenses eram aqueles subalpinos para Pedro Damião, que paralelamente mantinham as mesmas doutrinas no arcebispado de Turim”.⁵¹

A manobra do cardeal não só destruiu a duradoura independência da diocese de Milão, mas também transformou os patarinos em uma organização permanente de oposição. Assim, ele produziu uma revolução. Pela oposição de Lanfranco, o papado divulgou as pregações de Berengário; através da hostilidade de Humberto, ele deixou nas páginas da história um poderoso oponente na igreja grega; através de trabalho de Damião, ele transformou a dissidência milanese na organização dos patarinos. Assim, o trabalho imperioso desses três legados papais não só alienou o público, mas também causou grandes adições às congregações cristãs apegadas ao cristianismo primitivo. Três novos nomes foram agora dados aos homens dos vales; ou seja, berengarianos, subalpinos e patarinos.

GREGORY VII, O INOVADOR IMPERIOSO

Enquanto as incompatibilidades entre a tradição e a Bíblia, e entre cristianismo apostólico e medieval, estavam crescendo em intensidade, Gregório VII (1073-1085 d.C.) assumiu a tiara. Quando escolhido como supremo pontífice, começou imediatamente a submeter ainda mais o clero católico romano ao bispo de Roma. Ele mudou as liturgias mais simples, ou serviços de culto, existentes desde os dias primitivos para se adequar às corrupções posteriores; obrigou rígido celibato ao sacerdócio; e trouxe os príncipes da Europa sob o seu calcanhar de ferro.⁵²

Ele é o papa que fez o imperador do oeste, Henrique IV, ficar descalço e com a cabeça descoberta na parte externa do castelo de Canossa por três dias no inverno implorando o perdão e apoio do ofendido pontífice. As medidas duras e cruéis de Gregório para fazer com que o clero casado abandonasse suas esposas finalmente amarraram o celibato à igreja católica romana. Isso produziu um efeito tão oposto sobre os grupos evangélicos que apressou a vinda da Reforma.

Que o cristianismo primitivo estava crescendo forte o suficiente para preocupar o pontífice de Roma pode ser visto no decreto de Urbano II, o papa que tentou realizar as reformas de Gregório VII. Este governante do Vaticano emitiu uma bula em 1096 (quase um século antes de Pedro Valdo) contra um dos vales valdenses no lado francês dos Alpes por estarem infestados com “heresia”.⁵³

Nos cem anos seguintes, outros três nomes foram dados às pessoas conhecidas como os valdenses; ou seja, petrobrussianos, henricianos e amoldistas. Mas estes eram mais do que meros nomes. Por trás de cada nome estava o registro de um poderoso líder no evangelismo. Conforme cada novo apóstolo surgia, Roma, a princípio, contentava-se em tratar a ele e a seus seguidores como uma “nova seita”, pois com isso procurava encobrir o fato de que a nova onda evangélica que varria a Europa era outra manifestação da Igreja no Deserto. Mais tarde, porém, quando o cristianismo primitivo fez incursões devastadoras em seu rebanho, ela começou a perseguir, e a Inquisição, a estaca e a câmara de tortura se seguiram.

Três eventos importantes ocorreram no século XI, que formaram o cenário para as reações que produziram famosos líderes espirituais entre os cristãos primitivos. O primeiro evento foi a conquista de Inglaterra. O segundo consistia no poder do arcebispo Lanfranco como soberano espiritual da Inglaterra por meio do qual ele instituiu a política destinada a esmagar a igreja celta na Escócia e na Irlanda. O terceiro, as cruzadas que seguiram à conquista da Inglaterra, tornou a Europa da noite para o dia numa vasta confederação armada, com Roma à frente dos exércitos que se deslocaram da Europa para a Ásia a fim de resgatar a Palestina dos maometanos.

O papa Urbano II, autor da bula que denunciava a “heresia” dos homens dos vales, convocou todos os reis, príncipes, bispos e abades para pegar a espada e começar pela Palestina em 1096. A hora era propícia, pois ele tinha enchido o continente com tradição em vez de ensinamentos bíblicos. Também, nessa ocasião, as massas estavam meditando sobre uma interpretação errada do Apocalipse. Um milênio tendo passado desde a

escrita do livro, a hora era iminente, eles pensavam, para o aprisionamento de Satanás, para a descida da Santa Cidade, e para o julgamento final. Quando os peregrinos retornando de Jerusalém e do cenário das jornadas de nosso Salvador, contaram as lamentáveis histórias das crueldades muçulmanas sobre os cristãos, mais combustível foi adicionado ao fogo. O Vaticano enviou seus agentes para cima e para baixo da terra para inflamá-los e para esmagar os maometanos e ampliar a liderança da igreja católica romana.

Em menos de um século e meio, houve a derrota de quatro Cruzadas. No meio destas, Roma despertou a turba e a plebe dirigidas por tipos violentos e sanguinários para destruir a bela civilização dos albigenses no sul da França. Os olhos da Europa se abriram. Eles ficaram fartos de ver terras dilaceradas por contendas sociais e encharcadas de sangue fraterno. Os movimentos de reforma cresceram. A justiça dependia menos do capricho de um homem. O nacionalismo cresceu. O comércio se expandiu. As reivindicações do pontífice romano se enfraqueceram cada vez mais e os ensinamentos da Igreja no Deserto se fortaleceram cada vez mais.

PEDRO DE BRUYS

As Cruzadas tiveram um efeito diferente sobre a população daquele que o papado tinha antecipado. A cruz não foi vitoriosa sobre o Crescente. Os exércitos esmagados e derrotados, retornando do oriente, expuseram a loucura das políticas papais. Eles demonstraram ao povo que os ensinamentos de Cristo deveriam ser vividos de uma maneira diferente. Eles perceberam que vitórias cristãs nesta vida não são ganhas pela espada. Isso levou muitos a um reexame das Sagradas Escrituras, e se voltaram para os valdenses, albigenses e paulicianos – nomes diferentes para os mesmos cristãos primitivos – que sempre divulgaram traduções da Bíblia em sua língua nativa e que adotaram um serviço religioso simples. Homens de profunda devoção e grande conhecimento foram agitados pelas necessidades das massas. O décimo segundo século viu o surgimento de três excepcionais heróis evangélicos.

O primeiro deles em termos de tempo foi Pedro de Bruys. Ele nasceu no vale valdensiano no lado francês dos Alpes que Urbano II tinha declarado estar infestado com “heresia”. O sangue desse jovem estava aquecido com o fervor evangélico. Os decretos proclamando que nenhum concílio da igreja poderia ser convocado sem o consentimento do papa suscitaram a indignação do sul da França. Pedro de Bruys começou seu trabalho por volta do ano 1104. É preciso ler os escritos de um monge superior, um contemporâneo e

um inimigo, para conseguir aprender o bastante sobre este pregador evangélico.⁵⁴

Durante vinte anos, Pedro de Bruys agitou o sul da França. Havia um movimento espiritual profundo entre as massas. Ele os trouxe de volta à Bíblia e ao cristianismo apostólico. Sua mensagem tinha o poder de transformar caracteres. Ele enfatizou especialmente um dia de adoração que foi reconhecido na época entre as igrejas celtas das Ilhas Britânicas, entre os paulicianos e na grande Igreja do Oriente; ou seja, o sétimo dia do quarto mandamento, o dia sagrado semanal de Jeová. Cinco séculos depois, durante debates acalorados sobre o sábado, um ilustre bispo da Igreja da Inglaterra referiu-se à observância do sábado dos petrobrussianos.⁵⁵ Durante séculos, as comunidades evangélicas, especialmente os valdenses, foram chamados Insabbati ou Ensavates, isto é, Insabbatati, por causa da guarda do sábado.⁵⁶ “Muitos tomaram essa posição”, diz Ussher.⁵⁷ O instruído jesuíta Jacob Gretzer, por volta de 1600, reconheceu que os valdenses, os albigenses, e os Insabbatati eram nomes diferentes para o mesmo povo.⁵⁸

A tese de que eles foram chamados Insabbatati por causa de seus calçados é rejeitado com indignação pelo erudito Robert Robinson.⁵⁹ Para mostrar quão difundido este termo, Insabbatati, foi aplicado aos valdenses, o seguinte juramento, o qual os monges que dirigiam a Inquisição extraíam de prisioneiros suspeitos de manter diferentes visões religiosas dos da Igreja de Roma, é citado:

O juramento pelo qual uma pessoa suspeita de heresia deveria purificar-se era esse, a ser levado em público. “Eu, Sancho, juro, por Deus Todo-Poderoso e por estes santos evangelhos de Deus, que tenho em minha mão, diante de ti senhor arcebispo Garcia, e perante esses seus assistentes, que eu não sou, nem nunca fui, um Insabbatati valdense, ou pobre de Lyon, ou herege de qualquer seita de heresia condenada pela igreja; nem acredito, nem nunca acreditei, em seus erros, nem vou acreditar neles em qualquer momento futuro de minha vida; além disso, eu professo e protesto que acredito, e que no futuro sempre acreditarei, na fé católica, que a sagrada igreja apostólica de Roma publicamente detém, ensina e prega, e tu meu senhor arcebispo, e outros prelados da igreja católica publicamente defendem, pregam e ensinam.”⁶⁰

A pior crítica contra o trabalho de Pedro de Bruys foi estigmatizá-lo como um renascimento do maniqueísmo. Isso tem sido repetidamente provado como sendo falso. No entanto, muitos historiadores modernos, cujo pensamento tem sido distorcido por documentos papais, repetem a acusação. Um século ou mais antes de Pedro de Bruys, o maniqueísmo havia deixado de ser uma força no mundo. Todas as igrejas detestavam seus ensinamentos selvagens e suas práticas idólatras. Fazer esta acusação contra seguidores inocentes do cristianismo primitivo era dizer todo tipo de maldade contra os

petrobrussianos. Pedro de Bruys foi perseguido e molestado por seus inimigos, e foi finalmente preso e queimado na fogueira por volta de 1124. O nome, petrobrussianos, foi adicionado pelos papistas aos outros nomes já dados às comunidades evangélicas.

HENRIQUE DE LAUSANNE

Outro grande herói dessa época é Henrique de Lausanne. Enquanto o papado estava desperdiçando a força de trabalho da Europa nas Cruzadas, Henrique de Lausanne, geralmente aceito como um discípulo de Pedro de Bruys, estava mudando o caráter dos homens. Henrique não era um cruzado visionário; ele empunhou a espada do Espírito, não a espada de aço.

Como no caso de Pedro de Bruys, muito do que se conhece de seus ensinamentos é encontrado em um tratado escrito contra ele por um abade.⁶¹ Para mostrar quão pouca informação o adversário de Henrique possuía para escrever seu tratado, é necessário apenas citar suas próprias palavras:

Na imolação de Pedro de Bruys em St. Giles, através do qual o zelo dos fiéis em queimá-lo foi recompensado, e aquele ímpio homem passou do temporal para o fogo eterno, Henrique, o herdeiro de maldade o qual não conheço nenhum outro, não tinha tanto corrigido como alterado seu ensinamento satânico; de modo que recentemente publicou em um livro, dito ter sido ditado por ele, não apenas cinco, mas muitos artigos. Diante disso o espírito é agitado novamente, para se opor às palavras satânicas com linguagem sagrada. Mas porque ainda não estou totalmente confiante de que assim ele acredita e prega, vou adiar minha resposta para quando estiver totalmente confiante sobre as coisas relatadas a respeito dele.⁶²

Este escritor confessa que seu conhecimento vem de boato. Ele conversa bastante sobre as doutrinas dos seguidores de Pedro de Bruys e Henrique, e ao mesmo tempo admite que sua informação é inadequada. Este livro de Henrique, mencionado por Pedro de Cluny, dificilmente poderia não ter influenciado tanto Arnaldo de Brescia e Pedro Valdo, dois reformadores que seguiram depois dele.

Enquanto Henrique viajava, trabalhava, orava e pregava para erguer as massas à verdade triunfante, ele foi atacado pela figura mais dominante no mundo papal. Bernardo, abade de Clairvaux, era o único homem com força o suficiente para levar a Europa supersticiosa ao frenesi de uma segunda cruzada. A primeira cruzada tinha sido tão desastrosa que o papado foi compelido a intimidar os serviços de Bernardo. A palavra deste campeão era poderosa o suficiente para decidir até a escolha dos papas. Uma quantidade de suas composições poéticas, tendo tido a sorte de ser

transformadas em encantadora música, foram colocadas por seus admiradores em hinários protestantes. Ele entreteve e dirigiu o bispo irlandês que fez mais do que qualquer outro homem para trair a igreja celta na Irlanda. Ele treinou os monges irlandeses que voltaram para casa para subverter os seguidores de Patrick. Ele é chamado “o oráculo daqueles tempos”. Foi este Bernardo que lançou suas injúrias contra Henrique. Embora pudesse determinar a escolha dos papas, embora pudesse mandar exércitos cruzados da Europa para a Ásia, embora pudesse ajudar a dirigir a normatização e a romanização da igreja celta nas Ilhas Britânicas, ele não podia se acovardar do incansável Henrique. Bernardo convocou o condado de St. Giles para deter a Henrique por meio de prisão e morte. Ele disse:

Quão grandes são os males que ouvi e sei que o herege Henrique tem feito e faz diariamente nas igrejas de Deus! Um lobo voraz em roupas de ovelha está ativo em sua terra, mas pela direção do nosso Senhor eu o conheço pelos seus frutos. As igrejas estão sem congregações, congregações sem padres, padres sem a devida reverência e, pior de tudo, os cristãos sem Cristo. As igrejas são consideradas sinagogas, o santuário de Deus se diz não ter santidade, os sacramentos não são considerados sagrados, dias de festa são privados de suas solenidades... Este homem, que diz e faz coisas contrárias a Deus não é de Deus. No entanto, é triste dizer, ele é ouvido por muitos, e tem um seguimento que acredita nele... A voz de um herege colocou em silêncio todos os profetas e apóstolos.⁶³

Bernardo foi um implacável perseguidor de Pedro de Bruys, Henrique de Lausanne, e Arnaldo de Brescia. Além de atacá-los em escritos particulares, aproveitou a ocasião para lançar suas críticas mordazes contra todo o movimento evangélico da época. Uma carta de um clérigo vizinho na Alemanha, ou seja, Evervinus, bispo de Colônia, pediu a Bernardo para explicar por que os chamados hereges foram para a fogueira regozijando-se em Deus. Ao escrever uma resposta a esta pergunta, Bernardo chamou a esses hereges de apostólicos, dando como razão para assim chamá-los que ninguém podia rastrear o nome de qualquer fundador em particular. Ele admitiu que os arianos tinham Arius como fundador; que os maniqueus tinham Mani (ou Manes); e os sabelianos tinham Sabellius; os eunomianos tiveram Eunômio; e os nestorianos tinham Nestorius.⁶⁴ Ele reconheceu que todas as comunidades anteriores tinham o nome de seus líderes, mas ele não encontrou nenhum tal fundador sob o qual pudesse catalogar as odiadas igrejas que estava combatendo, a menos que, como concluiu, fossem descendentes de demônios. O fato de que Bernardo declarasse o nome desses cristãos como apostólicos e de que não se denominassem conforme nenhum fundador humano, os destaca como descendentes dos primórdios da igreja primitiva.

A unidade desses crentes em doutrinas essenciais e o fato de que foram os precursores de Lutero e Calvino foi reconhecido por eminentes autoridades. Assim, François Mezeray indica que havia dois tipos de “hereges”: o ignorante e relaxado, mais ou menos da natureza dos maniqueus; o outro, mais instruído e menos desordenado, mantendo muito as mesmas doutrinas dos calvinistas, e chamados henricianos e valdenses.⁶⁵ Uma concessão deve ser feita para a atitude papal desse escritor. Ele não destacou claramente o fato de que os seguidores de Pedro de Bruys e Henrique provavelmente foram confundidos com os maniqueus pelo bispo e clero.

Há também a notável declaração de Gilbert Genebrard, que afirma definitivamente, que os pais espirituais dos calvinistas eram os petrobrussianos, os henricianos e os albigenses.⁶⁶

Os numerosos discípulos levantados por Pedro de Bruys e Henrique de Lausanne ocasionou a convocação dos concílios eclesiásticos para combater a crescente onda de evangelismo. Em 1119, o papa Calixto reuniu um concílio em Toulouse, França, em que “a sentença de excomunhão foi vociferada contra uma seita de hereges naquelas partes, condenando a eucaristia, o batismo de crianças, o sacerdócio, todas as ordens eclesiásticas, e casamentos legais.”⁶⁷ Por casamentos legais, os papistas referiam-se à oposição dos evangélicos em chamar o matrimônio de sacramento, e exigir que fosse realizado apenas por um padre.

Quando o papa Inocêncio II realizou um concílio em Pisa, na Itália, em 1134, “as doutrinas ensinadas por um eremita chamado Henrique, foram declaradas heresias e condenadas junto com seu autor e todos os que as ensinavam ou as defendiam.”⁶⁸ Este mesmo papa, cinco anos depois, convocou um concílio geral em Roma para o qual todos os príncipes do ocidente foram convocados, e foi um grande concílio. “Pelo vigésimo terceiro cânon do presente concílio as opiniões de Arnaldo de Brescia foram declaradas repugnantes à doutrina recebida pela igreja católica, e condenadas como tal.”⁶⁹ Naturalmente, tal concílio não seria realizado a menos que devesse lidar com grandes propostas. Como todos esses concílios foram realizados muitos anos antes de Pedro Valdo aparecer em cena, o leitor pode ver que o evangelismo havia se tornado uma força poderosa antes do tempo de Valdo.

ARNOLDO DE BRESCIA

Para Arnaldo de Brescia pertence a glória de denunciar abertamente o império da tirania eclesiástica. Em sua alma estava tanto o espírito de evangelista como o de general. Arnaldo era de Brescia, uma cidade com um espírito independente como Milão e Turim. De lá vem o belo manuscrito de Brixianus, exemplar da amada Itala, a primeira tradução do Novo Testamento do grego para o latim, três séculos antes da Vulgata de Jerônimo. Nascido em meio a tais tradições, Arnaldo só precisava sentar-se aos pés do renomado Abelardo para receber a plena chama da liberdade que já estava brilhando dentro dele. De seus estudos com Abelardo ele retornou a Brescia, onde sua voz era poderosa. Suas palavras foram ouvidas na Suíça, sul da Itália, Alemanha e França. Nesta última terra, os ouvidos sensíveis de Bernardo detectaram uma nota sinistra em seus ensinamentos.

Arnaldo estava muito à frente de sua época. De fato, ele fez o que os reformadores falharam em fazer. Ele atacou a união da igreja e do estado. O idealismo e a eloquência de Arnaldo ergueram o povo um alto nível de entusiasmo. Bispos papais e clero associaram-se contra ele. Um sínodo da igreja – sempre um potencial inimigo do progresso – foi convocado, e em 1139 Arnaldo foi condenado ao silêncio e expulsão de Brescia.

Ele fugiu para Zurique, na Suíça, e novamente entrou em campo contra a riqueza, luxo e o poder temporal do clero. Ele pediu um tipo de ministério democrático, e agitou fortemente aquelas regiões. Até mesmo o núncio papal, um futuro papa, veio para o seu lado. Bernardo de Clairvaux rapidamente reduziu esse futuro papa a submissão. O bispo de Constança foi a Arnaldo, mas Bernardo dissuadiu-o de qualquer outra participação no arnoldismo. O arrogante monge Cisterciano exigiu que todos os livros e escritos de Arnaldo fossem queimados. E isso foi feito.

Mas apesar dessa amarga oposição, Arnaldo continuou trabalhando. O solo era bom, e o reformador espalhou as sementes por toda parte. Quem sabe se a futura força da Suíça em sua defesa pela liberdade e liberdade religiosa não se deveu em certa medida à semeadura de Arnaldo. Os papistas não podiam perdoar sua oposição a certas doutrinas. Ele pregou contra a transubstanciação, o batismo infantil e as orações pelos mortos.⁷⁰ Por causa disso, Bernardo de Clairvaux não parava de fazer pressão pela execução de Arnaldo.

Enquanto isso, os eventos estavam acontecendo em Roma. Essa cidade tinha expressado apoio ao governo civil. O papa fugiu, mas quando ele saiu, Arnaldo entrou. As pessoas o receberam num frenesi de entusiasmo. Aqui é onde Arnold comprometeu sua verdadeira liderança evangélica sancionando, se não dirigindo, o povo no uso da força. Aqui é onde uma

falha afetou sua visão. Possuindo liderança sem oposição, no entanto, ele separou religião do governo civil na cidade. Ele restaurou o senado romano. As velhas glórias da Itália retornaram. Sua oposição à tradição, a cerimônias inaceitáveis, e doutrinas antibíblicas deu alento aos crentes no Novo Testamento. Cristãos primitivos levantaram suas cabeças e seus seguidores multiplicaram-se em todos os lugares. Escritores papais prontamente declararam que uma nova seita havia sido fundada, a qual chamaram os arnoldistas.

Então o papa e o imperador se uniram contra Arnaldo. Ele logo aprendeu que os que tomam a espada perecerão pela espada. A multidão inconstante abandonou-o e seus amigos políticos se esconderam. Depois que o papa como chefe de um exército tinha expulsado Arnaldo de Roma, ele foi levado pelas forças armadas do imperador. Seu corpo foi queimado e suas cinzas foram jogadas no rio Tibre.

Assim pereceu um líder destemido que, sozinho, se atreveu a denunciar a união profana entre a igreja e o estado. Ele não tinha nenhum apoio visível no qual confiar, exceto o consentimento vigoroso da mente humana para a grandeza de sua mensagem. Seu efeito sobre as gerações futuras foi de grande alcance. “Os valdenses respeitavam Arnaldo como um dos fundadores espirituais de suas igrejas; e suas opiniões religiosas e políticas provavelmente fomentaram o espírito de independência republicana que em toda a Suíça e em todo o distrito alpino aguardava seu tempo”⁷¹

Que as províncias do sul da França estavam repletas de seguidores de Pedro de Bruys e Henrique muito antes que Valdo ou seus seguidores começassem a trabalhar lá é visto na carta escrita por volta de 1150 pelo arcebispo de Narbona ao rei Louis VII: “Meu Senhor, o Rei, estamos extremamente pressionados com muitas calamidades, entre as quais há uma que, acima de tudo nos afeta, isto é, que a fé católica esteja extremamente abalada em nossa diocese, e o barco de São Pedro esteja tão violentamente jogado pelas ondas, que está em grande perigo de afundar”.⁷²

Ainda outro testemunho é dado pelo papa Leão, como é registrado nos *Anais de Roger de Hoveden* no ano 1178 como segue:

Portanto, visto que na Gasconha os Albigeois e outros lugares habitados pelos hereges os quais alguns chamam ‘Catam’, outros ‘Publicani’ e outros ‘Paterini’, e outros chamam por outros nomes, sua maldita perversidade se tornou tão forte que eles praticam sua maldade não mais em segredo como em outros lugares, mas publicamente expõem seus erros, e atraem os simples e fracos para serem seus cúmplices, nós os decretamos e a seus protetores e hospedeiros como excomungados.⁷³

A NOBLE LEYTON [*A Nobre Lição*]

Se nenhum movimento espiritual entre os homens é grande, a menos que tenha produzido uma gloriosa literatura, então a mensagem dos valdenses pode ser chamada de grande. Entre outros produtos ainda existentes dos escritos deste povo martirizado e maravilhoso, deve-se mencionar a Noble Leyton (Nobre Lição) escrito na língua Romaunt (*língua romana*), a língua comum do sul da Europa do oitavo ao décimo quarto século. Suas palavras de introdução afirmam que a data da composição foi 1100. Nela as pessoas a quem pertence o tratado são sem dúvida chamadas de valdenses (*vaudois*), e isso foi quase um século antes de Pedro Valdo. Muito estudo tem sido feito para determinar se a declaração relativa a 1100 é do autor ou autores da *Noble Leyton*, ou é de outra autoria. Considerável atenção também tem sido dada ao começo dos 1100 anos.

A Noble Leyton começa assim: “Ouça, oh irmãos, uma Lição Nobre”. Então aparece diante do leitor uma apresentação sublime da origem e da história do plano da redenção. A Noble Leyton representa a eterna obrigação moral dos Dez Mandamentos e, sob essa luz, apresenta a grande expiação na cruz. Somos conduzidos passo a passo a considerar quão grande amor o Pai concedeu ao homem nesta provisão divina para o seu resgate da queda. Seus termos suaves e brilhantes comovem a alma. Não se pode ler o capítulo de Pedro Allix em que ele analisa e apresenta a mensagem da Noble Leyton sem sentir que uma grande contribuição foi feita para a literatura mundial.

PEDRO VALDO

Menciona-se agora aquele famoso indivíduo, Pedro Valdo. Algumas fontes autorizadas afirmam que o nome Valdo foi derivado dos valdenses por causa de seu proeminente trabalho entre eles. Quer seja verdade ou não, sabemos que de seu tempo em diante o nome Valdenses foi mais geralmente utilizado para indicar as grandes comunidades de reforma que foram anteriormente chamadas “homens dos vales”, ou valdenses, albigenses, insabbatati, berengarianos, subalpini, patarines, petrobrussianos, henricianos, arnoldistas, e outros nomes.

Pedro Valdo de Lyon, França, começou seu trabalho entre 1160 e 1170. Ele era um rico comerciante que deu todos os seus bens e começou a pregar as doutrinas genuínas do Novo Testamento. Ele afirmou que o papado é o “homem do pecado” e a besta do Apocalipse. Ele dedicou muito tempo para traduzir e distribuir a Bíblia.

CAPÍTULO 16

A IGREJA DOS VALDENSES

Os vaudois (valdenses) são de fato descendentes daqueles refugiados da Itália, que, depois de Paulo ter pregado lá o evangelho, abandonaram seu belo país e fugiram como a mulher mencionada no Apocalipse, para estas montanhas selvagens, onde eles têm até hoje entregado o evangelho de pai para filho na mesma pureza e simplicidade que foi pregada por Paulo.¹

O capítulo anterior trouxe a história dos valdenses até a obra de Pedro Valdo. Ele deu um novo ímpeto a esta igreja e forjou uma nova arma para os evangélicos que se recusaram a andar com Roma, no que forneceu edições populares da palavra de Deus na língua do país. Como é sempre o caso quando a Bíblia circula entre os leigos, os crentes tornam-se imbuídos do espírito de evangelização. Assim, pode-se dar crédito a Pedro Valdo por contribuir para o aumento do número e influência dos valdenses em todo o mundo.

No entanto, não demorou muito para que ele sentisse a ira do papado. Quando perseguido, retirou-se para o norte da França. Ao ser procurado, ele fugiu para Boêmia. Quando a ira da perseguição desviou-se dele para seus conversos, um grande número, então, apressou-se para os vales valdenses na Itália.

A passagem de Valdo para o leste da Europa central e a migração de grande número de seus seguidores para as montanhas ao redor estava na providência de Deus. As sementes da verdade semeadas nos séculos anteriores estavam começando a crescer para dar uma grande safra. No século XII havia um anseio em toda a Europa para voltar a esse tipo de religião que Jesus apontou quando Ele disse: “Todos vós sois irmãos.” Igrejas com pompa e cerimônias, que colocavam um abismo tão grande entre sacerdote e povo e que haviam classificado o clero em categorias ascendentes com títulos de honra, estavam crescendo em desagrado. A imposição das doutrinas pela lei havia trazido rebelião. As Escrituras eram agora mais amplamente difundidas. Os princípios da Bíblia eram contrastados com cânones hierárquicos. Multidões, tornando-se conscientes de um cristianismo mais excelente, destituído de acréscimos eclesiásticos, juntaram-se para formar grandes comunidades. Eles foram chamados por

nomes como albigenses, cátaros e passagianos. Porém, a antiga multiplicidade de nomes concedida a eles começou a desaparecer ao tomarem o nome geral de valdenses.²

Por outro lado, os sacerdotes que se aliaram aos reis, gerais, e às autoridades do mundo estavam determinados a manter todo poder temporal que adquiriram e possuir a cadeira de autoridade absoluta. Suas agressões eram tão claramente visíveis e seu espírito duro e dominador tão profundamente ressentido que as massas não podiam mais vincular heresia a qualquer defeito. A tentativa de estigmatizar pessoas como criminosas por causa de liberdade de crença, trouxe crescente ressentimento. Portanto, o nome Valdenses foi mais encontrado nos lábios das pessoas, um título que seria sinônimo na Europa do cristianismo estabelecido por Cristo e pelos apóstolos no Novo Testamento.

Quão terrivelmente os valdenses sofreram sob a perseguição é um bem conhecido relato em todas as histórias. Sua firmeza e sua vitória foi nada menos que miraculoso. Muito da liberdade, esclarecimento e avanço da civilização de hoje pode ser atribuída à fidelidade da Igreja no Deserto, e especialmente para os corajosos valdenses por causa de seus valentes e triunfantes esforços para manter os princípios da democracia.

SEUS REGISTROS DESTRUÍDOS

A perseguição não era a única maneira de travar guerra contra os evangélicos. Seus registros foram sistematicamente destruídos. Nos impérios da antiguidade um novo conquistador muitas vezes buscava o expurgo da dinastia precedente pela destruição de todos os escritos que contavam seu passado, até ao ponto de cinzelar anais em monumentos de pedra. Da mesma forma a nobre e volumosa literatura dos valdenses, seja dos ramos italiano, francês ou espanhol, foi quase completamente obliterada pela ira do papado.³ Apenas fragmentos permanecem. De resto, deve-se usar as iradas críticas e acusações escritas para difamá-los, os relatos de inquisidores papais, os relatórios de investigadores aos seus prelados, e os decretos e sentenças pronunciadas por imperadores, concílios papais, e a Inquisição contra eles para ajudar a reconstruir sua história.

O CONHECIMENTO DOS VALDENSES

Os pastores e professores valdenses eram bem treinados. Para refutar a acusação às vezes lançada sobre eles, as seguintes citações são dadas. Alexis Muston escreve:

Gilles diz: “Este povo valdense teve pastores de grande conhecimento... versados nas línguas das Sagradas Escrituras... e muito laboriosos... especialmente em transcrever ao máximo de sua habilidade, os livros da Sagrada Escritura, para o uso de seus discípulos”.⁴

S. V. Bompiani afirma:

Infelizmente, muitos desses livros foram perdidos durante as perseguições do século XVII, e apenas os livros e documentos antigos enviados para as bibliotecas de Cambridge e Genebra pelo pastor Leger foram preservados. Os papistas cuidaram após cada perseguição de destruir tanto da literatura valdense quanto possível. Muito dos barbes (*'doutores' vaudois*) eram homens instruídos e bem versados nas linguagens e ciência das Escrituras. Um conhecimento da Bíblia era a característica distintiva do antigo, e é agora do moderno vaudois... Privados por séculos de uma igreja visível, e forçados a adorar em cavernas e grutas, este conhecimento íntimo da palavra de Deus era a única luz deles. Sua escola estava na quase inacessível solidão de uma profunda garganta da montanha chamada Pra del Tor, e seus estudos foram rigorosos e prolongados, abrangendo o latim, romãnt e italiano.⁵

Alexis Muston também escreve:

A superstição, obscurecendo as percepções morais e religiosas, lança suas sombras igualmente sobre todas as regiões da inteligência humana; Assim também, por outro lado, a luz do evangelho... eleva, aumenta, e purifica todas as faculdades da mente. Disto, os próprios valdenses são uma prova, pois tomaram o seu lugar, ...à frente da literatura moderna, tendo sido os primeiros a escrever na língua comum. O que eles usaram então foi a língua românica, e tudo o que resta das primeiras obras devemos aos valdenses. Foi desta língua que o francês e o italiano foram formados. Os poemas religiosos dos valdenses ainda continuam sendo as composições mais perfeitas pertencentes a esse período; e também são aqueles em que os raios do evangelho incidem com o maior brilho.⁶

A ideia engendrada e fomentada por Roma de que os valdenses eram poucos em número, sem muita organização ou aprendizagem, e dependente de Roma por sua Bíblia e cultura é dissipada por abundantes testemunhos, fidedignos e acadêmicos. Muitas provas podem ser apresentadas para mostrar que em alguns lugares a nobreza era membro das igrejas valdenses; que entre eles estavam os maiores eruditos e teólogos da época; que entre eles estavam líderes em idiomas, literatura, música e oratória.

Seus esforços missionários eram muito difundidos. Quão poderosa sua influência foi sobre a Reforma é bem expressa na seguinte citação:

Aparentemente eles não participaram da grande luta que estava acontecendo em torno deles em todas as partes da Europa, mas, na realidade estavam exercendo

uma poderosa influência sobre o mundo. Seus missionários estavam em toda parte, proclamando as verdades simples do cristianismo, e agitando os corações dos homens até às suas profundezas. Na Hungria, em Boêmia, na França, na Inglaterra, na Escócia, assim como na Itália, estavam trabalhando com tremendo poder, embora silencioso. Lollard, quem pavimentou o caminho para Wycliffe na Inglaterra, era um missionário destes vales... Na Alemanha e na Boêmia, os ensinamentos dos valdenses anunciaram a chegada, se não apressaram, a Reforma, e Huss e Jerônimo, Lutero e Calvino fizeram pouco mais do que continuar o trabalho iniciado pelos missionários valdenses.⁷

Até que ponto as doutrinas dos valdenses ou albigenses haviam sido aceitas pela nobreza pode ser visto pela seguinte citação de Philip Mornay:

Muitos grandes e nobres homens se juntaram a eles como, Raymund conde de Toulouse e de S. Giles, o primo do rei, Raymund Roger visconde de Beziers e de Carcassonne, Peter Roger lorde de Cabaret, Raymund, conde de Foix, parente próximo do rei de Aragon, Gasto príncipe de Beam, o conde de Bigorre, a dama de Vaour, o conde de Carman, Raymund de Termes, Americ de Montreuil, William de Menerbe e infinitos outros, tanto lordes como senhores, homens verdadeiramente de uma classe que ninguém de são juízo iria pensar que se exporiam a um evidente perigo o destino de suas vidas e honra para a defesa de vícios e erros tão execráveis como todos os de que foram acusados.⁸

Após o início da escolaridade, não era incomum que os jovens valdenses seguissem para os seminários nas grandes cidades da Lombardia ou para a Universidade de Paris.⁹

O POVO DA BÍBLIA

É realmente gratificante que este ramo da Igreja no Deserto fosse um povo da Bíblia. Nenhuma igreja protestante subsequente reverenciava as Sagradas Escrituras mais do que eles. Sua obediência ao livro de Deus era ao mesmo tempo a causa do seu incomparável sucesso, como também uma ofensa para os seus inimigos. Através da longa noite da Idade das Trevas estas pessoas foram um santuário para as Sagradas Escrituras. Eles eram a arca na Europa, que levava a Bíblia em segurança através das águas tempestuosas de perseguição medieval.

Visto que os valdenses existiram desde os primeiros séculos cristãos, naturalmente seria esperado que sua primeira Bíblia em sua própria língua seria em Latim. Pesquisas diligentes provaram que isso é verdade. Logo cedo possuíram aquela linda versão latina da Bíblia chamada Itala, que foi traduzida de manuscritos gregos.¹⁰ Isto é comprovado pela comparação da versão Itala com a liturgia, ou forma estabelecida de serviço divino, usada na diocese de Milão durante séculos, que contém muitos textos das Escrituras

desta Itala.¹¹ H. J. Warner diz: “Pode ser mostrado que a versão atual entre os hereges ocidentais está baseada no grego e não na Vulgata.”¹² Quando a queda do Império Romano veio por causa da súbita invasão dos povos teutônicos, o Romaunt, essa bela linguagem que durante séculos foi a transição do latim para o italiano moderno, veio a tornar-se a língua materna dos valdenses. Eles multiplicaram cópias das Sagradas Escrituras naquela língua para o povo.¹³ Naqueles dias a Bíblia era, naturalmente, copiado à mão.¹⁴

A Bíblia formou a base do culto congregacional, e os filhos foram ensinados a guardar grandes porções dela na memória.¹⁵ Sociedades de jovens foram formadas com a intenção de guardar a Bíblia na memória. A cada membro destas associações religiosas foi confiado o dever de cuidadosamente reter em sua memória certo número de capítulos; e quando a assembleia se reunia em torno de seu ministro, esses jovens juntos podiam recitar todos os capítulos do Livro especificado pelo pastor.¹⁶ Assim, pode-se ver quão naturalmente seus pastores, chamados “barbes”, eram uma classe erudita.¹⁷ Eles não só eram proficientes no conhecimento da Bíblia em latim e na língua materna, mas também foram bem instruídos no original hebraico e grego, e ensinaram os jovens a serem missionários nas línguas que então estavam sendo usadas por outros povos europeus.

Assim, através destas pessoas tem sido transmitida à presente geração a Bíblia da igreja primitiva, que encontrou uma influência permanente na tradução da Versão Autorizada.

A PERSEGUIÇÃO DOS VALDENSES

Houve perseguições antes do século XIII contra aqueles considerados como valdenses, que talvez tivessem outros nomes. Por centenas de anos, guerras de extermínio foram travadas para destruir cada vestígio dos escritos dessas diferentes comunidades. Nenhum artifício, nenhum esforço, nenhuma despesa, foi poupada por seus inimigos para apagar todos os registros dos antigos valdenses da face da terra.

Não havia aldeia dos vales Vaudois, que não tivesse seus mártires. Os valdenses foram queimados; foram lançados em masmorras úmidas e horríveis; foram sufocados em grupos nas cavernas das montanhas, mães e bebês e idosos e mulheres juntos; foram enviados para o exílio em uma noite de inverno, sem roupas e sem alimento, para escalar as montanhas nevadas; foram arremessados sobre as rochas; suas casas e terras lhes foram tomadas; suas crianças lhes foram roubadas para serem doutrinadas na religião que

eles abominavam. Indivíduos predatórios foram enviados para tirá-los de sua propriedade, persegui-los e exterminá-los. “Milhares de hereges, velhos, mulheres e crianças foram enforcados, esquartejados, quebrados a roda, ou queimados vivos, e seus bens confiscados para o benefício do rei e da Santa Sé.”¹⁸

Tantos livros foram escritos relatando estas circunstâncias e retratando estas cenas de cortar o coração que dizer mais seria desnecessário. Suficiente é dizer que os valdenses permaneceram fiéis à verdade. Quando a Reforma nasceu, sob Lutero, Zwinglio, Calvino e outros, eles estavam prontos para receberem uma delegação do novo movimento de reformadores que vieram investigar suas crenças. Havia o suficiente deles deixados em 1550, de acordo com W. S. Gilly, de modo que oitocentas mil almas nas províncias alpinas continuaram a recusar-se a aceitar as crenças e práticas do papado.¹⁹

A VERDADE PLANTADA EM MUITAS TERRAS

Incentivados pelo poder da verdade triunfante, os valdenses saíram para a Europa. Quão difundido foi o trabalho deste povo nobre pode ser visto nas palavras de Samuel Edgar:

Os valdenses, assim como eram antigos, eram também numerosos. Vignier, de outros historiadores, dá uma forte ideia de sua populosidade. Os valdenses, diz este autor, multiplicaram-se maravilhosamente na França, bem como em outros países da cristandade. Tinham muitos patronos na Alemanha, França, Itália e especialmente na Lombardia, apesar dos esforços papais para sua extirpação.

Essa seita, diz Nangis, era infinita em número; apareceu, diz Rainerius, em quase todos os países; multiplicou-se, diz Sanderus, por todas as terras; infectou, diz Cesário, mil cidades; e espalhou seu contágio, diz Ciaconius, através de quase todo o mundo latino. Dificilmente uma região, diz Gretzer, permaneceu livre e não contaminada por essa peste. Os valdenses, diz Popliner, espalharam-se, não só através da França, mas também através de quase toda a costa europeia, e aparecem na Gália, Espanha, Inglaterra, Escócia, Itália, Alemanha, Boêmia, Saxônia, Polônia e Lituânia. Mateus de Paris relata esse povo como espalhado pela Bulgária, Croácia, Dalmácia, Espanha e Alemanha. Seu número, de acordo com Benedito, era enorme na França, Inglaterra, Piemonte, Sicília, Calábria, Polônia, Boêmia, Saxônia, Pomerânia, Alemanha, Livônia, Sarmácia, Constantinopla, Filadélfia e Bulgária.²⁰

Alguns têm afirmado que os albigenses eram diferentes dos valdenses. No entanto, a verdade é que eles não diferiam em crença. Eles são chamados albigenses somente por causa de Albi, a cidade francesa que era sua procedência. Mas os decretos dos papas os sentenciaram como valdenses; “legados papais fizeram guerra contra eles como quem professava as crenças

dos valdenses; os monges inquisidores formularam seus processos e acusações como contra os valdenses: as pessoas os perseguiram como sendo assim... Muitos historiadores os chamam de valdenses.”²¹

Como os valdenses ou albigenses fizeram novos crentes entre os búlgaros, a seguinte citação de Philip Mornay mostrará:

Mateus de Paris diz ainda que eles se espalharam e chegaram até a Bulgária, Croácia e Dalmácia, e lá enraizaram-se de tal maneira que atraíram muitos bispos para si; Bartolomeu de Carcassonne, na província de Narbona, na França, a quem todos reuniram-se... e ele formou bispos e ordenou igrejas.²²

PROTESTANTISMO: UM FRUTO GLORIOSO DO VALDENSIANISMO

Em 1517, o alvorecer da Reforma Protestante chegou à Europa. O protestantismo não era tanto uma separação da Igreja de Roma, mas um reavivamento de doutrinas apostólicas, por tanto tempo mantidas pelos valdenses. O protestantismo foi uma expansão espiritual da Igreja no Deserto. Das igrejas evangélicas remanescentes que vieram dos dias dos apóstolos, os valdenses eram os mais puros e os mais proeminentes. James D. McCabe escreve sobre os delegados dos primeiros reformadores enviados a uma assembleia sinodal (*concílio*) dos valdenses:

Assim, o tempo passou até que a Reforma amanhecesse no mundo. Os valdenses (*vaudois*) ficaram satisfeitos com esse despertar geral da mente humana. Eles se corresponderam com os reformadores em várias partes da Europa, e enviaram vários de seus mestres (*barbes*) a eles para instruí-los. Os reformadores, de sua parte, admitiram a antiguidade dos ritos valdenses e a pureza de sua fé, e trataram a igreja da montanha com o maior respeito. No dia 12 de setembro de 1532, um sínodo, ou concílio, foi realizado em Angrogna. Ele foi assistido por muitos delegados das igrejas reformadas na França e na Suíça. Entre eles estava William Farel da França... Ele manifestou o maior interesse nas cópias manuscritas da Bíblia que os valdenses haviam preservado desde os primeiros tempos, e a seu urgente pedido, toda a Bíblia foi traduzida para o francês, e enviada como um presente gratuito dos valdenses para a igreja francesa.²³

A simplicidade e pureza de suas vidas era o resultado da simplicidade e pureza de suas doutrinas. Eles seguiram a ordem do apóstolo João, que ninguém deva acrescentar ou tirar da palavra de Deus. Esta atitude foi uma grande defesa contra o erro, e constituiu a regra divina para o sucesso em empreendimentos missionários. Até mesmo seus inimigos admitiram que suas crenças fossem como as dos primeiros cristãos. Uma enumeração destas crenças soa como as pregações de Vigilância no quarto século e de Claude

no oitavo. Antoine Monastier mostra nas seguintes palavras alguns dos erros que eles rejeitaram:

Os antigos valdenses (*vaudois*) rejeitaram constantemente as doutrinas que se baseavam na autoridade e tradição humana; eles repeliram, com santa indignação e horror, imagens, cruzes e relíquias, como objetos de veneração ou adoração; a adoração e intercessão da bendita Virgem Maria e dos santos; conseqüentemente rejeitaram as festas consagradas a esses mesmos santos, as orações dirigidas a eles, o incenso e as velas queimadas em sua honra; rejeitaram igualmente a missa, confissão auricular, purgatório, extrema unção e orações pelos mortos, água benta, Quaresma, abstinência da carne em determinados momentos e em determinados dias, a imposição de jejuns e penitências, procissões, peregrinações, o celibato do clero, a vida monástica, etc., etc. Sua declaração sobre esses pontos é tão explícita quanto forte.²⁴

Reinerius Saccho, seu inimigo, foi obrigado a admitir que fossem pessoas que guardam mandamentos:

Concernente às suas maneiras, ele [Reinerius] escreve, que eram modestos, simples, intrometendo-se pouco com negócios ou contratos... Que as primeiras regras e instruções que como rudimentos deram a seus filhos eram o Decálogo da lei, os Dez Mandamentos.²⁵

Era de se esperar que perseguições, isolamento e circunstâncias desesperadas fossem arrancar de muitas pessoas algumas de suas crenças; e que às vezes haveria certa dose de conformidade com práticas papais. Além disso, quando a Reforma, manifestando extremo liberalismo em muitas coisas, varreu a Europa, teve uma grande influência sobre as antigas igrejas que há muito tinham sofrido por muitas das doutrinas para as quais os reformadores se voltaram. Essas igrejas antigas possuíam em muitos pontos crenças idênticas àquelas anunciadas pela Reforma. Infelizmente, em sua alegria com a Reforma, eles se conformaram a certas deficiências dos reformadores. A Reforma foi uma poderosa influência para melhor até onde chegou; mas é amplamente reconhecido que não foi longe o suficiente.²⁶ Outros além dos reformadores pioneiros foram obrigados a trabalhar para a maior restauração de crenças e práticas cristãs primitivas nas igrejas que estavam sinceramente seguindo os preceitos do Mestre.

OS PRIMEIROS VALDENSES GUARDAVAM O SÁBADO?

Antes de tomar os casos específicos da observância do sábado pelos antigos valdenses, seria proveitoso olhar para a importância da observância do domingo no final do que é geralmente considerado o primeiro período de história da igreja, terminando no Concílio de Nicéia (325 A.D.).

Constantino, que foi o primeiro governante cristão do Império Romano no tempo quando a igreja e o estado estavam se aproximando em perfeita união, emitiu sua agora famosa lei dominical (321 d.C.). Um comentário sobre isso por um importante jornal católico romano afirma claramente o caso:

O imperador Constantino depois de sua conversão ao cristianismo, fez da observância do domingo um dever civil, e a lei que a ordenava se encontra no código romano. “Que todos os juízes e as pessoas da cidade descansem, e os vários tipos de ofícios sejam suspensos no venerável dia do sol. Aqueles que vivem no país podem, no entanto, livremente e sem culpa trabalhar na agricultura, porque muitas vezes acontece que este dia é o mais favorável para semear trigo e plantar a videira, para que a oportunidade oferecida pela liberalidade divina não se perca com o momento favorável.” Agora, mal podemos conceber que Constantino tivesse isentado o trabalho agrícola, se a igreja tinha desde tempos imemoriais estritamente proibido entre os cristãos esse tipo de trabalho que ela proibiu mais tarde.... Por isso tem sido o doutrina unânime dos teólogos, desde tempos imemoriais, que a cessação de trabalho servil não é apenas um ponto de responsabilidade disciplinar passível de mudança, mas pode ser dispensado pela autoridade eclesiástica sempre que uma causa razoável se apresente.²⁷

Há ampla evidência para mostrar que a citação acima não revela qualquer condição casual ou qualquer coisa incomum na observância do domingo no quarto século. Este não era apenas o costume da igreja estatal em geral, mas pode ser provado que a mesma igreja alegou que ela tinha poder suficiente para instituir o domingo no começo, e também para dizer quanto trabalho deveria ou não ser feito naquele dia. Como prova, outra citação do mesmo periódico é dada:

Para colocar o assunto sob uma luz mais clara, podemos afirmar que, de acordo com muitos escritores eruditos não foi estritamente ordenado abster-se do trabalho no domingo durante as primeiras eras da igreja. Este dia foi, sem dúvida, visto pelos cristãos como um dia de alegria, de triunfo, e de gratidão a Deus; e eles se reuniam na igreja para oferecer sua homenagem ao Todo-Poderoso; mas não há provas para mostrar que a cessação do trabalho foi considerada obrigatória; provavelmente porque pode ter havido algum perigo de judaísmo nesta cessação do trabalho, e talvez também porque a prática, no tempo de perseguição, teria exposto muito os adeptos da cristandade. Considerou-se suficiente substituir a oração pública por causa do sábado judaico, particularmente visto que este último foi observado por muitos dos fiéis.²⁸

Assim, pode-se ver que o domingo nos primeiros séculos cristãos não foi um santo dia de nomeação divina, mas foi, pelo contrário, nomeado pelo homem, e o trabalho físico foi realizado. Das citações dos historiadores da igreja que se segue, será visto que nas igrejas do oriente, bem como em todas as igrejas do ocidente, exceto Roma, o sábado foi publicamente observado

por aqueles que foram corajosos o suficiente para oporem-se à crescente maré daqueles que se esforçavam para fazer paz com um mundo pagão adorador do sol que deu destaque especial ao domingo.

Em contraste com os começos questionáveis do domingo, considere o sábado do sétimo dia no mesmo tempo. As duas citações seguintes foram dadas antes, mas são dignas de repetição. Sócrates, um historiador da igreja do quarto século, escreveu assim: “Pois embora quase todas as igrejas em todo o mundo celebrem os sagrados mistérios no sábado de cada semana, contudo os cristãos de Alexandria e em Roma, por conta de alguma tradição antiga deixaram de fazer isso ”.²⁹

Outra citação do historiador da igreja, Sozomeno, que era um contemporâneo de Sócrates, declara: “O povo de Constantinopla, e em quase toda parte, reúne-se no sábado, bem como no primeiro dia da semana, cujo costume nunca é observado em Roma ou em Alexandria.”³⁰

A essência dessas duas citações revela que o cristianismo da igreja grega era um cristianismo que guardava o sábado; e que o cristianismo do ocidente, com exceção da cidade de Roma e possivelmente Alexandria também era um cristianismo que guardava o sábado.

No entanto, há informações mais específicas sobre a observância do sábado antes de 325 quando se considera a história da Espanha. A Espanha teve a boa sorte de escapar por séculos de qualquer influência marcante da igreja em Roma. Sua história da igreja é dividida em dois períodos: primeiro, o transcorrido até 325; e, em segundo lugar, o período entre 325 a 1200. Para o estudo dos primeiros quatro séculos é mais do que sorte que as oitenta e uma resoluções da igreja ou cânones sancionados pelo concílio realizado em Elvira, Espanha (305 d.C.), ainda existam.

Os registros do Concílio de Elvira revelam três coisas: primeiro, até a época daquele concílio, a Igreja da Espanha não adotou nenhum credo, e certamente não o credo posteriormente adotado em Nicéia;³¹ em segundo lugar, a punição de membros culpados pela igreja não iam mais longe do que a demissão, pois não havia apelo para a lei civil; em terceiro lugar, até o tempo do Concílio de Elvira, movimentos em direção a uma união da igreja e do estado não tinha feito progresso, mas era evidente que tentativas estavam sendo feitas nesta linha.

Quando se trata de indagar qual era a posição dos cristãos na Espanha sobre a observância do sábado, a evidência é clara. O Canon 26 do Concílio de Elvira revela que a Igreja da Espanha naquela época guardava o Sábado,

o sétimo dia. “Quanto ao jejum todo sábado: Resolvido, que o erro seja corrigido de jejuar todo sábado.”³² Essa resolução do concílio está em oposição direta à política que a igreja em Roma tinha posto em vigor, de impor o sábado como um dia de jejum a fim de rebaixar e torná-lo repulsivo para as pessoas.³³

Que conexão existe entre esses fatos e os primeiros valdenses? A seguinte: que enquanto durante séculos o cristianismo na Espanha era um, contudo, quando as intromissões de Roma nestes cristãos primitivos na Espanha começaram, o povo dos Pirineus separou-se dos erros que estavam se introduzindo entre eles. Robert Robinson escreve que as pessoas que viviam nos vales em diversos países ficaram conhecidas como os “moradores do vale”, ou valenses. De fato, este autor declara sua crença de que os habitantes dos Pirineus eram os verdadeiros valdenses originais.³⁴ A palavra original em latim é, *vallis*. A partir dela vieram vales em português, valdesi em italiano, vaudois em francês e valdenses em espanhol.³⁵ A Resolução 26 do Concílio de Elvira tendo revelado que a igreja primitiva da Espanha guardava o sábado e a história tendo provado que os valdenses do norte da Espanha existiam naquela época, tais conexões provam a guarda do sábado do sétimo dia pelos primeiros valdenses na Espanha.

É um ponto ainda mais interessante notar que, no nordeste da Espanha, perto da cidade de Barcelona está uma cidade chamada Sabadell, num distrito originalmente habitado, com toda a probabilidade, por um povo chamado “Valdenses e Sabbatati”.³⁶ Não poderia este nome, Sabadell, ter se originado da expressão “pequeno vale (*dell*, em inglês antigo, significa *pequeno vale*) dos observadores do sábado”? Também é mostrado que o nome Sabbatati vem do fato de guardarem o sábado. Ainda há nas proximidades de Sabadell restos arqueológicos desses povos antigos.³⁷

Muitos séculos depois, quando o papado obteve domínio na Espanha, e veio a perseguição sobre esses moradores do vale, eles frequentemente iam para o norte da Itália, onde foram acolhidos e dado um lar entre os valdenses dos Alpes.

OS VALDENSES. UM POVO DA BÍBLIA

Quanto mais forte a igreja de Roma crescia, maior era a ênfase colocada no domingo. Por outro lado, as igrejas que continuaram o cristianismo apostólico se apegaram o maior tempo possível ao dia em que Jesus Cristo e os apóstolos santificaram.

Os valdenses eram tão completamente um povo da Bíblia que guardavam o sábado do sétimo dia como o dia de descanso sagrado por séculos. Dois séculos depois que o papa Gregório I (602 d.C.) emitiu a bula contra a comunidade dos guardadores do sábado na cidade de Roma, um concílio da igreja que divulgou a extensão da guarda do sábado naquela península foi realizado em Friul, no norte Itália (791 d.C.). Friul foi um dos três grandes ducados em que o reino lombardo foi originalmente organizado. Este concílio, em sua ordem a todos os cristãos para observar o Dia do Senhor, testemunhou a ampla observância do sábado da seguinte forma: “Além disso, quando se fala do sábado que os judeus observam, o último dia da semana, que também todos os camponeses observam.”³⁹ Cerca de cem anos depois (865-867 d.C.), quando a disputa acirrada entre a igreja de Roma e a igreja grega sobre os búlgaros recém-convertidos e sua observância do sábado veio à frente, a questão novamente entrou na controvérsia, como pode ser visto na resposta do Papa Nicolau I às cento e seis questões propostas a ele pelo rei búlgaro.⁴⁰

Peter Allix, falando de um autor que estava discutindo as doutrinas dos valdenses, escreve: “Ele afirma isso também como uma de suas opiniões; que a Lei de Moisés deve ser mantida de acordo com a letra, e que a observância do sábado, a circuncisão e outras observâncias legais, devem ser realizadas.”⁴¹ No entanto, a acusação de que eles praticavam a circuncisão tem sido repetidamente provado ser falsa. Escrevendo dos passagianos, que são considerados um ramo dos valdenses, David Benedict diz:

O relato de sua prática de circuncisão é, sem dúvida, história caluniosa forjada por seus inimigos, e provavelmente surgiu deste modo. Porque observavam o sétimo dia, eram chamados, por escárnio, judeus, como os sabatistas são frequentemente chamados neste dia; e se eram judeus, segue-se, é claro, que ou circuncidaram ou deveriam circuncidar seus seguidores. Esse foi provavelmente o raciocínio de seus inimigos; mas que realmente praticavam o rito sangrento, é totalmente improvável.⁴²

Adam Blair diz:

Entre os documentos que temos dos mesmos povos, temos uma explicação dos Dez Mandamentos, datada por Boyer como 1120. Ela contém um compendio de moralidade cristã. O amor supremo a Deus é exigido, e o recorrer à influência dos planetas e aos feiticeiros, é condenado. O mal de adorar a Deus por imagens e ídolos é apontado. Um juramento solene para confirmar qualquer coisa duvidosa é admitido, mas o juramento profano é proibido. A observação do sábado, cessando os trabalhos mundanos e de pecar, por boas obras e promovendo a edificação da alma através da oração e do ouvir a palavra, é ordenado.⁴³

Apesar da fúria dos opressores, a mão protetora de Cristo estava sobre seu povo guardador dos mandamentos. Eles cresceram em números. Mas não foi antes do décimo segundo século que o bispo de Roma ficou aterrorizado com o crescimento dos valdenses. Os chamados hereges no sul da França eram, na realidade, a porção ocidental dos valdenses, e geralmente eram referidos como albigenses por causa do grande número deles na grande cidade de Albi. A província em que Albi atraiu a atenção estava em aliança com o rei da França, embora não incorporada legalmente nesse reino. O papado foi aliado dos reis franceses. Um sínodo de “hereges” foi realizado em 1167 no distrito de Toulouse em que estavam presentes os cátaros (*cathari*) da Lombardia e Itália, bem como da França. Nicetas, o líder pauliciano ou bispo em Constantinopla, assistiu a pedido e presidiu.⁴⁴ Porém, os paulicianos, como Adeney indica, desconsideravam o domingo e santificavam o sábado.⁴⁵

A fim de atender às novas condições econômicas em que a Igreja Romana encontrava-se e para combater a ameaça de heresia, duas ordens de monges foram formadas – os franciscanos e os dominicanos. Como um autor escreve: “Tem sido afirmado que as ordens dos franciscanos e dominicanos foram instituídas para silenciar os valdenses”.⁴⁶

Quanto às perseguições sofridas pelos valdenses por guardarem o sábado, o seguinte é encontrado no decreto de Afonso, publicado cerca de 1194:

Afonso, rei de Aragão, etc., a todos os arcebispos, bispos e todos os outros:... Nós lhes ordenamos em imitação de nossos antepassados e em obediência às ordenanças da igreja, que hereges, a saber, valdenses, insabbati e aqueles que se chamam os pobres de Lyons e todos os outros hereges que devam ser expulsos da face de Deus e de todos os católicos e ordenados a saírem de nosso reino.⁴⁷

O uso do termo “insabbathi” na citação anterior, designando aqueles que deveriam ser expulsos da Espanha, leva a considerar os sabatistas espanhóis nos tempos medievais. Que os insabbatati eram valdenses é provado pela declaração de Bernard Gui, famoso planejador da Inquisição, que “ensavates [insabbatati] era o nome dado aos valdenses.”⁴⁸ Abundante evidências pode ser produzida para mostrar que esses guardadores do sábado eram de forma intercambiável chamados de valdenses e Insabbatati.⁴⁹

Existem dois itens de interesse que esclarecem o termo “insabbati” usado no decreto do rei Afonso (1195 d.C.) como dado acima. O primeiro item é que houve uma liturgia espanhola gótica.⁵⁰ Ela era muito diferente da de Roma, e não foi abolida até 1088.⁵¹ A seguinte citação de Michael Geddes ajudará a mostrar a inter-relação dos fatos: “A supremacia papal era uma

coisa não conhecida na antiga igreja católica gótica; de modo que as doutrinas papistas da transubstanciação, e do purgatório, e da oração aos anjos e santos, e de imagens de adoração, e de confissões auriculares, etc, eram muito pouco conhecidas nela; pode, eu imagino, ser provado facilmente a partir de seus registros que ainda existem.”⁵² Então o autor continua dizendo no mesmo parágrafo que a fé na antiga igreja gótica espanhola era a mesma que a da antiga igreja britânica. O leitor precisa apenas se referir aos primeiros capítulos deste livro para poder recapitular as evidências lá dadas de que a antiga igreja britânica ou celta santificou o sétimo dia como o sábado do quarto mandamento. Isto constitui outro elo na cadeia de evidências de que o termo *insabbatati* se refere à observância do sétimo dia como o sábado.

O segundo item de interesse é digno de nota especial. O decreto do rei Afonso de Aragão foi dado no ano de 1194. Isso indica quão tarde na Idade Média, os valdenses estavam guardando o sábado na Espanha. Que autores papais na Alemanha, Itália e França mais ou menos na mesma época do decreto acima estavam publicando seus escritos contra os *sabbatati*, ou *insabbatati*, revela quantas e generalizadas foram essas pessoas. Existe abundante referência a “hereses” sob o nome de *sabbatati*, ou *insabbatati*, nos registros da Inquisição. Explicações de sua crença, no entanto, são escassas porque, como Robert Robinson escreve: “Era uma máxima entre os católicos evitar a menção de heresia em seus sínodos, para que isto não criasse desejo em qualquer um de saber o que era. Eles proibiam que os pregadores citassem até mesmo seus bons argumentos para que as pessoas não entretencem uma opinião favorável dos autores”.⁵³

Estes termos *sabbati*, *sabbata*, *insabbatati* referem-se à observância do sétimo dia como o sábado (*shabbat*, em hebraico: *dia de repouso, que vai do pôr-do-sol de sexta ao pôr-do-sol de sábado*). O historiador Goldast diz daqueles que foram chamados *insabbatati*: “Eles foram chamados *insabbati*, não porque eram circuncidados, mas porque guardavam o sábado de acordo com a lei judaica”.⁵⁴

Logo após o decreto do rei Afonso contra os *insabbatati* floresceu ali um fervoroso escritor papal em Espanha, que posteriormente obteve considerável notoriedade. Este foi Lucas da cidade de Tuy, geralmente conhecido como Lucas Tudensis. Seus escritos deixam claro o quão forte e quão numerosos foram os *insabbatati* na Espanha por volta de 1260. Lucas morreu setenta e cinco anos antes do aparecimento de Wycliffe, “A Estrela da Manhã da Reforma.” Um resumo esplêndido de seus escritos é dado da seguinte forma:

Aqueles que se darem ao trabalho de ler esta obra e observarem com que carinho Lucas se debruça sobre as supostas opiniões de Isidoro, o santo espanhol, como ele lamenta que o entusiasmo espanhol deva ser esfriado, e não deva irromper em armas contra os inimigos da fé católica – como ele declama contra conventículos heréticos – os debates públicos de hereges – sua profanação das igrejas paroquiais – a chegada de Arnaldo na Espanha e nas transações em Leon, – vai perceber que a mente de Lucas foi ocupada pela consideração do espanhol e não do albigense, ou inconformismo estrangeiro.⁵⁵

O seguinte testemunho sobre o sábado foi dado por um prisioneiro valdense antes da Inquisição (provavelmente em Freiburg, Alemanha):

Barbara Von Thies testemunhou... Que no último dia de São Miguel sobre confissão como é administrada pelos sacerdotes que ela não tem nada a ver com isso. No que diz respeito à Virgem Maria, nisso ela não tem nada para responder. Em relação ao domingo e dias de festa, ela diz: “O Senhor Deus nos mandou descansar no sétimo dia e com esse concordo que seja; com a ajuda de Deus e Sua graça, todos nós ficaremos de pé e morreremos na fé, pois esta é a fé correta e o caminho correto em Cristo”.⁵⁶

A bênção de Cristo sobre estes Seus filhos perseguidos, foi tão grande que eles entraram em muitas terras. Mosheim declara que, antes da época de Lutero, existia ocultamente em quase todos os países da Europa – especialmente na Boêmia, Morávia, Suíça e Alemanha – muitas pessoas em cujas mentes estavam profundamente enraizados os princípios dos valdenses, dos wyclefitas e dos hussitas.⁵⁷

O sábado do quarto mandamento foi observado entre estes povos em obediência à lei moral. Quão alta era a posição dos sabatarianos entre lordes e príncipes pode ser visto da seguinte citação de Lamy:

Todos os conselheiros e grandes lordes da corte, que já haviam abraçado as doutrinas de Wittenburg, de Augsburg, Genebra, e Zurique, como Petrowitz, Jasper Cornis, Christopher Famigall, John Gerendi, chefe dos sabatistas, um povo que não observava o domingo, mas o sábado, e cujos discípulos tomaram os nomes de genoldistas. Todos estes, e outros, declararam as opiniões de Blandrat.⁵⁸

Existem abundantes testemunhos mostrando a harmoniosa cadeia de doutrina que se estende desde os dias dos apóstolos até a Reforma e mais tarde, incluindo as crenças mantidas pelos crentes do norte da Itália, dos albigenses, dos wyclefitas e dos hussitas. Andre Favyn, um conhecido Historiador católico romano, que escreveu em francês, traça os ensinamentos de Lutero até o tempo de Vigilância e deste para Joviniano, alegando que Vigilância deu suas doutrinas para “os albigenses, que de outra forma eram

chamados de valdenses”, e que eles por sua vez os passaram para os wyclefitas e os seguidores de Huss e Jerônimo na Boêmia.⁵⁹

Inspirado pelo Redentor, os valdenses estavam sempre saindo em trabalhos missionários. Por causa disso, em alguns lugares eles eram algumas vezes chamados passaginianos. Assim, Gilly escreve (em *Waldensian Researches*, página 61, nota 2): “Passagii e Passagini, ou os habitantes das passagens, da palavra latina *passagium*, é um dos nomes dados pelos antigos autores para os valdenses.”

Uma grande proporção dos valdenses, quer fossem chamados por esse ou por outros nomes, acreditavam que a observância do quarto mandamento era obrigatória sobre a raça humana. Por causa disso, foram nomeados com o significativo título de Insabbati, ou Insabbatati. Os agricultores ou cidadãos que iam aos sábados a seus trabalhos ficavam tão impressionados ao verem grupos de cristãos reunidos para adoração naquele dia que os chamavam de insabbatati. O termo “sábado” quase nunca foi aplicado ao domingo. Falando da lei dominical de Constantino em 321, Robert Cox escreve: “Nenhuma evidência tem sido apresentada, de que antes da promulgação desta lei havia observância sabática do Dia do Senhor em qualquer parte da cristandade.”⁶⁰

Que os valdenses eram comprometidos com o sábado como o dia de repouso, ou sábado judaico, pode ser visto nestas palavras: “Eles sustentam que nenhuma das ordenanças da igreja que foram introduzidas desde a ascensão de Cristo deva ser observada, sendo sem valor: as festas, jejuns, ordenação, bênçãos, cargos da igreja e assim por diante, eles rejeitam totalmente.”⁶¹ Isso é o que se diz deles na Boêmia. Erasmus testemunha que mesmo até cerca de 1500 esses boêmios não só observaram cuidadosamente o sétimo dia, mas também foram chamados sabatistas.⁶²

Assim, a partir de declarações históricas, de evidências históricas inquestionáveis que, sob vários nomes e designações, os valdenses observaram o sábado judaico, bem como por serem chamados de sabbatati, insabbatati e outras formas deste nome, é claro que um dos ensinamentos fundamentais e práticas da maior parte dos valdenses foi a observância do sétimo dia como o dia sagrado do quarto mandamento.

OS VALDENSES E A REFORMA

Embora as igrejas reformadas tenham transformado a face da Europa, elas não rejeitaram certas práticas latinas que surgiram mais tarde para afligi-las. O pastor Robinson, em seu discurso de despedida aos peregrinos que

partiam da costa da Holanda para buscar um novo mundo, disse que era impossível às igrejas (referindo-se aos reformadores) que recentemente haviam saído de tão espessa escuridão anticristã ter recebido toda a luz.

Talvez, se as igrejas do Piemonte, em sua alegria e imenso sentimento de fraternidade para com o novo exército de protestantes, tivesse sido capaz de continuar a manter a sua antiga pureza, a questão sobre os valdenses modernos concordando com os relatos de seus irmãos primitivos e medievais não seriam ressuscitados agora. A resposta é encontrada nos eventos de 1630.

Os descendentes dos valdenses que viviam encerrados nos vales do Piemonte, foram conduzidos pela proximidade com os franceses e moradores de Genebra a abraçar suas doutrinas e forma de adoração. No entanto, preservaram não poucas de suas antigas regras de disciplina, até o ano de 1630. Mas neste ano a maior parte dos valdenses foi varrida pela pestilência; e seus novos professores, a quem obtiveram da França, regulamentaram todos os seus assuntos de acordo com o padrão da Igreja Reformada Francesa.⁶³

Embora os valdenses fossem unânimes em doutrinas essenciais com as igrejas da Reforma, eles não perderam sua organização separada. As igrejas reformadas cresceram em poder de tal forma que em países como Alemanha e Inglaterra, eles estavam livres das perseguições de Roma. Este, no entanto, não era o caso dos valdenses, ainda sob o governo da Itália.

Depois de um sínodo, quando uma delegação de reformadores se reuniu com eles, eles prometeram testemunhar publicamente com mais ousadia do que nunca. No dia 21 de janeiro de 1561, após os delegados de suas igrejas terem jurado amizade eterna sobre os cumes nevados dos Alpes, um decreto de seus inimigos foi promulgado ordenando a todos os valdenses que assistissem a missa. Após bélicas tentativas para arrastá-los para as galés, a estaca, a prisão e a forca, eles desenvolveram tal resistência e paciência que o duque de Savoia, influenciado por sua esposa protestante, concedeu-lhes anistia.

A perseguição que durou de 1655 a 1689 foi a mais terrível. Esta quase extinguiu este povo evangélico. Horríveis massacres, inacreditáveis atos de perfídia, queima de aldeias, crianças tiradas de suas mães para serem arremessadas contra as rochas, hostes de fugitivos atravessando as fronteiras – atos tão revoltantes como estes se sucederam. Metade dos valdenses foi expulso para o exílio por três anos e meio. Em relação às perseguições deste período, uma autoridade afirma: “Em 1655 a perseguição mostrou novamente sua fúria, e se todas as forças protestantes da Europa não tivessem se interposto, uma completa aniquilação dos valdenses teria sido o

resultado”.⁶⁴ Em 1689, seu pastor e herói, Henri Arnaud, levou novecentos de seus guerreiros da Suíça para a cidade fronteiriça de Balsille. Todo o inverno eles resistiram a um exército de dez mil. Quando tudo parecia perdido, o duque de Savoia se juntou ao príncipe protestante da Holanda, e eles foram autorizados a retornar em paz a seus vales. Esta grande façanha é chamada de “O Retorno Glorioso”. Quando o período de 1260 anos se esgotou, este ramo fiel da Igreja no Deserto havia garantido a tolerância religiosa.

A perseguição dos valdenses levou John Milton a escrever seu famoso soneto: “Sobre o último massacre no Piemonte”.

Vingue, ó Senhor, Teus santos abatidos, cujos ossos
Jazem espalhados no frio das montanhas alpinas,
Todos os que guardaram a Tua verdade tão pura da antiguidade
Quando todos os nossos pais adoravam troncos e pedras.

Não Te esqueças: no Teu livro, grava os seus gemidos
Quem foram Tuas ovelhas e no seu antigo aprisco
Morto pelo sangrento piemontês que rolou
Mãe com criança nas rochas abaixo. Seus gemidos

Os vales ecoaram para as colinas, e elas
Ao céu. Seu sangue martirizado e cinzas espalham
Sobre todos os campos italianos onde ainda reverberam

O tríplice tirano: que a partir destes pode crescer
Centuplicado, que tendo aprendido Teu caminho,
Sem demora pode tremular o ai da Babilônia.

UM DESPERTAR MUNDIAL PARA AS PROFECIAS BÍBLICAS

O protestantismo foi em grande parte um abundante fruto da Igreja no Deserto. O protestantismo rejeitou a teoria do desenvolvimento (*ou evolução gradual*), uma importante e essencial doutrina do romanismo. Através desta teoria, o papado reivindica poder inato para continuar desenvolvendo os ensinamentos dos apóstolos. Através dela Roma continuou seu desenvolvimento da doutrina até que isto gerasse ensinamentos contrários à Bíblia. O cardeal Gibbons escreve: “As escrituras por si só não contêm todas as verdades que um cristão é obrigado a acreditar.”⁶⁵

O protestantismo foi um retorno à Bíblia. Ele enfatizou cada vez mais a aplicação conscienciosa e esclarecida de verdades escriturísticas. O protestantismo cresceu poderosamente e, à medida que continuou expandindo o estudo da Bíblia, suas igrejas acordaram no século XVIII para a necessidade urgente de atender aos avisos envolvidos em profecias bíblicas. Estudo intensivo foi aplicado aos grandes períodos de tempo proféticos. Assim John Wesley proclamou em 1756 sobre a besta de dois chifres de Apocalipse 13:

Ela ainda não veio, embora não possa estar longe; porque deve aparecer no final dos quarenta e dois meses da primeira besta.⁶⁶

O período de 1260 anos da profecia havia se tornado a preocupação de todos. Isso levou a um estudo mais aprofundado das setenta semanas de Daniel 9 em que a data da crucificação de Cristo foi um fator determinante. O tempo estava próximo para a igreja sair do deserto. Isso levou a considerar com estudo e oração o período mais longo de 2300 dias de Daniel 8. Sociedades Bíblicas vieram a existir; associações missionárias foram formadas. Missionários partiram para todas as terras para anunciar que “o tempo do fim” havia chegado. Os séculos de fidelidade vistos na história da Igreja no Deserto foram sucedidos pelo período da Igreja Remanescente que “guardaria os mandamentos de Deus e a fé de Jesus.”(Apocalipse 14: 2).

CAPÍTULO 17

ABA E A IGREJA NA PÉRSIA

No século VI, segundo o relato de um viajante nestoriano, o cristianismo foi pregado com sucesso para os bactrianos, os hunos, os persas, os indianos, os persarmenianos, os medos e os elamitas: as igrejas bárbaras, do Golfo da Pérsia ao Mar Cáspio, eram muitíssimas... O zelo dos nestorianos ultrapassou o limite que havia confinado a ambição e curiosidade tanto dos gregos como dos persas. Os missionários de Balch e Samarcand perseguiram sem medo os passos do errante Tártaro... Em seu progresso por mar e terra os nestorianos entraram na China pelo porto de Cantão (ou Guangzhou).¹

Proeminente entre os destemidos líderes que espalharam a fé ao leste do rio Tigre está Aba (500-575 d.C.). Ele é identificado com essa grande igreja que tem sido chamada de Valdenses do Oriente. Durante séculos os seguidores de Jesus na Ásia geralmente eram chamados messiânicos ou povo do Messias. Muitos renomados messiânicos que resistiram à feroz oposição da religião do estado persa, ou mitraísmo, levaram o cristianismo primitivo para Índia, Ásia Central, China e Japão. Sobressaindo-se dentre eles estava Aba. Se a vitória do cristianismo sobre o mitraísmo no Império Romano foi um triunfo europeu, a vitória da Igreja no Deserto sobre esta contrafação na Pérsia foi ainda mais notável. O mitraísmo estava orgulhoso não apenas de sua influência na Pérsia, mas também de ter adaptado o zoroastrismo para o mundo ocidental; tendo, deste modo, preparado o caminho para esta forma de adoração do sol se tornar uma religião universal no mundo romano.

Nos dois séculos e meio de duração entre Papas (285 d.C.), o primeiro católico, ou cabeça suprema sobre a Igreja do Oriente, e o católico Aba (538 d.C.), alternaram-se anos de paz e perseguição. É preciso lembrar que o chefe supremo da Igreja do Oriente foi chamado de “católico” (*às vezes ‘patriarca’*) e sua incumbência, um “catolicato”. Um capítulo anterior relatou como, neste mesmo ano, o Papado estava bem estabelecido na cidade de Roma. Durante as décadas deste período houve muitos brilhantes luminas sobre a Igreja Assíria para guiar os fiéis. Alguns desses selaram seu testemunho com seu sangue. A Pérsia em guerra com Roma naturalmente assumiu a perseguição. Os comandantes persas não distinguiam entre o cristianismo papal do Império Romano e o da Igreja do Messias. Para eles, todos os cristãos eram parecidos, quer os crentes fossem da Pérsia ou de

Roma. Os senhores iranianos temiam o conluio entre persas evangélicos e Roma, e também suspeitavam da existência de espiões. Além disso, o mitraísmo procurou aproveitar qualquer ocasião para atacar a simples, mas sempre crescente Igreja no Deserto.

O sol era sagrado para o mitraísmo. As perseguições sobrevieram sobre os crentes que viviam e trabalhavam na presença dos adoradores do sol, e os cristãos não ousavam dizer que o sol não era um ser vivo. Os mitraístas imitavam cerimônias da Bíblia.³ A Igreja de Roma que, segundo algumas fontes autorizadas, tinha absorvido muito da atração e filosofia do mitraísmo, estava muito perto dele em espírito.⁴ Os cristãos da Pérsia recusaram a enaltecida idolatria dos iranianos e sofreram por causa disso.

A primeira intensa perseguição após a união de todos os distritos da Igreja do Oriente sob a direção de Papas foi iniciada pelo rei persa, Shapur II. Começou durante o catolicato de Shimun (Simeão) e continuou através de quarenta anos (335-375 A.D.). O rei Shapur foi ambicioso para recuperar todos os territórios governados pelo rei Xerxes do antigo Império Persa. Ele lançou seu ataque assim que julgou a hora favorável. Porém, membros da igreja se recusaram a servir no exército, e a exasperação do rei não conheceu limites. Ele ficou furioso não só com a derrota de sua campanha, mas também porque os corajosos defensores na grande fortaleza Nisibis (*atual Nusaybin*) tinham resistido aos seus ataques e tinham sido mantidos vivos por Tiago, o bispo residente nomeado pela igreja em Roma. Em seu retorno a Selêucia, capital, o rei determinou-se a exigir retribuição dos cristãos persas.

Os mobads, sacerdotes do magianismo (*ou zoroastrismo*), estavam prontos para despertar a ira do rei. O primeiro decreto de perseguição impôs um duplo imposto sobre os messiânicos para custear as despesas da guerra. Shimun, o católico, foi ordenado a coletá-lo. Ele recusou em razão de escrúpulos religiosos e por causa da pobreza do seu povo. Embora Shimun fosse um amigo pessoal do rei, nada agora deveria ficar no caminho de ensinar aos cristãos uma lição. A destruição de edifícios da igreja em todo o Império foi ordenada, e os católicos foram presos. A ele foi oferecida liberdade para si e seu povo se ele adorasse o sol, ao menos uma vez. Após sua recusa, ele, com cinco associados sobre distritos e cem outros clérigos, foram executados.

Quarenta anos de provação de fogo agora sobrevieram aos filhos de Deus. Os governadores provinciais tinham o poder de condenar ou absolver. No caso de um bondoso e justo governador, a igreja passava bem; mas tal não era geralmente a situação. As reclamações populares, suficientes para manter o ressentimento vivo contra os cristãos, eram mais ou menos assim:

“Eles desprezam nosso deus-sol. Zoroastro, o santo fundador de nossas crenças divinas, não instituiu o domingo mil anos atrás em homenagem ao sol e substituiu o sábado do Antigo Testamento que os judeus em nossa terra então santificavam? No entanto, esses cristãos têm serviços religiosos no sábado. Eles profanam a terra sagrada enterrando seus mortos nela e poluem a água por suas purificações religiosas. Eles se recusam a ir à guerra pelo sha-in-sha (*título que era dado aos reis do Irã*); e eles pregam que cobras, escorpiões e coisas rastejantes foram criados por um Deus bondoso.”

A intenção de Shapur II de lidar eficazmente com os seguidores do Novo Testamento não parou com a morte de Shimun. O próximo católico eleito como seu sucessor, seguiu-o a um túmulo de mártir. E quando outro chefe da igreja foi escolhido e também foi morto, o cargo permaneceu vago por vinte anos. Naturalmente, o principal alvo do ataque foi o clero, mas os sentimentos mais amargos foram direcionados contra os conversos do magianismo. Embora fosse verdade que a Igreja no Oriente não tivesse mosteiros no sentido de vida celibatária que se espalhara no Egito e na Europa, no entanto, havia aqueles que acreditavam que eles poderiam trabalhar de forma mais eficaz permanecendo solteiros. Aqueles que têm vivido por muitas gerações em nações de liberdade e luz pouco podem apreciar a oposição violenta que os arautos da cruz encontraram em diferentes terras ao longo dos primeiros séculos. No Oriente, o cristianismo encontrou o budismo, uma religião praticada em grande parte por monges e freiras. Para lidar com antagonistas tão poderosos como o budismo e o zoroastrismo, houve aqueles que naturalmente sentiram que poderiam fazê-lo de forma mais eficaz não se casando.

O apoio a um clero solteiro nunca teve influência na Igreja do Oriente. Tais casas de vida celibatária não teriam sido capazes de durar na Pérsia. A perseguição foi amarga o suficiente contra os centros de treinamento teológicos do oriente, e foi furiosa contra o clero não casado. A fé mitraica era forte em defender o casamento e a apresentação de crianças ao estado que poderiam servir no exército ou ser de outra ocupação.

Após a morte de Shapur II houve uma pausa por certo tempo nos sofrimentos da Igreja. Finalmente, os crentes reuniram forças para eleger outro chefe. Então os clérigos católicos e líderes aproveitaram o tempo de paz para reorganizar a igreja. Havia agora maior demanda por uma organização mais forte, pois a perseguição havia avivado o zelo dos crentes. Muitos dos oprimidos tinham fugido para outras terras ao leste, para fundar novas igrejas por lá. Não demorou muito, no entanto, até que nos reinados subsequentes de Isdiguertes I, Bahram V e Isdiguertes II, ondas de morte e destruição varreram os crentes persas. Estas ondas de morte e destruição não

foram tão longas quanto sob o reinado de Shapur II, mas foram muito mais severas. Os fatos relativos ao surto de perseguição sob Isdiguernes I, o primeiro desses reis, são dados por DeLacy O'Leary.

O bispo persa de Susa, que era dado à impetuosidade, destruiu um dos templos do fogo dos zoroastrianos. A denúncia sendo feita ao rei, ordenou-se ao bispo que restaurasse o prédio e compensasse por todos os danos que tinha sido feito. Quando o bispo recusou, Isdiguernes I ameaçou destruir todas as igrejas em seu domínio. Essas ordens foram emitidas e executadas avidamente pelos zoroastrianos inflamados de ciúmes contra os crentes. Em pouco tempo a destruição das igrejas se transformou numa perseguição geral. Isdiguernes I morreu em 420, e seu filho, Bahram V, aumentou as aflições da igreja.⁵

O clero e os leigos foram submetidos às mais terríveis torturas. Seus pés foram furados com ferros afiados, e alguns experimentaram o que é chamado de “nove mortes”, onde pouco a pouco seus corpos eram cortados em pedaços. Era bastante comum no governo dos diferentes monarcas confiscarem as riquezas do próspero e pilhar suas casas.

Se não houvesse cristianismo estatal no Império Romano, provavelmente na Pérsia não teria havido perseguições ao cristianismo. Zeno, o Imperador romano, fechou o colégio da igreja assíria em Edessa porque não concordava com as visões teológicas então prevalecentes na religião do estado. Um poderoso líder na Igreja do Oriente mudou a escola para Nisibis, uma cidade bem fortificada em que a faculdade se desenvolveu em um dos centros intelectuais do mundo.

O trabalho fenomenal e influência do novo colégio em Nisibis, aberto por Barsumas, chegou a Oxford, Cambridge e Paris. Assim W. A. Wigram escreve:

Quando nos lembramos de quanto da cultura da Europa medieval deveria chegar a ela através dos sarracenos, e que os “nestorianos” foram os professores dos sarracenos, perguntamo-nos se Oxford, Cambridge e Paris não têm uma dívida ignorada a Barsumas, embora o caminho de Nisibis para esses centros possa passar por Bagdá e Salamanca.⁶

A Pérsia mais tarde se tornou tolerante ao cristianismo; lá a liberdade foi crescendo, enquanto desaparecia na Europa. Se o maometismo não tivesse conquistado a Pérsia, os cristãos provavelmente teriam ganhado completa liberdade religiosa.

OS CRISTÃOS PERSAS ESCAPAM DA TEOLOGIA DE ROMA

O cristianismo da Pérsia existia não apenas como um desafio ao mitraísmo, mas também diferia amplamente da igreja dominante no Império Romano. Os quarenta anos de perseguição de Shapur II tornaram impossível qualquer contato entre os crentes nos dois territórios. Os eventos revolucionários que se centralizaram no Concílio de Nicéia e nas ferozes controvérsias que se seguiram a essa reunião eram desconhecidas para as igrejas além do Eufrates. Eles não tiveram parte nas disputas acirradas sobre a Divindade. Eles haviam crescido em força e realizado milagres em espalhar o evangelho para o leste antes que surgisse a controvérsia sobre Nestório. O nestorianismo, de acordo com Samuel Edgar, é uma disputa a respeito de palavras.⁷ É um equívoco chamar a Igreja do Oriente, Nestoriana. Até hoje as comunidades assim rotuladas se ressentem do nome.⁸ A Igreja do Oriente na Índia também estava livre das controvérsias do cristianismo imperial. Este fato revela a separação entre a Igreja da Índia e da hierarquia do ocidente.

Para observar alguns pontos de diferença entre a Igreja do Oriente e o Papado, pode-se notar que o primeiro rejeitou o uso de imagens, e não interpôs nenhum mediador como a Virgem Maria entre Deus e o homem. A Igreja do Oriente também dispensou velas, incenso, relíquias e muitos outros usos do cristianismo imperial. Eles tinham uma Bíblia diferente daquela de Roma; como Bíblia eles usaram a Peshitta, evidentemente o trabalho da escola de Luciano.⁹ Cristãos assírios (o nome frequentemente dado à Igreja do Oriente) rejeitaram a supremacia do bispo de Roma. Nesse momento Seleucia, a sede da igreja, estava cheia de judeus,¹⁰ e muitos cristãos em todo o Oriente eram de sangue judeu.

Dos cristãos persas, W. F. Adeney escreve:

Eles não têm doutrina de transubstanciação, nem de purgatório; não sancionam Mariolatria ou adoração de imagens; nem vão permitir ícones para serem exibidos em suas igrejas. Homens e mulheres tomam a comunhão. Todas as cinco ordens de clero abaixo dos bispos têm permissão para se casar.¹¹

EXPANSÃO MISSIONÁRIA DE PAPAS A ABA

“Nos primeiros séculos cristãos havia um sistema de estradas e postos entre as cidades das planícies da Ásia Central (como ultimamente demonstrado pela recuperação de documentos em algumas cidades desenterradas), e não havia passagem desconhecida para os peregrinos

chineses – não apenas as rotas diretas, mas todos os caminhos que ligavam os centros budistas”.¹²

Quando o rei persa, Kawad (498 d.C.), por causa de rebeliões em seu reino, duas vezes se refugiou com os hunos e turcos, lá encontrou cristãos que o ajudaram a reconquistar sua terra.”¹³ Quando ele recuperou seu trono, matou alguns mitraístas, encarcerou outros, mas foi benevolente para os cristãos porque uma companhia deles lhe prestou serviço em seu caminho ao rei dos turcos.¹⁴

Mais ou menos nessa mesma época, os cristãos assírios receberam o crédito por terem ensinado aos turcos a arte de escrever em sua própria língua. Ao comentar sobre sua expansão para o leste, Wigram menciona sua influência sobre o Tibete: “O sétimo século foi o período de missões à China; e um cerimonial estranhamente do estilo cristão dos lamas modernos foi possivelmente emprestado de fontes assírias.”¹⁵

O erudito Alexander von Humboldt, revela quão completos eram a educação e a organização na Igreja do Oriente antes de Aba. Ele também mostra como esta mesma igreja ensinou artes e ciências aos árabes:

Foi ordenado nos maravilhosos decretos pelos quais o curso de eventos é regulado, que as seitas cristãs dos nestorianos, que exerceram uma influência muito marcante na difusão geográfica do conhecimento, devessem ser de utilidade para os árabes mesmo antes de avançarem para a erudita e contenciosa cidade de Alexandria, e que, protegidos pelos seguidores armados do credo do Islã, estas doutrinas nestorianas do cristianismo fossem capazes de penetrar longe na Ásia Oriental. Os árabes foram primeiramente familiarizados com a literatura grega através dos sírios, uma raça aparentada com os semitas, os quais tinham adquirido um conhecimento desta apenas cerca de cento e cinquenta anos antes, através dos hereges nestorianos. Médicos, que tinham sido educados nos estabelecimentos acadêmicos dos gregos, e da célebre escola de medicina fundada pelos cristãos nestorianos em Edessa na Mesopotâmia, estabeleceram-se em Meca já no tempo de Maomé, e lá viveram em condição de relação amigável com o Profeta e Abu-Bekr.¹⁶

Em 549 os hunos brancos, habitando as regiões de Bactria, e os hunos em ambas as margens norte e sul do rio Oxus (*hoje, Amu Dária*), enviou um pedido à Pérsia para o Católico Aba para que estabelecesse um diretor para eles. O rei persa ficou admirado ao ver esses representantes dos milhares de cristãos naquela terra distante vindo a ele; e ficando maravilhado com o poder de Jesus, concordou. O diretor espiritual foi ordenado e ele retornou com a missão.¹⁷ A. Mingana dá uma lista de vinte e uma cidades e províncias a oeste do rio Oxus que tinham líderes espirituais ordenados para dirigir suas igrejas e menciona especialmente os líderes do quinto e sexto séculos. Ele

também afirma que a maioria das duas poderosas divisões dos turcos orientais, os uigures e os keraites, eram cristãos, e que o evangelho de Cristo havia penetrado na poderosa confederação dos naimanes composta de nove poderosos clãs.¹⁸ Esses missionários também haviam convertido um quarto conglomerado de tribos de ascendência turca com uma infusão de sangue mongol, chamado de merquites. Todos esses povos vigorosos viviam longe, a nordeste, na Ásia. Quanto a registros suplementares dessa expansão, a Sra. E. A. Gordon diz: “Dr. Aurel Stein descobriu recentemente no loess (*solo fértil*) no Turquestão Chinês, milhares de rolos de preciosos manuscritos”.²⁰

Claudius Buchanan, que deixou um emocionante relato de suas próprias experiências e vida na Índia por volta de 1812, declara que viu naquela terra uma versão síria da Bíblia que, segundo a crença popular, dataria provavelmente de 325, o ano do Concílio de Nicéia.²¹ Não há dúvida de que a feroz perseguição de quarenta anos do rei Shapur II da Pérsia levou muitos cristãos à Índia. Um chefe supremo da igreja escreveu que o livro de Romanos foi traduzido para o sírio (425 d.C.) com a ajuda do pastor Daniel da Índia.²² Os sírios no quinto século na Índia, como em outros lugares, estavam bem treinados não apenas nos cultos da igreja, mas também no conhecimento, e a Índia estava sob a direção dos católicos da Seleucia. Marco Polo, o famoso viajante veneziano, fala da grande ilha de Socotra no mar da Arábia, perto do Golfo de Áden, que possuía muitos cristãos batizados que não tinham nada a ver com o papa em Roma, mas estavam sujeitos aos católicos em Bagdad. Alguns escritores encontram uma conexão entre o cristianismo daquela ilha e a Igreja Abissínia.²³ Desse vasto esforço missionário, P.Y. Saeki escreve: “O famoso Bar Somas, bispo de Nisibis de 435 a 489 d.C., fez muito para difundir o ensinamento nestoriano no Oriente – na Ásia central e depois na China.”²⁴

Mingana revela as influências civilizadoras dessas missões: “Não precisamos demorar-nos aqui no fato bem conhecido de que os caracteres siríacos usados pelos nestorianos deram origem a muitos alfabetos da Ásia Central e do Extremo Oriente, tais como o mongol, o manchu e o sogdiano”.²⁵

Esses fatos revelam que os missionários da igreja na Ásia eram os criadores de alfabetos, bem como os criadores de uma literatura do Extremo Oriente. De fato, ainda existe uma volumosa literatura da Igreja Síria que, com investigação cuidadosa, produz fatos emocionantes do passado.

Todos os diretores dos distritos eclesiásticos deveriam prestar relatório à sede anualmente. Aqueles em terras orientais distantes eram obrigados a informar aos católicos não menos de uma vez em seis anos. Deve ter sido

uma visão surpreendente para o rei persa ver os representantes de tantos países diferentes chegando à Selêucia em missões oficiais.

Há nos escritos de Cosmas, o viajado geógrafo que viveu por volta de 530, algumas descrições emocionantes de igrejas assírias em terras a leste de Pérsia. Cosmas era da mesma igreja e da mesma terra de que eram Papas e Aba. Ele viveu na mesma época que Aba e era amigo pessoal do católico. Sendo suas explorações em muitas terras asiáticas, ele foi chamado “Indicopleustes”, ou viajante da Índia, por causa de suas viagens nos mares da Índia no início do século VI. Ele acreditava que a terra tinha o contorno parecido com o Tabernáculo de Moisés, e empenhou-se a pesquisar por toda parte no estudo de sua tese. Seu livro, intitulado *Topographia Christiana* (*Topografia Cristã*), contém uma coleção de todos os fatos notáveis, muitos dos quais são de real valor. Deste pode-se aprender quão amplamente espalhados estavam os seguidores da Igreja do Oriente.

No século VI, segundo o relato de um viajante nestoriano, o cristianismo foi pregado com sucesso para os bactrianos, os hunos, os persas, os indianos, os persarmenianos, os medos e os elamitas. As igrejas bárbaras, do Golfo da Pérsia ao Mar Cáspio, eram inumeráveis; e sua recente fé foi notável em número e na santidade de seus monges e mártires. A costa da pimenta de Malabar e as ilhas do oceano, Socotra e Ceilão, foram povoadas por uma crescente multidão de cristãos; e os bispos e o clero dessas regiões isoladas derivaram sua regulamentação dos católicos da Babilônia.²⁶

ABA VEM PARA O CATOLICATO

Aba chegou ao catolicato depois de anos de confusão causada por brigas e negligência devido a requerentes rivais para esta posição. Ele era um converso do zoroastrismo. Enquanto ainda era um adorador do sol, sua aprendizagem e habilidade tinham avançado até ser um professor dos Magos. Depois de sua conversão ele estudou por um tempo no célebre colégio da igreja assíria em Nisibis. Mais tarde, fez uma viagem mais a oeste para observar o estado do cristianismo na Síria e em Constantinopla. Após seu retorno, ele foi chamado para ser professor no colégio cristão de Nisibis. Para mais incidentes de sua vida os seguintes trechos do esplêndido trabalho de W. A. Wigram são dados:

O trabalho de organização e reforma não foi realizado cedo demais; pois muitos anos podem ter decorrido após o retorno do patriarca de sua turnê quando sua perseguição nas mãos dos Magos começou – uma provação que deveria continuar até sua morte.²⁷

Naturalmente, não demorou muito para que um “apóstata” tão evidente como o patriarca fosse atacado; ele sendo acusado ao rei pelo mobedan-mobed (*o patriarca superior*) em pessoa, e acusado de desprezar o “padrão” nacional e com proselitismo...

O patriarca foi preso, e acusado tumultuosamente como apóstata e um proselitista, ambas as acusações ele admitiu completamente, e foi ameaçado de morte.²⁸

Aba não teve oportunidade de se defender, mas foi declarado culpado e digno de morte. Por isso ele apelou ao rei, o qual tinha por este tempo (pois o processo levou tempo) retornado da guerra contra a Seleucia.

Cosroes ouviu o caso, os patriarcas católicos exigindo a morte do inimigo da “religião”, e chamou o patriarca para ouvir sua resposta. “Eu sou cristão”, disse ele; “eu prego minha própria fé e quero que cada homem se una a ela; mas de sua própria vontade, e não por compulsão. Eu não uso a força em nenhum homem; mas aviso aqueles que são cristãos a guardarem as leis de sua religião.” “E se apenas puder ouvi-lo, senhor, juntar-se-ias a nós e nós o receberíamos”, gritou uma voz da multidão. Foi um Abrudaq, um cristão ao serviço do rei, e as palavras, é claro, enfureceram as multidões, que exigiram a morte do blasfemo.²⁹

Ainda um falso acusador foi encontrado e produzido no tribunal – onde ele se rebaixou total e ignominiosamente, confessando que todas as suas acusações eram falsas. Tal fim a tão grande acusação contra um homem que tinha feito o trabalho de reforma de Aba é um testemunho tão elevado para o caráter dessa obra como bem se poderia dar.³⁰

Pouco depois, Cosroes encontrou Aba na rua (aparentemente, certa liberdade pessoal foi permitida ao patriarca), e para horror e raiva dos magos retornou sua saudação com manifesta simpatia, e convocou-o para uma audiência. Nesta, disse a ele francamente que, como um apóstata, ele estava legalmente sujeito à morte... “Mas deves ir livre e continuar a agir como católico se parardes de receber conversos, admitir à comunhão os casados pela lei dos magos, e permitir que seu povo coma sacrifícios dos magos.” Obviamente, os mobeds (*patriarcas*) estavam influenciando o rei; mas a oferta real lança uma luz informativa sobre o rápido crescimento da igreja, e sobre a posição do patriarca como reconhecido chefe de sua congregação. Com os termos, no entanto, Aba só poderia retornar seu firme “não podemos”, e o rei, irritado com a atitude, ordenou que ele fosse preso sob os cuidados dos magos. Isso foi equivalente a uma sentença de morte, embora provavelmente não fosse essa a intenção; pois quando ele estava na prisão, seria fácil executá-lo pela mão de algum subalterno, e revela que um decreto de exagerado zelo para um notório apóstata não deveria ser dado severamente.³¹

Em meio à dor ardente de todos os cristãos, ele partiu e alcançou a designada província; mas o chefe local, Dardin (um homem escolhido por seu caráter notoriamente duro), logo mostrou tal respeito e consideração pelo patriarca que ele foi removido dali, e enviado para “Sirsh”, o próprio centro e fortaleza do magianismo. ... Ali o seu confinamento foi propositalmente muito severo a princípio, na esperança indisfarçada de que sua morte seria causada por isto; e os invernos rigorosos do alto planalto persa devem ter sido mais uma provação

para alguém criado na terra de Radan, que é praticamente a planície babilônica. Mais tarde, no entanto (talvez em resposta a uma sugestão do tribunal), ele foi autorizado a viver numa casa própria, onde mobiliou uma sala para ser igreja, e seus amigos tiveram permissão para visitá-lo. Ali, por sete anos ele continuou num cativo que pode sem desrespeito ser comparado ao de Paulo; e de sua prisão, atuou como patriarca na fortaleza magiana. Ele consagrou bispos, reconciliou os penitentes, governou por entrevistas e correspondência. Os homens vinham em grande número para vê-lo, e “as montanhas do Azerbaijão foram gastas pelos pés de santos” que vieram ou para negócios da igreja, ou para uma peregrinação a um santo vivo.³²

Finalmente seus perseguidores, desapontados sem dúvida pelo fracasso de seu duplo plano de privá-lo de seu poder ou conseguir sua morte, determinaram-se a acabar com ele para sempre. Um assassino foi contratado, Pedro de Gurgan, um padre cristão apóstata; e uma trama elaborada para o assassinato de Aba, que deveria ser explicada, tinha sido encurtada ao tentar realizar sua fuga. A trama falhou, e foi descoberta, e o infeliz instrumento fugiu. Aba, no entanto, reconheceu que a tentativa seria repetida, talvez com melhor sorte, e tomou uma resolução ousada. Ele deixou seu lugar de exílio com um ou dois companheiros, e foi, não para um lugar secreto, mas direto a Selêucia e ao rei, e apresentou-se diante do olhar espantado do rei. Os magos estavam, certamente, felizes, pensando que seu inimigo estava finalmente entregue em suas mãos. O patriarca foi, naturalmente, preso; e o atônito Cosroes perguntou o que ele esperava, depois de fugir assim à vista do comando real. Destemidamente Mar Aba respondeu que ele era o servo do rei, pronto para morrer se essa fosse a sua vontade; mas embora disposto a ser executado a pedido do rei, ele não estava disposto a ser assassinado ao contrário de sua ordem. Deixe o rei dos reis fazer justiça! Para um oriental, nenhum apelo assim como um grito “à justiça do rei”, deixa de ser atendido.

Depois ele ouviu as acusações que os magos despejaram, e então se dirigiu ao patriarca. “Você permanece sob a acusação de apostasia, de proselitismo, de forçar sua congregação a se abster dos casamentos que o Estado aceita, de atuar como patriarca no exílio contra a ordem do rei, e de fugir da prisão – e você admiti as ofensas. Todas as ofensas contra o estado eu perdoou livremente; como um renegado do magianismo, no entanto, você deve responder esta acusação diante dos mobeds (*patriarcas mestres*). Agora, como você veio por consentimento próprio à justiça do rei, vá livremente para a sua casa, e venha para responder à acusação quando solicitado.” A decisão mostra ao mesmo tempo, tanto a força como a fraqueza do rei: ele podia perdoar ofensas contra si mesmo, podia respeitar um caráter nobre; mas não ousou desafiar a hierarquia magiana...

Ainda prevalecia no rei o medo dos mobeds e ele permitiu que prendessem o patriarca e o levassem à prisão em segredo, por medo de revolta; embora deva ser admitido que desse ordens estritas para que, em hipótese nenhuma, fosse morto. Durante meses Aba permaneceu na prisão e em cadeias; embora, como é habitual nas prisões orientais, amigos fossem autorizados a visitá-lo (provavelmente graças ao poderoso Bakhshish – *espécie de esmola ou presente*), e lhe foi permitido até consagrar bispos enquanto em reclusão. Ainda cativo, ele foi obrigado a acompanhar o rei em todo o seu “progresso de verão”, embora a

cada lugar de parada cristãos aglomeravam-se para vê-lo e receber sua bênção, e para pedir ao rei a sua libertação. Até os mobeds o respeitavam e prometiam interceder pelo seu perdão se ele apenas promettesse não fazer mais conversos.

Finalmente, logo após o retorno do rei a Seleucia, sua paciente lealdade foi vitoriosa. Cosroes mandou chamá-lo e soltou-o completamente e incondicionalmente. É verdade que quando o rei deixou a cidade, logo depois, os mobeds atacaram sua presa, e o patriarca se encontrou novamente na prisão; mas embora Cosroes tenha hesitado por muito tempo, ele não era o joguete que os mobeds imaginavam ser, e este desprezo aberto ao decreto real despertou-o.

Uma ordem bem redigida para a libertação imediata do prisioneiro veio de volta, e Mar Aba, desgastado no corpo e debilitado em saúde, mas ainda vitorioso, saiu mais uma vez e, finalmente, de sua prisão. Nove anos de perseguição e perigo tinham sido sua porção, mas ele tinha resistido até o fim, e foi salvo.³³

Pouco depois disso, Aba faleceu. Ele é apresentado como um tipo daqueles patriarcas que governaram a Igreja do Oriente durante os dias agitados em que a religião de Mitra dominou o trono da Pérsia. Aba foi chamado à sua pesada tarefa em uma hora quando a causa precisava da mão de um forte líder.

DE ABA À CONQUISTA MUÇULMANA

A história individual dos sucessores de Aba nos dois séculos que decorreram entre o seu catolicato (*patriarcado*) e a queda do governo zoroástrico pelos maometanos é bem interessante. As pessoas que seguiam a Bíblia continuaram seguindo. As colinas da Pérsia e os vales do Tigre e do Eufrates repetiram suas canções de louvor. Eles ceifaram suas colheitas e pagaram seus dízimos.³⁴ Sem se sobrecarregarem com as observâncias supérfluas adquiridas da hierarquia do ocidente, concentraram suas atenções nas palavras da Escritura Sagrada. Dirigiam-se para suas igrejas aos sábados para adoração a Deus.³⁵ Em sua sociedade missionária estrangeira os jovens de fé ofereciam-se prontos a irem para o Turquestão, Cítia, Mongólia, Tibete, Manchúria, China, ou para onde quer que Deus os chamasse. Essas pessoas com sua simplicidade de fé e adoração e profunda reverência pelas Escrituras; com sua oposição a imagens, a ícones, ao confessionário, ao purgatório e à adoração à hóstia, eram os protestantes da Ásia.³⁶ Como Reformadores antes da Reforma, eles enviaram presentes e mensagens de verdade e luz para os crentes perseguidos da Europa, que durante a Idade das Trevas estavam orando e morrendo pelo triunfo do cristianismo da Bíblia. No que diz respeito às suas missões na Ásia Central, Índia, China e Japão durante a supremacia dos muçulmanos, o relato destes dias agitados está reservado para os capítulos seguintes.

Jacob, o organizador de outra igreja oriental que protestava contra as inovações de Roma, foi chamado para ser o líder dos jacobitas no mesmo ano em que Aba se tornou católico dos cristãos assírios.

Os jacobitas constituem um grande setor dentre os milhões de orientais dissidentes que não aceitaram a análise especulativa de Roma sobre a natureza divina. Devido às doutrinas transmitidas pelo Concílio de Calcedônia (451 d.C.), a igreja etíope, a igreja copta do Egito, a igreja jacobita da Síria e a igreja da Armênia romperam todas as conexões com Roma. É notável como essas comunidades através dos séculos foram mantidas livre das crenças e práticas acumuladas de Roma, que mais tarde foram rejeitadas pela Reforma. É verdade que, apesar da relativa pureza da fé apostólica que mantiveram durante a supremacia papal, às vezes cederam a algumas práticas papais ou pagãs.

Sir E. A. Wallace Budge, ao comentar a controvérsia sobre as duas naturezas de Cristo, escreve: “É muito difícil descobrir exatamente o que Nestório pensou e falou sobre elas, porque só temos a declaração de seus inimigos para julgar.”³⁸ A interferência do estado na religião colocara as coisas em tensão entre os jacobitas. Multidões de crentes estavam amarguradas com a situação em que a religião ditada pelo Estado os forçara. Eles estavam prontos a ter um líder quando Jacob Baradai (*ou Jacob bar Addai*) apareceu, e ele lhes concedeu uma organização entusiasta que tem persistido até hoje. A causa dos jacobitas e até mesmo a de dissidentes em outras terras, foi fortalecida pelas mãos de Jacob Baradai.

Edward Gibbon, mostrando a preferência da Igreja Oriental pelo costume turco, em vez do costume papal, mesmo sob tristes condições, escreveu: “Depois de um período de trezentos e sessenta anos... as comunidades hostis ainda mantêm a fé e a disciplina de seus fundadores. No estado mais abjeto de ignorância, pobreza e servidão, os nestorianos e monofisitas [outro nome para os jacobitas] rejeitam a supremacia espiritual de Roma, e acalentam a tolerância de seus mestres turcos”.³⁹

Embora seja incorreto dizer que os jacobitas e a Igreja do Oriente concordavam em doutrinas, organização e práticas, não obstante, suas diferenças não eram basicamente grandes. A Igreja do Oriente, crescendo num ambiente inteiramente oriental, nunca esteve sob a direção de Roma. Os monofisitas, em todos os seus ramos – abissínios, coptas do Egito, jacobitas e armênios – apesar de cidadãos do império até a sua ruptura com Roma, cedo se recusaram a concordar com a religião dos Césares. Os crentes localizados nos vales do Tigre e do Eufrates escaparam de muitas crenças e

práticas que o papado mais tarde adotou.⁴⁰ Quando, por volta de 650, ambas as comunidades passavam, em maior ou menor grau, sob o domínio de governantes maometanos, suas aflições eram menos severas do que aquelas experimentadas pelos evangélicos nos dez reinos góticos da Europa ocidental, quando trazidas sob o domínio papal. Cristãos assírios e jacobitas sofreram comparativamente pouco nas mãos dos muçulmanos, porém muito mais, posteriormente, nas mãos dos jesuítas. Essas aflições posteriores tinham uma tendência a atraí-los entre si. Como ilustração, veja os cristãos assírios da Índia, quando as devastadoras perseguições dos jesuítas os haviam rebaixado, aceitando a liderança de um bispo monofisista que aconteceu no momento de chegarem à Costa do Malabar. Já têm sido observadas em detalhe muitas diferenças fundamentais entre estas duas comunidades, por um lado, e as igreja do império por outro. Na história posterior da expansão da Igreja Assíria durante o domínio muçulmano na Pérsia, autores serão citados como prova de que o sábado do quarto mandamento foi observado tanto pelo monofisismo quanto pela Igreja do Oriente em suas separadas áreas na Ásia próxima e distante.

A ASCENSÃO E AS CONQUISTAS DOS MUÇULMANOS

Como a fumaça do abismo, (Apocalipse 9:1-3), escurecendo o sol e o ar, a nova religião de Maomé de repente brotou de Arábia. Como um redemoinho do deserto, varreu furiosamente os rios e planícies até que toda a Ásia ocidental, norte da África e as extremidades do sul da Europa haviam sido conquistados. Três fatores contribuíram para as súbitas e surpreendentes conquistas dos árabes. O primeiro foi o novo despertar nacional entre os árabes. O segundo foi a exaustão dos Impérios Romano e Persa causada por quatro séculos de constantes guerras entre si, mais as invasões gigantescas dos godos que devastaram as províncias ocidentais de Roma. O terceiro foi o próprio Maomé.

Nos dias de Aba e seus sucessores novos movimentos estavam agitando os árabes. Eles estavam jogando fora sua antiga idolatria e almejando uma religião monoteísta como os judeus e outros vizinhos poderosos. Eles tinham um forte desejo de unidade nacional. Após várias incursões bem sucedidas, tinham-se convencido da fraqueza tanto do Império Romano como do Império persa. Tudo o que eles precisavam era de um líder, e esse líder era Maomé.

Naturalmente, demorou algum tempo para que este obscuro condutor de camelos convencesse a seus compatriotas de sua pretensa revelação do céu de que ‘existe um só Deus e Maomé é seu profeta’. Nascido por volta de

570 d.C. em Meca, ele cresceu como um trabalhador comum até se casar com uma viúva rica para quem trabalhava. Com intenso fervor religioso, começou a ter visões e sonhar sonhos, mas por algum tempo o seu sucesso foi limitado a converter seus parentes e servos imediatos. Seu crescente progresso instigou a hostilidade de Meca. Por isso que, por volta do ano 622, ele fugiu com seu companheiro mais confiável para a cidade de Medina, onde foi recebido como um profeta, e o ano desta fuga, chamada Hégira (*‘exílio’, em árabe*), foi escolhido como o primeiro ano da era maometana.

O novo profeta e seus discípulos beligerantes começaram atacando ricas caravanas. Fortalecidos pelas riquezas e armas de seus saques, começaram a subjugar a Arábia, cuja sujeição foi completada na época da morte de Maomé. Sob a impetuosidade de seus sucessores imediatos, Abu Baquir, Omar e Otoman, não demorou muito para que a Síria, o Egito e a Pérsia fossem subjugados. Quando o império árabe estava totalmente estabelecido, foi construída Bagdá, sua magnífica nova capital. A Igreja do Oriente, ainda reconhecendo a importância de ter sua sede no centro do governo secular, retirou sua capital espiritual de Selêucia para Bagdá, onde permaneceu, aproximadamente, pelos próximos quinhentos anos.

No entanto, grandes conquistas para Deus foram realizadas pela Igreja do Oriente, enquanto o maometismo reinava em todas as terras que se estendem em direção ao Pacífico. Este será o tema dos capítulos seguintes.

CAPÍTULO 18

TIMÓTEO DE BAGDÁ; A IGREJA SOB O DOMÍNIO MAOMETANO

Não foi de Nestório, mas de Tomé, Bartolomeu, Judas Tadeu, e outros que este povo inicialmente recebeu o conhecimento de um Salvador, como será visto em continuação.¹

Eles eram um povo forte e próspero antes dos maometanos invadirem a Ásia, vivendo nas planícies da Assíria, mantendo escolas e faculdades, cujos estudantes levaram para a China, e por toda a Índia, provavelmente, a primeira mensagem dizendo que o Messias havia chegado.²

Timóteo é um líder excepcional da Igreja do Oriente em conexão com sua grande expansão em toda a Ásia. Ele pertence ao período em que os maometanos dominaram não só a Pérsia, mas também o Oriente Próximo após terem tirado o domínio do zoroastrismo. Ele é um representante daquela linha de patriarcas que guiaram a igreja através de séculos de domínio muçulmano.

Desde o tempo de Timóteo, e até mesmo um pouco antes, a Igreja do Oriente tomou o seu lugar na história evangélica e profética, quando foi dirigida para o deserto. Isto não foi porque os governantes árabes perseguiram os cristãos, mas sim por causa da atitude da igreja papal no Ocidente. Quando o poder muçulmano atingiu os reis da Pérsia os quais eram seguidores do mitraísmo, o maometismo ainda não era forte o suficiente para se opor completamente a outras religiões. De um modo geral, o próprio Maomé era gentil em relação ao cristianismo, especialmente para os crentes mais humildes em Jesus, como os cristãos assírios.³ Quando o vitorioso general muçulmano conquistou a Pérsia zoroastriana, a Igreja do Oriente estava nas mãos de um chefe sábio e capaz, que assegurou da seguinte forma uma carta de privilégios para os cristãos.

Ishoyabh (às vezes chamado de Jesus-Jabus), como católico (*patriarca*), conseguiu obter uma garantia de proteção e liberdade de culto, na condição de que os cristãos pagassem certo tributo. Desta, Sir E. A. Wallis Budge diz:

O patriarca Ishoyahbh II, que atuou de 628-44, vendo que o queda do Império Persa era iminente chegou a um acordo com Maomé, ou Abu Baquir.... O patriarca estipulou que os cristãos deveriam ser protegidos dos ataques de seus inimigos; que os árabes não deveriam fazê-los entrar em guerra com eles; que eles não deveriam obrigá-los a mudar seus modos e leis; que deveriam ajudá-los a reparar suas antigas igrejas; que o imposto sobre os pobres não deveria exceder quatro zuze; que o imposto sobre os comerciantes e os homens ricos deveria ser dez zuze por homem; que uma mulher cristã serva não deveria ser obrigada a mudar sua fé, nem negligenciar o jejum e a oração.⁴

Essas isenções concedidas por Abu Baquir não foram confirmadas apenas por Omar, seu sucessor, mas até os impostos foram cancelados. Restou ao renomado guerreiro Calebe confirmar e estender os altos direitos e privilégios que foram permitidos à igreja. Os árabes, como os persas, foram muito parciais para com os cristãos assírios porque acharam necessário nos primeiros dias de seu poder depender das esplêndidas escolas que esta igreja havia desenvolvido. A medicina fez grandes progressos nas mãos da Igreja do Oriente.⁵ A corte árabe e seus vários ministérios empregaram seus membros como secretários e representantes imperiais.

As leis opressivas de Justiniano contra os líderes na Ásia Menor e na Pérsia afligiram a Igreja do Oriente. Ele destruiu qualquer possibilidade de reconciliação com a Igreja Assíria quando publicou a condenação imperial dos três líderes da igreja geralmente chamados os Três Capítulos (*ou Três Parágrafos de Lei*). Por este decreto ele alienou amargamente os milhões de crentes na Ásia sem ganhar os descontentes. Nunca mais haveria qualquer movimento geral entre os cristãos asiáticos com respeito à religião de Roma. O ano deste decreto foi 553.

OS CATÓLICOS MUDAM-SE PARA A NOVA CAPITAL DO IMPÉRIO MUÇULMANO

Os maometanos usaram o império persa conquistado como um passo para futuras e mais rápidas conquistas. Eles olharam com olhos gananciosos os reinos ricos e cultos da Ásia central. É difícil para os viajantes de hoje que contemplam as extensões arenosas da Palestina visualizar os reinos uma vez poderosos de Israel e Judá os quais ocuparam aquelas terras desgastadas. Com estonteante avanço para esses jardins do Éden, os intrépidos guerreiros de Maomé conseguiram vitórias decisivas; depois voltaram a exhibir a olhos atônitos as deslumbrantes riquezas da Transoxiana (*hoje, o Uzbequistão, Tadjiquistão e sudoeste do Cazaquistão*). A ampliação do domínio trouxe fraqueza no controle. As vitórias rápidas e inesperadas dos exércitos ocidentais do Islã estendendo-se ao longo do sul do Mediterrâneo para o

Oceano Atlântico e também em direção ao nordeste para o Turquestão rompeu a unidade do império.

A luta pela proeminência veio entre diferentes ramos da descendência de Maomé. Em vez de um, surgiram três califados. O nome Omíadas foi dado à dinastia da família do profeta que segurou o poder que abrangia desde o mar Mediterrâneo até as fronteiras da China. O nascimento deste novo califado foi o sinal para a criação de uma nova capital. Um excelente local no rio Tigre foi escolhido, e a cidade de Bagdá, que ainda permanece hoje, surgiu em todo o seu esplendor.

Em 762, com sua habitual previsão, os líderes da Igreja do Oriente transferiram a administração central de sua extensa área de trabalho para a nova capital em Bagdá. Eles receberam o reconhecimento do califa como um *melet*, termo geralmente dado a religiões sujeitas aos monarcas orientais. Abraham Yohannan escreve que uma história árabe da Índia registra que no ano 1000 a maior parte da população na Síria, Iraque e Khurasan (*nome que em persa significa “terra do oeste” ou “terra do sol”, e que englobava partes dos atuais Irã, Afeganistão, Tadjiquistão, Turcomenistão e Uzbequistão*) era cristã.⁶ Ele afirma ainda que os cristãos assírios ocuparam altos cargos sujeitos aos califas. O historiador Arminius Vambery observa que no ano 1000 a Igreja do Oriente fez um progresso maior na Ásia central do que os historiadores maometanos estão dispostos a admitir.⁷

O CATOLICATO DE TIMÓTEO

Timóteo I (780-824 d.C.) foi eleito como católico em uma época em que Carlos Magno estava empunhando sua pesada espada para promover os interesses do papado na Europa. Sua eleição ocorreu doze anos antes da Fundação de Kyoto, a mais famosa das antigas cidades do Japão. Foi durante os primeiros anos de seu catolicato que o Japão enviou Kobo Daishi, de quem mais será dito depois, para visitar a China e trazer ao Japão uma reconciliação entre o budismo e a antiga religião indígena do reino do mikado, chamada xintoísmo.

Nos dias de Timóteo, uma onda de investigação estava varrendo as mentes dos homens no leste e no nordeste da Ásia. A literatura e aprendizagem estavam nas mãos da Igreja do Oriente. Praticamente todos os assuntos oferecidos em instituições semelhantes hoje foram ensinados em suas faculdades.⁸ Algumas das linhas de instrução dadas foram ciência,

filosofia, matéria médica, medicina, astronomia, lei, Bíblia, teologia, geometria, música, aritmética, dialética, gramática, retórica, literatura grega e grego, sírio, caldeu e línguas egípcias. Claudius Buchanan escreve:

Eles preservaram os manuscritos das Sagradas Escrituras incorruptos, durante uma longa série de eras, e agora os confiaram em nossas próprias mãos. Por sua longa e enérgica defesa da pura doutrina contra erros anticristãos, eles têm o direito ao apreço e gratidão do restante do mundo cristão.⁹

Timóteo agarrou a situação com mãos de mestre. Esse incansável trabalhador estava sempre ocupado recebendo relatórios de terras distantes, e ao mesmo tempo estimulando centros de formação para graduar cada vez mais missionários. Ele cuidou da pureza da doutrina. Ele estava continuamente consagrando jovens dedicados que tinham o espírito de sacrifício, missionários que trariam misericórdia a corações cruéis, que introduziriam a cultura em povos repulsivos, e que iriam reunir as tribos itinerantes do deserto ao seu redor para estudar as mensagens da Palavra Sagrada. Timóteo deve ter ficado entusiasmado com as notícias da China, embora atrasadas por causa das imensas distâncias, de que nos dias do católico anterior um monumento de pedra tinha sido erguido com a cooperação imperial em Changan, a capital da nação, para os triunfos do cristianismo entre a raça amarela. Além disso, a China era então o maior império no mundo, e seu centro imperial era a mais vibrante cidade do mundo.¹⁰

Há um registro de uma carta que Timóteo escreveu, exultante com a notícia da conversão de um rei dos turcos. Ele afirma que essas pessoas se voltaram da idolatria, tornaram-se cristãs e pediram que um arcebispo fosse consagrado e enviado para guiar sua nação na nova fé. Sua demanda por um arcebispo indicaria a existência de muitos líderes do clero provincial entre os turcos. O pedido, declara Timóteo, já tem sido concedido.¹¹ Ou, como diz a carta: “Nestes dias o Espírito Santo ungiu um arcebispo para os turcos, e estamos nos preparando para consagrar outro para os tibetanos.”¹² A realização desta provisão para o Tibete retrata o sucesso alcançado pela Igreja do Oriente naquela nação do planalto.

Em outra carta para um tal Rabban Sergius, o patriarca não só registra o fato de que ele estava se preparando para consagrar um arcebispo para os habitantes do Tibete, mas também que em seu tempo muitos missionários “atravessaram o mar e foram para os indianos e os chineses com apenas um cajado e uma bolsa de viajante.” Em uma dessas epístolas, ele informa seus correspondentes da morte do arcebispo da China.¹³ Assim, enquanto Carlos Magno por meio dos golpes de seu machado de batalha estava destruindo os belos centros do cristianismo celta ao noroeste da Europa, e enquanto os

agentes de Roma estavam trabalhando para resistir a marcha progressiva do cristianismo escocês e irlandês para a Inglaterra, a Igreja do Deserto no Oriente estava consagrando arcebispos para dirigirem os líderes espirituais no Tibete, na China, na Índia e entre as nações dos turcos.

Tomás de Marga, escrevendo sobre os incansáveis trabalhos de Timóteo, fala da nomeação de oitenta missionários enviados para converter os pagãos do Extremo Oriente:

Estes eram os bispos que pregaram o ensino de Cristo naqueles países dos Dailamitas e Gilanianos, e ao restante dos povos selvagens além deles, e mostraram-lhes a luz da verdade do evangelho de nosso Senhor... Eles os evangelizaram e batizaram, operaram milagres e mostraram prodígios, e as notícias de suas façanhas alcançaram os pontos mais distantes do Oriente. Você pode aprender tudo isso claramente da carta que alguns comerciantes e secretários dos reis, que haviam chegado até lá por causa do comércio e dos assuntos de Estado, escreveram para Mar [o patriarca] Timóteo.¹⁴

Em outro lugar, o mesmo historiador relata que nesta época Shubbalisho foi ordenado por Timóteo para evangelizar os povos primitivos que habitavam a região além da Ásia central. O patriarca declarou que o recém-ordenado para esta tarefa estava preparado para isso porque era versado não apenas em siríaco, mas também em árabe e persa. Nesta carta deve ser notado que a Igreja do Oriente não apenas trouxe pagãos à sua fé, mas também venceu uma difícil tarefa na conversão de hereges como os marcionitas e maniqueus. Assim ele continua:

Ele ensinou e batizou muitas cidades e numerosas aldeias, e conduziu-as na instrução da vida religiosa. Ele construiu igrejas, e instituiu nelas sacerdotes e diáconos, e separou alguns irmãos que eram missionários com ele para ensinar-lhes salmos e cânticos do Espírito. E ele mesmo foi, interior adentro, ao mais longínquo do Oriente, no trabalho da grande evangelização que estava fazendo entre os pagãos, marcionitas, maniqueus e outros tipos de crenças e abominações, e semeou a sublime luz do ensino do evangelho, a fonte da vida e da paz.¹⁵

Por estes fatos, que têm sido bem autenticados, pode-se ter um vislumbre da tremenda atividade acontecendo no seio da Igreja Assíria. Esse trabalho continuaria por muitos séculos depois de Timóteo. Timóteo pode ser tido como um tipo de líder inteligente, dedicado e trabalhador que, por década após década em toda a Ásia, converteu muitos para a justiça.

Em meio a esses labores, a Índia não foi esquecida. Já foi observado como Timóteo enviou muitos missionários para a Índia, ao mesmo tempo em que ele estava enviando para a China. O patriarca Ishoyabh, que executou o

contrato com o califa muçulmano para a proteção de seu povo mais de cem anos antes de Timóteo, censurou por má conduta o arcebispo do sudeste da Pérsia, que estava localizado perto das fronteiras ao noroeste da Índia. Sua repreensão escrita lamentou o efeito desastroso das irregularidades desse líder, porque ele disse que “a sucessão episcopal tinha sido interrompida na Índia”, e que “a instrução religiosa por meio dos legítimos bispos” tinha sido retirada da Índia. Em outras palavras, a repreensão implica que em toda a península hindu, o clero, os diretores provinciais, as igrejas organizadas e empresas de comunidades cristãs podiam ser encontradas.

Do próprio Timóteo, registra-se que, ao escrever aos monges de Mar Maron em relação às controvertidas palavras, “quem foi crucificado por nós”, acrescenta: todos os países do nascer do sol, isto é, – entre os indianos, os chineses, os tibetanos, os turcos e em todas as províncias sob a jurisdição desta sé patriarcal, não há adição das palavras ‘crucificado por nós’.”¹⁶

AS CONQUISTAS DOS MONGÓIS

Mingana (*Historiador, 1878-1937*) cita uma carta supostamente escrita por Philoxenus. Ele era um famoso escritor ligado à igreja oriental menor (monofisita).¹⁷ O documento está dividido em duas partes. A segunda parte, que é evidentemente o trabalho de um escritor posterior, descreve a introdução do cristianismo entre os turcos. O escopo e análise de seu tratado lidando com as nações mais distantes da Ásia, bem como o brilho de suas descrições, lançam luz incomum sobre uma região que é pouco conhecida. Ele apresenta os turcos como morando em tendas e não tendo cidades, aldeias ou casas. Bem organizados, viviam como os filhos de Israel viviam durante seus quarenta anos vagueando no deserto. Esses turcos tinham suas instalações bem mantidas, enquanto que as próprias pessoas eram limpas e asseadas em seus hábitos. Eles aceitaram tanto o Antigo como o Novo Testamento em siríaco, embora a evidência indique que tinham as Escrituras também em sua própria escrita. Quando os escritos religiosos eram usados nos cultos públicos, eles eram traduzidos por pastores oficiantes para o vernáculo, a fim de que as pessoas pudessem entender o que era lido.

É uma declaração muito esclarecedora sobre esses turcos de que foram governados por quatro grandes e poderosos reis que evidentemente viviam a uma boa distância um do outro. A carta aplicava o nome tártaro a todas as divisões e chamava seu país de Sericon. Este é o nome (como Mingana assinala) que foi dado à China nos dias de Cristo. Cada um desses reis governou sobre mais de quatrocentas mil famílias que aceitaram e

obedeceram aos ensinamentos e ao evangelho de Cristo. Se cada família fosse composta de uma média de cinco pessoas, isso significaria que os quatro reinos tiveram uma população de cerca de oito milhões, e todos eles eram cristãos.

Das vinte e sete grandes divisões da administração da igreja cobrindo o Oriente, mensagens foram enviadas não só sobre novos desenvolvimentos religiosos, mas também sobre eventos de importância internacional. Assim, no ano de 1009, Abdisho, arcebispo de Merv, e diretor da igreja na poderosa província de Khurasan, nordeste da Pérsia, escreveu ao patriarca João informando-lhe que duzentos mil turcos e Mongóis abraçaram o cristianismo. Ele ressaltou que a conversão ocorreu porque o rei dos Keraitas, cujo povo estava espalhado sobre a região ao redor do Lago Baikal, na Sibéria, foi encontrado vagueando numa alta montanha onde ele havia sido atingido por uma violenta tempestade de neve. Em seu desespero, considerou-se perdido, e sonhou ou pensou que viu um gigante aparecer a ele em visão, dizendo: “Se você aceitar a Cristo, eu o levarei em segurança.” Tendo prometido se tornar um cristão e tendo voltado em segurança para o seu reino, ele procurou comerciantes cristãos que estavam viajando entre suas tribos, e aprendeu com eles o caminho de salvação.

Menção deve ser feita aqui a Preste João, cujas histórias agitaram a Europa medieval. Passaram para o ocidente relatos de um poderoso rei cristão que, na distante Cítia, governava um poderoso povo. Ele é conhecido pelos nomes de, Preste João, João Presbítero, e Sacerdote João. Alguns pensam que ele era um rei dos keraitas e outros acreditam que, além de ser um grande rei, também era genro do rei dos poderosos Karakitai. A imagem dessas nações com seus temidos reis, todos, ou quase todos, dos quais foram conduzidos a Cristo, confirma a opinião de Mingana de que a Igreja do Oriente “foi de longe a maior igreja missionária que a causa cristã tem produzido.”¹⁸ Seguindo suas conquistas evangélicas, chega-se ao Turquestão, Sibéria, Mongólia, Manchúria e Tibete. Apresentam-se extensões de territórios mais vastas do que seria possível visualizar em qualquer outra parte do globo. Ficamos interessados e familiarizados com povos e partes das nações da terra que antes não se chamava a atenção do homem. Verdadeiramente, a Igreja no Deserto era uma maravilhosa igreja missionária.

AS CONQUISTAS DE GENGIS KHAN

Doze séculos de conquistas espirituais cada vez maiores não foram realizadas cedo demais pela Igreja do Oriente. O poder feroz das inúmeras

tribos da Mongólia e da Sibéria, agitadas pelas novas ideias ouvidas dos lábios dos missionários, estava começando a se mostrar como uma ameaça ao mundo. Essas hordas, ou bandos indisciplinados, precisavam apenas de um líder que possuísse o calibre de um Júlio César para sair em conquistas sem parar até a Alemanha, A França e a Inglaterra tremeram diante do próximo golpe. No início do século XIII, esse líder apareceu. Seu nome era Gengis, um chefe dos mongóis. Após suas primeiras vitórias sobre as tribos vizinhas na Sibéria, ele recebeu o título de Khan, ou rei. Como Gengis Khan conquistou toda a Ásia, como ele e seu filho, Ogotai, devastaram a Europa oriental e como o papa começou a se alarmar com o relato desta notícia e procurou utilizar a influência da Igreja do Oriente para salvar as nações católicas no ocidente é uma história de grande importância.

O nome Mongol, por dois séculos depois de Gengis Khan, foi o terror de Ásia Central. No entanto, a origem da tribo está na obscuridade. Numericamente não foi o maior dos reinos da Tartária. Gengis veio de um pai e mãe guerreiros, mas ficou sem pai quando tinha apenas treze anos de idade. Sua mãe assumiu resolutamente as rédeas do reino e recuperou a supremacia sobre a metade dos chefes rebeldes. Mais tarde, Gengis trouxe todos os rebeldes de volta à sujeição e começou a conquista bem sucedida dos reinos vizinhos dos Keraitas, Merkitas, Uigures e Naimanes.

As imensas vitórias conquistadas por Gengis na China foram os resultados da estratégia bem como da coragem. Ele possuía engenhosa habilidade em coordenar grandes tropas espalhadas por vastas áreas, visando pontos de conquista separados. Era tolerante com a religião. Tratou o cristianismo, budismo, maometismo e outras religiões com imparcialidade; alguns autores dizem que ele matava a todos da mesma forma, se estivessem no caminho de suas conquistas ou estivessem nas cidades condenadas à destruição. Abul Faraj escreve que ele “ordenou os escribas dos uigures e eles ensinaram seus livros aos filhos dos tártaros.”¹⁹ Ele era um legislador de alta ordem, criando para as pessoas sobre quem governava um código de regulamentos que mais tarde, os conquistadores ficaram contentes em adotar. Fortalecido por suas vitórias na Sibéria, Mongólia e China, voltou sua atenção para novos triunfos na Ásia Ocidental e Europa Oriental.

Da ruína operada por Gengis Khan, Arminius Vambery escreve:

Embora já com setenta anos de idade, Djenghiz (*Gengis*) mais uma vez entrou em campo contra Tangut, que se rebelou contra ele; mas ele morreu durante esta campanha no ano 624 (1226), deixando para trás vestígios por toda a Ásia do fogo e espada com que o seu amor pela guerra devastou todo um continente; mas em nenhum outro lugar tão profundamente marcados como na Transoxiana, onde a civilização de séculos foi destruída, e as pessoas submergiram numa

profundeza de barbárie na qual a lembrança de sua antiga grandeza e todo seu futuro foram igualmente submergidos. Nenhuma parte de toda a Ásia sofreu tão severamente as incursões das hordas mongóis como os países na fronteira com o Oxus e Jaxartes...

Não admira, portanto, que dentro de cinco curtos anos, as grandes estradas da Ásia Central, pelas quais os produtos da China e da Índia eram transportados para a Ásia ocidental e para a Europa, estivessem desertas; que os oásis, conhecidos por sua fertilidade, estivessem estéreis e negligenciados; ou, finalmente, que o comércio de armas e jóias, em seda e esmalte, tão famosos em todo o Islã, enfraquecesse-se para sempre. As cidades estavam em ruínas, os camponeses estavam ou assassinados ou compulsoriamente recrutados no exército mongol, e os artesãos despachados aos milhares para o extremo oriente para adornar e embelezar a casa do conquistador....

Bukhara e Samarkand nunca recuperaram sua antiga atividade intelectual, e seus trabalhos intelectuais passaram a ser inteiramente dedicados à casuística, misticismo e falsa religião.²⁰

No momento em que a Rússia foi conquistada, consistia em muitos pequenos estados independentes constantemente em guerra uns com os outros e nominalmente sob a suserania comum de um grande príncipe ou czar.²¹ Todas as cidades devastadas pelos exércitos de Gengis foram tão completamente apagadas da vista do homem que o chefe mongol poderia dizer, como disse muitas vezes ao seu inimigo vencido, que ele era “o flagelo de Deus”. Assim, enquanto seus exércitos estavam subjugando o império chinês do norte no oriente e outros exércitos dos Mongóis estavam conquistando a parte noroeste da Índia, Gengis Khan também estava devastando uma parte da Rússia e atacando o alto Volga. A morte tomou conta dele nessa guerra.

Ele não foi um perseguidor do cristianismo. Afirma-se que uma de suas esposas, uma keraita de nascimento e parente próximo de Preste João, era cristã.²² Ele legou seu vasto império, alcançando desde a China até a Hungria e Polônia, para seus três filhos. Um dos três, Ogotai, foi escolhido como o rei dos reis para suceder seu pai.

KUYUK POUPA A EUROPA

Foram as terríveis guerras travadas por Ogotai que deixou claro para as nações da Europa a ameaça de sujeição aos mongóis. Batu, o intrépido e invencível general de Ogotai, apareceu de repente no lado oriental da Polônia e da Hungria. Auxílio tinha sido pedido à Hungria para restringir os Mongóis, mas inesperadamente ela ofereceu resistência relativamente fraca; e por vários anos as forças dos tártaros passaram e repassaram suas terras,

saqueando, arruinando e devastando. Apenas o Sacro Império Romano estava agora entre os conquistadores no leste e a França e Inglaterra no oeste.

Ogotai morreu no ano de 1241. Os príncipes foram chamados da guerra para eleger um novo khan. Enquanto estavam vindo para se reunirem, a rainha-mãe trabalhou fervorosamente pela eleição de seu filho favorito, Kuyuk, e seu trabalho resultou em sua eleição. Kuyuk era um verdadeiro cristão, e em seus dias o prestígio dos numerosos cristãos em seu território estava muito alto.²³ Mingana relata que seu exército em campanha estava cheio de líderes de igreja, clero e eruditos, e que um cristão com o nome Kaddak era seu grande vizir (*ministro e conselheiro*). No reinado de Kuyuk, os massacres e destruições que caracterizaram o governo de Gengis e Ogotai parece ter chegado a um fim imediato. É uma interrogação se a Europa não foi poupada da ira da Mongólia porque um cristão, como Kuyuk, foi eleito para o comando supremo.

Após a morte de Kuyuk, em 1251, a sucessão passou para Mangu. Tule, um irmão de Ogotai, era um poderoso general. De Sarkuty Bagi, a esposa de Tule, Mingana mostra que ela era outra rainha cristã, uma verdadeira crente e a mais sábia de todas.²⁴ Ela era a mãe de três filhos que por sua vez se tornaram investidos de dignidade imperial, e todos eles eram professos cristãos ou tinham esposas cristãs. Seus nomes eram Mangu, Hulagu e Kublai. O emocionante legado de suas contribuições para a Igreja do Oriente pertence à história da China num capítulo posterior.

Quando a espada da destruição pairou sobre a Alemanha, a Itália, a França e Inglaterra através da atitude ameaçadora dos hábeis generais de Ogotai, o papa decidiu enviar um emissário para o implacável Batu, líder dos exércitos tártaros. Frei João de Pian de Carpine foi escolhido para essa tarefa. Ele viajou para as margens do Dniepre, onde as legiões tártaras estavam acampadas, encontrando muitas dificuldades no caminho. Recebendo pouca atenção, foi apressadamente para o Volga, o quartel general de Batu. Mas Batu não estava disposto a lidar com a proposta, e o resistente frei teve que prosseguir em marcha forçada para o campo central mais a leste. Ele chegou depois da morte de Ogotai e antes da eleição do novo imperador. Alguns anos após a viagem de frei João, o rei Luís IX da França comissionou o frei Guilherme de Rubruck a prosseguir para o campo central dos mongóis, esperando que ele pudesse converter o imperador à fé romana. Frei Guilherme relata muitos itens sobre os cristãos assírios.²⁵ O mais interessante é o que frei Guilherme de Rubruck disse dos cristãos assírios (chamados por ele, Nestorianos) os quais encontrou em suas visitas a esses reinos. Ele os encontrou em quase todos os países que ele atravessou; se encontrou com eles no país de Karakhata, onde notou que o povo turco, chamado Mayman, tinha como rei um nestoriano.²⁶

Os nestorianos, disse ele, estavam naquelas regiões habitadas pelos turcomanos. Eles dirigiam seus cultos na linguagem deste último e escreveram livros em seu alfabeto; em todas as suas cidades foi encontrada uma mistura de nestorianos.²⁷ Ele relata que em quinze cidades do Catai (*nome alternativo para o norte da China, controlada pelos mongóis*) havia nestorianos possuindo uma sé episcopal. O grande secretário do imperador Mangu, de nome Bulgai, era um nestoriano, cujo conselho era quase sempre seguido e quem era o intérprete imperial.²⁸

AS DOCTRINAS DOS CRISTÃOS MONGÓIS

O grande e prolongado favor com o qual os governantes mongóis trataram a Igreja do Oriente indica que as doutrinas dos cristãos mongóis eram os da igreja assíria. Isto parecerá ser mais o caso quando as histórias posteriores deste notável povo forem consideradas. O início de seu poder, no entanto, está ligado a um fato significativo a partir do qual podem ser tiradas conclusões a respeito do tipo de cristianismo que aceitaram durante os primeiros anos de seu domínio.

Mais uma vez consideramos esse célebre personagem, Preste João. O nome Preste João está conectado a uma grande revolução que teve lugar na Tartária asiática cerca do ano 1000. Muitos sinceros escritores que são dignos de crédito dizem que um rei dos keraitas foi convertido a Cristo. Ele tomou o nome de João, e ele com milhares de seu povo foram batizados pela Igreja do Oriente. Seu império cresceu; cada soberano sucessivo também foi chamado João. Após cerca de dois séculos, Gengis Khan conquistou o último rei. Desde que o vitorioso chefe mongol se casou com a filha do rei-sacerdote assassinado, a doutrina da Igreja do Oriente cresceu grandemente em influência entre os mongóis.²⁹ Mosheim diz que a Europa estava profundamente agitada com as notícias sobre a riqueza, força e felicidade deste reino cristão. O rei de Portugal enviou uma embaixada para a Abissínia porque concluíra que as doutrinas de Preste João eram as dos abissínios.³⁰ A embaixada descobriu muitas coisas entre os Abissínios análogos aos relatados por Preste João.

A IGREJA DO ORIENTE EM SUA AMPLA EXTENSÃO DE MISSÕES

A organização dos crentes orientais é tão interessante quanto os eventos no meio dos quais trabalhavam. Desde os dias de Timóteo os crentes

em toda a Ásia foram divididos pela igreja, em vinte e seis a trinta grandes divisões. Sobre cada uma delas havia um arcebispo ou sacerdote oficial. De tempos em tempos, possivelmente anualmente, esses clérigos reuniam-se sob a direção de seu presidente provincial para relatar a condição dos fiéis em suas paróquias e para considerar entre si os problemas com os quais foram semelhantemente confrontados. Então ocasionalmente, havia uma grande convenção sob a presidência do arcebispo com delegados das diferentes províncias. Quando a distância era grande demais para se comunicar com o católico, o chefe em Bagdá, então o arcebispo deveria entregar um relatório pelo menos uma vez a cada seis anos.

Um relato já foi dado sobre a pureza da doutrina e prática da Igreja do Oriente, que muitas vezes é erroneamente denominada Nestoriana segundo Nestório. McClintock e Strong os consideram protestantes do cristianismo oriental. “Os cristãos de São Tomé, no leste da Índia, são um ramo dos nestorianos. São assim chamados segundo o apóstolo Tomé, que supostamente pregou o evangelho naquele país”.³¹

Eles eram totalmente separados da igreja em Roma. Edward Gibbon mostra que os cristãos de São Tomé, bem como os cristãos sírios não estavam conectados com Roma de forma alguma. Ele diz que quando os portugueses em suas primeiras descobertas da Índia apresentaram a imagem da Virgem Maria para os cristãos de São Tomé no século XVI, eles disseram: “Nós somos cristãos, não idólatras”.³²

Aqui está uma lista das doutrinas desse ramo dos cristãos assírios na Índia, que são chamados cristãos de São Tomé. Esses crentes –

1. Condenavam a supremacia do papa,
2. Afirmavam que a Igreja Romana havia se afastado da fé,
3. Negavam a transubstanciação,
4. Condenavam a adoração de imagens,
5. Não faziam uso de azeites,
6. Negavam o purgatório,
7. Não admitiam afinidade espiritual,
8. Não sabiam nada sobre confissões auriculares,
9. Nunca ouviram falar em extrema unção,
10. Permitiam que o clero se casasse,
11. Negavam que o matrimônio e a consagração fossem sacramentos,
12. Celebravam com pão levedado e consagrado com oração.³³

O fato notável é que diante de dificuldades colossais a Igreja do Oriente foi capaz de manter através das eras essa maravilhosa unidade de

crença e sabedoria do viver bíblico. “Em primeiro lugar”, diz Etheridge, falando de um ramo da Igreja do Oriente, “a igreja nestoriana sempre nutriu uma notável veneração pelas Sagradas Escrituras. Sua regra de fé tem sido e é a palavra escrita de Deus”.³⁴

Bem difundida e duradoura foi a observância do sábado do sétimo dia entre os crentes da Igreja do Oriente e os cristãos de São Tomé da Índia os quais nunca estiveram ligados a Roma. Isto também foi mantido entre essas comunidades que se separaram de Roma após o Concílio de Calcedônia; ou seja, os abissínios, os jacobitas, os maronitas e os armênios. A quantidade de pessoas que santificaram o sábado variou nessas comunidades; algumas duraram mais que outras. Célebres historiadores da igreja, escrevendo dos nestorianos no Curdistão, dizem: “Os jejuns dos nestorianos são muito numerosos, sendo proibido comer carne em 152 dias. Eles não comem carne de porco, e guardam tanto o sábado como o domingo. Não acreditam nem em confissão auricular nem em purgatório, e permitem que seus sacerdotes se casem.”³⁵

A guarda do sábado entre os abissínios é especialmente digna de nota. A respeito deles o historiador Gibbon apropriadamente observa: “Envolvidos por todos os lados pelos inimigos de sua religião, os etíopes dormiram quase mil anos, esquecidos do mundo, e por quem foram esquecidos.”³⁶ Quando no século XVI, a Europa voltou a entrar em contato com os abissínios, o sétimo dia verificou-se ser seu dia de descanso semanal; o domingo era apenas um dia de reunião. Pressionado duramente pelo maometismo, eles cometeram o mesmo erro feito pelos cristãos de São Tomás da Índia, pois pediram ajuda em 1534 para os portugueses, o maior poder naval da Europa naqueles dias. O seguinte argumento foi apresentado a Portugal pelo embaixador abissínio quando perguntado por que a Etiópia santificava o sétimo dia:

No dia de sábado, pois Deus, depois de ter terminado o Criação do mundo, nele descansou: Tal dia, como Deus queria, chama-se Santo dos Santos, portanto, não celebrar com grande honra e devoção, parece ser claramente contrário à vontade e ao preceito de Deus, o qual deixará que o Céu e a Terra passem antes que a Sua Palavra; e que especialmente, visto que Cristo veio não para abolir a lei, mas para cumpri-la. Não é, portanto, em imitação aos judeus, mas em obediência a Cristo e seus santos Apóstolos, que nós observamos aquele Dia. ... Nós observamos o dia do Senhor segundo a maneira de todos os outros cristãos, em memória à Ressurreição Cristo.³⁷

Quando os portugueses deram um sinal de enviar ajuda aos abissínios, muitos jesuítas foram incluídos na missão, e eles imediatamente começaram a conquistar a Igreja Abissínia ao catolicismo romano. Em 1604 eles

influenciaram o rei a se submeter ao papado. Um de seus primeiros esforços foi ter um decreto emitido pelo rei proibindo todos os seus súditos sobre penas severas se continuassem a observar o sétimo dia.³⁸ Seguiu-se a guerra civil. Os jesuítas foram expulsos e suas leis foram rescindidas.

Com relação aos jacobitas, existe a afirmação do renomado e ilustre Samuel Purchas, que, ao visitá-los no início de o século XVII, escreveu: “Eles santificam o sábado, não consideram válido o jejum no sábado, mas ao anoitecer da Páscoa. Eles têm o culto solene aos sábados.”³⁹

Outro autor, Josephus Abudacnus, escrevendo no século XVIII em sua história dos jacobitas, afirmou que eles se reuniam todos os sábados em seus templos, declaração a qual o editor posterior J. Nicholai adiciona a seguinte nota de rodapé:

Nosso autor afirma que os jacobitas reuniam-se no dia de sábado, antes do dia dominical, no templo, e guardavam aquele dia, assim como também os abissínios, como vimos na confissão de sua fé pelo rei da Etiópia, Cláudio... Sendo assim, parece que os jacobitas guardavam o sábado assim como o dia dominical, e ainda continuam a guardá-lo.⁴⁰

Alexander Ross escreve que os maronitas também observaram o Sábado bem como o domingo.⁴¹ Assim, vemos como essas quatro comunidades religiosas orientais, três das quais nunca andaram com o Papado, continuaram a honrar o Sábado.

Quando se olha para os cinco séculos, aproximadamente, de domínio maometano na Ásia, três coisas são dignas de nota. Em primeiro lugar, a atitude comparativamente tolerante dos governantes é reconfortante. Não se quer dizer com isso que às vezes não houve períodos de perseguição e feroz oposição. No entanto, não se verifica um persistente, determinado propósito de erradicar os cristãos por maldade cruel e sangrenta. O supremo motivo do conquistador muçulmano era a luxúria do poder, em vez de uma paixão fanática para matar e arruinar outras religiões. Os líderes do Islã estavam tão continuamente ocupados com a guerra entre si que não tinham nem tempo nem desejo de enquadrar dentro de suas próprias fileiras uma organização de um clero ligado firmemente à obediência absoluta, como foi visto na hierarquia papal. As dinastias ascenderam-se e caíram, mas a Igreja do Oriente cresceu e estendeu suas missões sobre todas as terras da Ásia.

Em segundo lugar, é surpreendente a organização esplendidamente equilibrada que estimulou a Igreja do Oriente. Rejeitando a poligamia dos muçulmanos, ela não se distraiu com questões domésticas. Esta mesma igreja se recusou enfatizar uma vida de solteiro para o seu clero, regra que

prevaleceu no budismo e no romanismo ocidental. Como o casamento foi concebido por Deus não só para aumentar o amor, mas para purificar o amor, a Igreja do Oriente foi protegida contra essa degradação de padrões, como foi visto nos sacerdotes budistas e freiras. Seus pensamentos sempre se voltaram para o seu lar sabático, mais querido do que qualquer sala de palácio. Em outras palavras, eles obedeceram às quatro políticas divinas estabelecidas no primeiro capítulo de Gênesis, a saber: adoração ao Criador, observância do sábado, vida familiar e dieta adequada e temperança.

Por último, os membros da Igreja do Oriente não eram apenas uma igreja de atividades evangélicas, mas também um povo de doutrinas sãs. É difícil dizer qual é o mais perigoso – sãs doutrinas sem evangelismo, ou evangelismo sem sã doutrina. O primeiro leva à frieza na religião; o segundo produz o entretenimento na pregação. Ambos estes extremos foram evitados pela Igreja do Oriente. Ela foi capaz de dar uma razão para a fé, e ao mesmo tempo, exibiu uma vida de zelo missionário e sacrifício que raramente tem sido superado.

CAPÍTULO 19

A IGREJA DE SÃO TOMÉ DA ÍNDIA

Com toda a sua intolerância e seus terrores, a Inquisição foi criada em Goa (Índia) no século XVI; e quando foi resolvido submeter a Igreja Síria à jurisdição papal, esta implacável instituição foi usada para intimidá-la e para impedir a chegada de bispos da Babilônia. A submissão foi consumada pelo Sínodo de Diamper em 1599, e por quase duas gerações a tirania de Roma durou, até a grandiosa rebelião da Igreja Assíria em Coonan Cross.¹

Na Índia, a terra da cor e do romance, o evangelho foi proclamado tão cedo quanto o início da Itália. Cristo disse a Seus discípulos que deveriam ser Suas testemunhas até aos confins da terra, (Atos 1: 8) e os apóstolos estavam prontos a ir a qualquer lugar. Com uma fé grande o suficiente para remover montanhas, não hesitaram em evangelizar qualquer tribo ou nação independentemente de quão terrível fosse a situação encontrada.

Um antigo escritor eclesiástico afirma que, quando o mundo foi repartido para a evangelização, Tomé foi designado para a Pártia (*Pérsia antiga*).² Há suficientes evidências de que Tomé trabalhou na Pártia. As bibliotecas estão cheias de literatura contando sobre suas igrejas fundadoras na Índia.

Os relatos que contam como Tomé ergueu e estabeleceu o cristianismo na Índia formam um elo interessante na vida dos apóstolos. O Mestre escolheu jovens como Seus discípulos, que foram capazes de continuar o trabalho por muitos anos após a sua crucificação em 31 d.C. Paulo foi decapitado cerca de trinta e cinco anos depois. Tomé foi morto, segundo alguns autores, em 72 na costa oeste da Índia pela lança de um brâmane.⁴ Evidências mostram que o apóstolo João, vivendo até a madura idade de cem anos (de acordo com Jerônimo), deve ter ouvido tudo sobre as vitórias espirituais na Índia antes que escrevesse o seu Evangelho e o livro do Apocalipse.

TOMÉ E O EVANGELHO NA ÍNDIA

A questão se Tomé trabalhou ou não na Índia foi discutida por muitos autores, e uma imensa pesquisa tem sido feita na esperança de chegar a uma conclusão irrefutável. Sabe-se que se a Igreja no Deserto já sofreu em algum

país, certamente sofreu na Índia. Todos estão desejosos de saber quem foi o fundador dessa igreja. A. Mingana escreve:

É inalterável tradição da Igreja Oriental que o apóstolo Tomé evangelizou a Índia, e não há historiador, poeta ou breviário, nenhuma liturgia, e nenhum escritor de qualquer tipo que, tendo a oportunidade de falar de Tomé, não associa seu nome com a Índia.⁵

J. M. Neale testifica:

Existe uma longa tradição da igreja, que o evangelho foi inicialmente pregado na Índia pelo apóstolo São Tomé. Tendo evangelizado a Arábia Feliz (*parte meridional da Península Arábica*) e a Ilha de Zocotra, chegou a Cranganor, uma cidade situada um pouco ao norte de Cochim, e onde o mais poderoso entre os príncipes que governavam em Malabar então residia. Tendo aqui feito muitos milagres e estabelecido uma igreja, ele viajou para o sul para a cidade de Coulan. Aqui seus trabalhos foram assistidos com igual sucesso, e depois de atravessar a península chegou a Meliapor (*hoje São Tomé de Meliapor*), uma cidade perto da famosa cidade de Madras. Navegando deste porto ele pregou o cristianismo na China, e voltando novamente para Meliapor, estendeu o conhecimento da fé tão amplamente a ponto de excitar a inveja e ódio dos brâmanes. Dois deles buscando uma oportunidade, incitaram as pessoas contra ele; e avançaram sobre ele e o apedrejaram. Um dos brâmanes notando alguns sinais de vida no santo apóstolo, perfurou-o com uma lança, e assim completou seu martírio.⁶

Évariste Régis Huc (*também conhecido como Abbé Huc, ou Padre Huc*) o brilhante viajante e escritor jesuíta, diz:

O fato de São Tomé ter alguma vez pregado na Índia tem sido frequentemente questionado por escritores que merecem atenção; mas achamos que é apoiado por tantas evidências, que parece difícil para uma mente sem preconceitos recusar dar crédito a um fato garantido por esses excelentes autores históricos. Todos os monumentos gregos, latinos e siríacos proclamam que São Tomé foi o apóstolo das Índias, que levou a tocha da fé para as remotas regiões onde sofreu o martírio. Alguns escritores têm afirmado que ele continuou seus trabalhos apostólicos até mesmo na China; e a missão e o martírio de São Tomé nas Índias têm sido aludidos em todos os martirologios (*lista de mártires*), e nas antigas liturgias, que formam a fonte mais pura e autêntica da tradição cristã.⁷

W. F. Adeney, citando as origens das igrejas da armênia, da abissínia e da Geórgia, diz:

A Igreja Síria na Índia, que afirma ser São Tomé o seu fundador – todas elas igrejas independentes em regiões fora do Império Romano – irá requerer nossa atenção mais tarde; pois como têm permanecido em existência independente até nossos dias vamos querer saber algo sobre o curso de sua história ao longo dos séculos.⁸

O testemunho de J. D. D'Orsey é este:

Entre as nuvens que cobrem as tradições dos cristãos de São Tomé, o seguinte relato parece ter muita probabilidade e ser a abordagem mais próxima da verdade. Após ter estabelecido o cristianismo na Arábia Felix, e na ilha de Dioscorides (agora chamada Socotra), o santo apóstolo desembarcou em Cranganor, naquela época a residência do rei mais poderoso da Costa do Malabar. Sabemos dos historiadores do povo cristão, de Josefo e dos próprios Livros Sagrados, por causa do milagre de Pentecostes que, antes do nascimento de Jesus Cristo, saiu da Judéia um grande número de seus habitantes, e que foram espalhados por todo o Egito, Grécia e vários países da Ásia. São Tomé aprendeu que uma dessas pequenas colônias havia se estabelecido num país adjacente a Cranganor. O amor por sua nação inflamou seu zelo; e fiel ao comando de Jesus Cristo que havia ordenado seus apóstolos a proclamar a fé aos judeus, antes de se voltarem para os gentios, ele se dirigiu ao país que seus compatriotas escolheram para seu asilo; pregou-lhes o evangelho, converteu-os e mudou sua sinagoga em uma igreja cristã. Este foi o berço do cristianismo na Índia.⁹

A ENTRADA DO CRISTIANISMO NA ÍNDIA

Nos dias de Tomé, o apóstolo, um autor declara: “Cento e vinte grandes navios navegavam do Egito para a Índia todos os anos.”¹⁰ Como testemunhas do vasto comércio entretido entre Roma e os países do oriente antes e depois de Cristo, grande quantidade de moedas romanas foram encontradas nas terras do sul da Índia. Theodor Mommsen (*historiador alemão*) avaliou a cunhagem romana enviada anualmente para a Índia como valendo quinhentas mil libras esterlinas.¹¹ Não há, portanto, nada que torne improvável a evangelização pioneira da Pártia e da Índia pelo apóstolo Tomé.

“A voz deles foi para toda a terra, e suas palavras até os confins do mundo”, o apóstolo Paulo poderia dizer em seus dias daqueles que haviam espalhado o evangelho (Romanos 10:18). Considere quantas nações estavam representadas em Jerusalém no agitado dia do Pentecostes, e o caráter de seus representantes. “Homens devotos, de todas as nações debaixo do céu”, é o registro. Quem eram eles? “Partos e medos, e elamitas, e os moradores da Mesopotâmia,... cretenses e árabes.” (Atos 2: 5, 9-11.) A história do Pentecostes se espalhou como se nas asas do vento quando estes visitantes voltaram entusiasticamente para suas casas e seus lares. A tradição afirma que Tomé chegou à Índia logo após o Pentecostes.¹²

Outra situação que favoreceu a rápida expansão do evangelho para o Oriente era a dispersão dos judeus por toda a Ásia. A descendência de

Abraão cobriu o Oriente; quase não havia uma terra ou cidade onde eles não tinham ido. Esses descendentes celebravam seus dias sagrados de uma maneira que lembrava suas parcerias judaicas.¹³ Os primórdios do cristianismo em Edessa (moderna Urfa na Ásia Menor), o primeiro centro intelectual de propagação do cristianismo para o Oriente, estava entre os judeus.¹⁴ De fato, os judeus por muito tempo formaram a maior parte da infante igreja.¹⁵

Outro meio para a difusão do evangelho para o Oriente era a língua aramaica. O hebraico, siríaco e aramaico – o último, a língua nativa de Cristo – eram línguas cognatas. A história conta que Josefo, o famoso autor judeu nos dias dos apóstolos, escreveu “*Guerras dos Judeus*” primeiro em aramaico e depois em grego por causa do grande eleitorado que lia em aramaico no Oriente. O aramaico havia penetrado amplamente no Império Parto, incluindo Selêucia-Ctesifonte, a brilhante cidade gêmea capital desse império.¹⁶

O CRESCIMENTO INICIAL DO CRISTIANISMO NA ÍNDIA

Naturalmente, a Igreja do Oriente, olhando para Tomé como seu fundador, não dava nenhum valor na alegação de que Pedro era a “rocha” sobre a qual Cristo edificaria Sua igreja e que Ele daria as “chaves” somente a Pedro. A diferença entre a Igreja da Índia em datar suas origens a partir do apóstolo Tomé e a Igreja de Roma em datar suas origens a partir do apóstolo Pedro, é uma diferença de doutrinas e práticas. Esse contraste aparece no relato dado pelo historiador Gibbon da primeira reunião entre os jesuítas quando chegaram na costa da Índia, e os cristãos de São Tomé. Ele escreve:

Quando os portugueses inauguraram a navegação para a Índia, os cristãos de São Tomé já estavam estabelecidos há séculos na costa de Malabar... O título de Mãe de Deus era ofensivo aos ouvidos deles; e eles escrupulosamente avaliaram as honras da Virgem Maria, a quem a superstição dos latinos tinha quase exaltado à posição de uma deusa. Quando a sua imagem foi pela primeira vez apresentada aos discípulos de São Tomé eles exclamaram indignados: “Somos cristãos, não idólatras!”¹⁷

Quanto o mundo deve à posição corajosa tomada pelo cristianismo na Índia, o homem nunca saberá até o julgamento. Nos primeiros seiscentos anos as igrejas do sul da Índia lutaram com sucesso com o dominante Budismo; então nos mil anos que se seguiram elas contenderam com um hinduísmo degradado e astuto. Mas a verdadeira luta começou no século XVII, quando os jesuítas, apoiados pelas armas de Portugal, entraram em suas paróquias. Não foram os missionários de Roma, portanto, quem

primeiro entrou na Índia. O tipo de fé do Novo Testamento plantada pela primeira vez na costa do Malabar mil e novecentos anos atrás ainda está lá e é semelhante ao do resto do mundo protestante.

Durante mil e seiscentos anos, os cristãos de São Tomé recusaram-se a colocar a igreja acima da Bíblia. Eles encontraram seu ponto de partida nas Sagradas Escrituras, e não na ardilosa frase de que a igreja foi “imbuída com a vida celestial.” Eles se recusaram a aceitar o ensino de que o clero somente e não os leigos eram capazes de interpretar a Bíblia. Consequentemente, se apegaram às Sagradas Escrituras como o único canal através do qual a influência salvadora e transformadora do Espírito Santo poderia operar. Recusaram-se a escolher a salvação através dos sacramentos, em vez de através da Escrituras. “As palavras que eu vos falo, são espírito, e são vida”, disse Jesus (João 6:63) e acalentaram a Sua admoestação.

“Qualquer tentativa”, escreve Mingana, “de falar do cristianismo primitivo na Índia como sendo diferente da Igreja Síria Oriental, está, em nosso julgamento, sujeito ao fracasso. O cristianismo na Índia constituiu uma parte integrante da igreja que começou a se desenvolver vigorosamente no final do primeiro século no vale do Tigre.”¹⁸

Por volta dessa época, ocorreram três grandes e significativas revoluções – uma no seio do cristianismo, outra no Império Parto e a terceira no Império Romano. A primeira revolução ocorreu quando a Igreja do Oriente definitivamente rompeu com o Ocidente, elegendo Papas da Seleucia como seu chefe supremo independente (285 d.C.), reconhecendo assim a importância de uma organização autônoma normal. Por que este novo católico dez anos após a sua eleição converteu a Índia numa das grandes divisões eclesiásticas do campo mundial e ordenou David de Basra, famoso por sua erudição, como o primeiro diretor supervisor da nova divisão?¹⁹ A resposta não é difícil de se encontrar. Os persas, conduzidos pelo zoroastrismo fanático, organizaram-se com novas forças, atacaram e derrotaram os Partos. Aqui estava uma nova situação para os crentes. Como o vitorioso Império Persa era intolerantemente zoroastriano, ou mitraísta, foi necessário para a Igreja do Oriente organizar-se novamente a fim de enfrentar a nova situação. Isto ela fez elegendo Papas como católico.

A terceira revolução foi a harmonização do cristianismo com o paganismo. O imperador, Constantino, viu que era vantajoso para si combinar as duas religiões. A última perseguição pagã dos crentes do Novo Testamento estava se desenrolando furiosamente quando Constantino vestiu o manto púrpura imperial e decretou o cessação das hostilidades religiosas. Sua lei dominical de 321 era uma isca jogada para cristãos conciliadores e

um apaziguamento para os romanos que glorificavam o dia exaltado pelos zoroastristas adoradores do sol.

Mas Constantino não parou por aí. A perseguição começou de novo. Desta vez, não era contra todos os cristãos, mas contra as igrejas que estavam determinadas a defender a fé uma vez entregue aos santos. Eles fugiram. O ódio aos romanos pelos persas significava ódio ao novo cristianismo romano e simpatia pelos crentes do evangelho. Portanto, os refugiados, alguns dos melhores membros da igreja na Europa, seguiram os passos de seus irmãos que foram perseguidos por Roma pagã cem anos atrás, e se juntaram à Igreja do Oriente. Após este crescimento da Igreja Assíria, uma nova migração de crentes, composta por hábeis mecânicos, comerciantes, artesãos e clérigos, partiu para a Índia em 345.

É chocante saber quão rapidamente a cegueira caiu sobre a hierarquia do Ocidente depois do Concílio de Nicéia. A Idade das Trevas, destinada a obscurecer as terras papais durante mil anos, configurou-se. No Oriente havia uma luz. A Igreja no Deserto era a arca que carregava os Escritos Sagrados da era apostólica até o amanhecer da liberdade moderna. Claudius Buchanan em suas pesquisas em 1812 encontrou entre os cristãos de São Tomé da Costa do Malabar uma cópia da Bíblia que ele acredita ter estado entre eles desde os dias anteriores ao Concílio de Nicéia. Assim ele escreveu: “Em toda igreja, e em muitas das casas particulares, estão manuscritos na língua siríaca: e eu fui bem sucedido na aquisição de algumas cópias antigas e valiosas das Escrituras e outros livros, escritos em diferentes eras e em diferentes estilos.”²⁰ Ele escreveu sobre outra cidade em Travancore: “Neste lugar eu encontrei muitos e valiosos manuscritos”.²¹

O CRISTIANISMO NA ÍNDIA DURANTE A IDADE MÉDIA

No relatório da Índia sobre a condição dos cristãos malabares, o católico enviou Tomé, um comerciante, com clérigos, diáconos, artesãos, e trabalhadores qualificados (uma comitiva de três mil pessoas) para estabelecerem-se entre os irmãos em Travancore (345 d.C.). O rei de Malabar os recebeu gentilmente e deu-lhes privilégios sociais e comerciais de grande valor. Alguns acreditam que esses privilégios concedidos pelo rei Perumal posicionou esses cristãos e seus discípulos entre a nobreza.

Por mais de cem anos, novos grupos de crentes continuaram chegando da Pérsia. O reinado de Shapur II, que estava governando a Pérsia após a adoção do cristianismo no Império Romano por Constantino, durou mais de sessenta anos. Quando a Pérsia estava em paz, os primeiros crentes vindos do Ocidente foram bem tratados; mas em guerra foi diferente. O dois impérios estando em conflito após a morte de Constantino, era natural que

os zoroastristas suspeitassem de todos os cristãos e alegassem que eles eram espiões no pagamento do Império Romano. Como a Índia se tornaria um provável abrigo para os perseguidos é, portanto, facilmente entendido.

Que a existência de cristãos na Índia atraiu a imaginação de crentes na Europa pode ser visto a partir das muitas referências ao fato encontrado nos escritos do segundo, terceiro e quarto séculos.

O espírito evangélico e simples mostrado pela nobre reverência destes cristãos para com as Sagradas Escrituras caracterizou-os como não sendo papal nem Judaico. Mingana escreve: “O quinto século começa com um cristianismo indiano que estava em tal estado de desenvolvimento que foi capaz de enviar seus sacerdotes para serem educados nas melhores escolas da Igreja Síria do Oriente e ajudar os doutores daquela igreja na revisão das antigas traduções siríacas das Epístolas Paulinas”.²²

Assim, o começo do ano 500 d.C. revela comunidades de cristãos assírios em toda a Índia. Fiéis em sua vida missionária evangélica eles se reuniam para o culto no dia de sábado.²³ Quando os sacerdotes de Roma entraram na Índia mil anos depois, o ódio papal estigmatizou a igreja perseguida como judaizantes. Esses cristãos de São Tomé foram zelosos no treinamento espiritual de seus filhos, não tendo para eles maior propósito na vida do que ser ministros ou missionários. Suas escolas estavam no mesmo nível das melhores do mundo e estavam muito acima daquelas em muitos países. A passagem rápida e cômoda pelo mar diretamente do Egito para o sul da Índia, bem como do Golfo Pérsico para o mesmo destino, manteve-os em contato com o pensamento e cultura de outros lugares. Eles não chegaram ignorantemente às doutrinas que tinham, mas fundamentaram sua fé primeiro no fato de ter sido diretamente transmitida dos apóstolos, e, em segundo lugar, por meio de oração e diligente estudo. “Esta união da Igreja da Índia com a da Mesopotâmia e da Pérsia torna-se mais evidente por outro erudito da escola de Edessa, Mana, bispo de Riwardashir, que escreveu em persa (ou seja, Pahlavi) discursos religiosos, cânticos e hinos, e traduziu do grego para o siríaco as obras de Diodoro e Teodoro de Mopsuestia e mandou todos para a Índia.”²⁴

Os cristãos assírios não eram apenas acadêmicos, tradutores e clérigos, mas também eram viajantes. Cosmas, que residia perto de Babilônia, amplamente lido por suas explorações na primeira metade do sexto século, navegou os mares indígenas com tanta frequência que foi chamado Indicopleustes (viajante da Índia). Cosmas estava pessoalmente em contato com o patriarca da Igreja Assíria. Em suas famosas passagens revelando quão distante estava a Igreja do Oriente, da qual ele era membro, ele diz que havia um número ilimitado de igrejas com seu clero e um vasto número de

crístãos entre os bactrianos, hunos, persas, gregos, elamitas e o resto dos indianos.²⁵

Ao relatar suas explorações no Ceilão, Cosmas conta que a ilha tem uma igreja de crístãos persas estabelecida lá com um presbítero nomeado da Pérsia e um diácono bem provido com todos os artigos necessários para o culto público. Comentando sobre estes fatos, Mingana escreve: “As citações acima de Cosmas provam não apenas a existência de numerosas comunidades crístãs entre muitos povos da Ásia Central, na Índia, e em distritos vizinhos, mas também a subordinação de todos eles ao patriarcado nestoriano da Selêucia e Ctesifonte.”²⁶

O que Cosmas escreveu sobre a ilha de Socotra no Oceano Índico, situada diretamente no caminho da viagem marítima do Egito para o sul da Índia, é significativo. Ele disse que todos os habitantes eram crístãos assírios. O que seu sucessor em viagens, o famoso viajante italiano Marco Polo, que pertenceu à igreja papal, escreveu sobre Socotra em 1295 – depois de Cosmas o suficiente para ver a sede da igreja removida de Seleucia para Bagdá – também é revelador:

Sua religião é o cristianismo, e são devidamente batizados, e estão sob o governo, tanto temporal quanto espiritual, de um arcebispo, que não está em sujeição ao papa de Roma, mas a um patriarca que reside na cidade de Bagdá, por quem ele é nomeado. Ou às vezes ele é eleito pelo próprio povo, e sua escolha é confirmada.²⁷

Do mesmo lugar Nicolo de Conti, outro renomado viajante, escreveu por volta de 1440: “Esta ilha produz aloés socotrinos, tem um perímetro de novecentos e sessenta quilómetros, e é na maior parte habitado por crístãos nestorianos.”²⁸

Por volta do ano 774 chegaram reforços do Ocidente. Este evento evidentemente elevou a posição dos crístãos malabares aos olhos do rei reinante. Ele emitiu uma dessas cartas de estilo caligráfico “copperplate” (*parecido com o estilo inglês ‘roundhand’*), tão familiar na história da Índia, a Iravi Corttan, evidentemente o chefe da comunidade crístã. Isso o identificou como um soberano mercador do reino de Kerala, e evidentemente promoveu os crístãos consideravelmente acima do nível de seus vizinhos pagãos.²⁹

Cerca de cinquenta anos depois que o contingente de 774 tinha chegado, na providência de Deus mais reforços vieram. Era uma inundaçã de crístãos na Pérsia, que nessa época havia crescido numa grande proporção de sua população. Eles se recusaram a se estabelecer egoisticamente no meio da riqueza de sua pátria. Um contingente de homens excepcionais com suas

famílias partiu para Travancore. Embora o maometismo nessa época tivesse se tornado todo-poderoso no Irã, ainda não tinha feito notável progresso na maior parte da Índia. Conduzidos pela oração da fé, dois líderes proeminentes da Igreja do Oriente conduziram esta colônia cristã ao reino de Kerala.³⁰

A data desses recém-chegados era 822. Eles foram recebidos com honras, e um futuro status de poder e privilégios foi-lhes concedido numa carta régia de cinco “copperplates”.³¹ Em um reino da Índia que ainda era suficientemente forte para repelir invasores estrangeiros, vieram os novos recrutas cristãos. Os privilégios que lhes foram então concedidos nas cartas, politicamente ergueram a igreja nativa a uma posição de independência em suas vizinhanças pagãs; socialmente os colocou ao lado dos brâmanes; e espiritualmente deu-lhes liberdade na vida religiosa. Tudo isso revela a força da igreja na costa de Malabar no nono século.

Quanto ao seu status sete séculos depois, William W. Hunter escreve: “Os portugueses os encontraram firmemente organizados pelos seus líderes espirituais, bispos, arqui-diáconos e sacerdotes, que atuaram como seus representantes ao tratar com os príncipes indianos. Por muito tempo eles tiveram reis cristãos, e seus próprios chefes num período posterior.”³² Espalhando-se por toda a terra, possuíam uma organização simples e prática, além de forte. Cada comunidade que estava sob a direção de um supremo diretor espiritual se esforçou para manter uma faculdade de categoria avançada. Destas instituições de aprendizagem os graduados foram para os seminários teológicos acadêmicos na Assíria.

Os portugueses chegaram em 1500. Os jesuítas vieram logo depois. Tomou-se cuidado em queimar todos os registros dessas comunidades “heréticas”; de outra forma, mais detalhes de data e local poderiam ser dados.³³ No entanto, o suficiente tem vindo dos historiadores seculares e da igreja para dar uma imagem real de suas atividades. Há também as observações feitas pelos viajantes europeus e muçulmanos.³⁴ Marco Polo relatou que haviam seis grandes reis e reinos no coração da Índia, três dos quais eram cristãos, e os outros três maometanos. “O maior de todos os seis”, disse ele, “é um Cristão.”³⁵

A Igreja no Deserto da Índia continuou a crescer através do décimo terceiro, décimo quarto e décimo quinto séculos. Depois disso entrou em sua luta fatal com os jesuítas. Mingana apresenta o importante testemunho de Marignolli, que em suas *‘Lembranças de Viagem ao Oriente’*, fala de cristãos indianos como sendo os peritos das balanças romanas e os proprietários das especiarias do sul da Índia.³⁶ Nicolo de Conti, outro viajante na Índia no mesmo século, nos diz que os nestorianos “estavam espalhados por toda a Índia da mesma maneira que os judeus entre nós.”³⁷ Indicando o

cuidado com que viveram a vida, Conti relata ainda que embora estejam espalhados sobre a Índia, são as únicas exceções em termos de poligamia. Ele relata que conheceu um homem do norte da Índia, que lhe disse que havia um reino vinte dias de viagem distante de Catai (norte da China), onde o rei e todos os habitantes eram nestorianos, e que ele tinha vindo para Índia para descobrir a respeito desses mesmos cristãos. Conti observa que as igrejas dos cristãos neste reino que havia descrito eram maiores e mais poderosas do que as da Índia.³⁸

Ludovico di Varthema escreveu um livro muito interessante sobre seu itinerário no sul da Ásia no século quinze. Ele fala dos cristãos de São Tomé que conheceu na Costa do Malabar em 1505, e também descreve a renomada tumba de São Tomé, a uma curta distância de Madras na Costa de Coromandel.³⁹

Ele conta uma curiosa história dos mercadores dos cristãos de São Tomé os quais conheceu em Bengala, como segue:

Eles disseram que eram de uma cidade chamada Sarnau (no Siam) e tinham trazido para vender materiais de seda, madeira de aloés, resina de benjoim, e musk (*substância aromática*). Esses cristãos disseram que em seu país havia muitos senhores também cristãos, mas eles estão sujeitos ao grande Khan de Catai (China). Quanto ao vestido desses cristãos, vestiam-se com um colete feito com dobras, e as mangas eram acolchoadas com algodão. E em suas cabeças usavam um boné de um palmo e meio de comprimento, feito de pano vermelho. Esses mesmos homens são tão brancos quanto nós somos, e confessamos que eles são cristãos... Partimos daí com os esses cristãos, e fomos em direção a uma cidade que é chamada Pego (na Birmânia), distante de Banghella (Bengala) cerca de mil e seiscentos quilômetros. Em tal viagem passamos por um golfo (de Martaban) em direção ao sul, e assim chegamos à cidade de Pego.⁴⁰

Varthema era da fé papal, e reconheceu que a religião da região do Pego era diferente. Ele diz que o rei “tem com ele mais do que mil cristãos do país os quais foram mencionados acima, isto é, nestorianos de Sarnau.”⁴¹ Ele e seus companheiros de viagem fecharam um acordo com os cristãos para que eles fossem os guias enquanto visitavam as ilhas de Sumatra, Java, Bornéu e Molucas. É característica desta notável igreja missionária que seus membros não se contentaram em ter plantado as sementes de sua fé na Pérsia, Índia e China, mas também estenderam seus trabalhos ao Estreito de Malaca indo até Sumatra, Java, Bornéu e as Ilhas das Especiarias. Está escrito que o católico, Elijah V, em 1503 ordenou três arcebispos e enviou um para a Índia, um para a China e um para Java.

Estas igrejas mantiveram-se firmes através dos anos à simples fé que sem dúvida veio a eles do apóstolo Tomé. Tendo ganhado importantes vitórias

sobre o paganismo, deviam agora aguentar sua maior provação quando os jesuítas começaram a chegar no século XVI.

CAPÍTULO 20

A GRANDE LUTA NA ÍNDIA

Além de perseguir hereges, judeus, novos cristãos e todos os que eram acusados de judaizar (isto é, sujeitar-se às cerimônias da lei mosaica, como não comer carne de porco, assistir a cerimônia do sábado, participar do cordeiro pascal, e assim por diante), os Inquisidores Goaneses também voltaram a encher suas masmorras com pessoas acusadas de magia e feitiçaria.¹

Enquanto a Igreja do Oriente estava se expandindo na Índia e no Oriente, eventos no Ocidente estavam se apressando para a crise que causou a tristeza da idade das trevas. O conflito entre sistemas estabelecidos e a palavra de Deus havia sido precipitado. Em 1517, Lutero tomou sua posição pelas Sagradas Escrituras, e elas estavam sendo reintegradas em seu devido lugar. A Idade das Trevas estava passando.

Nessa época, formou-se uma nova ordem católica de monasticismo, chamada de Sociedade de Jesus, geralmente conhecida como os jesuítas. Foi manifestamente trazido à existência com a finalidade de recuperar, se possível, o que fora perdido, para reparar o que fora ferido, fortalecer e guardar o que restou e promover o renascimento do papado.² Antes da Espanha e Portugal terem sido alcançados pelo poder de reforma de um protestantismo recém-nascido, a ordem dos jesuítas tinha feito uma firme aliança com as monarquias daqueles países. Foi uma noite escura para os cristãos de São Tomé quando os jesuítas, apoiados pelas armas de Portugal, chegaram à Índia.

Coube a Portugal erigir um assombroso império no Oriente. É surpreendente quão pouco o público se lembra dessas sete áreas apreendidas pelos homens de guerra portugueses e completamente reivindicadas pela coroa como domínio imperial, um ato para o qual o papa deu sua sanção.³ Omitindo os assentamentos na costa oeste da África, este vasto domínio colonial pode ser dividido nas seguintes partes:

- (1) A costa leste da África com ilhas adjacentes;
- (2) As costas meridionais da Arábia e da Pérsia;
- (3) As costas do Baluchistão e noroeste da Índia;

- (4) A costa oeste da Índia, na qual estava localizada, como os portugueses a chamavam, a “cidade mais nobre de Goa”;
- (5) A costa leste da Índia;
- (6) A costa oeste do que é hoje a Birmânia e os estados malaios;
- (7) A costa de Cingapura em torno de Siam, Indo-China, e China, estendendo-se ao norte até a ilha de Macau.

Embora alguém possa admirar as explorações emocionantes dos cavaleiros portugueses que subjugarão esses reinos estrangeiros, sente-se obrigado a deplorar seu fanatismo e crueldade. Como J. D. D'Orsey diz: “Religião, ou melhor, fanatismo religioso, foi o princípio inspirador, o principal motivo de cada movimento de toda exploração heróica. Suas guerras foram antes cruzadas do que lutas patrióticas.”⁴

Um incidente ilustrando a crueldade que causou a queda dos invasores pode ser relatado. Na terceira expedição de Portugal (1502 d.C.), comandada por Vasco da Gama, uma frota de vinte navios partiu para Calecute. Na expedição anterior, o samorim (governante) do reino hindu de Calecute foi induzido por ricos mercadores árabes a lutar contra os portugueses, momento em que Gaspar Correa, um querido amigo de Vasco, foi assassinado. Os motivos de Vasco da Gama nesta nova expedição era punir os muçulmanos por esta morte, bem como por seus insultos ao catolicismo. Enquanto estava a caminho, ele encontrou uma embarcação no oceano cheia de peregrinos muçulmanos voltando de Meca. Os árabes, conhecendo a superioridade dos portugueses, ofereceram um grande resgate, que foi aceito. No entanto, foi dado o comando para disparar contra o barco. As pessoas desesperadas conseguiram extinguir as chamas, mas Vasco da Gama ordenou reabrir fogo. É relatado que as mães seguravam seus filhos em direção a Vasco da Gama, suplicando por misericórdia. A conflagração foi tão terrível que um escritor a comparou aos fogos do inferno.⁵ No entanto, os jesuítas foram frios para o horror do ato, alegando que era simplesmente um prelúdio para mais triunfos. *[Nota do Tradutor: Inácio de Loyola fundou a ordem dos jesuítas em 1534, a qual foi reconhecida por bula papal em 1540. Aqui, o autor está se referindo a uma atitude posterior dos jesuítas em relação a este episódio, como ficará evidente mais adiante.]*

Seguiu-se uma expedição após outra, até que a supremacia portuguesa fosse estabelecida. Como resultado de várias guerras, Goa, na larga desembocadura do rio Mandovi, foi capturada, fortemente fortificada e

transformada em capital do novo império. Pode-se visualizar mentalmente o amplo porto apinhado com embarcações do mundo, as brilhantes cavalgadas militares, a pompa do estado, o ir e vir dos embaixadores das nações, os grandes armazéns cheios de mercadoria para ser trocada entre o Ocidente e o Oriente, e as magníficas propriedades da nobreza latina. Provavelmente o mais fascinante de todos os espetáculos desses dias brilhantes eram as procissões e funções eclesiásticas da igreja. Em Goa ainda podemos contemplar a esplêndida catedral onde o sino era tocado quando as vítimas eram levadas à execução. Tal era o esplendor, poder, e riqueza de Goa. Quando alguém visita Goa hoje, descobre que o território português reduziu-se a uma pequena parte do país na costa centro-oeste, tão desolada que é apenas uma pálida sombra de sua antiga grandeza. No entanto, muitos vestígios ainda permanecem da antiga grandeza e fama de Goa.

Como os jesuítas já estavam no controle da Espanha e Portugal, eles acompanharam os conquistadores principalmente com a finalidade de converter os cristãos de São Tomé.⁶ Foi a infeliz sina da Índia experimentar o peso esmagador desses monges arrogantes. Esses homens eram habilidosos na traição disfarçada e treinados durante anos na arte do debate rápido em que poderiam prender um adversário pelo uso astuto de termos ambíguos; conseqüentemente, os simples e confiantes cristãos de São Tomé não eram adversários para eles. Os jesuítas propunham dominar todas as escolas e faculdades. Isto eles procuraram realizar em escolas não-católicas, ocupando os púlpitos e posições de professores titulares, não como jesuítas, mas como professos adeptos das igrejas protestantes a que estas escolas pertenciam. Como um exemplo de seu sucesso em 1582, apenas quarenta e oito anos após a ordem ser fundada, eles controlavam duzentas e oitenta e sete faculdades e universidades na Europa, algumas das quais eram de sua própria instituição.

Era seu calculado objetivo obter o ingresso, sob o disfarce de amizade, nos serviços do Estado e elevarem-se como consultores para os mais altos postos, onde poderiam influenciar assuntos de modo a trazê-los para a órbita de Roma. Eles eram mais do que mestres nas maneiras de engano. Eram peritos na política de provocar secretamente uma calamidade pública, e, ao mesmo tempo, providenciar a libertação dos últimos horrores dessa calamidade; assim eles receberiam o crédito pela libertação da extrema calamidade, enquanto outros seriam culpados por sua causa.

OS JESUÍTAS CAPTURAM O CONCÍLIO DE TRENTO

Esta Sociedade de Jesus propôs sujeitar as Sagradas Escrituras e, em seu lugar substituir as interpretações da Bíblia pelos escritores eclesiásticos dos primeiros séculos que eles chamavam de “pais”. Todos os erros e fantasias dos alegorizadores que confundiram e escureceram os três primeiros séculos foram selecionados. O primeiro grande concílio papal que se reuniu depois da Reforma, o Concílio de Trento (1545-1563 d.C.), foi dominado pelos jesuítas. Esta assembleia estabeleceu a lei, e nenhuma autoridade papal ousou desde então contestar isto.

Ao reunir este concílio da igreja, o Imperador Carlos V deu ordem para que somente os abusos na igreja, não a doutrina, devessem ser considerados. Ele estava furioso ao ver seu reino dividido entre duas igrejas que se contendiam, e pouco lhe importava qual credo prevaleceria. Ele só desejava uma assembleia geral para sanar a situação. O imperador queria que luteranos e católicos sentassem juntos num concílio geral, e ingenuamente acreditou que a Europa novamente estaria unida.

A influência dos jesuítas foi vista imediatamente quando o papa ignorou o comando imperial para avisar os reformadores. Semanas se passaram e finalmente o concílio se organizou e aceitou o seguinte como seus quatro primeiros decretos:

- (1) A Vulgata era a verdadeira Bíblia e não o Texto Recebido que os reformadores seguiram e que tinha sido a Bíblia da Igreja Grega, da Igreja do Oriente e das verdadeiras igrejas do Ocidente através dos séculos;
- (2) A tradição era de mesma autoridade que as Sagradas Escrituras;
- (3) Os cinco livros controvertidos encontrados na Bíblia Católica, mas rejeitados por eruditos protestantes, foram declarados canônicos;
- (4) Somente os sacerdotes, e não os leigos, eram capazes de interpretar corretamente as Escrituras.⁷

Quando o imperador soube que os protestantes não tinham sido chamados para o concílio, ele ficou furioso. Pronunciando severas ameaças, ele exigiu que seu plano original fosse executado. Embora o papa relutantemente e com muito atraso obedecesse, os decretos já irrevogavelmente aprovados comprometeram a situação. Os luteranos se recusaram a aceitar as notificações insultuosas. Enquanto isso, o papa havia morrido e seu sucessor defendia as políticas dos jesuítas. As deliberações prosseguiram como haviam começado. Decreto após decreto foi proclamado; doutrina após doutrina foi estabelecida. Repetidamente o

imperador foi enganado até que expressou severamente sua raiva ao pontífice romano pelas manobras enganosas.

Como deviam os prelados da igreja defender estas doutrinas que não tinham autoridade Bíblica?

Horas, semanas e meses; sim, muitas sessões passaram com esta ansiosa pergunta em seus corações. Então, numa manhã, 18 de janeiro de 1562, o arcebispo de Reggio saiu correndo de sua sala e apareceu diante de seus confrades para proclamar que tinha a resposta. Os protestantes, ele imediatamente raciocinou, nunca poderiam defender a santidade do domingo.⁸ Se continuassem a propor como sua autoridade “a Bíblia e a Bíblia somente”, estaria claro que não tinham mandamento bíblico para o primeiro dia da semana. De acordo com Pallavicini, defensor papal do concílio, o arcebispo disse: “É então evidente que a igreja tem poder para mudar os mandamentos”, porque somente pelo seu poder e não pela pregação de Jesus havia transferido o Sábado judaico do sábado para o domingo.⁹ A tradição, concluíram, não era coisa do passado, mas inspiração contínua. Ninguém poderia continuar a lutar contra a aceitação da tradição quando a única autoridade para a santidade do domingo na igreja era a tradição. Esta descoberta estimulou o concílio a ir adiante com o seu trabalho.

Todas as doutrinas contra as quais os reformadores protestaram foram assim novamente formuladas e fortalecidas por Roma. Todos os ritos e práticas que a Igreja no Deserto tinha lutado para escapar foram incorporados mais fortemente do que nunca na tradição papal nas vinte e cinco sessões do concílio entre 1545 e 1563.

Desde então, o Papado deveria ter apenas uma missão no mundo, a saber, ordenar às nações e homens em todos os lugares que se submetessem ao Concílio de Trento. O novo slogan agora inventado, que devia ressoar por toda a terra, era: “O Concílio de Trento, o Concílio de Trento, o Concílio de Trento”. Quão desditosamente a Índia foi obrigada a tremer e a curvar-se sob este clamor!

Com os jesuítas, a Inquisição chegou à Índia. “Uma forma ainda mais determinada de compulsão foi a Inquisição estabelecida em Goa, no ano 1560, que logo se fez sentir pelas suas terríveis e misteriosas punições.”¹⁰ Esta foi uma máquina de tormento europeu, não asiática, imposta aos cristãos de São Tomé na Índia. Nela podia ser encontrada tortura por cansaço, por água, por estiramento do corpo na cremalheira, e por fogueira na estaca.

A punição suprema, certamente, era ser queimado na fogueira. Se o desafortunado crente no cristianismo do Novo Testamento se recusasse a renunciar a sua simples fé e aceitar todas as inovações, ritos e mistérios da

Igreja Católica Romana, chegaria o dia em que, com um vestido preto e um capuz na cabeça, ele seria levado para a praça pública para fazer o sacrifício supremo. Chegando ao seu Gólgota, aqueles condenados às chamas seriam acorrentados a uma alta estaca muitos metros acima das pilhas de feixes. Então dois jesuítas iriam pronunciar em tom de lamento uma exortação para se arrependem. Quando finalmente, o aceno do inquisidor era dado, tochas acesas em longas varas eram arremessadas no rosto dos mártires agonizantes; e isso continuava até que seus rostos fossem reduzidos às cinzas. As chamas eram então colocadas abaixo; e à medida que o fogo rugindo subia cada vez mais, consumia os sofrendores que morriam por sua fé.

Por volta do ano 1674, o Dr. Charles Gabriel Dellon, um médico francês, viajava na Índia. De repente, ele foi preso e colocado na prisão da Inquisição em Goa sob a acusação de que não honrou certas doutrinas papais e que havia falado com desdém da Inquisição. A verdadeira razão, ele suspeitou, era que tinha sido sociável com uma jovem a quem o governador português vinha prestando atenção, embora o viajante não tivesse sérias intenções.¹¹ Ele estava confinado em uma masmorra de dez pés quadrados (~0,93 metros quadrados), onde permaneceu quase dois anos sem ver qualquer pessoa, exceto aquele que lhe trazia as refeições e aqueles que o levaram a julgamento. Quando apresentado perante o tribunal, foi obrigado a andar descalço com outros prisioneiros sobre as pedras afiadas das ruas; isso feriu seus pés e fez com que o sangue fluísse. Ele diz que sua alegria era inexprimível quando ouviu dizer que não deveria ser queimado, mas deveria ser condenado a trabalhar como escravo na galera por cinco anos.¹²

Em seu livro sobre essas experiências na Inquisição, o Dr. Dellon revelou ao mundo os horrores do lugar. Ele afirma que os prédios tinham dois andares e continham cerca de duzentas câmaras; nelas o mau cheiro era tão excessivo que quando a noite se aproximava, ele não se atrevia a deitar-se por medo dos enxames de vermes e da sujeira que infestava em todos os lugares.¹³ Repetidamente ouvia os gritos de seus companheiros de prisão que se contorciam em tortura. Ele não sofreu essa forma de aflição; mas tendo passado por muitos exames prolongados, tentou o suicídio em várias ocasiões. Ele foi enviado para cumprir sua pena num navio, mas em viagem encontrou um amigo de influência que conseguiu obter uma substituição de sua condenação.

Relatando a queima na fogueira infligida a muitos dos cristãos de São Tomé, as seguintes declarações são da narrativa do Dr. Dellon, reproduzidas por George M. Rae:

Mas talvez os atos mais sombrios dessa assembleia profana ainda devam ser relatados. Os caixões daqueles condenados à fogueira deviam ainda ser eliminados e foram, portanto, requisitados para serem trazidos separadamente.

Estavam um homem e uma mulher, e as imagens de quatro homens mortos, com os baús em que seus ossos foram depositados... Duas das quatro estátuas também representavam pessoas condenadas por magia, que se diz terem *Judaizado*. Um desses morreu na prisão do Santo Ofício; o outro expirou em sua própria casa, e seu corpo tinha sido há muito tempo sepultado no próprio cemitério familiar, mas, tendo sido acusado de judaísmo depois de sua morte, como havia deixado considerável riqueza, seu túmulo foi aberto, e seus restos desenterrados para serem queimados no auto-de-fé... Podemos muito bem ocultar o espetáculo esfumaçado nos bancos do rio que parece ter atraído o vice-rei de Goa e sua comitiva sem coração.¹⁴

O quanto a ira dos jesuítas foi dirigida contra os cristãos de São Tomé porque eles observavam o sábado, o sétimo dia da semana, como o sábado judaico pode ser visto nesta outra citação de Rae: “Nas partes remotas da diocese, tanto para o sul, como para o norte, os cristãos que habitam nas charnecas (*terras áridas e não cultiváveis*) são culpados de trabalhar e negociar aos domingos e dias sagrados, especialmente à noite.”¹⁵

Os jesuítas procederam agora metodicamente para eliminar os cristãos de São Tomé. Eles dependiam de suas armas habituais:

- (1) A fundação de um colégio jesuíta no qual os jovens ganhos das comunidades assírias, ou dos cristãos de São Tomé, eram treinados como clérigos papais na língua síria;
- (2) O poder de selecionar os líderes assírios;
- (3) A convocação de um sínodo no qual se certificavam de antemão que poderiam dominar.

O colégio jesuíta fundado em Vaipicotta perto de Cochin introduziu a língua síria. Ele permitiu que os jovens dos cristãos de São Tomé usassem a vestimenta Síria. Esses jovens foram doutrinados nas crenças tradicionais e práticas do papado. Mas quando os professores terminaram a formação de uma quantidade de jovens cristãos sírios, esses jovens descobriram que, ao irem para o seu povo, a igreja assíria não os reconheceria como clérigos. Esta igreja também se recusou a permitir que os sacerdotes portugueses entrassem em seus locais de culto.

Após terem falhado neste empreendimento escolar, os jesuítas se moveram para os chefes da Igreja. Eles escolheram, um após o outro, os líderes, Mar José, Mar Abraão e Mar Simeão. Não tendo bispos no uso aceito do termo, a Igreja do Oriente chamou seus diretores provinciais pelo título, “mar”, que significa “senhor espiritual”, enquanto o título “católico”, ou “patriarca”, foi dado ao chefe supremo, o pai dos pais em Bagdá

(anteriormente em Seleucia). Os jesuítas cercaram os líderes na Índia com espiões. Eles os ameaçaram com os terrores da Inquisição em Goa.

Durante este tempo chegou a Goa um prelado papal, Alexis de Menezes, o agente de Roma que conseguiu esmagar a Igreja Assíria. Ele foi homem de persistência invencível e astúcia consumada. O Vaticano o havia promovido a arcebispo de Goa e mandou-o pôr um fim às heresias dos cristãos de São Tomé. Com a morte de Mar Abraão, Menezes voltou-se com toda a sua fúria ao arqui-diácono George, a quem Abraão havia designado atuar até a chegada de Bagdá de um novo chefe da Igreja.

Menezes imediatamente empreendeu a jornada difícil e incomum de aproximadamente 640 quilômetros de Goa para a Costa do Malabar. O arqui-diácono George foi pressionado a concordar com as doutrinas de Roma. Ele recusou, dizendo que os cristãos de São Tomé sempre tinham sido, e sempre seriam, independentes de Roma. Dos resultados imediatos, D'Orsey escreve o seguinte:

A agitação popular estava agora no auge. Os pobres montanheses, que a princípio acolheram seus companheiros cristãos romanos calorosamente, estavam completamente acesos contra seus opressores. Consideraram os portugueses como os inimigos implacáveis de sua antiga fé, e como perseguidores bárbaros de seus amados bispos e sacerdotes. Portanto, pegaram em armas, expulsaram os Jesuítas de seu país, e em dois casos, mal foram contidos de matá-los.¹⁶

Mas o pior ainda estava por vir. Quando o arcebispo chegou a Cochim, em janeiro de 1599, foi recebido com uma ruidosa recepção. Ele tinha anteriormente feito uma aliança com o rajá hindu, em cujo território os cristãos de São Tomé moravam, porque ele tinha usado frotas portuguesas para acabar com um abrigo de piratas. “A maior preparação foi feita para sua recepção, escadas ricamente acarpetadas tinham sido exclusivamente construídas; o governador e uma radiante equipe estavam no local da chegada, e o príncipe da igreja desembarcou em meio ao acenar de bandeiras, o ressoar da música marcial, os gritos do povo e o trovão da artilharia”.¹⁷

Tendo logo acabado com os assuntos militares e políticos, o arcebispo católico romano voltou sua atenção para o principal projeto de sua vida. Ele mandou chamar o perplexo e aterrorizado arqui-diácono George. Este último decidiu jogar um jogo duplo. Ele raciocinou que, se pudesse apenas ganhar tempo até que o arcebispo Menezes retornasse a Goa, o tempo poderia ficar a seu favor. Ele e sua escolta armada foram para Cochim para saudar o poderoso eclesiástico. Eles beijaram sua mão e lhe deram permissão para pregar e celebrar a missa nas igrejas sírias. Mas quando o arcebispo soube

que o patriarca da Babilônia era mencionado nas orações dos cristãos de São Tomé como o pastor universal da igreja, sua ira não conheceu limites. Ele convocou os professores, alunos, arqui-diáconos e clero para comparecer diante dele, afirmando com raiva que somente o papa era supremo e que os católicos assírios eram hereges. Ele escreveu um documento excomungando qualquer pessoa que, no futuro, orasse pelos patriarcas de Babilônia ou Bagdá. “Assine”, ele ordenou ao arqui-diácono. As galeras de guerra dos portugueses estavam no porto. Com Menezes estavam unidos o poder militar e a autoridade da igreja. Para o escândalo do cristianismo, ele forçou o pastor evangélico a entregar os direitos do seu povo. Vacilando diante do arcebispo jesuíta, o arqui-diácono George assinou.

Tendo derrubado a cabeça do sistema, o prelado papal agora prosseguiu para fazer com que um grande número de líderes cristãos de São Tomé cedesse por escrito o restante de sua herança de mil e quinhentos anos de existência. Tendo obtido permissão para visitar os fiéis sírios, desde que não ensinasse doutrina papal, o arcebispo quebrou sua promessa. Ele abertamente pregou contra as crenças e práticas da Igreja Malabar. Ele até ordenou jovens ao ministério que prometeram renunciar ao patriarca da Babilônia e reconhecer o papa. Esses jovens abandonaram os ensinamentos distintivos da Igreja do Oriente em favor das doutrinas e ritos papais. Ele continuou a fazer isso até ter certeza de suficientes votos no sínodo que se aproximava. O arqui-diácono apelou para o rajá por proteção; mas Menezes fez com que, por ameaças e favores, todos os rajás fossem contidos. Mais um ato, e daria o golpe final.

Ele ordenou que o arqui-diácono George se submetesse ao papa e ratificasse os decretos papais autorizando a convocação de um sínodo. O arqui-diácono hesitou. Então Menezes trouxe a arma mais terrível de todas que tinha guardado em reserva. Ele ameaçou o atormentado líder das pessoas indefesas com excomunhão e a Inquisição em Goa. Visões da força, da cremalheira, e da fogueira surgiram diante do oficial solitário. Vencido pelo terror, ele assinou os dez artigos colocados à sua frente, que abriram o caminho para o Sínodo de Diamper.

O DESASTROSO SÍNODO DE DAMPER

A manhã de 20 de junho de 1599 foi o dia em que uma grande igreja abandonou sua independência. Onze dias antes, o arcebispo Menezes chegou com seus partidários e certos líderes subservientes da Igreja assíria a fim de dar os toques finais aos decretos que ele propôs que o sínodo deveria aprovar. Ele planejou para que esta assembleia preservasse toda a aparência de uma delegação deliberativa, enquanto que na realidade era um corpo em sujeição.

Foi decidido realizar o sínodo na igreja de Todos os Santos em Diamper, uma comunidade que fica cerca de 14 quilômetros a leste de Cochin. As multidões começaram a se reunir cedo. Os oficiais da administração do governo em Cochin, com uma grande equipe de oficiais ricamente vestidos em seda, veludo e rendas, combinados em cores deslumbrantes com partes de metal polido e capacetes emplumados, chegaram na noite anterior.¹⁸

A igreja papal estava representada pelo reitor, pastor e coro. Junto com eles vieram o concílio da cidade acompanhado de comerciantes e capitães de navios. De fato, todos dentro da distância da viagem abandonaram suas ocupações para estar presente no dia de abertura. O arqui-diácono George, como líder dos cristãos de São Tomé, veio vestindo vestes esplêndidas de seda vermelha escura, uma grande cruz dourada pendurada no pescoço e a barba alcançando abaixo de seu cinto. Cento e cinquenta e três dos seus clérigos acompanharam-no, vestidos com suas longas vestes brancas e usando seus peculiares chapéis de seda vermelha. Havia seiscentos delegados de várias igrejas malabares, além de numerosos diáconos, que aumentaram o corpo de representantes sírios para quase mil homens.

Menezes fez um discurso de abertura no qual agradeceu a Deus pela grande assembleia que aglomerava a pequena catedral. Seu próximo ato foi celebrar uma missa solene usando a forma designada pela Igreja Católica Romana para a remoção do cisma. Ele ignorou completamente as reivindicações do arqui-diácono sírio em qualquer parte do serviço religioso. Então ele subiu ao púlpito para expor vigorosamente as reivindicações do pontífice romano à obediência, porque ele, como o vigário de Cristo na terra, tinha sido ordenado para assegurar-se de que nenhum sucessor sírio devesse ser autorizado a desembarcar na Índia após o morte do Mar Abraão. Após esse discurso, ele trouxe à frente os decretos de Roma e exigiu que os delegados passassem e os assinassem.

O primeiro decreto tocando as diferenças entre as duas igrejas foi como o primeiro decreto do Concílio de Trento, e foi dirigido contra a Bíblia protestante. Este decreto estabelecia a Vulgata Latina como a Bíblia a ser seguida em vez da Bíblia Síria. Outros decretos foram apresentados, que visavam o reconhecimento dos sete sacramentos romanos, enquanto os sírios tinham reconhecido apenas três; eles exigiam que a comunhão devesse ser celebrada de acordo com o rito papal, e que os sírios deveriam reconhecer na eucaristia, ou Ceia do Senhor, a alegação de transubstanciação. Então seguiram os decretos para trazer a igreja síria em consonância com as doutrinas papais da penitência, confissão auricular, extrema unção, adoração de imagens, reverência por relíquias, purgatório, eterna punição, a adoração

dos santos, a doutrina da indulgência, supremacia papal e, acima de tudo, a adoração da Virgem Maria. Todos os que ensinassem qualquer coisa contrário ao Concílio de Trento deveriam ser amaldiçoados. Nove decretos foram passados com respeito à eucaristia e quinze com relação à missa, todos apontando para a extirpação das práticas sírias e da introdução da doutrina e ritual romanos sem a menor concessão.¹⁹

Além de eliminar a Bíblia Síria, foi exigido que todos os livros sírios fossem entregues, alterados ou destruídos; que todo vestígio relacionado com o patriarca da Babilônia ou com as doutrinas dos cristãos de São Tomé deveriam ser condenados; e que todos os cristãos de São Tomé deveriam ser submetidos à Inquisição em Goa. Quarenta e um decretos foram aprovados com referência a jejuns e festivais, organização e ordem nos negócios da igreja. Ao todo foram nove sessões com duração de uma semana, promulgando duzentos e sessenta e sete decretos.

A submissão exigida do arqui-diácono e seu clero associado é apresentada nas seguintes palavras do ilustre Geddes que dá uma breve tradução das ações do sínodo, transmitidas por um escriturário reconhecido como oficial pelas autoridades portuguesas:

O mais venerado metropolitano (*arcebispo*) depois de ter feito esta solene declaração e confissão de fé, levantou-se e sentou-se em sua cadeira, com sua mitra na cabeça, e o sagrado Evangelho, com uma cruz sobre ele em suas mãos; o reverendo George, arqui-diácono do dito bispado da Serra, ajoelhado diante dele, fez a mesma profissão de fé, com uma voz alta e inteligível, na língua malabar, fazendo um juramento nas mãos do senhor metropolitano, e depois dele todos os sacerdotes, diáconos, subdiáconos, e outros eclesiásticos que estavam presentes, estando de joelhos, Jacó, pároco auxiliar de Pallany, e intérprete do sínodo, leu a dita profissão em malabar, todos dizendo junto com ele; a qual sendo terminada, todos fizeram o juramento nas mãos do senhor metropolitano, que lhes perguntou um por um em particular, se acreditavam firmemente em tudo o que estava contido na profissão.²⁰

Três das exigências aprovadas por esta assembleia opressora destacam-se acima de todas as outras por sua crueldade. Primeiro, havia o decreto exigindo o celibato do clero. Se o sínodo tivesse aprovado este regulamento como em vigor a partir de então, teria sido uma revolução bastante grande; mas o decreto era retroativo. Todos os sacerdotes sírios deviam imediatamente despedir suas esposas. Desde que tinha sido a prática dos cristãos de São Tomé permitir que a esposa do sacerdote recebesse uma pequena contribuição financeira das receitas da igreja, esta também foi cortada, deixando a pobre mulher e seus filhos sem sustento.

Outra das regras cruéis era separar para serem queimados na fogueira aqueles cristãos que a Igreja Católica Romana resolvesse chamar de apóstata.²¹ Como já foi dito antes, os cristãos que eles designaram como apóstatas eram geralmente chamados de judaizantes, ou aqueles que observavam o sétimo dia como o sábado judaico. O Decreto 15 da Ação VIII, conforme registrado por Geddes, diz: “O Sínodo ordena a todos os seus membros sob pena de pecado mortal, a não comer carne aos sábados.”²² O Decreto 16, que não será traduzido literalmente, exige que todos os dias de festa e jejum devam começar e cessar à meia-noite, porque a prática de começar e terminar o dia ao pôr-do-sol é judaica.²³ Este decreto está em oposição direta às Escrituras que ordenam que o dia comece ao pôr do sol.

O esforço do papado para desonrar o sábado transformando-o num dia de jejum é atestado por muitos autores. O historiador Neander afirmou que a oposição inicial à honra do sábado do sétimo dia pelos cristãos levou à observância específica do domingo em seu lugar.²⁴ O bispo Vitorino, por volta de 290, revela o verdadeiro motivo do Papado na introdução do jejum do sábado como segue: “Que a véspera do sábado judaico (*parasceve*) se torne em jejum rigoroso, para não darmos a impressão de que observamos o sábado com os judeus.”²⁵ Neandro também escreveu: “Enquanto no Ocidente, e especialmente na Igreja Romana, onde a oposição contra o judaísmo predominou, o costume, por outro lado, de observar o sábado também como um dia de jejum cresceu desta oposição.”²⁶ O arcebispo Menezes, portanto, em harmonia com a usual prática do cristianismo imperial impôs o decreto que tornou o sábado um dia de jejum através do Sínodo de Diamper. Isso colocou aqueles cristãos de São Tomé que no futuro observariam o sábado como um dia de celebração, na categoria de cristãos apóstatas, e destinou-os para a estaca em Goa. Thomas Yeates, que viajou muito pelo Oriente, escrevendo dos cristãos de São Tomé e outros cristãos do Oriente, disse que o sábado “entre eles é um dia de comemoração religiosa de acordo com a antiga prática da Igreja”.²⁷

Samuel Purchas, ao mencionar as doutrinas da Igreja síria, disse que eles acreditavam que “o Espírito Santo procede somente do Pai; que celebram o Culto Divino solenemente no sábado, como no Dia do Senhor; que guardam aquele dia comemorativo, comendo carne e jejuando não em todo sábado do ano, mas na véspera da Páscoa, ... que não reconhecem purgatório.”²⁸

Em um capítulo anterior, observou-se como o papado estigmatizou como arianos aqueles que discordaram dele de modo geral, e em particular como estigmatizou de judaizantes aqueles que estavam convictos de que “o sábado” do quarto mandamento era o sétimo dia. Existem escritos de escritores não regulares, gnósticos ou semi-gnósticos, dos primeiros três

séculos que tentaram provar que Deus havia abolido os Dez Mandamentos e que todo o necessário para guiar a consciência era a orientação do Espírito Santo. Estes que não consideravam a lei estavam fortemente apoiados no cristianismo eclesiástico. O papa Gregório I, em 602, emitiu sua famosa bula em que ele estigmatizou os cristãos que conscientemente acreditavam ser o sétimo dia o santo sábado do quarto mandamento como judaizantes e anticristo.²⁹ Conseqüentemente, através dos séculos, o papado não deu lugar nenhum para os cristãos sinceros que estavam convencidos de que o sétimo dia do semana ainda estava em vigência para os seguidores de Cristo.

Como prova de que os cristãos de São Tomé se submeteram a este injusto e injurioso opróbrio de judaizantes porque solenizaram o sábado, a atenção do leitor é chamada para a citação no cabeçalho deste capítulo. Além disso, como testemunho adicional de que outras comunidades cristãs na Índia também santificavam o sábado, há a fonte autorizada de historiadores confiáveis de que os armênios guardavam o sábado como o sábado judaico: “Os armênios no Hindustão (*subcontinente indiano*)... preservaram a Bíblia em sua pureza, e suas doutrinas são, até onde o autor sabe, as doutrinas da Bíblia. Além disso, eles mantêm a solene observância do culto cristão, em toda o nosso império, no sétimo dia.”³⁰

Outro ato do Sínodo de Diamper que os historiadores consideram imperdoável foi o decreto para destruir, ou alterar além do reconhecimento, todos os escritos dos cristãos de São Tomé. Tendo esmagado os valores teológicos distintos desta igreja, a assembleia procurou obliterar todos os laços culturais que a ligavam ao passado. Manuais de atividades da igreja foram rasgadas em pedaços, registros de distritos e documentos relacionando múltiplos contatos desse maravilhoso povo foram queimados. Que riqueza de literatura evangélica foi arruinada em um momento!

Quem pode dizer quanto da literatura destruída voltava mesmo aos dias apostólicos, e teria lançado grande luz sobre o trabalho do apóstolo Tomé e sobre os primeiros anos da Igreja do Oriente? Muitos problemas difíceis que enfrentam zelosos esforços missionários hoje no Extremo Oriente poderiam ter encontrado solução nesta literatura tão desenfreadamente obliterada. Foi notado antes que certos célebres escritores da Igreja Assíria na Pérsia e em outras partes do Oriente não apenas traduziram suas próprias publicações para serem enviadas aos irmãos na Índia, mas também traduziram publicações de outros autores de grande valor e os levaram para a Costa do Malabar. Poder-se-ia esperar que os maometanos queimassem ou destruíssem a literatura cristã quando devastaram a Ásia central e regiões mais distantes, mas quem poderia esperar este atentado a tal tesouro inestimável por uma igreja que se chama Cristã?

A FROTA JESUÍTA DESTRUÍDA PELOS INGLESES

Enquanto os jesuítas estavam destruindo a Igreja do Oriente na Índia, eventos estavam se encaminhando para uma revolução mundial na Europa. Em 1582, os jesuítas lançaram sua nova tradução da Vulgata Latina em Inglês, a fim de neutralizar os poderosos efeitos da Bíblia que marcou época, a Tyndale, traduzida para o inglês em 1525 do Texto Recebido em grego. O Novo Testamento jesuíta de 1582 em inglês declara em seu prefácio sua oposição ao Novo Testamento Valdense.

A Espanha dispôs todo o poder e riqueza que tinha ganhado de suas posses no Novo Mundo para enviar a maior marinha de guerra que o homem jamais tinha visto. Ela acabara de conquistar Portugal, possuindo através desta conquista as marinhas dos dois países. Uma frota de cerca de 130 navios espanhóis, grandes e pequenos, alguns armados com cinquenta canhões, navegaram pelo Canal da Mancha até conseguir pela força a ruína do protestantismo inglês.

John Richard Green dá esta informação sobre a Armada Espanhola:

Dentro da própria Armada, no entanto, toda a esperança se foi. Amontoando-se pelo vento e pelo mortífero fogo inglês, suas velas rasgadas, seus mastros destruídos, os galeões lotados se tornaram meros matadouros. Quatro mil homens haviam caído e corajosamente como os marinheiros lutam, estavam encolhidos pela terrível carnificina. O próprio Medina estava em desespero. “Estamos perdidos, Senhor Oquenda”, gritou para seu capitão mais corajoso: “o que devemos fazer?” “Que outros digam que estão perdidos” respondeu Oquenda, “Sua Excelência só tem que pedir mais munição”. Mas Oquenda ficou sozinho, e um conselho de guerra decidiu a retirada para a Espanha.³¹

A GLORIOSA REVOLTA DOS CRISTÃOS DE SÃO TOMÉ

A vitória dos ingleses sobre a Espanha abriu o caminho para a derrota dos jesuítas na Costa do Malabar. Passaram-se vários anos antes que os efeitos da conquista sobre a Armada Espanhola chegassem ao Oriente. Um raio de luz foi visto pelos sofrendores cristãos de São Tomé. Geceram sob o que eles chamavam de seu cativeiro babilônico. Detestavam a adoração de imagens, a adoração de relíquias, procissões, incenso, confissão, e todas as cerimônias que seus pais não conheciam. Ansiavam pelas correntes cristalinas das Escrituras. Ansiavam pela literatura que a igreja tinha promovido desde os dias dos apóstolos. Enquanto meditavam sobre a “cidade que tem fundamentos, cujo arquiteto e construtor é Deus”, seu espírito ardia dentro deles.

Então ocorreu um evento que causou uma revolução entre as pessoas. As sucessivas vitórias dos holandeses e ingleses sobre os exércitos papais na

Índia abriram o caminho para o patriarca da Babilônia ordenar e enviar um novo chefe para a igreja na Índia, Ahatallah. Ele foi preso quando desembarcou em Meliapor perto de Madras, enviado para Goa, e queimado na estaca. Imediatamente um grito de horror percorreu as igrejas do Malabar. Na convocação de protesto, eles vieram das cidades e vilas. Diante de uma enorme cruz num lugar perto de Cochim eles se reuniram aos milhares para tomar sua posição contra o papado. Como nem todos foram capazes de tocar o símbolo sagrado, longas cordas foram estendidas a partir dele nas quais agarraram firmemente enquanto fizeram o juramento de renunciar a sua lealdade a Roma. Isso aconteceu em 1653, e o incidente é conhecido como o Juramento da Cruz de Coonan.

Quando os líderes papais viram cerca de 400.000 cristãos que sua igreja perdera, imediatamente despacharam monges para misturarem-se entre eles e, se possível, remediar o desastre. “O resultado”, diz Adeney, “foi uma divisão da Igreja Síria, um partido que aderiu à igreja papal como Romo-Sírios, enquanto as mentes mais ousadas voltaram aos costumes sírios. Estima-se que o primeiro, conhecido como Puthencoor, ou a nova comunidade, agora com cerca de 110.000, enquanto o último, o Palayacoor, ou velha comunidade, chegam a cerca de 330.000”.³²

Divisões ao longo destas linhas ainda existem lá, e um grande campo se apresenta para a evangelização por aqueles que dão à Bíblia o primeiro lugar no avanço do reino dos céus.

CAPÍTULO 21

ADÃO E A IGREJA NA CHINA

O retorno do cativo, que Ciro autorizou quase imediatamente após a captura da Babilônia, é o ponto de partida de onde podemos traçar um gradual esclarecimento do mundo pagão pela disseminação de crenças e práticas judaicas.¹

O nome de Adão se destaca como um líder incomum cuja história está conectada com a Igreja do Oriente na China. Quando ele era diretor da Igreja Assíria na China, um memorial em mármore foi erigido naquela terra em 781 para o louvor de Deus e para o glorioso sucesso da igreja apostólica. Desde que foi encontrado numa escavação em 1625, permaneceu como um dos os monumentos mais famosos da história. Os eventos que levaram ao seu erguimento e da história contada por sua inscrição revelam os primeiros esforços missionários que levaram o evangelho ao Extremo Oriente.

Quando o Espírito de Deus tocou o coração de Adão, o diretor da Igreja Assíria na China, e seus companheiros para dar este revelador testemunho, o cristianismo do Novo Testamento já estava bem vivo e atuante lá. O fato desses missionários possuírem liberdade para colocarem este notável memorial no coração do império, quando na Europa, o pai de Carlos Magno estava destruindo a Igreja Celta, mostra uma excepcional liberdade religiosa no Oriente. Além disso, isto revela que a Igreja do Oriente era grande e bastante influente para executar um projeto tão impressionante.

Para indicar quão grande estadista foi Adão e quão forte ele era em 781 nos círculos de influência nos impérios chineses, japoneses e árabes, permita os seguintes fatos testemunharem: Ele era um amigo do imperador chinês que ordenou a construção do famoso monumento de pedra; do duque Kuo-Tzu, poderoso general e secretário de Estado, que derrotou o perigoso ataque tibetano; do Dr. Issu, clérigo assírio, dotado de honras de estado pelo seu brilhante trabalho; de Kobo Daishi, maior inteligência em história japonesa; de Prajna, renomado líder budista e professor de chinês de Kobo Daishi; de Lu Yen, célebre fundador da poderosa seita religiosa chinesa conhecida como a Pílula da Imortalidade; do tribunal da Arábia, onde Harun-al-Rashid, o mais poderoso dos imperadores da Arábia, tinha acabado de garantir os serviços de um eminente educador da igreja assíria para supervisionar o trabalho do novo sistema escolar imperial de Harun.²

Em 1625 este notável monumento foi descoberto dentro ou perto da cidade de Changan, muito conhecida como Sian ou Sian-fu, mas agora recentemente chamada novamente por seu antigo nome, Changan (*seu nome hoje é Xian*). Foi a cidade mais cosmopolita entre todas as nações quando o memorial foi erguido. Está localizada a cerca de dois mil e quatrocentos quilômetros do litoral. A Dinastia imperial Tang (618-907 d.C.) estava no trono. É comumente reconhecido entre historiadores que o período dos imperadores Tang foi a mais brilhante, liberal e progressista era de todas as dinastias chinesas. Changan já era bem conhecida dois mil anos antes de Cristo, sendo chamada de “a cidade bem-irrigada”.³ Sua história é a história da raça chinesa. Sua civilização influenciou todas as nações vizinhas. Por exemplo, Kyoto, a antiga capital do Japão, está projetada seguindo o desenho de Sian-fu (Changan).

George Bailey Sansom, em sua erudita obra sobre o japonês, deu uma esplêndida descrição de Changan naqueles anos. Reconhecendo a dívida do Japão para China, muitos autores assinalam que foi a civilização do período Tang que influenciou o Japão, uma civilização construída sobre a esplêndida contribuição feita pela Igreja do Oriente.

Politicamente a China talvez fosse neste momento o país mais poderoso, mais avançado e melhor administrado do mundo. Certamente, em todo aspecto material da vida de um estado, ela era esmagadoramente superior ao Japão. As fronteiras do seu império estendiam-se até as fronteiras da Pérsia, do mar Cáspio e das montanhas Altai. Ela tinha relações diplomáticas com os povos de Annam, da Cochinchina, do Tibet, da Bacia do Tarim e da Índia; com os turcos, os persas e os árabes. Homens de muitas nações apareceram na corte da China, trazendo tributos e mercadorias e novas ideias que influenciaram seu pensamento e sua arte. A influência persa e, mais remotamente, a grega é aparente em grande parte da escultura e pintura do período de Tang. Tem havido desde os dias dos imperadores Wei relações amistosas entre a China e a Pérsia, um templo zoroastriano foi erguido em Changan em 621...

Seria muita digressão prosseguir e falar das pinturas, dos bronzes, da cerâmica, das sedas coloridas, dos poemas e das belas caligrafias. É suficiente dizer que todas essas artes estavam florescendo em profusão, quando as primeiras missões japonesas encontravam-se na capital de Tang. E o que talvez os marcassem mais do que a qualidade da cultura chinesa eram suas dimensões heroicas. Não era menos que em grandiosa e estupenda escala. Quando o imperador Sui constrói uma capital, dois milhões de homens são chamados para o trabalho. Sua frota de barcos de recreio no rio Amarelo é rebocada por oitenta mil homens. Sua caravana quando ele faz um deslocamento imperial tem trezentos quilômetros de extensão. Suas concubinas totalizam três mil. E quando ele ordena a compilação de uma antologia, deve ter dezessete mil capítulos. Mesmo aceitando a cortês aritmética dos historiadores oficiais, estes são enormes empreendimentos; e embora os primeiros imperadores de Tang fossem bem menos imoderados, eles não fizeram nada que não fosse enorme ou magnífico. Para os japoneses isto deve ter sido desconcertante.⁴

A famosa pedra monumental agora fica no Pei Lin (*floresta de estelas, isto é, placas de pedra com inscrições e gravuras*) no subúrbio ocidental de Changan.⁵ Ela foi erigida pela direção imperial para comemorar a chegada do cristianismo à China. Desenterrada por acidente em 1625, onde evidentemente tinha ficado enterrada por quase mil anos, este monumento de mármore tem importância igual à da Pedra Roseta do Egito ou da inscrição de Bisotun na Pérsia. Têm gravados nela, 1.900 caracteres chineses reforçados por cinquenta palavras siríacas e setenta nomes em siríaco. A língua materna dos recém-chegados cristãos e a língua oficial da Igreja Assíria eram o siríaco.⁶ A descoberta desta evidência confirmadora da grandeza da cristandade primitiva na China criou uma profunda impressão nos estudiosos em todos os países.⁷ Muitos trabalhos foram escritos sobre isso. Os fatos reveladores incorporados nas letras esculpidas nunca deixam de prender a atenção de qualquer um interessado na história da verdadeira igreja.

Quão grande foi o grau de civilização nestes dias em toda a região da Ásia central e Oriente pode ser visto na seguinte citação de um escritor reconhecido:

Com honras sem precedentes, Kao-Tsung e sua imperatriz receberam de volta à China, em 645, o ‘Príncipe dos Peregrinos’, Hiuen Tsang, depois de sua peregrinação de dezesseis anos de mais de 160.000 quilômetros para Fo-de-fang, a Terra Santa da Índia, em busca de preciosos sutras (*registros dos ensinamentos de Buda*) e “a verdadeira e boa lei”, encontrada em toda parte, entre as tribos da Ásia central, o mais alto grau de civilização e devoção religiosa.⁸

Hsuan Tsang estava começando sua viagem de pesquisa logo após Columbano ter terminado seus gloriosos trabalhos. O Columbano celta, no entanto, levava sua Bíblia consigo enquanto viajava para o oriente, ao passo que Hsuan Tsang viajava para o oeste de sua China natal para obter as escrituras de Buda na Índia.

Muitos que escreveram a respeito dessa grande pedra erroneamente a chamam de monumento nestoriano. A palavra “nestoriano” não é encontrada nela. De fato, a inscrição não tem nenhuma referência a Nestório ou nestorianos. Além disso, ela reconhece explicitamente o chefe da Igreja do Oriente, dando o nome e a data do patriarca de Bagdá, Pérsia, que na época era o governante da igreja em sua vasta extensão. Estas são as palavras traduzidas do siríaco: “No dia de nosso Pai dos Pais, Meu Senhor Hananisho, Católico, Patriarca... No ano mil e noventa e dois dos gregos. (1092-311 = 781 d.C.)”⁹ O título na parte superior do monumento, gravada em nove caracteres chineses, conforme traduzido no livro de Saeki é: “Um Monumento Comemorativo da Propagação da Religião Luminosa Ta-Chin

no Reino do Meio.” Ta-Chin, afirma o autor, era o nome chinês da Judéia, e o “religião luminosa” foi o termo que usaram para o cristianismo.

No período em que esta monumental testemunha foi erguida na China, três grandes impérios governavam o mundo. No Ocidente, o papa coroou Carlos Magno no dia de Natal, 800, como chefe do recém-criado Sacro Império Romano. No Extremo Oriente, o mundo chinês, considerado por alguns daquele tempo, o mais forte de todos os estados, foi governado pela dinastia Tang. Entre estes estava o poderoso Império Árabe. O imperador mais famoso na história desse império árabe foi Harun-al-Rashid.

Tinha muito para facilitar o contato entre a Pérsia e a China neste Tempo. A maioria das nações que se encontravam entre elas estava bem povoada. Viajar era frequente, as rodovias eram bem cuidadas, e uma abundância de veículos e pousadas para facilitar a viagem de comerciantes e turistas estavam disponíveis.¹⁰ Haveria ainda muitos séculos antes das devastações dos mongóis e as destruições de Tamerlão (*Tamerlane, em inglês*) deixaria esses países desolados. A população era grande o suficiente para manter afastadas as areias invasoras que mais tarde enterraram muitas belas cidades. Os budistas da China estavam constantemente viajando para o oeste, especialmente para a Índia, para obter escritos antigos da fé.¹¹ Muitas evidências vão provar, além disso, que os governantes da China eram tolerantes ou indiferentes a todas as fés, de modo que a porta estivesse aberta à chegada de novas religiões.

CONFUCIO FALSIFICOU A RELIGIÃO DE DANIEL?

Cerca de quinhentos anos antes do início da Era Cristã uma grande agitação parece ter ocorrido nas mentes indo-arianas, bem como nas mentes gregas, e de fato em pensadores de todos os lugares do mundo civilizado de então. Assim, quando Buda surgiu na Índia, Pitágoras foi o pensador na Grécia, Zoroastro na Pérsia, e Confúcio na China.¹²

Num capítulo anterior, foi dito que dentro de cem anos após a morte do profeta Daniel, o zoroastrismo floresceu na Pérsia, o budismo se levantou na Índia e o confucionismo começou na China.¹³ De Pitágoras, possivelmente aluno de Zoroastro, a filosofia ganhou influência na Grécia. De acordo com as datas geralmente atribuídas a Daniel e Confúcio, o fundador do confucionismo tinha cerca de quatorze anos de idade quando o grande profeta morreu. Há uma semelhança notável entre partes da filosofia de Pitágoras e a de Confúcio. Uma citação de um autor conhecido mostrará a estreita relação entre o budismo e confucionismo:

É relatado que um célebre sábio chinês, conhecido como “o Mentenobre Fu”, quando perguntado se ele era um monge budista, apontou para o seu boné taoísta; quando perguntado se ele era taoísta, apontou para seus sapatos confucionistas; e finalmente, sendo perguntado se ele era confucionista, apontou para seu lenço budista.¹⁴

Conforme os judeus se dispersavam por todas as nações, as impressionantes profecias de Daniel foram disseminadas por toda parte. Estas levaram todos os povos a olhar com esperança para a vinda do grande Restaurador. Os magos que viajaram do Oriente para adorar na manjedoura do Salvador são apenas um exemplo daqueles que foram impressionados pela promessa Daquele que havia de vir. Suetônio e Tácito, historiadores romanos do século I d.C. testemunham da expectativa universal de uma vinda do Messias.

A profecia de Buda sobre o Profeta predito é outro exemplo. Buda disse: “Quinhentos anos após a minha morte, um Profeta surgirá que estabelecerá as bases de Seu ensino nas nascentes de todos os Budas. Quando Este vier, creia Nele, e você receberá incalculável bênçãos!”¹⁵

Também é relatado que Confúcio, o famoso fundador da religião nacional da China no século VI a.C., disse que “um santo deveria nascer no Ocidente o qual iria restaurar para a China o conhecimento perdido do sagrado tripé”.¹⁶

Não deve ser concluído que o imperador chinês, cercado pelos maiores sábios de seu reino, tomou uma decisão surpreendente ao permitir que Adão construísse o célebre monumento de pedra unicamente porque foi influenciado pelos ensinamentos que ouviu dos missionários cristãos daquela época. Ele e seus eruditos estavam bem conscientes dos muitos notáveis eventos da história concernente à Igreja do Oriente. Os chineses não eram ignorantes da expansão do cristianismo entre as nações da Ásia central.

Além disso, não é sem base sólida que os comentaristas afirmam que a China é contemplada na conhecida profecia de Isaías (*Isa. 49:12*) que prevê conversos ao evangelho vindos da terra de Sinim. Há pesquisadores que concluem que os colonos chineses originais que se estabeleceram no lado ocidental do rio Amarelo vieram das planícies do Eufrates.¹⁷ Deve ser verdade que os grandes fatos da história bíblica primitiva eram conhecidos de alguma forma no Oriente desde os dias primitivos, havendo muita viagem de ida e volta da Pérsia para a China. Assim como Moisés conduziu os israelitas para fora do Egito, assim também alguns acreditam que os separatistas dos vales do Tigre e do Eufrates empreenderam a sua longa jornada através do Turquestão para o Rio Wei, ao noroeste da China, levando

muitos elementos da civilização dos caldeus para aquela região.¹⁸ Acredita-se que trouxeram das planícies da Babilônia muitos costumes religiosos e conhecimentos astronômicos que praticaram na China, entre os quais a honra conferida a um período semanal de sete dias.¹⁹

Quão cedo estiveram e quão influentes os judeus (sendo repetidamente levados cativos para o Oriente) eram na China antes da era cristã, pode ser visto nas seguintes citações:

Muitos dos israelitas que Deus dispersou entre as nações, por meio dos cativeiros assírio e babilônicos, buscaram seu caminho para a China, e foram empregados (diz o célebre cronista (*e jesuíta*) Antoine Gaubil) em postos militares importantes, alguns se tornando governadores provinciais, ministros de Estado e professores eruditos. Padre Gaubil afirma categoricamente que havia judeus na China durante o período de conflitos, ou seja, 481-221 a.C.²⁰

Assim, sabemos que a China nos dias de Daniel estava em contato com a religião do Velho Testamento.

Segundo *Primavera e o Outono*, um livro compilado pelo próprio Confúcio em 481 a.C., observa-se a chegada frequente “dos estrangeiros brancos”. Saeki pensa que estes poderiam ser das planícies da Mesopotâmia. A vigorosa dinastia anterior Han (206 a.C. até 9 d.C.) teceu suas conquistas para o oeste e para as planícies da Babilônia.²¹ Em assunto estudado num capítulo anterior abrangendo o trabalho do apóstolo Tomé na Índia cita a antiga tradição de que depois de ter fundado o cristianismo na península hindu, ele então levou o evangelho ao país do Rio Amarelo.²² O apóstolo Paulo em seus dias disse que o evangelho havia sido levado “para as extremidades do mundo”. Quão forte foi o evangelho na China é visto na declaração de Amobius, escrita por volta do ano 300, no período antes de Nicéia, a qual mencionou essa nação como um dos povos orientais entre os quais a igreja foi estabelecida.²³ Também deve-se notar que Isaac, o patriarca da Igreja Assíria, ordenou um arcebispo superior para a China em 411. Visto que os arcebispos superiores geralmente eram chefes de seis a oito supervisores de províncias da igreja, cada um dos quais por sua vez era o presidente de muitos clérigos, pode ser facilmente entendido que o cristianismo, a fim de ter tido um crescimento tão grande, deveria ter se estabelecido cedo no Reino Central, ou China.

Voltando à discussão dos ensinamentos do Antigo Testamento na China bem antes de Cristo, pode-se ver que os ensinamentos do Antigo Testamento vieram para a China não apenas pela Índia, mas também pelo Turquestão. Durante o período em que a falsificação do Antigo Testamento por religiões pagãs começaram, o rei Dario, o hábil dirigente persa, efetuou

a conquista da Bactria. Esse reino rico e próspero situado entre o nordeste da própria Pérsia e do rio Oxus (*hoje Amu Dária*) dizem que havia mil cidades.²⁴ Dario impeliu suas conquistas para a famosa cidade de Khotan no Turquestão.²⁵ Esta foi uma cidade crucial no comércio e nas viagens entre a China e a Bactria. Entre Khotan e a China, inúmeras cidades, desde então enterradas pelas areias em movimento, cobriam o território do leste do Turquestão. “Onde antigamente estavam as bases de cidades florescentes e comunidades prósperas”, diz um cronista chinês falando desta região, “não há nada agora para ser visto, exceto um vasto deserto; tudo foi enterrado nas areias.”²⁶ Passaram-se séculos após a era cristã antes que estas cidades começassem a desaparecer.²⁷

No Turquestão, a estrada para a China era ladeada por muitas cidades; conseqüentemente, as estradas tinham tantos viajantes que ninguém precisava procurar companheiros para sua jornada. As estradas, além disso, estavam em tão magnífica condição que a viagem de Khotan para a China poderia ser completada em catorze dias.²⁸ Assim, a fascinante história da nova e agressiva religião no oeste poderia se espalhar para o leste rapidamente nos lábios dos viajantes.

Se a revolução provocada por Confúcio for vista à luz das gerações influenciadas e ao período de sua duração, pode ser considerada como uma das maiores revoluções da história. Por dois mil anos o confucionismo manteve um domínio indiscutível sobre o povo chinês. Sendo um homem de mais alta capacidade literária e que estava familiarizado com os eventos atuais de seu tempo por meio dos viajantes, Confúcio não poderia ter ficado sem suficiente conhecimento prévio para fazer com que seu sistema de religião escapasse da enorme competição com o budismo, zoroastrismo e judaísmo. Ele encontrou a China politicamente e religiosamente em caos. Deu à sua terra natal uma religião e um código de ética social que durou séculos. Acredita-se que ele entendeu e aproveitou a grande reforma que tinha acabado de ocorrer no judaísmo, e que incorporou no novo sistema que estava premeditando, ideias não só do judaísmo, mas também do zoroastrismo e do budismo. Parece mais lógico acreditar que Confúcio viu os grandes movimentos já mencionados, e por sua grande habilidade viu sua oportunidade de fazer o mesmo para a China.

Considere quão grande foi a reforma que chegou ao judaísmo nos dias de Daniel, e como os pagãos receberam grande parte de sua sabedoria do Velho Testamento. George Rawlinson, historiador das antigas civilizações, escreve:

Paralelamente ao declínio da velha idolatria semítica estava o avanço de sua antítese direta, o puro monoteísmo espiritual. O mesmo golpe que colocou a religião da Babilônia no pó, soltou os grilhões do judaísmo... O retorno do cativo, que Ciro autorizara quase imediatamente após a captura da Babilônia, é o ponto de partida a partir do qual podemos traçar um esclarecimento gradual do mundo pagão pela disseminação das crenças judaicas e práticas.²⁹

Enquanto esses três fundadores de novas religiões – Zoroastro, Buda e Confúcio – estavam dispostos a tomar emprestado elementos de um culto mais antigo do que o seu, é evidente que, a fim de escapar da acusação de copiar, desejariam que seu próprio sistema não fosse uma duplicação daquele a partir do qual tomaram emprestado. Há base suficiente nos ensinamentos de Confúcio para concluir que ele, como Buda e Zoroastro, foram estimulados o suficiente pela nova luz brilhando no oeste para lançar um sistema religioso próprio.

A verdade fundamental do Ser Supremo causou tão poderosa impressão sobre o zoroastrismo, o budismo e o confucionismo que ao estabelecerem seus planos de religião, mantiveram uma divindade principal. A eliminação de divindades menores em favor de um Deus sobre todos, como o Velho Testamento ensinou durante séculos, ganhou favor imediato com as massas.

Mais um ponto será apresentado como notável evidência de que os ensinamentos do Antigo Testamento eram conhecidos e imitados em todo o Extremo Oriente. O conhecimento dos sete dias da criação causou tanta impressão sobre os povos orientais que se entreteceu em toda a vida religiosa e costumes do Oriente. Falando da influência generalizada do sistema de adoração do Antigo Testamento, Thomas M'Clatchie, escreve:

De acordo com o Avesta (*coleção de livros sagrados do zoroastrismo*), o deus Ormuzd (Adão ou Noé deificado), criou o mundo em seis intervalos diferentes, totalizando um ano inteiro; e o homem, em perfeita conformidade com o relato Mosaico, sendo criado no sexto período. Os etruscos afirmam que Deus (Adão ou Noé) criou o mundo em seis mil anos; e o homem, somente, sendo criado no sexto milênio. Eusébio menciona vários dos antigos poetas que atribuíam um grau superior de santidade ao sétimo dia. Hesíodo e Homero o fazem, e também Calímaco e Linus. Porfírio diz que os fenícios dedicavam um dia em sete ao seu deus Cronos (Adão aparecendo em Noé). Aulo Gélio afirma que alguns dos filósofos pagãos costumavam frequentar os templos no sétimo dia; Luciano menciona o sétimo dia como feriado. Os antigos árabes observavam um Sábado antes da era de Maomé. O modo de cálculo por “sete dias”, prevaleceu igualmente entre os indianos, os egípcios, os celtas, os esclavos, os gregos e os romanos. Josefo então não faz declarações infundadas quando diz: “não há qualquer cidade dos gregos, qualquer dos bárbaros, e nem qualquer nação que seja, de onde nosso costume de descansar no sétimo dia não tenha vindo!” Dion

Cassius deduz esta prática universal de contar por semanas dos egípcios, mas ele deveria ter dito *dos primitivos ancestrais* dos egípcios, que eram igualmente os ancestrais de toda a humanidade. Teófilo de Antioquia afirma como fato palpável, que o sétimo dia era em toda parte considerado sagrado; e Philo (com Grot. e Gale) declara que o sétimo dia é um dia de celebração, não desta ou daquela cidade, mas do universo.³⁰

Especialmente deve ser observado na citação acima a contagem de sete dias não só na Índia, mas também entre os celtas, eslavos, gregos e romanos. Homero e Hesíodo, que viveram no nono e oitavo séculos antes de Cristo estão incluídos dentre aqueles que acreditam na santidade do sétimo dia. Tal foi a poderosa influência do Antigo Testamento, não só nas terras europeias, mas também orientais, até mesmo para a determinação de sua divisão do tempo.

Já mencionamos o grande número de judeus que habitavam na China após 400 a.C. Ao longo dos séculos eles observaram o sétimo dia como o sábado judaico, e um autor, escrevendo recentemente de suas investigações sobre o pequeno remanescente desses judeus que ainda permanecem na China, diz: “Eles guardam o sábado tão estritamente quanto os judeus na Europa.”³¹

Se honrar o sétimo dia era verdade entre os antigos habitantes da terra da Caldéia, da qual se afirma que os antepassados dos chineses vieram, também era verdade proeminente na antiga China. Uma passagem de uma das obras clássicas de Confúcio, escritas por volta de 500 a.C., está como segue: “Os antigos reis neste dia culminante (isto é, o sétimo) fechavam seus portões, os mercadores não viajavam e os príncipes não inspecionavam seus domínios.”³² Charles de Harlez acrescenta: “Era uma espécie de dia de descanso.”³³ Todas as evidências, portanto, parecem apoiar a conclusão de que Confúcio foi influenciado direta ou indiretamente pelos ensinamentos do Antigo Testamento em geral e pelas visões de Daniel em particular.

O CRESCIMENTO INICIAL DO CRISTIANISMO NA CHINA

Na época da construção do célebre monumento de pedra, missionários da fé de Adão haviam penetrado em todos os lugares da Ásia Central, e já tinham muitas igrejas na China. Quão longe esses evangelistas espalharam o conhecimento da língua materna de Adão, o siríaco, pode ser visto nas seguintes palavras de Ernest Renan:

Será visto o que uma importante parte da língua siríaca realizou na Ásia do terceiro ao nono século da nossa era, após ter-se tornado o instrumento da pregação cristã. Como o grego para o Oriente helenístico, o latim para o

Ocidente, o siríaco tornou-se o linguagem cristã e eclesiástica da Ásia superior (*parte da Ásia separada da Ásia menor pelo rio Kizilirmak*).³⁴

Ainda hoje existem em outros países muitos milhares de crentes cujas igrejas derivam da comunhão assíria e que usam o siríaco em seus cultos religiosos.

Relações políticas, sociais e comerciais entre a China e nações ocidentais foram tecidas por muitos séculos antes que a população de sua capital dedicasse o monumento memorial. Cerca de cento e vinte anos antes de Cristo uma embaixada oficial de exploração foi enviada pelo imperador chinês para estudar os reinos do ocidente e levar saudações para seus povos e governantes. Este destacamento exploratório voltou para relatar que tinham passado pela Bactria, Pártia, Pérsia e Ta-Chin (isto é, Palestina, o país da religião de Adão de acordo com o monumento). Duzentos anos depois – ou nos dias dos apóstolos – um general chinês levou os regimentos vitoriosos de seu imperador através da Pérsia para as margens do mar Cáspio.³⁵ As Crônicas Chinesas relatam uma embaixada do imperador de Roma para a corte imperial da China por volta de 168 d.C. e uma ou duas embaixadas semelhantes cerca de cem anos depois. Elas também registram que cerca de duzentos anos depois (381 d.C.) mais de sessenta e dois países das “regiões ocidentais” enviaram embaixadores ou tributos ao Reino do Meio.³⁶

Se os chineses viajaram tão extensivamente para o oeste, não é de admirar que Saeki exclamasse: “Seria muito estranho se os ativos cristãos sírios, cheios do verdadeiro zelo missionário, não prosseguissem para a China depois de alcançar a Pérsia no meio ou no final do segundo século!”³⁷ Outro autor os vê bem estabelecidos na China em 508.³⁸ Assim, há ampla justificação para concluir que muitos crentes verdadeiros estavam na Ásia vários séculos antes que Adão e seus associados erguessem o monumento à sua igreja.

AS CRENÇAS DO CRISTIANISMO PRIMITIVO NA CHINA

Muitos documentos e referências históricas falam da fé mantida pela Igreja do Oriente na China nos dias de Adão. Já tem sido notificado sobre a profecia que Isaías proferiu prevendo conversos naquela terra distante. Também foram apresentados testemunhos para mostrar que de 481 a 222 a.C. os judeus ocuparam postos militares importantes, alguns se tornando governadores provinciais, ministros de estado e professores eruditos.³⁹ Esses membros da igreja do Antigo Testamento ensinariam aos chineses as verdades da lei e dos profetas.

É surpreendente ver como a Igreja assíria preservou a unidade de sua fé em todo o seu vasto domínio espiritual, seja na Índia, Tibete, Turquestão, Pérsia ou China. Os membros da igreja que adoravam de acordo com os ensinamentos estabelecidos pela Igreja do Oriente não estavam apenas em harmonia uns com os outros nesses diferentes países, mas também com a sede na Pérsia. Muitos escritores importantes comentaram sobre a natureza apostólica de suas atividades missionárias e também sobre a simplicidade de suas crenças e práticas do Novo Testamento. Esses crentes constantemente afirmavam que aceitavam apenas o que foi ensinado por Cristo, os profetas e os apóstolos. Em serena simplicidade, acompanhada com o mínimo de cerimônias, realizaram uma quantidade incomum de trabalho missionário.

A posição mantida por Adão confirma a esplêndida organização da Igreja do Oriente, como também a força de sua posição na China. No monumento Adão é chamado Pastor, vice-metropolitano e metropolitano (*arcebispo*) da China.⁴⁰ Este título oficial indicaria que as igrejas que dirigiu devem ter tido muitos membros e era de considerável vigor. A inscrição ainda revela que Adão reconheceu o pai dos pais, ou católico, em Bagdá.

Na China, Adão e seus companheiros foram obrigados a lutar contra poligamia. O costume de amarrar os pés das meninas chinesas era um problema angustiante para os missionários cristãos. A crença dos chineses nos espíritos dos mortos, honrados pelo culto dos antepassados, dispusera contra os missionários as forças do espiritismo, magia e astrologia.

As duas línguas que compõem as inscrições sobre o monumento – o siríaco e o chinês – podem aumentar a esperança de que o incômodo sistema de sinais ou símbolos da linguagem chinesa daria lugar ao melhor método alfabético representado pelo siríaco. O predomínio da ortografia de sinais até o tempo presente indica a teimosa resistência a qualquer tentativa de simplificar o chinês. No entanto, Adão tinha ao seu comando uma vasta literatura cristã para usar. Saeki dá em detalhes os títulos de trinta e cinco livros que, inteiros ou em fragmentos, foram descobertos em 1908 em uma caverna no noroeste da China, todos os quais foram a literatura apresentada pela Igreja do Oriente entre os chineses. Ele escreve:

Eles tinham a crença dos apóstolos em chinês. Tinham o mais belo hino batismal em chinês. Tinham um livro sobre a encarnação do Messias. Tinham um livro sobre a doutrina da cruz. Em uma palavra, eles tinham toda a literatura necessária para o benefício da Igreja. Seus ancestrais no oitavo século foram poderosos o bastante para erigir um monumento nas proximidades de Hsi-an-fu.⁴¹

DE ADÃO AOS IMPERADORES MONGÓIS

O tempo que passou desde a dinastia Tang dos dias de Adão até o fim da conquista mongol foi de cerca de quinhentos anos. Durante esse tempo a natureza do desenvolvimento da Igreja do Oriente na terra do rio Amarelo é visto no caráter do clero, no tipo de literatura sagrada usada, na vida dos crentes, nas abundantes atividades das comunidades e dos serviços públicos prestados por ela à nação.

O clero que levou a Igreja do Oriente à vitória eram homens de consagração e conhecimento. Eles encontraram as antigas religiões do confucionismo e do taoísmo na China arraigadas na simpatia do povo. O próprio Confúcio defendia a poligamia.⁴² Confúcio também era espírita; ele sempre acreditou que estava acompanhado pelo espírito do duque de Zhou.⁴³ Os budistas eram idólatras; eles adoravam a imagem de Buda. Eles apavoraram o povo tanto por seus ensinamentos quanto pelas representações nas paredes de seus templos de imagens horríveis e estátuas.⁴⁵ Também expuseram as delícias carnis de um paraíso budista. No entanto, em face de tais religiões pagãs poderosas, os a Igreja Assíria cresceu e prosperou.

O budismo na China foi duro; não proveu um salvador e, até que copiasse as doutrinas do cristianismo sobre a expiação, foi de um modo geral repulsivo às pessoas. No meio de tais trevas como esta, Adão e seus companheiros treinaram um clero que foi o mais esclarecido de seus dias. Foi esse mesmo tipo de clero que na Mesopotâmia tinha levado a cultura grega e romana para os árabes que por sua vez passaram-na para o Ocidente.

Quanto aos ensinamentos desses cristãos sírios, isto está registrado em siríaco no monumento chinês: “No ano 1092 dos gregos (1092-311 = 781 d.C.) meu Senhor Yesbuzid, sacerdote (pastor) e chorebispo de Kumdan, a cidade real, filho do falecido Milis, sacerdote (Pastor) de Bactro, uma cidade do Tehuristan (*Afeganistão*), erigiu este monumento, onde está escrito a Lei dEle, nosso Salvador, a pregação de nossos antepassados para os governantes dos chineses.”⁴⁶

Não se deve pensar, no entanto, que o seu crescimento progrediu suavemente. Muitas vezes se depararam com amarga oposição. Após a morte de um dos grandes imperadores Tang, o trono foi ocupado durante dois curtos reinados por governantes de capacidade inferior. Um deles favorecia o budismo. Os budistas, aproveitando essa vantagem, levantaram suas vozes contra a religião cristã. No outro reinado, eruditos subalternos dos taoístas, favorecidos pela majestade imperial, ridicularizaram e difamaram o cristianismo.

Uma furiosa perseguição religiosa contra todas as religiões ocidentais ocorreu em 845. Alguns pensam que foi nesta hora de provação que os crentes enterraram no solo a célebre pedra para preservá-la. O tempo de aflição foi devido à influência maliciosamente exercida sobre o imperador pelos confucionistas e taoístas. “O cristianismo, no entanto, não parece ter sido muito afetado por isto”, observa Mingana, “porque numa anterior e importante declaração do patriarca contemporâneo Teodósio (852-828 d.C.) ainda menciona os arcebispos de Samarcanda, Índia e China.”⁴⁷

É digno de nota que esta última perseguição foi comandada por um dos últimos imperadores Tang. A dinastia estava cambaleando para a sua queda. Seguiram-se, então, anos de anarquia e confusão em que sete dinastias diferentes se sucederam uma a outra.

Através do sorriso de assentimento do governo não só foram várias esplêndidas igrejas erguidas durante os primeiros anos do cristianismo na própria capital, mas também foram dadas ordens para auxiliar na construção das mesmas em todas as províncias. Por isso, não se entende que houve uma união de igreja e estado. Por exemplo, George Washington poderia ser membro de uma igreja e usar sua influência para favorecer a construção de igrejas de sua própria denominação sem a sua indicação para que o clero fosse funcionários pagos do estado. Essa era a situação na China.

A partir do ano 1020, vibrantes histórias foram difundidas por toda Europa sobre um grande rei das tribos tártaras que era um cristão e que foi chamado Preste João. Juntamente com isso veio a notícia, escrita por volta do ano de 1009 pelo arcebispo da capital na província noroeste da Pérsia para os católicos de Bagdá, dos duzentos mil turcos e mongóis que abraçaram o cristianismo.⁴⁸ A força da Igreja do Oriente no décimo primeiro século pode ser vista nesses registros. Como Henry Hart Milman (*Reitor Milman*) diz editorialmente: “O cristianismo da China, entre o sétimo e o décimo terceiro século, está insuperavelmente comprovado pela anuência de evidências de chineses, árabes, siríacos, e latinos.”⁴⁹

CAPÍTULO 22

MARCOS DE PEQUIM

Estes fatos históricos são suficientes para provar a existência da ponte terrestre entre a China e o oriente romano; e que a antiga China teve uma comunicação terrestre com os países mediterrâneos bem como com a Índia. A rota pode ter sido por meio de Khotan e Turquestão, ao norte da Índia, Afeganistão, etc. Seria muito estranho se os ativos cristãos sírios, cheios do verdadeiro zelo missionário, não seguissem para a China depois de chegar à Pérsia por volta da metade ou do final do segundo século.¹

Uma figura notável durante este período de expansão na China foi Marcos. Da obscuridade este rapaz na China chegou a ser o administrador supremo sobre a Igreja do Oriente.

Durante os três séculos de tempestuosas guerras e muitas dinastias entre a queda dos imperadores Tang e a ascendência dos governantes mongóis (1204 d.C.), há pouco em termos de relatos sobre o crescimento do cristianismo na China. Para esse ínterim, deve-se recorrer aos registros da sede da igreja em Bagdá, ou para as histórias da Ásia central, ou daqueles países que fazem fronteira com a China.

Com a ascensão da supremacia tártara sobre a raça amarela, no entanto, a situação muda. A revolução mundial que acompanhou as conquistas mongóis da Ásia e da Europa Oriental trouxera à luz os enormes progressos feitos pela Igreja do Oriente na China, na Ásia central e regiões mais distantes. Gengis Khan unificou as nações orientais, enquanto ao mesmo tempo abriu o caminho para o seu avanço na civilização.²

As carreiras de Gengis Khan e seu filho, Ogotai, e suas amistosas relações com a Igreja do Oriente, pertencem mais à história da Ásia como um todo. Esta história já foi contada. A história dos três sobrinhos de Ogotai – também imperadores e conquistadores; ou seja, Mangu, Kublai e Hulagu – está proeminentemente conectada com as horas triunfais testemunhadas pela Igreja na China. O Imperador Mangu e seu pai, Tule, completaram a conquista da China. Kublai, sucedendo Mangu, mudou a capital do mundo Cita de seu centro ancestral na Sibéria para Pequim, chamado naqueles dias de Cambalique (*Khanbaliq*). Quando Kublai subiu ao trono do mundo mongol, nomeou seu irmão, Hulagu, para ser um imperador independente,

ou vice-rei, sobre os territórios limítrofes da Europa, com o seu palácio na Pérsia. O rei Frederico da Saxônia não deu mais apoio a Lutero do que estes três filhos do general vitorioso Tule deram aos católicos assírios de Bagdá e suas distantes igrejas na Índia, Ásia e China. Nos escritos de um autor que viveu contemporaneamente com Mangu, as convicções cristãs desse imperador são claramente demonstradas nas seguintes palavras: “um seguidor e defensor da religião de Jesus.”³ Mangu tratou os cristãos, muçulmanos e budistas com bondade; mas estava especialmente ansioso para atrair as comunidades da Igreja do Oriente para o seu país, porque achou seu conhecimento médico e grande habilidade nos negócios ser benéfico para seus súditos.⁴

Os reis da Alemanha, França e Inglaterra, assim como o papa, temiam um retorno dos exércitos conquistadores sob as ordens dos governantes mongóis. Eles confiaram na influência que os cristãos assírios exerceram nos reinos asiáticos para dar peso às suas negociações. Muitas embaixadas foram e voltaram entre Inglaterra, França, Alemanha e o papa e as cortes de Mangu, Kublai e Hulagu. Essas potências ocidentais esperavam tirar a Palestina e Jerusalém da sujeição dos odiados muçulmanos através da ajuda do imperador Kublai Khan de Pequim e de seu irmão Hulagu, vice-rei da Pérsia. Nestas negociações os dois jovens pastores que tinham viajado de Pequim para Bagdá foram considerados de grande utilidade, devido à sua reputação com Kublai Khan, seu conhecimento do mongol e Línguas chinesas, e sua familiaridade com as pessoas e costumes de sua pátria mãe.

Neste ponto, será apropriado contar a história dos dois jovens pastores que em 1284 fizeram sua famosa viagem de Pequim para a Pérsia em seu caminho para Jerusalém. Foi surpreendente ver quantas grandes comunidades pertencentes à Igreja do Oriente os acolheram em diferentes cidades em sua longa jornada através das montanhas, desertos e planícies. Pode-se observar com interesse que, além do fato de que os dois jovens pertenciam à nação Uigur, eles eram súditos do império mongol de Kublai Khan sob cuja proteção, se não por cujo comando, partiram da China para ir e adorar em Jerusalém.⁵

Quando estes dois jovens pastores, Marcos e Sauma, chegaram na Pérsia, foram recebidos não somente pelo chefe da Igreja Assíria e todos os líderes do clero da região, mas também pela corte do vice-rei de Hulagu. Naturalmente, aquela corte, embora vivendo na Pérsia, falava o mongol tão bem quanto a língua chinesa. Eles ficaram encantados com estes dois protegidos do Imperador Kublai Khan porque podiam falar mongol, chinês, e persa.

A HISTÓRIA ANTERIOR DOS DOIS JOVENS CLÉRIGOS

O manuscrito contendo o relato das viagens conjuntas de Sauma e Marcos foi originalmente escrito por este último na Pérsia, mas o resumo siríaco, em cuja língua a história é acessível, foi feito por um autor desconhecido. Os estudiosos são devedores ao sacerdote Paul Bedjan da Igreja Católica Romana pela apresentação do texto em siríaco. Consequentemente, a tradução do original para o inglês, em que termos gerais podem ser interpretados com sentido religioso, pode ser colorida pelo ponto de vista daqueles por cujas mãos a história passou. Deve-se ter isto em mente quando forem encontrados termos como “monges”, ou “bispos”. A história inicial destes dois rapazes na China lança luz sobre o crescimento e a posição que a Igreja do Oriente obteve naquela região.

Sauma, que posteriormente foi chamado de Rabban Sauma (o título ‘rabban’ dá a ideia de supervisor), foi o filho de um próspero cristão assírio que tinha um importante cargo na igreja em Pequim. O menino foi cuidadosamente educado e bem instruído na história de sua igreja. Quando já tinha certa idade, foi prometido a uma moça; e seu pai assegurou-lhe a posição de zelador do prédio da igreja central em Pequim. Com a idade de vinte anos, contudo, ele recusou-se a casar porque desejava dedicar-se aos estudos religiosos. Ele saiu da cidade de seus pais para seu próprio domicílio a cerca de um dia de viagem a oeste da capital. Isto acarretou em sua ordenação como ministro por Mar George, arcebispo (*metropolitano*) de Pequim. Sua fama logo se espalhou no exterior, e o povo vinha de longe para ouvir seus sermões.

Por esse tempo havia outro jovem que vivia muitos dias de viagem dali. Ele também era um cristão assírio, cujo pai tinha o cargo de arqui-diácono em sua cidade. O nome deste jovem era Marcos. Renunciando ao mundo e consagrando-se ao avanço do evangelho naqueles tempos problemáticos, Marcos uniu-se a Sauma cuja fama já o havia alcançado. Sauma esforçou-se para persuadi-lo a voltar para seus pais; mas não tendo êxito, deixou que Marcos fosse ordenado como ministro por Mar Nestório, quem era então o arcebispo de Pequim.

Estes dois, decidindo ir a Jerusalém, resistiram às súplicas dos pais e amigos para permanecerem em seus países nativos. Eles venderam todas as suas posses e se prepararam para unirem-se a uma caravana que exercia seu comércio entre a China e as terras do oeste. Sem dúvida, o arcebispo do norte da China, cuja sede era Pequim, deu-lhes cartas de apresentação aos irmãos a quem encontrariam em sua viagem. Quando chegaram a Kawshang, a terra de Marcos, foram recebidos de braços abertos. Os príncipes tártaros daquele

lugar ouviram de sua chegada. Falhando em seus esforços para que os dois missionários se estabelecessem na terra natal de Marcos, eles lhes concederam cavalos, panos, roupas, dinheiro, e uma abundante provisão para sua longa jornada.⁶

O primeiro lugar que alcançaram em sua jornada para o oeste foi Dunhuang, a famosa porta de entrada entre a China e o Turquestão. Esta localidade é famosa por suas ‘cavernas dos mil Budas’ (*ou Grutas de Mogao*).⁷ Foi naquele tempo uma influente cidade do reino de Tangut, cujo reino autores modernos afirmam que incluía a moderna província chinesa de Kansu. Os irmãos em Dunhuang, em cuja cidade Marco Polo disse que havia três grandes igrejas, ouvindo sobre a chegada dos jovens, saíram num comitê de recepção para dar-lhes calorosa boas-vindas.

De lá, após viajarem dois meses pelas areias do deserto do Turquestão oriental, chegaram à cidade de Khotan, famosa pela produção de Jade. Antigas cidades de renome nesta região têm sido inundadas pelas areias deslocáveis do deserto que parecem ter avançado por séculos.⁸

Contudo, nos dias de Marcos e Sauma esta era uma região com prósperos e bem populosos centros. Na própria cidade de Khotan morava o diretor das igrejas Assírias daquela província, de modo que se pode assegurar de que houve uma pública recepção para os dois jovens em sua chegada. Visto que se travava uma guerra entre um chefe de uma tribo e o grande Khan contra quem tinha se rebelado, os dois jovens foram compelidos a ficar em Khotan por seis meses.

De Khotan estes empreendedores missionários viajaram em direção ao noroeste para Kashgar. Marco Polo, que tinha viajado por esta rota poucos anos antes, mas na direção oposta, escreveu: “Existem no país muitos cristãos nestorianos [assírios], que tem suas próprias igrejas. O povo do país tem uma língua peculiar, e o território se estende por cinco dias de viagem.”⁹ A cidade era um importante centro de comércio e era o término da rota de muitas caravanas do ocidente para o oriente; a região ao redor era muito fértil, e os comerciantes e fazendeiros eram prósperos.¹⁰

De Kashgar os aventureiros estudantes teológicos passaram pelas altas montanhas de palmeiras ao entrar em Khorasan (*Coração*), a poderosa província a nordeste da Pérsia, aonde chegaram após as maiores dificuldades e num estado de exaustão física e mental. Mas eles se consolaram nesta ocasião porque Deus os livrara de toda aflição, e não permitira que nenhuma calamidade lhes sobreviesse por ladrões e salteadores no caminho.¹¹

Eles chegaram a um campo militar num lugar chamado Talas. O rei Kaidu, que descendia de um dos filhos mais velhos de Gengis Khan, nunca aceitou o fato de que seu próprio avô não tivesse sido feito supremo na autoridade imperial. Neste tempo ele estava em guerra com o imperador Kublai Khan por causa de discórdias em questões de herança. Os viajantes foram ao rei Kaidu; e tendo-lhe outorgado a bênção religiosa, pediram-lhe uma permissão por escrito para passar através de seu país.

Então, foram a um dos centros de treinamento espiritual da igreja Assíria localizada na, ou próximo a, grande cidade de Tus, capital de Khorasan, aonde foram recebidos com hospitalidade pelos diretores provinciais das igrejas e seus clérigos. Aqui, à semelhança do apóstolo Paulo quando chegou a Roma, eles “agradeceram a Deus e tomaram ânimo”. (Atos 28:15)

OS PASTORES SE ENCONTRAM COM O CATÓLICO

A intenção deles era prosseguir de Khorasan para a província da fronteira a noroeste da Pérsia próxima ao Cáucaso, para que pudessem alcançar a capital Bagdá onde se localizava Mar Denha, o católico (*patriarca*) da Igreja do Oriente. No entanto, encontraram o católico em Maragha, a cidade que Hulagu tinha feito a capital provincial. Ao avistá-lo, seus corações encheram de alegria; prostaram-se diante dele e choraram visto que respeitavam sua posição como chefe supremo sobre a Igreja do Oriente. A quantidade de membros desta grande igreja, mais os Jacobitas, ultrapassava a quantidade de membros das igrejas Grega e Latina.¹² O católico ficou atônito quando soube que tinham vindo do rei dos reis, Kublai Khan. Eles disseram que tinham vindo para serem abençoados pelo pai dos pais, e pelos clérigos e homens santos desta parte do mundo. E se uma estrada se abrisse para eles, eles continuariam, e se Deus tivesse misericórdia deles, iriam para Jerusalém.¹³ O católico se comoveu até as lágrimas e lhes falou palavras de conforto.

Visto que estavam bem familiarizados com a cidade do grande rei e podiam falar a língua mongol, o católico lhes pediu que se dirigissem ao imperador do ocidente, que poderia ser chamado de vice-rei do domínio mongol do ocidente, para pedir ao imperador que ratificasse a escolha dele mesmo, Mar Denha, o qual tinha sido eleito católico pelo clero do ocidente. Nesta missão eles foram bem sucedidos. Em troca, o católico escreveu uma carta de apresentação para eles, desde que tinham a intenção de visitar os centros de renome conectados com a igreja Assíria. Naquele tempo, Abagha, o filho e sucessor de Hulagu, e bisneto de Gengis Khan, estava no trono da

Pérsia. Quando chegaram ao seu acampamento e foram trazidos diante dele, ele os recebeu com benevolência e ordenou aos nobres de seu reino que lhes concedessem a petição em favor do católico, Mar Denha, e lhes deu as ordens necessárias para ratificar o que estavam pedindo.

Ao retornarem ao católico, este lhes disse que não era o tempo de viajarem para Jerusalém porque as estradas estavam num estado de confusão. Ele transmitiu a chocante notícia da morte em Pequim do diretor provincial da igreja e tinha, portanto, decidido ordenar a Marcos em seu lugar como metropolitano (*arcebispo*) para a China e consagrar seu companheiro, Sauma, como inspetor-geral das igrejas no ocidente. Eles se empenharam para se livrarem de sua sugerida nomeação; mas quando viram que ele não estava querendo que assim fosse, disseram: “A vontade de nosso Pai seja feita.”

Marcos foi bem recebido e altamente honrado em diferentes regiões embora fosse um estrangeiro, porque sustentava verdades bíblicas em comum com a Igreja do Oriente. Não menos importante entre estas doutrinas geralmente mantidas estava o sábado do sétimo dia. Visto que os cristãos da China, a terra natal de Marcos, observavam o sábado do sétimo dia, como salientado num capítulo anterior, aqui estava um laço de união entre os membros da igreja medieval na Ásia.¹⁴

Havia maior responsabilidade aguardando por estes empreendedores pastores. Logo depois de sua nomeação, o próprio Mar Denha morreu. O clero dirigente do ocidente discerniu facilmente que Marcos permanecera em alta estima com o vice-rei da Pérsia e com o imperador supremo, Kublai Khan. Após aconselharem-se mutuamente, decidiram que Marcos deveria ser eleito católico. Isto foi satisfatório para o rei Abagha, o qual outorgou ao novo católico generosos presentes, ratificou sua eleição, e fomentou um aumento dos centros de treinamento da igreja e facilidades gerais para o crescimento da obra. Pouco tempo depois, o rei Abagha morreu.

Ahmad, um irmão de Abagha, sucedeu-o ao trono; e por falta de educação ou conhecimento, ele perseguiu os cristãos devido à sua considerável associação no passado com os maometanos. Contudo, o seu reinado foi curto, não durando mais do que dois anos; e foi sucedido ao trono pelo filho de Aghaba, cujo nome era Arghum. O nome dado a Marcos depois de ter sido consagrado à sua nova posição era Yabhalaha. Deus o abençoou com boa saúde, e ele viveu para ver seis reis diferentes como vice-reis no trono imperial do ocidente na Pérsia. Passando por muitos incidentes agitados de sua vida, será suficiente dizer que a esplêndida devoção da igreja, que tinha feito um maravilhoso trabalho até o tempo em que Marcos (Yabhalaha) alcançou o patriarcado, ainda continuou. Assim, a história

desses dois jovens ilustra a vasta extensão a qual a Igreja do Oriente se espalhou no oriente, como também sua força e influência.

MARCO POLO E A IGREJA ASSÍRIA

O mesmo século em que Marcos e Sauma viajaram da China para a Pérsia testemunhou cinco outras viagens que têm sido registradas. Elas nos dão um notável quadro do mundo mongol do mar Mediterrâneo ao oceano Pacífico, e da Sibéria ao oceano Índico. A mais notável destas viagens foram as viagens feitas por Marco Polo, um italiano da cidade de Veneza e um devoto católico romano. Como sua educação no catolicismo coloriu sua interpretação das situações que encontrou é visto na seguinte descrição:

Mosul é uma grande província habitada por várias descrições de pessoas, uma classe das quais presta reverência a Maomé, e são chamados Árabes. Outras professam a fé cristã, mas não de acordo com o cânon da igreja, da qual se distanciam em muitas coisas, e são denominados nestorianos, jacobitas, e armênios. Eles têm um patriarca que chamam Jacolit, e por ele são consagrados arcebispos, bispos e abades e enviados a todas as partes da Índia, para Baudas (Bagdá), ou para Cathay (China), assim como o papa de Roma faz nos países Latinos.¹⁵

Quando João de Plano Carpini (*ou Giovanni da Pian Del Carpine*) e William de Rubruck começaram a jornada para entrevistar os imperadores tártaros, a capital ainda estava em Karakorum na Sibéria entre as tribos nômades das planícies asiáticas. A viagem feita por Marco Polo, porém, o trouxe a Pequim, a nova capital dos mongóis sob o imperador Kublai. A seguinte descrição de Pequim no tempo da chegada de Marco Polo é dada por Manuel Komroff:

Duas notáveis maravilhas da engenharia já tinham sido completadas antes da chegada de Marco Polo. Uma era a grande Muralha da China e a outra era o Grande Canal, os últimos 960 quilômetros deste foram terminados por Kublai Khan. Este canal vai de Pequim a Canton, e até hoje permanece como o mais longo canal de água construído pelo homem. Comunicações por terra por mensageiros a cavalo eram bem desenvolvidas e são bem descritas por Marco Polo. Nas diversas artes a China estava bem amadurecida. Pintura, gravura, bronze fundido, escultura, fabricação de porcelana e a arquitetura já eram bem desenvolvidas. A literatura, também, era bem respeitada. A invenção do papel veio logo em 105 d.C. e livros eram impressos usando blocos de madeira em 932. Cerca de 50 anos depois, a grande enciclopédia, consistindo de mil seções distintas, foi impressa sob a supervisão pessoal do imperador. Marco Polo podia ter encontrado livros já em circulação tratando de política, economia, filosofia, religião, armamentos, agricultura, pintura, música e outras artes. O tipo móvel apareceu primeiramente na China em forma de blocos de argila recozidos em 1043 e o papel moeda, comentado por Marco Polo com tanta admiração, era a moeda em muitas partes do império. Não faltavam dispositivos mecânicos. Relógios de água eram encontrados em pontes, instrumentos astronômicos

estavam em constante uso, metais e carvão eram extraídos das minas e o sal era extraído do mar. Era neste mundo de maravilhas que Marco Polo, um jovem impressionável, se encontrava.¹⁶

Quando Marco Polo, um rapaz de dezenove anos, viajou com seu pai e seu tio, ele usou praticamente a mesma rota do oeste para o leste a qual Marcos e Sauma tinham atravessado do leste para o oeste. Ele, também, notou quão forte era a Igreja do Oriente em Yarcán (ou Yarkand), que está na parte ocidental do Turquistão, nestas palavras: “Yarcán é uma província de cinco dias de viagem em extensão. O povo segue a lei de Maomé, mas há também cristãos nestorianos e jacobitas.”¹⁷

Quando chegou a Tangut, um dos lugares mencionados por Sauma, Marco Polo notou a existência de cristãos assírios,¹⁸ e também em Dunhuang, uma cidade que ele chama de Chingintalas.¹⁹ A partir daí ele mostra cerca de dez outros lugares onde permaneceu em suas viagens indo de um lugar a outro no império. Escrevendo sobre a cidade que hoje é conhecida como Suzhou, ele diz: “No final desses dez dias você chega a outra província chamada Sukchur.” Ele indica que uma parte das pessoas neste lugar era cristã e outra parte era idólatra.²⁰ De lá ele viajou para a cidade de Campichu (agora, Ganzhou) lugar em que, ele diz, os cristãos tem “três igrejas muito boas”.²¹

De Campichu ele foi ainda mais a leste para o reino de Erguiul com a capital do mesmo nome, que evidentemente é a cidade moderna de Liangzhu. Marco Polo diz: “É um dos vários reinos que compõem a grande província de Tangut. O povo consiste em cristãos nestorianos, idólatras e adoradores de Maomé.”²² Neste ponto Marco Polo menciona outra cidade diretamente ao sul de Liangzhu, evidentemente, a cidade moderna de Ining, que acredita ser o lar dos assírios cristãos.

Começando de novo a leste de Liangzhu, Marco Polo chegou a uma província cuja capital era Calachan. Ele valoriza esta região com numerosas cidades e aldeias em que existem belas igrejas pertencentes aos cristãos assírios.²³ De lá, ele seguiu para o leste até entrar em outra província cujo governo estava nas mãos dos cristãos. A esta próxima província ele dá o nome de Tenduc, da qual ele diz,

O rei da província é da linhagem de Preste João, chamado George, e ele possui a terra sob o domínio do Grande Khan; não que possua algo parecido com tudo o que Preste João possuía. É um costume, posso dizer-lhes, que estes reis da linhagem de Preste João sempre tomavam por esposa ou filhas do Grande Khan ou outras princesas de sua família... O governo da província está nas mãos dos cristãos, como eu lhes disse.²⁴

Shakespeare escreveu sobre Catai, o próximo reino em que Marco Polo e seus companheiros percorreram. Durante séculos a China era no ocidente era chamada Catai. O grande imperador logo descobriu as habilidades de Marco Polo e escolheu-o para um cargo imperial. Como tal, ele fez muitas viagens ao longo do reino e relatou sobre as inúmeras cidades e aldeias em que encontrou cristãos nestorianos.²⁵

Como oficial do Imperador Kublai Khan, ele foi para a parte sudoeste da China e notou a existência de cristãos assírios em Yunnanfu, a capital da província de Yunnan.²⁶ Da cidade de Yangzhou, sobre a qual Marco Polo foi colocado por um tempo como governador e que tinha vinte e sete outras ricas cidades sob sua administração, é relatado que tinha três dessas igrejas.²⁷

Assim, há testemunhas famosas que viram com seus próprios olhos as florescentes igrejas no império da China de 600 a 1300. Essas igrejas não estão lá agora. O que aconteceu desde então? Outra revolução abrangendo a Ásia e a Europa em sua amplidão derrubou os mongóis e tornou os turcos dominantes.

A ASCENÇÃO DE TAMERLANE

(A origem deste nome em inglês vem de ‘Timur the lame’ ou Timur, o coxo, que ficou Tamerlane)

A questão surge naturalmente: O que aconteceu com o cristianismo difundido no Oriente, fruto do trabalho realizado pela Igreja do Oriente? Isto leva a novas cenas envolvendo Tamerlane, os jesuítas, e as sempre mutantes areias do deserto.

Tamerlane (1333-1405 d.C.) foi outro conquistador do mundo.²⁸ Muitos homens famosos de gênio militar parecem pigmeus em comparação com Gengis Khan e Tamerlane. Com exceção do sul da Índia, Gengis conquistou toda a Ásia e a maior parte da Europa Oriental. Tem sido cogitado que se não fosse pelas influências cristãs exercidas pela Igreja do Leste sobre os sucessores de Gengis Khan para poupar certas nações cristãs, todas elas hoje poderiam estar falando a língua mongol. Tamerlane ganhou domínio sobre todas as terras submetidas por Gengis, com exceção de China. Gengis era um mongol, exibindo em todo o seu império uma liberdade religiosa admirável para os seus dias.

Tamerlane era um turco, um muçulmano fanático, que matou cristãos às centenas de milhares, se não aos milhões, e destruiu igrejas cristãs e centros de treinamento. Sua violência é uma das razões para a ruína do cristianismo assírio na Ásia. A outra razão foi a vinda dos jesuítas, apoiados

pelas armas da Espanha e de Portugal, dos quais mais será escrito posteriormente.

Tamerlane tem sido incomparável na história do mundo em termos de ferocidade e crueldade. Onde quer que passasse, as províncias se tornavam desertos e os habitantes eram massacrados ou escravizados. Ele chegou ao poder por volta do tempo em que o Império Mongol tinha sido enfraquecido por estar dividido entre os netos de Gengis Khan. Ele possuía habilidades da mais alta ordem como um general. Em trinta anos de guerra constante, subjugou a Ásia central e a Pérsia. Somente em Ispahan, setenta mil cabeças foram transformadas em pirâmide. Marchou para a Ásia Menor e para a Geórgia, então um poderoso país, e desferiu um terrível golpe na Rússia. Enviou seus exércitos para Sibéria, subjugando em direção ao norte até o rio Irtysh e para o leste até o limite da China. Sua conquista do norte da Índia foi uma notável campanha. Tamerlane tinha mais de sessenta anos quando abriu uma passagem no rio Indo, marchando adiante para destruir casas e massacrar os habitantes.²⁹ O exército tártaro havia tomado cem mil prisioneiros antes de chegarem a Deli. Uma ordem foi dada para seu massacre e terrível vingança foi declarada contra qualquer pessoa que tentasse fugir do mandato sangrento. Acredita-se que nem um prisioneiro condenado escapou.³⁰

As vitórias de Tamerlane sobre os turcos otomanos após seu retorno da Índia se tornaram notáveis pela captura de Bagdá, Alepo e Damasco, e também pela captura do sultão. Tamerlane foi atacado de febre em meio a uma gigantesca campanha pelo extermínio da China.³¹

A devastação do selvagem Tamerlane foi a última tempestade a desenraizar os estáveis alicerces da civilização asiática. Todas as chances estavam agora removidas de que a Ásia Central ou o Extremo Oriente se tornassem um grande fator contribuinte para a edificação de um mundo melhor. Os dias de prosperidade e capacidade cederam à ignorância e à pobreza. Como alvo missionário, aquelas terras apresentavam um duro e difícil problema para o êxito de altos padrões, como os que o cristianismo procurava implantar. O Salvador ensinou a Seus discípulos que quando fossem perseguidos em uma cidade deveriam fugir para outra. Dos dias de Tamerlane em diante, é preciso buscar em outras terras o crescimento de um cristianismo dominante e fecundo. Por quinze séculos a Igreja no Deserto tinha feito um trabalho glorioso nos países a leste do Mediterrâneo. Restava agora para um continente recentemente descoberto por Colombo assumir a liderança cristã no momento em que a Igreja do Oriente estava indo abaixo. A América erguer-se-ia em poder para dar o evangelho de Jesus Cristo.

O Saara seria tão atraente para o empreendimento missionário quanto seria a Sibéria, o Turquistão, ou o norte da China quando inundado por

nuvens rodopiantes de areia. Os anos laboriosos gastos na construção de cidades vieram a nada antes da tempestade destruidora. O homem com todas as suas armas de defesa não pôde resistir ante as avalanches do deserto. Uma olhada no moderno Atlas da China preparado por A. Herrmann irá revelar um mapa localizando cidades arruinadas perto de Turpan no leste do Turquistão.³²

Entre Khotan e China, as areias moventes do deserto cobriram incontáveis cidades no leste do Turquistão, que antigamente eram a sede de florescentes comércios e prósperas comunidades.³³ W. H. Johnson é autor da declaração de que numa ocasião trezentos e sessenta cidades foram enterrados em vinte e quatro horas.³⁴

As pesquisas de Sir Aurel Stein entre as cidades arruinadas de Catai, e os interessantes livros de Sven Hedin sobre as antigas ruínas de Lop Nor dão outros fatos interessantes concernentes ao soterramento de centros que uma vez foram florescentes e populosos no Extremo Oriente.³⁵ Sven Hedin mostra que em meio às ruínas de Loulan no noroeste do Turquistão, os achados que foram desenterrados, como tiras de papel com escrita, tabletes de madeira, moedas, copos e tigelas, e outros dados, apontam para um período entre meados do terceiro século e o início do quarto. Um documento fala de uma expedição militar, outro de uma visita do governo em que a cidade acolheu quarenta oficiais do exército da fronteira. Havia também indicações de numerosas fazendas.³⁶

A CHEGADA DOS JESUÍTAS À CHINA

Havia outro fator, mais poderoso que Tamerlane, mais poderoso do que as areias movediças dos desertos, que contribuíram para o enfraquecimento da Igreja Assíria na China, e ao seu desaparecimento da liderança. Esse fator foi a organização jesuíta.

Com a chegada dos jesuítas na China, a batalha pela fé foi transferida para um novo solo. Os efeitos devastadores sobre a Igreja no Deserto pelos recém-chegados jesuítas na Índia, trazendo com eles a Inquisição Portuguesa, foram anteriormente assinalados. “A queda da Igreja Nestoriana na Índia”, escreve William W. Hunter, “não foi devido, no entanto, a um retorno ao paganismo nem a quaisquer perseguições dos príncipes nativos; mas à pressão da Inquisição Portuguesa e ao proselitismo autoritário de Roma.”³⁷ Os mesmos resultados foram produzidos na China e no Japão pelos jesuítas.

O famoso pioneiro da ordem, Francisco Xavier, que introduziu a Inquisição na Índia, navegou para o Japão em 1549. Ele construiu sua

primeira igreja em 1552 em Yamaguchi. O quanto ele assimilou da filosofia budista e do paganismo em sua pregação papal pode ser visto na seguinte citação: “Ele utilizou, também, os vasos do altar, velas, incenso e algumas das imagens encontradas em seus templos – diferindo muito pouco daqueles da Igreja Católica”.³⁸

Sua permanência na China, entretanto, foi curta. Seus sucessores por um tempo sofreram muita oposição dos mandarins. Não antes de janeiro de 1601, que Matteo Ricci, um padre jesuíta de Portugal, conseguiu obter uma posição em Pequim, principalmente através de sua habilidade em matemática, na construção de máquinas de guerra e astronomia.³⁹

Apoiados pelo poder de Portugal e Espanha, os jesuítas ganharam grande prestígio com a classe letrada e a corte imperial. Tão bem sucedidos foram eles entre os instruídos que no momento da morte do padre Ricci em 1610, os três médicos mais célebres da sociedade dos intelectuais (os eruditos, Paul, Leon e Michael) estavam nas fileiras daqueles convertidos pelos jesuítas.⁴⁰ De fato, por volta de 1615, dois dos principais magistrados da China pediram ao imperador para ter todos os melhores livros europeus traduzidos para o chinês pelos jesuítas, com o objetivo de enriquecer a literatura nacional.⁴¹

Por este tempo havia grande conflito entre os próprios jesuítas, não apenas na China, mas também na Europa, pela maneira como padre Ricci estava adotando costumes pagãos, batizando conversos que ainda os mantinham, alegando, assim, que Cristo e a Igreja Católica Romana não eram antagônicas a práticas como a adoração dos ancestrais e outros ritos pagãos. O historiador jesuíta Huc, debatendo o padre Lombardi, colega de trabalho e sucessor do Padre Ricci, diz:

Considerados deste ponto de vista, os costumes da China pareciam para Lombardi e para os missionários que tomaram seu lado, como uma idolatria totalmente incompatível com a santidade do cristianismo – atos criminosos, a impiedade dos quais deve ser mostrada para os chineses sobre quem, pela graça de Deus, a luz do evangelho havia brilhado, e que deve ser absolutamente proibido a todos os cristãos, seja qual for sua condição.⁴²

Deste modo, será compreendido o quanto os jesuítas na China diferiram da Igreja do Oriente. Também será visto que, oferecendo crenças e práticas que em vez de se opor endossavam a idolatria pagã, tinham adquirido suficiente poder para destruir o cristianismo do Novo Testamento como fizeram na Índia. Além disso, sua aceitação de deuses domésticos e orações pelos mortos os levariam a aproveitar a oportunidade oferecida para desenterrar do famoso monumento de pedra chinesa. Eles seriam impelidos a corromper os caracteres chineses sobre esta famosa pedra descoberta na

antiga capital do Império Chinês cerca de vinte a vinte e cinco anos após seus êxitos iniciais. Distorcer a antiga inscrição para ensinar doutrina papal iria oferecer uma tela decorativa atrás da qual poderiam operar seu mecanismo de propaganda.

AS INSCRIÇÕES CHINESAS CORROMPIDAS

O célebre monumento de pedra chinês, como foi relatado no capítulo anterior, foi desenterrado em 1625 em Changan, e sua imensa importância foi imediatamente reconhecida. Este precioso achado foi logo em seguida apreendido pelos oficiais chineses mais instruídos e pelos jesuítas para ser por eles protegido. O primeiro passo foi esculpir uma pedra duplicada para livrarem-se da original.⁴³ A fim de fazer isso, os jesuítas eram necessários aos mandarins, e esses oficiais eram necessários aos jesuítas. Ambos precisavam proteger-se do testemunho prejudicial deste revolucionário achado histórico. Ao mesmo tempo, a descoberta do original ocasionou generalizada agitação para permitir que fosse destruído sem um substituto.

O Dr. Charles W. Wall afirma que a inscrição siríaca na pedra é genuína. Ele estabelece as seguintes três linhas de argumento para provar que os caracteres chineses esculpidos no mármore são uma falsificação:

- (1) Pelas circunstâncias em que foi comunicado ao público;
- (2) Pela natureza de seu conteúdo; e
- (3) Pelos caracteres em que está escrito.⁴⁴

Sobre o primeiro ponto, que o original foi destruído pelo governo chinês, pode-se dizer que este fato está bem autenticado. Alega-se que uma cópia exata foi feita. D'Athenese Kircher, um jesuíta que vivia na época e que teve grande interesse na questão da pedra memorial, citou o seguinte de Martin Martini, um jesuíta erudito, líder do trabalho missionário na China:

Tão logo o governador tomou conhecimento da descoberta do monumento pela curiosidade natural dos chineses, ele foi para o lugar e assim que examinou os sinais de sua respeitável antiguidade, primeiro redigiu um livro em homenagem ao monumento e ordenou que uma pedra do mesmo tamanho fosse feita, na qual ele tinha gravado o conteúdo da outra e tinha gravado ponto por ponto os mesmos caracteres e as mesmas letras que tinham sido impressas sobre a original.⁴⁵

Dr. Wall cita dois outros padres jesuítas, Boim e Samedus, também líderes no mesmo campo missionário, para provar que a inscrição chinesa foi gravada sobre uma segunda pedra da mesma dimensão que a primeira, e que

na redação desta inscrição os especialistas jesuítas deram sua assistência já que estavam prontamente dispostos a alterar a pedra que foi desenterrada.⁴⁶

Quais foram os motivos dos sábios chineses e dos jesuítas em dar ao público uma inscrição chinesa substituta? A linguagem de sinais da China tinha mudado tanto durante os séculos em que a pedra estava enterrada que a inscrição no mármore era indecifrável. No entanto, os mandarins afirmam que os traços e curvas de sua língua de sinais, bem como o significado de cada sinal, não mudaram em dois mil anos. Por esta razão, os sábios do Império Celestial destroem ou apagam, sempre que possível, e tão logo quanto possam, qualquer inscrição antiga em que possam colocar as mãos.⁴⁷ Mas como o monumento de Changan foi encontrado perto de uma cidade grande e populosa, e tinha feito uma grande agitação, foi necessário trazer de volta ao público uma cópia tão próxima ao original quanto possível ao destruir a reveladora, indecifrável inscrição chinesa.

Agora, qual foi o motivo dos jesuítas em serem cúmplices nesta imposição? Por que era necessário que os mandarins dependessem de seu auxílio? Os jesuítas viram rapidamente que o monumento histórico proclamava o início da vinda na China da Igreja do Oriente, que tinha sido excomungada por volta de 700 d.C., pelo bispo de Roma.⁴⁸ (*Conforme dito no início do capítulo 21, a pedra memorial foi erigida em 781 d.C., quando Adão era chefe da igreja assíria na China*). Aqui estava a chance de escrever as doutrinas da Igreja de Roma sobre esta parte da pedra, tomando cuidado para que os outros fatos não se chocassem com a parte gravada em siríaco. Como a classe letrada era totalmente ignorante da história da igreja e das doutrinas cristãs, eles foram obrigados a recorrer aos jesuítas para fabricar uma história que não se exporia em conflito com o que foi escrito sobre a parte siríaca da pedra.

Tomando o segundo ponto, pode-se ver que a natureza das doutrinas apresentadas na parte chinesa da inscrição também prova uma fraude jesuíta. Estas referências no presente texto chinês relativas à utilização de imagens na adoração cristã e às orações pelos mortos eram declarações de doutrina que nunca foi ensinada pela Igreja do Oriente. Contudo, os jesuítas foram obrigados a reconhecer da parte siríaca da inscrição, a qual não poderiam alterar, que o monumento foi erguido para a glória daquele grande corpo missionário. Como os caracteres chineses com suas interpretações podem ser encontrados em qualquer trabalho padrão sobre o assunto, passagens fraudulentas não serão citadas aqui. Além disso, os caracteres chineses na pedra não enfatizam um programa evangélico. Não há referência aos milagres de Cristo e nada a respeito de Sua morte, ressurreição e ascensão.

Há, além disso, exagerados louvores dados aos imperadores chineses e ao endosso à sua prática de pendurar imagens nas paredes das igrejas. Outros ensinamentos diferindo amplamente daqueles da Igreja do Oriente que foram rejeitados por essa comunidade aparecem na parte chinesa da inscrição.⁴⁹

Quanto ao terceiro ponto, Wall apresenta um argumento magistral para reivindicar genuinidade à inscrição siríaca na pedra e, portanto, para o próprio achado original, e para provar que a inscrição chinesa foi uma falsificação. Em seus livros, apresentando placas que comparam os caracteres de ambas as línguas no monumento com aquelas usadas em épocas diferentes através dos séculos, ele convence o leitor da genuinidade do siríaco e da falsidade do chinês.⁵⁰

Uma apresentação completa da inscrição em siríaco no monumento iria mostrar que ela certamente fornece o ano em que a pedra foi erigida. Em segundo lugar, ela indica clara e corretamente o nome do chefe da Igreja do Oriente na China. Também dá clara e corretamente o nome do pai dos pais, a cabeça suprema sobre a Igreja do Oriente em todo o mundo, não dando dúvidas de que o monumento era um memorial para aquela igreja e ao seu triunfo na China. O siríaco também afirma claramente que nesta pedra estava a doutrina dAquele que foi nosso Redentor e o ensino que foi pregado por seus primeiros pais aos reis da China.

A filologia mostrou claramente como o significado dos caracteres chineses muda de século para século. Seus caracteres de sinais, geralmente empregados na escrita, não transmitem uma palavra; eles expressam uma ideia ou uma imagem. A razão oficial dada para destruir a pedra original e substituir por uma recém esculpida foi que os caracteres chineses foram gravemente danificados ao desenterrar o monumento. Por conseguinte, é de se concluir que a classe literária de Changan queria reproduzir caracteres chineses mais bonitos e aceitáveis.

A razão pela qual a autenticidade dos caracteres siríacos é aceitável está facilmente aparente. Em primeiro lugar, nem os chineses nem os jesuítas do século XVII na China estavam familiarizados com a língua siríaca do sétimo século. Quando, no entanto, os caracteres siríacos da pedra foram submetidos aos estudiosos do siríaco, eles correspondiam bem com os registros da sede da igreja. Eles também correspondiam com a história escrita sobre a Igreja do Oriente, seja por membros da igreja ou por historiadores imparciais.

Das declarações esculpidas há séculos na língua síria nesta pedra singular, a história do notável trabalho realizado pela Igreja do Oriente na China continua. Uma inumerável multidão que tem sido convertida a Cristo na China através dos esforços da Igreja no Deserto vai estar vitoriosa no mar de vidro com os resgatados da Terra.

CAPÍTULO 23

A IGREJA NO JAPÃO E FILIPINAS

A propagação do budismo não destruiu, embora possa ter transformado, as antigas crenças dos japoneses; nem impediu-os de praticarem outras formas de religião. A antiga veneração do céu chinesa não foi negligenciada, como está claro de suas crônicas oficiais.¹

O Japão deve muito de sua civilização à Igreja do Oriente. Isso pode vir como uma surpresa para muitos. Se assim for, haverá mais surpresas guardadas para aqueles que não estão informados de quão forte o cristianismo foi como fator determinante no modo de vida do império da ilha.

A religião natural do Japão é o xintoísmo. O significado de “xinto” é “o caminho dos deuses.” Dr. Nitabe não hesita em dizer que o xintoísmo é o mais politeísta dos politeísmos.² Ele vê um deus em tudo, seja nas sublimes operações da natureza ou nos humildes objetos de móveis na cozinha. O xintoísmo permaneceu como único proprietário da alma religiosa japonesa até que as doutrinas cristãs e organizações budistas trouxeram suas influências.

A resposta para a pergunta sobre como o xintoísmo poderia manter sua influência sobre o japonês com seus limitados oferecimentos, é encontrado no fato de que faz um forte vínculo para a unidade nacional. Embora os registros sobre os quais a história do Japão é construída sejam de origem relativamente recente, as tradições do povo vêm de mais de seiscentos anos antes de Cristo. A veneração com que o imperador é considerado sempre tem sido a principal tradição japonesa. Em todos os períodos da vida da nação ele foi reconhecido como um verdadeiro descendente da deusa do sol. Ele foi considerado divino até esta extensão. O xintoísmo é a expressão desse culto. Todos os pontos da existência nacional centralizam-se em torno da figura suprema do imperador.

Transformações surpreendentes ocorreram na vida social, política e religiosa do povo; mas esses dois elementos – adoração ao imperador e o xintoísmo – persistiram através da história do Japão. O

desenvolvimento tem afetado até estes. Os intelectuais japoneses têm sido graduados com as maiores honras nas universidades ocidentais somente para voltarem para casa sem a menor mudança em suas convicções religiosas em relação à família imperial. Esta é uma ilustração do princípio de que a cabeça pode falar com a cabeça, mas a cabeça não pode falar com o coração. A educação não necessariamente muda o coração.

Os registros do passado do Japão são escritos e tradicionais. Os mais antigos documentos escritos relativos à história são o Kojiki, escrito em mistura de japonês arcaico e chinês e o Nihongi (*ou Nihon Shoki – crônicas do Japão*), escrito inteiramente em chinês. Ambos datam do oitavo século depois de Cristo. O historiador Underwood escreve:

O Kojiki às vezes tem sido chamado de “Bíblia dos japoneses”, mas é difícil encontrar um motivo religioso por trás de sua compilação, salvo na medida em que apresenta as antigas histórias da “origem das divindades e o estabelecimento dos homens.” O objetivo predominante da compilação foi demonstrar a origem divina da família dominante e a antiguidade da fundação do estado.³

Do Nihongi, ele diz que abrange em parte o mesmo assunto que o outro documento, com versões alternativas do mesmo mito ou evento.

Nos primeiros doze séculos da era cristã, o inegável traço ou peculiaridade da história do Japão foi sua imitação servil e cópia dos caminhos e da vida da China. Ele recebeu o discernimento do pensamento chinês e da linguagem chinesa. Nesse aspecto, o Japão foi praticamente uma província do Império Celestial. Como P. Y. Saeki coloca:

Se os prédios da corte em Hsianfu fossem pintados de vermelho, assim também eram os de Nara. Se um templo fosse construído e mantido pelo governo chinês em cada província, assim devia ser no Japão. Se o aniversário do imperador chinês fosse celebrado como feriado nacional na China, assim era aqui. Se os nobres e a classe alta na capital chinesa jogassem futebol, isto logo era imitado pela aristocracia japonesa em Nara e Asuka-oka.⁴

O budismo estava entre as influências da China que afetaram profundamente o Japão. Como o próprio budismo foi profundamente transformado pelo cristianismo e como esta força dominou a história japonesa, será relatado.

O imperador é visto como um descendente direto da deusa do sol, Amaterasu. Os sacerdotes xintoístas afirmam que o templo em Ise, o santuário nacional de Amaterasu, foi erigido por revelação no exato momento em que Cristo nasceu.⁵

Eles afirmam que houve encarnação para sua deusa do sol assim como os cristãos o fazem para o Messias. Existem muitos pontos de semelhança, se não de identidade, entre cristianismo e xintoísmo. Os xintoístas estão, portanto, em posição de alegar que a sua revelação é a original que os apóstolos falsificaram, ou que ambas as religiões têm uma origem comum. Ise, um centro religioso, é o santo dos santos para os nipônicos. Milhões se voltam para ele diariamente em oração como em outras terras os religiosos fazem para Meca ou Jerusalém. Para resolver os problemas que estão sujeitos a vir no confronto entre o Oriente e o Ocidente, é importante estudar como a religião nacional do Japão veio aproximar o cristianismo na doutrina e nas cerimônias religiosas. Como o xintoísmo e o budismo se fundiram no Japão, e como essa religião nacional começou a rivalizar-se com as revelações da Bíblia?

FALSIFICANDO O CRISTIANISMO NO ORIENTE

O budismo, em geral, não é hoje o que era na época da morte de seu fundador. A doutrina original ensinada por Buda carecia da profundidade, largura e da força das mensagens da Bíblia. Se o budismo não tivesse obtido em Asoka (imperador do grande Império Hindu na Índia por volta de 273 a.C.) um patrono e um apóstolo, provavelmente não teria sobrevivido. Embora o budismo na Índia desfrutasse do apoio imperial de diversos imperadores, tal como a verdadeira igreja de Cristo nunca desfrutou, era tão estéril e tão indiferente às necessidades da alma humana que se não tivesse se apropriado das satisfatórias doutrinas e do mecanismo produtivo do cristianismo, seria um assunto morto hoje. Tal como está agora, o budismo é uma das maiores religiões do mundo.

O budismo, a nova fé que seu fundador colocou no meio de um hinduísmo cruel, imundo e primitivo, foi um grande avanço em relação às idolatrias grosseiras em sua terra natal. No entanto, era uma doutrina deficiente e insatisfatória da relação do homem com Deus e de suas esperanças no futuro. Além disso, era muito fraco para se levantar contra um hinduísmo rejuvenescido e um cristianismo em avanço. Na sua forma anterior, não tinha a trindade.⁶ Apresentava uma ideia mais clara da divindade do que anteriormente tinha vindo para a Índia através

do hinduísmo, mas deixou um grande abismo entre o homem e Deus. Não tinha um Salvador. Não tinha uma pessoa da divindade semelhante à concepção cristã do Espírito Santo. Foi deixado ao homem encontrar dentro de si o poder de transpor o abismo entre ele e seu Criador. Vincent Smith escreve: “O Budismo primitivo que ignorou o divino era conhecido em tempos posteriores como Hinayana, ou Veículo Inferior de salvação, enquanto a religião modificada que reconheceu o valor da oração e reconheceu Buda como o Salvador da humanidade foi chamado o Mahayana, ou Grande Veículo.”⁷ A grande doutrina da salvação pela fé somente, ou Mahayana, apareceu no budismo cerca de mil anos depois a morte do seu fundador.

O budismo entrou na China no ano 67 d.C. Seis anos antes, o Imperador Ming Ti teve um sonho que produziu em sua alma uma consternação tão profunda como a que alarmou Nabucodonosor. O governante chinês, assim diz a lenda, viu uma grande imagem dourada voando das alturas e pairando sobre o palácio em que ele dormia. Nesse ponto, hesitou por um tempo, oscilando para trás e para frente. O sol e a lua em radiante esplendor sobre o visitante celestial o fez brilhar com uma luz celestial. O imperador chamou um de seus talentosos ministros, que prontamente interpretou o evento como uma visita da deidade indiana Buda. Então o monarca comissionou uma delegação de dezoito homens para viajar para o oeste para obterem informações sobre este Buda.

A comissão voltou, acompanhada por cavalos brancos carregados de escritos e relíquias, para Loyang, capital da China na época. Então o imperador construiu para a nova fé um templo, e chamou-lhe o Cavalo Branco, por causa dos animais que trouxeram da Índia as relíquias e escritos do budismo.

Karl Reichelt acrescenta: “Assim começou o fluxo invasor de monges budistas da Índia para a China, que continuou por mais de setecentos anos, e que se tornou de grande importância para o ‘Reino do Meio’.”⁸

Enquanto o budismo estava entrando na China, estava passando por uma transformação. Embora apoiado no começo pelo patrocínio imperial, verificava-se muito frio e estéril como doutrina para competir com o confucionismo, a principal religião nativa na China.⁹ O contato com a Igreja do Oriente foi uma oportunidade para o budismo para assimilar as invencíveis doutrinas de uma religião cujo fundador, Cristo, havia aparecido quase seis séculos depois que Buda viveu.

Isso é exatamente o que aconteceu. Shan-tao (*ou Shandao*), um proeminente sacerdote budista chinês que morreu em 681, começou a proclamar através da China a salvação pela fé em Buda sob seu novo nome, Amitabha. Shan-tao também ensinou a doutrina de uma trindade com tanto êxito que dele foi dito: “quando ele pregava, os três Budas apareciam em seu fôlego.”¹⁰ Ele promoveu a ideia de um salvador vicário de uma luz ilimitada ou da vida eterna pela fé em Amitabha. Onde ele obteve esse conceito? Evidentemente de missionários cristãos.

Para provar que os missionários cristãos e o líder budista Shan-tao estavam presentes na capital da China durante a mesma geração, é necessário somente notar, na seguinte citação, que “Kao-Tsung (*ou Gaozong*) (650-683 d.C.), que era um grande amigo de Shan-tao, era o próprio imperador que mais ajudou a Igreja Assíria na China.”¹¹ O budismo sob a direção dos chineses, uma raça mais criativa que a indiana, foi guiada pelas verdades do Novo Testamento. Assim, ergueu-se de uma fria doutrina de salvação pelas obras para as alturas das boas novas da salvação pela fé. Reichelt diz de Amitabha, o novo nome no budismo: “o que tem sido dito aqui de Amitabha será suficiente para dar uma impressão do tremendo significado que seu nome adquiriu na China, e vai mostrar como todos os fios da teia de Mahayana levam de volta a ele.”¹²

“Temos assim”, escreve Arthur Lloyd, “por assim dizer, três diferentes trindades budistas, todos alegando vir dos primórdios de Mahayana, todos supostamente aparecendo simultaneamente na China, justamente na época em que as missões cristãs começaram a chegar a esse império, e todos os três trazidos para o Japão durante os primeiros anos do período Nara. No fundo os três conjuntos significavam praticamente a mesma coisa.”¹³ Há um budismo chinês e um budismo japonês, bem como um budismo indiano.

O BUDISMO ADOTA A SEGUNDA VINDA DE BUDA

Os budistas, ao adicionar Amitabha à sua divindade, têm sido capacitados a pregar um redentor. A fim de satisfazer aos anseios da alma pecaminosa, foram mais adiante. Eles foram obrigados a profetizar uma segunda vinda ou um retorno glorioso de seu novo mediador que havia sido transladado para o nirvana, seu céu. Após a viagem de séculos, ele retornaria, disseram, para terra. Um orientalista

escreve sobre a segunda vinda de Buda sob este título japonês: “Maitreya (Miroku), o Amoroso que está retornando”.¹⁴

A fim de observar a influência deste ensino no Japão, assim como na China, permita uma viagem de Changan, a antiga capital da China, para Kyoto, a antiga capital do Japão, e suba pela inclinada estrada de ferro para Monte Koya, a montanha sagrada do Japão. No famoso cemitério no topo da montanha vamos encontrar uma réplica da célebre pedra monumento em Changan, China. Com relação ao famoso cemitério e ao mosteiro budista, fundado por Kobo Daishi (816 d.C.), Saeki escreve:

Ela [a pedra] fica precisamente dentro da entrada para o admirável cemitério do Okuno-in, onde dezenas de milhares de japoneses, de imperadores a camponeses, foram sepultados na expectativa da vinda de Miroku – o esperado Messias dos budistas – durante os mil e cem anos desde que seu adorado e venerado santo Kobo Daishi retornou de Changan, onde ele deveria ter visto aquela “Pedra Falante”, que os monges nestorianos haviam erigido ali apenas vinte e três anos antes de sua chegada.¹⁵

Onde o budismo em geral e o budismo japonês em particular conceberam a ideia da segunda vinda de Miroku, o messias budista japonês? Ao testemunharem a extraordinária força do cristianismo na raça humana, reconheceram quão etérea e ilusória era a imagem de uma alma imortal sem um corpo vendo os anos passarem numa interminável sequência em algum lugar. Eles reconheceram quão cativante era o ensino dos crentes no Novo Testamento, ao retratarem o Senhor Jesus Cristo retornando nas nuvens do céu com poder e grande glória. Foi então que, para enriquecer o corpo de seus ensinamentos, introduziram um Messias semelhante que ao final de um número de anos voltaria do céu para inaugurar um milênio budista. Os mais profundos e vivos pensamentos do budismo estavam ligados em Miroku, como os japoneses o chamavam, o homem do futuro.

O ECLIPSE DO XINTOISMO POR UM BUDISMO CRISTIANIZADO

A profunda transformação do xintoísmo no Japão por um budismo cristianizado gira em torno da figura de Kobo Daishi, o mais poderoso intelecto do Japão. Foi ele quem fundou em Monte Koya um mosteiro que é agora o maior e talvez o mais próspero do Japão.¹⁶ Tendo demonstrado na juventude um incomum brilho intelectual, ele foi enviado pelo Imperador japonês para Changan, a capital da China, para

empenhar-se em conciliar o budismo e o xintoísmo. Saeki afirma que o convento budista onde Kobo Daishi morou por dois anos¹⁷ estava apenas uma rua do grande centro de treinamento cristão construído pela ordem imperial para a Igreja do Oriente em Changan.

Assim, na capital da China, quando a China era o maior império do mundo, as delegações cristãs de sua sede persa foram colocadas frente a frente com a delegação culta do Japão. A questão agora surge: Os cristãos da Pérsia aprenderam com Kobo Daishi, ou a delegação japonesa aprendeu com os missionários cristãos? A civilização chinesa tinha sido elevada a um nível superior pela Igreja do Oriente através da chegada dos missionários evangélicos da Pérsia. Portanto, os líderes cristãos vieram para a China para dar; Kobo Daishi, o líder pagão do Japão, veio para a China para receber.

O que ele obteve? É sensato concluir que este Kobo Daishi, cujo nome é uma palavra familiar hoje em todo o Japão, retornou ao Reino do Sol Nascente com os ensinamentos mais elevados de uma civilização que tinha amanhecido na China quando veio o cristianismo.

Primeiro, ele simplificou o estilo de escrita japonesa, que até então tinha sido um obstáculo na tradução dos melhores trabalhos de outras terras para a literatura e o pensamento japonês. Quando ele estava na China, ficou muito impressionado com o ensinamento de Amitabha ou, como os japoneses o nomearam, Amita (*que significa ‘sem limites’, ‘infinito’*). Amitabha (*abha, significa ‘luz’, ‘esplendor’*) foi a divindade que obteve a posição suprema no corpo de doutrina budista. Kobo Daishi tinha sido enviado ao Japão, não para conciliar o cristianismo com o xintoísmo, mas conciliar o budismo com o xintoísmo. No entanto, ele ficou tão fortemente impressionado pelo cristianismo que quando voltou para sua terra natal, introduziu um novo corpo de doutrina que chamou de Shingon, ou palavra verdadeira. No decorrer do tempo esta seita Shingon estava destinada a se tornar a maior seita do Japão. O batismo tornou-se um rito importante nos mistérios de Shingon. Kobo Daishi conseguiu conciliar os deuses nativos do Japão com a divindade budista. Assim, poderia identificar a deusa do sol japonesa com Amita, o grande iluminador.

“A arquitetura xintoísta adotou muitas características dos templos budistas”, diz Sansom.¹⁸ Muitos outros itens podem ser enumerados para mostrar como Kobo Daishi, fortemente influenciado pelo cristianismo, trouxe tal conciliação entre sua idolatria nativa do

Japão e do budismo que daquele dia em diante a civilização japonesa estava em dívida com o cristianismo por intermédio da China.

A IGREJA DO MONUMENTO ORIENTAL NO JAPÃO

O monumento da igreja em pedra no cume do Monte Koya, no Japão, é uma réplica da famosa pedra desenterrada em Changan, capital da China, por volta de 1625; e é a chave oriental para as salas do passado cristão no Oriente. Nestas salas o mundo moderno pode andar e ver de novo o vasto trabalho que a Igreja do Oriente fez no Império Celestial. As histórias lá gravadas apresentam fatos bíblicos alcançando patriarcas, profetas, Cristo, e os apóstolos. Os líderes cristãos chineses, cujos nomes foram gravados com cinzel, residiam no espaçoso centro de treinamento bíblico a curta distância do templo budista na China em que Kobo Daishi morou. Evangelistas cristãos vieram para a China para trazer a luz espiritual e a cultura do Ocidente. Kobo Daishi veio para a China para trazer dela para o Japão a melhor cultura que ela teve. M. Anesaki diz:

Aqui em Koyasan centenas de pessoas são vistas dia após dia, muitos dos quais são piedosos peregrinos de vestes brancas, cantando suas diversas orações, mas também há muitos visitantes curiosos... Este cemitério se estende por quase dois quilômetros do centro do mausoléu de Kobo Daishi, onde, de acordo com a lenda, fez com que fosse enterrado vivo em seu sammai, ou postura de meditação.¹⁹

Nos séculos imediatamente anteriores e posteriores a 804, o Japão de um ponto de vista cultural poderia razoavelmente ser considerado uma parte da China. As ruas da cultura civilizadora que partiam da capital para a província oriental da China estenderam-se através da água até o Reino do Sol Nascente. Como antes mencionado, o monumento à Igreja do Oriente foi erguido sob o favor imperial. Os ecos de suas magníficas cerimônias dedicatórias ainda estavam reverberando quando Kobo Daishi residia na mesma cidade. Semelhante a alguns capítulos da Bíblia que transmitem muito em frases curtas, esta pedra divulga os ensinamentos que ergueram a China das profundezas da ignorância para sua posição como uma poderosa civilização; e que, ao fazê-lo, ergueu o Japão com ela. “Isso traz à luz”, escreve P. Y. Saeki, falando do original monumento em Changan, “o pano de fundo da civilização Changan que influenciou os países vizinhos das montanhas da Ásia. Além da pedra é na verdade a grande tocha que revela a natureza da cultura que os japoneses receberam do

continente asiático como resultado de seu relacionamento com a China durante a dinastia Tang.”²⁰

Há três pontos de virada que mudaram a história do Japão antes de o século XIX. O primeiro é o retorno de Kobo Daishi da China para dar seu relatório ao governo e se tornar o autor de influente trabalho. Por sua poderosa pregação, ele trouxe à existência uma nova seita que ainda hoje é a maior associação religiosa do Japão. Antes da chegada do cristianismo, a cultura e concepções religiosas da China tinham sido desprovidas do melhor na erudição e nas graças do evangelho que a Igreja no Deserto já tinha produzido na Pérsia e na Irlanda. Agora o Japão, assim como a China, estava festejando com os tesouros trazidos pelo Ocidente e estampados na China. A China estava indo para a escola da Igreja do Oriente por duzentos anos, quando o erudito japonês veio espionar a glória de Changan. Lá ele encontrou a “Escola da Terra Pura”, a mais forte e influente das seitas budista. Ela tinha sido aperfeiçoada por Shan-tao, que desenvolveu seus ensinamentos enquanto a missão nestoriana florescia.

Foi Shan-tao quem trouxe a doutrina Amitabha, ou a concepção de um salvador compassivo na divindade budista, para a sua apresentação mais completa. “A santíssima trindade do Ocidente aparece mais distintamente.”²² Kobo Daishi deu um passo adiante. Ele se apropriou de tudo isso e, com isso, amalgamou o xintoísmo. Sua nova seita, o Shingonshu, não destruiu as divindades do xintoísmo, somente as transformou. De Kobo Daishi, G. B. Sansom escreve:

Sua memória vive em todo o país, seu nome é uma palavra familiar nos lugares mais remotos, não apenas como um santo, mas como um pregador, um estudioso, um poeta, um escultor, um pintor, um inventor e explorador, e – passaporte certo para a fama – um grande calígrafo. Muitas lendas milagrosas se reúnem em torno de seu nome.²³

As brilhantes cerimônias que acompanharam a instalação do monumento memorial cristão em Changan em 781, encontraram sua duplicação em 1911 quando a réplica de pedra foi erguida no Monte Koya, no Japão. Por causa das circunstâncias em torno da permanência temporária de Kobo Daishi em Changan perto da pedra original, uma cópia exata foi erguida com cerimônias dedicatórias perto do túmulo do grande mestre. A duplicata foi criada para chamar a atenção do Japão, e particularmente para a igreja budista, a fonte de onde seu brilhante líder tirou sua inspiração. Como um exemplo de como a Igreja do Oriente impregnou o pensamento e a vida do Japão moderno, veja como

a doutrina da segunda vinda de Cristo em glória foi falsificada pelo budismo. Assim, Sansom escreve sobre Kobo Daishi:

Quando ele passou desta vida em Koya ele não morreu, pois ele jaz incorrupto em seu sepulcro, aguardando a vinda de Maitreya, o Messias Budista. Méritos mais autênticos, embora menos admiráveis, atribuídos a ele são a introdução do chá no Japão, obras muito úteis como construção de pontes e construção de caminhos, e a invenção do silabário de kana. Tais tradições de excelência se apegam somente à memória de homens verdadeiramente excepcionais, e podemos ter certeza de que nele o Japão nutriu um gênio, provavelmente um dos maiores de sua história.²⁴

A DERROTA ESMAGADORA DA CHINA PELO JAPÃO

O segundo ponto de virada decisivo na história do Japão foi a sua resistência à grande armada da China, fazendo-a recuar, por volta de 1284. Mais de quatrocentos anos tinham passado desde que a transformação na civilização do Japão foi realizada por Kobo Daishi e seus associados. Durante esse tempo, ele continuou a admirar a China como seu superior. Não havia outra nação com quem pudesse entrar em contato que valesse a pena, e assim ter uma oportunidade de comparação. Durante os primeiros mil e duzentos anos da era cristã, a China nunca havia observado o Japão suficientemente para desejar subjugá-lo territorialmente. Era chegada a hora, no entanto, quando um mongol ocupou o trono do Oriente. Kublai Khan, sucedendo ao trono do império mongol, mudou sua capital para Pequim, na China.

A primeira tentativa de Kublai Khan contra o Japão, quando sua frota levou trinta mil tropas contra aquele país, não foi um sucesso. Enquanto o ilha vibrou com triunfo, a administração central estava convencida de que o monarca chinês renovaria seu ataque com forças maiores. Sete anos se passaram, e durante esse tempo o império todo, tanto nobre, fazendeiros, ou escravos, reagiram unânimes em preparação. O golpe veio em Junho de 1281. Dois exércitos formidáveis navegaram para o Japão compostos de mais de cem mil chineses, mongóis e coreanos. A segunda invasão foi uma derrota esmagadora para a China. Significava mais que isso; significava a perda de prestígio. O Japão doravante deixou de olhar com respeito e confiança em seu grande vizinho. Foi um grande ponto de virada na história japonesa. Durante os séculos de 1200 a 1500, o Império da Ilha saltava à frente independentemente no governo, na guerra, na arquitetura, literatura e religião.

A Igreja do Oriente também atingiu o seu pico, especialmente durante a supremacia dos governantes mongóis chineses quando professores cristãos desfrutaram não só da tolerância e liberdade de movimento, mas até mesmo o favor dos imperadores. Ela havia ministrado na Ásia para muito mais nações e povos do que o papado. Durante esses mesmos séculos a Reforma surgiu para restringir a tirania eclesiástica no Ocidente. Mas agora a Igreja do Oriente enfrentou suas maiores tentações e provações. A longa prosperidade a enfraqueceu. Confiança na inspiração interior e nas cerimônias gradualmente vieram a substituir as Sagradas Escrituras. Apesar de que a frouxidão de doutrina, em particular, não se manifestasse, o espírito de urgência e definição diminuiu. Simplicidade de vida deixou de ser uma característica do povo durante tanto tempo dedicado à sua tarefa. A estrutura da fé, em geral, permaneceu; mas o espírito inicial de devoção tinha desaparecido. Tal era sua condição quando a ferocidade do fanatismo maometano sob a direção de Tamerlane a oprimiu na Ásia central.

Como Tamerlane saciou sua crueldade em todas as nações, da Rússia à China já foi relatado. Quando a tempestade devastadora passou, podiam ser encontradas apenas algumas centenas de milhares de membros da gloriosa Igreja do Oriente, que uma vez contou os fiéis aos milhões. Será contado mais tarde qual maravilhoso meio Deus tinha em reserva para compensar essa perda.

A LUTA DO JAPÃO COM OS JESUITAS

O terceiro ponto de virada na história do Japão é a chegada dos missionários jesuítas em meados do século XVI, que foi seguida pelo rápido progresso de sua propaganda, a sangrenta perseguição de seus conversos e a expulsão final. A restauração da paz e unidade política no início do século XVII foi seguida pelo extermínio da propaganda católica e da ligação estrangeira.²⁵

Como a entrada do poder jesuíta no Japão e nas Filipinas influenciou esses países, no que se refere ao cristianismo? William E. Griffis, competente escritor sobre o Japão, diz:

O cristianismo, no século XVI, chegou ao Japão apenas em sua forma papal ou católica romana. Enquanto nele foi infundido muito do poder e espírito de Loyola e Xavier, contudo, a crítica imparcial deve confessar que esta forma era militar, opressiva e política. No entanto, embora fosse impuro e saturado com os falsos princípios, os vícios e as superstições

incorporadas de corrupção do sul da Europa, tal como era, o cristianismo português confrontou a pior condição de coisas, moralmente, intelectualmente e materialmente que o Japão conheceu em tempos históricos... Na presença de sacerdotes budistas semelhantes a soldados, que haviam feito da guerra sua vocação, teria sido melhor se os missionários cristãos tivessem evitado o mau exemplo e seguissem apenas os passos do Príncipe da Paz; mas eles não o fizeram. Pelo contrário, trouxeram com eles o espírito da Inquisição, então em plena explosão na Espanha e Portugal, e a maquinaria com a qual estavam familiarizados para a recuperação de “hereges” nativos e holandeses. Xavier, enquanto estava em Goa, tinha até invocado o poder civil para estabelecer a Inquisição na Índia, e, sem dúvida, ele e seus seguidores teriam colocado esta maquinaria infernal no Japão, se pudessem fazê-lo. Eles tinham pisado e esmagado a “heresia” em seu próprio país, por um sistema de torturas infernais que em seus horríveis detalhes é quase indescritível.²⁶

O mesmo escritor atesta sobre o trabalho dos jesuítas no Japão: “Distritos inteiros foram ordenados a se tornarem cristãos. Os bonzos [sacerdotes budistas] foram exilados ou mortos, e fogo e espada, bem como a pregação foi empregada como meio de conversão ”.²⁷

Nenhuma história do Japão estaria completa sem o registro do trabalho de séculos dos jesuítas naquele país, seus métodos e, acima de tudo, o efeito desastroso que produziram sobre a nação com relação à cristandade. Foi o pavor das revoltas causadas pelo trabalho cruel característico desta organização que produziu a decisão final dos governantes de fechar as portas da nação ao cristianismo.²⁸

Tem grande crédito o povo japonês por manifestarem tal paciência com um movimento religioso que vincularam com repressão estrangeira. Eles acreditavam que a segurança do reino estava em jogo. Quando finalmente colocaram as placas em todo o Japão, “Cristãos para o mar”, foi porque sua concepção do evangelho era de uma organização falando o nome de Cristo, mas tão oposta ao progresso a ponto de levar Sansom a escrever:

Aqueles eram os dias em que Leonardo da Vinci tinha colocado os fundamentos do método experimental e, portanto, da investigação científica moderna; Copérnico havia ensinado uma nova teoria do universo; Harvey havia esclarecido a circulação do sangue; e Gilbert havia iniciado o estudo da eletricidade. Mas visto que estas descobertas eram intragáveis para a Inquisição, a qual queimou Bruno na fogueira e prendeu Galileo, é improvável que os japoneses obtiveram dos missionários qualquer conhecimento delas.²⁹

O Japão tomou agora a resolução de se isolar do resto do mundo. Por quase dois séculos, nenhum estrangeiro teve permissão de se aproximar de suas margens. Ele não sabia nada do mundo exterior, que

por sua vez, não sabia praticamente nada dele até que o Comodoro Perry da Marinha dos Estados Unidos ancorou sua frota no porto de Uraga. Essa foi a época em que as mães silenciaram os seus filhos inquietos com a pergunta: “Você acha que os mongóis estão chegando?” O resultado imediato das negociações entre o representante americano e o agente do governo japonês foi a abertura dos portos ao comércio exterior em 1859. Depois disso, o Japão enviou pessoas para a Inglaterra para organizar sua marinha; para a Alemanha para organizar seu exército; e para a América para organizar seu sistema de educação. Se o Japão tivesse sido favorecido mais cedo com a luz da grande Reforma Protestante, e se tivesse continuado com esta enquanto se movia para a liberdade e a Bíblia, poderia agora ter uma história diferente para contar.

A SUJEIÇÃO DAS FILIPINAS

Há evidências de que antes que os espanhóis trouxessem as Ilhas Filipinas sob seu domínio, a educação era, comparativamente falando, de alto nível. Como as Filipinas não tiveram contato com a civilização do Ocidente, exceto através do cristianismo, a única conclusão que pode ser tirada é que o esplêndido estado de educação na época da conquista espanhola (1569), foi devido à Igreja do Oriente.

Qual, no entanto, era a condição das coisas depois que as ilhas foram tomadas pelos espanhóis? Citamos de Blair e Robertson:

Se, como se afirma com credibilidade, o conhecimento da leitura e escrita era mais difundido nas Filipinas do que entre as pessoas comuns da Europa, temos o resultado singular de que as ilhas continham relativamente mais pessoas que sabiam ler, e menos leituras de qualquer interesse exceto assuntos puramente religiosos, do que qualquer outra comunidade no mundo.³⁰

Os mesmos autores acrescentam que era um fato singular que em todas as listas não há nenhuma tradução das partes da Bíblia.³¹

A ascensão, crescimento e recuo da Igreja do Oriente foram contados novamente para que possa ser uma inspiração para a Igreja Remanescente hoje.

CAPÍTULO 24

A IGREJA REMANESCENTE SUCEDE A IGREJA DO DESERTO

*Quem é este que vem do deserto, inclinando-se sobre o seu amado?
(Cânticos de Salomão 8:5)*

Foi uma hora gloriosa quando a igreja surgiu do deserto. Ela tinha feito um bom trabalho; tinha sido fiel à sua tarefa. Ela emergiu da circunstância do deserto para colocar os tesouros de suas batalhas duramente travadas aos pés da igreja do último período, ou seja, ela emergiu da era que o Redentor chamou “os tempos dos gentios”. (Lucas 21:24). O conflito tinha sido longo. Não foi uma Guerra dos Trinta Anos, ou Guerra dos Cem Anos, mas um luta de 1260 anos. Tinha sido cruel para a Igreja no Deserto. Embora ela nunca tivesse paz *da* batalha, ela sempre teve paz *em* batalha. A câmara de tortura, cadeias de galeras, a fogueira na estaca, trabalho árduo, e um status de plebeu tinham sido impostos sobre ela. No entanto, como vencedora, o que ela conquistou para a humanidade? Não tinha ela ganho liberdade, esclarecimento e o direito de adorar a Deus de acordo com os ditames da consciência?

A tendência dos escritores modernos é refletir sobre a ideia errônea, assiduamente construída pelas partes interessadas, de que o papado é o elo entre a igreja dos apóstolos e o cristianismo do tempo presente. Mesmo entre protestantes e não religiosos existe muito falso raciocínio. A citação a seguir exemplificará isso. Diz um escritor moderno: “O protestantismo nunca deve esquecer que sua fé foi transmitida através do catolicismo. A Igreja Romana continua sendo a única ligação durante muitos séculos entre o mundo moderno e os primeiros entusiastas cristãos.”¹

Este livro tem procurado deixar claro que a Igreja no Deserto, do período dos 1260 anos, é o elo entre a igreja apostólica e nosso tempo. A ela, somos gratos pelo aprendizado e pelos tesouros da verdade preservada ao longo da Idade das Trevas. Quanto à transmissão do texto genuíno da Bíblia Sagrada, o crédito não deve ser dado ao papado, que colocou a tradição acima da Bíblia, mas às igrejas fiéis que aderiram através dos anos de escuridão e superstição aos escritos apostólicos originais e suas traduções incorruptas. Este volume, em pequena medida, presta homenagem a esses heróis desconhecidos do passado da verdadeira igreja cristã.

TERMINA O PERÍODO DO DESERTO

“A visão é ainda para o tempo determinado”, disse o profeta (Habacuque 2: 3). Deus trabalha por tempos fixos. Ele atribui a cada período da história a tarefa prescrita. As estrelas nos céus são comissionadas para marcar os anos designados por determinada profecia. Aquele que guia os céus guarda os oráculos sagrados. A origem, crescimento e disseminação da verdadeira igreja na Grã-Bretanha, Europa, África e Ásia têm sido acompanhados. Quando a profecia dos 1260 anos expirou, a igreja de Deus pôs de lado sua vida no deserto e profetizou “outra vez diante de muitos povos e nações, e línguas.” (Apocalipse 10:11). Era impossível atrasar, ou perder a “hora agendada.”

Quando os maravilhosos elos da profecia foram dados ao profeta Daniel, o anjo Gabriel distintamente destacou o fim do período de 1260 anos como a hora marcada para desvendar as previsões divinas.

“Mas tu, ó Daniel”, disse ele, “encerre as palavras e sele o livro, até o tempo do fim: muitos correrão de uma parte para outra, e o conhecimento aumentará.” (Daniel 12: 4)

Qual seria o significado da expressão “o tempo do fim”? Note que não era *o fim dos tempos*. Evidentemente, a frase pretendia descrever uma extensão final comparativamente curta entre o fim da profecia dos 1260 anos e o fim do mundo. No “tempo do fim” a igreja estaria desvendando aos ouvidos do mundo o significado dos símbolos que haviam passado diante do profeta cativo. Isso por si só indicaria que a igreja tinha emergido do deserto. Daniel tinha visto um leão, um urso, um leopardo e uma besta com dez chifres. Estes foram sucedidos por um chifre pequeno que perseguiria os santos do Altíssimo e continuaria por 1260 anos. Outras sequências de símbolos foram passadas diante dele. Todos estes, o anjo disse, representavam sucessões de reinos, e eventos formidáveis afetando a história da igreja. “O tempo do fim” então sinaliza a hora em que nenhuma outra profecia de tempo começaria, quando todas as cadeias proféticas seriam compreendidas, quando os selos deveriam ser abertos e a igreja não ensinaria mais em termos de símbolos, mas com ferventes lições e advertências contidas na previsão e cumprimento dos eventos.

Jesus, o profeta Daniel, e o apóstolo João colocaram grande ênfase na tribulação que atravessa o período de 1260 anos. Jesus disse:

Porque então haverá grande tribulação, como nunca houve desde o começo do mundo até aquele tempo, não, nem nunca haverá. E se aqueles dias não fossem

abreviados, nenhuma carne se salvaria: mas por causa dos escolhidos aqueles dias serão abreviados. (Mateus 24:21 e 22.)

Note que Cristo repetidamente mencionou “aqueles dias”. O fato de que o chifre autoritário de Daniel 7:25 seria forçado a terminar com a opressão dos santos no final dos 1260 anos, prefigura, ao seu término, um descanso da tribulação aos oprimidos. O próprio Redentor previu distintamente esse término. Isso explica a declaração do revelador de que o fim da tribulação seria marcado por uma ferida mortal dada ao opressor (Apocalipse 13: 3).

Antes de considerar o que se entende por “aqueles dias” no versículo precedente, a duração desses “dias” deve ser determinada. O apóstolo João escreveu:

... e pisarão a Cidade Santa por quarenta e dois meses. E darei poder às minhas duas testemunhas, e profetizarão por mil duzentos e sessenta dias. (Apocalipse 11:2 e 3.)

Contando, como a Bíblia indica, um mês como sendo trinta dias, quarenta e dois vezes trinta é igual a 1260.

O que se entende em Mateus 24 pela expressão de Cristo, “grande tribulação”? Houve três períodos de tribulação para a igreja cristã: o primeiro, alcançando até a queda de Jerusalém, durante o qual os judeus perseguiram os cristãos; o segundo, chegando ao ano 325 d.C., durante o qual os pagãos afligiram grandemente a igreja; e o terceiro, o período dos 1260 anos (mencionado diretamente sete vezes nas Escrituras) quando o poder político-eclesiástico perseguiu a Igreja no Deserto. Uma cuidadosa consideração dos muitos ângulos da profecia do Salvador em Mateus 24 definitivamente mostrará que pela expressão “aqueles dias” e “grande tribulação”, Ele quis dizer o período de 1260 anos. Em Daniel 11:31-35, profetizando a mesma “grande tribulação”, o profeta a inicia a partir do tempo em que “a abominação desoladora” é estabelecida, ou o tempo em que foi dado ao papado domínio independente (verso 31), e termina com “o tempo do fim” (verso 35). Quando o profeta anteriormente (Daniel 7:25) menciona este mesmo pisar sob os pés ou oprimir os santos, ele iniciou o período de 1260 anos com o arrancar do terceiro dos três chifres que seriam arrancados. A data deste evento foi evidentemente 538 d.C.²

Durante a Idade das Trevas, portanto, não se encontraria a verdadeira igreja favorecida por príncipes e reis, mas constantemente perseguida por lobos vestidos de ovelha. Durante esses 1260 anos a Igreja no Deserto não se aliou aos governos para formar uma igreja estatal, nem foi vestida com as

vestes de uma hierarquia imperial. Do contrário, ela não poderia ter sido destacada pelo Redentor para sofrer uma tribulação tão profunda e duradoura a qual a igreja não poderia ter suportado a menos que os dias fossem abreviados.

Os sofrimentos indescritíveis durante os anos da “grande tribulação” aumentaram à medida que o papado assegurava mais poder sobre os dez reinos. Na época do famoso Concílio de Latrão realizado em Roma em 1215, mais nações foram compelidas pelos exércitos do perseguidor. Nos dias de Claude (*ou Cláudio*) de Turim (800 d.C.) e sua liderança na Igreja do Deserto, esta igreja era bastante forte. Passando os séculos X e XI, pode-se ver claramente a voz crescente da dissensão e do extensivo aumento dos crentes do Novo Testamento em toda a Europa. Todas estas comunidades religiosas têm sido falsamente e persistentemente acusadas de maniqueísmo. Foi o esplêndido trabalho dos Albigenses, no entanto, que despertou o alarme do papado e levou ao Concílio de Latrão em 1215. Este mesmo ano será lembrado como a data em que a Carta Magna, o primeiro passo em direção ao governo constitucional, foi escrita pelos barões da Inglaterra. O crescimento da pregação bíblica havia evidentemente influenciado o pensamento político.

A partir de 1215, a crescente severidade da perseguição papal é vista. A isto seguiu-se a propagação da Igreja no Deserto em todas as terras. Novamente o sangue dos mártires tornou-se a semente da igreja. Dois exemplos disso podem ser citados. Os valdenses e as igrejas que acreditavam como eles, embora tendo outros nomes, se espalharam por toda a Europa. Mosheim já foi citado para provar que, antes da era de Lutero, estavam escondidas em quase todos os países do continente, especialmente na Boêmia, Moravia, Suíça e Alemanha, muitas pessoas em cujas mentes os princípios mantidos pelos valdenses, wyclefitas e hussitas foram profundamente plantados. Também nos capítulos anteriores têm sido traçada a propagação da verdadeira igreja em toda a Síria, Pérsia, Índia, Ásia Central, China e Japão.

DATAS IMPORTANTES NA HISTÓRIA DA IGREJA

Várias cadeias de profecia foram dadas as quais correm mais ou menos em paralelo ao período dos 1260 anos. Quatro datas destacam-se na última parte do período dos 1260 anos. Em sentido especial, o movimento refletido nestes eventos trouxe a Igreja no Deserto de sua liderança não reconhecida para o primeiro plano. Essas datas foram: 1453, quando Constantinopla foi conquistada pelos turcos; 1483, quando Martinho Lutero nasceu; 1492,

quando Colombo descobriu a América; e 1491, quando Inácio de Loyola nasceu. Uma consideração da nova era introduzida por cada um desses eventos lança luz sobre os passos da igreja ao sair do deserto.

Quarenta anos antes de Colombo descobrir o Novo Mundo, a Europa descobriu o mundo antigo. A localização do hemisfério ocidental foi um evento tão revolucionário que é fácil ignorar a grande descoberta em 1453. Os tesouros revelados para maravilhar a humanidade pelo achado da América encontram sua contraparte na riqueza literária lançada sobre a Europa pela queda de Constantinopla, capital do Império Romano Oriental. Até então, os manuscritos gregos contendo o conhecimento possuído por uma antiguidade brilhante foram confinados ao Império Romano Oriental, muitas vezes chamado de Império Grego. A queda de Constantinopla pelos exércitos dos turcos muçulmanos abriu para a Europa Ocidental as bibliotecas do império com seus milhares de manuscritos. As nações a oeste de Constantinopla despertaram do sono de séculos. Por quase mil anos o poder eclesiástico de Roma tinha eliminado o estudo da linguagem grega e da literatura. “O conhecimento da língua grega desapareceu na Europa Ocidental”, diz alguém cujas tendências pró-romanas são bem conhecidas.³ Itália, França, Alemanha e Inglaterra ficaram aturdidadas com as súbitas revelações na história, ciência, literatura e filosofia que chegaram a eles. Imediatamente se apropriaram de seus tesouros recém-encontrados. Estudiosos estavam tão interessados na caça ao manuscrito quanto Colombo na caça ao continente.

O maior tesouro advindo ao mundo pela queda de Constantinopla foi a recuperação de manuscritos multiplicados do Novo Testamento em grego. A grande maioria desses manuscritos era o Texto Recebido. Tendo tido apenas a Bíblia latina de Roma, chamada a Vulgata, o mundo ocidental em geral não tinha as palavras exatas escritas pelos apóstolos das revelações de Jesus.

Neste momento apareceu o excepcional erudito da época. Na erudição Erasmo de Rotterdam nunca foi superado, na opinião de muitos. Ele empregou seu gigantesco intelecto para lidar com o reino da literatura clássica. Ele estava sempre buscando, esquadrihando bibliotecas e todo o canto e esquina onde manuscritos antigos pudessem ser encontrados. Ele dividiu todos os manuscritos do Novo Testamento grego em duas classes: aqueles que seguiram o Texto Recebido, editado por Luciano; e aqueles que seguiram o manuscrito Vaticanus (*ou Codex Vaticanus*), o orgulho da biblioteca do Vaticano. Ele especificou as bases seguras nas quais rejeitou o Vaticanus ao receber o outro.⁴ E quando produziu sua edição do Novo Testamento grego, um novo dia amanheceu. Esta foi a edição que todas as

igrejas protestantes daquele período utilizaram. Tornou-se o texto para a Bíblia de Lutero em alemão e para a tradução de Tyndale em Inglês. Tyndale, um talentoso erudito em sete línguas, tinha sido um estudante da edição grega de Erasmo.

LUTERO E A REFORMA

A próxima data é 1483, o ano do nascimento de Lutero. O nome de Lutero é quase sinônimo com o da Reforma. Como um monge em sua clausura, suas lutas espirituais com Deus eram tão fortes que as ondas dos sentimentos evangélicos que mais tarde se espalharam pela Europa foram, até certo ponto, apenas as expressões da própria experiência de Lutero. A Reforma tornou verbal o anseio do povo por um novo coração, um coração como o de Cristo, no lugar do seu coração pecaminoso. No começo, mesmo por algum tempo, Lutero não tinha intenção ou desejo de romper com a Igreja de Roma. No entanto, o poder crescente da verdade do evangelho estava exaltando a Bíblia acima da igreja. O papado recusou-se a renunciar à alegação de que a igreja estava acima da Bíblia. As pessoas estavam cansadas com a multidão de monges e freiras que estavam propagando um vasto circuito de procissões, genuflexões, contas de oração, amuletos, imagens nas paredes das igrejas, glorificação de relíquias, e muito barulho sobre o purgatório – todos estes se assemelhando às minúcias dos fariseus a que Jesus veio abolir.

A ruptura veio em 1517, quando Lutero desafiou o papado, pregando suas noventa e cinco teses na porta da igreja em Wittenberg. Aparentemente, a maioria dos cidadãos em toda a Europa eram membros da Igreja de Roma; mas na verdade um vasto trabalho espiritual havia sido feito nos corações das massas antes deste tempo. Thomas Armitage mostra que em 1310, duzentos anos antes das teses de Lutero, os irmãos da Boêmia constituíam um quarto da população da Boêmia, e que estavam em contato com os valdenses que eram abundantes na Áustria, Lombardia, Boêmia, norte da Alemanha, Turíngia, Brandemburgo e Morávia. Robert Cox citou o fato que Erasmo salientou de quão estritamente os valdenses da Boêmia guardavam o sábado do sétimo dia.⁵

A Reforma foi um movimento poderoso, muito parecido com a partida dos filhos de Israel da terra do Egito. A Reforma rejeitou a supremacia do papa, e separou praticamente todo o norte da Europa, do papado. No princípio não havia nela a abolição da união da igreja com o estado; no entanto, ela não usou o estado para as perseguições cruéis e generalizadas que denegriram a história de Roma. Foi um movimento lutando em direção

da luz. Ele aboliu o vasto abismo que separava o clero das pessoas. Reconheceu a Bíblia como a suprema e única autoridade em doutrina. Rejeitou o purgatório, a adoração de santos e imagens, e tomou posição contra as ordens de monges e freiras. Rejeitou o celibato do clero. Inquestionavelmente, foi um movimento de Deus; e embora não tenha alcançado a completa pureza da doutrina e separação do mundanismo como fizeram as primeiras comunidades evangélicas que travaram a prolongada batalha através da Idade das Trevas, em grande medida, restaurou o cristianismo primitivo para o norte da Europa, que mais tarde iria passar esses grandes benefícios para as Américas. William Muir diz:

É um erro grave pensar na era da Reforma, gloriosa e frutífera como foi, como se fosse a idade de ouro da igreja, ou como se tudo estivesse perfeito mesmo quando estava no seu melhor. O melhor ainda estava para vir; o melhor para o qual todas as gerações fizeram a sua obra.⁶

Os reformadores em geral tomaram uma atitude errada sobre os Dez Mandamentos. Eles os respeitavam como código de ensino, mas não como lei obrigatória. A maioria dos reformadores poderia ser citada, mas apenas uma declaração será dada, a do reformador inglês Tyndale: “Quanto ao sábado, uma questão importante, somos senhores sobre o sábado; e podemos ainda mudá-lo para a segunda-feira, ou qualquer outro dia, ao vermos necessidade; ou podemos fazer somente a cada décimo dia um dia sagrado, se virmos uma razão porá isso.”⁷

Dos ensinamentos dos principais reformadores evangélicos, pode-se ver que eles receberam do papado a convicção de que através dos tempos o domingo nunca teve qualquer posição, porque a Igreja Católica Romana sempre tomou a atitude de que o domingo era simplesmente um dia de festa como o Natal ou qualquer outro feriado. O papado não reconheceu a observância obrigatória do sábado do quarto mandamento. Portanto, durante os 1260 anos, sempre que o quarto mandamento teve sua posição própria, foi sempre obra dos guardadores do sábado da Igreja no Deserto. Temos visto as crises provocadas pelo forte antagonismo do papado ao sábado do quarto mandamento.

OS ANTECEDENTES DO DIA DE ADORAÇÃO

Foi um grande momento na longa luta entre a Bíblia e a tradição quando, em 489 o imperador romano em seu zelo pela doutrina hierárquica, fechou o notável colégio estabelecido pela Igreja Assíria em Edessa. Este ato resultou na formação de uma barreira entre o Oriente evangélico e o Ocidente papal. A Igreja do Oriente prontamente deixou Edessa, que estava bem na

fronteira do domínio romano, e transferiu a instituição para Nisibis (*atual Nusaybin, na Turquia*), algumas centenas de quilômetros dentro do Império Persa. Aqui, perto do rio Tigre, uma grande universidade foi estabelecida, que por mil anos não somente confirmou os cristãos persas no modelo de ensinamento da Judéia em contraposição ao modelo papal, como também difundiu a cultura grega e a cultura romana para as nações do Oriente. Nove anos depois (498 d.C.) a Igreja Assíria, em conselho reunido, renunciou a toda conexão com a igreja do Império Romano. Muitos escritores apontam a natureza semítica das nações no meio das quais este novo colégio foi colocado. Isto estabeleceu de uma vez por todas que os ensinamentos de Abraão e seus descendentes semíticos, não a religião do estado do Ocidente em sua filosofia pagã, coloriam as igrejas da Ásia. Assim, os graduados de Nisibis ao permanecerem como profetas diante dos soberanos da China e do Japão pregariam o sábado do quarto mandamento.

Foi atestado pelos historiadores da igreja primitiva, Sócrates e Sozomeno (*Hermas Sozomenus (375-447 d.C.)*, já citado, bem como por outros autores, que neste tempo todas as igrejas do mundo, exceto Roma e Alexandria, santificaram com serviço religioso a adoração do sábado do decálogo. Onde o domingo também fosse observado, era com cultos memoriais da ressurreição. A igreja papal, sim, mesmo os reformadores, não reconheceram o domingo como uma continuação, ou um substituto para o sábado. O domingo não foi de modo algum considerado como tendo sido instituído por um mandamento divino, mas apenas por uma ordenança da igreja.

A CULTURA DA IGREJA DO ORIENTE

Tem sido observado, como no século IX, que o sistema de cultura educacional da Igreja do Oriente dominou a idade de ouro do poderoso Império Árabe – tanto que permeou a literatura da China e do Japão no oriente, e abriu o caminho para a fundação de universidades na Europa.

Quando os exércitos papais conquistaram temporariamente a cidade de Constantinopla em 1204, muitos escritores tornam claro o contraste entre a alta cultura e civilização das nações em que estava localizado o cristianismo oriental e asiático, em comparação com as condições bárbaras das nações papais da Europa. Assim, Arthur P. Stanley escreve:

Não pode haver dúvida de que a cultura da Igreja Oriental era muito mais alta do que a do Ocidente. Ninguém pode ler o relato da captura de Constantinopla pelos cruzados do século XIII, sem perceber que se trata da ocupação de uma refinada e civilizada capital por uma comparativa horda de bárbaros. A chegada

dos eruditos gregos na Europa no século XV foi o sinal para o passo mais progressista que a teologia ocidental já fez.⁸

Adeney testifica o mesmo contraste ao comentar sobre a conversão da igreja russa no século XI pela cristandade oriental:

O comércio seguiu o evangelho. A arte e a cultura vieram em sucessão. Uma civilização cristã começou agora a se espalhar lentamente pela Rússia. A consequência foi que, no decorrer do século seguinte, este país, que agora (*por volta de 1943*) estamos acostumados a julgar como o mais atrasado dos países europeus, tornou-se mais avançado do que Alemanha ou mesmo a França. Ela tomou um lugar de destaque na parte inicial da Idade Média. A cultura bizantina estava agora no seu auge e incomparavelmente superior à condição rude das nações ocidentais.⁹

Em meados deste mesmo século, o décimo terceiro, ocorreu a devastadora conquista de quase toda a Ásia pelos mongóis. Eles também invadiram a Rússia, Polônia, Boêmia e a Áustria-Hungria, mas foram detidos na fronteira oriental da Alemanha. França, Alemanha e Inglaterra foram salvas quando o neto do primeiro conquistador mongol recusou-se a prosseguir a conquista mais a oeste. Enquanto os exércitos mongóis espalhavam em seu caminho as devastações da guerra, sua marcha vitoriosa abriu as portas através das quais foram reveladas aos olhos de uma Europa atônita não só a esplêndida cultura da Ásia, mas também as atividades amplamente difundidas da Igreja do Oriente. A consideração desses fatores revela o apego desta igreja ao sábado do quarto mandamento.

O exame das grandes viagens que enviaram Colombo para o ocidente e Vasco da Gama para o oriente nos primeiros anos do século XVI, revela mais do que motivos comerciais dessas expedições. Comentando sobre o esplendor e a cultura do Oriente em conexão com as viagens dos Polos, especialmente de Marco Polo, na última parte do século XIII, Edward M. Hulme escreve:

As contribuições dos Polos para o conhecimento geográfico eclipsou completamente as de todos os outros viajantes anteriores. Elas incluíram o primeiro relato extenso e confiável das riquezas e dos esplendores da Indochina, do arquipélago indiano e da China; e incluíram também a primeira informação real sobre o Japão. Tão pitoresco foi o relato, tão atraente a história, tão maravilhoso foram os fatos divulgados, que milhares leram-no com inabalável interesse por gerações sucessivas. Colombo nos diz que achou delas uma narrativa absorvente. Ele despertou em muitos corações o desejo de seguir os passos dos homens cujas viagens foram relatadas.¹⁰

Os motivos religiosos para empreender as viagens de descoberta foram os mais profundos. Agora se desenrola a história de como os jesuítas

invadiram e oprimiram cruelmente a Abissínia na África, perseguiram a Igreja do Oriente na Índia, e tramaram pelo domínio na China e no Japão. O famoso jesuíta, Francisco Xavier, explorando os problemas da igreja do Oriente, convocou em 1545 o estabelecimento da cruel e sangrenta Inquisição, que foi criada em Goa, na Índia, em 1560. Adeney indica por que essa horrível máquina foi considerada necessária: “Em uma carta escrita no final do ano 1545, Xavier implorou ao rei de Portugal para estabelecer a Inquisição a fim de reprimir ‘a maldade judaica’ que estava se espalhando por seus domínios orientais.”¹¹ A “maldade judaica” contra a qual os jesuítas empreenderam a luta na Igreja do Oriente significava, entre outras coisas, a observância do sétimo dia como o sábado judaico. A guerra a respeito do sábado é precisamente o que os jesuítas fizeram na Abissínia, que durante séculos guardou a sétimo dia da semana como o sábado judaico.

A conquista mongol não prejudicou a Igreja do Oriente. Pelo contrário, alguns dos príncipes da Mongólia e um grande número de rainhas mongóis eram membros desta igreja. Em vez disso, foi a feroz oposição do fanático conquistador maometano, Tamerlane, um século mais tarde o que trouxe grande pesar à Igreja Assíria. No entanto, apesar disso e apesar do trabalho horrível dos jesuítas, a Igreja do Oriente era forte o bastante em 1643 para enviar um diretor de sua base na Pérsia para comunidades filhas no sudoeste da Índia. Que seja lembrado que neste momento a Europa estava nas convulsões da terrível Guerra dos Trinta Anos. Este foi um esforço feroz e fracassado dos Jesuítas para destruir o protestantismo no continente. Desde os dias de Lutero até 1648, quando a famosa Paz da Vestfália encerrou a Guerra dos Trinta Anos, o protestantismo não podia dizer que havia conseguido um lugar seguro ao sol. Durante este mesmo período e antes da Reforma houve fortes movimentos na Rússia, Boêmia, França, Inglaterra e Alemanha, buscando a liberdade de guardar sem ser molestado o sétimo dia como o sábado judaico. No entanto, a intolerância reinou na Ásia e na Europa. Mas é gratificante notar que no último período da Guerra dos Trinta Anos, pela primeira vez na história do mundo, um governo concedeu a liberdade religiosa. Este foi o caso de Roger Williams em Rhode Island, quando ele fez uma aplicação prática do grande ensinamento de Cristo que pedia a separação da igreja e do estado. A propagação da liberdade religiosa estava fadada a ser seguida por uma mensagem dos últimos dias sobre as reivindicações obrigatórias do quarto mandamento.

OUTRAS DEFICIÊNCIAS DA REFORMA

Outras deficiências infelizes da Reforma podem ser mencionadas, como a união entre igreja e estado. A profecia parecia indicar, no entanto,

que o retorno completo ao cristianismo primitivo da Bíblia não viria até que a igreja emergisse de sua posição subordinada, ou quando a Igreja no Deserto tornar-se-ia a Igreja Remanescente.

As seguintes palavras de William Muir indicam a falta de estabilidade manifestada por muitos crentes na Reforma antes dos dias de João Wesley. Ele escreve: “Na Inglaterra as massas, que nunca foram realmente evangelizadas até o tempo de John Wesley, mudaram de lado conforme os monarcas mudaram e estavam geralmente prontas a clamar com a grande multidão.”¹² O que havia de incomum na mensagem de John Wesley? Foi a ênfase colocada pelo Metodismo na redenção através do sangue de Cristo. As escrituras ensinam que Cristo é o único sacrifício divino e que a salvação vem através da suficiência de sua morte na cruz como nosso substituto e penhor. A morte substitutiva de Cristo como um divino sacrifício não foi claramente enfatizada pelos primeiros reformadores.

O movimento Morávio posterior, que varreu a Europa Oriental e mais tarde estabeleceu suas missões na América do Norte, foi forte pela sua exaltação da postura paulina, não a papal, em relação à morte substitutiva de Cristo. Afirma-se que quando Zinzendorf (*líder da igreja Morávia*) em 1722 fundou Herrnhut em suas propriedades, ele pregou a doutrina da salvação através do sangue de Cristo.¹⁴ Agora, triste dizer, muitos protestantes seguindo os passos de Roma, menosprezam a expiação do sangue e ignoram a morte substitutiva.

Somente quando a igreja emergiu do deserto para se tornar a Igreja Remanescente foi uma verdade apostólica completa a ser restaurada. A Igreja pregaria novamente com poder não só a morte substitutiva de Cristo, mas também a santidade dos Dez Mandamentos, que deveria ser ampliada pela morte de Cristo – especialmente o quarto, santificando o sétimo dia. Não podemos dizer que no “tempo do fim” o sábado se tornaria um teste? Assim, está escrito pelo revelador,

O dragão se irou contra a mulher e foi fazer guerra com o remanescente de sua semente, que guarda os mandamentos de Deus, e tem o testemunho de Jesus Cristo. (Apocalipse 12:17)

O FIM DA GRANDE TRIBULAÇÃO

A última das quatro datas importantes em consideração é 1491, quando Inácio de Loyola, fundador dos jesuítas, nasceu. Quando parecia que a Igreja de Roma estava arruinada e esmagada pela Reforma, a ordem dos

jesuítas foi formada, a mais poderosa e cruel de todas as ordens dentro do papado. Em primeiro lugar, a ordem comprometeu-se a capturar faculdades e universidades, em seguida, subir ao poder no estado. Ela conseguiu dominar certas nações e perseguir com crueldade indescritível esse protestantismo ao qual ela foi inventada para destruir. Conforme Thomas B. Macaulay escreve da crueldade jesuítica:

Se o protestantismo, ou a aparência do protestantismo, se mostrasse em qualquer parte, era instantaneamente enfrentado, não por pequenas zombarias ou provocações, mas por perseguição do tipo que oprime e esmaga a todos exceto algumas almas selecionadas. Quem fosse suspeito de heresia, qualquer que fosse sua posição, seu aprendizado ou sua reputação, sabia que deveria se purificar para a satisfação de um severo e vigilante tribunal, ou morrer no fogo. Livros hereges foram procurados e destruídos com rigor semelhante.¹⁵

O Salvador fez uma clara distinção entre o fim dos dias e o fim da tribulação nos dias. Ele disse: “Naqueles dias, depois daquela tribulação”. Os dias, como discutido anteriormente, terminaram em 1798; mas por volta de 1772 todos os países do mundo, mesmo aqueles que são chamados católicos, ergueram-se em horror e exigiram que o papa abolisse a ordem dos Jesuítas. Finalmente, um pontífice foi encontrado que alardeou tê-los dissolvido, e eles fingiram sair de vista. Como um escritor atual diz:

A prova da influência subversiva exercida pelos jesuítas, em ambos os assuntos espirituais e civis, ao longo dos quatrocentos anos de sua existência, é abundantemente evidenciado pelo número de vezes que têm sido desmantelados pela própria Igreja Católica, por pessoas católicas e por governos liberais e progressistas em países católicos e não católicos. Eles têm sido expulsos, uma vez ou outra (muitas vezes em alguns países) de praticamente todos os países do mundo – exceto os Estados Unidos.¹⁶

Assim, os 1260 anos terminaram em 1798, mas a grande tribulação pode ser considerada como terminada em 1772. A data 1798 é digna de mais completa consideração.

A EXECUÇÃO DA INDIGNAÇÃO

E alguns dos que têm entendimento cairão, para serem provados, purificados, e embranquecidos, até o tempo do fim: porque ainda é para um tempo designado. E o rei fará de acordo com sua vontade; e se exaltará e se engrandecerá acima de todo deus, e falará coisas espantosas contra o Deus dos deuses, e prosperará até que a indignação seja completada. (Daniel 11:35 e 36)

Aqui uma perseguição contra os santos é predita a qual duraria até “o tempo do fim”. Anteriormente, foi demonstrado que “o tempo do fim”

começaria quando o período dos 1260 anos terminasse, ou seja, em 1798. Nos versos acima é previsto o aparecimento, na cena das ações mundiais, de um rei obstinado que iria dar vazão à indignação de Deus sobre o perseguidor de Seu povo. Desde que o perseguidor foi o papado, deve-se procurar em outra parte que não seja a hierarquia medieval para localizar o rei obstinado destinado a colocar um término ao período de 1260 anos e infligir uma ferida mortal sobre o destruidor. Que poder estava se transformando em força, apegado a um antagonismo religioso para com o papado, por volta de 1798? Que outra nação poderia cumprir essas especificações melhor do que a França, a filha mais velha da igreja, conduzida ao ateísmo? A humanidade atônita de repente viu surgir na França uma revolução, algo que o mundo nunca havia visto antes. Ela engoliu a tirania eclesiástica do papado.

Napoleão, o produto e a consumação da Revolução Francesa, estava no Egito quando, em 10 de fevereiro de 1798, o general Berthier tomou o papa como prisioneiro, aboliu o colégio de cardeais e proclamou no monte Capitolino o que esteve ausente de Roma por 1260 anos – liberdade religiosa! Este ato derrubou a cabeça do sistema que tinha perseguido o rebanho dos eleitos. Mas no despertar da indignação de Deus como indicado nas escrituras acima, a “ferida mortal” abangeu mais do que isso. Uma citação de Lord Bryce ajudará a mostrar como a Revolução Francesa, o obstinado rei ou reino, através de Napoleão demoliu o regime político do papado.

Era sua missão – uma missão mais beneficente em seu resultado do que em seus meios – quebrar na Alemanha e na Itália o abominável sistema de pequenos estados, despertar o espírito do povo, varrer as relíquias de um feudalismo improdutivo, e limpar o terreno para o crescimento de novas e melhores formas de vida política... Novos reinos foram erguidos, eleitorados (*territórios de um príncipe eleitor na Alemanha*) criados e extintos, os príncipes menores mediatizados (*reduzidos em poder por um mediador*), as cidades livres ocupadas pelas tropas e concedidas a algum domínio vizinho. Mais do que qualquer outra mudança, a secularização dos domínios dos príncipes-bispos e os abades proclamaram a queda da antiga constituição, cujos diretores haviam exigido a existência de um religioso ao lado da aristocracia laica.¹⁷

A INVESTIGAÇÃO DAS PROFECIAS

“Mas tu, Daniel”, disse o anjo, “encerra as palavras e sela o livro, até ao tempo do fim; muitos correrão de uma parte para outra, e o conhecimento será aumentado.” (*Daniel 12:4*) O hebraico para a expressão “correr de uma parte para outra”, no seu sentido mais profundo, significa “estudar diligente e minuciosamente”, ou “viajar.” A Bíblia alemã, assim como a francesa, traduz assim esta frase: “Muitos pesquisarão minuciosamente e o conhecimento será aumentado.” O que causou um aumento tão grande na pesquisa da Bíblia que se tornou um estudo sobre previsão profética?

Quando o golpe da “ferida mortal” na gigantesca ditadura eclesiástica suspendeu a proibição do estudo da Bíblia, e o término do período no “deserto” da verdadeira igreja tinha sido tão surpreendentemente cumprido, a pergunta “o que vem depois?” estava nos corações do povo de Deus. Isso levou a uma onda de investigação dos grandes períodos proféticos.

Naquela mesma data, um grande aumento na publicação das Bíblias começou. Sociedades bíblicas, uma após a outra, apareceram. A Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira foi organizada em 7 de março de 1804. A Sociedade Bíblica Americana veio em 8 de maio de 1816. Cópias das Sagradas Escrituras foram derramadas das máquinas impressoras a centenas de milhares, e foram enviadas em quantidades que enchiam carroças e navios. Isso possibilitou o cumprimento da profecia de que homens correriam de uma parte para outra através das Escrituras Sagradas. Em particular, houve um intenso interesse em saber quantas profecias ficaram para serem cumpridas.

O período dos 1260 anos foi cumprido. Mas sobrou outra notável cadeia profética que se estendeu até 1844, ou quarenta e seis anos além do término dos 1260 anos. Este foi o período dos 2300 anos de Daniel 8:14, pedindo uma atenção especial porque era, como a leitura do capítulo mostra, o assunto da conversa no céu entre Miguel (Cristo) e Gabriel.

Muitas páginas podem ser escritas sobre escritores bíblicos e pregadores que agora apareceram proeminentemente perante o público, convencidos por esta profecia dos 2300 anos que estavam vivendo no tempo do fim. No entanto, menção será feita brevemente de Manuel Lacunza, Edward Irving, Joseph Wolff, e William Miller.

Lacunza na abertura do século XIX foi um jesuíta de um mosteiro na América do Sul. Tornando-se um convertido a muitas das opiniões mantidas pelos reformadores, diligentemente estudou a Bíblia, dando especial atenção a profecias. Ficou tão entusiasmado sobre o período dos 2300 anos como que indicando que o prometido retorno de Cristo não estava muito distante que escreveu um livro sobre o assunto. Sendo este conhecido, despertou antagonismo religioso, e ele foi expulso do Chile. Ele continuou seu trabalho na Europa, experimentando a mesma perseguição. Digno de nota, enquanto o Continente ainda estava na luta mortal de tirania eclesiástica, ele completou seu livro intitulado: “La Venida del Mesías em Gloria y Majestad” (A vinda de Cristo em Glória e Majestade), escrevendo sob o nome de Juan Josafat Ben-Ezra.¹⁸

Aproximadamente na mesma época, Edward Irving começou seu surpreendente trabalho na mesma linha de estudo na Inglaterra e na Escócia. Ele também, depois de seu chamado da Escócia em 1812 para se tornar o

principal pregador em Londres, aplicou-se incessantemente ao estudo da profecia. Concentrando-se especialmente no período de 2300 anos de Daniel 8:14, ele chegou a praticamente a mesma conclusão de Lacunza. Enormes multidões compareciam à suas palestras não somente em Londres, mas em todas as grandes cidades da Grã-Bretanha. Os auditórios não eram grandes o suficiente para acomodar aqueles que procuravam ouvi-lo.¹⁹ Sua fama chegou aos ouvidos de Lacunza, que lhe enviou uma cópia de seu próprio livro. Irving ficou surpreso ao ver como Deus tinha dirigido separadamente um presbiteriano escocês e um convertido jesuíta sul-americano para reconhecer o elevado valor desta profecia e concluir a partir daí que tinha chegado a hora do fim.

Outro notável pregador de profecia foi Ezra Ben-Ezra, que, depois de sua conversão do judaísmo, tomou o nome de Joseph Wolff. Dele, D. T. Taylor escreve:

Joseph Wolff, D.D. (*D.D.*, do *latin*: ‘*Doctor Divinitatis*’, ou *Doutor em Divindade*), de acordo com seus diários, entre os anos de 1821 e 1845, proclamou o breve advento do Senhor na Palestina, Egito, às margens do Mar Vermelho, Mesopotâmia, Criméia, Pérsia, Geórgia, em todo o Império Otomano, na Grécia, Arábia, Turquistão, Bokhara, Afeganistão, Caxemira, Hindostan, Tibet, na Holanda, Escócia e Irlanda, em Constantinopla, Jerusalém, Santa Helena, também a bordo do navio no Mediterrâneo, e na cidade de Nova York, para todas as denominações. Ele declara que pregou entre os judeus, turcos, maometanos, parses, hindus, caldeus, yeseedes, sírios, sabeus, para os pachás, sheiks, xás, os reis de Rgantsh e Bokhara, a rainha da Grécia, etc., e de seus extraordinários trabalhos, o *Investigador* diz: “Nenhum indivíduo, talvez, tenha dado maior publicidade à doutrina da segunda vinda do Senhor Jesus Cristo, do que este missionário bem conhecido para o mundo. Onde quer que vá, proclama o breve advento do Messias em glória.”²⁰

O jesuíta sul-americano convertido, o presbiteriano escocês, e o filho convertido de um rabino foram seguidos no estudo e pregação da mesma profecia fundamental por William Miller, que era um agricultor americano, um veterano da guerra de 1812 e um infiel convertido. Mais tarde foi ordenado um pregador batista, e agitou até seus alicerces as igrejas de América durante os anos 1828-1844. Ele nunca foi superado em dar ao mundo uma análise original e, de um modo geral, correta dos períodos de tempo proféticos. No que diz respeito à sua afirmação de que o mundo chegaria ao fim em 1844, esta foi uma interpretação equivocada do evento, mas a verificação precisa e substancial da data ainda permanece. Uma luz posterior mais clara sobre Daniel 8:14 revelou que Cristo estava falando com Gabriel da purificação do santuário, uma expressão do Antigo Testamento aplicando-se ao Dia da Expição, que na realidade é o tipo do dia do juízo (ver Levítico 16).

O PROGRESSO SEM PARALELO DO MUNDO APÓS 1798

Quando o período dos 1260 anos terminou em 1798, quando a liberdade religiosa tinha finalmente raiado sobre o povo, séculos de progresso foram aglomerados em curtos anos. Até 1798 não havia ferrovias, nem barcos a vapor, nem telégrafo, nem luzes elétricas, nem ceifadoras, automóveis, filmes, aviões, ou rádios. Na verdade, até aquele momento o homem ainda tinha quase o mesmo nível de progresso material como quando Noé saiu da arca.

Quando a liberdade religiosa foi concedida, tudo isso mudou. A mente estava livre; ninguém foi obrigado a acreditar. Como Shakespeare escreveu: “E esta nossa vida, isenta de assombro público, encontra línguas em árvores, livros em riachos corentes, sermões em pedras e benefício em tudo.” A mente deve estar livre para aprender com a natureza, os livros, a Bíblia ou a sociedade; acreditar de acordo com os ditames da consciência. Quando esta liberdade existe, a cultura material aumenta. Que todos os ganhos obtidos pela Igreja no Deserto sejam preservados! Deus não permita que o despotismo civil ou religioso recupere a ascendência, reverta tudo o que foi ganho desde 1798, e nos mande de volta à idade das trevas!

A Revolução Francesa, seguindo em consequência a Revolução Americana, produziu no papado uma ferida como se fosse para a morte. Por 1260 anos Roma se entrincheirou quase invencível por trás de duas teorias: uma, a união entre a igreja e o estado; a outra, o direito divino dos reis. Pode ser facilmente visto que se os monarcas acreditavam que governavam por direito divino, favoreceriam e exaltariam a cabeça daquela igreja que realizaria o serviço de consagração na sua coroação. Esse período foi chamado Idade das Trevas. Demorou séculos de sangue e sofrimento para abrir os olhos dos homens para os males colossais inerentes a essas duas teorias do governo. Edgar Quinet, historiador protestante da Revolução Francesa, acreditava que até esse evento, a história da França não valia a pena ser escrita. Quando em fevereiro de 1798, a liberdade religiosa foi proclamada pelo exército francês em Roma e o papa foi feito prisioneiro para a França, os cardeais, enquanto puxavam suas capas sobre suas cabeças e abandonavam a cidade, exclamaram: “Isto é o fim da religião!”

No entanto, o profeta predisse: “Sua ferida mortal foi curada; e todo o mundo maravilhou-se após a besta” (*Apocalipse 13:3*). Aqui estava um pedido a eterna vigilância para que a tirania derrotada não retome seu terreno perdido. “Democracia é caráter”, disse um estadista americano. Conforme a

prosperidade aumentou, o caráter declinou. Os pais conquistaram a liberdade e felicidade através de sofrimento e sangue. Os filhos voltaram atrás em seus corações aos vícios e prazeres do Velho Mundo. O Movimento Oxford surgiu em 1833, e crescendo rapidamente em força e reunindo estes desejos mundanos da geração seguinte numa sociedade organizada, começaram a glorificar a Idade das Trevas e a menosprezar as liberdades modernas, assim como aqueles que as conquistaram. O papado em suas principais publicações dá crédito ao Dr. J. H. Newman, da Universidade de Oxford, que posteriormente se tornou o cardeal Newman, e ao Movimento Oxford pelo presente reavivamento mundial do catolicismo. Dele, *A Enciclopédia Católica* escreve: “Nenhum triunfo mais belo de talento a serviço da consciência tem sido registrado. Desde aquele dia a religião católica pode datar a sua reentrada na literatura nacional.”²¹

Porque foi que em 1833 a Inglaterra acreditava que a Reforma era a obra de Deus, mas cinquenta anos mais tarde ela acreditava que a Reforma tinha sido uma rebelião, como salientado pelo historiador Froude, que estava em Oxford durante aqueles anos do movimento; e porque em 1833 o papa era visto como o anticristo, mas em 1883 ele era considerado o sucessor dos apóstolos? A ferida mortal à tirania tinha sido curada e aqueles que a infligiram estavam sendo difamados. Todas as artes de um raciocínio astucioso e de corromper os registros da história reapareceram no Movimento Oxford. Seus líderes, muitos deles eram jesuítas disfarçados, começaram a acumular um caso para o romanismo. Este movimento, auxiliado por ouro e por agentes disfarçados do Continente, espalhou-se pela Igreja da Inglaterra. Ele então entrou nas faculdades de teologia protestantes da América. Agora está sendo testemunhada a de-protestantização do mundo de língua inglesa. O papa agora tem sido feito rei. A “ferida mortal” está alcançando a cura completa.

A ERA QUE SE APROXIMA

No “tempo do fim” estupendas e sem precedentes são as cenas através das quais a Igreja Remanescente deve passar. A Igreja Remanescente irá ocupar uma posição tal como nunca antes foi ocupada pelo povo de Deus. Sua mensagem irá abranger todas as mensagens do passado e trazê-las a uma consumação final. Dela, no meio das abrangentes cenas do retorno de Cristo, o revelador escreve: “Aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus, e a fé de Jesus” (Apocalipse 14:12). Enquanto aqueles que andam pelo caminho largo estão perdendo a sua percepção das coisas eternas, a última igreja de Deus estará alerta para as coisas que não são vistas. Ela resistirá como Moisés, olhando Aquele que é invisível. Ela tomará um tempo para

seguir a santificação. Estes crentes irão observar os graves eventos conduzindo até, e constituindo, a batalha do Armagedom. Dos passos preparatórios para esta catástrofe o revelador diz:

As nações se enfureceram, e veio a Tua ira, e o tempo para que os mortos sejam julgados, e o tempo de dares a recompensa aos Teus servos os profetas, e aos santos, e àqueles que temem o Teu nome, a pequenos e grandes; e para destruíres os que destroem a Terra. (Apocalipse 11:18)

O paganismo é simbolizado no livro de Apocalipse pelo grande dragão vermelho. A guerra que o paganismo fez contra a primitiva igreja foi amarga; e a longa e cruel perseguição continuada pela besta, aquela união medieval de igreja e estado que sucedeu ao poder do paganismo nas nações européias, foi ainda mais amarga. Mas a igreja dos últimos dias deve suportar a ira e a perseguição da imagem da besta, que é a colossal união final de igreja e do estado, ou a cura da ferida mortal da besta (Apocalipse 13). Estes termos são usados porque Deus os usa. E tão ofensiva é para o Eterno a postura da imagem para a besta, em cuja vasta apostasia afluem todos os enganos do dragão e da besta, que Deus proclama para a raça humana uma advertência especial nestes termos:

Se alguém adora a besta e a sua imagem, e recebe sua marca em sua frente, ou em sua mão, o mesmo beberá do vinho da ira de Deus, o qual é derramado sem mistura na taça de sua indignação. [...] Olhei, e observei uma nuvem branca, e assentado sobre a nuvem Um semelhante ao Filho do homem, tendo em Sua cabeça uma coroa de ouro, e em Sua mão uma foice afiada. (Apocalipse 14:9, 10 e 14).

Esta mensagem proclamada pela Igreja Remanescente tirará a cegueira daqueles que estão dispostos a ver.

A linguagem mais terrível já usada nas Escrituras é aquela que prediz a visitação das sete últimas pragas, a última indignação divina, a ira não atenuada de Deus:

Vi outro sinal no céu, grande e maravilhoso, sete anjos tendo as sete últimas pragas; porque nelas é consumada a ira de Deus. (Apocalipse 15:1)

Que as sete últimas pragas são destinadas à besta e sua imagem é claramente indicado. A longa indignação reprimida de Jeová em Sua ira contra a hipocrisia finalmente irrompe. A Bíblia diz que “os reis da terra, e os grandes homens, e os ricos, e os principais capitães, e os valentes, e todo escravo, e todo livre, se esconderam nas cavernas e nas rochas das montanhas”, pedindo às montanhas e rochas que caíssem sobre eles para escondê-los,

porque o grande dia da sua ira chegou; e quem será capaz de suportar?
(Apocalipse 6:15-17)

Quando isso termina, o revelador vê que

O céu afastou-se como um rolo quando se desenrola; e todas as montanhas e ilhas removeram-se de seus lugares. (Apocalipse 6:14)

Deste tempo em diante não haverá aborrecimentos entre os filhos dos homens. Quão solene e quão sem precedentes são as cenas pelas quais a última igreja passa, preparando e aperfeiçoando um caráter que será aceitável ao Senhor Jesus Cristo quando Ele voltar!

Os eventos terrestres estão agora sendo agitados pelo sopro da era que se aproxima. O mundo que agora é, está passando; a chegada do mundo porvir é iminente. Os principados e potestades das trevas estão fazendo um último esforço para ganhar a posse de almas. Ainda há poder na oração para resistir à crescente escuridão. Lembre-se da súplica do apóstolo Pedro:

Sabendo então que todas estas coisas serão desfeitas, que pessoas deveis ser em santa conversação e piedade, aguardando e apressando-vos até a vinda do dia de Deus. (2 Pedro 3:11 e 12)

Que aquele dia, tão vividamente descrito nas seguintes palavras, encontre preparados a todos os que lerem estas páginas:

Em meio ao cambalear da terra, aos relâmpagos e o ribombar do trovão, a voz do Filho de Deus chama os santos que dormem. Ele olha para as sepulturas dos justos, então, levantando as mãos para o céu Ele clama: “Despertai, despertai, despertai, vós que dormis no pó, e surgi!” Por todo o comprimento e largura da terra, os mortos ouvirão essa voz; e os que ouvirem viverão. E toda a terra ressoará com os passos do excessivamente grande exército de toda nação, tribo, língua e povo. Da prisão da morte eles vêm, vestidos com glória imortal, gritando: “Ó morte, onde está o teu aguilhão? Ó sepultura, onde está a tua vitória?” E os justos vivos e os santos ressuscitados unem suas vozes num longo e alegre grito da vitória.”²²

Esta consumação será verdadeiramente o Triunfo da Verdade.

Aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus, e a fé de Jesus.

Apocalipse 14:12

BIBLIOGRAFIA

FONTES ORIGINAIS

Abul Faraj, Gregory. *Chronography* (traduzido do siríaco por Sir E.A. Wallis Budge), Vol. 2, University Press, Oxford, 1932.

D’Achery, J. L. *Spicilegium*, Vol. 13, ed. de 1677; Vol. 3, ed. de 1723, Parisiis, apud Montalant.

Adamnan. *Life of Columba* (traduzido por Wentworth Huyshe), George Routledge & Sons, London, 1922.

Alanus De Insulis. *Contra Haereticos*, in Migne, *Patrologia Latina*, Vol. 210.

Annals of Roger de Hoveden, The (traduzido por H. T. Riley), Vol. 2, London, 1853.

Annals of the Kingdom of Ireland by the Four Masters From Earliest Period to 1616 (editado por John O. Donovan), Vol. 7, Dublin, 1851.

Ante-Nicene Fathers (tradução Inglesa), Roberts and Donaldson, editor, Vol. 10, Charles Scribner’s Sons, New York, 1899.

Apollinaris Sidonius. *Epistolae*, in Migne, *Patrologia Latina*, Vol. 58.

Arnobius. *Against the Heathen*, in *Ante-Nicene Fathers*, Vol. 6.

Athanasius. *Select Works and Letters* (English translation), in *Nicene and Post-Nicene Fathers*, 2d. Series, Vol. 4.

Bar Hebraeus, Gregory. *Chronicon Ecclesiasticum*, Vol. 3 Abbeloos e Lamy, Paris, 1877.

Baronio, Caesare. *Annales Ecclesiastici*, Vol. 12 Coloniae Agrippianae Sumptibus Ioannis Gymnici et Antonii Hierati, 1609.

Bede, Venerable. *Ecclesiastical History of England* (traduzido por Henry Bohn), London, 1847.

Bernard of Clairvaux. *Works* (translated by S.T. Eales), Vol. 4, 1896.

Bonacursus. *Contra Haereticos*, in d’Achery, *Spicilegium*, Vol. 1.

Chronicles and Memorials of Great Britain and Ireland During the Middle Ages, Vol. 99, *Rerum Britannicarum Medii aevi Scriptores*, London, 1858-1911.

Damianus, Petrus. *Opuscula*, in Migne, *Patrologia Latina*, Vol. 452. *Der Blutige Schau-Platz, Oder Martyrer Spiegel der Taufs Gesinnten*, Bruderschaft Publishing House, Ephrata, Pa., 1749.

Du Cange, C. Du Fresne. *Glossarium Mediae et Infimae Latinitatis*, Vol. 7, ed. Of Henschel, Paris, 1840-50; Vol. 10, ed. Of Fayre, 1883-87.

Ebrardus Bethuensis. *Liber Antihaeresis Maxima Bibliotheca*, Vol. 25.

Ecbertus. *Contra Haereticos*, in Migne, *Patrologia Latina*, Vol. 195.

Eusebius. *Ecclesiastical History* (tradução Inglesa), in *Nicene and Post-Nicene Fathers*, 2d Series, Vol. 1.

Eusebius of Caesarea. *Life of Constantine*, in *Nicene and Post-Nicene Fathers*, 2d Series, Vol. 1.

Gregory I, Pope. *Epistles* (tradução Inglesa), in *Nicene and Post-Nicene Fathers*, 2d Series, Vol. 13.

Gretzer, J. *Opera Omnia*, Vol. 17, Sumptibus J.C. Peez et F. Boder, 1734-41.

_____, *Proloquia a Ebrardus Bethuensis*, in *Maxima Bibliotheca*, Vol. 24.

Gui, Bernard. *Manuel d’Inquisiteur*, Traduit par G. Mollat, Paris, 1926.

Haddon, A.W., and Stubbs, W. *Councils and Ecclesiastical Documents Relating to Great Britain and Ireland*, Vol. 4, Oxford, 1869-78.

Humbertus, S. R. E. Cardinalis. *Adversus Graecorum Columnias*, in Migne, *Patrologia Latina*, Vol. 134.

Jerome. *Against Helvidius*, in *Nicene and Post-Nicene Fathers*, 2d Series, Vol. 6.

Jerome. *Against Jovinian*, in *Nicene and Post-Nicene Fathers*, 2d Series, Vol. 6.

Jerome. *Against Vigilantius*, in *Nicene and Post-Nicene Fathers*, 2d Series, Vol. 6.

Jerome. *Select Works and Letters*, in *Nicene and Post-Nicene Fathers*, 2d Series, Vol. 6.

Jonas, Abbas Elnonensis. *Vita Columbani*, in Migne, *Patrologia Latina*, Vol. 87.

Labbe et Gabr., Philip Cosartii. *Sacrosanta Concilia ad Regiam Editionem Exacta, Quae Nunc Quarta Parte Prodit Auctior*, Vol. 16, Lutetiae Parisiorum, 1671.

Lucas Tudensis. *De Altera Vita Fideique Controversiis Adversus Albigenensium*, in *Maxima Bibliotheca*, Vol. 25.

Maigne D’Arnis, W. H. *Lexicon Manuale ad Scriptores Mediae et Infimae Latinitatis*, Migne, Paris, 1866.

Mansi, J. D. *Sacrorum Conciliorum Nova et Amplissima Collectio*, Vol. 31, Florence and Venice, 1759-98. Reprint, Martin, J.B., and Petit, L. Paris, 1901 (em progresso).

Maxima Bibliotheca Veterum Patrum, Vol. 27, apud Anissonios, Lugdunum, France, 1677.

Michael the Syrian. *Chronique de Michel le Syrien, Patriarche Jacobite d’Antioche (1166-99)* (traduzido e editado por J. B. Chabot), Vol. 4 e Index, Ernest Leroux, Paris, 1924.

Migne, J. P. *Patrologia Cursus Completus...in Qua Prodeunt Patres Doctores Scriptoresque Ecclesia Latina*, Series graeca, 161 Vol. in 166 Do., Paris, 1857-66. Series latina, 221 Vol., Paris, 1844-55. Index, 4 Vol., 1862-64.

Nicene and Post-Nicene Fathers (editado por Philip Schaf and Henry Wace, 14 vols., The Christian Literature Co., Buffalo, 1886.

Origenes. *Opera Omnia*, in Migne, *Patrologia Graeca*, Vol. 11-17.

Petri, Vallis Cernae. *Historia Albigensium*, in Migne, *Patrologia Latina*, Vol. 213.

Petrus Cluniacensis. *Tractatus Contra Petrobrussianos*, in Migne, *Patrologia Latina*, Vol. 189.

Petrus de Pilchdorffius. *Contra Haeresin Waldensium Tractatus*, in *Maxima Bibliotheca*, Vol. 25.

_____. *Contra Pauperes de Lugduno*, in *Maxima Bibliotheca*, Vol. 25.
Recognitions of Clement, in *Ante-Nicene Fathers*, Vol. 8.

Rheims New Testament, translated 1582 into English from the Latin Vulgate, 1834.

Saccho, Reinerius. *Contra Waldenses*, in *Maxima Bibliotheca*, Vol. 25.

Seven Oecumenical Councils, in *Nicene and Post-Nicene Fathers*, 2d Series, Vol. 14.

Socrates. *Ecclesiastical History*, in *Nicene and Post-Nicene Fathers*, 2d Series, Vol. 2.

Sozomen. *Ecclesiastical History*, in *Nicene and Post-Nicene Fathers*, 2d Series, Vol. 2.

Sulpitius Severus. *Sacred History*, in *Nicene and Post-Nicene Fathers*, 2d Series, Vol. 11.

Tertullian, *An Answer to the Jews*, in *Ante-Nicene Fathers*, Vol. 3.

_____. *The Chaplet or De Corona*, in *Ante-Nicene Fathers*, Vol. 3.

_____. *Apology*, in *Ante-Nicene Fathers*, Vol. 3.

Theoderet. *Ecclesiastical History*, in *Nicene and Post-Nicene Fathers*, 2d Series, Vol. 3.

Victorinus. *On the Creation of the World* (tradução Inglesa), in *Ante-Nicene Fathers*, Vol. 7.

LIVROS

Abudacnus, Josephus. *Historia Jacobitarum*, Lugdunum Batavorum, J. Hasebroek, 1740. Anotações por J. Nicholai.

Adamnan. *Life of St. Columba* (traduzido por Wentworth Huyshe), E.P. Dutton and Sons, New York, 1922.

Adams, George Burton. *Civilization During the Middle Ages*, rev. ed., Charles Scribner's Sons, New York, 1914.

Adeney, Walter F. *The Greek and Eastern Churches*, T. & T. Clark, Edinburgh, 1908.

Allgemeine Deutsche Biographie, 56 Vol., Lilliencron and Wegele, Leipsig, 1875.

Allix, Peter. *Remarks Upon the Ecclesiastical History of the Ancient Church of the Albigenses*, Richard Chiswell, London, 1692.

_____. *The Ancient Churches of Piedmont*, Richard Chiswell, London, 1690.

Anesaki, Masaharu. *Religious Life of the Japanese Peoples*, reimpresso de Vol. 2, Tokyo, 1938.

_____. *History of the Japanese Religions*, Kegan Paul, Trench, Trubner and Co., London, 1930.

Armitage, Thomas. *A History of the Baptists*, Bryan Taylor and Company, New York, 1890.

Arnaud, Henri. *The Glorious Recovery by the Vaudois*, John Murray, London, 1827.

Ayer, Joseph Cullen. *A Source Book for Ancient Church History*, Charles Scribner's Sons, New York, 1926.

Badger, G. P. *The Nestorians and Their Rituals*, 2 Vol., London, 1852.

Barnett, T. Ratcliffe. *Margaret of Scotland: Queen and Saint*, Oliver and Boyd, London, 1926.

Beal, Samuel. *Buddhists' Records of the Western World*, 2 Vol., Trubner & Co., London, 1884.

Beattie, William. *The Waldenses*, George Virtue, London, 1838.

Bellesheim, Alphons. *History of the Catholic Church of Scotland*, 4 Vol., William Blackwood and Sons, London, 1887.

Benedict, David. *A General History of the Baptist Denomination*, 2 Vol., Lincoln and Edmonds, Boston, 1813.

Bentley, John. *Historical View of Hindu Astronomy*, Smith, Elder and Co., London, 1825.

Betham, Sir William. *Irish Antiquarian Researches*, W. Curry, Jr., and Co., Dublin, 1827.

Beuzart, P. *Les Heresies*, Librairie Ancienne, Paris, 1912.

Bidez, Joseph, and Cumont, Franz. *Les Mages Hellenises*, 2 Vol., Paris, 1938.

Bigg, Charles. *The Origins of Christianity*, Clarendon Press, Oxford, 1909.

Bingham Joseph. *The Antiquities of the Christian Church*, 2 Vol., Henry G. Bohn, London, 1850.

Bispham, Clarence Wyatt. *Columban — Saint, Monk, Missionary*, E.S. Gorham, New York, 1903.

Blackstone, Sir William. *Commentaries on the Laws of England*, J. B. Lippincott Company, Philadelphia, 1908.

Blair, Adam. *History of the Waldenses*, 2 Vol., Adam & Charles Black, Edinburgh, 1833.

Blair, E. H., and Robertson, J. A. *The Philippine Islands (1493-1803)*, 55 Vol., The A. H. Clark Co., Cleveland, Ohio, 1903.

Bompiani, Sophia V. *A Short History of the Italian Waldenses*, Hodder and Stoughton, 1897.

Bossuet, Jacques Benigne. *Variations of the Protestant Churches*, D. and J. Sadlier, New York, 1845.

Boswell, James. *The Life of Samuel Johnson*, 5 Vol., George Routledge and Sons, London, 1885.

Bower, Archibald. *The History of the Popes*, 3 Vol., L. Johnson, Philadelphia, 1844-47.

Bradley, Henry. *The Goths*, London, 1888; and G. P. Putnam’s Sons, New York, 1891.

Bryce, James. *The Holy Roman Empire*, Montgomery Ward and Company, Chicago, 1886.

Buchanan, Claudius. *Christian Researches in Asia*, G. Sydney, London, 1812.

Buckley, Theodore Alois. *Canons and Decrees of the Council of Trent*, George Routledge and Co., London, 1851.

Budge, Sir E. A. Wallis. *The Monks of Kublai Khan, Emperor of China*, Religious Tract Society, London, 1928.

Bull, George Bishop. *Defence of the Nicene Faith (Defensio Fidei Nicaenae)*, 2 Vol., John Henry Parker, Oxford, 1851.

Bulletin of John Ryland’s Library, 19 Vol., University Press, Manchester, 1925, 1926.

Bund, J. W. Willis. *The Celtic Church of Wales*, D. Nutt, London, 1897.

Bunsen, Ernest De. *The Angel-Messiah of Buddhists, Essenes, and Christians*, Longmans, Green & Co., London, 1880.

Burton, John William. *The Revision Revised*, John Murray, London, 1883.

Burton, John William, And Miller, Edward. *The Traditional Text of the Holy Gospels*, George Bell and Sons, London, 1896.

Burkitt, F. Crawford. *Early Eastern Christianity*, John Murray, London, 1904.

Butler, Alban. *Lives of the Saints*, Edinburgh, 1799, and London, 1815, 1854.

Butler, Howard Crosby. *Early Churches in Syria*, C. Dolman, Holland, 1929.

Cable, Mildred, And French, Francesca. *Through Jade Gate and Central Asia*, Constable & Co., Ltd., London, 1927.

Cadman, S. Parkes. *The Three Religious Leaders of Oxford*, The Macmillan Company, New York, 1916.

Caesarius Of Heisterbach. *The Dialogue of Miracles*, 2 Vol., George Routledge and Sons, London, 1929.

Cambridge Medieval History, The (planejado por J. B. Bury), 8 Vol., The Macmillan Company, New York, 1936.

Canavan, J. E. *The Mystery of the Incarnation*, Catholic Truth Society, Dublin, 1928.

Cathcart, William. *The Ancient British and Irish Churches*, Baptist Tract and Book Society, London, 1894.

Catholic Encyclopedia, The, 14 Vol., Robert Appleton Co., New York, 1907.

Cheetham, S. *A History of the Christian Church*, The Macmillan Company, London, 1898.

Church, R. W. *The Beginning of the Middle Ages*, Charles Scribner's Sons, New York, 1890 (1882, 1887).

Clarke, Adam. *The Succession of Sacred Literature*, 2 Vol., T. T. and J. Tegg, London, 1830.

_____. *The Holy Bible With a Commentary and Critical Notes*, 6 Vol., Phillips and Hunt, New York, 1814.

Coates, C. R. *The Red Theology in the Far East*, Thynne and Jarvis, London.

Cobern, Camen M. *The New Archaeological Discoveries*, 6th ed., Funk & Wagnalls Company, New York, 1917.

Couling, Mrs. C. E. *The Luminous Religion*, 1924. Reimpresso do *The Chinese Recorder*, April and May, 1924.

Cox, Robert. *The Literature of the Sabbath Question*, 2 Vol., Maclachlan and Stewart, Edinburgh, 1865.

Croly, George. *The Apocalypse of St. John*, C. & J. Rivington, London, 1827.

Cubberley, Elwood P. *The History of Education*, Houghton Mifflin Company, Boston and New York, 1920.

Cumont, Franz. *The Mysteries of Mithra*, Opencourt Publishing Company, Chicago, 1903.

D’achery, J. L. *Spicilegium*, 13 Vol., ed. Of 1677; 3 Vol., ed. Of 1723, Paris.

Darmesteter, James. *Parsi-ism: Its Place in History*, “Voice of India” Printing Press, Bombay, 1887.

D’aubigne, J. H. Merle. *History of the Reformation*, 5 Vol., Oliver & Boyd, Edinburgh, 1853.

Dellon, M. Gabriel. *Account of the Inquisition at Goa*, Baldwin, Cradock & Sons, Boston, 1815.

Desanctis, Luigi. *Popery, Puseyism, and Jesuitism*, D. Catt, London, 1905.

Devinne, Daniel. *History of the Irish Primitive Church*, Francis Hart and Co., New York, 1870.

Dollinger, Ignaz Von. *Beitrage zur Sektengeschichte des Mittelalters*, 2 Vol., C. H. Beck’sche Verlagsbuchhandlung, Munich, 1890.

D’orsey, J. D. *Portuguese Discoveries, Dependencies, and Missions in Asia and Africa*, W. H. Allen and Co., London, 1893.

Dowden, John. *The Celtic Church in Scotland*, Society for Promoting Christian Knowledge, London, 1894.

Dowling, John. *The History of Romanism*, Edward Walker, New York, 1846.

Draper, John William. *History of the Intellectual Development of Europe*, 5th ed., Harper & Brothers, New York, 1875.

Duchesne, L. *Early History of the Christian Church*, 3 Vol., John Murray, London, 1923.

Eales, s. j. *The Works of St. Bernard* (translated from the Latin), 4 Vol., J. Hodges, London, 1889.

Ebrard, A. *Bonifatius, der Zerstorer des Columbanischen Kirchentums auf dem Festlande*, C. Bertelsmann, Gutersloh, 1882.

Edersheim, Alfred. *The Life and Times of Jesus the Messiah*, 2 Vol., E. R. Herrick and Company, New York, 1886.

Edgar, Samuel. *The Variations of Popery*, S.W. Benedict, New York, 1850.

Elliot, E. B. *Horae Apocalypticæ*, 4 Vol., Seeleys, London, 1862.

Emory, John. *The Works of the Reverend John Wesley*, 5 Vol., B. Waugh and T. Mason, New York, 1832.

Encyclopedia Britannica, 25 Vol., 9th ed., 1888; 29 Vol., 11th ed., 1910; 24 Vol., 14th ed., 1929.

Etheridge, J. W. *The Syrian Churches*, Longmans, Green and Company, London, 1846.

Eymericus. *Directorum Haereticorum*, c. 1358.

Faber, George Stanley. *An Inquiry Into the History and Theology of the Ancient Vallenses and Albigenses*, Seeley and Burnside, London, 1838.

Farrar, Frederic William. *History of Interpretation*, The Macmillan Company, London, 1886.

Favyn, Andre. *Histoire de Navarre, Espagne, et Ailleurs*, Paris, 1612.

Finn, James. *The Jews in China*, B. Wertheim, London, 1843.

Fisher, Edward. *Tracts on the Sabbath*, 1635.

Fisher, George Park. *History of the Christian Church*, Charles Scribner’s Sons, New York, 1907.

_____. *History of Christian Doctrines*, Charles Scribner’s Sons, New York, 1902.

Fitzpatrick, Benedict. *Ireland and the Foundations of Europe*, Funk & Wagnalls Company, New York, 1927.

_____. *Ireland and the Making of Britain*, 4th ed., Funk & Wagnalls Company, New York, 1921.

Flick, A. C. *The Rise of the Medieval Church*, G. P. Putnam’s Sons, New York and London, 1909.

Fluegel, Maurice. *The Zend-Avesta and Eastern Religions*, H. Fluegel & Co., Baltimore, 1898.

Foakes-Jackson, F. J. *The History of the Christian Church*, Richard R. Smith, New York, 1930.

Fortescue, Adrian. *The Lesser Eastern Churches*, Catholic Truth Soc., London, 1913.

Froude, James Anthony. *The Council of Trent*, Charles Scribner’s Sons, New York, 1896.

Fulke, William. *A Defense of the Sincere and True Translations of the Holy Scripture*, University Press, Cambridge, 1843.

Geddes, Michael. *The Church History of Malabar*, S. Smith and B. Walford, London, 1694.

_____. *The Church History of Ethiopia*, Richard Chiswell, London, 1696.

_____. *Miscellaneous Tracts*, B. Barker, London, 1730.

Geikie, J. Cunningham. *Hours With the Bible*, 10 Vol., Hartford, 1912.

Genebrard, Gilbert. *Sacred Chronology*.

Gibbon, Edward. *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire*, 6 Vol., Harper & Brothers, New York, 1845.

Gibbons, James Cardinal. *The Faith of Our Fathers*, 63d ed. (1905), 76th ed., John Murphy Company, Baltimore.

Gilly, William Stephen. *Vigilantius and His Times*, Seeley, Burnside, and Seeley, London, 1844.

_____. *Waldensian Researches*, C. J. G. and F. Rivington, London, 1831.

Goddard, Dwight. *Was Jesus Influenced by Buddha?* Thetford, Vt., 1927

Gordon, Mrs. E. A. “*World Healers,*” or *The Lotus gospel and Its Bodhisattvas Compared With Early Christianity*, Eugene L. Morice, London, 1912.

_____. *Asian Chronology*, Maruzen & Co., Ltd., Tokyo, 1921.

Grant, Asahel. *The Nestorians, or the Lost Tribes*. Harper & Brothers, New York, 1841.

Green, John Richard. *A Short History of the English People*, 4 Vol., Donohue Henneberry and Company, Chicago.

Green, Samuel G. *A Handbook of Church History*, Religious Tract Society, London, 1904.

Griffis, William Elliot. *The Religions of Japan*, Charles Scribner’s Sons, New York, 1904.

Harlez, Charles De. *Le Yih-King: A French Translation of the Confucian Classic on Change*, Bruxelles, 1889.

Hastings, James. *Encyclopedia of Religion and Ethics*, 12 Vol., Charles Scribner’s Sons, New York, 1924.

Healy, John. *Insula Sanctorum et Doctorum*, Sealy, Bryers & Walker, Dublin, London, 1902.

Hedin, Sven. *Central Asia and Tibet*, 2 Vol., London and New York, 1903.

Hefele, Charles Joseph. *History of the Christian Councils*, 5 Vol., T. & T. Clark, Edinburgh, 1872.

Hefele, Karl Joseph Von. *Conciliengeschichte*, 9 Vol., Freiburg im Breisgau, Herder, 1877-79.

Henderson, Ebenezer. *The Vaudois*, J. Snow, London, 1845.

Hergenroether, Joseph A. G. *Photius*, 3 Vol., G. J. Manz, Regensburg, 1867-69.

Herrmann, A. *Atlas of China*, Harvard University Press, Cambridge, 1935.

Hetherington, W. M. *History of the Church of Scotland*, 2 Vol., 7th ed., John Johnstone, Edinburgh and London, 1848

Heylyn, Peter. *Historical and Miscellaneous Tracts*, part 2, *The History of the Sabbath*, London, 1681.

Hill, David Jayne. *History of Diplomacy in the International Development of Europe*, 3 Vol., Longmans, Green and Co., London, 1914-24. (New York, 1905-14.)

Historians' History of the World, The (editado por Henry Smith Williams), 25 Vol., 1907.

Historical Papers on Seventh Day Baptists, American Sabbath Tract Society, Plainfield, N. J., 1915.

Hodgkin, Thomas. *Italy and Her Invaders*, 8 Vol., 2d ed., Clarendon Press, Oxford, 1880-99.

Holtzmann, H. J. *Kanon und Tradition*, Ludwigsburg, 1859.

Hopkins, Edward Washburn. *History of Religions*, The Macmillan Company, New York, 1918.

Horne, Thomas Hartwell. *Introduction to the Critical Study and Knowledge of the Holy Scriptures*, 2 Vol., Robert Carter & Bros., New York, 1872.

Hort, Fenton John Anthony, And Westcott, Brooke Foss. *The New Testament in the Original Greek*, 2 Vol., Harper & Brothers, New York, 1882.

Howells, George. *The Soul of India*, J. Clarke and Co., London, 1913.

Howorth, H. H. *History of the Mongols*, 3 Vol. in 4, Longmans, Green and Company, London, 1876-88.

Huc, M. L'Abbe, Evariste Regis. *Christianity in China, Tartary, and Thibet*, 3 Vol., Longmans, Brown, Green, Longmans, and Roberts, London, 1857.

Hulme, Edward Maslin. *A History of the British People*, The Century Company, New York, 1924.

_____. *Renaissance and Reformation*.

Humboldt, Alexander Von. *Cosmos: A Sketch of a Physical Description of the Universe*, 2 Vol., Harper & Brothers, New York, 1850.

Hunter, William Wilson. *A Brief History of the Indian People*, Clarendon Press, Oxford, 1903.

_____. *The Indian empire*, Trubner and Co., London, 1886.

Hyde, Douglas. *A Literary History of Ireland*, T. Fisher Unwin, London, 1901.

Innes, A. Taylor. *Church and State*, 2d ed., T. & T. Clarke, Edinburgh. *International Encyclopedia, The New*, 23 Vol., 2d ed., Dodd, Mead and Company, New York, 1916.

Jackson, A. V. Williams. *Persia, Past and Present*, The Macmillan Company, New York, 1906.

Jacobus, Melancthon Williams. *Roman catholic and Protestant Bibles Compared*, Charles Scribner's Sons, New York, 1908.

Jamieson, John. *Historical Account of the Ancient Culdees of Iona*, Thomas D. Morison, London, 1890.

Jones, William. *The History of the Christian Church*, 2 Vol., Hargette and Savill, London, 1826.

Josephus, Flavius. *Works*, 3 Vol., A. L. Burt Company, New York.

Kaye, G. R. *A Guide to the Old Observatories*, Superintendent Government Printing, Calcutta, 1920.

Kaye, J.W. *Christianity in India*, reviewed in *Dublin University Magazine*, Vol. 54, 1859.

Keay, F. E. *A History of the Syrian Church in India*, S. P. C. K., Madras, 1938.

Killen, W. D. *Ecclesiastical History of Ireland*, 2 Vol., The Macmillan Company, London, 1875.

_____. *The Old Catholic Church*, T. & T. Clarke, Edinburgh, 1871.

Kircher, D'athanese. *La Chine* (translated by F. S. Dalquie), A. Amsterdam, 1670.

Komroff, Manuel. *The Travels of Marco Polo*, Garden City Publishing Co., New York, 1926.

Kurtz, Professor. *Church History*, 3 Vol., Funk & Wagnalls Company, New York, 1889.

Labourt, J. *Le Christianisme dans l'Empire Perse*, v. Lecoffre, Paris, 1904.

Lacouperie, Terrien DE. *Western Origin of Early Chinese Civilisation*, Asher and Co., London, 1894.

Lacunza, Manuel [Juan Josafat Ben-Ezra]. *La Venida del Mesias em Gloria y Majestad*, Santiago, Imprenta, reprint, 1914.

Lamy. *The History of Socinianism*, W. Roberts, London, 1729.

Lane, C. A. *Illustrated Notes on English Church History*, 2 Vol., E. and J. B. Young Company, New York, 1898-1900.

Lang, Andrew. *A History of Scotland*, 2 Vol., William Blackwood & Sons, Edinburgh, 1900.

Latourette, Kenneth Scott. *The Thousand Years of Uncertainty*, Harper & Brothers, New York, 1938.

Lea, Henry Charles. *Inquisition of the Middle Ages*, 3 Vol., Harper & Brothers, New York, 1888.

Lecoy De La Marche. *Anecdotes*, Librairie Renouard, Paris, 1877.

Leger, Jean. *Historie Generale des Eglises Vaudoises*, Carpentier, Lyden, 1669.

Le Nain De Tillemont. *Memoires*, 16 Vol., 1723.

Le Strange, G. *Mesopotamia and Persia Under the Mongols in the Fourteenth Century*, London, 1903.

_____. *The Lands of the Eastern Caliphate*, Cambridge, 1905.

_____. *Bagdad During the Abbasid Caliphate*, Oxford, 1900; and reprint, 1924.

Lewis, A. H. *A Critical History of Sabbath and Sunday*, American Sabbath Tract Society, Alfred Center, New York, 1886.

_____. *Seventh Day Baptists in Europe and America*.

Limborch, Philippus. *The History of the Inquisition*, 2 Vol., J. Gray, London, 1731.

Lingard, John. *The Antiquities of the Anglo-Saxon Church*, 2 Vol., Keating, Brown and Keating, London, 1806.

Li Ung Bing. *Outlines of Chinese History* (edited by J. Whiteside of Soochow, China), Shanghai, 1914.

Lloyd, Arthur. *The Creed of Half Japan*, E. P. Dutton & Co., New York, 1912.

Luchaire, Achille. *Innocent III; Les Albigois*, Hachette et Cie, Paris, 1907.

Luke, H. C. *Mosul and Its Minorities*, M. Hopkinson and Co., Ltd., London, 1925.

Luther, Martin. *Table Talk*, W. Bogue, London, 1848.

Mccabe, James D., JR. *Cross and Crown*, National Publishing Co., New York, 1873.

Macaulay, Thomas Babington. *Critical, Historical, and Miscellaneous Essays and Poems*, Gould and Lincoln, Boston, 1860.

Mackintosh, Sir James. *History of England*, in Lardner's *Cabinet Encyclopedia*, Vol. 76-85, London, 1850.

M'clatchie, Canon Thomas. *A Translation of the Confucian Classic of Change*, Shanghai, 1826.

_____. *Notes and Queries on China and Japan* (edited by N. B. Dennys), 4 Vol., Hong Kong, 1867.

M'clatchie, I. "The Chinese in the Plain of Shinar," *Journal of Royal Asiatic Society*, Vol. 16, American Presbyterian Mission Press.

Maclauchlan, Thomas. *Early Scottish Church*, T. & T. Clark, Edinburgh, 1865

M'clintock, John And Strong, James. *Cyclopedia of Biblical, Theological, and Ecclesiastical Literature*, 12 Vol., Harper & Brothers, New York, 1894.

Maitland, S. R. *Facts and Documents Illustrative of the History, Doctrine, and Rites of the Ancient Albigenses and Waldenses*, C. J. C. Rivington, London, 1833.

Major, Richard Henry. *India in the Fifteenth Century*, London, 1857.

Malcolm, Col. Sir John. *History of Persia*, 2 Vol., H. G. Bohn, London, 1815.

Malmesbury, William OF. *De Gestis Pontificorum Anglorum Rolls*, H. G. Bohn, London, 1847.

Matthew Of Westminster. *The Flowers of History*, 2 Vol., H. G. Bohn, London, 1853.

Meissner, John L. *The Celtic Church in England*, Martin Hopkinson, London, 1929.

Melia, Pires. *The Waldenses*, James Toovey, London, 1870.

Menzies, Lucy. *Saint Columba of Iona*, J. M. Dent and Sons, London, 1920.

Mezeray, Francois Eudes De. *Abrege Chronologique de L’Histoire de France*, A. Wolfgang, Amsterdam, 1682.

Michelet, Jules. *History of France* (traduzido por G. H. Smith), Vol. 1, London, 1834 44.

Mierow, Charles C. *Chronicle of the Two Cities*, Columbia University Press, New York, 1928.

Milman, Henry Hart. *The History of Christianity*, 3 Vol., John Murray, London, 1867.

_____. *History of Latin Christianity*, 6 Vol., John Murray, London, 1867.

Milner, Joseph. *History of the Church of Christ*, 5 Vol., L. Hansard & Sons, London, 1827.

Mingana, Alphonse. “Early Spread of Christianity,” *Bulletin of John Ryland’s Library*, Vol. 9, 10, University Press, Manchester, 1925, 1926.

Moberg, A. *The Book of the Himyarites*, Lund, Sweden, and Oxford University Press, 1924.

Moffat, James C. *History of the Catholic Church in Scotland*, Presbyterian Borad of Publication, Philadelphia, 1882.

Monastier, Antoine. *A History of the Vaudois church*, Religious Tract Society, London, 1848.

Monier-Williams, Sir Monier. *Indian Wisdom*, W. H. Allen & Co., London, 1875.

Montalembert, Count De. *Monks of the West*, 7 Vol., W. Blackwood and Sons, Edinburgh and London, 1867.

Montgomery, James A. *The History of Yaballaha III*, Columbia University Press, New York, 1927.

Moore, Thomas. *Irish Melodies*, Longmans, Brown, Green, and Longmans, London, 1849.

Moore, T. V. *The Culdee Church*, Presbyterian Committee of Publications, Richmond, Va., 1868.

Morland, Sir Samuel. *The History of the Evangelical Churches of the Valleys of the Piedmont*, Henry Hills, London, 1658.

Mornay, Phillip (Du Plessis). *The Myserie of Iniquitie* (translated into English by Samson Lennard), London, 1612.

Mosheim, John L. Von. *Commentaries*, 2 Vol., S. Converse, New York, 1856.

_____. *Institutes of Ecclesiastical History*, 4 books in 1 volume, Robert Carter & Brothers, New York, 1881.

Moulton, W. F. *The History of the English Bible*, Cassell, Petter, and Galpin, London.

Muir, William. *The Arrested Reformation*, Morgan and Scott, London, 1912.

Muston, Alexis. *The Israel of the Alps*, 2 Vol., Bladen & Sons, London, 1875.

Neale, John Mason. *A History of the Holy Eastern Church*, 2 Vol., London, 1850.

_____. *The Patriarchate of Antioch*, Rivingtons, London, 1873.

Neander, Augustus. *General History of the Christian Religion and Church*, 6 Vol., Geo. Bell and Sons, London, 1871.

Newell, E. J. *St. Patrick, His Life and Teaching*, 2d ed., rev., E. S. Gorham, New York, 1907.

Newman, Albert Henry. *The Arians of the Fourth Century*, J. G. and F. Rivington, London, 1833.

1 *Dissertation on the Prophecies*, James Martin, Philadelphia, 1813.

Nolan, Frederick. *The Integrity of the Greek Vulgate*, F. C. and J. Rivington, London, 1815.

O’kelly, Col. Charles. *Macariae Excidium or The Destruction of Cyprus*, Dublin for Irish Archaeological Society, 1850.

O’leary, Delacy. *The Syriac Church and Fathers*, Society for Promoting Christian Knowledge, London, 1909.

Oliphant, Mrs. *The Life of Edward Irving*, 6th ed., Hurst and Blackett, London, 1862.

O’neill, John. *Night of the Gods*, B. Quaritch, London, 1893-97.

Pallavicini, Sforza. *Histoire du Concile de Trente*, 3 Vol., Imprimerie Catholique de Migne, Montrouge, 1844.

Parker, E. H. *A Thousand Years of the Tartars*, Kelly and Walsh, Shanghai, 1895.

Pelhisse, William. *Chronicon*, c. 1268.

Perkins, Justin. *A Residence of Eight Years in Persia*, Allen, Morrill, and Wardwell, Andover, 1843.

Perrin, J. P. *History of the Ancient Christians*, Griffith and Simon, Philadelphia, 1847.

Perrin, Jean Paul. *Luther’s Forerunners*, N. Newberry, London, 1624.

Peyran, Jean. *An Historical Defense of Waldenses*, C. and J. Rivington, London, 1826.

Pott, F. L. Hawks. *A Sketch of Chinese History*, 2d ed., Kelly and Walsh, Ltd., Shanghai, 1908.

Prentice, William Kelly. Extraído da *Publication of an American Archaeological Expedition of Syria*, 1904, 1905, 1909.

Presbyterian Board Of Publication. *The Waldenses*, Philadelphia, 1853.

Pressense, E. De. *The Early Years of Christianity*, Hodder and stoughton, London, 1869.

Prideaux, Humphrey, *The Old and New Testament Connected*, 2 Vol., Harper & Brothers, New York, 1871.

Purchas, Samuel. *His Pilgrimes*, 20 Vol., James MacLebose and Sons, Glasgow, 1905.

Putnam, George Haven. *The Censorship of the Church of Rome*, 2 Vol., G. P. Putnam's Sons, New York, 1907.

Quatremere, E. *Notices des Manuscrits*, Institut de France, Academie des Inscriptions.

Rae, George Milne. *The Syrian Church in India*, William Blackwood & Sons, London, 1892.

Rawlinson, George. *The Seven Great Monarchies of the Ancient Eastern World*, 3 Vol., Lovell, Cornell and Co., New York, 1875.

Realencyclopädie für Protestantische Theologie und Kirche (editado por J. J. Herzog), 24 Vol., D. A. Hauck, Leipzig, 1896.

Reichelt, Karl Ludvig. *Truth and Tradition in Chinese Buddhism*, The Commercial Press, Shanghai, 1928.

Renan Ernest. *Histoire General et Systeme Compare des Langues Semitiques*, 1863.

Ridgeway, Sir William. *The Early Age of Greece*, 2 Vol., University Press, Cambridge, 1931.

Robinson, James Harvey. *An Introduction to the History of Western Europe*, Ginn & Company, Boston and New York, 1903.

Robinson, Robert. *Ecclesiastical Researches*, Francis Hodson, Cambridge, England, 1792.

Rockhill, William Woodville. *The Journey of William of Rubruck*, 2d Series, Vol. 4, Hakluyt Society, 1900.

Ross, Alexander. *Religions in the World*, 3d ed., London, 1658.

_____. *Les Religions du Monde* (traduzido por Thomas LaGrue), Amsterdam, 1666.

Ruffini, Francesco. *Religious Liberty*, G. P. Putnam's Sons, New York, 1912.

Saeki, P. Y. *The Nestorian Monument in China*, Society for Promoting Christian Knowledge, London, 1916, 1928.

Sansom, G. B. *Japan*, Cresset Press, London, 1932.

Schaff-Herzog. *The New Encyclopedia of Religious Knowledge*, 12 Vol. and Index, Funk & Wagnalls Company, New York and London, 1910.

Schaff, Philip. *History of the Christian Church*, 7 Vol., G. P. Putnam's Sons, New York, 1883, 1893, 1927.

Schmidt, C. *Histoire et Doctrine de la Secte de Catheres ou Albigeois*, 2 Vol., J. Cherbuliez, Paris, 1849.

Schurer, Emil. *A History of the Jewish People in the Time of Christ*, 5 Vol., Charles Scribner's Sons, New York, 1898.

Srivener, Frederick Henry Ambrose. *Introduction to the Criticism of the New Testament*, 2 Vol., George Bell and Sons, London, 1894.

Sergeant, Lewis. *The Franks*, 1898.

Sessler, John Jacob. *Communal Pietism Among Early Armenian Moravians*, Henry Holt and Co., New York, 1933

Seth, M. J. *History of the Armenians in India*, Central Press, Calcutta, 1895.

Sewell, Robert. *A Forgotten Empire, Vijayanagar*, S. Sonnenschein and Co., London, 1900.

Shotwell, James T., And Loomis, Louise Ropes. *The See of Peter*, Columbia University Press, New York, 1927.

Sismondi, J. C. L. DE. *History of Crusades Against Albigenses*, Wightman & Cramp, London, 1826.

Skene, William F. *Celtic Scotland*, David Douglas, Edinburgh, 1877.

Skrine And Ross. *The Heart of Asia*, Methune and Co., London, 1899.

Smith, John. *The Life of Columba*, Mundell and Sons, Edinburgh, 1798.

Smith, Vincent A. *The Oxford History of India*, 2d ed., Clarendon Press, Oxford, 1921.

_____. *Early History of India*, Clarendon Press, Oxford, 1904.

Smith, William, And Wace, Henry. *A Dictionary of Christian Biography*, 4 Vol., John Murray, London, 1877.

Soames, Henry. *The Anglo-Saxon Church*, London, 1835.

Soothill, W. E. *China and the West*, Oxford University Press, London, 1925.

Stanley, Arthur Penrhyn. *History of the Eastern Church*, new ed., John Murray, London, 1884.

Stewart, John. *Nestorian Missionary Enterprise*, T. & T. Clark, Edinburgh, 1928.

Stillingfleet, Edward. *The Antiquities of the British Churches*, 2 Vol., University Press, Oxford, 1842.

Stokes, George T. *Ireland and the Celtic Church*, Hodder and Stoughton, London, 1886.

Stokes, Whitely [editor and translator of *The Tripartite Life of Patrick*]. *Chronicles and Memorials of Great Britain and Ireland*, Vol. 89, pts. 1, 2, 1887.

Sullivan, Sir Edward. *The Book of Kells*, 3d ed., The Studio, Ltd, London, 1923.

Swete, Henry Barclay. *Introduction to the Old Testament in Greek*, University Press, Cambridge, 1914.

Sykes, Ella C. *Persia and Its Peoples*, the Macmillan Company, New York, 1910.

Sykes, P. M. *A History of Persia*, 2 Vol., The Macmillan Company, London, 1915.

Taylor, Daniel T. *The Voice of the Church on the Coming and Kingdom of the Redeemer*, rev. ed., H. S. Hastings, Boston, 1855.

Taylor, W. C. *History of Ireland*, 2 Vol., Harper & Brothers, New York, 1845.

Temple, Sir Richard Carnac. *The Itinerary of Ludovico di Varthema of Bologna From 1502 to 1508*, The Argonaut Press, London, 1928.

Terry, Benjamin. *A History of England*, Scott, Foresman and Co., Chicago, 1902.

Thatcher, Oliver, And Schwill, Ferdinand. *Europe in the Middle Ages*, Charles Scribner's Sons, New York, 1897.

Thompson, R. W. *The Papacy and the Civil Power*, Harper & Brothers, New York, 1876.

Thorndyke, Lynn. *History of Medieval Europe*, rev. ed., Houghton Mifflin Co., Boston, 1928.

Thoyras, Rapin De. *History of England*, 2 Vol., John Harris, London, 1784.

Tillemont, Sebastien Le Nain De. *Memoires Pour Servir a l'Histoire Ecclesiastique des Six Premiers Siecles*, 16 Vol., 1732.

Todd, James Henthorn. *St. Patrick, Apostle to Ireland*, Hodges, Smith and Company, dublin, 1864.

Dois membros da Companhia do Novo Testamento [Charles J. Ellicott and Edwin Palmer]. *On the Revisers and the Greek Text*.

Tymms, William Robert. *The Art of Illuminating as Practiced in Europe From Earliest Times*, Day and Son, London, 1860.

Tyndale, William. *An Answer to Sir Thomas More's Dialogue*, Cambridge, 1850.

Underwood, A. C. *Shintoism*, Epworth Press, London, 1934.

Urzua, Miguel R. *Las Doctrinas de P. Manuel Lacunza*, soc. Imprenta y Litografia Universo Santiago de Chile, 1917.

Ussher, James Archbishop. *Gravissimae Quaestionis de Christianarum Ecclesiarum Successione* (Ver Vol. 2 da edição Latina deste trabalho), C. R. Elrington, Dublin, 1847.

_____. *The Whole Works*, 17 Vol., Dublin, 1864.

_____. *Discourse on the Religion Anciently Professed by the Irish and British*, John Jones, Dublin, 1815.

Vambery, Arminius. *History of Bokhara*, H. S. King and Company, London, 1873.

Voltaire. *Additions to Ancient and Modern History*, E. R. DuMont, 1901.

Walker, Williston. *A History of the Christian Church*, Charles Scribner's Sons, New York, 1918.

Wall, Charles William. *Ancient Orthography of the Jews*, 4 Vol., Whittaker and Company, London, 1840.

Walsh, Walter. *The Secret History of the Oxford Movement*, Chas. J. Thynne, London, 1898.

_____. *The Jesuits in England*, George Routledge & Sons, London, 1903.

Warner, H. J. *The Albigensian Heresy*, 2 Vol., Society for Promoting Christian Knowledge, London, 1922.

Westcott, Brooke Foss, And Hort, Fenton John Anthony. *The New Testament in the Original Greek*, 2 Vol., The Macmillan Company, New York, 1929, 1925.

Whishaw, Bernhard And Ellen M. *Arabic Spain*, Smith Elder & Company, London, 1912.

White, Ellen G. *The Great Controversy Between Christ and Satan*, Pacific Press Publishing Assn., Mountain View, California, 1888, 1907, 1911.

White, Francis, Bishop Of Eli. *A Treatise on the Sabbath Day*, in Edward Fisher, *Tracts on the Sabbath*, 1635.

Wigram, W. A. *Introduction to the History of the Assyrian Church*, Society for Promoting Christian Knowledge, London, 1910.

Wigram, W. A. And Wigram, Edgar T. A. *The Cradle of Mankind*, 2d ed., A. and C. Black, London, Ltd., 1922.

Wilkinson, Benjamin G. *Our Authorized Bible Vindicated*, Washington D. C., 1930.

Williams, Hugh. *Christianity in Early Britain*, Clarendon Press, Oxford, 1912.

Williams, S. W. *The Middle Kingdom*, Charles Scribner's Sons, New York, 1899.

Wiltsch, Johann. *Geography and Statistics of the Church*, 2 Vol., T. Bosworth, London, 1868.

Wishard, John G. *Twenty Years in Persia*, Fleming H. Revell, New York, 1908.

Wishart, A. W. *A Short History of Monks and Monasticism*, Albert Brandt, Trenton, 1908.

Wylie, Alexander. *Chinese Researches*, Chinese Repository, Shanghai, 1897.

Wylie, J. A. *The History of Protestantism*, 3 Vol., Cassell, Petter & Galpin, London.

Yeates, Thomas. *East Indian Church History*, 1921. (Republicado por Mrs. E. A. Gordon sob o título, *Asian Christology and the Mahayana*, Maruzen and Co., Tokyo, 1921.

Yohannan, Abraham. *The Death of a Nation*, G. P. Putnam's Sons, New York, 1916.

Yule, H., And Cordier, H. *Cathay and the Way Thither*, 4 Vol., Hakluyt Society, London, 1913, 1916.

Yule, Sir Henry. *The Book of Ser Marco Polo*, 2 Vol., John Murray, London, 1903, 1921.

Zimmer, Heinrich. *The Irish Element in Medieval Culture*, G. P. Putnam's Sons, New York, 1891.

REVISTAS

Century Magazine, Vol. 66, N. S. 44.

Dublin University Magazine.

Journal of the Royal Geographical Society, 50 Vol., 1867.

Journal of the Royal Geographical Society, 50 Vol., 1867.

Journal of the Royal Asiatic Society.

The Nation, Vol. 95, no. 2464.

Protestant Digest, April-May, 1941; August-September, 1941.
Publicação Trimestral.

The United States Catholic Magazine, Vol. 4, 1845.

NOTAS DE RODAPÉ

CAPÍTULO 1

¹ Clarke, *Commentary*, sobre Apocalipse 12; também Jeremiah 3:14; Hosea 2:19; Ephesians 5:23-32; Revelation 17.

² Gilly, *Waldensian Researches*, p. 78.

CAPÍTULO 2

¹ Goddard, *Was Jesus Influenced by Buddha?*, p. 9.

² Home, *Introduction to the Critical Study and Knowledge of the Holy Scriptures*, Vol. 2, pt. 6, ch. 2, p. 316.

³ Veja a discussão do autor nos capítulos “Papás, o primeiro chefe da igreja na Ásia”, e “Adão e a igreja na China”

⁴ Quanto devemos a estes heróis o mundo nunca saberá. A Reforma foi uma consequência natural da Igreja no Deserto. Devemos indiretamente, ao menos, a Constituição dos Estados Unidos a este nobre exército. A luz, liberdade, educação, e cultura que possuímos hoje vieram por causa do firme fundamento colocado nas convicções e coragem dos heróis da Igreja no Deserto.

CAPÍTULO 3

¹ Burgon and Miller, *The Traditional Text of the Holy Gospel*, p. 123.

² Edersheim, *The Life and Times of Jesus the Messiah*, Vol. 1, p. 396.

³ The writer, in examining this Samaritan manuscript when he visited Samaria, was surprised to find it in so good a condition, considering its great age.

⁴ Geddes, *The Church History of Ethiopia*, p. 9.

⁵ O’Leary, *The Syriac Church and Fathers*, p. 21.

- ⁶ Edersheim, *The Life and Times of Jesus the Messiah*, Vol. 1, p. 74. Also Schurer, *A History of the Jewish People in the Time of Christ*, 2d div., Vol. 2, p. 271.
- ⁷ Veja a discussão do autor no Capítulo 4, intitulado “As cidades silenciosas da Síria”.
- ⁸ Gordon, “*World Healers*,” p. 450, note 2.
- ⁹ Tertullian, *An Answer to the Jews*, ch. 7, encontrado em *Ante-Nicene Fathers*, Vol. 3, pp. 157, 158.
- ¹⁰ Newman, *A Manual of Church History*, Vol. 1, p. 297.
- ¹¹ Bigg, *The Origins of Christianity*, pp. 143, 144.
- ¹² Burgon, *The Revision Revised*, p. 9; Burkitt, *Early Eastern Christianity*, p. 41.
- ¹³ Menzies, *Saint Columba of Iona*, pp 11-13, veja ch. 11, note 5; Fitzpatrick, *Ireland and the Making of Britain*, p. 160.
- ¹⁴ Ridgeway, *The Early Age of Greece*, Vol. 1, p. 356.
- ¹⁵ Fitzpatrick, *Ireland and the Making of Britain*, p. 30.
- ¹⁶ Gordon, “*World Healers*,” p. 78.
- ¹⁷ O’Leary, *The Syriac Church and Fathers*, p. 32. 20.
- ¹⁸ Stokes, *Ireland and the Celtic Church*, p. 3.
- ¹⁹ Warner, *The Albigensian Heresy*, Vol. 1, p. 19.
- ²⁰ Hyde, *A Literary History of Ireland*, pp. 6, 7.
- ²¹ Stokes, *Ireland and the Celtic Church*, pp. 27, 28; Gilly, *Vigilantius and His Times*, p. 116; Smith and Wace, *A Dictionary of Christian Biography*, art. Patricius”; Nolan, *The Integrity of the Greek Vulgate*, p. 17; Warner, *The Albigensian Heresy*, Vol. 1, p. 12; Betham, *Irish Antiquarian Researches*.
- ²² Milman, *History of Latin Christianity*, Vol. 1, p. 1, Introdução.

- ²³ Westcott and Hort, *The New Testament in the Original Greek*, Vol. 2, p. 142.
- ²⁴ Cubberley, *The History of Education*, p. 138.
- ²⁵ Jones, *The History of the Christian Church*, Vol. 2, p. 294.
- ²⁶ Westcott and Hort, *The New Testament in the Original Greek*, Vol. 2, p. 142.
- ²⁷ Burgon and Miller, *The Traditional Text of the Holy Gospels*, p. 145.
- ²⁸ Isto pode ser lido no ultimo capítulo de Atos e na segunda epístola a Timóteo.
- ²⁹ Michael the Syrian, *Chronique de Michel le Syrien*, Vol. 1, pp. 247-253.
- ³⁰ Para resumir, o Dr. Adam Clarke diz: “Após considerar tudo o que foi dito por homens eruditos e críticos desta parte, sou inteiramente da opinião de que o apóstolo não quis dizer Babilônia no Egito, nem Jerusalém, nem Roma como uma figura de Babilônia, mas a famosa e antiga Babilônia na Assíria, que era, como o Dr. Benson observa, a metrópole da dispersão oriental dos judeus; como disse muito a respeito disso no prefácio, peço ao leitor referir-se a ele.” — *Commentary*, sobre 1 Peter 5:13.
- ³¹ Abul Faraj, *Chronography*, Vol. 1, p. 50.
- ³² Eusebius, *Ecclesiastical History*, b. 3, ch. 1, found in *Nicene and Post-Nicene Fathers*.
- ³³ Adeney, *The Greek and Eastern Churches*, pp. 297, 298.
- ³⁴ Fisher, *History of the Christian Church*, p. 45; Gordon, “*World Healers*,” p. 243.
- ³⁵ Rawlinson, *The Seven Great Monarchies of the Ancient Eastern World* (Sixth Monarchy), Vol. 3, p. 225.
- ³⁶ Esta conclusão tem seus oponentes, porém muitos escritores instruídos e confiáveis deixaram de ter dúvidas a respeito disto e estabeleceram para sua satisfação que o apóstolo Tomé colocou os fundamentos do

cristianismo na Índia. Veja a discussão do autor no capítulo 14: “Os Cristãos de São Tomé da Índia”.

³⁷ Adeney, *The Greek and Eastern Churches*, p. 296.

³⁸ Burgon, *The Revision Revised*, p. 27.

³⁹ Yohannan, *The Death of a Nation*, p. 39.

CAPÍTULO 4

¹ Muir, *The Arrested Reformation*, p. 49.

² O’Leary, *The Syriac Church and Fathers*, p. 29.

³ Após pensar longamente em visitar estas silenciosas cidades da Síria, o autor vários anos atrás ficou feliz em poder estudar pessoalmente seus magníficos lugares. Após visitar o distrito do outro lado do Rio Jordão e na area ao redor de Damasco, o grupo chegou a Beirute, na Síria. Aqui o autor conseguiu o auxílio do Dr. William Lesovsky, um linguístico em arábico, inglês, francês, e alemão. Arranjos foram feitos para contatar os principais eruditos sírios e americanos em Beirute. Desde que a Síria era então um mandato francês, primeiro foi feito contato com o director de antiguidades francês. Ele estava bem informado em relação a estas silenciosas cidades, e dele se soube que havia cerca de cem delas que iriam exigir muito estudo para investigá-las minuciosamente. Fizemos preparativos para examinar as mais representativamente cristãs e mais importantes do ponto de vista da arquitetura e saneamento. O diretor aconselhou que começássemos com El-Bara, e, embora nos indicasse boas estradas, sofreremos as usuais dificuldades experimentadas pelos viajantes com motoristas nativos. Quando chegamos a Oroum-El-Djoz, o sol estava se pondo; e, como era o mês de fevereiro, o tempo estava frio nas montanhas da Síria. Aqui encontramos uma placa indicando o caminho para El-Bara, mas o nosso problema agora era como chegar lá. Como já era tarde, passamos a noite com um nativo, um professor de inglês protestante, e retornamos às oito da manhã à placa que indicava para El-Bara, floresta adentro. Após passar por buracos de lama, que para sair deles fomos obrigados a empurrar o carro, e por estradas pedregosas, emergimos finalmente num vale. Sobre a colina à nossa direita, pudemos ver a vila de barro maometana, e no vale estavam os restos da antiga cidade de El-Bara. Estávamos ansiosos por inspecionar as ruínas

imediatamente, porém a prudência nos aconselhava a ver primeiro a moukdhar. Ao visitarmos este chefe oficial da vila, juntou-se uma multidão. Finalmente, tivemos permissão para inspecionar as ruínas de El-Bara.

- ⁴ Foakes-Jackson, *The History of the Christian Church*, p. 33.
- ⁵ Matthew 4:25; Mark 5:20; 7:31; Burgon and Miller, *The Traditional Text of the Holy Gospels*, p. 123, e nota 1.
- ⁶ Schurer, *A History of the Jewish People in the Time of Christ*, 2 div. Vol. 1, pp. 29-56. Embora tenha lido muito sobre Decápolis, o escritor ficou surpreso ao visitar estes lugares e contemplar a grandiosidade e magnificência daquilo que ainda permanece. Mesmo agora o viajante que vai a leste do Rio Jordão fica profundamente impressionado pelo magnífico cenário da região.
- ⁷ Eusebius, *Ecclesiastical History*, b. 3, ch. 5, p. 138, encontrado em *Nicene and Post-Nicene Fathers*.
- ⁸ *Ibid.*, b. 4, ch. 6; b. 5, ch. 12.
- ⁹ O’Leary, *The Syriac Church and Fathers*, pp. 28, 29.
- ¹⁰ *Ibid.*, p. 34.
- ¹¹ Stokes, *Ireland and the Celtic Church*, p. 242.
- ¹² Adeney, *The Greek and Eastern Churches*, p. 181.
- ¹³ Stokes, *Ireland and the Celtic Church*, p. 243.
- ¹⁴ *Century Magazine*, Vol. 66, N. S. 44, pp. 217, 220.
- ¹⁵ Butler, *Early Churches in Syria*, pt. 1, p. 10.
- ¹⁶ Hastings, *Encyclopedia of Religion and Ethics*, art. “Alexandrian Theology.”
- ¹⁷ Ao falar da teologia síria, estamos seguindo a direção da maioria dos historiadores da igreja ao usar o termo para designar aquela comunidade a qual chamamos de Igreja do Oriente. Constantemente usamos o termo Igreja do Oriente para designar a grande comunidade a qual, por séculos,

se estendeu do Rio Eufrates para a Pérsia, Índia, Ásia Central, e o Oriente. Muitos escritores a chamam de Igreja Nestoriana, o que é incorreto e é um equívoco. Frequentemente ela é chamada Igreja Assíria. Usar o termo Igreja do Oriente para aplicar à Igreja Ortodoxa Grega é confuso.

¹⁸ *The Nation*, Vol. 95, p. 260.

¹⁹ O autor gastou algum tempo em El-Bara tirando muitas fotos. Dali, o grupo visitou Dalozza, onde vimos uma grande ruína da qual é dito ter sido a mais bela casa particular da Síria. Parece ter sido uma cômoda vivenda planejada para o uso de única família. Dalí foi possível ver as casas suburbanas daqueles primeiros cristãos sírios com suas belas paisagens e magníficas vistas.

²⁰ Prentice, *Publication of an American Archeological Expedition to Syria*, part 3. A última inscrição está numa igreja na Síria.

²¹ O autor visitou e inspecionou nove destas cidades desertas. Em El-Bara encontrou-se em situação perigosa. Por mais de uma hora ele ficou no meio de uma guerra tribal. O fato destas cidades silenciosas situarem-se longe das principais linhas de viagem e no meio de uma emotiva população maometana sem dúvida explica o fato de que por séculos ficaram praticamente sem ser visitadas e desconhecidas.

²² Veja a discussão do autor no Capítulo 10: “Como a Igreja foi conduzida ao Deserto”.

²³ *The Catholic Encyclopedia*, art. “Calendar.”

²⁴ *The Catholic Encyclopedia*, art. “Calendar.”

CAPÍTULO 5

¹ Duchesne, *Early History of the Christian Church*, Vol. 1, p. 362.

² Rawlinson, *The Seven Great Monarchies of the Ancient Eastern World* Vol. 3, ch. 4, p. 283.

³ Schaff, *History of the Christian Church*, Vol. 2, p. 720.

⁴ Mosheim, *Commentaries*, cent. 2, Vol. 1, p. 341.

- ⁵ Ver a discussão do autor no capítulo 9.
- ⁶ Veja mais adiante neste mesmo capítulo.
- ⁷ Ayer, *A Source Book for Ancient Church History*, p. 227.
- ⁸ Gibbon, *Decline and Fall of the Roman Empire*, ch. 47, par. 1.
- ⁹ Bull, *Defence of the Nicene Faith*, Vol. 1, pp. 344-351.
- ¹⁰ M’Clintock and Strong, *Cyclopedia; also The New International Encyclopedia*, art. “Manichaeism”
- ¹¹ Milman, *The History of Christianity*, Vol. 2, p. 270. Veja também M’Clintock e Strong, *Cyclopedia*, and *The New International Encyclopedia*, art. “Manichaeism”
- ¹² Shotwell and Loomis, *The See of Peter*, p. 122.
- ¹³ Mosheim, *Institutes of Ecclesiastical History*, b. 1, cent. 3, pt. 2, ch. 3, pars. 5-10.
- ¹⁴ Gilly, *Vigilantius and His Times*, p. 116.
- ¹⁵ Fisher, *History of Christian Doctrines*, p. 19.
- ¹⁶ Eusebius, *Ecclesiastical History*, b. 5, ch. 28, found in *Nicene and Post-Nicene Fathers*.
- ¹⁷ *The Catholic Encyclopedia*, art. “Lucian.”
- ¹⁸ Nolan, *The Integrity of the Greek Vulgate*, p. 72.
- ¹⁹ Killen, *The Old Catholic Church*, p. 153; Jacobus, *Roman Catholic and Protestant Bibles Compared*, p. 4.
- ²⁰ Mosheim, *Commentaries*, cent. 2, Vol. 1, p. 341.
- ²¹ Walker, *A History of the Christian Church*, p. 106.
- ²² Sozomen, *Ecclesiastical History*, b. 3, ch. 5, encontrado em *Nicene and Post-Nicene Fathers*.

- ²³ Tertullian, *The Chaplet or De Corona*, chapter 4.
- ²⁴ Buckley, *Canons and Decrees of the Council of Trent*, pp. 17, 18.
- ²⁵ Gibbons, *The Faith of Our Fathers*, pp. 111, 112, 63d ed.; p. 86, 76th ed.
- ²⁶ Schaff, *History of the Christian Church*, Vol. 2, Second Period, par. 196, pp. 822-824.
- ²⁷ *The Catholic Encyclopedia*, art. “Commandments of God.”
- ²⁸ Cox, *The Literature of the Sabbath Question*, Vol. 1, pp. 370, 371.
- ²⁹ *Ibid.* Vol. 1, pp. 128, 129.
- ³⁰ Newman, *The Arians of the Fourth Century*, pp. 10, 11, 14, 27.
- ³¹ Cadman, *The Three Religious Leaders of Oxford*, pp. 479, 481.
- ³² Jacobus, *Roman Catholic and Protestant Bibles Compared*, p. 280.
- ³³ Newman, *The Arians of the Fourth Century*, pp. 7-11.
- ³⁴ *The Catholic Encyclopedia*, art. “Calendar.”
- ³⁵ Cox, *The Literature of the Sabbath Question*, Vol. 1, p. 334.
- ³⁶ Socrates, *Ecclesiastical History*, b. 5, ch. 22, encontrado em *Nicene and Post-Nicene Fathers*.
- ³⁷ Sozomen, *Ecclesiastical History*, b. 7, ch. 19, encontrado em *Nicene and Post-Nicene Fathers*.
- ³⁸ Council of Laodicea, Canon 29, Scribner’s *Nicene and Post-Nicene Fathers*, 2d Series, Vol. 14, p. 148.
- ³⁹ Veja Agostinho de Hipona (Santo Agostinho), Ambrósio, Crisóstomo, Gregório de Nissa, Astério, Gregório de Cesaréia, Orígenes, Cassiano, etc.
- ⁴⁰ O’Leary, *The Syriac Church and Fathers*, p. 27.

- ⁴¹ O’Leary, *The Syriac Church and Fathers*, p. 28.
- ⁴² Ambrose, De Moribus, *Brachmanorium Opera Omnia*, found in Migne, *Patrologia Latina*, Vol. 17, pp. 1131, 1132.
- ⁴³ O’Leary, *The Syriac Church and Fathers*, p. 44.
- ⁴⁴ Nolan, *The Integrity of the Greek Vulgate*, pp. 413-416.
- ⁴⁵ O’Leary, *The Syriac Church and Fathers*, p. 49
- ⁴⁶ Gibbons, *The Faith of our Fathers*, p. 111, 63d ed.; p. 86, 76th ed.
- ⁴⁷ Nolan, *The Integrity of the Greek Vulgate*, pp. 125, 126.
- ⁴⁸ *On the Revisers and the Greek Text*, pp. 11, 12.
- ⁴⁹ Jacobus, *Roman Catholic and Protestant Bibles Compared*, p. 42.
- ⁵⁰ *The Catholic Encyclopedia*, art. “Mediator.” J. E. Canavan, in *The Mystery of the Incarnation*, p. 19, says: “A teoria comum católica é que Cristo nos redimiu, não por ficar em nosso lugar, não como nosso Substituto, mas por oferecer a Deus uma obra que O agradou muito mais do que o pecado O desagradou.” Veja também M’Clintock and Strong, *Cyclopedia*, art. “Christology.”
- ⁵¹ *Epistles of Gregory I*, b. 13, epistle 1, encontrado em *Nicene and Post-Nicene Fathers*.
- ⁵² Fitzpatrick, *Ireland and the Foundations of Europe*, p. 161; Draper, *History of the Intellectual Development of Europe*, p. 469.

CAPÍTULO 6

- ¹ Muir, *The Arrested Reformation*, p. 13.
- ² Faber, *The Ancient Vallenses and Albigenses*, pp. 275-279.
- ³ Jerome, *Against Vigilantius*, encontrado em *Nicene and Post-Nicene Fathers*, 2d Series, Vol. 6, p. 418. Aqui Jerônimo afirma que Vigilância nasceu em Les Convènes (*em Latin, Convenae*), no sul da Gália. Esta

cidade também leva o nome de Lyon, cuja pronúncia é parecida com a palavra inglesa Leo (leão). Então, evidentemente, ele seria chamado Vigilâncio o Leonista. Tem-se concluído, portanto, que o sobrenome “Leonista” deriva de Vigilâncio.

⁴ Gilly, *Vigilantius and His Times*, pp. 161, 162.

⁵ *Ibid.*, pp. 163, 164.

⁶ *Ibid.*, pp. 169, 170.

⁷ Gordon, “*World Healers*,” p. 469, note 3.

⁸ Schaff, *History of the Christian Church*, Vol. 2, 2d Period, par. 173, pp. 719-723.

⁹ Gordon, “*World Healers*,” pp. 237, 238.

¹⁰ *Ibid.* pp. 210, 211.

¹¹ Allix, *The Ancient Churches of Piedmont*, p. 109.

¹² Faber, *The Ancient Vallenses and Albigenses*, pp. 293, 294.

¹³ M’Clintock and Strong, *Cyclopedia*, art. “Helvidius.” A afirmação de que Helvídio foi o aluno de Auxêncio abre amplas considerações, quando lembramos que Ambrósio foi o sucessor de Auxêncio no bispado de Milão. Ambrósio santificou o sétimo dia como o sábado judaico (como ele mesmo diz). Ambrósio teve grande influência na Espanha, que também estava observando o sétimo dia como o sábado judaico, como mostramos mais adiante. Foi Ambrósio que registrou com regozijo a viagem de supervisão do ilustre líder da Abissínia (*hoje Etiópia*), o bispo Musaen (e a Abissínia observou o sábado por mil e setecentos anos) que percorreu as igrejas da Índia e da China. Visto que Helvídio e Vigilâncio eram praticamente contemporâneos e pregadores da mesma mensagem, é seguro concluir que Auxêncio, Ambrósio, Helvídio e Vigilâncio eram observadores do sábado. Esses fatos ligam a Espanha, o norte da Itália, a Abissínia, a Índia, a Ásia Central e a China na guarda do sábado. Todos os eventos anteriores ocorreram perto de 400 d.C. É interessante notar que o Papa Inocêncio I, dentro de quinze anos após esta data, aprovou uma lei que exigia o jejum no sábado para marcar sua santidade com austeridade em vez de alegria.

- ¹⁴ Jerome, *Against Helvidius*, found in *Nicene and Post-Nicene Fathers*, 2d Series, Vol. 6, p. 338.
- ¹⁵ Gilly, *Vigilantius and His Times*, p. 246.
- ¹⁶ M’Clintock and Strong, *Cyclopedia*, art. “Jovinian.”
- ¹⁷ Newman, *A Manual of Church History*, Vol. 1, p. 376.
- ¹⁸ Beuzart, *Les Heresies*, p. 470.
- ¹⁹ Jerome, *Against Jovinian*, found in *Nicene and Post-Nicene Fathers*, 2d Series, Vol. 6, p. 348.
- ²⁰ Gilly, *Vigilantius and His Times*, p. 99.
- ²¹ Gilly, *Vigilantius and His Times*, p. 116.
- ²² *Ibid.*, p. 231. Quando o escritor visitou a célebre cela de Jerônimo em Belém, ela estava repleta de monges que estavam dedicando suas vidas para cuidar daquele santuário.
- ²³ Gilly, *Vigilantius and His Times*, pp. 236, 237.
- ²⁴ Jerome, *Select Works and Letters*, Letter 109, encontrado em *Nicene and Post-Nicene Fathers*, 2d Series, Vol. 6, p. 213.
- ²⁵ Gilly, *Vigilantius and His Times*, p. 323.
- ²⁶ Jerome, *Against Vigilantius*, Introduction, encontrado *Nicene and Post-Nicene Fathers*, 2d Series, Vol. 6, p. 417.
- ²⁷ Milner, *History of the Church of Christ*, Vol. 1, p. 456, ed. 1835.
- ²⁸ Mansi, *Sacrorum Conciliorum Nova et Amplissima Collectio*, Vol. 23, p. 73.
- ²⁹ Tillemont, le Nain de, *Memoires*, Vol. 10, p. 326.
- ³⁰ Limborch, *The History of the Inquisition*, Vol. 1, ch. 6, pp. 30-33.

- ³¹ Schaff, *History of the Christian Church*, 2d Period, Vol. 2, par. 173, pp. 724, 725.
- ³² Milman, *The History of Christianity*, Vol. 2, pp. 270-275.
- ³³ Ruffini, *Religious Liberty*, pp. 26, 27.
- ³⁴ Heylyn quem, em 1612, escreveu *The History of the Sabbath* para expor as afirmações falsas dos puritanos para o domingo.
- ³⁵ Heylyn, *The History of the Sabbath*, em *Historical and Miscellaneous Tracts*, p. 416.
- ³⁶ Gilly, *Vigilantius and His Times*, p. 12.
- ³⁷ Faber, *The Ancient Vallenses and Albigenses*, pp. 275-279.
- ³⁸ *Maxima Bibliotheca Veterum Patrum*, Vol. 14, pp. 201-216.

CAPÍTULO 7

- ¹ Maclauchlan, *Early Scottish Church*, pp. 97, 98.
- ² Neander, *General History of the Christian Religion and Church*, Vol. 1, sec. 1, pp. 85, 86; Moore, *The Culdee Church*, pp. 15-20.
- ³ Ridgeway, *The Early Age of Greece*, Vol. 1, p. 369.
- ⁴ Neander, *General History of the Christian Religion and Church*, Vol. 2, pp. 146-149.
- ⁵ Gibbon, *Decline and Fall of the Roman Empire*, chapter 31.
- ⁶ Smith and Wace, *A Dictionary of Christian Biography*, art. “Patricius.”
- ⁷ Betham, *Irish Antiquarian Researches*, Vol. 1, p. 270.
- ⁸ See Chapter 6, entitled, “Vigilantius, Leader of the Waldenses.”
- ⁹ Stokes, *Ireland and the Celtic Church*, pp. 11, 12.

- ¹⁰ Gordon, “*World Healers*,” pp. 48, 49.
- ¹¹ Bidez and Cumont, *Les Mages Hellenises*, Vol. 1, p. 55. Para uma ampliação desse assunto, veja a discussão do autor no Capítulo 18.
- ¹² Stokes, *Ireland and the Celtic Church*, p. 173.
- ¹³ Moore, *The Culdee Church*, p. 21
- ¹⁴ Yeates, *East Indian Church History*, p. 226 (incluído em *Asian Christology and the Mahayana*, by E. A. Gordon).
- ¹⁵ Warner, *The Albigensian Heresy*, Vol. 1, p. 20.
- ¹⁶ Stokes, *Ireland and the Celtic Church*, p. 93.
- ¹⁷ Tymms, *The Art of Illuminating as Practiced in Europe From Earliest Times*, p. 15.
- ¹⁸ Jacobus, *Roman Catholic and Protestant Bibles Compared*, p. 4.
- ¹⁹ Neander, *General History of the Christian Religion and Church*, Vol. 3, p. 53.
- ²⁰ Todd, *St. Patrick, Apostle to Ireland*, p. 377.
- ²¹ Michelet, *History of France*, Vol. 1, p. 74; Vol. 1, p. 184, ed. 1844.
- ²² Moore, *Irish Melodies*, p. 6.
- ²³ Foakes-Jackson, *The History of the Christian Church*, p. 527.
- ²⁴ Fitzpatrick, *Ireland and the Making of Britain*, p. 231.
- ²⁵ Stokes, *Chronicles and Memorials of Great Britain and Ireland*, Vol. 89, pt. 2, pp. 447-449.
- ²⁶ Stokes, *Chronicles and Memorials of Great Britain and Ireland*, Vol. 89, pt. 1, p. 239.
- ²⁷ Killen, *Ecclesiastical History of Ireland*, Vol. 1, pp. 12-15.

- ²⁸ Stokes, *Chronicles and Memorials of Great Britain and Ireland*, Vol. 89, pt. 1, pp. 31, 33.
- ²⁹ d’Aubigne, *History of the Reformation*, Vol. 5, pp. 41, 42.
- ³⁰ Ver a discussão do autor no Capítulo 11, intitulado “Dinoto (*Dinooth*) e a Igreja no País de Gales”.
- ³¹ Ver a discussão do autor no Capítulo 12, intitulado, “Adão e a Igreja na Inglaterra”.
- ³² M’Clintock and Strong, *Cyclopedia*, arts. “Columba” and “Columbanus.”
- ³³ Bethain, *Irish Antiquarian Researches*, Vol. 1, p. 268.
- ³⁴ O escritor ao visitar Armagh observou os locais tradicionalmente conectados com a vida de Patrick.
- ³⁵ Killen, *The Old Catholic Church*, p. 290.
- ³⁶ Bispham, *Columban — Saint, Monk, Missionary*, pp. 45, 46; Smith and Wace, *A Dictionary of Christian Biography*, art. “Columbanus.”
- ³⁷ Stillingfleet, *The Antiquities of the British Churches*, Vol. 1, p. 304. 39.
- ³⁸ Fitzpatrick, *Ireland and the Making of Britain*, pp. 47, 185.
- 39 Edgar, *The Variations of Popery*, p. 309.
- 40 *The Catholic Encyclopedia*, art. “Arianism.”
- ⁴¹ É duvidoso que muitos acreditassem que Cristo fosse um ser criado. Geralmente, aquelas comunidades evangélicas que se opunham ao papado e que eram estigmatizadas como arianos confessavam a divindade de Cristo e que Ele foi gerado, e não criado, pelo Pai. Eles recuaram de outras deduções extremas e especulações relativas à Divindade.
- ⁴² Robinson, *Ecclesiastical Researches*, p. 183.
- ⁴³ Stokes, *Ireland and the Celtic Church*, p. 12.
- ⁴⁴ Todd, *St. Patrick, Apostle to Ireland*, p. 390.

- ⁴⁵ Newell, *St. Patrick, His Life and Teaching*, p. 33, note 1.
- ⁴⁶ Flick, *The Rise of the Medieval Church*, p. 237.
- ⁴⁷ Barnett, *Margaret of Scotland: Queen and Saint*, p. 97.
- ⁴⁸ Bede, *Ecclesiastical History of England*, b. 3, ch. 4.
- ⁴⁹ Stokes, *Ireland and the Celtic Church*, p. 252.
- ⁵⁰ Stokes, *Celtic Church in Ireland*, p. 277.
- ⁵¹ *Ibid.*, pages 308-314.
- ⁵² Blackstone, *Commentaries on the Laws of England*, b. 4, ch. 8, p. 105.
- ⁵³ O’Kelly, *Macariae Excidium or The Destruction of Cyprus*, p. 242.
- ⁵⁴ Taylor, *History of Ireland*, Vol. 1, pp. 59, 60.

CAPÍTULO 8

- ¹ Cathcart, *The Ancient British and Irish Churches*, p. 185.
- ² Moore, *The Culdee Church*, pp. 23-29.
- ³ Innes, *Church and State*, pp. 52, 53.
- ⁴ Menzies, *Saint Columba of Iona*, p. 1.
- ⁵ Jamieson, *Historical Account of the Ancient Culdees of Iona*, p. 21.
- ⁶ Menzies, *Saint Columba of Iona*, Introduction, pp. 31, 1.
- ⁷ Maclauchlan, *Early Scottish Church*, pp. 10, 135, 136.
- ⁸ Dowden, *The Celtic Church in Scotland*, p. 86.
- ⁹ Adamnan, *Life of St. Columba*, Summary, p. 15.
- ¹⁰ Stokes, *Ireland and the Celtic Church*, p. 101.

- ¹¹ Cathcart, *The Ancient British and Irish Churches*, p. 183
- ¹² Bede, *Ecclesiastical History of England*, b. 3, ch. 4.
- ¹³ Adamnan, *Life of St. Columba*, Summary, p. li.
- ¹⁴ Bede, *Ecclesiastical History of England*, b. 3, chs. 3, 4.
- ¹⁵ Menzies, *Saint Columba of Iona*, Appendix, p. 215.
- ¹⁶ Neander, *General History of the Christian Religion and Church*, Vol. 3, p. 10.
- ¹⁷ Em minha visita a Iona, não fiquei tão emocionado pela visão das ruínas dos edifícios papais que marcaram a posterior dominação de Roma, nem pelos túmulos de reis e nobres, mas pelo solo sagrado onde Columba e seus sucessores oraram e se sacrificaram para salvar um mundo pagão.
- ¹⁸ Bede, *Ecclesiastical History of England*, b. 3, ch. 25.
- ¹⁹ Moore, *The Culdee Church*, p. 48.
- ²⁰ DeVinne, *History of the Irish Primitive Church*, p. 47.
- ²¹ Bede, *Ecclesiastical History of England*, b. 3, ch. 4.
- ²² Fitzpatrick, *Ireland and the Making of Britain*, p. 21.
- ²³ Killen, *The Old Catholic Church*, p. 294.
- ²⁴ Maclauchlan, *Early Scottish Church*, p. 428.
- ²⁵ Jamieson, *Historical Account of the Ancient Culdees of Iona*, p. 36.
- ²⁶ Maclauchlan, *Early Scottish Church*, p. 327.
- ²⁷ Maclauchlan, *Early Scottish Church*, p. 336.
- ²⁸ *Ibid.*, p. 380.
- ²⁹ Menzies, *Saint Columba of Iona*, pp. 68, 70.

- ³⁰ Killen, *The Old Catholic Church*, p. 292.
- ³¹ Butler, *Lives of the Saints*, Vol. 6, p. 139.
- ³² Maclauchlan, *Early Scottish Church*, p. 226.
- ³³ Barnett, *Margaret of Scotland: Queen and Saint*, p. 7.
- ³⁴ *Ibid.*, p. 87.
- ³⁵ Barnett, *Margaret of Scotland: Queen and Saint*, p. 41.
- ³⁶ *Ibid.*, p. 87.
- ³⁷ Barnett, *Margaret of Scotland: Queen and Saint*, p. 89.
- ³⁸ Ver o Capítulo 7, intitulado, “Patrick, Organizador da Igreja no Deserto na Irlanda.”
- ³⁹ Bellesheim, *History of the Catholic Church of Scotland*, Vol. 1, pp. 249, 250.
- ⁴⁰ Lang, *A History of Scotland*, Vol. 1, p. 96.
- ⁴¹ Moffat, *The Church in Scotland*, p. 140.
- ⁴² Skene, *Celtic Scotland*, Vol. 2, p. 349.
- ⁴³ Ver nota 53 do Capítulo 7, deste livro.
- ⁴⁴ Smith, *The Life of Columba*, p. 142.
- ⁴⁵ Maclauchlan, *Early Scottish Church*, pp. 400-403.
- ⁴⁶ *Ibid.*, p. 390.
- ⁴⁷ *Ibid.*, p. 395.
- ⁴⁸ Newman, *A Manual of Church History*, Vol. 1, p. 414.

CAPÍTULO 9

- ¹ Perkins, *A Residence of Eight Years in Persia*, p. 1.
- ² Bar Hebraeus, *Chronicon Ecclesiasticum*, Vol. 3, p. 27.
- ³ *Recognitions of Clement*, book 9, and Tertullian, *An Answer to the Jews*, ch. 7, encontrado em *Ante-Nicene Fathers*, Vol. 8, 3.
- ⁴ Prideaux, *The Old and New Testament Connected*, Vol. 1, p. 203.
- ⁵ Stewart, *Nestorian Missionary Enterprise*, p. 78.
- ⁶ Lloyd, *The Creed of Half Japan*, p. 23.
- ⁷ Ver a discussão do autor do Capítulo 17 ao 23.
- ⁸ Rawlinson, *The Seven Great Monarchies of the Ancient Eastern World*, Vol. 3, (“The Sixth Monarchy”), pp. 207-211.
- ⁹ Enquanto o escritor estava em Bagdá, visitou as ruínas de Selêucia e Ctesifonte. Essas ruínas estão a apenas alguns quilômetros de Bagdá.
- ¹⁰ Wigram and Wigram, *The Cradle of Mankind*, p. 17.
- ¹¹ Burkitt, *Early Eastern Christianity*, p. 41.
- ¹² Wigram, *Introduction to the History of the Assyrian Church*, pp. 27-34.
- ¹³ Bar Hebraeus, *Chronicum Ecclesiasticum*, Vol. 3, p. 27.
- ¹⁴ Neander, *General History of the Christian Religion and Church*, Vol. 1, p. 657.
- ¹⁵ Mosheim, *Institutes of Ecclesiastical History*, b. 1, cent. 3, pt. 2, ch. 3, par. 5.
- ¹⁶ Farrar, *History of Interpretation*, pp. 162, 165.
- ¹⁷ Luther, *Table Talk*, p. 228.
- ¹⁸ Clarke, *Commentary*, on Proverbs 8.
- ¹⁹ Milman, *The History of Christianity*, Vol. 2, pp. 175, 176.

- ²⁰ Schaff, *History of the Christian Church*, 2d Period, Vol. 2, par. 173.
- ²¹ Killen, *The Old Catholic Church*, p. 275.
- ²² Bower, *The History of the Popes*, Vol. 1, p. 18; also, Hefele, *History of the Christian Councils*, Vol. 1, pp. 300-313.
- ²³ Shotwell and Loomis, *The See of Peter*, p. 276.
- ²⁴ Bower, *The History of the Popes*, Vol. 1, p. 18.
- ²⁵ Mosheim, *Institutes of Ecclesiastical History*, b. 1, cent. 2, pt. 2, ch. 4, par 11.
- ²⁶ Jackson, *Persia, Past and Present*, pp. 135, 153, 253, 281, 336, 366. Quando o escritor visitou Malabar Hill, foi-lhe dito que cada sacerdote branco servia por seis horas, dividindo assim a vigília de vinte e quatro horas entre quatro sacerdotes.
- ²⁷ Prideaux, *The Old and New Testament Connected*, Vol. 1, pp. 194-197.
- ²⁸ Gordon, “*World Healers*,” pp. 41, 450.
- ²⁹ *The Catholic Encyclopedia*, art. “Avesta.”
- ³⁰ Hopkins, *History of Religions*, pp. 408, 409.
- ³¹ Rawlinson, *The Seven Great Monarchies of the Ancient Eastern World*, Vol. 3, p. 586.
- ³² Killen, *Ecclesiastical History of Ireland*, Vol. 1, p. 29.
- ³³ Rawlinson, *The Seven Great Monarchies of the Ancient Eastern World*, Vol. 3, p. 588.
- ³⁴ Edgar, *The Variations of Popery*, p. 296.
- ³⁵ Cumont, *The Mysteries of Mithra*, pp. 79-81.
- ³⁶ Josephus, *Antiquities of the Jews*, b. 1, ch. 1, par. 1.

- ³⁷ Cumont, *The Mysteries of Mithra*, pp. 167, 191; também Tertullian, *Apology*, ch. 16, encontrado em *Ante-Nicene Fathers*, Vol. 3.
- ³⁸ Howells, *The Soul of India*, pp. 534, 535.
- ³⁹ Huc, *Christianity in China, Tartary, and Thibet*, Vol. 1, p. 9.
- ⁴⁰ Howells, *The Soul of India*, p 535.
- ⁴¹ Huc, *Christianity in China, Tartary, and Thibet*, Vol. 1, pp. 2, 3.
- ⁴² Gordon, “*World Healers*,” p. 40.
- ⁴³ Smith, *Early History of India*, pp. 34, 40.
- ⁴⁴ Smith, *Early History of India*, pp. 39, 40.
- ⁴⁵ Bunsen, *The Angel-Messiah of Buddhists, Essenes and Christians*, p. 10.
- ⁴⁶ *Ibid.*, p. 80.
- ⁴⁷ Veja a discussão do autor no capítulo 21, intitulado “Adão e a Igreja na China”. Sobre a concordância entre o pitagorismo e o confucionismo, ver *The Encyclopedia Britannica*, 9^a ed., Art. “Confúcio”.
- ⁴⁸ Gordon, “*World Healers*,” pp. 10, 31, 66, 138, 151, 165.
- ⁴⁹ Beal, *Buddhists’ Records of the Western World*, Vol. 1, pp. i-1 (Introduction)
- ⁵⁰ Reichelt, *Truth and Tradition in Chinese Buddhism*, p. 97.
- ⁵¹ Fluegel, *The Zend-Avesta and Eastern Religions*, p. 101.
- ⁵² Veja a discussão do autor no Capítulo 23, intitulado “A Igreja no Japão e nas Filipinas”.
- ⁵³ Lloyd, *The Creed of Half Japan*, p. 16.
* Salmos 110:1.
- ⁵⁴ Edersheim, *The Life and Times of Jesus the Messiah*, Vol. 1, pp. 12-14; também Gordon, “*World Healers*,” p. 229.

- ⁵⁵ O escritor visitou a sinagoga em Cochim, na Índia, cujos líderes acreditam que seus antepassados começaram a leste da Palestina muito antes de Cristo .
- ⁵⁶ Hunter, *The Indian Empire*, pp. 99, 113; also Smith, *The Oxford History of India*, pp. 56, 57.
* Daniel 9:24-26; 7:27.
- ⁵⁷ O escritor fez uma viagem especial para a ilha de Elefanta, e subiu a colina em meio a muitos devotos a caminho para adorar o Deus triuno do hinduísmo. Ele tirou fotos da imensa pedra representando a trindade pagã, ou três cabeças em um corpo, três pessoas em uma substância.
- ⁵⁸ M’Clintock and Strong, *Cyclopedia*, art. “Avatar.”
- ⁵⁹ Ibid., art. “Krishna.”
- ⁶⁰ Milman, *The History of Christianity*, Vol. 1, p. 94, note.
- ⁶¹ Bentley, *Historical View of Hindu Astronomy*, p. 111.
- ⁶² Veja M’Clintock and Strong, *Cyclopedia*, art. “Krishna”; também Kaye, *A Guide to the Old Observatories*, pp. 68, 69.
- ⁶³ Gordon, “*World Healers*,” p. 77.

CAPÍTULO 10

- ¹ Smith and Wace, *A Dictionary of Christian Biography*, art. “Ulfilas.”
- ² Cheetham, *A History of the Christian Church*, p. 423.
- ³ Adeney, *The Greek and Eastern Churches*, pp. 305, 306.
- ⁴ Bradley, *The Goths*, p. 59.
- ⁵ Limborch, *The History of the Inquisition*, p. 95.
- ⁶ Milman, *The History of Christianity*, Vol. 3, p. 58, note.

- ⁷ Apollinaris, *Espitolae*, lib. 1, epistola 2, found in Migne, *Patrologia Latina*, Vol. 58, p. 448.
- ⁸ Purchas, *His Pilgrimes*, Vol. 1, pp. 355, 356.
- ⁹ *Ibid.*, Vol. 1, p. 350.
- ¹⁰ Veja a discussão do autor no Capítulo 15, intitulado “Os Primeiros Heróis Valdenses,” p. 220, também no capítulo 16, intitulado “A Igreja dos Valdenses”, p. 245
- ¹¹ Adeney, *The Greek and Eastern Churches*, p. 306.
- ¹² Hodgkin, *Italy and Her Invaders*, Vol. 1, pt. 2 pp. 931, 932.
- ¹³ Gibbon, *Decline and Fall of the Roman Empire*, ch. 38, par. 5.
- ¹⁴ Newman, *A Manual of Church History*, Vol. 1, p. 404.
- ¹⁵ Mosheim, *Institutes of Ecclesiastical History*, b. 2, cent. 5, pt. 1, ch. 1, pars. 4, 5.
- ¹⁶ Ayer, *A Source Book for Ancient Church History*, p. 575.
- ¹⁷ Church, *The Beginning of the Middle Ages*, pp. 38, 39.
- ¹⁸ Hill, *History of Diplomacy in the International Development of Europe*, Vol. 1, p. 55.
- ¹⁹ Adams, *Civilization During the Middle Ages*, pp. 141, 142.
- ²⁰ *The Historian’s History of the World*, Vol. 7, p. 477.
- ²¹ Sergeant, *The Franks*, p. 120.
- ²² Milman, *History of Latin Christianity*, Vol. 1, b. 3, ch. 3, par. 2.
- ²³ Bower, *The History of the Popes*, Vol. 1, p. 334.
- ²⁴ Croly, *The Apocalypse of St. John*, pp. 167, 168.
- ²⁵ Gibbon, *Decline and Fall of the Roman Empire*, ch. 41, par. 11.

- ²⁶ Hodgkin, *Italy and Her Invaders*, Vol. 4, ch. 9, pp. 251, 252.
- ²⁷ Milman, *History of Latin Christianity*, Vol. 1, b. 3, ch. 4, par. 20.
- ²⁸ Gibbon, *Decline and Fall of the Roman Empire*, ch 47, par. 24.
- ²⁹ Daniel 7:8, 20; 2 Thessalonians 2:3. Veja a discussão do autor sobre os valdenses nos capítulos 15 e 16.
- ³⁰ Apocalipse 13: 3, 5. Visto que 1260 anos acrescentados a 538 nos levam a 1798, somos levados a perguntar: Quais eram os eventos que aconteciam por volta de 1798? Naquele ano o papa foi feito prisioneiro pelos exércitos da Revolução Francesa, o colégio de cardeais foi abolido e a liberdade religiosa foi proclamada na cidade de Roma. Veja a discussão do autor no Capítulo 24, intitulado “A Igreja Remanescente Sucede a Igreja no Deserto”.
- ³¹ Favyn, *Histoire de Navarre*, pp. 713-715

CAPÍTULO 11

- ¹ Várias formas de soletrar: Dinooth, Dinodh, and Dinuth.
- ² Neander, *General History of the Christian Religion and Church*, Vol. 3, p. 17.
- ³ Killen, *The Old Catholic Church*, p. 272.
- ⁴ Green, *A Short History of the English People*, Vol. 1, pp. 28-30.
- ⁵ Fitzpatrick, *Ireland and the Making of Britain*, p. 160.
- ⁶ Mosheim, *Institutes of Ecclesiastical History*, b. 1, cent. 2, pt. 1, ch. 1, par. 4, note 8.
- ⁷ Origen, *In Ezechielem*, Homilia 4, found in Migne, *Patrologia Graeca*, Vol. 13, p. 698.
- ⁸ Yeates, *East Indian Church History*, p. 226 and note 1.
- ⁹ Fitzpatrick, *Ireland and the Foundations of Europe*, pp. 58, 59.

- ¹⁰ Bede, *Ecclesiastical History of England*, b. 1, ch. 25.
- ¹¹ Fitzpatrick, *Ireland and the Making of Britain*, p. 9.
- ¹² Gibbon, *Decline and Fall of the Roman Empire*, ch. 38, par. 38.
- ¹³ Ebrard, *Bonifatius, der Zerstorer des Columbanischen Kitchentums auf dem Festlande*, p. 16.
- ¹⁴ Bede, *Ecclesiastical History of England*, b. 2, ch. 2.
- ¹⁵ O escritor, enquanto viajava no País de Gales, viu edifícios antigos da igreja ainda de pé nas vizinhanças de Bangor.
- ¹⁶ Bede, *Ecclesiastical History of England*, b. 2, ch. 2.
- ¹⁷ Ibid., b. 2, ch. 2.
- ¹⁸ Killen, *The Old Catholic Church*, p. 276.
- ¹⁹ Ussher, *Discourse on the Religion Anciently Professed by the Irish and British*, p. 106; also Lane, *Illustrated Notes on English Church History*, Vol. 1, pp. 54, 55.
- ²⁰ Bower, *The History of the Popes*, Vol. 1, pp. 416, 417.
- ²¹ Bund, *The Celtic Church of Wales*, p. 297.
- ²² Flick, *The Rise of the Medieval Church*, p. 237.
- ²³ *Epistles of Pope Gregory I*, coll. 13, ep. 1, encontrado em *Nicene and Post-Nicene Fathers*, 2d Series, Vol. 13.
- ²⁴ Lewis, *Seventh Day Baptists in Europe and America*, Vol. 1, p. 29.
- ²⁵ Stokes, *Celtic Church in Ireland*, p. 165.
- ²⁶ Bund, *The Celtic Church of Wales*, p. 5

CAPÍTULO 12

- ¹ Fitzpatrick, *Ireland and the Foundations of Europe*, p. 14.
- ² Soames, *The Anglo-Saxon Church*, pp. 57, 58.
- ³ Lloyd, “Historical Account of Church Government,” citado em Stillingfleet, *The Antiquities of the British Churches*, Vol. 2, pp. 157, 158.
- ⁴ Boswell, *The Life of Samuel Johnson*, Vol. 3, p. 147, note.
- ⁵ Fitzpatrick, *Ireland and the Foundations of Europe*, pp. 26, 154.
- ⁶ Veja a discussão do autor no Capítulo 11, intitulado “Dinoto e a Igreja no País de Gales”.
- ⁷ Neander, *General History of the Christian Religion and Church*, Vol. 3, p. 15.
- ⁸ Newman, *A Manual of Church History*, Vol. 1, p. 411.
- ⁹ Lingard, *The Antiquities of the Anglo-Saxon Church*, Vol. 1, pp. 27, 28.
- ¹⁰ Bede, *Ecclesiastical History of England*, b. 3, ch. 5.
- ¹¹ Ibid., b. 3, ch. 6.
- ¹² Latourette, *The Thousand Years of Uncertainty*, p. 57.
- ¹³ Bede, *Ecclesiastical History of England*, b. 3, ch. 17.
- ¹⁴ Lingard, *The Antiquities of the Anglo-Saxon Church*, Vol. 1, p. 155.
- ¹⁵ Bede, *Ecclesiastical History of England*, b. 3, ch. 26.
- ¹⁶ Meissner, *The Celtic Church in England*, p. 4.
- ¹⁷ Hulme, *A History of the British People*, p. 33.
- ¹⁸ Hetherington, *History of the Church of Scotland*, Vol. 1, pp. 11, 12.
- ¹⁹ Ussher, *The Whole Works*, Vol. 4, p. 297.
- ²⁰ Bingham, *The Antiquities of the Christian Church*, b. 7, ch. 2, sec. 6.

- ²¹ Bede, *Ecclesiastical History of England*, b. 4, ch. 27.
- ²² *Ibid.*, b. 4, ch. 23.
- ²³ Quoted in M’Clintock and Strong, *Cyclopedia*, art. “Hilda.”
- ²⁴ Bede, *Ecclesiastical History of England*, b. 4, ch. 24.
- ²⁵ Thoyras, *History of England*, Vol. 1, p. 69.
- ²⁶ Soames, *The Anglo-Saxon Church*, pp. 58, 59.
- ²⁷ Bede, *Ecclesiastical History of England*, b. 3, ch. 19.
- ²⁸ Meissner, *The Celtic Church in England*, p. 4.
- ²⁹ Montalembert, *Monks of the West*, Vol. 4, p. 88.
- ³⁰ Bede, *Ecclesiastical History of England*, b. 3, ch. 25.
- ³¹ *Ibid.*, b. 4, ch. 4.
- ³² Green, *A Handbook of Church History*, p. 433.
- ³³ Terry, *A History of England*, p. 44.
- ³⁴ Bede, *Ecclesiastical History of England*, b. 3, ch. 25.
- ³⁵ Stokes, *Ireland and the Celtic Church*, pp. 163, 164.
- ³⁶ Bede, *Ecclesiastical History of England*, b. 3, ch. 25.
- ³⁷ Barnett, *Margaret of Scotland: Queen and Saint*, p. 75.
- ³⁸ Bede, *Ecclesiastical History of England*, b. 3, ch. 29.
- ³⁹ *Ibid.*, b. 5, ch. 19.
- ⁴⁰ Thatcher and Schwill, *Europe in the Middle Ages*, p. 206.

CAPÍTULO 13

- ¹ Fitzpatrick, *Ireland and the Foundations of Europe*, p. 15.
- ² Jonas, *Vita Columbani*, found in Migne, *Patrologia Latina*, Vol. 87, p. 1015.
- ³ Bispham, *Columban — Saint, Monk, Missionary*, p. 44.
- ⁴ Newman, *A Manual of Church History*, Vol. 1, p. 414.
- ⁵ Smith and Wace, *A Dictionary of Christian Biography*, art. “Columbanus.”
- ⁶ Bispham, *Columban — Saint, Monk, Missionary*, p. 19.
- ⁷ Jonas, *Vita Columbani*, found in Migne, *Patrologia Latina*, Vol. 87, pp. 1017, 1018.
- ⁸ *Ibid.*, Vol. 87, p. 1018.
- ⁹ M’Clintock and Strong, *Cyclopedia*, art. “Gregory.”
- ¹⁰ Draper, *History of the Intellectual Development of Europe*, p. 264.
- ¹¹ Smith and Wace, *A Dictionary of Christian Biography*, art. “Columbanus.”
- ¹² Fitzpatrick, *Ireland and the Making of Britain*, pp. 7-14.
- ¹³ Thatcher and Schwill, *Europe in the Middle Ages*, p. 242.
- ¹⁴ *Ibid.*, p. 338.
- ¹⁵ Healy, *Insula Sanctorum et Doctorum*, pp. 374, 375.
- ¹⁶ Bispham, *Columban — Saint, Monk, Missionary*, p. 57.
- ¹⁷ Fitzpatrick, *Ireland and the Making of Britain*, p. 196.
- ¹⁸ Thatcher and Schwill, *Europe in the Middle Ages*, p. 93.
- ¹⁹ Fitzpatrick, *Ireland and the Making of Britain*, p. 12.
- ²⁰ *Ibid.*, p. 10.

- ²¹ Fitzpatrick, *Ireland and the Making of Britain*, p. 47.
- ²² O escritor fez um esforço especial para visitar a célebre biblioteca de St. Gall, batizada em homenagem a Gallus, a fim de inspecionar os manuscritos irlandeses que ainda permanecem lá. A vida e os trabalhos literários de St. Gall são dignos do estudo de qualquer estudante.
- ²³ Beuzart, *Les Heresies*, pp. 6, 470. Veja a discussão do autor nos Capítulos 6 e 15, intitulado “Vigilância, Líder dos Valdenses” e “Os Primeiros Heróis Valdenses”, respectivamente.
- ²⁴ Robinson, *Ecclesiastical Researches*, pp. 157, 158, 164, 165, 167. 26.
- ²⁵ Healy, *Insula Sanctorum et Doctorum*, p. 377.
- ²⁶ Fitzpatrick, *Ireland and the Foundations of Europe*, p. 24.
- ²⁷ *The Catholic Encyclopedia*, art., “Bobbio.”
- ²⁸ Stokes, *Celtic Church in Ireland*, p. 165.
- ²⁹ Fitzpatrick, *Ireland and the Making of Britain*, p. 5.
- ³⁰ *Ibid.*, p. 80.
- ³¹ Edgar, *The Variations of Popery*, pp. 181, 182.
- ³² *Epistles*, of Pope Gregory I, coil. 13, ep. 1, encontrado em *Nicene and Post-Nicene Fathers*, 2d Series, Vol. 13.
- ³³ Neander, *General History of the Christian Religion and Church*, Vol. 3, p. 49, note.
- ³⁴ Hefele, *Conciliengeschichte*, Vol. 3, p. 512, sec. 362.
- ³⁵ Fitzpatrick, *Ireland and the Foundations of Europe*, p. 68.
- ³⁶ Fitzpatrick, *Ireland and the Making of Britain*, p. 21.

CAPÍTULO 14

- ¹ *The Historians' History of the World*, Vol. 21, p. 342.
- ² Smith and Wace, *A Dictionary of Christian Biography*, art. “Columbanus.”
- ³ Bispham, *Columban — Saint, Monk, Missionary*, p. 44.
- ⁴ Newman, *A Manual of Church History*, Vol. 1, pp. 411,413.
- ⁵ Thorndike, *History of Medieval Europe*, pp. 165, 166.
- ⁶ Fitzpatrick, *Ireland and the Foundations of Europe*, pp. 69, 70.
- ⁷ Rae, *The Syrian Church in India*, pp. 35-38.
- ⁸ Purchas, *His Pilgrimes*, Vol. 1, p. 359.
- ⁹ Monastier, *A History of the Vaudois Church*, pp. 11, 12.
- ¹⁰ Neander, *General History of the Christian Religion and Church*, Vol. 3, p. 49, note 1.
- ¹¹ Ebrard, *Bonifatius, der Zerstorer des Columbanischen Kitchentums auf dem Festlande*, p. 213.
- ¹² Fitzpatrick, *Ireland and the Foundations of Europe*, pp. 18, 162-164.
- ¹³ Neander, *General History of the Christian Religion and Church*, Vol. 3, p. 48.
- ¹⁴ *Ibid.*, Vol. 3, p. 49.
- ¹⁵ Bower, *The History of the Popes*, Vol. 2, pp. 23, 24.
- ¹⁶ Zimmer, *The Irish Element in Medieval Culture*, p. 35.
- ¹⁷ Ebrard, *Bonifatius, der Zerstorer des Columbanischen Kirchentums auf dem Festlande*, p. 127.
- ¹⁸ *Ibid.*, pp. 127, 128
- ¹⁹ *Ibid.*, pp. 130.

- ²⁰ Ibid., pp. 130-133.
- ²¹ Ibid., pp. 197, 199.
- ²² Adeney, *The Greek and Eastern Churches*, pp. 188, 189.
- ²³ Butler, *Lives of the Saints*, Vol. 6, p. 77.
- ²⁴ Dowling, *The History of Romanism*, pp. 166, 167.
- ²⁵ Ibid., pp. 168, 169.
- ²⁶ Milman, *History of Latin Christianity*, Vol. 2, pp. 215, 216.
- ²⁷ Ibid., Vol. 2, p. 220.
- ²⁸ Veja a discussão do autor no Capítulo 7, intitulado “Patrick, Organizador da Igreja no Deserto na Irlanda”.
- ²⁹ Mansi, *Sacrorum Conciliorum Nova et Amplissima Collectio*, Vol. 23, p. 73.
- ³⁰ Gilly, *Waldensian Researches*, pp. 95, 96.
- ³¹ Dowling, *The History of Romanism*, p. 181.
- ³² Mosheim, *Institutes of Ecclesiastical History*, b. 3, cent. 10, pt. 2, ch. 1, pars. 1, 4.
- ³³ Wylie, *The History of Protestantism*, Vol. 1, p. 34.
- ³⁴ Adeney, *The Greek and Eastern Churches*, p. 218.
- ³⁵ Gibbon, *Decline and Fall of the Roman Empire*, ch. 54, pars. 2, 7.
- ³⁶ Faber, *The Ancient Vallenses and Albigenses*, pp. 37, 56.
- ³⁷ Ibid., p. 65.
- ³⁸ Green, *A Handbook of Church History*, p. 508.
- ³⁹ Mosheim, *Institutes of Ecclesiastical History*, b. 3, cent. 13, p. 2, ch. 2, par. 26.

- ⁴⁰ Jones, *The History of the Christian Church*, Vol. 2, p. 93.
- ⁴¹ Neander, *General History of the Christian Religion and Church*, Vol. 4, pp. 275, 276.
- ⁴² Leger, *Historie Generale des Eglises Vaudoises*, bk. 1, p. 167.
- ⁴³ McCabe, *Cross and Crown*, p. 32.

CAPÍTULO 15

- ¹ Benedict, *A General History of the Baptist Denomination*, Vol. 1, pp. 112, 113.
- ² Mackintosh, *History of England*, Vol. 1, p. 321, found in Lardner’s *Cabinet Encyclopedia*.
- ³ Bompiani, *A Short History of the Italian Waldenses*, p. 9.
- ⁴ Mosheim, *Institutes of Ecclesiastical History*, b. 2, cent. 7, pt. 2, ch. 2, par. 2.
- ⁵ Morland, *The Church of the Piedmont*, pp. 16, 17.
- ⁶ Voltaire, *Additions to Ancient and Modern History*, Vol. 29, pp. 227, 242.
- ⁷ Neander, *General History of the Christian Religion and Church*, 5th Period, sec. 4, p. 605.
- ⁸ Muston, *The Israel of the Alps*, Vol. 2, p. 406.
- ⁹ See the author’s discussion in Chapter 6, entitled, “Vigilantius, Leader of the Waldenses.”
- ¹⁰ Saccho, *Contra Waldenses*, found in *Maxima Bibliotheca Veterum Patrum*, Vol. 25, p. 264.
- ¹¹ Nolan, *The Integrity of the Greek Vulgate*, Preface, p. 17
- ¹² Gordon, “*World Healers*,” pp. 237, 238.

- ¹³ *The Catholic Encyclopedia*, art. “Milan.”
- ¹⁴ Veja a discussão do autor no Capítulo 10, intitulado “Como a Igreja foi conduzida ao deserto”.
- ¹⁵ Ayer, *A Source Book for Ancient Church History*, pp. 596, 597.
- ¹⁶ Allix, *The Ancient Churches of Piedmont*, p. 33.
- ¹⁷ Gibbon, *Decline and Fall of the Roman Empire*, ch. 45, par. 18.
- ¹⁸ Mosheim, *Institutes of Ecclesiastical History*, b. 3, cent. 9, pt. 2, ch. 5, par. 4, note 5.
- ¹⁹ Pilchdorffius, *Contra Pauperes de Lugduno*, encontrado em *Maxima Bibliotheca Veterum Patrum*, Vol. 25, p. 300; também, Robinson, *Ecclesiastical Researches*, p. 303.
- ²⁰ Bossuet, *Variations of the Protestant Churches*, Vol. 2, p. 67. “O fato é que, na época de Gretser, o nome geral de ‘Vaudois’ foi dado a todas as seitas separadas de Roma desde o décimo primeiro ou décimo segundo século até os dias de Lutero.” Ver também Robinson, *Ecclesiastical Researches*, p. 56
- ²¹ Veja a discussão do autor no Capítulo 6, intitulado “Vigilância, Líder dos Valdenses”.
- ²² Mezeray, *Abrege Chronologique de L’Histoire de France*, Vol. 1, p. 244; também Mosheim, *Institutes of Ecclesiastical History*, b. 3, cent. 8, pt. 2, ch. 3, par. 14; também a nota 29.
- ²³ Veja a discussão do autor no Capítulo 21, intitulado “Adão e a Igreja na China”
- ²⁴ Robinson, *Ecclesiastical Researches*, pp. 99, 106, 440, 441, 445, 446; Adeney, *The Greek and Eastern Churches*, p. 218.
- ²⁵ Este acusador foi Jonas, bispo de Orleans
- ²⁶ Claude, *Epistle to Abbot Theodimir*, encontrado em *Maxima Bibliotheca Veterum Patrum*, Vol. 14, p. 197.

- ²⁷ Dungali Responso, encontrado em *Maxima Bibliotheca Veterum Patrum*, Vol. 14, pp. 201-216.
- ²⁸ Mosheim, *Institutes of Ecclesiastical History*, b. 3, cent. 9, pt. 2, ch. 3, par. 17, note 24.
- ²⁹ Este livro era *De Corpore et Sanguine Domini (Sobre o corpo e sangue de Cristo)*, por Paschasius Radbertus.
- ³⁰ Limborch, *The History of the Inquisition*, Vol. 1, p. 42.
- ³¹ Geralmente atribuída a Isidore Mercator, uma pessoa fictícia anteriormente erroneamente identificada com Isidoro de Sevilha, Espanha.
- ³² Bethuensis, *Liber Antihaeresis*, found in *Maxima Bibliotheca Veterum Patrum*, Vol. 24, p. 1572.
- ³³ Pilchdorffius, *Contra Haerisin Waldensium Tractatus*, ch. 1, encontrado em *Maxima Bibliotheca Veterum Patrum*, Vol. 25, p. 278.
- ³⁴ Damian, *Opuscula*, Opusculum 18, found in Migne, *Patrologia Latina*, Vol. 145, p. 416.
- ³⁵ Tal como o bispo Otto (d'Achery, *Spicilegium*, Vol. 1, pp. 434, 435, 1723 ed.) de Vercelli do norte da Itália, que em 945 se queixou de separatistas em sua própria província; também o bispo Rudolphus (*Spicilegium*, Vol. 2, p. 702) de Trom, na Bélgica, por volta de 1125, que chamou os dissidentes de “inveterados”. “*Inveterata haeresi de corpore et sanguine Deo.*”
- ³⁶ (a) Adolphus Glaber; (b) John of Fleury; (c) Os Atos do Concílio; (d) Uma história da Aquitânia
- ³⁷ Diz George S. Faber: “Num espaço de oito horas, o exame foi prolongado. E os mesmos homens, estamos certos, no decorrer do mesmo escrutínio, confessaram: que *acreditavam em um Deus, que acreditavam em dois Deuses* e, contudo, *que não criam em Deus nenhum*; que afirmaram que *um Deus no céu era o Criador de todas as coisas, que afirmaram que o mundo material e o mundo espiritual foram criados separadamente por dois Deuses*, e contudo afirmaram que *o mundo inteiro, material e espiritual, nunca foi, absolutamente, criado, mas ter existido sem qualquer Criador desde toda a eternidade*; que negavam totalmente um futuro estado de recompensas e punições, e ainda que sua segura

confiança em um estado eterno de futura glória e alegria celestial era tal que os capacitava a enfrentar sem retroceder a mais terrível das mortes!
”– *The Ancient Vallenses and Albigenses*, page 146.

- ³⁸ d’Achery, *Spicilegium*, Vol. 1, pp. 604-606.
- ³⁹ *Ibid.*, Vol. 1, pp. 607,608.
- ⁴⁰ *The Catholic Encyclopedia*, art. “Toulouse.”
- ⁴¹ De Vaux Cemay, *Historia Albigensium*, ch. 1, found in Migne, *Patrologia Latina*, Vol. 213, pp. 545, 546.
- ⁴² Benedict, *A General History of the Baptist Denomination*, Vol. 1, pp. 112, 121.
- ⁴³ Matthew of Westminster, *The Flowers of History*, Vol. 2, p. 15.
- ⁴⁴ Citado em Gordon, “*World Healers*,” p. 470.
- ⁴⁵ Bower, *The History of the Popes*, Vol. 2, p. 258; também, note 2, 1845 ed.
- ⁴⁶ *Responsa Nicolai Papae I ad Consulta Bulgarorum*, Responsum 10, encontrado em Mansi, *Sacrorum Conciliorum Nova et Amplissima Collectio*, Vol. 15, p. 406; também a ser encontrado em Hefele, *Conciliengeschichte*, Vol. 4, sec. 478.
- ⁴⁷ Migne, *Patrologia Latina*, Vol. 145, p. 506; também, Hergenroether, *Photius*, Vol. 3, p. 746. Os Nazarenos eram uma denominação cristã.
- ⁴⁸ Neale, *A History of the Holy Eastern Church*, General Introduction, Vol. 1, p. 731.
- ⁴⁹ Damian, *Opuscula*, Opusculum 5, found in Migne, *Patrologia Latina*, Vol. 145, p. 90.
- ⁵⁰ M’Clintock and Strong, *Cyclopedia*, art. “Patarenes.”
- ⁵¹ Allix, *The Ancient Churches of Piedmont*, pp. 121, 122.
- ⁵² “Quase toda a forma da igreja latina, portanto, foi mudada por este pontífice; e os mais valiosos direitos dos concílios, dos bispos e das sociedades religiosas foram subvertidos e transferidos para o pontífice

romano. O mal, contudo, não foi igualmente doloroso em todos os países da Europa; pois em vários deles, através da influência de diferentes causas, alguma sombra da primitiva liberdade e costumes foi preservada. Como Hildebrand introduzira um novo código de lei eclesiástica, ele teria introduzido também um novo código de direito civil, se pudesse ter realizado plenamente seus projetos. Pois ele queria reduzir todos os reinos a feudos de São Pedro, isto é, dos pontífices romanos; e sujeitar todas as causas de reis e príncipes, e os interesses do mundo inteiro, ao arbítrio de uma assembleia de bispos, que se reuniria anualmente em Roma.” — Mosheim, *Institutes of Ecclesiastical History*, b. 3, cent. 11, pt. 2, ch. 2, par. 10

- ⁵³ Muston, *The Israel of the Alps*, Vol. 1, pp. 3, 14, note 1.
- ⁵⁴ Veja Peter of Cluny, *Tractatus Contra Petrobrussianos*, encontrado em Migne, *Patrologia Latina*, Vol. 189, pp. 720-850.
- ⁵⁵ White, Bishop of Eli, *A Treatise on the Sabbath Day*, p. 8, encontrado em Fisher, *Tracts on the Sabbath*.
- ⁵⁶ Gui, *Manuel d 'Inquisiteur*, Vol. 1, p. 37. O papa Inocêncio III foi a força inspiradora na legalização da Inquisição; Domingos de Gusmão tornou-se seu fundador; Francisco de Assis arrastou os inocentes evangélicos para suas prisões; mas Bernard Gui elaborou os processos de condenação e de afligir as vítimas.
- ⁵⁷ “Dicti sunt et Insabbatati: non ‘quod nullum festum colerent’ ut opinatus est Johannes Massonus, nec quod in Sabbato Colendo Judaizarent, ut multi putabant,” wrote Ussher, *Gravissimae Quaestionis de Christianarum Ecclesiarum Successione*, ch. 8, par. 4.
- ⁵⁸ Gretzer, *Praeloquia in Triadem Scriptorum Contra Valdensium Sectam*, encontrado em *Maxima Bibliotheca Vetricum Patrum*, Vol. 24, pp. 1521, 1522.
- ⁵⁹ Robinson, *Ecclesiastical Researches*, p. 304.
- ⁶⁰ *Ibid.*, pp. 322, 323.
- ⁶¹ Peter of Cluny, *Tractatus Contra Petrobrussianos*, encontrado em Migne, *Patrologia Latina*, Vol. 189, pp. 720-850.
- ⁶² *Ibid.*, Vol. 189, p. 723.

- ⁶³ Bernard of Clairvaux, Epistle 241 (A.D. 1147) to Hildefonsus, Count of St. Eloy, found in Eales, *The Works of St. Bernard*, Vol. 2, pp. 707, 708.
- ⁶⁴ Bernard of Clairvaux, Sermon 66, on the Canticles, encontrado em Eales, *The Works of St. Bernard*, Vol. 4, pp. 388,400 — 403.
- ⁶⁵ Mezeray, *Abrege Chronologique de L’Histoire de France*, Vol. 2, pp. 654-657.
- ⁶⁶ Genebrard, *Sacred Chronology*. Veja Allix, *Remarks Upon the Ecclesiastical History of the Ancient Church of the Albigenses*, p. 172.
- ⁶⁷ Bower, *The History of the Popes*, Vol. 2, p. 456.
- ⁶⁸ Ibid., Vol. 2, p. 468
- ⁶⁹ Ibid., Vol. 2, pp. 470, 471.
- ⁷⁰ Bower, *The History of the Popes*, Vol. 2, p. 471.
- ⁷¹ Milman, *History of Latin Christianity*, Vol. 3, p. 281.
- ⁷² Allix, *Remarks Upon the Ecclesiastical History of the Ancient Church of the Albigenses*, p. 117.
- ⁷³ *The Annals of Roger de Hoveden*, traduzido do Latin por Riley, Vol. 1, p. 502.

CAPÍTULO 16

- ¹ Arnaud, *The Glorious Recovery by the Vaudois*, Preface by the author, p. xiv.
- ² Benedict, *A General History of the Baptist Denomination*, Vol. 1, p. 112.
- ³ Gilly, *Waldensian Researches*, p. 39; Jones, *The History of the Christian Church*, Vol. 2, p. 6; Robinson, *Ecclesiastical Researches*, p. 178.
- ⁴ Muston, *The Israel of the Alps*, Vol. 2, p. 448.

- ⁵ Bompiani, *A Short History of the Italian Waldenses*, pp. 56, 57.
- ⁶ Muston, *The Israel of the Alps*, Vol. 1, p. 36.
- ⁷ McCabe, *Cross and Crown*, p. 32; also Perrin, *History of the Ancient Christians*, pp.47, 48.
- ⁸ Mornay, *The Mysterie of Iniquitie*, p. 354.
- ⁹ Wylie, *The History of Protestantism*, Vol. 1, pp. 29, 30.
- ¹⁰ Nolan, *The Integrity of the Greek Vulgate*, pp. 88, 89.
- ¹¹ Allix, *The Ancient Churches of Piedmont*, p. 37.
- ¹² Warner, *The Albigensian Heresy*, Vol. 1, p. 12.
- ¹³ Henderson, *The Vaudois*, pp. 248,249.
- ¹⁴ Em uma famosa biblioteca em Dublin, na Irlanda, o escritor viu uma das quatro cópias existentes desta Bíblia valdense.
- ¹⁵ Bompiani, *A Short History of the Italian Waldenses*, pp. 2, 3.
- ¹⁶ Muston, *The Israel of the Alps*, Vol. 1, p. 52.
- ¹⁷ Ibid., Vol. 2, p. 448.
- ¹⁸ Thompson, *The Papacy and the Civil Power*, p. 416.
- ¹⁹ Gilly, *Waldensian Researches*, p. 76.
- ²⁰ Edgar, *The Variations of Popery*, pp. 51, 52.
- ²¹ Perrin, *Luther's Forerunners*, pt. 2, pp. 1, 2.
- ²² Mornay, *The Mysterie of Iniquitie*, p. 392.
- ²³ McCabe, *Cross and Crown*, p. 37.
- ²⁴ Monastier, *A History of the Vaudois Church*, pp. 83, 84.
- ²⁵ Mornay, *The Mysterie of Iniquitie*, p. 449.

- ²⁶ Muir, *The Arrested Reformation*, p. 3.
- ²⁷ *The United States Catholic Magazine*, Index to Vol. 4, 1845, pp. 233, 234.
- ²⁸ *The United States Catholic Magazine*, Index to Vol. 4, 1845, p. 233.
- ²⁹ Socrates, *Ecclesiastical History*, b. 5, ch. 22, encontrado em *Nicene and Post-Nicene Fathers*, 2d Series, Vol. 2.
- ³⁰ Sozomen, *Ecclesiastical History*, b. 7, ch. 19, encontrado em *Nicene and Post-Nicene Fathers*, 2d Series, Vol. 2.
- ³¹ Robinson, *Ecclesiastical Researches*, p. 180. Deve-se notar que alguns historiadores da igreja colocam a data do Concílio de Elvira em 324 D.C.; entre estes está Michael Geddes, um autor eminente sobre a história da igreja espanhola.
- ³² “Errorum placuit corrigi, ut omni Sabbati die superpositiones celebremus.” — Mansi, *Sacrorum Conciliorum Nova et Amplissima Collectio*, Vol. 2, p. 10.
- ³³ Veja a discussão do autor no capítulo 20, intitulado, “A grande luta na Índia”, pp. 311-314.
- ³⁴ Robinson, *Ecclesiastical Researches*, p. 299.
- ³⁵ *Ibid.*, p. 302.
- ³⁶ *Ibid.*, p. 310.
- ³⁷ O escritor teve o privilégio de visitar Sabadell há muitos anos e ajudar no batismo de cristãos convertidos.
- ³⁸ Robinson, *Ecclesiastical Researches*, pp. 319-321.
- ³⁹ Mansi, *Sacrorum Conciliorum Nova et Amplissima Collectio*, Vol. 13, p. 852.
- ⁴⁰ *Responsa Nicolai Papae I ad Consulta Bulgarorum*, Responsum 10, encontrado em Mansi, *Sacrorum Conciliorum Nova et Amplissima Collectio*, Vol. 15, p. 406.

- ⁴¹ Allix, *The Ancient Churches of Piedmont*, p 154.
- ⁴² Benedict, *A General History of the Baptist Denomination*, Vol. 2, p. 414.
- ⁴³ Blair, *History of the Waldenses*, Vol. 1, p. 220.
- ⁴⁴ Warner, *The Albigensian Heresy*, Vol. 1, p. 15.
- ⁴⁵ Adeney, *The Greek and Eastern Churches*, p. 218.
- ⁴⁶ Gilly, *Waldensian Researches*, p 98, note 2.
- ⁴⁷ Mariana, *Praefatio in Lucam Tudensem*, found in *Maxima Bibliotheca Veterum Patrum*, Vol. 25, p. 190.
- ⁴⁸ Gui, *Manuel d' Inquisiteur*, Vol. 2, p. 158.
- ⁴⁹ Du Cange, *Glossarium Mediae et Infimae Latinitatis*, art. “Sabatati.”
- ⁵⁰ Geddes, *Miscellaneous Tracts*, Vol. 2, p. 26.
- ⁵¹ Whishaw, *Arabic Spain*, pp. 19, 20; também Mosheim, *Institutes of Ecclesiastical History*, b. 3, cent. 11, pt. 2, ch. 4, par. 1.
- ⁵² Geddes, *Miscellaneous Tracts*, Vol. 2, p. 71.
- ⁵³ Robinson, *Ecclesiastical Researches*, pp. 271,272.
- ⁵⁴ Citado por Dr. Jacob Gretzer, *Opera Omnia*, Vol. 12, pt. 2, p. 11. 55.
- ⁵⁵ Gilly, *Waldensian Researches*, pp. 102, 103.
- ⁵⁶ *Der Blutige Schau-Platz, Oder Martyrer Spiegel der Taufs Gesinnten*, b. 2, pp. 30,31.
- ⁵⁷ Mosheim, *Institutes of Ecclesiastical History*, b. 4, cent. 16, sec. 3, pt. 2, ch. 3, par. 2.
- ⁵⁸ Lamy, *The History of Socianism*, p. 60.
- ⁵⁹ Favyn, *Histoire de Navarre*, pp. 713-715.
- ⁶⁰ Cox, *The Literature of the Sabbath Question*, Vol. 1, p. 257.

- ⁶¹ See Lewis, *A Critical History of Sabbath and Sunday*, pp. 211,212.
- ⁶² Cox, *The Literature of the Sabbath Question*, Vol. 2, pp. 201,202.
- ⁶³ Mosheim, *Institutes of Ecclesiastical History*, b. 4, cent. 16, sec. 3, pt. 2, ch. 2, par. 25.
- ⁶⁴ M’Clintock and Strong, *Cyclopedia*, art. “Waldenses.”
- ⁶⁵ Gibbons, *The Faith of Our Fathers*, p. 111, 63d ed.; p. 86, 76th ed.
- ⁶⁶ Anotações sobre Apocalipse 14.

CAPÍTULO 17

- ¹ Gibbon, *Decline and Fall of the Roman Empire*, ch. 47, par. 30.
- ² Foakes-Jackson, *The History of the Christian Church*, p. 184.
- ³ Foakes-Jackson, *The History of the Christian Church*, pp. 184, 185.
- ⁴ Newman, *A Manual of Church History*, Vol. 1, p. 296.
- ⁵ O’Leary, *The Syriac Church and Fathers*, pp. 83, 84.
- ⁶ Wigram, *Introduction to the History of the Assyrian Church*, p. 167.
- ⁷ Edgar, *The Variations of Popery*, p. 62.
- ⁸ Antes do escritor visitar o bispo da catedral em Trichur, na Índia, ele havia sido informado de que se tratava de uma igreja nestoriana. Quando, no entanto, se sentou à mesa com o bispo, este oficial declarou que não apenas ele, mas todos os diretores pertencentes à sua denominação rejeitaram o nome Nestoriano.
- ⁹ O’Leary, *The Syriac Church and Fathers*, p. 46.
- ¹⁰ Milman, *The History of Christianity*, Vol. 2, pp. 248, 249.
- ¹¹ Adeney, *The Greek and Eastern Churches*, pp. 496, 497.

- ¹² Gordon, “*World Healers*,” pp. 231, 232.
- ¹³ Mingana, “Early Spread of Christianity,” *Bulletin of John Ryland’s Library*, Vol. 9, p. 302.
- ¹⁴ *Ibid.*, Vol. 9, p. 303.
- ¹⁵ Wigram, *Introduction to the History of the Assyrian Church*, p. 227.
- ¹⁶ Humboldt, *Cosmos: A Sketch of a Physical Description of the Universe*, Vol. 2, p. 208.
- ¹⁷ Mingana, “Early Spread of Christianity,” *Bulletin of John Ryland’s Library*, Vol. 9, pp. 304, 305.
- ¹⁸ Mingana, “Early Spread of Christianity,” *Bulletin of John Ryland’s Library*, Vol. 9, p. 316.
- ¹⁹ *Ibid.*, Vol. 9, p. 317.
- ²⁰ Gordon, “*World Healers*,” p. 146.
- ²¹ Buchanan, *Christian Researches in Asia*, pp. 141, 142.
- ²² Mingana, “Early Spread of Christianity,” *Bulletin of John Ryland’s Library*, Vol. 10, p. 459.
- ²³ Yule, *The Book of Ser Marco Polo*, Vol. 2, pp. 407-409, with notes.
- ²⁴ Saeki, *The Nestorian Monument in China*, p. 105.
- ²⁵ Mingana, “Early Spread of Christianity,” *Bulletin of John Ryland’s Library*, Vol. 9, p. 341.
- ²⁶ Gibbon, *Decline and Fall of the Roman Empire*, ch. 47, par. 30.
- ²⁷ Wigram, *Introduction to the History of the Assyrian Church*, p. 199.
- ²⁸ *Ibid.*, p. 200.
- ²⁹ *Ibid.*, p. 201.

- ³⁰ Ibid., p. 202.
- ³¹ Wigram, *Introduction to the History of the Assyrian Church*, pp. 202, 203.
- ³² Ibid., pp. 203, 204.
- ³³ Wigram, *Introduction to the History of the Assyrian Church*, pp. 204- 207.
- ³⁴ Yule, *The Book of Ser Marco Polo*, Vol. 2, p. 409, nota 2; também Gordon, “*World Healers*,” p. 466.
- ³⁵ *Realencyclopädie für Protestantische Theologie und Kirche*, art. “Nestorianer”; também, Bower, *The History of the Popes*, Vol. 2, p. 258, note 2.
- ³⁶ Couling, *The Luminous Religion*, p. 44.
- ³⁷ Quando o escritor estava em Beirute, na Síria, ele visitou o bispo jacobita. Uma série de perguntas foram feitas ao líder da igreja sobre seu povo e sua história. A última observação do bispo foi que sua igreja tinha anátematizado Nestório. Ele admitiu que o papado anatematizou os jacobitas.
- ³⁸ Budge, *The Monks of Kublai Khan, Emperor of China*, p. 37.
- ³⁹ Gibbon, *The Decline and Fall of the Roman Empire*, ch. 47, par. 28.
- ⁴⁰ Edgar, *The Variations of Popery*, pp 60-67.

CAPÍTULO 18

- ¹ Grant, *The Nestorians, or the Lost Tribes*, p. 72.
- ² Wishard, *Twenty Years in Persia*, p. 18.
- ³ Saeki, *The Nestorian Monument in China*, pp. 50, 51.
- ⁴ Budge, *The Monks of Kublai Khan, Emperor of China*, pp. 30, 31.
- ⁵ Schaff, *History of the Christian Church*, Vol. 3, pp. 731, 732, nota 2.

- ⁶ Yohannan, *The Death of a Nation*, p. 102.
- ⁷ Vambéry, *History of Bokhara*, p. 32; também p. 89, nota 2.
- ⁸ Neander, *General History of the Christian Religion and Church*, Vol. 2, p. 183, nota; Saeki, *The Nestorian Monument in China*, pp. 116-118; Schaff, *History of the Christian Church*, Vol. 3, pp. 732, 732, nota; Draper, *History of the Intellectual Development of Europe*, pp. 290, 291.
- ⁹ Buchanan, *Christian Researches in Asia*, pp. 146, 147.
- ¹⁰ Entre todos os memoriais que ainda restam para reviver os gloriosos séculos da Igreja do Oriente, esta pedra, que foi o privilégio do escritor estudar e fotografar, atrai a maior atenção.
- ¹¹ Mingana, “Early Spread of Christianity,” *Bulletin of John Ryland’s Library*, Vol. 9, p. 306.
- ¹² Ibid., Vol. 9, p. 306.
- ¹³ Ibid., Vol. 9, p. 306.
- ¹⁴ Ibid., Vol. 9, p. 307.
- ¹⁵ Mingana, “Early Spread of Christianity,” *Bulletin of John Ryland’s Library*, Vol. 9, pp. 307, 308.
- ¹⁶ Mingana, “Early Spread of Christianity,” *Bulletin of John Ryland’s Library*, Vol. 10, p. 466.
- ¹⁷ O’Leary, *The Syriac Church and Fathers*, p. 113.
- ¹⁸ Mingana, “Early Spread of Christianity,” *Bulletin of John Ryland’s Library*, Vol. 10, p. 113.
- ¹⁹ Abul Faraj, *Chronography*, Vol. 1, p. 354.
- ²⁰ Vambéry, *History of Bokhara*, pp. 137, 138.
- ²¹ Pott, *A Sketch of Chinese History*, p. 81.
- ²² Huc, *Christianity in China, Tartary, and Thibet*, Vol. 1, p. 129.

- ²³ Mingana, “Early Spread of Christianity,” *Bulletin of John Ryland’s Library*, Vol. 9, p. 312.
- ²⁴ Abul Faraj, *Chronography*, Vol. 1, p. 398.
- ²⁵ Mingana, “Early Spread of Christianity,” *Bulletin of John Ryland’s Library*, Vol. 9, p. 315.
- ²⁶ Rockhill, *The Journey of William of Rubruck*, pp. 109, 110.
- ²⁷ *Ibid.*, pp. 141, 142.
- ²⁸ *Ibid.*, p. 168.
- ²⁹ Veja Neander, *General History of the Christian Religion and Church*, Vol. 4, pp. 46-50.
- ³⁰ Mosheim, *Institutes of Ecclesiastical History*, b. 3, cent. 12, pt. 1, ch. 1, par. 7, note 12.
- ³¹ M’Clintock and Strong, *Cyclopedia*, art. “Nestorians.”
- ³² Gibbon, *Decline and Fall of the Roman Empire*, ch. 47, par. 31.
- ³³ D’Orsey, *Portuguese Discoveries, Dependencies, and Missions in Asia and Africa*, pp. 232, 233.
- ³⁴ Etheridge, *The Syrian Churches*, p. 89.
- ³⁵ Schaff-Herzog, *The New Encyclopedia of Religious Knowledge*, art. “Nestorians”; também, *Realencyclopaedie fur Protestantische Theologie und Kirche*, art. “Nestorianer.”
- ³⁶ Gibbon, *Decline and Fall of the Roman Empire*, ch. 47, par. 38.
- ³⁷ Geddes, *The Church History of Ethiopia*, pp. 87, 88.
- ³⁸ *Ibid.*, pp. 311, 312.
- ³⁹ Purchas, *His Pilgrimes*, Vol. 8, p. 73.
- ⁴⁰ Abudacnus, *Historia Jacobitarum*, pp. 118, 119.

⁴¹ Ross, *Religions of the World*, p. 493.

CAPÍTULO 19

¹ Rae, *The Syrian Church in India*, pp. 196, 197.

² Eusebius, *Ecclesiastical History*, b. 3, ch. 1, found in *Nicene and Post-Nicene Fathers*, 2d Series, Vol. 1.

³ Quando o escritor visitou Miramon no reino de Travancore (*atual Querala*), no sul da Índia, onde é realizada anualmente a maior reunião campal do mundo, os cristãos de São Tomé apontam entusiasticamente o lugar onde o apóstolo Tomé construiu uma igreja. “Veja”, disseram eles, “aquela fazenda ali? Aquela fazenda está localizada no local onde ele conseguiu seus primeiros conversos”.

⁴ Neale, *A History of the Holy Eastern Church*, Vol. 1, General Introduction, p. 145.

⁵ Mingana, “Early Spread of Christianity,” *Bulletin of John Ryland’s Library*, Vol. 10, pp. 447, 448.

⁶ Neale, *A History of the Holy Eastern Church*, Vol. 1, General Introduction, p. 145.

⁷ Huc, *Christianity in China, Tartary, and Thibet*, Vol. 1, pp. 17, 18.

⁸ Adeney, *The Greek and Eastern Churches*, p. 297.

⁹ D’Orsey, *Portuguese Discoveries, Dependencies, and Missions in Asia and Africa*, pp. 63, 64.

¹⁰ Mingana, “Early Spread of Christianity,” *Bulletin of John Ryland’s Library*, Vol. 10, p. 90.

¹¹ *Ibid.*, Vol. 10, p. 94

¹² *The Catholic Encyclopedia*, art. “Thomas.”

¹³ Couling, *The Luminous Religion*, pp. 7-10.

- ¹⁴ Burkitt, *Early Eastern Christianity*, p. 34.
- ¹⁵ *The Catholic Encyclopedia*, art. “Calendar.”
- ¹⁶ Rae, *The Syrian Church in India*, pp 70-72.
- ¹⁷ Gibbon, *Decline and Fall of the Roman Empire*, ch. 47, par. 31.
- ¹⁸ Mingana, “Early Spread of Christianity,” *Bulletin of John Ryland’s Library*, Vol. 10, p. 440.
- ¹⁹ Keay, *A History of the Syrian Church in India*, p. 17.
- ²⁰ Buchanan, *Christian Researches in Asia*, pp. 126, 127.
- ²¹ *Ibid.*, p. 140
- ²² Mingana, “Early Spread of Christianity,” *Bulletin of John Ryland’s Library*, Vol. 10, p. 459.
- ²³ Mingana prova que desde 225 d.C. existiram grandes bispados ou associações da Igreja do Oriente que se estendem da Palestina para a Índia e arredores. Em 370 o cristianismo abissínio (uma igreja guardadora do sábado) era tão popular que seu famoso diretor, Musaeus, viajou extensivamente no Oriente promovendo a igreja na Arábia, Pérsia, Índia e China. Em 410, Isaac, diretor supremo da Igreja do Oriente, realizou um concílio mundial – estimulado, segundo alguns, pela viagem de Musaeus – com a participação de delegados do leste de quarenta grandes divisões metropolitanas. Em 411 ele nomeou um diretor metropolitano para a China. Essas igrejas estavam santificando o sétimo dia, como pode ser visto pelos famosos testemunhos de Sócrates e Sozomeno, historiadores católicos romanos (450 d.C.), que todas as igrejas em todo o mundo santificavam o sábado exceto Roma e Alexandria, as duas únicas que exaltavam o domingo. Um século depois (540 d.C.), Cosmas, o célebre viajante do mundo, membro da grande Igreja do Oriente, testemunhou a multiplicação de igrejas de sua fé que ele havia visto na Índia e na Ásia Central e daquelas sobre as quais tinha se informado na Cítia e na China. Escrevemos nas páginas anteriores das Igrejas irlandesas, escocesas, galesas e inglesas observadoras do sábado, nas Ilhas Britânicas, durante esses mesmos séculos e até 1200. Nós nos baseamos nos Paulicianos, Petrobrusianos, Passagianos, Valdenses, Insabbatati, como grandes comunidades da guarda do sábado na Europa. até 1250. Escrevemos sobre os sabatistas na Boêmia, na Transilvânia, na Inglaterra e na Holanda entre

1250 e 1600, autenticados por Cox, Jones, Allix e Guilherme de Neuburg. Mencionamos as inumeráveis igrejas guardadoras do sábado entre os gregos, abissínios, armênios, maronitas, jacobitas, citas e a grande Igreja do Oriente (também de 1250 a 1600 d.C.) com evidências de apoio de autores competentes. As doutrinas de todas essas comunidades de observadores do sábado ao longo dos séculos eram comparativamente puras e as vidas de seus membros eram simples e sagradas. Estavam livres das cerimônias antibíblicas que surgiram do seguimento da tradição. Receberam o Antigo Testamento e toda a Bíblia era sua autoridade.

²⁴ Mingana, “Early Spread of Christianity,” *Bulletin of John Ryland’s Library*, Vol. 10, p. 460.

²⁵ Mingana, “Early Spread of Christianity,” *Bulletin of John Ryland’s Library*, Vol. 10, p. 462.

²⁶ *Ibid.*, Vol. 10, p. 462.

²⁷ Komroff, *The Travels of Marco Polo*, p. 311.

²⁸ Major, *India in the Fifteenth Century, Travels of Nicolo Conti*, p. 20.

²⁹ Rae, *The Syrian Church in India*, p. 155.

³⁰ Adeney, *The Greek and Eastern Churches*, pp. 520, 521.

³¹ Duas dessas placas foram mostradas ao autor por Mar Thomas (a palavra “Mar” é o título para o clero da classe oficial), chefe supremo dos cristãos de São Tomé, na sede da igreja em Tiruvalla, Travancore. As outras três placas, agora em posse do líder dos jacobitas em Kottayam, não podiam ser vistas porque ele estava ausente da igreja no momento de minha visita..

³² Hunter, *The Indian Empire*, p. 240.

³³ Neale, *A History of the Holy Eastern Church*, Vol. 1, General Introduction, p. 148.

³⁴ Smith, *The Oxford History of India*, p. 300.

³⁵ Yule, *The Book of Ser Marco Polo*, Vol. 2, p. 427.

³⁶ Mingana, “Early Spread of Christianity,” *Bulletin of John Ryland’s Library*, Vol. 10, p. 487.

- ³⁷ Major, *India in the Fifteenth Century, Travels of Nicolo Conti*, p. 7.
- ³⁸ *Ibid.*, p. 33.
- ³⁹ Temple, *The Itinerary of Ludovico di Varthema of Bologna From 1502 to 1508*, pp. 59, 60.
- ⁴⁰ *Ibid.*, pp. 79, 80.
- ⁴¹ *Ibid.*, Preliminary Discourse, p. lxix.

CAPÍTULO 20

- ¹ Rae, *The Syrian Church in India*, p. 200.
- ² Mosheim, *Institutes of Ecclesiastical History*, b. 4, cent. 16, sec. 3, pt. 1, ch. 1, pars 10-12.
- ³ Hunter, *A Brief History of the Indian People*, p. 151.
- ⁴ D’Orsey, *Portuguese Discoveries, Dependencies, and Missions in Asia and Africa*, p. 5.
- ⁵ *Ibid.*, pp. 30, 31.
- ⁶ Kaye, *Christianity in India*, reviewed in *Dublin University Magazine*, Vol. 54, p. 340.
- ⁷ Froude, *The Council of Trent*, pp. 174, 175; Muir, *The Arrested Reformation*, pp. 152, 153; also M’Clintock and Strong, *Cyclopedia*, art. “The Council of Trent.”
- ⁸ Holtzmann, *Kanon und Tradition*, p. 263.
- ⁹ Pallavicini, *Histoire du Concile de Trente*, Vol. 2, pp. 1031, 1032.
- ¹⁰ D’Orsey, *Portuguese Discoveries, Dependencies, and Missions in Asia and Africa*, p. 163.
- ¹¹ Dellon, *Account of the Inquisition at Goa*, p. 8; p 23, 1815 ed.

- ¹² Buchanan, *Christian Researches in Asia*, pp. 169-172.
- ¹³ Dellon, *Account of the Inquisition at Goa*, pp. 41, 42.
- ¹⁴ Rae, *The Syrian Church in India*, pp. 217, 218.
- ¹⁵ *Ibid.*, p. 238.
- ¹⁶ D’Orsey, *Portuguese Discoveries, Dependencies, and Missions in Asia and Africa*, p. 190.
- ¹⁷ D’Orsey, *Portuguese Discoveries, Dependencies, and Missions in Asia and Africa*, p. 193.
- ¹⁸ D’Orsey, *Portuguese Discoveries, Dependencies, and Missions in Asia and Africa*, pp. 215, 216.
- ¹⁹ D’Orsey, *Portuguese Discoveries, Dependencies, and Missions in Asia and Africa*, p. 228.
- ²⁰ Geddes, *The Church History of Malabar*, pp. 116, 117.
- ²¹ Rae, *The Syrian Church in India*, p. 201.
- ²² Geddes, *The Church History of Malabar*, p. 357.
- ²³ Geddes, *The Church History of Malabar*, pp. 357, 358.
- ²⁴ Neander, *General History of the Christian Religion and Church*, Vol. 1, p. 295.
- ²⁵ Victorinus, *On the Creation of the World*, found in *Ante-Nicene Fathers*, Vol. 7, p. 342.
- ²⁶ Neander, *General History of the Christian Religion and Church*, Vol. 1, p. 296.
- ²⁷ Yeates, *East Indian Church History*, p. 72.
- ²⁸ Purchas, *His Pilgrimes*, Vol. 1, pp. 351-353.

- ²⁹ *Epistles of Gregory I*, coil. 13, ep. 1, found in *Nicene and Post-Nicene Fathers*, 2d Series, Vol. 13.
- ³⁰ Buchanan, *Christian Researches in Asia*, p. 266
- ³¹ Green, *A Short History of the English People*, b. 6, pt. 2, ch. 6, par. 26.
- ³² Adeney, *The Greek and Eastern Churches*, p. 530.

CAPÍTULO 21

- ¹ Rawlinson, *The Seven Great Monarchies of the Ancient Eastern World*, Vol. 2, p. 444.
- ² See Saeki, *The Nestorian Monument in China*, pp. 54, 171, 231,265; also, Gordon, “Worm Healers,” pp. 134, 181-183, 285,476.
- ³ Sansom, *Japan*, pp. 80, 81; Saeki, *The Nestorian Monument in China*, p. 3.
- ⁴ Sansom, *Japan*, pp. 81-84.
- ⁵ Foi um privilégio do escritor examinar a pedra em primeira mão, tendo feito uma viagem de avião para esse fim. Nós nos esforçamos para tirar fotos desse famoso memorial e estudar a cidade com seu país vizinho.
- ⁶ Saeki, *The Nestorian Monument in China*, pp. 14, 15.
- ⁷ Huc, *Christianity in China, Tartary, and Thibet*, Vol. 1, pp. 45, 46.
- ⁸ Gordon, “World Healers,” p. 147.
- ⁹ Saeki, *The Nestorian Monument in China*, p. 175.
- ¹⁰ Yule, *The Book of Ser Marco Polo*, Vol. 1, p. 191, note 1.
- ¹¹ *Ibid.*, Vol. 1, p. 191; also Beal, *Buddhists’ Records of the Western World*.
- ¹² Monier-Williams, *Indian Wisdom*, p. 49.

- ¹³ Veja a discussão do autor no Capítulo 2, intitulado “A Igreja no Deserto na Profecia”.
- ¹⁴ Sansom, *Japan*, p. 133.
- ¹⁵ Gordon, “*World Healers*,” pp. 31, 32, 229.
- ¹⁶ *Ibid.*, p. 27.
- ¹⁷ Geikie, *Hours With the Bible*, Vol. 6, p. 383, note 1; Old Testament Series on Isaiah 49:12; *Encyclopedia Britannica*, 9th and 11th eds., art. “China”; M’Clatchie, “The Chinese in the Plain of Shinar,” *Journal of the Royal Asiatic Society*, Vol. 16, pp. 368-435.
- ¹⁸ Pott, *A Sketch of Chinese History*, 3d ed., p. 2.
- ¹⁹ Lacouperie, *Western Origin of Early Chinese Civilisation*, pp. 9, 12.
- ²⁰ Gordon, “*World Healers*,” p. 54.
- ²¹ Saeki, *The Nestorian Monument in China*, pp. 39, 40.
- ²² O assistente da “floresta de placas de pedra” em Changan mostrou ao escritor uma laje de pedra com um rosto esculpido sobre o qual, segundo ele, acreditava-se ser a face do apóstolo Tomé.
- ²³ Arnobius, *Against the Heathen*, found in Ante-Nicene Fathers, Vol. 6, p. 438.
- ²⁴ Smith, *The Oxford History of India*, p. 122.
- ²⁵ Forsythe, *Journal of the Royal Geographic Society*, Vol. 47, p. 2.
- ²⁶ Yule, *The Book of Ser Marco Polo*, Vol. 1, p. 192, note.
- ²⁷ Johnson, *Journal of the Royal Geographical Society*, Vol. 37, p. 5.
- ²⁸ Quatremere, *Notices des Manuscrits*, Vol. 14, pp. 476, 477.
- ²⁹ Rawlinson, *The Seven Great Monarchies of the Ancient Eastern World*, Vol. 2, p. 444.

- ³⁰ M’Clatchie, *Notes and Queries on China and Japan* (edited by Dennys), Vol. 4, Nos. 7, 8, pp. 99, 100.
- ³¹ Finn, *The Jews in China*, p. 23.
- ³² M’Clatchie, *A Translation of the Confucian Classic of Change*, p. 118.
- ³³ Harlez, *Le Yih-King: A French Translation of the Confucian Classic on Change*, p. 72. Traduzido por este autor de uma versão francesa (usando a importante nota de rodapé de M. de Harlez). Muitos tradutores dos chineses traduzem o “dia culminante” de forma diferente. A maioria concorda, algumas vezes, que esta seção do Yih-King, o mais antigo livro chinês, é uma glorificação do sétimo dia como símbolo de retorno ou sucesso. A influência dessa glorificação determinou os costumes de reis, mercadores e donos de terras.
- ³⁴ Renan, *Histoire General et Systeme Compare des Langues Semitiques*, p. 291.
- ³⁵ Smith, *The Oxford History of India*, p. 129.
- ³⁶ Saeki, *The Nestorian Monument in China*, pp. 41, 42.
- ³⁷ *Ibid.*, p. 43.
- ³⁸ Lloyd, *The Creed of Half Japan*, p. 194, note.
- ³⁹ Gordon, “*World Healers*,” p. 54.
- ⁴⁰ Saeki, *The Nestorian Monument in China*, pp. 162, 255; see also pp. 186, 187.
- ⁴¹ Saeki, *The Nestorian Monument in China*, pp. 70, 71.
- ⁴² Li Ung Bing, *Outlines of Chinese History*, pp. 50, 51.
- ⁴³ Sansom, *Japan*, p. 111.
- ⁴⁴ Huc, *Christianity in China, Tartary, and Thibet*, Vol. 1, pp. 167, 221.
- ⁴⁵ Cable and French, *Through Jade Gate and Central Asia*, pp. 136-138. Veja Gordon, “*World Healers*,” para um estudo da idolatria do Budismo.

- ⁴⁶ Saeki, *The Nestorian Monument in China*, p. 175.
- ⁴⁷ Mingana, “Early Spread of Christianity,” *Bulletin of John Ryland’s Library*, Vol. 9, pp. 325, 338.
- ⁴⁸ Mingana, “Early Spread of Christianity,” *Bulletin of John Ryland’s Library*, Vol. 9, pp. 308-310.
- ⁴⁹ Gibbon, *Decline and Fall of the Roman Empire*, ch. 47, note 118.

CAPÍTULO 22

- ¹ Saeki, *The Nestorian Monument in China*, pp. 42, 43.
- ² Montgomery, *The History of Yaballaha III*, p. 11.
- ³ Mingana, “Early Spread of Christianity,” *Bulletin of John Ryland’s Library*, Vol. 9, p. 312, note 1.
- ⁴ Budge, *The Monks of Kublai Khan, Emperor of China*, p. 45.
- ⁵ Budge, *The Monks of Kublai Khan, Emperor of China*, p. 1.
- ⁶ Budge, *The Monks of Kublai Khan, Emperor of China*, pp. 45, 46.
- ⁷ Cable and French, *Through Jade Gate and Central Asia*, p. 133.
- ⁸ Yule, *The Book of Ser Marco Polo*, Vol. 1, p. 192.
- ⁹ Yule, *The Book of Ser Marco Polo*, Vol. 1, p. 182.
- ¹⁰ Budge, *The Monks of Kublai Khan, Emperor of China*, p. 47.
- ¹¹ *Ibid.*, p. 139.
- ¹² Gibbon, *Decline and Fall of the Roman Empire*, ch. 47, par. 30.
- ¹³ Budge, *The Monks of Kublai Khan, Emperor of China*, pp. 140, 141.
- ¹⁴ Veja a discussão do autor no Capítulo 19, nota 27 e no Capítulo 21.

- ¹⁵ Komroff, *The Travels of Marco Polo*, p. 29.
- ¹⁶ Komroff, *The Travels of Marco Polo*, pp. 16, 17.
- ¹⁷ Yule, *The Book of Ser Marco Polo*, Vol. 1, p. 187.
- ¹⁸ Ibid., Vol. 1, p. 203.
- ¹⁹ Ibid., Vol. 1, p. 212
- ²⁰ Ibid., Vol. 1, p. 217.
- ²¹ Ibid., Vol. 1, p. 219.
- ²² Ibid., Vol. 1, p. 274.
- ²³ Yule, *The Book of Ser Marco Polo*, Vol. 1, p. 281.
- ²⁴ Ibid., Vol. 1, p. 284.
- ²⁵ Ibid., Vol. 1, p. 285.
- ²⁶ Ibid., Vol. 2, p. 66.
- ²⁷ Ibid., Vol. 2, p. 154, and note 2.
- ²⁸ Conhecido por vários nomes como Tamerlane, Timor, or Timour.
- ²⁹ *Encyclopedia Britannica*, 9th ed., art. “Timur.”
- ³⁰ Malcolm, *History of Persia*, Vol. 1, pp. 471,472; pp. 301,302, 1829 ed.
- ³¹ Malcolm, *History of Persia*, Vol. 1, pp. 471,472; pp. 306, 307, 1829 ed.
- ³² Herrmann, *Atlas of China*, p. 46.
- ³³ Yule, *The Book of Ser Marco Polo*, Vol. 1, pp. 191, 192.
- ³⁴ Johnson, *Journal of the Royal Geographical Society*, Vol. 37, p. 5.
- ³⁵ Hedin, *Central Asia and Tibet*, Vol. 2, pp. 112-120.
- ³⁶ Ibid., Vol. 2, pp. 134, 135.

- ³⁷ Hunter, *The Indian Empire*, p. 240.
- ³⁸ Gordon, “*World Healers*,” p. 481.
- ³⁹ Huc, *Christianity in China, Tartary, and Thibet*, Vol. 2, chs. 3, 4.
- ⁴⁰ *Ibid.*, Vol. 2, pp. 235, 317; p. 292, 1857 ed.
- ⁴¹ *Ibid.*, Vol. 2, pp. 265, 266.
- ⁴² *Ibid.*, Vol. 2, p. 230.
- ⁴³ Wall, *Ancient Orthography of the Jews*, Vol. 2, p. 160.
- ⁴⁴ *Ibid.*, Vol. 2, pp. 159, 160.
- ⁴⁵ Kircher, *La Chine*, pp. 10, 11; also Wall, *Ancient Orthography of the Jews*, Vol. 2, p. 160.
- ⁴⁶ Wall, *Ancient Orthography of the Jews*, Vol. 2, p. 163.
- ⁴⁷ *Ibid.*, Vol. 2, p. 162.
- ⁴⁸ Veja a discussão do autor no Capítulo 9, intitulado “Papás, Primeiro Chefe da Igreja na Ásia
- ⁴⁹ Wall, *Ancient Orthography of the Jews*, Vol. 2, pp. 185, 186.
- ⁵⁰ *Ibid.*, Vol. 2, pp. 200-245.

CAPÍTULO 23

- ¹ Sansom, *Japan*, p. 225.
- ² Underwood, *Shintoism*, p. 18.
- ³ Underwood, *Shintoism*, pp. 14, 15.
- ⁴ Saeki, *The Nestorian Monument in China*, p. 145.

- ⁵ Gordon, “*World Healers*,” p. 471, note 2; p. 481, note 4.
- ⁶ Saeki, *The Nestorian Monument in China*, p. 123.
- ⁷ Smith, *The Oxford History of India*, p. 55.
- ⁸ Reichelt, *Truth and Tradition in Chinese Buddhism*, p. 12.
- ⁹ Veja a discussão do autor no Capítulo 21, intitulado “Adão e a Igreja na China”.
- ¹⁰ Saeki, *The Nestorian Monument in China*, p. 148.
- ¹¹ *Ibid.*, p. 153.
- ¹² Reichelt, *Truth and Tradition in Chinese Buddhism*, p. 41.
- ¹³ Lloyd, *The Creed of Half Japan*, pp. 203, 204.
- ¹⁴ Gordon, “*World Healers*,” p. 38.
- ¹⁵ Saeki, *The Nestorian Monument in China*, p. 12.
- ¹⁶ Sansom, *Japan*, p. 223.
- ¹⁷ Saeki, *The Nestorian Monument in China*, p. 214.
- ¹⁸ Sansom, *Japan*, p. 223.
- ¹⁹ Anesaki, *Religious Life of the Japanese Peoples*, p. 58.
- ²⁰ Saeki, *The Nestorian Monument in China*, p. 2.
- ²¹ *Ibid.*, p. 148.
- ²² Reichelt, *Truth and Tradition in Chinese Buddhism*, p. 131.
- ²³ Sansom, *Japan*, p. 223.
- ²⁴ Sansom, *Japan*, p. 224.
- ²⁵ Anesaki, *History of the Japanese Religions*, pp. 13, 14.

- ²⁶ Griffis, *The Religions of Japan*, pp. 346-348.
- ²⁷ *Ibid.*, p. 348.
- ²⁸ Sansom, *Japan*, pp. 413-442.
- ²⁹ Sansom, *Japan*, pp. 445.
- ³⁰ Blair and Robertson, *The Philippine Islands*, Vol. 1, p. 80.
- ³¹ *Ibid.*, Vol. 1, p. 79, note 132.

CAPÍTULO 24

- ¹ *Protestant Digest*, April-May, 1941, p. 62.
- ² Veja a discussão do autor no Capítulo 10, intitulado “Como a Igreja foi levada para o deserto”.
- ³ Westcott and Hort, *The New Testament in the Original Greek*, Vol. 2, p. 142.
- ⁴ Nolan, *The Integrity of the Greek Vulgate*, pp. 413, 414.
- ⁵ Armitage, *A History of the Baptists*, p. 318; Cox, *The Literature of the Sabbath Question*, Vol. 2, pp. 201,202.
- ⁶ Muir, *The Arrested Reformation*, p. 9.
- ⁷ Tyndale, *An Answer to Sir Thomas More’s Dialogue*, b. 1, ch. 25, p. 97.
- ⁸ Stanley, *History of the Eastern Church*, p. 26.
- ⁹ Adeney, *The Greek and Eastern Churches*, p. 363.
- ¹⁰ Hulme, *Renaissance and Reformation*, p. 178.
- ¹¹ Adeney, *The Greek and Eastern Churches*, pp. 527, 528.
- ¹² Muir, *The Arrested Reformation*, p. 10.

- ¹³ Emory, *The Works of the Reverend John Wesley*, Vol. 5, p. 688.
- ¹⁴ Sessler, *Communal Pietism Among Early Armenian Moravians*, p. 8.
- ¹⁵ Macaulay, *Critical, Historical, and Miscellaneous Essays and Poems*, Vol. 5, pp. 482, 483. See also his essay, “Von Ranke.”
- ¹⁶ Lehmann, “What Is Wrong With the Jesuits?” *Protestant Digest*, Vol. 4, no. 1, Aug-Sept. 1941.
- ¹⁷ James Bryce, *The Holy Roman Empire*, pp. 295, 296.
- ¹⁸ Lacunza, *La Venida del Mesias en Gloria y Majestad*; see Urzua, *Las Doctrinas de P. Manuel Lacunza*.
- ¹⁹ Oliphant, *The Life of Edward Irving*, 6th ed., pp. 80, 82, 84, 405, 406.
- ²⁰ Taylor, *The Voice of the Church on the Coming and Kingdom of the Redeemer*, pp. 342, 344.
- ²¹ *The Catholic Encyclopedia*, art. “Newman, John Henry.”
- ²² White, *A Grande Controvérsia entre Cristo e Satanás*, p. 644.

Visite nosso Site:

www.adventistas-historicos.com